



OLHARES CRUZADOS:

ESPAÇO DE LÍNGUA PORTUGUESA —
ESPAÇO DE LÍNGUA ALEMÃ

COORD.
MARIA DE FÁTIMA GIL
RUTE SOARES
ROGÉRIO MADEIRA

OLHARES CRUZADOS:

ESPAÇO DE LÍNGUA PORTUGUESA —
ESPAÇO DE LÍNGUA ALEMÃ

COORD.

MARIA DE FÁTIMA GIL

RUTE SOARES

ROGÉRIO MADEIRA

Título: ***Olhares Cruzados: espaço de língua portuguesa — espaço de língua alemã***

Coordenação: Maria de Fátima Gil (FLUC; CITCEM), Rute Soares (FLUC; CELGA-ILTEC),
Rogério Madeira (FLUC; CITCEM)

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Capa: Photo by Magoi. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/blue-eyed-pupil-wallpaper-281279/>

© 2024 Autores

Coedição: CITCEM — Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Fundação Marion Ehrhardt | Marion Ehrhardt Stiftung

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Sala 213

Largo da Porta Férrea | 3004-530 Coimbra

Este trabalho é sujeito a *double-blind peer review*.

Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada *online* (<https://ler.letras.up.pt/>) e licenciada segundo uma
licença Creative Commons de Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



ISBN: 978-989-8970-81-7

eISBN: 978-989-8970-82-4

Depósito legal: 535322/24

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-82-4/olh>

GIL, Maria de Fátima; SOARES, Rute; MADEIRA, Rogério, *coords.* (2024). *Olhares Cruzados: espaço de língua portuguesa — espaço de língua alemã*. Porto: CITCEM. 344 pp. eISBN: 978-989-8970-82-4.
ISBN: 978-989-8970-81-7.

Porto, outubro de 2024 (1.ª edição)

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades do grupo de investigação «Literatura e Diálogos Interculturais» e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020, DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
Maria de Fátima Gil, Rute Soares, Rogério Madeira	
I. LITERATURA	
Zur Umfunktionierung einer literarischen Gattung in der Mittelhochdeutschen und der Galego-Portugiesischen Liebeslyrik	11
John Greenfield	
Stadt vs. Land? Zur Re-evaluation eines alten Topos bei Eça de Queirós und Rilke	23
Martin Neumann	
José Saramago und Franz Kafka: Schiffbruch mit Putzfrau	43
Kathrin Saringen	
Sophia de Mello Breyner in Deutschland	53
Helmut Siepmann	
Páginas portuguesas no romance <i>Abendland</i>, de Michael Köhlmeier	61
Maria de Fátima Gil	
Portugal sob lente alemã: <i>Maria und Eusébio</i>, de Michael Longenrich	79
Ana Isabel Gouveia Boura	
II. CULTURA	
Übersee-Übersetzungen. Deutsch-Portugiesische Entdeckungen in der Frühen Neuzeit	99
Marília dos Santos Lopes, Peter Hanenberg	
Um olhar musical sobre Portugal no final do século XVIII: o diário de viagem inédito de Tilesius von Tilenau	117
Inês Thomas Almeida	
Jaime Moniz e a promoção do ensino do alemão nos liceus portugueses (1894/1895-1905)	133
Maria Teresa Cortez	
»Unsre beiden da Costas werden sich nun begegnen«: Carl Gebhardts Briefe an Carolina Michaëlis de Vasconcelos	151
Rogério Madeira	
Zwischen Welten leben, schreiben und vermitteln. Gretchen Wohlwills Exil und Remigration	165
Teresa Martins de Oliveira	

Metamorfoses. Das universidades, das humanidades e da política no contexto luso-alemão de transição para o pós-guerra	181
Fernando Clara	
Sinais de cena luso-alemães	195
Vera San Payo de Lemos	
Afropäisch, Afropolitisch, Post-schwarz oder Poli-schwarz: Kalaf Epalanga, ein Angolaner in Deutschland	207
Doris Wieser	
III. LINGUÍSTICA	
Partículas modais e partículas modalizadoras no português europeu numa perspetiva sincrónica e diacrónica	223
Benjamin Meisnitzer, Lukas Müller	
As voltas que o tempo dá: versões portuguesas de <i>vor/vorne</i> e <i>hinter/hinten</i> em uso temporal	239
Judite Carecho, Rute Soares	
IV. TRADUÇÃO	
As <i>Cartas a um Jovem Poeta</i>, de Rainer Maria Rilke, no contexto português	261
Maria António Hörster	
Marcadores discursivos na tradução alemã de <i>Memorial do Convento</i>, de José Saramago — um olhar cruzado sobre <i>enfim</i> e <i>ja</i>	281
Conceição Carapinha, Cornelia Plag	
(Effizient) in einem Worthaufen schwimmen: Immersive Übersetzung im Bereich der Abfallwirtschaft	299
Adelaide Chichorro Ferreira	
V. EXCURSO	
Breve Crónica dos Diálogos Luso-Alemães/Deutsch-Portugiesische Arbeitsgespräche (1989-2016)	319
Maria Manuela Gouveia Delille	

PREFÁCIO

MARIA DE FÁTIMA GIL*

RUTE SOARES**

ROGÉRIO MADEIRA***

A história das relações entre os países de língua portuguesa e os de língua alemã remonta à Idade Média e tem sido marcada, ao longo dos séculos, por uma variegada troca de ideias e influências, bem como pela abundante produção e receção de obras científicas e literárias, contribuindo para o entendimento mútuo e o enriquecimento cultural entre ambos os espaços. De resto, as realidades histórico-políticas, socio-económicas e culturais dos mundos lusófono e germanófono há muito merecem a atenção de investigadores de diversas áreas de estudo. Sem falar de casos isolados de investigação individual e muito meritória ao longo do século XX, recordamos que o papel de estudar e divulgar, de forma sistemática, as relações entre os dois contextos foi assumido, por exemplo, pelos sucessivos Diálogos Luso-Alemães, iniciados na Biblioteca Herzog August de Wolfenbüttel, em 1989. Além das publicações resultantes dos referidos encontros luso-alemães, também os múltiplos trabalhos científicos realizados no âmbito de projetos de investigação do antigo Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (posteriormente, denominado Centro de Investigação em Estudos Germanísticos) se constituíram como marcos fundamentais do longo e profícuo diálogo científico e cultural entre os espaços de língua portuguesa e de língua alemã.

Assim, na senda de publicações como a coletânea *Portugal — Alemanha: Memórias e Imaginários. I Volume: Da Idade Média ao Século XVIII. II Volume: Séculos XIX e XX* (2007-2010), coordenada e prefaciada por Maria Manuela Gouveia Delille, ou a coleção *Passagem*, cujo último tomo, *Beiträge zur Geschichte der deutsch-portugiesischen Beziehungen. Transkontinentale Kontakte und kultureller Austausch (15.-19. Jahrhundert) / Para uma História das relações luso-alemãs. Contactos transcontinentais e intercâmbio cultural (séculos XV-XIX)* (2021), teve a edição de Yvonne Hendrich, Thomas Horst e Jürgen Pohle, apresentamos agora este volume bilingue. Ao acolher

* Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM — UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>) e Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Email: mfgil@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0002-2928-0371.

**Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras. Email: rute.soares@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0002-3460-1926.

*** Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM — UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>) e Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Email: rogerpcm@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0002-0814-2500.

estudos de grande diversidade temática e metodológica, esta publicação pretende dar um novo contributo para a escrita da história das relações científicas e culturais luso-alemãs, privilegiando o cruzamento de olhares sobre os espaços lusófono e germanófono desde a época medieval até à contemporaneidade. Os vinte textos aqui reunidos foram escritos maioritariamente em língua portuguesa — sendo nove apresentados em língua alemã — e estão organizados em função de quatro grandes áreas de estudo no âmbito das quais o conjunto de vinte e quatro autores tem desenvolvido as suas atividades científicas: Literatura, Cultura, Linguística e Tradução. Em cada uma das referidas secções, os trabalhos, submetidos a revisão por pares, encontram-se alinhados por ordem cronológica do assunto tratado.

Os estudos na área da Literatura incidem sobre imagens de Portugal e de países de língua alemã, estudos de receção e temáticas em comum, principiando com um trabalho de John Greenfield dedicado à literatura medieval, designadamente uma análise comparativa das conceções literárias do «amor cortês» nas tradições médio-alto-alemã e galego-portuguesa, a exemplo da poesia lírica de Wolfram von Eschenbach e de D. Dinis. Igualmente de dimensão comparatista, o estudo de Martin Neumann ocupa-se dos romances *A Cidade e as Serras* (1901), de Eça de Queirós, e *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* (1910), de Rainer Maria Rilke, para reavaliar o tratamento do *topos* literário campo *vs.* cidade no contexto da modernidade. Adotando também uma perspetiva comparativa, Kathrin Sartingen baseia-se, entre outros, no conceito de metaforologia de Hans Blumenberg para se inteirar das relações de intertextualidade entre *O Conto da Ilha Desconhecida* (1997), de José Saramago, e a parábola *Vor dem Gesetz* (*Diante da Lei / À Porta da Lei*, 1915), de Franz Kafka. Helmut Siepman traça os principais contornos da receção da obra de Sophia Mello Breyner na Alemanha, desde os anos de 1960 até à atualidade. Maria de Fátima Gil analisa a história, os locais e as personagens que compõem a imagem de Portugal esboçada no romance *Abendland* (2007), de Michael Köhlmeier, a partir das memórias do protagonista, o matemático Carl Jacob Candoris. A imagem de Portugal é de igual modo objeto de um estudo de Ana Isabel Boura dedicado à representação das figuras portuguesas que dão título ao romance *Maria und Eusébio* (2022), de Michael Longereich.

No âmbito da Cultura, os estudos acolhidos neste volume contemplam diversos contextos e figuras de mediação luso-germânica bem como questões de identidade pós-colonial. A abrir, surge um trabalho em coautoria, assinado por Marília Lopes e Peter Hanenberg, que aborda textos escritos no âmbito das viagens ibéricas da Idade Moderna e traduzidos para alemão, em especial a carta de Colombo. Inês Thomas Almeida, por seu turno, retoma o estudo das heteroimagens com que se encerra a secção anterior, dedicada à Literatura, por meio de uma leitura do diário de viagem inédito do alemão Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau (1769-1857), que proporciona um olhar musical sobre Portugal no fim do século XVIII.

Maria Teresa Cortez aborda a história do ensino de alemão em Portugal, destacando o papel fulcral de Jaime Moniz na promoção da «lição alemã» nos liceus portugueses entre 1894/1895 e 1905. Também Rogério Madeira recorre ao conjunto de mediadores culturais luso-alemães para se centrar no estudo das cartas do espinosista Carl Gebhardt à romanista Carolina Michaëlis de Vasconcelos, escritas no início da década de 1920, a respeito da vida e obra do judeu português Uriel da Costa. Não se trata, porém, do único texto que se ocupa de correspondência erudita. Com efeito, Maria Teresa de Oliveira apresenta uma análise das cartas escritas pela pintora e gravurista Gretchen Wohlwill à escritora Ilse Losa e à pianista Maria da Graça Amado da Cunha, desvelando aspetos fundamentais da obra e da ação da artista alemã durante o exílio em Portugal e após o regresso à Alemanha. Fernando Clara, por sua vez, debruça-se sobre um relato de viagem à Península Ibérica do historiador alemão Willy Andreas, tentando reconstruir os contextos políticos tanto da publicação (1949), como da viagem realizada em 1944. Num estudo de receção intitulado «Sinais de cena luso-alemães», Vera San Payo de Lemos reflete acerca de momentos marcantes no diálogo entre a cena teatral portuguesa e alemã nos anos mais recentes. Os estudos de Cultura encerram com o texto de Doris Wieser dedicado à vida e obra do cantor e escritor Kalaf Epalanga, com especial incidência nas crónicas berlinenses do autor de origem angolana.

A área da Linguística encontra-se representada através de dois estudos de natureza contrastiva, abrindo com o trabalho de Benjamin Meisnitzer e Lukas Müller sobre as partículas modais no Português, descritas numa perspetiva sincrónica, a partir de dados extraídos de *corpora*, e procurando traçar a sua gramaticalização numa perspetiva diacrónica. Judite Carecho e Rute Soares, por sua vez, analisam o uso das preposições direcionais *hinter/vor* e dos advérbios *hinten/vorne* em leitura temporal, comparando-as com as suas correspondentes portuguesas, sobretudo «atrás/à frente (de)» e «atrás/à frente». As autoras baseiam-se num *corpus* de tradução constituído por texto literário e por exemplos do *corpus* Europarl, sendo essa observação complementada com dados experimentais provenientes de estudos relativos à língua alemã e adaptados à língua portuguesa.

Os estudos de Tradução abrangem textos literários e não literários, tanto de língua portuguesa como de língua alemã, e iniciam-se com um trabalho de Maria António Hörster, em que a germanista escreve um novo capítulo da história da receção da obra de Rainer Maria Rilke em Portugal através de uma análise comparativa das diversas traduções de *Briefe an einen jungen Dichter* (*Cartas a um Jovem Poeta*, 1929), publicadas no nosso país entre 1946 e 2020. Conceição Carapinha e Cornelia Plag lançam olhares cruzados sobre o romance *Memorial do Convento* (1986), de José Saramago, e sobre a sua versão alemã, *Das Memorial*, a cargo de Andreas Klotsch, para se centrarem numa análise da tradução dos marcadores discursivos, entendidos

como elementos estilísticos fundamentais do romancista português. A terminar esta secção, Adelaide Chichorro Ferreira analisa os problemas de tradução de brochuras alemãs da década de 1990 sobre o tema da gestão de resíduos, tentando estabelecer uma tipologia das principais questões terminológicas e interculturais e deixando um apelo à educação ambiental em Portugal.

O volume fecha com um excuro de Maria Manuela Gouveia Delille, que reconstitui a história dos Diálogos Luso-Alemães («Deutsch-Portugiesische Arbeitsgespräche»), realizados entre 1989 e 2016, apresentando a conceção e temática original desses encontros científicos, bem como o seu progressivo desenvolvimento e conseqüente evolução.

Em suma, o conjunto diversificado de estudos científicos que compõem a presente coletânea pretende dar continuidade e, ao mesmo tempo, um novo impulso ao diálogo e à reflexão acerca das permanências e mudanças no contexto das relações entre os países de língua portuguesa e os de língua alemã, por meio do cruzamento de olhares diversificados e incidentes tanto no passado como no presente.

Por fim, deixamos uma palavra de profundo agradecimento ao CITCEM — Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória — e à Fundação Marion Ehrhardt, que possibilitaram a edição deste volume.

I
LITERATURA

ZUR UMFUNKTIONIERUNG EINER LITERARISCHEN GATTUNG IN DER MITTELHOCHDEUTSCHEN UND DER GALEGO-PORTUGIESISCHEN LIEBESLYRIK

JOHN GREENFIELD*

Resumo: *O artigo analisa concepções literárias do «amor cortês» nas tradições médio-alto-alemã e galego-portuguesa, centrando-se, em particular, no género lírico da alba. Depois de comparar composições de Wolfram von Eschenbach e de D. Dinis, o autor conclui que estes dois poetas desenvolveram estratégias diferentes para tentar resolver problemas inerentes a um dos mais importantes códigos estético-literários na Europa medieval.*

Palavras-chave: *Poesia medieval; Amor cortês; Alba; Wolfram von Eschenbach; D. Dinis.*

Abstract: *The article analyses literary conceptions of «courtly love» in the Middle High German and Galician-Portuguese traditions, in particular by concentrating on the lyric genre of the alba. After comparing compositions by Wolfram von Eschenbach and D. Dinis, the author concludes that the two poets developed different strategies in order to attempt to solve problems inherent to one of the most important aesthetic-literary codes in medieval Europe.*

Keywords: *Medieval poetry; Courtly love; Alba; Wolfram von Eschenbach; D. Dinis.*

In den volkssprachlichen Kulturen des europäischen Mittelalters besteht bekanntlich einer der bedeutendsten Unterschiede zwischen der Literatur der vorhöfischen und der höfischen Zeit in den andersartigen Auffassungen und Darstellungen der zwischengeschlechtlichen Beziehungen. In den uns überlieferten literarischen Texten, die bis etwa Mitte des 12. Jahrhunderts im westlichen Europa produziert wurden, spielt das Verhältnis zwischen dem Mann und der Frau keine allzu bedeutende Rolle. In vorhöfischen literarischen Traditionen, wie in den Dichtungen um den angelsächsischen Helden Beowulf oder den altfranzösischen Grafen Roland geht es keineswegs um die erotischen Abenteuer dieser Helden, sondern vor allem um ihre kämpferischen Fähigkeiten.

Ab Mitte des zwölften Jahrhunderts wurde die heterosexuelle Liebesbeziehung ganz plötzlich in verschiedenen Sprachgebieten des westlichen Europas zu einem

* Universidade do Porto, CITCEM/Faculdade de Letras. Email: jgreenfi@letras.up.pt. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020, com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>. ORCID: 0000-0002-2389-097X.

Diese Arbeit wird aus nationalen Mitteln über FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. [Stiftung für Wissenschaft und Technologie] im Rahmen des Projekts UIDB/04059/2020 mit der Kennzeichnung DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020> finanziert.

der signifikantesten Themen der volkssprachlichen, adeligen Kulturen: Die Gründe für das wachsende Interesse an diesem bedeutenden Motiv, für die „Entdeckung der personalen Liebe“¹ als Stoff für die Literatur, sind vielfältig. U.a. geht es dabei um die Aufarbeitung klassischer, arabischer und hebräischer Quellen vor dem Hintergrund vielfältiger gesellschaftlicher, religiöser und ästhetischer Veränderungen in verschiedenen Teilen Europas. Ab 1150 wurde die literarische Auseinandersetzung um die Liebe zwischen einem fiktiven adeligen, höfischen Ritter und seiner Dame zu einem der wichtigsten ästhetischen Objekte dieser Zeit. Es handelt sich um einen Gegenstand, der im Laufe des späten 12. Jahrhunderts und dann vom 13. und bis ins 15. Jahrhundert hinein im Zentrum einer metaliterarischen Debatte der Dichter Europas steht. Die in dieser Literatur dargestellte ‚Liebe‘ stellt eine Konvention in der Kunst dar: Durch diese ‚Liebe‘, die eine Reihe von Gefühlen codiert, wird ein ganzes Spektrum von Emotionen (wie u.a. Sehnsucht, Trauer, Begehren, Leid, Freude und Hoffnung) versprochen und reflektiert. Es handelt sich um die Kunst des fingierten Gefühlsausdrucks.

Für das äußerst problematische, in der Dichtung der Zeit vielfach diskutierte und thematisierte Konstrukt der ‚Liebe‘ (Mittelhochdeutschdeutsch ‚*minne*‘, Galego-Portugiesisch ‚*amor*‘) hat der französische Literaturhistoriker Gaston Paris 1883 den Begriff ‚*l’amour courtois*‘ eingeführt und geprägt². Obwohl sie in der Forschung immer wieder kritisiert und in Frage gestellt wurde, hat diese in der Neuzeit entworfene allgemeine Kategorie vielfach Anerkennung erzielt, denn wir sprechen immer noch von ‚höfischer Liebe‘, ‚*courtly love*‘ oder ‚*amor cortês*‘. Dabei ist zu bedenken, dass dieses Modell der ‚höfischen Liebe‘ vielschichtig und keineswegs einheitlich europäisch war: Es handelte sich um einen facettenreichen, sich im Laufe der Zeit immer weiterentwickelnden und vor allem von Sprachgebiet zu Sprachgebiet oft divergierenden fiktionalen Code, der in den verschiedenen literarischen Gattungen sehr unterschiedlich aufgefasst wurde. In den epischen Dichtungen wurde die Liebe ganz anders dargestellt als in der Lyrik. Aber auch innerhalb der verschiedenen lyrischen Genres wurde die Liebe auf ganz differenzierte Weise codiert.

In meinem Beitrag konzentriere ich mich auf *eine* problematische Gattung, bei der die Komplexität des mehrdeutigen, fiktiven Liebesbegriffs klar zum Ausdruck kommt. Das Tagelied (oder die Alba) steht in vielen europäischen Literaturen des Mittelalters programmatisch im Zentrum einer ästhetischen Auseinandersetzung um die andersartigen Konzeptionen der ‚höfischen Liebe‘ in der Lyrik: Bezeichnenderweise wird diese Gattung in den deutschen und galego-portugiesischen literarischen Traditionen ganz unterschiedlich funktionalisiert. Wegen der epischen Situation,

¹ HAUG, 1995.

² PARIS, 1883: 478.

die in diesem lyrischen Genre beschrieben wird, und bei der es eigentlich (d.h. im klassischen, provenzalischen Modell dieser Dichtung) um den Ehebruch geht, steht das Tagelied mit einem der umstrittensten Aspekte der höfischen Liebeskonzeption in enger Verbindung. Dem okzitanischen Muster nach handelt es sich um eine illegitime, außereheliche, und für die feudalistische Gesellschaft und für die Kirche eigentlich unakzeptable erotische Beziehung.

Ich möchte hier auf einige der divergierenden Umfunktionierungen dieser literarischen Gattung in der mittelhochdeutschen und in der galego-portugiesischen Lyrik eingehen. Dabei werde ich mich exemplarisch mit zwei Tageliedern auseinandersetzen. Als erstes untersuche ich ein Tagelied des mittelhochdeutschen Dichters Wolfram von Eschenbach und im Anschluss daran betrachte ich eines des portugiesischen Dichterkönigs D. Dinis. Mir ist klar, dass diese zwei Dichter nicht nur räumlich, sondern auch zeitlich weit auseinanderliegen: Wolfram von Eschenbach ist wahrscheinlich um 1225 gestorben; D. Dinis im Jahr 1325, also etwa 100 Jahre später. Ich will nicht nachzuweisen versuchen, dass D. Dinis das Werk Wolframs von Eschenbach gekannt haben soll. Aber beide Dichter haben sich mit der Gattung des Tagelieds intensiv beschäftigt und sind dabei zu ganz unterschiedlichen lyrischen Ergebnissen gekommen. Mit einigen Aspekten der poetischen Darbietungen dieser zwei bedeutenden Dichter möchte ich mich hier befassen. Zuerst aber folgen einige Überlegungen zum Tagelied selbst.

1.

Seit Arthur Hattos vor fast 60 Jahren veröffentlichten Studie³, wissen wir, dass das Tagelied in fast allen Literaturen der Welt und in vielen Epochen zu finden ist. Von der Zahl ihrer überlieferten Kompositionen her gehört das Genre in den romanischen Literaturen des Mittelalters zu den weniger bedeutenden lyrischen Gattungen. In der okzitanischen Troubadourlyrik z.B. gibt es weniger als 20 erhaltene Kompositionen, die dem Tageliedgenre im weitesten Sinne zugerechnet werden können, in der mittelalterlichen französischen Literatur fünf, und in der galego-portugiesischen Lyrik noch weniger. In der mittelhochdeutschen Tradition dagegen sind über 200 Tagelieder überliefert. Warum es — der Zahl nach — einen so großen Unterschied zwischen den romanischen und den deutschsprachigen Tageliedtraditionen gibt, ist nicht eindeutig zu (er)klären. Klar bleibt auf jeden Fall, dass das deutsche Publikum den lyrischen Tageliederzählungen, die in immer neuen Variationen ein bestimmtes Thema wiederholen, gerne zuhörte⁴. Dabei ist auch zu bedenken, dass diese Gattung eine Art von ‚Ventil‘ der mittelalterlichen Lyrikkonvention darstellte⁵, denn sie

³ HATTO, *Hg.*, 1965.

⁴ MÜLLER, 1983: 94.

⁵ DE BOOR, 1974: 330.

widersprach dem Modell der klassischen Canzone, nach dem die Liebe eigentlich nie vollzogen werden durfte, da die physische Berührung zwischen dem Mann und der Frau nicht erlaubt war. In der epischen Situation des Tagelieds dagegen wird es dem Liebespaar erlaubt, sexuellen Kontakt miteinander zu haben. Anscheinend war dieses ‚Ventil‘ in der Konvention für das deutschsprachige Publikum viel wichtiger als für die romanischen Zuhörer.

Es ist anzunehmen, dass die Anstöße zur Herausbildung der eigentlich hochmittelalterlichen Tageliedform vom okzitanischen Kulturgebiet aus hervorgegangen sind⁶, wobei auch hebräische und iberio-arabische Einflüsse eine Rolle gespielt haben können und auch christliche Modelle, wie etwa das geistliche Wecklied. Das altprovenzalische Modell, das in vielerlei Hinsicht das hochmittelalterliche Paradigma der Gattung darstellt, weist bestimmte epische Grundkonstanten auf: Es poetisiert den Schmerz eines Paares, das im Morgengrauen nach einer Liebesnacht auf einer Burg Abschied voneinander nehmen muss. Beide haben Angst, dass ihre heimliche, uneheliche, illegitime Liebe bei Tage entdeckt wird (nicht zuletzt vom betrogenen Ehemann der Frau). Zu den inhaltlichen Konstanten gehört auch oft die Figur des Burgwächters, der dem Liebespaar den Tagesanbruch ankündigt; zu den formal charakteristischen Konstanten gehört der Refrain mit dem wiederkehrenden Wort ‚*alba*‘. Dieses für den Zuhörer klare Schlüsselwort machte sicherlich deutlich, um welche Art von Lied es sich handelt. Gesprochen wird entweder im Monolog (die Frau beklagt sich allein) oder auch im Dialog (die Frau mit dem Wächter, etc.).

2.

Alle volkssprachlichen Lyriktraditionen im europäischen Mittelalter haben bestimmte, ganz charakteristische Merkmale, und es gehört zur Eigenart der deutschen Tagelieddichtung, dass es in der beschriebenen Beziehung zwischen dem Mann und der Frau *nie* explizit um den Ehebruch geht. Im deutschen Tagelied ist die Liebe zwar verboten, unzulässig und gefährlich, aber einen betrogenen Ehemann gibt es nirgends! Diese für das provenzalische Modell zentrale Figur gibt es nicht in der deutschsprachigen Tradition. Dafür können wir andere Entwicklungsprozesse erkennen. In der deutschsprachigen Lyrik gibt es eine Reihe von relativ frühen Kompositionen dieser Art von Dichtung (obwohl bei der Datierung und Chronologie dieser Lyrik immer Vorsicht geboten ist). Klar ist, dass vom späten 12. bis ins 15. Jahrhundert hinein die meisten großen mittelhochdeutschen Lyriker Tagelieder gedichtet haben. Zu den ersten von ihnen gehörte wohl Dietmar von Aist, aber auch Heinrich von Morungen, Reinmar der Alte, Walther von der Vogelweide, Otto von Botenlauben, Ulrich von Liechtenstein, Konrad von Würzburg, Steinmar, Hadlaub und Oswald

⁶ WOLF, 1992: 44.

von Wolkenstein haben Tagelieder gedichtet und auch eine Rolle bei der Ausbreitung dieser Gattung gespielt. Wie Alois Wolf gezeigt hat⁷, hat z.B. Morungen, der sich offensichtlich besonders intensiv mit der okzitanischen Troubadourlyrik beschäftigt hatte, das in den provenzalischen Liedern entscheidende formal-lyrische Moment, den *alba*-Refrain (wie „*ades sera l'alba*“, der zu finden ist in der Komposition *Reis glorios, verais lums e clartat* des Guiraut de Borneilh⁸) bewusst aus der romanischen Konvention übernommen und in die deutsche Tradition eingeführt („*dô tagte ez*“ heißt der Refrain bei Morungen im Lied MF 143,22⁹).

Die wichtigste Stimme bei der Entwicklung dieses Genres im deutschsprachigen Bereich war sicherlich die Wolframs von Eschenbach. Wolfram, der am Anfang der deutschen Sonderentwicklung dieser Gattung steht, nimmt eine ganz besondere Stellung in den romanisch-deutschen Literaturbeziehungen ein: Von ihm stammen der *Parzival*-Roman (die deutsche Fassung von Chrétiens Artus- und Gralroman *Perceval*) und das Kriegsepos *Willehalm* (eine Bearbeitung des altfranzösischen Heldenlieds *Bataille d'Aliscans*). Wolframs wichtiger Beitrag zum deutschen Tagelied ist in einem engen Zusammenhang mit den okzitanischen Albas zu sehen¹⁰. Es sind insgesamt fünf Tagelieder von Wolfram überliefert worden: Einige Forscher meinen, dass der Dichter einen Tageliedzyklus geplant hatte (was allerdings nicht nachzuweisen ist). Eindeutig ist, dass Wolfram für entscheidende poetische Erneuerungen in dieser Gattung verantwortlich ist. Das betrifft etwa die Figur des Wächters, die in Wolframs Tageliedern zu einem Strukturelement des Genres wird, ein Element, das im Vergleich zum provenzalischen Modell ‚ethisch‘ aufgewertet wird und als Symbol der *triuwe* (Treue) der Liebenden fungiert, aber eine Figur, die im Lied durch sein Singen von der Burgzinne immer das Ende der Liebesnacht signalisiert: also zwar ein treuer Freund der Liebenden, aber auch ihr Feind.

Vor allem setzt Wolfram ganz bestimmte Akzente in seinen Liedern. Hier wird das Erotische der Begegnung ausdrücklich unterstrichen: Dabei nimmt das Schlüsselwort *urloup* (= Erlaubnis, Abschied zu nehmen) eine ganz besondere Rolle ein. Wenn die Frau ihrem Liebhaber die Erlaubnis erteilt, sie zu verlassen, um sich im Morgengrauen heimlich davonzustehlen, bedeutet das nicht nur, dass sie sich voneinander verabschieden, sondern auch, dass die Beziehung noch ein letztes Mal sexuell vollzogen wird. So sagt der Erzähler zum Schluss von Wolframs bekanntem Tagelied *Von der zinnen*: „*urloup* [...], *des pris was hôch*“ [„der Abschied war kostbar und herrlich“]¹¹...

⁷ WOLF, 1992: 74.

⁸ Vgl. KOLSEN, Hg., 1910: 342.

⁹ KASTEN, Hg., 2005, Lied 122: 282ff.

¹⁰ WOLF, 1992: 77.

¹¹ [L, 6,10] KASTEN, Hg., 2005, Lied 219: 546.

Eine von den Albakompositionen Wolframs ist von ganz besonderer Signifikanz, da sie erstaunlicherweise eine Art von Absage an das Tagelied-Genre zu bedeuten scheint und auf dieses Lied möchte ich jetzt kurz eingehen. In *Der helden minne ir klage* [Die Klage der heimlichen Liebe]¹² klagt das lyrische Ich über die epische Situation, die dem Alba zugrunde liegt:

*Der helden minne ir klage
du sunge ie gegen dem tage,
daz sûre nâch dem süezen.
swer minne und wîplich grüezen
alsô enpfienç,
daz si sich muosen scheiden:
swaz du dô riete in beiden,
dô ûf gienc
der morgensterne, wahtære, swîc,
dâ von niht sinc.*

*Swer pfliget oder ie gepflac
daz er bî lieben wîbe lac
den merkern unverborgen,
der darf niht durch den morgen
dannen streben,
er mac des tages erbeiten:
man darf in niht ûz leiten
ûf sîn leben.
ein offeniû süeziu wirtes wîp
kann solhe minne geben.*

[Der heimlichen Liebe Klage / hast du immer gesungen, wenn der Tag kam, / das Bittere nach dem Süßen. / Wem die liebende Zuneigung einer Frau / so zuteil wurde, / dass sie sich wieder trennen mussten — / was du den beiden rietest, / als aufging / der Morgenstern, Wächter darüber schweig, / davon sing nicht. // Wer es so hält oder je gehalten hat, / dass er bei der Geliebten lag, / ohne sich vor den Aufpassern zu verstecken, / der braucht sich nicht, wenn der Morgen kommt, / davonzueilen, / er kann den Tag erwarten: / Man braucht ihn nicht hinaus schicken / unter Gefahr für sein Leben. / Eine angetraute liebe Ehefrau / kann solche Liebe geben¹³.]

¹² [L, 5,34ff.; 6,1ff] KASTEN, Hg. 2005, Lied 218: 542.

¹³ Übersetzung frei nach Margherita Kuhn (KASTEN, Hg., 2005: 543).

In der ersten Strophe wendet sich das lyrische Ich an den Wächter, denn er soll nicht länger bei Tagesanbruch singen — er soll hingegen schweigen (*wahtære, swïc*), damit die Liebenden sich nicht trennen müssen. In der zweiten Strophe geht das lyrische Ich weiter: Er stellt sich eine andere Art von Liebesbeziehung vor, bei der die Liebenden im Morgengrauen nicht auseinander gehen müssen, bei der der Mann und die Frau zusammenbleiben und den Tag in Ruhe erwarten können. Es handelt sich um eine Liebe, die nicht gefährlich ist, da sie nicht verboten oder unzulässig ist... In diesem ‚Anti-Tagelied‘ sind der Mann und die Frau rechtmäßig miteinander verheiratet. Was beschrieben wird, ist eine Liebe ohne Spannung, eine glückliche Liebe in der Ehe...

Jedoch beruht das klassische Minnelied auf Spannung und verursacht Leid. Die epische Situation, die hier angedeutet wird, ist selbstverständlich nicht die des konventionellen Tagelieds. Im Gegenteil, was empfohlen wird, stellt eine Umwandlung der erzählerischen Gegebenheiten dieser Gattung dar: Die Strukturelemente des Albas werden umfunktioniert. Die Liebe ist nicht heimlich, sondern öffentlich, es gibt keine leidvolle Trennung bei Tagesanbruch und es gibt keine illegitime Beziehung — aber es gibt auch keinen poetisch kostbaren und herrlichen *urloup*. Deswegen kann auch der Wächter (das Strukturelement des klassischen deutschen Tagelieds schlechthin) schweigen. Die eheliche Liebe wird hier gepriesen: Es handelt sich um eine Darstellung einer Art von Liebesbeziehung, die einzigartig ist, revolutionär sogar im Rahmen der mittelhochdeutschen Minnelyrik. Deswegen ist dieses Lied Wolframs eigentlich *keine* Alba. Was Wolfram allerdings wirklich mit dem Lied sagen will, ist nicht eindeutig klar: Will der klassische *minnesinger* Wolfram von Eschenbach wirklich die Liebe in der Ehe bevorzugen? Oder spielt der Dichter nicht vielmehr mit den epischen Grundkonstanten dieser Gattung?

3.

Eine Frage, die immer wieder in der lusitanischen Forschung gestellt wurde, ist, ob die Elemente des altprovenzalischen Tagelieds nicht auch in der galego-portugiesischen Lyrik wiederzufinden sind¹⁴. Mit anderen Worten: Inwiefern darf man von einer altportugiesischen Alba sprechen? Obwohl die *Arte de Trovar*, die bekanntlich die Unterscheidung zwischen den *cantigas de amor* und den *cantigas de amigo* verdeutlicht, kein Wort von dieser Gattung sagt, ist die Forschung ursprünglich davon ausgegangen, dass auch die galego-portugiesische Literatur einige Beispiele dieses Genres aufzuweisen hat: So haben die ersten Forscher der galego-portugiesischen

¹⁴ Grundsätzlich zur Alba in den romanischen Literaturen vgl. RIEGER, 1979. In den folgenden Zeilen werden eigene kritische Positionen zur früheren und aktuellen Forschungsdiskussion um das galego-portugiesische Tagelied weiterentwickelt; vgl. GREENFIELD, 2000: 259-262.

Liebeslyrik¹⁵ Lieder von Nuno Fernandes Torneol, Julião Bolseiro, Pero Meogo und auch D. Dinis als Tagelied bezeichnet.

In der zweiten Hälfte des zwanzigsten Jahrhunderts wurde allerdings diese Position in Frage gestellt, denn verschiedene Forscher sind zum Schluss gekommen, dass *alle* Kompositionen, die früher als Tagelied bezeichnet wurden, in der Tat jener Gattung *nicht* zugehören. Für Tavani¹⁶ sei sogar das bekannte Lied von Nuno Fernandes Torneol *Levad' amigo que dormides as manhanas frias*¹⁷, das zuvor immer wieder von der Forschung als Alba eingestuft wurde (und in dem ein Mädchen am Morgen aufwacht und ihren Freund bittet, aufzustehen), nicht als richtige Alba einzuordnen: Nach Tavani¹⁸ gehe es bei dieser Komposition nicht um ein Tagelied, sondern einzig und allein um ein Lied, das Motive dieses Genres aufweist. Ähnlich argumentiert Dionísio¹⁹, der in seiner Interpretation dieser *cantiga* Nuno Fernandes Torneols davon ausgeht, dass es sich lediglich um eine ‚reelaboração tónica‘ (motivische Wiederaufarbeitung) von einigen formalen Komponenten der Tagelied-Gattung handelt. Was die Klassifizierung der Lieder betrifft, ist aber die 2016 publizierte, von Graça Videira Lopes koordinierte Ausgabe der profanen *cantigas*, weniger streng: In dieser Edition werden zwei galego-portugiesische Lieder eindeutig als Albas eingestuft²⁰.

In der Tat gibt es *keine* galego-portugiesischen *cantigas*, die *alle* epischen Grundkonstanten des klassischen Tagelieds beinhalten: Es gibt nirgends einen eifersüchtigen Ehemann, es gibt auch keine Wächterfigur. Es geht mit höchster Wahrscheinlichkeit in einigen Liedern um eine ‚Wiederaufarbeitung‘ von Elementen dieses Genres. Das scheint darauf hinzudeuten, dass diese Elemente die mögliche Realisierung der Gattungsform Alba in der galego-portugiesischen Lyrik darstellen.

Die poetische Konvention der iberischen *cantigas* ist nicht mit derjenigen, der altprovenzalischen Troubadourlyrik gleichzusetzen — aber auch nicht mit derjenigen, der mittelhochdeutschen Minnelyrik. Die ganz spezifische, sehr differenzierte lyrische Konvention Iberiens hätte sicherlich Schwierigkeiten gehabt, das auf die ehebrecherische Liebe beruhende Tagelied in ihrer klassischen Form zu integrieren (genau wie es

¹⁵ Wie etwa u.a. NUNES, 1926 [1973]: 14ff.

¹⁶ TAVANI, 1988.

¹⁷ B 641, V 242; vgl. VIDEIRA LOPES, *Koord.*, 2016). Vgl. Erhältlich in «<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=662&pv=sim>» [Abrufdatum 19 Jun. 2023].

¹⁸ TAVANI, 1988.

¹⁹ DIONÍSIO, 1994: 22.

²⁰ In der zitierten von Videira Lopes koordinierten Edition wird nicht näher auf die Forschungsdiskussion um das Tagelied eingegangen: Als Albas klassifiziert werden aber die oben erwähnte Komposition Nuno Fernandes Torneols (B 641, V 242) sowie das Lied von D. Dinis *Levantou-s'a velida* (B 569, V 172); vgl. VIDEIRA LOPES, Erhältlich in «<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=593&tr=4&pv=sim>» [Abrufdatum 19 Jun. 2023]. Obwohl nicht direkt als Albas klassifiziert, werden in dieser Ausgabe das Lied von D. Dinis *De que morredes, filha, a do corpo velido?* (B 567, V 170) sowie die Komposition *Maria Genta, Maria Genta da saia cintada* (B 1439, V 1049) von Rui Pais de Ribela auch mit der Gattung des Tagelieds in Verbindung gebracht; vgl. VIDEIRA LOPES, *Koord.*, 2016: Erhältlich in «<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=591&pv=sim>» / «<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=593&tr=9&pv=sim>» [Abrufdatum 19 Jun. 2023].

auch für die deutsche Konvention unmöglich war, alle Komponenten dieses Genres zu assimilieren). Mit anderen Worten: Um in die galego-portugiesische Tradition aufgenommen werden zu können, müsste die Gattung Alba eine Umfunktionierung erfahren. Das ist von der epischen Situation her im Lied Nuno Fernandes Torneols zu bemerken. Auch in einem Lied von D. Dinis (*Levantou-s'á velida*²¹) ist eine solche Umfunktionierung festzustellen, aber dann auf einer ganz anderen Ebene, durch das refrainartige Signalwort, *alva*.

*Levantou-s'á velida,
levantou-s'alva,
e vai lavar camisas
eno alto,
vai-las lavar alva.*

*Levantou-s'á louçana,
levantou-s'alva,
e vai lavar delgadas
eno alto,
vai-las lavar alva.*

*[E] vai lavar camisas;
levantou-s'alva,
o vento lhas desvia
eno alto,
vai-las lavar alva.*

*E vai lavar delgadas;
levantou-s'alva,
o vento lhas levava
eno alto,
vai-las lavar alva.*

*O vento lhas desvia;
levantou-s'alva,
meteu-s'[a] alva em ira
eno alto,
vai-las lavar alva.*

²¹ B 569, V 172.

*O vento lhas levava;
levantou-s'alva,
meteu-s'[a] alva em sanha
eno alto,
vai-las lavar alva.*

[Es stand auf die Schöne, / sie stand in der Frühe auf, / und sie geht zum Kleider waschen, / am Fluss; / sie geht in der Frühe zum Waschen. // Es stand auf die Hübsche, / sie stand in der Frühe auf, / und sie geht Gewänder waschen, / am Fluss; / sie geht in der Frühe zum Waschen. // Und sie geht Kleider waschen, / sie stand in der Frühe auf; / der Wind weht sie ihr weg, / am Fluss; / sie geht in der Frühe zum Waschen. // Und sie geht Gewänder waschen, / sie stand in der Frühe auf; / der Wind blies sie ihr weg, / am Fluss / sie geht in der Frühe zum Waschen. // Der Wind blies sie ihr weg, / sie stand in der Frühe auf; / sie geriet in der Frühe in Wut, / am Fluss; / sie geht in der Frühe zum Waschen²².]

Von der Situation her geht es hier lediglich um ein schönes Mädchen, das früh aufgestanden ist, um im Fluss Kleider zu waschen, das dann aber zornig wird, weil es so windig ist. Hier geht es selbstverständlich nicht um eine epische Tageliedsituation: Aber ein formales Motiv der Gattung ist klar zu erkennen. Hier wird das Wort *alva* (das im Zusammenhang ‚rein‘ oder ‚Frühe‘ bedeutet) nicht nur vierzehnmal wiederholt, sondern sogar thematisiert. Dieses Lied des D. Dinis hat keinen inhaltlichen Bezug zum klassischen Tagelied: Hier gibt es keinen eifersüchtigen Ehemann, keine Wächterfigur, keine Trennung im Morgengrauen; es geht nicht einmal explizit um ein Liebespaar oder um die Liebe! Und trotzdem: Obwohl fast ohne jeglichen inhaltlichen Bezug zum klassischen Tagelied, deutet das Lied auf der formalen Ebene intertextuell ganz klar auf das Genre der Alba hin. Denn, wie Wolfram im Lied *Der helden minne ir klage*, scheint auch D. Dinis in *Levantou-s'a velida* mit den konventionellen Grundkonstanten der Gattung Alba zu spielen.

4.

Ich bin mir sicher, dass die Dichter auf der iberischen Halbinsel das Genre des Tagelieds in der altprovenzalischen Ausprägung kannten, genau wie die mittelhochdeutschen Dichter mit ihr vertraut waren. Der bedeutende Kulturtransfer zwischen Okzitanien und anderen Teilen Europas hat sicherlich dazu geführt, dass diese lyrische Gattung vielerorts auf der Halbinsel sowie im deutschsprachigen Gebiet bekannt war. Es wäre dann auch zu erwarten, dass die Lyriker versucht hätten, diese Art von Lyrik in ihr

²² Übersetzung übernommen von MÖLK, Hg., 1989: 191.

Repertoire aufzunehmen: Die literarisch produktivsten und gebildetsten Dichter ihrer Zeit haben sicherlich Experimente mit dieser Gattung unternommen. Die zwei Lieder von D. Dinis in Portugal und Wolfram von Eschenbach in Franken oder Thüringen deuten darauf hin, dass diese zwei, zeitlich und räumlich so weit voneinander entfernten höfischen Dichter, aus unterschiedlichen literarischen Gründen versucht haben, das Genre Tagelied umzufunktionieren.

Gattungen sind bekanntlich keine vorgefertigten Strukturen mit unwandelbaren morphologischen Charakteristika: Die mittelalterlichen lyrischen Genres sind stets in ihren konkreten Relationen zum jeweiligen sozialen und ästhetisch-literarischen Kontext bzw. zur jeweiligen Kommunikationssituation zu verstehen²³. Die lyrischen Gattungen haben sich im Laufe des Mittelalters entwickelt und für diese Entwicklung sind eine Reihe von Funktionsänderungen ausschlaggebend gewesen: u.a. in Bezug auf Denk- und Gefühlsschemata sowie auf Erwartungshaltungen²⁴. Dabei spielt aber auch die Existenz anderer lyrischer und epischer Gattungen und deren Abhängigkeit voneinander eine Rolle. Zum Funktionswandel eines Genres innerhalb dieser poetischen Konvention gehören auch der Wandel seiner narrativen und morphologischen Bestandteile. Die Klassifizierungskriterien der mittelalterlichen Gattungen kann man natürlich nicht beliebig ausweiten. Wichtig scheint mir an dieser Stelle, dass die Lieder von Wolfram von Eschenbach und von D. Dinis intertextuell einen ganz klaren Bezug zum klassischen, altprovenzalischen Tagelied nehmen: Und von dieser Perspektive her ist es möglich, diese umfunktionierten mittelhochdeutschen und galego-portugiesischen Alba-Kompositionen als Teil des breit und sehr differenziert angelegten mittelalterlichen Genres Tagelied zu sehen.

BIBLIOGRAPHIE

Textausgaben

- KASTEN, Ingrid, Hg. (2005). *Deutsche Lyrik des frühen und hohen Mittelalters*. Frankfurt/Main: Deutsche Klassiker Verlag.
- KOLSEN, Adolf, Hg. (1910). *Sämtliche Lieder des Trobadors Guiraut de Bornelh*. Bd. I. Halle: Max Niemeyer Verlag.
- MÖLK, Ulrich, Hg. (1989). *Romanische Frauenlieder*. München: Willhelm Fink Verlag.
- VIDEIRA LOPES, Graça, Koord. (2016). *Cantigas medievais galego-portuguesas: corpus integral profano*. 2 Bde. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. Erhältlich in «<https://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>» [Abrufdatum 19 Jun. 2023].

Forschungsliteratur

- BERGNER, Heinz (1983). *Die mittellenglische Lyrik*. In BERGNER, Heinz, u.a. Hgg. *Lyrik des Mittelalters*. Bd. II. Stuttgart: Reclam, S. 229-376.

²³ Vgl. hierzu BERGNER, 1983: 249.

²⁴ Vgl. BERGNER, 1983: 249.

- DE BOOR, Helmut (1974). *Geschichte der deutschen Literatur von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Bd. II *Die höfische Literatur. Vorbereitung, Blüte, Ausklang*. 1170-1250. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.
- DIONÍSIO, João (1994). *Levad', amigo, que dormides as manhanas frias de Nuno Fernandes Torneol*. «Revista da Biblioteca Nacional». 9:9, 7-22.
- GREENFIELD, John (2000). *Vom galego-portugiesischen Tagelied. Überlegungen zum Funktionswandel einer Gattung*. In CRAMER, Thomas, u.a. *Frauenlieder. Cantigas de amigo*. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, S. 259-264.
- HATTO, Arthur, Hg. (1965). *Eos. An Enquiry into the Theme of Lovers' Meetings and Partings at Dawn*. London; The Hague; Paris: Mouton & Co.
- HAUG, Walter (1995). *Die Entdeckung der personalen Liebe und der Beginn der fiktionalen Literatur*. In HAUG, Walter, *Brechungen auf dem Weg zur Individualität. Kleine Schriften zur Literatur des Mittelalters*. Tübingen: Niemeyer, S. 233-248.
- MÜLLER, Ulrich (1983). *Die mittelhochdeutsche Lyrik*. In BERGNER, Heinz, u.a. Hgg. *Lyrik des Mittelalters*. Bd. II. Stuttgart: Reclam, Bd. II., S. 7-227.
- NUNES, José Joaquim (1973 [1926]). *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses. Edição crítica, acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário*. Bd. I. *Introdução*. Lisboa; Porto; Luanda: Centro do Livro Brasileiro.
- PARIS, Gaston (1883). *Études sur les romans de la Table Ronde. Lancelot du Lac, II. «Le Conte de la charrette»*. «Romania». 12, 459-534.
- RIEGER, Dietmar (1979). *Tagelied (alba)*. In GUMBRECHT, Hans Ulrich; MÖLK, Ulrich Hgg., *Grundriss der romanischen Literaturen des Mittelalters*. Bd. II, 6 *Les genres lyriques*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter.
- TAVANI, Giuseppe (1988). *Motivos da canção da alba numa cantiga de Nuno Fernandes Torneol*. In TAVANI, Giuseppe, *Ensaaios Portugueses*. Lisboa: Bertrand, S. 258-264.
- WOLF, Alois (1992). *Einleitung*. In BACKES, Martina, *Koord., Tagelieder des deutschen Mittelalters. Mittelhochdeutsch / Neuhochdeutsch*. Stuttgart: Reclam, S. 11-81.

STADT VS. LAND? ZUR RE-EVALUATION EINES ALTEN TOPOS BEI EÇA DE QUEIRÓS UND RILKE

MARTIN NEUMANN*

Resumo: O tópos de uma distinção entre uma vida pacífica no campo e uma existência agitada na cidade tem a sua origem na Antiguidade, mas ganha renovada relevância no século XIX, no contexto da industrialização e da urbanização. Tanto Eça de Queirós em *A Cidade e as Serras* como Rilke em *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* evocam este tópos antigo, infundindo-lhe, contudo, novas implicações. Embora Paris (em ambos os casos), o norte de Portugal (Eça) ou a Dinamarca rural (Rilke) sejam regiões geográficas (bem) distintas com as suas respetivas características próprias, cidade e campo dão a impressão de invadir, de penetrar um no outro, de forma que nem um nem outro podem reclamar superioridade. Os textos recusam tais interpretações simplistas ou esquemáticas, e isso deve-se à época específica à qual pertencem: a modernidade, durante a qual as certezas tradicionais, os conhecidos pontos de referência já não oferecem orientações fiáveis para lidar com a confusão da vida moderna.

Palavras-chave: Tópos cidade vs. campo; Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*; Rilke, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*; Re-avaliação do tópos; Traços característicos da modernidade no romance.

Abstract: The topos of a neat distinction between a peaceful life in the countryside and an agitated existence in the city goes back to Antiquity but gains new relevance in the context of the industrialization and urbanization in the 19th century. Both Eça de Queirós' *A Cidade e as Serras* and Rilke's *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* evoke this ancient topos, giving it yet new implications. Although Paris (in both cases), Northern Portugal (Eça) and rural Denmark (Rilke) are geographically distinct regions with their own typical features, the city and the countryside seem to invade, permeate each other, so that neither one nor the other can claim any kind of superiority. The texts refuse such simple, schematic interpretations and this is due to the specific epoch to which they belong: modernity, when all traditional securities, reliable landmarks, etc. have ceased to provide guidelines through the hustle and bustle of modern life.

Keywords: Topos town vs. countryside; Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*; Rilke, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*; Re-evaluation of the topos; Characteristics of modernity in the novel.

Es ist schon auffällig, dass man bei bibliographischen Recherchen zur Stadt-Land-Thematik unweigerlich auf einen Aufsatz aus dem Jahr 1963 (!) stößt, der diesen Gegensatz auch noch plakativ auflädt, nämlich Friedrich Sengles Studie *Wunschbild Land und Schreckbild Stadt*¹. Auf die Frage, ob es bei der literarischen Behandlung dieser Materie um die Wende vom 19. zum 20. Jahrhundert (als das Thema in ganz

* Universität Hamburg. Email: martin.neumann@uni-hamburg.de. ORCID: 0009-0009-0455-1508.

¹ SENGLE, 1963.

Europa virulent war) tatsächlich auf eine solche eher schematische Schwarz-Weiß-Malerei hinausläuft, will dieser Beitrag eine Antwort versuchen. Denn der Titel des Textes von Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, ruft den Stadt vs. Land-Topos direkt auf, was Rilkes Roman nicht *prima facie* tut. Allerdings beginnt z.B. bei der Taschenbuchausgabe des Insel-Verlags von Rilkes *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* die Kurzpräsentation des Buchs auf dem Rückdeckel mit dem Satz: «Aus dem ländlichen Dänemark kommt der 28jährige Malte Laurids Brigge in das aufregende Paris der Jahrhundertwende»². Das heißt, hier lenkt einer der wichtigsten Paratexte die Aufmerksamkeit des Lesers sofort auf dieses klassische Gegensatzpaar, das den Text tatsächlich durchzieht.

Ein kurzer Blick auf die Geschichte dieses Topos weist ihn als sehr alt aus. Als die Urväter idyllischer Ländlichkeit gelten die griechischen Dichter Hesiod (ca. 700 v. Chr.) sowie Theokrit (ca. 270 v. Chr.). In der römischen Antike sind Vergil und Horaz einschlägig³, wobei sich die Forschung einig ist, dass die prononcierte Stadt-Land-Dichotomie inzwischen darauf zurückzuführen ist, dass zwischen einem komplizierten Leben in der Stadt und einem erholsamen, glücklichen Leben auf dem Land(gut) differenziert wird, was bedeutet, dass dem Gegensatz gewissermaßen eine sozio-politische Dimension zuwächst⁴. In der Renaissance erlebt der Topos eine neuerliche Hochblüte, die neben der Wiederentdeckung der antiken Klassiker auch auf die Etablierung größerer urbaner Zentren zurückzuführen ist. Diese rinascimentale Landlust ist jedoch das Privileg von kleinen höfischen Eliten, die die Lebensbedingungen, Nöte und Sorgen der einfachen Landbevölkerung souverän ignorieren, was auch für das entfernte Echo Arkadiens im 18. Jahrhundert, Salomon Gessners *Idyllen* (1756) gilt, dem es ebenfalls nicht um eine wie auch immer geartete realistische Darstellung des Lebens auf dem Lande geht, sondern um eine «Landlust der „Einbildungs-Kraft“»⁵. Im 18. Jahrhundert ist es Jean-Jacques Rousseau, der die sozialen Vorstellungen vom Landleben auf lange Zeit prägen sollte, indem er zwischen Stadt und Land eine scharfe räumliche, soziale und moralische Differenz etablierte, die er in dem Roman *Julie ou la Nouvelle Héloïse* (1761) in die Utopie von Clarens goss⁶. Waren die ‘echten’ Landbewohner bislang unbeachtet geblieben, so rücken sie gegen Ende des 18. Jahrhunderts zum ersten Mal in den Fokus. Vor allem im 19. Jahrhundert erfährt die Figur des Bauern eine deutliche Aufwertung, der Blick auf das Land wird gewissermaßen ‘realistischer’ und in der Gegenwart angesiedelt: das Land erscheint als Schauplatz mühseliger agrarischer Produktion und harter körperlicher Arbeit,

² RILKE, 2021 [1910].

³ WILLIAMS, 1973: 14ss.

⁴ BAUMANN, 2018: 72.

⁵ BAUMANN, 2018: 78.

⁶ NELL, WEILAND, 2021: 16s.

oft ausgeführt für andere, die den Gewinn abschöpfen⁷, so dass auch Abhängigkeits- und Unterdrückungsmechanismen, also Kritik an den Missverhältnissen auf dem Land laut wird⁸. Die Industrialisierung im 19. Jahrhundert verschärft die Stadt-Land-Dichotomie noch weiter. Die hier einsetzende massive Verstädterung⁹, das Entstehen des Proletariats, der Wandel zur Industriegesellschaft wirkt wie ein Katalysator für die Kompensationsfunktion der Ästhetisierung des ländlichen Raumes, was schon mehrfach unter ‘Agrarromantik’ und ‘Großstadtfeindschaft’ gefasst wurde¹⁰. Diese Sichtweise ist erneut ein bürgerliches Phänomen, das die oben erwähnten harten Realitäten des Landlebens ebenso ausblendet wie Bedrohungen durch Unwetter, Naturkatastrophen, etc. Der «Antagonismus Großstadt vs. Land schreibt [...] sich spätestens in dieser Zeitspanne [im späten 19. und zu Beginn des 20. Jahrhunderts] fest in den “Quellcode der Moderne” ein»¹¹. Völlig vernachlässigt wird bei dieser relativ schematischen Schwarz-Weiß-Malerei übrigens die Tatsache, dass das solchermaßen idyllisierte Land auch eine Gegenseite besitzt, die Baumann als ‘Ländliches Anti-Idyll’ apostrophiert, das sich durch seine Rückwärtsgewandtheit, Ignoranz, hinterwäldlerischen Züge, Konservativismus und Langeweile auszeichne, während gleichzeitig der ‘Urbane Traum’ mit Progressivität, Internationalität und aufregendem Lebensstil assoziiert werde¹². Auf jeden Fall wird das Leben auf dem Land — in scharfem Gegensatz zum Leben in der Stadt — zu einer Art Sehnsuchtsraum stilisiert, der von ständig wiederkehrenden Gemeinplätzen möbliert wird. Dabei sei noch einmal betont, dass es dabei durchaus nicht in erster Linie um ein realistisches Abbild der Natur oder des Landlebens geht, «sondern um die Wahrnehmung und Erzeugung von Artefakten und Inszenierungen, die darauf zielen, die mitunter selbst bereits historisch, kulturell oder sozial zustande gekommene Vorstellung “vom Land” auf die jeweils eigene Situation [...] zu beziehen.»¹³.

Befeuert wird diese Entwicklung durch die Ende des 19. Jahrhunderts aufkommende Soziologie, die eine Basis für die Verwissenschaftlichung der Stadt-Land-Diskussion legt, wobei nun auch die Stadt genauer unter die Lupe genommen wird. Ein Konzept, um das man hier nicht herumkommt, ist die 1887 von dem Soziologen Ferdinand Tönnies entworfene Unterscheidung menschlicher Beziehungen zwischen ‘Gemeinschaft’ und ‘Gesellschaft’ die er jeweils respektive mit Land und Stadt korreliert. Das bedeutet: Gemeinschaft entspricht dem Ländlichen mit Attributen wie persönlich, traditionell, bekannt, solidarisch, miteinander, vereint, andauernd,

⁷ NELL, WEILAND, 2021: 21.

⁸ BAUMANN, 2018: 83s.

⁹ BAUMANN, 2018: 88.

¹⁰ U.a. BAUMANN, 2018: 88s.

¹¹ BAUMANN, 2018: 93.

¹² BAUMANN, 2018: 63.

¹³ NELL, WEILAND, 2021: 29.

echt, lebendig und organisch *versus* Gesellschaft, was dem Städtischen entspreche mit Merkmalen wie unpersönlich, modern, fremd, zweckgebunden, nebeneinander, getrennt, flüchtig, künstlich, mechanisch und artifiziell¹⁴. Noch größeren Einfluss hatte aber wohl Georg Simmels Vortrag *Die Großstädte und das Geistesleben* von 1903, in dem er die Großstadt als einen Ort beschreibt, in dem die Moderne ihr ganzes Bedrohungspotential zeigt, was sich in einer depravierten Entfaltung von Sinnlichkeit und rücksichtsloser Individualität niederschlägt. Dazu kommt noch, dass die Stadt als lauter, lärmender Ort wahrgenommen werde, in dem Ehrgeiz, Oberflächlichkeit und letztlich Dekadenz das Zepter schwängen¹⁵.

Aber natürlich ist das nur eine Seite der Medaille, denn auch die Stadt ist nicht ausschließlich negativ konnotiert. Zunächst ist — genau wie ‘das Land’ — auch ‘die Stadt’ eine Abstraktion: «The city [...] has been of many kinds: state capital, administrative base, religious centre, market-town, port and mercantile depot, military barracks, industrial concentration»¹⁶. Immer schwingen hier jedoch die Bedeutungen Fortschritt, Zivilisation, Modernität, pulsierendes Leben mit und auch die literarische Moderne ist untrennbar mit der Großstadt verwoben. Gerade die Stadt, um die es in meinen beiden literarischen Texten geht, Paris, ist vermutlich ohnehin ein Sonderfall, deren negative Implikationen im Allgemeinen eher vernachlässigt werden. Paris hat zunächst eine besondere Bedeutung, weil sie als Stadt im extrem zentralisierten Frankreich schon seit jeher eine Sonderrolle hatte. Im 19. Jahrhundert läuft sie der bis dato wichtigsten Großstadt Europas, nämlich London, den Rang ab, besonders seit sie unter dem Präfekten Georges-Eugène Haussmann unter Napoléon III in großem Stil städtebaulich umgestaltet wird. Dank der zahlreichen (französischen und internationalen) Literaten und anderer Künstler, denen sie als Inspirationsquelle diene, avanciert Paris «in dieser Zeit zur “Hauptstadt des 19. Jahrhunderts” (W. Benjamin) und ebenso zur Hauptstadt einer Weltkultur im Zeichen der Moderne»¹⁷. Der hier zitierte Stierle ist übrigens ein Beispiel dafür, dass die Kritik das 19. Jahrhundert in Bezug auf Frankreich und Paris offenbar gerne zusammen mit dem *Second Empire* enden lässt. Tatsächlich ist Paris im letzten Drittel des 19. Jahrhunderts immer noch ‘die Stadt’ par excellence: schicker als London, mondäner als New York, nicht nur ‘Hauptstadt des 19. Jahrhunderts’, sondern «capitale de l’univers»¹⁸. Für die Weltausstellung von 1889 baut Gustave Eiffel den nach ihm benannten Turm und zum Anlass dieser Weltausstellung schlägt Paris noch einmal alle in dieser Hinsicht bekannten Rekorde¹⁹. Allerdings ist sein Stern schon seit einigen Jahren deutlich im

¹⁴ *Apud* BAUMANN, 2018: 33.

¹⁵ *Apud* HAUSER, 1990: 7s.

¹⁶ WILLIAMS, 1973: 13.

¹⁷ STIERLE, 1993: 903.

¹⁸ HIGONNET, 2005: 313.

¹⁹ HIGONNET, 2005: 313s.

Sinken. Die Niederlage im Deutsch-Französischen Krieg 1870/71, die Dreyfus-Affaire ab 1894, all das hatte am Image der Stadt doch tiefe Kratzer hinterlassen und nicht nur die politische sondern auch die kulturelle Strahlkraft geschwächt. Und obwohl immer noch gilt, dass Paris mit seinen Theatern, Salons, Abendgesellschaften, seinem Luxus das Zentrum gesellschaftlicher Eleganz und *savoir vivre* ist, zeigt die Stadt gleichwohl erste Anzeichen der Irrungen, Wirrungen, ja Perversionen.

Damit ist der Rahmen gesetzt, in dem sich meine beiden Textlektüren bewegen. Beide Male ist die Stadt, um die es geht, das Paris des ausgehenden 19., beginnenden 20. Jahrhunderts, die ländlichen Räume sind das nördliche Portugal sowie die dänische Provinz.

Zunächst ein Blick auf *A Cidade e as Serras*, den letzten, 1901, ein Jahr nach seinem Tod veröffentlichten Roman von Eça de Queirós. Der Text greift ein Sujet auf, das der Autor schon in der Erzählung *Civilização* (1892) behandelt hatte²⁰ und wurde aus verschiedenen Gründen nicht weiter beachtet. Nach einem abschätzigen Urteil von Jacinto de Prado Coelho aus dem Jahr 1969 schien es endgültig um den Text geschehen zu sein: «o que podia ser uma obra profundamente irónica redundou num jogo de espírito superficial, na demonstração, diletante e mal estabelecida, dum tese reaccionária»²¹. Die 'reaktionäre These' die Prado Coelho meint, ist die, dass Eça de Queirós am Ende seines Lebens sozusagen reumütig dem Land den Vorzug geben würde, also den klassischen Stadt-Land-Topos, wie eben beschrieben, bedient.

Was nun das 'Land' betrifft, ist zuerst zu konstatieren, dass Eças Titel das gar nicht aufruft, sondern die *serras*, was jedoch gewissermaßen eine *gradatio* darstellt: 'Berge', 'Gebirge' rufen das Bild großer Höhen hervor, schwierig zu erreichen, einsam, abgelegen, rau, gleichzeitig aber evozieren sie auch eine mythische, ja metaphysische Dimension, die eines mühevollen Aufstiegs zu einem hoch symbolhaften Ort²². Und schließlich: die *serras*, um die es hier geht, liegen in Portugal, d.h. aus der französischen Perspektive des 19. Jahrhunderts befindet sich das im hintersten Winkel der zivilisierten Welt, in einem wirtschaftlich unterentwickelten, völlig rückwärtsgewandten, von politischen Unruhen geschüttelten Land mit einer wankenden Monarchie usw., auf jeden Fall nicht auf den ersten Blick eine 'Idylle'. Mit der *cidade* Paris kontrastiert²³ hätte man hier also zwei geographische Räume, die sich problemlos für eine Interpretation nach dem klassischen Topos eines unüberbrückbaren Abgrunds zwischen den beiden Sphären anbieten würde.

Bei genauerer Betrachtung zeigt sich jedoch, dass schon der Titel einen solchen Gegensatz eigentlich gar nicht aufbaut. Es geht nicht um das disjunktive *cidade* oder

²⁰ PIWNIK, 1988: 109.

²¹ PRADO COELHO, 1996: 212.

²² FURTADO COELHO, 2015: 256s.

²³ In Ur-Erzählung *Civilização* war die städtische Kontrastfolie noch Lissabon gewesen! PIWNIK, 1988: 110.

Land/*serras*, sondern ganz im Gegenteil um die Konjunktion *a cidade e as serras* und es gibt zahlreiche Elemente, die darauf hindeuten, dass Eça de Queirós keineswegs eine kontrastive Inszenierung der beiden Bereiche im Sinn hatte²⁴, ebenso wenig wie eine Art Synthese oder Aussöhnung der klassischen Antagonismen. Worum es ihm mit seinem Blick auf zwei sich eigentlich gegenseitig ausschließende Konzepte ging, wird nun zu klären sein.

Die Grundstruktur von *A Cidade e as Serras* ähnelt einem perfekt ausbalancierten Diptychon: acht der insgesamt 16 Kapitel sind Paris gewidmet, acht weitere den *serras*, was man schon als formales Indiz dafür werten kann, dass die beiden Bereiche gleichwertig sind. Ein interessantes Problem, das sich von Beginn an bei dieser Gegenüberstellung von Paris und den *serras* auftut, ist die Rolle des Erzählers (in dem viele fälschlicherweise ein Sprachrohr des Autors vermutet haben²⁵), den eine dezidierte ‘Unbestimmtheit’ kennzeichnet. Dieser Erzähler, Zé Fernandes ist seit Jugendtagen ein sehr enger Freund des Protagonisten Jacinto, der ihm jedoch finanziell und intellektuell weit überlegen ist. Trotzdem liebt er Jacinto aufrichtig und bewundert ihn grenzenlos. Er tut zwar so, als sei er ausschließlich der getreue Chronist des Lebens des Protagonisten, aber er ist eben kein allwissender, zurückgezogen neutraler Erzähler, der alle Fäden seiner Erzählung souverän in der Hand hielt. Er ist vielmehr eine Art (voreingenommener) Zeuge, d.h. kein Erzähler, dem der Leser vollständig trauen könnte, technisch gesprochen also ein klassischer unzuverlässiger Erzähler, was viele Kommentatoren zwar bemerkt haben, ohne jedoch die Reichweite dieser Tatsache richtig abzuschätzen. David Frier spricht an einer Stelle von einem «enigmatic first-person narrator [with an] openly subjective stance [...] whose opinions and moods change frequently»²⁶. Der Leser nimmt die Romanhandlung, die Figuren nur aus den Augen, der Perspektive von Zé Fernandes wahr, er erfährt zu keinem Zeitpunkt irgendetwas aus der Perspektive Jacintos. Zé Fernandes fällt alle Urteile, stellt Vermutungen über den Geisteszustand seines Freundes an, sogar wenn er gar nicht bei ihm in Paris (sieben Jahre lang!) oder im nordportugiesischen Tormes (immerhin mehrere Monate) anwesend ist. Über diesen wendigen/windigen Erzähler erfährt man übrigens auch nicht besonders viel, außer dass er sich selber für träge und faul hält, aus der Universität Coimbra hinausgeworfen wurde und geradezu lustvoll seine Ignoranz in vielen Dingen zur Schau stellt. Er unterstreicht immer wieder seine Mittelmäßigkeit, was im Übrigen nicht wahr ist, denn er zeigt sich auch häufig intelligent, ist ausgesprochen belesen und was sein positives Wissen betrifft, durchaus auf der Höhe der Zeit. In Paris spielt er den ‘Mann vom Land’, in Tormes jedoch gibt er den Advokaten der verlorenen Zivilisation. Von Zeit zu Zeit

²⁴ SOUSA, 1996: 42, oder PIEDADE, 2002: 14.

²⁵ Z.B. PINHEIRO TORRES, 1976: 18.

²⁶ FRIER, 2013: 220.

zögert er in seiner Erzählung, formuliert Zweifel darüber, was er gerade berichtet hat, täuscht sich relativ häufig über Fakten, über Daten (z.B. über Jacintos Alter, das man nie genau erfährt) usw. Aber sein Erzählstil ist auch gekennzeichnet durch einen sehr feinsinnigen Humor und ständige Ironie, auch Selbstironie, so dass man ihn auf keinen Fall ganz ernst nehmen, ihm vertrauen könnte.

Diese ausgesprochen heterogen konzipierte Figur ist also die Quelle der *énonciation* und seine Absicht scheint zu sein, Jacinto, und mit ihm den Leser, von der Überlegenheit des Landlebens gegenüber dem Stadtleben zu überzeugen. Allerdings lautet nicht nur der Titel des Romans *A Cidade e as Serras*, sondern es gibt tatsächlich so etwas wie Interaktionen zwischen den beiden Räumen. Man beobachtet sogar eine Art reziproker systematischer Invasion des einen Bereichs durch den anderen²⁷; d.h. auch wenn die Romanstruktur auf der Oberfläche eine perfekte Zweiteilung suggeriert und auch wenn die beiden physischen Räume klar voneinander getrennt sind, gilt das keineswegs für die respektiven Implikationen und Anspielungen: es gibt zu viele Indizien, die zu einer etwas subtileren Lektüre einladen.

Beginnen wir mit Paris, dem Zentrum der Modernität, der Zivilisation und des Fortschritts, was die Stadt übrigens bis zum Schluss bleibt. In der ersten Hälfte des Romans lebt der Protagonist Jacinto, ein junger, in Frankreich geborener Portugiese, dessen außerordentlich reicher Großvater aus politischen Gründen ins Exil ging, das verschwenderische Leben eines blasierten Dandys in der oberen Gesellschaft von Paris. Eça de Queirós gibt sich viel Mühe, die Romanhandlung im großartigen Paris des 19. Jahrhunderts zu verankern. Jacinto ist zwischen 1852 und 1854 geboren, er kennt also die Hauptstadt des *Second Empire* am Zenit ihres Ruhms, aber er hat auch mit dem Ende der Herrschaft Napoléons III, dem verlorenen Deutsch-Französischen Krieg, der Pariser Kommune, den holprigen Anfängen der Dritten Republik etc. das beginnende Verblässen dieses Nimbus miterlebt. Diese eigenartige Ambiguität des Pariser Hintergrunds spiegelt sich deutlich im Text, zunächst in der Beschreibung all der technischen Neuheiten, die der Protagonist für unverzichtbar hält und die ihm als die Materialisierung (technischen) Fortschritts und Zivilisation erscheinen, den nur die Großstadt garantiert: in seinem luxuriösen Apartment — n. ° 202, Champs-Élysées — hat er alle sinnvollen und sinnlosen Errungenschaften der modernen Technik zu seiner Verfügung (72)²⁸. Darüber hinaus besitzt er eine Bibliothek von über 30.000 Bänden, die das gesamte positivistische Wissen seiner Zeit akkumulieren, die er aber nicht liest. Er bewundert Paris, das für ihn der einzige einigermaßen zivilisierte Ort der Welt ist, an dem man leben könne und er fürchtet sich vor allem, was einen Touch von Natur hat, inklusive des Bois de Boulogne, den er jedoch für

²⁷ SOUSA, 1996: 13.

²⁸ Die Seitenangaben in Klammer beziehen sich auf folgende Ausgabe: EÇA DE QUEIRÓS, 1999 [1901].

die allnachmittägliche Promenade der Reichen und Schönen leider nicht vermeiden kann. Ähnliches gilt für die Gesellschaft des zeitgenössischen Pariser Ambiente, in dem er sich bewegt und zu dem er Dank seines immensen Reichtums und seines Status' als Ausländer Zugang hat: neben zahlreichen Frauen und Männern aus der Pariser Aristokratie, finden sich hier auch der Direktor einer großen Zeitung, ein Möchtegern-Schriftsteller, ein 'mythischer' Maler, ebenso wie ein Psychologe *à la mode* oder auch der im 19. Jahrhundert unvermeidliche Anarchist vom Dienst²⁹. Trotz einiger offensichtlicher Nachteile, die es in Paris gibt und derer sich Jacinto bewusst ist (eine gewisse graue Eintönigkeit, der aufwändige Lebensstil, hermetisch geschlossene gesellschaftliche Zirkel, aber auch abstoßende Arbeitersiedlungen, etc.), ist er glücklich, in diesem quirligen Hotspot der Moderne zu leben.

All das kann nicht verhindern, dass er nach einigen Jahren völliger Reizüberflutung, einem immer größer werdenden *ennui* zum Opfer fällt, den seine intensiven Lektüren von Schopenhauer und des alttestamentlichen Buchs *Kohelet* mit ihrem Skeptizismus und Pessimismus nur noch verstärken. Dass er seines Ambientes überdrüssig wird, gilt übrigens nicht für seine illustren Freunde; diese langweilen sich überhaupt nicht mit ihren klein(lich)en alltäglichen Affären und Intrigen, ihren Promenaden im Bois de Boulogne, den Abenden im Theater, den Soupers mit ausgesuchten Freunden und sie finden an diesem Lebensstil auch nichts auszusetzen. Genauso wenig wie Zé Fernandes, der die Gastfreundschaft seines Jugendfreundes in vollen Zügen genießt, obwohl er gleichzeitig ständig vollmundig die Vorzüge des einfachen Lebens auf den *serras* predigt und der über Jacintos Lebensstil, den er ja mit lebt, vergisst, dass er eigentlich nach Paris gekommen war, um seine Studien des Rechts abzuschließen und der sich, gelegentlich auf sehr schlüpfrige Art, in der französischen Hauptstadt königlich amüsiert. Was hier wichtig ist festzuhalten, ist die Tatsache, dass sich die Stadt Paris mit ihrer Aura von Modernität, Fortschritt und einer gewissen Dekadenz im Laufe des Romans nicht verändert: es ist lediglich Jacintos Attitüde gegenüber seiner Wahlheimat, die eine Modifikation erfährt! Dass Paris ab einem bestimmten Moment mehr und mehr alle Laster nach der Art der großen Hure Babylon zu inkarnieren scheint, ist ein persönliches Problem, ja eine individuelle Schrulle des Protagonisten und hat nicht essentiell etwas mit Paris an sich, der Hauptstadt des 19. Jahrhunderts, zu schaffen³⁰.

Als er schließlich eines Tages überraschend informiert wird, dass ein von Regenmassen ausgelöster Erdbeben in Portugal die Gebeine seiner Vorfahren aus ihren Gräbern freigelegt hat, ergreift er die Gelegenheit, sich das erste Mal in seinem Leben nach Portugal zu begeben, um sich persönlich um die Angelegenheit zu

²⁹ PIWNIK, 1988: 114s.

³⁰ SOUSA, 1996: 50s.

kümmern. Nun wäre erwartbar, dass «sich das Motiv der Heimkehr [...] mit dem einer „Gesundung“ von den Krankheiten der städtischen Zivilisation»³¹ verbindet, aber der Leser wird diesbezüglich enttäuscht.

Portugal, für das Tormes in den *serras* metonymisch steht, entpuppt sich nämlich gar nicht als das ideale Paradies am Ende der Welt. Der Ort hat eigentlich nichts von einem *locus amoenus*, ganz im Gegenteil: von Beginn an ist der Leser, was den ländlichen Raum betrifft, mit einem recht kruden Realismus konfrontiert, was bereits mit seinem ersten ‚Auftritt‘ beginnt, nämlich mit dem gerade erwähnten verhängnisvollen Erdbeben. Alle Neuigkeiten, die Jacinto aus seiner Heimat erfahren hatte (von Furunkeln, die den örtlichen Priester plagten, über die Hämorrhoiden des Onkels von Zé Fernandes bis hin zu den rheumatischen Attacken und Brechreizanfällen seiner Tante, was alles von dem schwierigen klimatischen Verhältnissen bedingt wird!), widersprechen ganz offen dem bukolischen Image, das Zé Fernandes im Geiste seines Freundes hervorzurufen versucht. Was die *serras* als konkreten geographischen Raum betrifft, trifft das Bild der Idylle ebenfalls nicht zu, auch wenn sich die Natur in üppigem Grün präsentiert, als die beiden Freunde zu Beginn des Sommers dort ankommen. Es geht ohnehin nicht um eine Natur in ihrem primitiven Urzustand, es handelt sich eher um eine Art ‚zivilisierte‘ Natur, bearbeitet, mit großen Mühen bebaut, sie ähnelt einem sorgfältig bestellten Garten. Tatsächlich findet Jacinto schnell Gefallen am einfachen Leben auf dem Land und entwickelt eine ganz andere Persönlichkeit als die, die er in Paris an den Tag gelegt hatte. Er scheint schließlich einen Lebenssinn gefunden zu haben, er macht sich mit seinem Vermögen nützlich, indem er einige *gadgets* des modernen Lebens einführt: er baut solide Häuser mit Badewannen für seine Landarbeiter, er lässt mehrere Telefonleitungen installieren und denkt auch darüber nach, eine Schule, eine Bibliothek, eine Apotheke und sogar einen Gemeindesaal zu errichten, in dem Vorfürungen mit einer *Laterna magica* stattfinden sollen, «para ensinar a esta pobre gente as cidades desse mundo, e as coisas de África, e um bocado de História.» (200). Er endet schließlich als eine Art Wohltäter der ganzen Gegend, den die Menschen mit dem Titel *o nosso bemfeitor* ehren, der sich verliebt, heiratet und ein verantwortungsvoller Familienvater wird.

Damit das aber nicht kurzerhand in ein vollkommenes ländliches Idyll kippt, erfährt der Leser aber sogleich, dass mit all diesen Segnungen der Zivilisation, die Jacinto mit den besten Absichten in Tormes einführt, auch ungewollte, ungeliebte Aspekte der Modernität und der ‚Zivilisation‘ dort Einzug halten. Von seiner letzten Reise nach Paris hat Zé Fernandes, der dort den alten Freundeskreis, unverändert erstarrt in seinen Gepflogenheiten und Marotten von einst wiedergefunden hat, einen Stapel Illustrierte mitgebracht, «todas recheada de mulheres nuas, de histórias sujas,

³¹ MECKLENBURG, 1982: 24.

de parisianismo, de erotismo» (245s.) was im Grunde einmal mehr seinen etwas widersprüchlichen Charakter beweist, denn noch in Paris hatte er sich angewidert gezeigt von dem erotischen Tsunami, der Paris während seiner kurzen Anwesenheit überrollt hatte. Auf Jacintos Anweisung hin wirft er diesen Stoß erotischer Magazine in einen Mülleimer am Bahnhof. Sobald jedoch die beiden Freunde den Rücken gekehrt haben, fischt der portugiesische Bahnhofsvorsteher mit dem sprechenden Namen 'Pimenta', alles wieder sorgfältig heraus: «apanhava, sacudia, recolhia com amor aquelas belas estampas, que chegavam de Paris, contavam as delícias de Paris, derramavam através do mundo a sedução de Paris» (246). Auch wenn also die Unterschiede zwischen den beiden geographischen Räumen Paris und Tormes aus offensichtlichen Gründen gewaltig sind und ins Auge springen, so werden doch ihre Implikationen weder verunglimpft noch idealisiert: sowohl die Stadt als auch die *serras* haben ihre Vorteile und ihre negativen Seiten, die sich am Ende die Waage halten.

Neben diesen Gegensätzen, die sich bei genauerer Betrachtung als nur oberflächliche erweisen, kann man auch eine Reihe von Ereignissen konstatieren, die zwischen Paris und Tormes sozusagen parallel geführt werden, was erneut ihre Gleichwertigkeit unterstreicht. Ein gutes Beispiel sind zwei 'Katastrophen', zunächst eine 'Überschwemmung' in Paris und der Erdbeben in Tormes. Letzterer (69s.) hat eine 'natürliche' Ursache, die starken Regenfälle infolge eines Unwetters. Es gibt jedoch ein 'kulturelles' Pendant dazu in Paris, wo eine zweite Überschwemmung stattfindet, als Jacintos Apartment an den Champs-Élysées nach einem Wasserrohrbruch von heißem Wasser überschwemmt wird. Das ist sogar eine Notiz im *Figaro* wert und ein eilends vorbeigesandter Reporter fragt nach, ob es Tote gegeben hätte (43s.). Ein zweites Beispiel einer — sehr viel lächerlicheren — Katastrophe, die parallel in Paris und Tormes stattfindet ist ein großes Fest, das hie und da jeweils mit äußerster Sorgfalt geplant wird, jedoch beide Male krachend schiefgeht. In Paris geht es um ein Souper, das Jacinto zu Ehren des Großherzogs Casimir und für seine übliche Clique veranstaltet: der Hauptgang fällt sozusagen der modernen Technik zum Opfer, als ein elektrischer Speiseaufzug seinen Geist aufgibt, zwischen zwei Etagen stehenbleibt und alle Anstrengungen, ihn wieder in Gang zu bringen scheitern (65ss.). Als gute Freunde arrangiert man sich so gut es geht ohne Hauptgang, aber der Abend ist definitiv ein Desaster. Auch in Tormes wird eines Tages ein Fest veranstaltet, das Zé Fernandes zur Feier seines Geburtstags organisiert und bei dem er gleichzeitig seinen frisch angekommenen Freund in die (land-) aristokratische Gesellschaft von Tormes einführen will. Aber auch hier geht alles schief. Zunächst ist der Ehrengast, die Cousine Joaquina, die Zé Fernandes seinem Freund unbedingt präsentieren wollte, durch eine Krankheit ihres Onkels verhindert. Die einzelnen Gänge des Festmahls, von Hand hereingetragen, sind kein Problem, doch Zé Fernandes gelingt es nicht, die

frostige Atmosphäre, die unter den Gästen herrscht, etwas aufzulockern. Seine Gäste unterstellen Jacinto ultrareaktionäre politische Ansichten und sie fürchten seinen potentiell verhängnisvollen Einfluss auf ihre kleine abgeschiedene Welt, so dass alle Bemühungen Zé Fernandes', eine gesittete Unterhaltung in Gang zu bringen, nichts fruchten. Zu guter Letzt bricht auch noch im Moment der Abfahrt der Gäste ein Gewitter los, das alle bis auf die Haut durchnässt, so dass auch dieses Fest in einem totalen Fiasko endet. Und nachdem solche Katastrophen sowohl in der Stadt als auch in den *serras* stattfinden, kann wiederum keiner der beiden Bereiche den Anspruch auf Vorherrschaft erheben.

Eine andere Konstante, die den Roman wie ein roter Faden durchzieht ist die Tatsache, dass die beiden Freunde gerne und ausführlich philosophieren und diesbezüglich kann man eine gewisse Entwicklung feststellen. In Paris ist Jacinto der Fürsprecher des Lebens in der Stadt, deren Modernität und Zivilisationsgrad er immer wieder hervorhebt, während Zé Fernandes hier die Pose des Menschen vom Lande annimmt, der ohne Unterlass dem Lobpreis von Paris seines Freundes die Vorzüge des ländlichen Lebens in den *serras* entgegenhält. In Tormes sind die Rollen plötzlich umgekehrt. Über die gleichen Themen wie immer weiterhin freundschaftlich streitend, ist es jetzt Jacinto, der etwas überraschend nur noch die verführerischen Aspekte des Lebens in seiner neuen ländlichen Umgebung sieht, so dass sich plötzlich Zé Fernandes in der Notwendigkeit sieht, die etwas zu naiven Illusionen seines Freundes bezüglich des Lebens in den *serras* zu korrigieren.

Zwei Mal diskutieren die beiden auch über das Schicksal des Proletariats. Zuerst in Paris, wo sie sehr klarsichtig feststellen, dass der Fortschritt und der Luxus, den sie in ihrem schönen Apartment auf den Champs-Élysées genießen, auf dem Rücken und der Misere der amorphen Masse der Arbeiterklasse gebaut ist, die in den eintönig grauen *banlieues* von Paris vegetieren. Von einem Anfall schlechten Gewissens ergriffen, weil er einer privilegierten Klasse angehört, konstatiert Jacinto: «O resto, a escura, imensa plebe, só nela [a cidade de Paris] sofre, e com sofrimentos especiais que só nela existem» (88). Darin täuscht er sich allerdings. Wenn es spezifische Leiden für die Armen der Stadt gibt, so gibt es auch spezifische Leiden der Armen auf dem Land. Noch ganz gefangen in der Euphorie, endlich sein kleines Paradies in Tormes gefunden zu haben, ist Jacinto schockiert feststellen zu müssen, dass auch die Landarbeiter in seinen Diensten im bukolischen Ambiente der *serras* in tiefem Elend und großer Armut leben, genau wie die Proletarier in den Städten: «Que miséria, Zé Fernandes, eu nem sonhava... Haver por aí, à vista de minha casa, outras casas, onde crianças têm fome! É horrível...» (194). Das ist ein offener Widerspruch zu der Hypothese von Zé Fernandes, der in Paris behauptet hatte, dass Portugal in seiner Einfachheit und Rückständigkeit den Armen gegenüber wohlwollender wäre, als die anonyme Großstadt.

Zu guter Letzt lohnt auch der Vergleich des Status' der Frauen in den beiden geographischen Räumen: In Paris verkehrt Jacinto wie erwähnt mit den Frauen der oberen Gesellschaftsschichten. Obwohl sie reich, schön und begehrt sind, sind die Mehrzahl dieser Frauen nicht gerade ein Ausbund vorbildlicher Lebensführung. Es gibt alle möglichen Varianten ehelicher Untreue, 'echte' Prostituierte, von großen Kokotten bis hin zu Straßendirnen usw. Das Bild der Damenschaft von Paris ist alles in allem nicht sehr verlockend. Allerdings sieht die Bilanz im ländlichen Portugal kaum besser aus. Zwar gibt es eine ganze Menge sehr hübscher Mädchen, aber laut Jacinto fehlt ihnen allen so etwas wie Poesie und Sensibilität. Wenn die verheirateten Frauen von Tormes auf den ersten Blick tugendsamer wirken (was weder Jacinto noch Zé Fernandes beurteilen können, weil sie die *chronique scandaleuse* der Gegend nicht kennen), dann deshalb, weil sie überwiegend hässlich oder schreckliche Megären sind. Auch auf dem Feld der Frauen gibt es keine großen Unterschiede zwischen Paris und Tormes.

Man könnte die Reihe der Beispiele, die diese Parallelführung zwischen Frankreich und Portugal, respektive Stadt und Land, beinahe beliebig fortführen und kommt immer zu dem Ergebnis, dass weder die Großstadt Paris noch Tormes in den ländlichen *serras* in irgendeiner Weise die Oberhand gewinnen. Deshalb hier eine vorläufige Bewertung des portugiesischen Textes. Die Beispiele haben gezeigt, dass Eça de Queirós eben gerade nicht den alten Topos der unüberbrückbaren Opposition zwischen den beiden Sphären und Konzepten übernimmt. Ganz im Gegenteil erweisen sich die beiden Bereiche als intim und subtil miteinander verbunden, sie überwuchern sich gegenseitig und es gibt viele Überschneidungen und wechselseitige Einflüsse. Natürlich ist es möglich, die Bewegung Jacintos von Paris nach Tormes zu interpretieren als eine mythische Queste der Selbstfindung³², als herbe Kritik an der gehobenen Bourgeoisie Frankreichs und der portugiesischen Aristokratie gegen Ende des 19. Jahrhunderts³³, als seine Art von «recovery of a sense of self, accompanied by a healthy balance between the inner self and external reality»³⁴, oder als Allegorie des menschlichen Lebens in ihrem Bemühen, ein Ideal zu erreichen³⁵; der Text erlaubt solche Lektüren, aber sowohl der unzuverlässige Erzähler, als auch das ironisch-märchenhafte Ende à la *and they lived happily ever after* mahnen eigentlich zur Vorsicht vor solch simplifizierenden Lesarten. Meiner Meinung nach verwendet Eça de Queirós den alten Stadt-Land-Topos nicht in diesem Sinn. Mir scheint, dass diejenigen Recht hatten, die *A cidade e as serras* als einen der ersten typischen Romane der Moderne gesehen haben, dessen 'Modernität' just in

³² DA COSTA, 1968.

³³ LEPECKI, 1974, 127.

³⁴ FRIER, 2014: 117.

³⁵ SOUSA, 1996: 203.

der «Ambivalenz seiner Aussage»³⁶ liegt, in seiner großen Zahl an problematischen semantischen Polyvalenzen und in seinem offenen Ende³⁷. *Qua* moderner Roman erlaubt (sich) der Text eben keine letztgültigen Urteile, er verweigert absichtlich eine *conclusio*. Der Text bezieht nicht eindeutig Stellung, jede affirmative Feststellung wird sogleich durch die subtile Andeutung der Möglichkeit ihres Gegenteils unterminiert. Die evidenten Gegensätze werden auch nicht gegeneinander ausgespielt und es bleibt dem Leser überlassen, sich eine Meinung zu bilden, Schlüsse zu ziehen in einer Welt der beginnenden Moderne, in der alles im Fluss ist.

Während sich bei Eça de Queirós schon rein formal Paris und Tormes die Waage halten, stellt sich diese 'Aufteilung' in den *Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* etwas komplexer dar. Die Teile, die jeweils Paris bzw. die dänische Provinz betreffen, sind nicht sauber getrennt, sondern ineinander gewebt, mit einem leichten quantitativen Übergewicht für die Kindheit/Jugend auf den dänischen Landgütern Ulsgaard (von der väterlichen Brigge-Seite) und Urnekloster (von der mütterlichen Brahe-Linie)³⁸. Längere Reflexionskapitel sowie Berichte aus St. Petersburg oder Venedig fallen aus diesem Schema heraus, aber insgesamt ist die Opposition zwischen dänischer Provinz und Paris, die übrigens auch eine zeitliche ist, da sie mit Kindheit/Jugend (Dänemark) und Erwachsenenalter (Paris) korreliert ist, evident.

Der Text beginnt mit einer Pariser Episode. Während aber im Roman von Eça de Queirós Paris zumindest anfangs positive Seiten hat, als leuchtendes Zentrum des Fortschritts und des guten Lebens inszeniert wird, das hell über Frankreich hinausstrahlt, findet sich hier nichts dergleichen, dies ist ein Aspekt den Rilkes Protagonist völlig ausblendet. Die *Aufzeichnungen* beginnen am 11. September in der Rue du Toullier, wo der Protagonist, der gerade 28 Jahre alt geworden ist, in einem kleinen, billigen Zimmer im 5. Stock wohnt (26). Malte Laurids Brigge ist trotz seiner adeligen Herkunft der letzte Spross seines Geschlechts, das voraussichtlich mit ihm untergehen wird, wozu der Text keine Angaben macht. Er bezeichnet sich selber als arm, was er anhand seiner Kleidung illustriert, die zwar in ordentlichem Zustand ist, die aber dem Kennerblick eine gewisse Schäbigkeit sofort enthüllt (38f.). Über den Text verstreut gibt es immer wieder eher unbestimmte Zeitangaben: «ein schöner herbstlicher Morgen» (20); «ein grauer Pariser Nachmittag» (24); Hinweise darauf, dass Fasching sei (39 und 46), eigentlich eine fröhliche Zeit, wovon aber nichts zu spüren ist. Auffallend ist dabei die Rekurrenz, dass es die ganze Zeit kalt ist (z.B. 47, 190, etc.) und es dominiert die Farbe grau (20, 24 u.ö.), nur ganz selten scheint die Sonne; lediglich in einer der letzten Pariserisoden, in der es auf den Frühling zugeht,

³⁶ SCHWADERER, 2000: 39.

³⁷ SCHWADERER, 2000: 39; FRIER, 2014: 128, oder PIEDADE, 2002: 24.

³⁸ In der Insel Klassik-Ausgabe RILKE, 2021 sind von den 216 Textseiten etwa 75 Paris gewidmet und ca. 100 Seiten der dänischen Provinz. Auf diese Ausgabe beziehen sich die Seitenangaben in Klammern.

zeigen sich die «Turmaufsätze von Saint-Sulpice [...] heiter» (177). Das Paris von Malte Laurids Brigge ist also tendenziell eine düstere, kalte Stadt, was nicht nur an der winterlichen Jahreszeit liegt.

Maltes Spaziergänge durch Paris führen ihn zu den Champs-Élysées (21), den Tuileries (20), dem Boulevard Saint-Michel (61), zur Pont-Neuf (20), dem Jardin du Luxembourg (176), der Bibliothèque Nationale (37, 60) usw., also dem pulsierenden Zentrum von Paris. Aber das registriert er eigentlich nicht. Es ist bezeichnend, dass die *Aufzeichnungen* völlig unvermittelt beginnen mit einer Aufzählung von Pariser Krankenhäusern, von einem *Maison d'Accouchement* (wo ja das Leben beginnt) über ein *Hôpital militaire* (9) einen Umweg über ein *Asyle de nuit* (9) bis hin zum *Hôtel-Dieu* (12s. wo gestorben wird), und der *Salpêtrière* (52ss.). Der Protagonist hat von Beginn an einen Blick für bzw. einen Hang zum Morbiden. Was er zum Beispiel *sieht* (dieser Aspekt ist sehr wichtig), ist die einzige noch stehende Mauer eines abgerissenen Hauses, anhand derer er Spinnen, Staub, verschimmelte Tapeten imaginiert, sowie die abgestandene «zähe, träge, stockige Luft» (45), ausgeatmet, aufgebraucht von Kranken, Rauchern, angereichert mit Schweißausdünstungen, stinkenden Füßen, Urin, Ruß, altem Schmalz und noch einigem mehr (46). Auch laute, unangenehme Geräusche wie läutende elektrischen Bahnen, Automobile, zersplitternde Scheiben, das Kreischen von Mädchen — oder der vollkommene Stille, die das Schlimmste ist (10) stürmen auf ihn ein, alle Sinne melden gewissermaßen negative Eindrücke von der Stadt.

Die Personen, die sich seinem Gedächtnis einprägen, sind in erster Linie solche, die er als 'Fortgeworfene' bezeichnet. Es ist eine skurrile Menagerie, die er in dieser Hinsicht sammelt: eine Frau an der Ecke Rue Notre-Dame-des-Champs, die durch eine plötzliche Reaktion scheinbar die Maske ihres Gesichts in der Hand behält (12); ein blinder Gemüsehändler mit einer eckigen, hässlichen Begleiterin (43s.); ein unförmig großer Mann, der plötzlich in der Crémèrie, in der Malte täglich billige Mahlzeiten isst, stirbt (48s.); ein Mann auf dem Boulevard Saint-Michel, der einen Veitstanz aufzuführen scheint, weshalb sich alle über ihn lustig machen, bis ihn ein epileptischer Anfall niederstreckt (61-66); wieder ein blinder Zeitungsverkäufer am Jardin du Luxembourg, der ihm Angst macht und irgendwie ebenso fasziniert wie anwidert (176s.). Das erste Mal, dass er sich selbst zu den Fortgeworfenen zählt, ist anlässlich eines Besuchs im Hôpital de la Salpêtrière, das am Ende des 19. Jahrhunderts ein Krankenhaus zur Behandlung psychischer Störungen und psychiatrischer Erkrankungen sowie das Zentrum der Forschungen zur Hysterie war. Offensichtlich hat ein Arzt dem hochneurotischen Malte einen Termin zum 'Elektrisieren' verschrieben, für den er nun vorstellig wird. Doch von Anfang an kommen ihm die Insassen oder Angestellten vor wie Sträflinge und die labyrinthische Anlage des Gebäudes wirkt sehr bedrückend auf ihn. Der Warteraum ist voll, die Atmosphäre ist beklemmend, die Luft ist zum Schneiden und er wird wieder und wieder vertröstet. Er beginnt, wie

in einem Käfig auf und ab zu laufen, was ihm bald verboten wird. Er betrachtet, die wartenden Patienten, Männer, Kinder, Frauen, Mädchen, deren skizzenhafte, makabre Beschreibungen physische und psychische Abgründe des Menschseins erahnen lassen. Er hört lugubre Geräusche aus den Behandlungszimmern, die um den Warteraum herumgruppiert sind: erschreckte Schreie eines Kindes, halblaute Anweisungen, das «angenehm fabrikmäßig[e]» (57) Schnurren von Maschinen (was ihm keine Angst macht), energische Befehle usw. Das alles wird ihm zu viel und er macht sich verwirrt und kopflos aus dem Staub. Die Beschreibung dieser Episode, die sich über sieben Seiten hinzieht, ist symptomatisch für Maltes Eindrücke von Paris, wo sich Fortschritt und Effizienz (das Krankenhaus an sich, das Elektrisieren, die kühl distanzierenden Ärzte) paaren mit Bildern abstoßenden Menschseins, was wie oben gesehen eine Konstante der Pariser Impressionen ist.

Gleichzeitig aber resultiert aus diesen in erster Linie angsteinflößenden Beobachtungen für Malte auch etwas Positives: Er lernt sehen (10) und zwar ein «schöpferisch inspirierende[s] Sehen»³⁹, das erst unter großen Mühen erlernt werden muss, bevor er die ihn ängstigenden Eindrücke «in einen produktiven, enthusiastischen Zustand»⁴⁰ umwandeln und ihm die Stadt zur «Inspirationsquelle und Ort des dichterischen Enthusiasmus»⁴¹ werden kann. Der an Paris fast zugrunde gehende Malte schreibt sich, nachdem er sein obsessives Sehen in einen künstlerischen Blick umgewandelt hat, aus der Stadt hinaus, befreit sich aus der finsternen Realität durch seine künstlerische Produktion⁴², so dass dem Schrecklichen, das ihn in Paris bestürzt, insgesamt gewissermaßen auch eine positive Seite abgerungen werden kann.

Gleichwohl scheint folgende Interpretation auf den ersten Blick naheliegend: «Malte hat deutlich ein ambivalentes Verhältnis zu dieser Weltstadt [...]. Er verliert dort seinen inneren Halt [...] und flüchtet in seinen Gedankengängen zurück in die dänische Provinz [...]. Dort ist er existentiell verankert und geborgen [...]»⁴³. Dieser oberflächliche Eindruck trägt jedoch. Zwar ist in der dänischen Provinz tatsächlich immer Sommer, weil man den Winter in der Stadt zu verbringen pflegt (98), aber es ist auch kaum die Rede davon, dass die Sonne schiene, die Atmosphäre freundlich und heiter sei. Aber schon die erste Szene, die erste Erinnerung an das väterliche Gut Ulsgaard evoziert den Tod des Großvaters, des Kammerherren Christoph Detlev Brigge, ein schwerer, entsetzlicher Tod, der zehn Wochen lang das ganze Gut in seinen egoistischen Würgegriff hielt und alles normale Leben zum Erliegen brachte. Die Familie des Vaters zeichnet sich insgesamt durch einige sehr autoritäre Figuren

³⁹ SCHULZE-WITZENRATH, 2017: 235.

⁴⁰ SCHULZE-WITZENRATH, 2017: 236.

⁴¹ SCHULZE-WITZENRATH, 2017: 239.

⁴² STIERLE, 1996: 404.

⁴³ KRYSZTOFIK, 1994: 132.

aus, aus denen die Großmutter Margarete Brigge besonders hervorsticht, die die eigentliche Herrin auf Ulsgaard war, keinen Widerspruch duldet, auf niemanden Rücksicht nahm und weder Kinder noch Tiere liebte. Auch der Vater ist streng und unnahbar (86ss.). Ansonsten erinnert sich der Protagonist an sehr ambivalente (Kinder-)Geburtstagsfeiern, die er nicht mochte (90) oder die späte Entdeckung des Lesens und der Welt der Bücher, ein Phänomen, das allerdings so schnell endete, wie es auftauchte (168-171). Als prägende und erneut höchst zwiespältige Szene ist ihm eine in Erinnerung, in der er auf dem Speicher einen Schrank mit nicht mehr benutzten Kleidungsstücken entdeckte, mit denen er sich verkleidete, was eines Tages nach anfänglichem Frohsinn und Freude über eine exotische Maske in einem Desaster endet, als er sich nicht mehr selber aus einer Verkleidung befreien und vor allem die Maske nicht mehr abnehmen konnte, von der er glaubte, sie ersticke ihn, und schließlich ob des Gelächters der Diener, die seine Seelenpein nicht begriffen, ohnmächtig wurde.

In der zweiten Dänemark-Szene wird Urnekloster eingeführt, das Schloss der mütterlichen Seite. Wieder drehen sich die Reflexionen des Protagonisten zuerst um den Tod, dieses Mal den der Mutter, die zu Beginn der respektiven Gedanken schon mehrere Jahre tot ist. An das Haus an sich hat er eher befremdliche Erinnerungen als ein riesiges, aber fragmentiertes Etwas, dessen zahlreiche Räume irgendwie nicht zusammenzuhängen schienen. So ist ihm in erster Linie ein riesiger Speisesaal in Erinnerung, der so etwas wie Seekrankheit bei ihm hervorrief, den er nie bei Tage sah und der ihm Angst machte (31). Die durchweg schweigsamen Tischgenossen, ein alter Oheim, der an Leichen experimentiert, Mathilde Brahe, eine entfernte Cousine der Mutter mit spiritistischen Neigungen, Erik, der schielende Sohn einer weiteren Cousine, der ungefähr das gleiche Alter hat wie der Protagonist (ca. zwölf bis dreizehn Jahre), und schließlich der Großvater, vor dem er Respekt und Ehrfurcht empfindet, sind nicht geeignet, ihm seine Ängste zu nehmen, ebenso wenig wie das von Zeit zu Zeit auftauchende Gespenst von Christine Brahe, das die Essenzzusammenkünfte zu einem noch unangenehmeren Ereignis machte (34s. u.ö.).

Ein eindeutig positiv geprägter Aspekt, der ausschließlich mit der dänischen Provinz verknüpft ist, ist die Erinnerung an zwei Frauen — die übrigens in Paris völlig fehlen. Zum einen sind es die zahlreichen, immer wieder eingestreuten Erinnerungen an die Mutter, ihre Fürsorge und Zärtlichkeit sowie den stillschweigenden Gleichklang zwischen diesen offensichtlich verwandten Seelen; dies sind jedoch eindeutig Kindheitserinnerungen, denn als Malte zwölf ist, ist die Mutter wie erwähnt schon seit Jahren tot. Eine zweite Frau, die eine große Rolle in seiner Kindheit, Jugend sowie im jungen Erwachsenenalter spielte, ist Abelone, die jüngere Schwester der Mutter, die zunächst als eine Art Mutterersatz fungierte, indem sie dem Protagonisten viel von der früh Verstorbenen erzählte (127 u.ö.), und in die er sich als junger Mann,

der die Adels-Akademie besuchte, schließlich verliebte (111). Aber auch bei diesen beiden Schwestern gibt es so eine Art Kehrseite der Medaille. Die Mutter ist, wie gesagt, sehr früh gestorben und Abelone nimmt Malte nicht ernst. Sie neckt ihn des Öfteren, lässt ihn spüren, dass er für sie ein Kind ist, dass sie seine Verliebtheit und seine Liebesbriefe nicht für bare Münze nimmt, weil sie — aussichtslos — einen anderen liebte und der Protagonist das eigentlich weiß (112). Diese Lektürebefunde sprechen nicht dafür, dass die dänische Provinz einen radikalen Gegensatz zu Paris konstituieren würde, den man mit vertraute, idyllische Welt der Kindheit/Jugend charakterisieren könnte.

Darüber hinaus gibt es durchaus einige Grundkonstanten, die sich sowohl durch Paris als auch durch das ländliche Dänemark ziehen. Da ist zunächst die Thematik des Todes, die beide Bereiche von Beginn an verbindet. Zwar stirbt man auf dem Land gewissermaßen standesgemäß mit allem Pomp der dazugehört während man in Paris sozusagen massenhaft für 2 Francs stirbt im Hôtel-Dieu (12s.) oder plötzlich und einsam wie in der Crémérie. Der Tod ist die erste Assoziation, die den Protagonisten zu Beginn der *Aufzeichnungen* in Paris überfällt und sie führt direkt nach Ulsgaard zum entsetzlichen Tod des Großvaters väterlicherseits. Ebenso dauerpräsent ist die Angst Maltes. Schon als Kind fürchtete er sich: als sein Hund starb (141), vor Geistererscheinungen, wenn er allein war, vor den Großvätern, der Großmutter, im Grunde auch vor Erik. Auch in Paris, als inzwischen erwachsener Mensch, ist seine Angst nicht verschwunden. Schon auf S. 12 beginnt eine der ersten Aufzeichnungen mit «Ich fürchte mich.» Diese Furcht wächst sich sogar aus zu einer Art Existenzangst: er hat Angst überfahren zu werden, ihm graut davor krank zu werden oder gar in seinem schäbigen Zimmer zu sterben und er hat Angst vor dem Geliebtwerden. Eine interessante Parallele ist auch das Thema der Masken: wie gesehen legt er in Urnekloster eine an, die er nur mit fremder Hilfe wieder abnehmen kann und die ihn fast in den Wahnsinn treibt. Und in Paris ist eine der ersten Szenen, die er festhält, diejenige der Frau, die «zu schnell, zu heftig [aus sich abhob], so daß das Gesicht in den zwei Händen blieb. Ich konnte es darin liegen sehen, seine hohle Form» (12). Darüber hinaus geht er täglich am Geschäft eines Mouleur, eines Maskengießers vorüber, der zwei Masken an seiner Tür aufgehängt hat: das Gesicht eines jungen Ertränkten sowie eine Totenmaske Beethovens (70). Und eine letzte Konstante, die sich durch das Leben Maltes zieht ist seine Einsamkeit. Schon als Kind hatte er keine Freunde und die Freundschaft mit dem gleichaltrigen Erik ist eher ersehnt als real (104s.). Und auch in Paris kennt der Protagonist niemanden, er lebt sein Leben allein, sieht alles von außen bzw. in seiner Imagination und er bemüht sich auch nicht um irgendwelche Bekanntschaften, um diesem Zustand abzuhelpfen; er ist nachgerade lustvoll einsam.

Zusammenfassend kann man konstatieren, dass auch die *Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* gerade nicht den Topos vom Stadt-Land-Gegensatz in klassischer Weise bedienen. Es geht weder um einen «großstadtfeindliche[n] Affekt», noch um eine «Flucht in nicht-urbane Gegenräume»⁴⁴. Bei Rilke würde man dies eigentlich ohnehin noch weniger erwarten als bei Eça de Queirós, denn er steht von vorneherein nicht in dem Verdacht, irgendeine Wirklichkeit mimetisch reproduzieren zu wollen. Sein Roman ist vielmehr ganz eindeutig der Moderne zuzuordnen, was die Forschung auch gebetsmühlenhaft wiederholt⁴⁵: es gibt keine kontinuierliche Handlung, keinen Erzähler, der den Überblick hätte oder gar ordnend eingriffe, es handelt sich um eine Art Tagebuch mit langen historischen oder literarischen Exkursionen, in die hier und da ein Briefentwurf einfließt, der offensichtlich nie abgeschickt wurde, das Schicksal des Protagonisten bleibt offen usw. Es geht auch nicht (genauso wenig wie bei Eça) darum, einen beklagenswerten gesellschaftlichen Hintergrund zu skizzieren bzw. ein gesellschafts-oder gar modernekritisches Statement abzugeben. Der Zugriff des Protagonisten auf die Welt ist ein dezidiert subjektiver. «Die Gegenständlichkeit der Stadt wird radikal verinnerlicht und durch Bewußtseinszustände des Erzählers vergegenwärtigt»⁴⁶. Das gilt im Übrigen auch für das ländliche Dänemark. Beiden Sphären ist erneut gemein, dass sie nicht gegeneinander ausgespielt werden, weil beide jeweils die Kehrseite ihrer Bewertungen in sich tragen. Bei Rilke wird das abstoßende Paris zur Quelle seines neuen 'Sehens' und der damit verbundenen Bewältigung der existentiellen Unbestimmtheit, der Angst, des Flottierens in einer Welt, die keine Gewissheiten mehr kennt, weder Traditionen, noch Sicherheit gebende verwandtschaftliche Beziehungen, noch Religion, noch technischer Fortschritt (der in den *Aufzeichnungen* kaum eine Rolle spielt). In Dänemark dagegen gesellen sich die warmen Erinnerungen an die Mutter und Abelone zu zahllosen Ängsten, Einsamkeits- und Todeserfahrungen. Auch dieser Text ruft — noch viel radikaler und subjektiver als bei Eça — Möglichkeiten auf, macht seine Leser aber jeweils sofort darauf aufmerksam, dass jede Medaille zwei Seiten hat; er zeigt Alternativen auf, die sich jedoch nicht gegenseitig ausschließen, kurz auch er überantwortet dem Leser die Aufgabe, einen Sinn zu finden in der Welt der beginnenden Moderne, in der die traditionellen Sicherheiten und Landmarken ihre Werte verloren haben: genau wie der alte Antagonismus zwischen Stadt und Land.

⁴⁴ MECKLENBURG, 1982: 78.

⁴⁵ KRYSZTOFIK, 1994: 129; SCHULZE-WITZENRATH, 2017: 317, usf.

⁴⁶ KRYSZTOFIK, 1994: 136.

BIBLIOGRAPHIE

- BAUMANN, Christoph (2018). *Idyllische Ländlichkeit. Eine Kulturgeschichte der Landlust*. Bielefeld: transcript.
- DA COSTA, René (1968). *The Mythic Quest Theme in A Cidade e as Serras*. «Luso-Brazilian Review». 5:2, 71-79. 90).
- EÇA DE QUEIRÓS, José Maria (1999 [1901]). *A Cidade e as Serras*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- FRIER, David, G. (2013). «Tant de monde qu'il n'y a plus personne»: Cosmopolitanism and Local Specificities in *A Cidade e as Serras* by Eça de Queirós. «Comparative Critical Studies». 10:2, 219-240.
- FURTADO COELHO, João (2015). (A) Cidade e as Serras: A Colina Primordial. In CAMPOS MATOS, Alfredo, ed. *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 256-261.
- HIGONNET, Patrice (2005). *Paris, Capitale du Monde*. Paris: Tallandier.
- KRYSZTOFIK, Maria (1994). *Das Spannungsfeld von Großstadt und Provinz in Rilkes «Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge»*. In DUSINI, Arno; WAGNER, Karl, eds. *Metropole und Provinz in der österreichischen Literatur des 19. und 20. Jahrhunderts*. Wien: Zirkular. Sondernummer, 41, pp. 129-138.
- LEPECKI, Maria, Lúcia (1974) *O sentido de A Cidade e as Serras*. In *Eça na Ambiguidade*. Fundação: Jornal do Fundão Editora, pp. 79-133.
- MECKLENBURG, Norbert (1982). *Erzählte Provinz. Regionalismus und Moderne im Roman*. Königstein/Taunus: Athenäum.
- NELL, Werner; WEILAND, Marc (2021). *Der Topos vom guten Leben auf dem Land. Geschichte und Gegenwart*. In NELL, Werner; WEILAND, Marc, eds., *Gutes Leben auf dem Land? Imaginationen und Projektionen vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*. Bielefeld: transcript, pp. 9-73.
- PIEDEDE, Ana Nascimento (2002). *Ironia e Socratismo em A Cidade e as Serras*. Lisboa: Instituto Camões.
- PINHEIRO TORRES, Alexandre (1976). *Os falso códigos edénicos de A Cidade e as Serras*. «Colóquio/Letras». 31, 14-29.
- PIWNIK, Marie-Hélène (1988). *Du «Jasmineiro» au «202», Paris, d'Emile Zola?* In *Eça de Queirós et la culture de son temps*. Paris: Centre Culturel Portugais, pp. 109-122.
- PRADO COELHO, Jacinto do (1996). *A tese de A Cidade e as Serras*. In *A Letra e o Leitor*. 3.^a ed. Porto: Lello & Irmão, pp. 211-217.
- RILKE, Rainer Maria (2021 [1910]). *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*. 4.^a ed. Berlin: Insel Verlag.
- SCHULZE-WITZENRATH, Elisabeth (2017). *Großstadt und dichterischer Enthusiasmus: Baudelaire, Rilke, Sarraute*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag.
- SCHWADERER, Richard (2000). *Die Anfänge «modernen» Erzählens in Portugal. Der Roman A Cidade e as serras von José Maria Eça de Queirós*. In MALER, Anselm; SAN MIGUEL, Ángel; SCHWADERER, Richard, eds. *Europäische Romane der klassischen Moderne*. Frankfurt am Main, Berlin, Bern et al.: Peter Lang, pp. 25-42.
- SENGLE, Friedrich (1963). *Wunschbild Land und Schreckbild Stadt*. «Studium Generale». 16, 619-631.
- SOUSA, Frank F. (1996). *O Segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em A Cidade e as Serras*. Lisboa: Edições Cosmos.
- STIERLE, Karlheinz (1993). *Der Mythos von Paris. Zeichen und Bewußtsein der Stadt*. München, Wien: Carl Hanser.
- STIERLE, Karlheinz (1996). *Rilkes Pariser Bilder* In GRAEBER, Wilhelm; STELAND, Dieter; FLOECK, Wilfried, eds. *Romanistik als vergleichende Literaturwissenschaft: Festschrift für Jürgen von Stackelberg*. Frankfurt/Main, Berlin, Bern, New York, Paris, Wien: Peter Lang, pp. 387-411.
- WILLIAMS, Raymond (1973). *The Country and the City*. London: Chatto & Windhus.

JOSÉ SARAMAGO UND FRANZ KAFKA: SCHIFFBRUCH MIT PUTZFRAU

KATHRIN SARTINGEN*

Resumo: *Na sua busca obsessiva de uma ilha desconhecida em O Conto da Ilha Desconhecida (1997), de José Saramago, o protagonista procura apropriar-se de algo novo, desconhecido e estranho; algo que lhe permite aportar em novas margens e a viver novas experiências. O que se destaca, desde o início da narrativa, é o apoio — inicialmente despercebido e subestimado — da mulher da limpeza. Já o pobre homem do campo, em Diante da lei (A porta da lei, 1915), de Franz Kafka, porém, não logra esta forma de autorrealização pessoal. Será que lhe falta imaginação ou seriedade existencial em seu empreendimento, uma «experiência filosófica desencadeadora», na argumentação de Hans Blumenberg (1997)? Mas talvez ao homem kafkiano tenha faltado apenas uma mulher da limpeza que pudesse aguçar o seu olhar para obter o domínio sobre o próprio destino. Tendo como fundamentos a metaforologia de Hans Blumenberg (Schiffbruch mit Zuschauer, 1997), bem como questões de intertextualidade a partir de Genette e Borges, o artigo pretende estabelecer um diálogo do conto de Saramago com a parábola kafkiana, por ele desdobrada de modo absolutamente inusitado.*

Palavras-chave: *Saramago; Ilha; Naufrágio; Intertextualidade; Metaforologia.*

Abstract: *In his obsessive search for an unknown island in The Tale of the Unknown Island (1997) by José Saramago, the protagonist seeks to appropriate something new, unknown and strange; something that allows him to dock on new shores and to live new experiences. What stands out, from the beginning of the narrative, is the support — initially unnoticed and underestimated — of the cleaning woman. The poor man from the country in Franz Kafka's Before the Law (1915), however, does not achieve this form of personal self-realisation. One might say that he lacks imagination or existential seriousness in his undertaking, or, following Hans Blumenberg's reasoning, the necessary «triggering philosophical experience» (1997). But perhaps the Kafkaesque man lacked only a cleaning woman who could sharpen his eye to gain mastery over his own destiny. On the basis of Hans Blumenberg's metaphorology (Schiffbruch mit Zuschauer, 1997), as well as questions of intertextuality drawing on Genette and Borges, the article aims to establish a dialogue between Saramago's short story and the Kafkaesque parable, which he unfolds in an absolutely unusual way.*

Keywords: *Saramago; Island; Shipwreck; Intertextuality; Metaphorology.*

«Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós»¹, sagt der männliche Erzähler in José Saramagos 'Kurzgeschichte' *O Conto da Ilha Desconhecida* zur Putzfrau des Königs, die mit ihm auf eine ungewöhnliche Reise gehen wird.

Die Erzählung Saramagos handelt von einem Mann, der vom König ein Schiff erbittet, um sich auf die Suche nach der unbekanntenen Insel zu begeben. Trotz Wissens um die Tatsache, dass alle Inseln bereits entdeckt, erobert, katalogisiert, kartographiert

* Universität Wien. Email: kathrin.sartingen@univie.ac.at. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5627-4965>.

¹ SARAMAGO, 1997: 10.

sind, die Weltkarte fertig gezeichnet und alle Wege ordnungsgemäß beschrieben und begangen sind, lässt der Mann in seiner Forderung nach einem Schiff für seine Suche nach der unbekanntem Insel nicht nach. Schließlich gibt der König auf und stellt ihm ein Schiff zur Verfügung. Die Putzfrau des Königs entschließt sich als einzige (!), die ihr bekannte ‚Insel‘ des Palastes zugunsten einer zu entdeckenden unbekanntem Insel aufzugeben und mitzufahren. Gemeinsam ankern sie — völlig unerwartet und paradox — mit ihrem Schiff am Ende auf der *Ilha Desconhecida*.

Das, was den Mann auf seiner Suche nach der unbekanntem Insel in José Saramagos *O Conto da Ilha Desconhecida* umtreibt, ist die Suche nach dem Neuen, dem Unbekanntem, dem Fremden, eine Suche, die, so beschreibt es der Philosoph Hans Blumenberg, erst und alleinig befähigt, neue Ufer und damit neue Erfahrungen, neue Sichtweisen oder ganz neue Lebensformen kennenzulernen. Blumenberg hat in seiner Metapherntheorie *Schiffbruch mit Zuschauer* (1997) dieses — durchaus Saramagosche — Paradoxon wie folgt eingefangen: Erst das Aufbrechen aus eingefahrenen Strukturen, das Sich-Einlassen auf unbekanntem und gar ungemütliche Wege, die Bereitschaft, auf hohe See hinaus zu segeln, und dabei möglicherweise auch ‚Schiffbruch‘ zu erleiden, verleiht die Notwendigkeit und Kraft, neue Schritte zu wagen und nie bedachte Welten zu erkunden; befähigt also letztlich zu eigengewonnener Existenz und Sinnhaftigkeit. Im Sinne von Blumenberg steht der Schiffbruch als Metapher sowohl für Untergang als zugleich auch einzige Möglichkeit der Re-Konstruktion und Re-Initiation des eigenen Lebens. Mit anderen Worten: subjektive Selbstfindung erlangt das Individuum über Neugierde, Wagemut und Ausdauer.

Die Bereitschaft, gegen die Konventionen zu kämpfen, sich aufzulehnen gegen angeblich Unveränderliches und Widriges, mit zugleich Hartnäckigkeit, aber auch Phantasie anscheinend Unmögliches zu überwinden, ermöglicht demnach in Saramagos Erzählung erst die Verwirklichung des Traumes, ein Schiff zu bekommen und sich auf die Suche — wonach eigentlich genau? DAS wird die zentrale Frage des Textes sein — zu begeben. Nicht zu unterschätzen ist dabei die zunächst unscheinbare und völlig unterschätzte Unterstützung der Putzfrau, auf die später noch eingegangen wird.

Worum geht also diese Suche, nach einer Insel oder nach einem Schiff? Das Schiff als Insel? Mit Blumenberg wäre das Schiff selbst die unbekanntem Insel: die Metapher vom ‚Schiff des Lebens‘, das noch unentdeckt vor dem Mann bzw. den beiden Protagonisten im *Conto da Ilha Desconhecida* liegt, und das erst noch erobert werden muss. Während der Mann aufbricht zu neuen Ufern — um eben kein vorgeformtes Leben zu perpetuieren, sondern eigene Wege zu gehen —, wird er sich letztlich auf dieser Reise selbst entdecken, sich selbst finden: er wird — ganz im Blumenberg’schen Sinne — selbst zur unbekanntem Insel. Wäre er auf der bekannten, bequemen, vorgezeichnetem Insel geblieben, hätte er keine neuen Gedanken denken,

keine neuen Geschichten erzählen und keine neue, selbstgewählte Existenz leben können: «Wenn du nicht aus dir herausgehst, wirst du nie erfahren, wer du bist»².

Die Möglichkeit, Träume aktiv verwirklichen zu können, indem man den vorgezeichneten Platz in der Geschichte verlässt, die handelnden Akteure und Schauplätze von außen betrachtet, sich selbst zum Protagonisten des Geschehens macht, verleiht einem im existentiell-phänomenologischen Sinne das notwendige *empowerment*³ für die eigene Handlungsfähigkeit, die *agency* im Sinne Assmanns⁴. Erst wenn die unbekannte Insel gefunden wird, hat die existentielle Sinnsuche — idealiter — ihr Ziel erreicht. Dazu muss jede/r — um in der nautischen Metapher zu verbleiben — selbst das Ruder übernehmen; nicht der König, nicht das Königreich. Es handelt sich um einen individuellen, nicht übertragbaren Prozess, der zur Initiation eines sogenannten auslösenden Momentes bedarf; oder, um mit Blumenberg zu sprechen, einer «philosophischen Ausgangserfahrung»⁵, gleich einer schicksalhaften Schwellsituation, die das Geschehen in Gang setzt.

Diese persönliche Selbstverwirklichung gelingt dem armen «Mann vom Lande» in Franz Kafkas Türhüter-Legende *Vor dem Gesetz* (1915)⁶ nicht. Ihm bleibt bis zum Ende der Zutritt zum Gesetz verwehrt. Sei es aufgrund mangelnder Beherrztheit, ausgeprägter Autoritätsfurcht oder einfach nicht vorhandener Phantasie: jedenfalls verfehlt der Mann vom Lande das selbstgesetzte Ziel, Zutritt zum Gesetz zu erhalten, und seine selbstbestimmte Sinnsuche schlägt fehl. Auch die Bestechungsversuche in Richtung des Türhüters offenbaren im Grunde nur, dass ihm eine wirkliche innere Überzeugung fernliegt. Der Türhüter wiederum kann als Prüfungsinstanz begriffen werden, der die vielfältigen Herausforderungen des Lebensweges — um nicht zu sagen ‚Schiffbrüche‘ — personifiziert; Herausforderungen, für die der Mann vom Lande nicht den Mut, die Träume oder die Einstellung hat. Man könnte sagen, ihm fehlt es an phantasievолlem Durchsetzungsvermögen und existentieller Ernsthaftigkeit seines Unterfangens, eben an jener «philosophischen Ausgangserfahrung»⁷, die als Voraussetzung für die Überwindung des alteingeschlagenen Weges gilt. Vielleicht fehlt ihm auch nur die entsprechende Putzfrau, die ihm mit ihrem Wischwasser die Sicht schärft, wie die Bemeisterung des eigenen Schicksals auf Kurs kommen kann.

Denn es ist die Frau, die in Saramagos *O Conto da Ilha Desconhecida* die eigentliche Lotsin ist. Geht zwar die Forderung nach dem eigenen Schiff als diskurshistorisch männlich konstruierte Form ‚naturgemäß‘ von dem Mann aus — welche Frau konnte

² SARAMAGO, RAY-GÜDE, *trad.*, 1998: 38. Im Original: «Se não saís de ti, não chegas a saber quem és», SARAMAGO, 1997: 10.

³ MERLEAU-PONTY *apud* CROSSLEY, 1996.

⁴ Cf. ASSMANN, 2006.

⁵ BLUMENBERG, 1997: 15.

⁶ KAFKA, 1983.

⁷ BLUMENBERG, 1997: 15.

zu Königszeiten schon sprechen geschweige denn etwas fordern — so ist es doch die einfache Haushälterin oder Putzfrau im Palast, die im besten Spivak'schen Sinne das Wort innehat und ‚spricht‘⁸. Sie ist es, die die royalen Ordern überbringt und als Sprachrohr mit ihren Worten Leben verändert bzw. Schicksal spricht. Sie kommt damit Kafkas «Türsteher» gleich, ist sozusagen die feminine Version der Prüfinstanz *Vor dem Gesetz*, die darüber zu befugen hat, ob jemand weiterkommt oder eben nicht. Saramago verleiht der Putzfrau in seiner Erzählung die Macht des Wortes und der Handlung, indem er sie zu derjenigen umschreibt, die die Entscheidungen trifft: «mas a mulher da limpeza não está, deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando é, é»⁹.

Als Putzfrau wäre sie mit ihren Eimern und Besen sicher eher als soziales *role model* mit Kafkas einfachem Mann vom Lande zu vergleichen; doch in Saramagos Lesart ist sie diejenige, die mit Pragmatismus und Wagemut über ihr Leben aktiv zu entscheiden gewillt ist: «Pensou ela que já bastava de uma vida a limpar e a lavar palácios, que tinha chegado a hora de mudar de ofício, que lavar a limpar barcos é que era a sua vocação verdadeira, no mar, ao menos, a água nunca lhe faltaria»¹⁰. Dass sie in Saramagos gendgenderter Kafka-Rezeption im Grunde die eigentliche Türsteher-Rolle innehat, ist als deutliche, produktive Kafka-Fortschreibung und *réécriture* im Sinne von Gérard Genette zu lesen¹¹. In seinem Artikel «L'autre du même» (1985) führt Genette das Wesen der *réécriture* aus und macht dabei auf den engen Konnex zwischen Variation und Repetition aufmerksam: «on ne peut varier sans répéter, ni répéter sans varier»¹². Inwiefern *O Conto da Ilha Desconhecida* nun eine repetierende Variation oder eher eine variierende Repetition von Kafkas «Türsteher-Parabel» darstellt, ist hier nicht von zentralem Interesse. Ausschlaggebend sind bei dieser poetischen *transcrição* — um Haroldo de Campos in leicht abgewandelter Form zu beleihen¹³ — just DIE Punkte, an denen sich wesentliche Abweichungen, d.h. Neukreationen und damit neue Vielfalten in Saramagos Lesart ergeben.

Literatur ist immer eine Art Kraft, die vielfältige Möglichkeiten des Schriftlichen hervorbringt und diese Vielfalt auch artikulieren und bewältigen kann. Lesen wir *O Conto da Ilha Desconhecida* in diesem Sinne als eine produktive Rezeption der Kafkaschen Parabel-Erzählung, dann zeigt sich, wie Saramago die Offenheit und inhärente Ambiguität des Vorläufer-Werks weiter auffaltet. Es handelt sich hierbei um kreative und bereichernde Abweichungsstrategien, die es erlauben,

⁸ Cf. SPIVAK, 1988.

⁹ SARAMAGO, 1997: 6.

¹⁰ SARAMAGO, 1997: 6.

¹¹ Cf. GENETTE, 1982.

¹² GENETTE, 1985.

¹³ Als *transcrição* bezeichnet Haroldo de Campos poetische Neukonstruktionen in Fortführung translatorischer Theorien aus der Mitte des 20. Jahrhunderts; cf. CAMPOS *apud* TÁPIA, NÓBREGA, 2015.

den Vorläufer-Text «mit anderen Augen»¹⁴ zu lesen, wie es der nordamerikanische Literaturwissenschaftler Harold Bloom ausdrückt. Bloom bezieht sich u.a. auf Borges Essay «Kafka y sus precursores» (1960), in welchem der argentinische Autor das angebliche Paradoxon entwirft, dass der Nachfolger den Vorgänger beeinflusst. Damit wäre eine chronologisch unilinear arbeitende Literaturgeschichte ad absurdum geführt und die etablierte Einflussforschung in ihr Gegenteil verkehrt: ein neuerer Text würde demzufolge den älteren beeinflussen, ihn neu-schreiben und mit ihm in einen intertextuellen Dialog treten können, der den Vorgänger-Text eben «mit anderen Augen» lesen lassen könnte. Mit Borges ist es also der Nachfolger, der den Vorläufer verändert bzw. erweitert: «Saramago y su precursor» würde implizieren, dass Kafkas Türsteher-Text sich im intertextuellen Dialog mit Saramagos Erzählung neu auffaltet und neue Lesarten ermöglicht. Mit Saramagos Augen gelesen, hätte sich der «Mann vom Lande» möglicherweise vehementer und mutiger Zutritt zum angeblich unnachgiebigen Gesetz verschaffen und mehr Durchsetzungsfähigkeit und weniger Naivität zeigen sollen; vielleicht einfach auch mehr Optimismus und weniger Hörigkeit, mehr Phantasie und weniger Resignation. Er jedoch strengte sich nie allzu sehr an, riskierte nichts Wesentliches, träumte wohl auch nicht und bewegte sich wenig bis gar nicht vom Fleck: «Se não saís de ti, não chegas a saber quem és»¹⁵. Vielleicht hätte er sonst den ersehnten Zutritt zum Gesetz erhalten...

Genau das ist die mögliche Lesart, die Saramagos Text eröffnet. In Blooms Sinne bereichert Saramago mit der neuen Variation die Türsteher-Legende, indem er durch sein gezieltes *misreading*¹⁶ weitere Perspektiven anbietet und neue Bedeutungsebenen konstruiert. Mit diesen intertextuellen Erweiterungen und Abweichungen geht Saramago weit über Kafka hinaus.

Auf zwei Hauptaspekte seiner kreativen Abweichung sei der Anschauung halber im Folgenden kurz eingegangen:

Erstens eröffnen sich durch die weibliche Protagonisierung völlig neue Lesarten und demzufolge neue Möglichkeiten an Lebenswegen und Ideen, an Träumen und Perspektiven. Die Frau als Handlungsträgerin lenkt das Geschehen auf das Wesentliche, trifft die essentiellen Entscheidungen, hat visionäre Kräfte, traut sich durchaus zu, Schicksal zu spielen und manches Mal auch gegen den Strom zu schwimmen:

O homem nem sonha que, não tendo ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encarregada das baldeações e outros asseios,

¹⁴ BLOOM, 1973.

¹⁵ SARAMAGO, 1997: 10.

¹⁶ BLOOM, 1975.

*também é deste modo que o destino costuma comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro*¹⁷.

Die Frau als zentrale Akteurin, als Bodenständige und Pragmatikerin, lenkt das Geschehen. Zugleich ist sie aber noch weit mehr: als Seherin, Phantasieträgerin, Magierin ist sie die Instanz, die die Power hat, neue Welten und imaginierte Territorien entstehen zu lassen. Diese Eigenschaften lassen sie zur literarischen Schwester nahezu aller Protagonistinnen werden, die wir aus zahlreichen Saramago-Texten kennen (*Memorial do Convento*, 1982; *A Jangada de Pedra*, 1986; *Ensaio sobre Cegueira*, 1995; *As Intermitências da Morte*, 2005)¹⁸. Immer sind die weiblichen Stimmen in ihrer feinsinnig-magischen und/oder bodenständig-pragmatischen Art die handlungsführenden Figuren. Grundsätzlich sind sie es, die als ‚Siegerinnen‘ aus den Texten hervorgehen. Dabei stellen gerade Saramagos Frauen oftmals den Nexus zwischen literarischen und historischen Narrativen her.¹⁹ Auch sind es häufig die Frauenfiguren, die das mythische Potential antiker Frauen hervorholen, es wieder aufgreifen und in einer Art Mythopoiesis umdeuten und als aktualisierte Frauenfiguren literarisch aufleben lassen.

So auch im *Conto da Ilha Desconhecida*: Die Frau ist es, die als eine Art moderne Antigone das Boot schließlich aussucht, die Schlüssel entgegennimmt, das Boot energisch verteidigt und das Steuer wie ein trainierter Seemann fest in der Hand behält — all dies im Übrigen Dinge, die in der heteronormativen Ordnung männlich konnotiert sind: «contente por estar a aprender tão depressa a arte de marinharia»²⁰. Sie ist es auch, die die konstante Hoffnung verkörpert, den Insel-Traum zu verwirklichen; im Grunde ist sie es, die — neben all den ebenfalls essentiellen, durchweg historisch feminin konnotierten Dingen wie Kochen, Pflanzen, Waschen, Putzen — stetig durchhält, ermutigt, stärkt, trägt, und darüber hinaus alte poetische Lehren rememoriert: «todo o homem é uma ilha»²¹; eine bewusst invertierte Zitierung der bekannten Meditation von John Donne: «No man is an island»²². Diese Insel gilt es stets aufs Neue zu entdecken: «Se não saís de ti, não chegas a saber quem és»²³. Auch hier ergreift sie die Initiative, legt sich neben den Mann, um gemeinsam ihren Traum zu leben:

¹⁷ SARAMAGO, 1997: 6-7.

¹⁸ Cf. SILVA, 2017.

¹⁹ Cf. CAMPOS *et. al.*, 2017.

²⁰ SARAMAGO, 1997: 9.

²¹ SARAMAGO, 1997: 10.

²² DONNE, 2018: 240.

²³ SARAMAGO, 1997: 10.

Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma²⁴.

Die gemeinsam vorgenommene Namensgebung löst ihren Traum ein, die unbekannte Insel zu erreichen, die fortan gemeinsamer Ausgangsort ihres neuen Lebens zu zweit sein wird.

Der spezifische Ort der Insel führt zur zweiten — zunächst unscheinbar und möglicherweise nichtig erscheinenden — Transkreation der Kafka'schen Parabel durch José Saramago, die aber, im Kontext lusophoner Ästhetiken gelesen, immenses Bedeutungspotential entwickelt. Indem sich der räumlich-imaginäre Ort vom starren Kafkaschen ‚Gesetz‘ mit feststehenden Türen, Fenstern, Gängen, d.h. von der unveränderlichen, terrestren Architektur weg verschiebt in Richtung auf das fluide, bewegliche, offene Meer hinaus («A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar»²⁵), ist der geopolitische bzw. geokulturelle Raum ein anderer geworden. Denn der portugiesische Text ruft — im Sinne einer *poética da navegação*²⁶ — das im lusophonen Kontext so häufig verankerte Imaginarium des Meeres auf, das sich spätestens seit den *Cantigas de amigo*, den *Lusíadas* oder Pessoa's «Mar Português» wie ein semantischer Subtext in die portugiesische Literatur einschreibt²⁷.

Waren es in den allermeisten Texten der portugiesischen Literaturgeschichte allerdings männliche Figuren, die als Helden die Meere bereisten und bemeisterten, so will Saramagos Putzfrau in Zukunft fraglos und selbstverständlich an den großen Expeditionen teilhaben: «E por que não estás tu no palácio do rei [...] a abrir portas, Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limparei barcos»²⁸. Nicht nur daran teilhaben wird sie; vielmehr wird sie es sein, die für Ordnung an Bord sorgen wird, sozusagen eine weiblich konnotierte Neu-Ordnung der Dinge an Bord erstellt. Boot oder Schiff als notwendige Attribute des Meeres-Imaginariums symbolisieren seit jeher Abenteuer, Schiffbruch, Neuanfang; von jetzt an gehören Eimer und Putzlappen verlässlich dazu: Zusammen stehen sie für die Entdeckung von Neuem, und sei es das eigene Neue, das neue Selbst. Abenteuer und Utopie sind von nun an jedenfalls weiblich attribuiert.

Dem Träumen Raum zu geben, auf Hoffnung und Zukunft zu setzen, die utopische Dimension als Form des Widerstands und der Konstruktion einer Art Gegenwelt

²⁴ SARAMAGO, 1997: 15.

²⁵ SARAMAGO, 1997: 15.

²⁶ GIL, 2007.

²⁷ Cf. SARTINGEN, 2023.

²⁸ SARAMAGO, 1997: 8.

zu bejahen, letztlich ‚Utopie‘ zu schreiben, all das ist ohne fiktionale Träume und Geschichten nicht möglich. Wir erinnern uns: auch die berühmte *Utopia* (1516) von Thomas Morus war eine Insel²⁹. Das allegorische Bild der unbekanntenen Insel zeigt die kreative Fähigkeit von Literatur auf, Utopie- und Traumwelten zu konstruieren und unsere gewohnten Zeit- und Raumvorstellungen zu verschieben. Im Angesicht des Realen sind derlei Utopien als poetischer Modus der Resilienz zu lesen; eine Widerstands-Befähigung, die Saramago gerne in die findigen Finger von Frauen legt.

Denn für Saramago stellt die Utopie keine weitentfernte, bessere Ideal-Welt dar; vielmehr ist sie eine literarische Möglichkeit, die aktuelle Welt im Hier und Jetzt aktiv zu verändern. Das, was der Autor «a minha utopia»³⁰ nennt, entspricht damit eher einem sofortigen Handlungsaufwurf und der Notwendigkeit zur Transformation undemokratischer und menschenunwürdiger Verhältnisse als der Heraufbeschwörung eines irrealen und utopischen Traums. So gesehen, werden die Utopien zu Zukunftsvisionen, die Risiken bereit sind einzugehen, die auch mal Schiffbruch erleiden können; einen Schiffbruch allerdings, den die Frauen — zumindest in Saramagos Texten — in den allermeisten Fällen ‚selbstorgend‘³¹ und ‚selbstredend‘³² bemeistern.

Angesichts einer oftmals ungerechten und benachteiligenden Realität benötigen wir vielleicht fiktionale Utopien, um Hoffnung und Optimismus zu schöpfen, oder, metaphorisch gesprochen, um neue Räume und Territorien in uns selbst zu erschließen. Ich schließe mit den Worten Mia Coutos, der im Nachwort «A arte de sonhar um país» zu Jorge Amados großem Roman über Neuanfänge und Utopien, *Tocaia Grande* (1984), die Bedeutung von Fiktion als antreibende, geschichts- und zukunfts-schreibende Utopie hervorgehoben hat: «Importava sim, que esse território ficcionado era uma pátria que queríamos, em nós mesmos, sonhar e ver sonhada. Importava, sim, que nesse universo vingávamos de uma realidade feita de carência e injustiça»³³.

Dass dieses ‚Vaterland‘ nicht unbedingt von ‚Vätern‘ besiedelt sein muss, zeigen José Saramagos Texte nachdrücklich. Konsequenterweise wird die *Unbekannte Insel* von beiden Protagonisten, einem Mann in Zusammenarbeit mit einer Frau erträumt; sie stellt einen Ort dar, den beide sich gemeinsam aneignen: «No man is an island»³⁴, sagte schon John Donne in seinen Meditationen — dazu müssen es immer zwei sein. Die Insel jedoch, DIE ist definitiv weiblich. Und so ist es sicher nicht verwunderlich, dass gerade die Putzfrau mit ihrem neugewonnenen Meeres-Wischwasser die Utopie entstehen lassen und eine Insel erträumen kann.

²⁹ Cf. MORUS, 1992.

³⁰ SARAMAGO *apud* BALTRUSCH, 2014: 11.

³¹ Cf. FOUCAULT, 1984.

³² Cf. SPIVAK, 1988.

³³ COUTO, 2008: 464.

³⁴ DONNE, 2018: 240.

BIBLIOGRAPHIE

- ASSMANN, Aleida (2006). *Einführung in die Kulturwissenschaft. Grundbegriffe, Themen, Fragestellungen*. Berlin: Erich Schmidt.
- BALTRUSCH, Burghard (2014). «*O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia*» — sobre utopia e ficção em José Saramago. IN BALTRUSCH, Burghard, ed. «*O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia*»: Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank und Timme.
- BLOOM, Harold (1973). *The Anxiety of Influence: a theory of poetry*. New York: Oxford Univ. Press.
- BLOOM, Harold (1975). *A Map of Misreading*. New York: Oxford Univ. Press.
- BLUMENBERG, Hans (1997). *Schiffbruch mit Zuschauer: Paradigma einer Daseinsmetapher*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- BORGES, Jorge Luis (1960). *Kafka y sus precursores*. In BORGES, Jorge Luis. *Otras inquisiciones*. Buenos Aires: Emecé, pp. 145-148.
- CAMPOS, Paulo Fernando Souza et al. (2017). *Diálogos entre História e Literatura*. «Interdisciplinar». São Cristóvão, 28, 209-224. DOI: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/6845/5546>.
- COUTO, Mia (2008). *A arte de sonhar um país*. In AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CROSSLEY, Nick (1996). *Body-Subject/Body-Power: Agency, Inscription and Control in Foucault and Merleau-Ponty*. «Body & Society». 2:2, 99-116. DOI: 10.1177/1357034X96002002006.
- DONNE, John (2018). *XVII Meditation*. In DONNE, John. *Devotions upon Emergent Occasions*. Cidade: Charles River Editors, pp. 240-246.
- FOUCAULT, Michel (1984). *Histoire de la sexualité*. 3, *Le souci de soi*. Paris: Gallimard.
- GENETTE, Gérard (1982). *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Editions Seuil.
- GENETTE, Gérard (1985). *L'autre du même*. «Corps Ecrit». 15, 11-16.
- GIL, Isabel Capelo (2007). *Poéticas da navegação*. Lisboa: Univ. Católica Editora.
- KAFKA, Franz (1983). *Gesammelte Werke. Der Prozeß: Roman*. Edição de Max Brod. Frankfurt am Main: Fischer.
- MORUS, Thomas (1992). *Utopia*. Tradução de Hermann Kothe Frankfurt am Main: Insel.
- SARAMAGO, José (1997). *O Conto da Ilha Desconhecida*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SARAMAGO, José (1998). *Die Geschichte von der unbekanntem Insel*. Tradução de Mertin Ray-Güde Reinbek: Rowohlt Verlag.
- SARTINGEN, Kathrin (2023). *Derivas e desvios: mareando na literatura e no filme português, brasileiro e africano*. In SARTINGEN, Kathrin; CHIARELLI, Stefania, ed. *Histórias de água — o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Frankfurt am Main: Peter Lang, pp. 117-133.
- SILVA, Inês Santos (2017). *Levantadas do Chão: O poder das mulheres na obra de José Saramago*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (1988). *Can the Subaltern Speak?* In NELSON, Cary, ed. *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: Univ. of Illinois Press, pp. 271-315.
- TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (2015). *Haroldo de Campos. Transcrição*. São Paulo: Perspectiva.

SOPHIA DE MELLO BREYNER IN DEUTSCHLAND

HELMUT SIEPMANN*

Resumo: Os primeiros textos da autora traduzidos para o alemão datam dos anos de 1960, e são expressão do ímpeto da geração de 1968: textos de luta e de libertação. Mais tarde, surgem os elementos de renovação e de visões de futuro. Discussões sobre direitos de autor impediram, durante dez anos, a edição de uma antologia de textos, que foi finalmente editada em 2010. Com os colóquios de Aachen, inicia-se a fase acadêmica de estudos sobre a obra de Sophia. O mar, a cidade de Lisboa, a intertextualidade e as possibilidades didáticas são estudados e publicados num caderno dedicado à obra da autora. Em 2017, publicou-se uma primeira tese de doutoramento da Universidade Livre de Berlim sobre resistência política na obra de Sophia. É um copioso estudo sobre os ataques subtis de Sophia às palavras-chave da ideologia salazarista que se escondem nas ambiguidades da sua expressão.

Palavras-chave: Traduções; Estudos temáticos; Tese de doutoramento.

Abstract: The first texts of the author translated into German date from the 1960s and are an expression of the impetus of the 68 generation: texts of struggle and liberation. Later on elements of renewal and visions of the future appear. Copyright disputes avoided for ten years the publication of an anthology of texts that was finally published in 2010. With the Aachen colloquia the academic phase of studies on Sophia's work begins. The sea, the city of Lisbon, intertextuality and didactic possibilities are studied and published in a booklet dedicated to the author's work. In 2017 a first doctoral thesis from the Free University of Berlin was published on political resistance in Sophia's work. It is a copious study on Sophia's subtle attacks on the key words of Salazarist ideology that are hidden in the ambiguities of her expression.

Keywords: Translations; Thematic studies; PhD thesis.

ÜBERSETZUNGEN

In einem Vorwort von Ray-Güde Mertin zu Klaus Küpper *Bibliographie der Portugiesischen Literatur in deutscher Übersetzung* (1997) wird die selbstständige Erwähnung der portugiesischen Literatur in Bibliographien von Übersetzungen ins Deutsche als nicht existent dargestellt, wenn überhaupt werden «spanische und portugiesische Literaturen»¹ gemeinsam behandelt. Das bedeutet aber nicht, dass Übersetzungen ins Deutsche nicht existiert hätten. Übersetzungen aus «unselbständigen» Schriften, also Texten in Anthologien und Periodika sind schwer auszumachen. Eine erste Übersicht gewährt Klaus Küpper mit der erwähnten Publikation von 1997. Die vor 25 Jahren erschienene Bibliographie gibt erste Hinweise auf den Umfang der

* Professor emeritus. Universität zu Köln. Email: helmut.siepmann@uni-koeln.de.

¹ KÜPPER, 1997: 8.

Rezeption von Gedichten der 1919 geborenen Dichterin Sophia de Mello Breyner Andresen.

Danach gibt es erste Übersetzungen² von Sophias Gedichten ab 1969 von Ilse Losa und später vor allem von Curt Meyer-Clason, der bereits 1963 aus *O Dia do Mar* übersetzt hat. Meyer-Clason und Elfriede Engelmayer waren die eifrigsten Übersetzer auch in der Zeit, die auf die Nelkenrevolution folgte, in der sich einzelne Übersetzer auch an Prosaerzählungen aus der Sammlung *Contos Exemplares* wagten, aus der Texte schon 1972 erschienen. Was waren die Themen der ersten Übersetzungen? A «Carta aos Amigos Mortos» (*Livro Sexto*)³ ist der Ausdruck des Vertrauens in die Notwendigkeit des Überlebens, «Porque» (*Mar Novo*) der Ausdruck von Mut angesichts der Angepasstheit, «Exílio» (*O Nome das Coisas*) und «Esta Gente» (*Geografia*) der Aufruf, sich dem Geist der Sklaverei zu widersetzen. Die Gedichte verraten das unbedingte Eintreten der Dichterin für die Befreiung der Unterdrückten und auch die Erwartung, die man zur Zeit der 68er-Generation in Deutschland von der Dichtung erhoffte. Dasselbe erkennt man in einer Übersetzung aus *Navegações* von Christine Bierbach, wo hinter dem Undurchdringlichen «lichtvolle Küsten»⁴ auftauchen. Im Jahre 1993 gibt es dann vermehrt Übersetzungen von Curt Meyer-Clason, die die Erneuerung, die Zukunftsgerichtetheit allen Lebens feiern, aber auch die Schicksalhaftigkeit der Gewalt angesichts der Schreckhaftigkeit der Menschen, die die Fluchtbewegung einnehmen, benennen.

Kämpferische Gedichte sind es, die Meyer-Clason auswählt und dem deutschen Publikum in der von ihm edierten Ausgabe *Portugiesische Lyrik des 20. Jahrhunderts*⁵ präsentiert. Er übersetzt aber auch die Erfahrungen von Liebe und Tod oder die Ausschließlichkeit der Liebe, die abstrakt und nur im Verzicht möglich ist. Die soziologisch relevante Dimension von Sophias Dichtung wurde von Meyer-Clason erkannt. Er übersetzt die Gegenüberstellung des Schönheitsbedürfnisses von Eliten und der Sklavenarbeit, die zu Sophias prägnanten Formulierung einer «perfeição solitária exilada sem destino»⁶ führt, und er zeigt den Dualismus von Erhabenheit und Dunkel. Er erkannte auch die Bedeutung von Sophias poetologischen Reflexionen in der Dichtung und die zutiefst moralische Haltung der Dichterin, die in «Elsinore» (*Ilhas*)⁷ überliefert ist: Das Böse ist überall, es ist in der Natur der Dinge. Gleichzeitig mit Curt Meyer-Clason macht Elfriede Engelmayer mit Übersetzungen von Sophia auf die portugiesische Dichterin aufmerksam. Sie entdeckt zunächst das Meer, was bei der Portugiesin zu erwarten war, aber sie wagt sich auch an die dualen Gedichte,

² KÜPPER, 1997: 28.

³ Jetzt in ANDRESEN, 2015.

⁴ TRANVIA, 1989: 44.

⁵ MEYER-CLASON, ed., 1993.

⁶ ANDRESEN, 2015: 643.

⁷ ANDRESEN, 2015: 817.

in denen sich Sophia mit ihrer Umwelt und den Göttern misst, und an das politische Gedicht, das den 25. April feiert.

In der Zwischenzeit war Sophia allerdings auch als Erzählerin bekanntgemacht worden. In Meyer-Clasons *Der Gott der Seefahrer und andere portugiesische Erzählungen* (1972) erschien Frederico Bernas Übersetzung «Die Reise»⁸, ein Jahr später «Mónicas Konterfei» als Übersetzung von Andreas Klotsch⁹. Erst 1997 erschien dann «Der Henker» (aus *As Escadas não Têm Degraus*) von Elfriede Engelmayer¹⁰ und ein Jahr vorher in *Moderne portugiesische Kurzgeschichten* der Text «Homer», übersetzt von Ulrike Schuldes¹¹. Die sehr langsame Rezeption von einer Dichterin, die 1919 geboren wurde und in Portugal zu den Großen des 20. Jahrhunderts gezählt wird, überrascht. Immerhin war die Grundlage für die deutsche Rezeption gelegt worden. In der Sammlung *Poemas Portugueses — Portugiesische Gedichte* lesen wir zwei Gedichte in der Übersetzung von Maria de Fátima Mesquita-Sternal und Michael Sternal¹². Mit diesen beiden Übersetzern und dem Herausgeber Kristof Wachinger des Langewiesche-Brandt Verlags entsteht eine jahrelange Kontroverse um die Rechte an Sophia in Deutschland.

Im Herbst 2000 schrieb Kristof Wachinger ein unter dem Stichwort «Breyner» zu archivierendes Konvolut mit dem Titel «Nachweis und Beleg der Verhinderung eines Buches»¹³. Ausgangspunkt der Kontroverse ist der Plan, eine zweisprachige Auswahl von Sophias Gedichten im Original und der Übersetzung des Ehepaars Sternal in der Sammlung ‚Textura‘ seines Verlags zu veröffentlichen. «Sophia stimmte dem Vorhaben zu, engagierte sich bei der Auswahl, stellte den Übersetzern und dem Verlag Sekundärtexte und Portraitfotos zur Verfügung und interessierte sich für Farbe und Gestaltung des Buchumschlags»¹⁴. Zuschüsse wurden eingeworben und an die Übersetzer gezahlt. Ein Nachwort von Maria João Borges wurde geschrieben und honoriert. Auf Wunsch von Sophia wurde 1999 ein Vertrag in englischer Sprache in der Regelform des Börsenvereins des Deutschen Buchhandels ausgearbeitet und an die Autorin geschickt. Nach längerer Zeit erklärte die Literaturagentur Ray-Güde Mertin, dass ihr die Rechte in Vertragsangelegenheiten übertragen worden seien. Streitpunkt wurde die zeitliche Befristung des Vertragsverhältnisses. Ein neuer Übersetzer wurde

⁸ MEYER-CLASON, ed., 1972: 257-270.

⁹ LOSA, GONÇALVES, ed., 1973: 58-60.

¹⁰ ENGELMAYER, ed., 1997: 50-56.

¹¹ SCHULDES, ed., 1996: 130-139.

¹² MESQUITA-STERNAL, STERNAL, ed., 1997: 150-153.

¹³ WACHINGER-LANGEWIESCHE, 2000. Das Konvolut ist eine dreiseitige maschinenschriftliche Darstellung. Es befindet sich in Händen des Verfassers. Text des Konvoluts und Verlagsprospekt zu Neuerscheinungen des Verlags LANGEWIESCHE-BRANDT im 1.-3. Quartal 2000 erwähnen, dass Sophia selbst nicht Deutsch verstehe. Dem widerspricht die von KÜPPER, 1997: 101, 106/107 und 126 erwähnte Existenz von drei Übersetzungen von Gedichten Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa und Miguel Torgas durch Sophia de Mello Breyner Andresen.

¹⁴ WACHINGER-LANGEWIESCHE, 2000: 1.

ins Spiel gebracht und vom Verleger Wachinger abgelehnt. Schließlich wurde die Sternalsche Übersetzung akzeptiert, aber die Rechte sollten erst für ein Jahr und später für drei Jahre gelten. Der Verlag lehnte die Forderungen der Agentur ab, und es dauerte bis 2010, bis die Anthologie, deren Druckfahnen seit Jahren fertig waren, mit Maria de Fátima Mesquita-Sternals und Michael Sternals Übersetzung in der vorgesehenen Form in der Reihe ‚Textura‘, die jetzt vom Verlag Beck / München vertrieben wird, erschien¹⁵. Ein deutscher Lusitanist¹⁶ hatte vorher die Übersetzung von Maria de Fatima Mesquita-Sternal und Michael Sternal als kongenial bezeichnet und den Hauch von Klassik der Autorin und deren Ausdruck, der modische Trivialität und sprachliche Extravaganz vermeidet und die konkrete Potenz des Wortes in den Vordergrund stellt, als von den Übersetzern erkannt hervorgehoben. Der Verfasser erläuterte die lexikalische Nähe, die semantische Kongruenz und die rhythmische Entsprechung von Übersetzung und Original. Der abschließende Wunsch, dass das Werk der Sophia in der Übersetzung von Mesquita-Sternal / Sternal weite Verbreitung fände und so die Dichterin in Deutschland bekannt würde, hat sich erfüllt. Friedrich Wolfzettel schrieb 2012 in der Germanisch-Romanischen Monatszeitschrift eine Kritik, die mit dem Dank an den Verleger für die «schöne und bereichernde Lektüre»¹⁷ schließt.

Um die verlegerische Seite abzuschließen, kann nun heute von einer neuen Ausgabe der Werke Sophias auf Deutsch gesprochen werden. Es sind zwei Bände, nämlich *O Cristo Cigano* unter dem Titel *Der Zigeunerchristus*¹⁸ und *O Búzio de Cos / Die Muschel von Cos*¹⁹ zweisprachig in der Übersetzung von Sarita Brandt im Elfenbeinverlag Berlin erschienen. Der gleiche Verlag brachte auch 2021 die Übersetzung von *Contos Exemplares / Exemplarische Erzählungen*²⁰ von Michael Kegler heraus. Einzelne Contos wurden übersetzt von Isabel Remer (*Um Rapaz de Bronze* und *A menina do mar*²¹) und Elisabeth Siepmann (*Saga*²² und *O Silêncio*²³). Es werden hoffentlich weitere Werke aus dem umfangreichen Oeuvre der Autorin in Deutschland bekanntgemacht. Der Nachholbedarf ist sichtbar. Es ist natürlich keine leichte Aufgabe, sich dem lyrischen Werk adäquat zu nähern. Allerdings sind bereits einige Interpretationen in Deutschland gemacht worden, die vielleicht das Interesse an ihrem Werk befördern.

¹⁵ ANDRESEN, 2010.

¹⁶ SIEPMANN, 2000.

¹⁷ GERMANISCH-ROMANISCHE MONATSZEITSCHRIFT, 2012: 119.

¹⁸ ANDRESEN, 2020.

¹⁹ ANDRESEN, 2021a.

²⁰ ANDRESEN, 2021b.

²¹ ANDRESEN, 2017, 2019a.

²² ANDRESEN, 2019b.

²³ PORTUGALFORUM 4, 2020: 125-129.

THEMATISCHE STUDIEN

So fand 2012 in Aachen ein Kolloquium «Sophia de Mello vista de fora» statt, an dem der Referent und seine viel zu früh verstorbene Kollegin Anne Begenat-Neuschäfer beteiligt waren. Dort wurden einige der später im Portugalforum 4 veröffentlichten Vorträge gehalten und zusätzliche Interpretationen zur Diskussion gestellt (etwa Anne Begenat-Neuschäfer zum Raumkonzept in *Navegações* und Benjamin Meisnitzer zum Meer, Helmut Siepmann zu intertextuellen Perspektiven in ihrer Poesie und Flávio Quintale zur örtlichen Fixierung von Lissabon bei Sophia und bei Fernando Pessoa). Auf großes Interesse stießen dabei die Ausführungen von Michael Sternal über die «Werkstatt des Übersetzers». Zusätzlich berichtete Ana Mafalda Leite aus Lissabon über Hinweise auf Sophia in afrikanischen Dichtungen portugiesischer Sprache, Sílvia Pfeifer (Hamburg) suchte nach didaktischen Möglichkeiten in der Poesie Sophias für die Anwendung im muttersprachlichen Unterricht in Deutschland, Paulo Gouveia (Aachen) erforschte den Rechtsbegriff (*o sentido da justiça*), der sich von Sophias Poesie ableiten lässt und Beatriz de Medeiros Silva (Köln) stellte mit einem Film von João César Monteiro über Sophia de Mello Breyner die Frage nach der Verfilmbarkeit der Poesie. Zwei Jahre nach dem Kolloquium erschien der Aufsatz «Der Raum in der Dichtung von Sophia de Mello Breyner Andresen» von Anne Begenat-Neuschäfer in der Reihe Aachener Beiträge zur Romania. Anne Begenat-Neuschäfer erwähnt die biographischen Elemente der Reise Sophias nach Macau, um dann Aufbruch und Ungewissheit der Ankunft im metaphorischen Sinn in den *Navegações* als *abismo*, *deserto* und *ilha paradisíaca* auszumachen. Die palimpsestischen Hinweise auf Dante werden von der Italianistin Neuschäfer ausgeweitet und um Hinweise auf die Antike ergänzt²⁴. Ein Jahr zuvor war in der Internetzeitschrift *Signatures — Forum für autonome Poesie* eine Präsentation von Ulrich Schäfer-Newiger betitelt «Sophia de Mello Breyner Andresen — Ich habe mich gesucht im Licht, im Meer, im Wind» publiziert worden²⁵. Mit Verweis auf die vorhandenen Übersetzungen versucht Schäfer-Newiger die Grundzüge der Poetologie der Autorin, den Verlust des einheitlichen Weltbildes und ihren Erkenntnisdrang in der Dichtung nachzuzeichnen. 2017 fand in der Stadtbibliothek Aachen eine zweisprachige Lesung im Zusammenhang mit einem neuerlichen Kolloquium zu Sophia de Mello Breyner Andresen statt.

²⁴ DOLLE, BEGENAT-NEUSCHÄFER, ed., 2014: 55-64.

²⁵ SIGNATUREN, 2013: unter dem Datum 13.10.2013 bringt das Forum die Präsentation zu Sophia de Mello Breyner Andresen.

UNIVERSITÄT

In der Zwischenzeit war die monumentale Dissertation von Diana Gomes Ascenso über *Politischer Widerstand im Estado Novo — Die Dichtung von Sophia de Mello Breyner Andresen*²⁶ erschienen. Peu à peu rundet sich das Bild Sophias in Deutschland ab: Metaphorik des Meeres, Rückgriff auf die Antike, Präsenz der Katholizität und die politische Dimension, derentwegen die Autorin unter Salazar verfolgt wurde. Diana Gomes Ascenso zeigt, wie Sophias Dichtung «die zentralen Schlagwörter» der Salazar-Ideologie aufgreift: «Deus», «Pátria» und «Família». sind deshalb die Kapitelüberschriften, unter denen sie Texte Sophias subsumiert. Dabei werden auch die subtilen Angriffe der Autorin auf «ordem», «paz», «sacrifício», «deus», «moral» und «verdade» offengelegt. Ihre Gedichte enthalten bei vordergründiger Schlichtheit — so erfährt man — und vermeintlich philosophisch abstrakter Reflexion eine verdeckte Mehrdeutigkeit, die komplex und ästhetisch anspruchsvoll auf die eigenen Tiefenschichten verweist, ohne dabei explizit zu werden. So hat der unschuldige Titel «Mar Novo» durch seine Anklänge an «Estado Novo» bereits einen politischen Diskurs eingeleitet. Neben dem abgelehnten nationalpatriotischen Gedankengut wird der Widerspruch des alltäglichen Lebens in Armut und Abhängigkeit zu dem Heldendiskurs von der Größe des Vaterlands entwickelt. Der Rückgriff auf die Antike mag als Schutzfunktion angesehen werden, aber allein die Nennung von Namen wie Elektra oder Penelope bringt die Idee von Unrecht oder Kampf gegen das Unrecht ins Spiel. Die Interpretationen gehen aus von formalen Gesichtspunkten: Strophen, Vers, Enjambement, Anaphern. Sie besprechen Bilder, Metaphern, Verortungen des lyrischen Sprechers (Ich, Wir...), Symbole und Kontrastierungen. Es werden Entwicklungen angedeutet, semantische und syntaktische Besonderheiten benannt. Auf diese Weise können Zweifel, Fragen und Feinheiten des Ausdrucks durch die Adjektivstellung oder zeitliche Notierung durch Verbformen herausgearbeitet werden, die dann direkt zur Aussage führen. Diana Gomes Ascenso stützt ihre Analysen auf metapoetische Aussagen, die insbesondere in den *Arte poetica* genannten Prosastücken vorkommen. Man mag die eine oder andere Nachlässigkeit oder Unkorrektheit benennen können, die Arbeit ist eine gelungene Sammlung von Einzelinterpretationen, die ausgewählt wurden, um Bereiche der poetischen Produktion Sophias zu belegen und den politischen Widerstand, der bis zum 25. April 1974 dauerte, zu dokumentieren. Dem Buch kann man entnehmen, dass Literatur mit Literatur gemacht wird und dass textuelle Neubearbeitungen von Formen, Namen, und Motiven in Sophias Werk keineswegs den Kunstcharakter ihrer Dichtung trüben.

²⁶ ASCENSO, 2017.

Über Lehrveranstaltungen zu Sophia an deutschen Universitäten kann in diesem Zusammenhang nicht berichtet werden. Es liegen zu Sophia de Mello Breyner keine entsprechenden Vorarbeiten vor. Zur *portugiesischen Lyrik von Sá de Miranda bis Sophia de Mello Breyner Andresen* entstanden in Köln zwei hervorragende Hausarbeiten, von denen eine in das *Portugalforum Nr. 4* aufgenommen wurde. Dieses Sonderheft der Deutschen Gesellschaft für die Afrikanischen Staaten (DASP) ist ganz der Autorin gewidmet und enthält die Veröffentlichung von Vorträgen der Sophia gewidmeten Kolloquien in Aachen (2012 und 2017) und neuere Übersetzungen von Poesie und Prosa von Sarita Brandt und Elisabeth Siepmann. Ein umfangreicher Artikel von Isabel Remer²⁷ ist der Kinderliteratur von Sophia gewidmet. Zusammen mit dem Buch von Diana Gomes Ascenso ist dieser Band die einzige Publikation zu Sophia de Mello, die auf dem deutschen Markt im Augenblick existiert. Der Band enthält Ineke Phaf-Rheinbergers Artikel «Mar in der Dichtung von Sophia»²⁸, Reflexionen zu Sophias poetischen Diskurs unter dem Titel «Intertextur» von Helmut Siepmann²⁹ und Andrea Tedones Aufsatz über «Das Meer als religiöses Element in der Dichtung von Sophia»³⁰. Entsprechend den Grundsätzen der DASP, deren Kolloquien immer zweisprachig (Deutsch und Portugiesisch) sind, folgen drei portugiesisch-sprachige Artikel von Helena Malheiro «Da Sombra à Claridade»³¹, vom Aachener Lektor Paulo Gouveia über «O Sentido da Justiça»³² und von der Kölner Lektorin über die «(Im) possibilidade de filmar poesia»³³.

SCHLUSSWORT

Mit den genannten Ausgaben liegt ein Beginn vor. Es wäre arrogant, zu sagen, dass die Rezeption von Sophia in Deutschland ein ihr angemessenes Niveau erreicht hat. Die Übersetzung braucht Zeit. Die Dissertation von Diana Gomes Ascenso hat die Gefahren erkannt. Die Verfasserin gibt zu den Texten, die sie interpretiert, eine wortwörtliche Prosa-Übersetzung in den Anmerkungen hinzu und fügt am Ende eine Anthologie der Gedichte mit einer den Vers bewahrenden Übertragung bei. Es bleibt ein gewaltiger Nachholbedarf.

²⁷ PORTUGALFORUM 4, 2020: 107-124.

²⁸ PORTUGALFORUM 4, 2020: 3-23.

²⁹ PORTUGALFORUM 4, 2020: 25-41.

³⁰ PORTUGALFORUM 4, 2020: 43-63.

³¹ PORTUGALFORUM 4, 2020: 65-80.

³² PORTUGALFORUM 4, 2020: 99-105.

³³ PORTUGALFORUM 4, 2020; 81-98.

BIBLIOGRAPHIE

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2010). *Poemas — Gedichte, portugiesisch und deutsch*. Auswahl und Übersetzung von Maria de Fátima Mesquita-Sternal und Michael Sternal. Ebenhausen bei München: Langewiesche — Brandt (Vertrieb: München: Beck).
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2015). *Obra poética*. Porto: Assírio e Alvim / Porto Editora.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2017). *A Menina do Mar — Das kleine Mädchen aus dem Meer*. Edição bilingue | Zweisprachig Portugiesisch — Deutsch. Tradução | Übersetzt von Isabel Remer, [Lünen]: Oxalá.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2019a). *Um Rapaz de Bronze — Der Junge aus Bronze*. Edição bilingue | Zweisprachig Portugiesisch — Deutsch. Tradução | Übersetzt von Isabel Remer, [Lünen]: Oxalá.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2019b). *Saga*. Übersetzung von Elisabeth Siepmann. Porto: Museu de História Natural e de Ciência — Universidade do Porto.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2020). *Der Zigeunerchristus. Portugiesisch und Deutsch*. Übersetzt und mit einem Geleitwort versehen von Sarita Brandt. Berlin: Elfenbein.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2021a). *Die Muschel von Kos und andere Gedichte. Portugiesisch und Deutsch*. Übersetzt und mit einem Nachwort versehen von Sarita Brandt. Berlin: Elfenbein.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2021b). *Exemplarische Erzählungen*. Aus dem Portugiesischen übersetzt von Michael Kegler. Berlin: Elfenbein.
- ASCENSO, Diana Gomes (2017). *Politischer Widerstand im Estado Novo — Die Dichtung von Sophia de Mello Breyner Andresen*. Berlin: De Gruyter.
- DOLLE, Verena; BEGENAT-NEUSCHAEFER, Anne, ed. (2014). *Poesia do terceiro espaço — Lírica lusófona contemporânea*. Frankfurt am Main: Lang.
- ENGELMAYER, Elfriede, ed. (1997). *Samstag um acht. Erzählungen*. Berlin: Walter Fry Verlag.
- GERMANISCH-ROMANISCHE MONATSZEITSCHRIFT (2012), «Neue Folge», 61: 1.
- KÜPPER, Klaus (1997). *Bibliographie der portugiesischen Literatur, Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung*. Frankfurt: Portugal-Frankfurt 97. S.A. / Klaus Küpper.
- LANGEWIESCHE-BRANDT (1999-2000). *Neuerscheinungen* [Verlagsankündigung]. Ebenhausen bei München: Langewiesche-Brandt.
- LOSA, Ilse; GONÇALVES, Egito, ed. (1973). *Erkundungen. 30 portugiesische Erzähler*. Berlin: Volk und Welt.
- MESQUITA-STERNAL, Maria de Fátima; STERNAL, Michael, ed. (1997). *Poemas portugueses — Portugiesische Gedichte vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. München: dtv.
- MEYER-CLASON, Curt, ed. (1972). *Der Gott der Seefahrer und andere portugiesische Erzählungen*. Stuttgart: Horst Erdmann.
- MEYER-CLASON, Curt, ed. (1993). *Portugiesische Lyrik des 20. Jahrhunderts*. München: dtv.
- PORTUGALFORUM 4 (2020). *Themenheft der DASP-Reihe n.º 182-183 zu Sophia de Mello Breyner Andresen*. Köln: DASP (ISSN 1431-6048).
- SCHULDES, Ulrike, ed. (1996). *Contos portugueses modernos. Moderne portugiesische Kurzgeschichten*. München: dtv.
- SIEPMANN, Helmut (2000). *Stellungnahme zur Übersetzung von Gedichten der Sophia de Mello Breyner aus dem Portugiesischen ins Deutsche durch Maria de Fátima Mesquita-Sternal und Michael Sternal* (ungedruckt in Händen des Verfassers).
- SIGNATUREN (2013). *Forum für autonome Poesie* (Internetzeitschrift).
- TRANVIA (1989). «Revue der iberischen Halbinsel». 15.
- WACHINGER-LANGEWIESCHE, Kristof (2000). *Konvolut — Nachweis und Beleg zur Verhinderung eines Buches*: Ebenhausen: Langewiesche-Brandt: dreiseitiges maschinenschriftliches Konvolut (in Händen des Verfassers).

PÁGINAS PORTUGUESAS NO ROMANCE *ABENDLAND*, DE MICHAEL KÖHLMEIER*

MARIA DE FÁTIMA GIL**

Resumo: O romance *Abendland*, podendo ser considerado uma metabiografia ficcional centrada na memória, traça um complexo quadro do século XX no Ocidente, ao mesmo tempo que coloca em perspectiva o próprio trabalho de construção da narrativa biográfica. Nesta ficção da História, a panorâmica do século é desenhada a partir das memórias do matemático Carl Jacob Candoris e da sua activa participação no transcurso histórico: embora, na maior parte dos casos, ele se ache longe dos grandes centros de decisão, os lugares de que dá testemunho, sobretudo nos anos de 1930 e 1940, assumem grande relevância científica e/ou simbólica para a época. Pode parecer surpreendente que Portugal, um país periférico em termos geográficos e políticos, se encontre entre esses lugares, mas a ligação portuguesa de Candoris merece alguma atenção. Por isso, o meu trabalho pretende estudar os principais vectores da imagem de Portugal esboçada em *Abendland* — história, locais, personagens —, bem como a função que o país desempenha no romance enquanto parte relevante do grande fresco do século XX que Köhlmeier apresenta aos seus leitores.

Palavras-chave: *Abendland*; Metabiografia ficcional; Memória comunicativa; Imagem de Portugal.

Abstract: The novel *Abendland*, which can be considered a fictional metabiography centered in memory, draws a complex picture of the 20th century in the West while putting into perspective the very construction of the biographical narrative. In this fiction of History, the epoch's portrayal is based on the memories of the mathematician Carl Jacob Candoris, and on his active participation in the course of historical events: although in most cases he is far from the major centers of decision-making, the places he bears witness to, especially in the 1930s and 1940s, hold great scientific and/or symbolic relevance for the time. It may seem surprising that Portugal, a geographically and politically peripheral country, should be among these places, but Candoris's connection to Portugal deserves some attention. For that reason, my work intends to study the main vectors of the Portuguese image outlined in *Abendland* — history, places, characters —, as well as the role the country plays in the novel as a relevant part of the western 20th century great fresco that Köhlmeier presents to his readers.

Keywords: *Abendland*; Fictional metabiography; Communicative memory; Image of Portugal.

Em 2007, o escritor austríaco Michael Köhlmeier deu à estampa uma narrativa de grande fôlego, intitulada *Abendland*, que não só se tornou um *best-seller* no espaço de língua alemã, mas integrou também a lista dos dez finalistas do *Deutscher Buchpreis* desse ano. Ao longo das suas quase oitocentas páginas, esta obra de ficção centra-se

* A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Email: mfgil@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0002-2928-0371. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

This work was supported by national funds through FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., under the project reference UIDB/04059/2020 and DOI identifier: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

retrospectivamente na vida de dois homens de gerações diferentes, Carl Jacob Candoris e Sebastian Lukasser, o primeiro, um matemático de 95 anos, cidadão do mundo, rico e grande amante de *jazz*, cujo percurso biográfico se confunde com a História do século XX, e o segundo, um autor de biografias paralelas, de 55 anos, convocado por Candoris para escrever o relato da sua vida. Quando se encontram, na casa de Carl, perto de Innsbruck, no ano 2000, os dois já se conhecem há muito e fica claro que a escolha de Sebastian Lukasser para desempenhar tal tarefa, mais do que resultar da sua carreira moderadamente bem-sucedida, tem que ver com a esfera dos afectos. Na verdade, o pai de Sebastian — Georg Lukasser — fora um genial guitarrista vienense de *jazz* que Candoris havia protegido, e o próprio Sebastian, desde pequeno, tinha sido tratado pelo matemático como filho adoptivo. As vidas de ambos estão, pois, intimamente ligadas e, após um longo afastamento, os problemas de saúde que os dois atravessam vêm reforçar a afeição entre eles: Candoris acha-se muito debilitado por um cancro em fase terminal, e Sebastian Lukasser acabou de ser submetido a uma operação à próstata¹. Nesta relação de proximidade entre figuras de pai e filho, reconstruída numa situação particularmente delicada, Carl está convicto de que Sebastian reproduzirá a sua vida sem delongas e de modo fiel à «verdade» que lhe transmite. O escritor, porém, não procede dessa forma. Só um ano após a morte de Candoris, numa fase de grande crise pessoal e familiar, regista no papel a sua própria perturbação existencial e as conversas havidas com o amigo exânime, escrevendo, em modo ora mais empático, ora mais crítico, um relato fragmentário e tocante da vida de ambos e de algumas personalidades que com eles se cruzaram.

Michael Köhlmeier, no subtítulo da obra, optou por chamar-lhe muito latamente «romance», deixando ao leitor a decisão sobre a tipologia romanesca que aqui se concretiza. De facto, consoante o ângulo de análise, *Abendland* pode ser integrado em vários subgéneros do romance. Pode, naturalmente, ser visto como romance histórico, uma vez que oferece um grande *fresco* dos acontecimentos do século passado, a partir da vivência e da memória das personagens². Mas também pode ser considerado um romance de família³, dado que acompanha a história de várias gerações de Candoris e de Lukasser. Por fim, pode ainda ser incluído na tradição do romance de erudito⁴, porquanto incide na vida de um matemático e na caracterização da sua época e da sua ciência. Lembremos, todavia, que a obra não se esgota em Carl Candoris e narra também o percurso de Sebastian Lukasser, o escritor responsável pela transmissão da história, para quem o trabalho na biografia de Carl se torna um

¹ Note-se que a figura de Sebastian Lukasser, escriba do tempo, volta a surgir em romances posteriores de Köhlmeier, designadamente *Madalyn* (2010) e *Die Abenteuer des Joel Spazierer* (2013).

² Sobre o romance histórico, cf. AUST, 1994.

³ Sobre o romance de família, cf. por exemplo, GALLI, COSTAGLI, *ed.*, 2010.

⁴ Sobre o romance do erudito, cf. DIETRICH, 2003.

ensejo de reflexão sobre a complexidade da escrita (auto-)biográfica. Assim sendo, a apresentação da biografia de figuras ficcionais num contexto histórico «real» e a multifacetada projecção, no próprio texto, do questionamento sobre o labor biográfico adquirem a relevância de elementos estruturantes e fazem com que a narrativa de Michael Köhlmeier se estabeleça, em última análise, como uma forma duplamente não convencional de biografia, *i. e.*, como uma obra próxima da metabiografia ficcional ou metaficção biográfica⁵.

A esta mesma conclusão chega o crítico Leonhard Herrmann, num interessante estudo comparativo entre *Abendland* e o romance *Kaltenburg*, de Marcel Beyer⁶. No entanto, se é certo que Herrmann realça as similitudes formais destes dois romances com a ficção histórico-biográfica pós-moderna, não é menos verdade que recusa subordiná-los a este tipo de tratamento literário da História. Em seu entender, *Abendland* e *Kaltenburg* põem em causa o pressuposto de que «Geschichte könne [...] nur als diskursives Konstrukt, nicht aber als Entität Gegenstand von Erkenntnis sein»⁷. Ou seja, no que diz respeito ao estatuto ontológico da História e à possibilidade da sua reconstrução, Herrmann advoga que os dois romances exibem um posicionamento diferente do da ficção meta-historiográfica. Ressalvando embora que nenhuma representação literária da História constitui a reprodução autêntica de uma «realidade» histórica exterior e que, no caso de *Abendland*, estamos perante a narrativa muito pessoal e parcial de Sebastian Lukasser, o estudioso considera ser justamente a (pre-) existência da História que cria, para ambos os romances, as condições da narração, mesmo quando esta se afirma deliberadamente subjectiva⁸.

No âmbito de tal perspectiva essencialista, Herrmann frisa ainda a circunstância de tanto *Abendland* como *Kaltenburg* lançarem mão de figuras com convicções epistemológicas e ideológicas que exemplificam o seu respectivo tempo. Na opinião deste especialista, os dois textos representam o século XX

*anhand von dessen (vermeintlich) zentralem Epistem — dem positivistischen, auf Logik und Deduktion beruhenden rationalistischen Denken. Unter Nutzung fiktionaler Darstellungstechniken machen sie die Geschichte des 20. Jahrhunderts zu einer Kulturgeschichte des wissenschaftlichen Denkens, aus dem die katastrophalen historischen Entwicklungen der Epoche abgeleitet werden*⁹.

⁵ Sobre metabiografia ficcional, cf. HUTCHEON, 1988; NÜNNING, 1995, 2000, 2002; NADJ, 2006, embora os dois primeiros autores utilizem diferentes designações para o conceito; recordeo que Hutcheon fala de *historiographic metafiction* e Nünning de *metahistoriographische Fiktion* ou *biografische Metafiktion*.

⁶ HERRMANN, 2011. Mais recentemente, o autor publicou uma nova versão deste artigo, centrando-se apenas no romance *Abendland*; cf. HERRMANN, 2021.

⁷ HERRMANN, 2011: 242.

⁸ Cf. HERRMANN, 2021: 35-36.

⁹ HERRMANN, 2011: 243.

No que toca a *Abendland*, prossegue o crítico, a condenação a que é sujeita a cultura da era da técnica não se deduz apenas da pernicioso racionalidade científico-pragmática de Carl Jacob Candoris — que se mostra excessiva, intransigente e sem arrependimentos. Também o guitarrista de jazz Georg Lukasser materializa essa crítica ao objectivar, através da sua música e em oposição a Candoris, uma forma alternativa, sensual e artística da existência¹⁰. Acresce a isto que, para Herrmann, *Abendland* e *Kaltenburg* configuram por si só uma rejeição do unilateralismo científico, pois, nas suas palavras, um e outro «halten schließlich einer defizitären, einseitig naturwissenschaftlich-rationalistischen Wissenskultur ein erneutes epistemologisches Potential fiktionaler Literatur entgegen, das sie anhand der Darstellbarkeit von Geschichte exemplifizieren»¹¹. O crítico defende que *Abendland*, pela sua forma orgânica, apresenta mesmo uma proposta para a viabilidade da narração da História e da vida¹². Tal proposta reside no facto de o romance somar às biografias contrastantes de Carl e Georg a narração autobiográfica e relacional de Sebastian, com isso criando «eine binnenfiktional motivierte Erzählstruktur, mit der Köhlmeier die Erzählweisen von Biografie, Autobiografie und Geschichtsschreibung in ein enges Verhältnis setzt»¹³. Na óptica de Herrmann, é esta estratégia que torna «das “ganze” 20. Jahrhundert erzählerisch fassbar»¹⁴ e faz da narrativa «eine dem “ganzen Menschen” zugeeignete Form von Wissen»¹⁵.

Particularmente fecundo na organicidade estrutural de *Abendland*, mostra-se um expediente criativo a que Herrmann chama «doppelt gespiegelte[] Erinnerung»¹⁶, ou seja: «die Erinnerung an den sich erinnernden Carl, gespiegelt durch die Erinnerung des von ihm selbst erschaffenen Biografen Sebastian»¹⁷. A propósito deste verdadeiro jogo de espelhos da memória e, bem assim, do complexo modo de construção do romance, o estudioso Matthias Beilein acrescenta, por sua vez:

Wie die Erinnerung selbst ist auch Abendland sprunghaft, teils assoziativ organisiert, und ein großer Teil der Spannung des Romans ergibt sich daraus, dass der Erzähler darauf verzichtet, die Geschichte sinnvoll zu arrangieren und Kohärenz zwischen allen Ereignissen zu stiften. Der Roman ist durchsetzt mit Prolepsen und Analepsen, Ereignisse werden oft nur angedeutet, um später aufgelöst zu werden, markante Lücken in der Erinnerung Candoris' füllt offenbar sein Biograph, ohne dass alles Rätselhafte in diesem Roman sinnvoll erklärt würde»¹⁸.

¹⁰ Cf. HERRMANN, 2021: 42.

¹¹ HERRMANN, 2011: 243.

¹² Cf. HERRMANN, 2021: 34.

¹³ HERRMANN, 2021: 34.

¹⁴ HERRMANN, 2011: 248; HERRMANN, 2021: 43.

¹⁵ HERRMANN, 2021: 47.

¹⁶ HERRMANN, 2011: 248.

¹⁷ HERRMANN, 2011: 248.

¹⁸ BEILEIN, 2010: 34.

Significa isto que, ao invés da biografia tradicional, *Abendland* não se caracteriza por uma narração heterodiegética, de feição totalizante, genética e teleológica. Pelo contrário, a representação da História configura-se como um exigente labirinto narrativo, fruto de um trabalho extraordinário com a categoria do tempo, a que se junta ainda uma notável técnica de poliperspectivação e uma singular diversidade de âncoras espaciais.

No âmago deste romance «über Geschichte, über die Erinnerung und über das Erzählen»¹⁹, acha-se Carl Jacob Candoris, pólo de convergência de múltiplas histórias e constelações de figuras. A sua centralidade encontra-se assinalada até do ponto de vista da situação narrativa, por ser ele a principal instância enunciadora da memória e, nessa medida, desempenhar o papel de narrador hipo- e autodiegético. Ora, não obstante o olhar crítico a que o romance sujeita o pensamento positivista e a responsabilidade da ciência no século XX, o protagonista de *Abendland* está longe de ser uma personagem negativa. Trata-se, antes, de uma figura complexa e fascinante, tanto pelas suas misérias, como pelas suas grandezas. Em Candoris, sobressai, por um lado, o raciocínio lógico e frio, a incomensurável autoconfiança, a convicção de superioridade face às imperfeições do género humano, o seu direito a ignorar normas éticas num século profundamente amoral. Ao mesmo tempo, contudo, evidenciam-se nele o cosmopolitismo, a independência de espírito, a disponibilidade para a mudança, a entrega à ciência, a paixão pelo *jazz* — e até uma forma muito humana de sublimação, baseada na certeza de que, embora lhe falte o toque do génio, sabe reconhecer a genialidade nos outros e exprimir a sua reverência através do mecenato²⁰.

Naturalmente, o efeito de sedução que esta figura multimoda exerce sobre o público não deriva apenas dos traços caracterológicos que deixa perceber. Se Candoris atrai a simpatia dos leitores, isso deve-se também ao alcance testemunhal da sua narrativa e prende-se ainda com um certo modelo de transmissão da memória na sintaxe romanesca. À luz das reflexões da estudiosa Astrid Erll sobre a retórica da memória colectiva, *i. e.*, sobre os modos de configuração da memória e as estratégias literárias que lhe estão associadas²¹, torna-se evidente que *Abendland* utiliza sobretudo o modo experiencial²². Neste paradigma memorialista, a codificação do passado — ainda recente e conhecido do público — ocorre no quadro da memória

¹⁹ BEILEIN, 2010: 36.

²⁰ É o que se passa relativamente a Georg Lukasser, mas também ao jovem prodígio da matemática Makoto Kurabashi, que Candoris descobre em Tóquio, depois do lançamento da bomba atómica em Hiroxima e Nagasáqui.

²¹ Das várias obras em que Astrid Erll desenvolve o conceito de *Rhetorik des kollektiven Gedächtnisses*, cf. por exemplo, ERLI, 2003: 145-186; 2005: 267-269.

²² Sobre o modo experiencial da retórica da memória colectiva, cf. ERLI, 2003: 151-154 e ERLI, 2005: 268. Note-se, todavia, que *Abendland* também funcionaliza o modo que Erll designa como reflexivo, pois a poliperspectivação e o acima mencionado jogo de espelhos permitem encenar uma auto-reflexão da memória cultural, ou seja, uma observação de segundo grau, distanciada e crítica.

individual-autobiográfica, acentuando a experiência de vida própria de uma época e aproximando-se do que Jan Assmann chamou *kommunikatives Gedächtnis*. Certos mecanismos retóricos, como a narração na primeira pessoa, o discurso directo — aqui reproduzido pela memória de Sebastian e por gravações em suporte magnético, à maneira dos registos da *Oral History* —, ou ainda as várias técnicas de exposição do mundo interior das figuras, sugerem vínculo ao quotidiano, especificidade da experiência e autenticidade²³. Neste contexto, não é despiciendo que a representação da microperspectiva individual, subjectiva e limitada, daquele período de três ou quatro gerações que, segundo Jan Assmann, corresponde à memória comunicativa²⁴, seja tomada pelo público como mais fiel às vicissitudes da existência real do que outras formas mais abstractas de transmissão do passado. Em *Abendland*, o modo experiencial gera, portanto, credibilidade, cria imagens da História que ecoam na memória cultural e, nessa medida, contribui decisivamente para aproximar os leitores do protagonista.

Acresce a isto que a vida de Candoris não tem nada de banal e que, ao contrário de Sebastian — desenhado como sujeito histórico eminentemente passivo²⁵ —, lhe cabe uma intervenção activa e diversificada no transcurso do século. Não me refiro apenas ao facto de ele, nesta ficção memorialista da História, «participar» nos acontecimentos históricos que narra e «conviver» com um elevado número de figuras reais, ou inspiradas em figuras reais²⁶. Refiro-me também às coordenadas em que se movimenta. Com efeito, ainda que permaneça arredado dos lugares de memória (Pierre Nora) hoje considerados centrais na História do século XX, os espaços da sua biografia constituem referências geográficas de grande importância científica e/ou simbólica para a época, ganhando a função de *cues* no processo de memória colectiva²⁷. Assim, por exemplo, encontramos-lo a acompanhar Emmy Noether, célebre matemática de Göttingen, durante o período que esta passou na União Soviética, na década de 1920; vislumbramo-lo também a servir de espião nos círculos académicos de Berlim, nos anos de 1930, e a convencer Winston Churchill, em Londres, do perigo do programa nuclear nazi; descobrimo-lo ainda em Los Alamos, a trabalhar ao lado de Robert Oppenheimer, e observamo-lo até nos Julgamentos de Nuremberga, a confrontar-se com Arthur Seiß-Inquart.

²³ Cf. ERLI, 2003: 152; 2005: 268.

²⁴ Cf. ASSMANN, 2000 [1992]: 50-51.

²⁵ Embora a figura de Sebastian esteja presente do início ao fim do romance, pois é ele o narrador intradieético que enquadra todas as outras hipodiegese, a sua vida como sujeito actuante encontra-se sobretudo na terceira parte de *Abendland*, intitulada «Tintendunkles Amerika». A circunstância de Sebastian optar por viver nos Estados Unidos da América, e disso dar testemunho, permite ultrapassar a geografia estritamente europeia, alargando o escopo do romance — e o título — à dimensão mais geral do Ocidente.

²⁶ O romance faz referência a mais de 690 figuras históricas, segundo o levantamento realizado pelo escritor e jornalista cultural Klaus Nüchtern; cf. NÜCHTERN, 2010: 54.

²⁷ Sobre a função de *cue* que certas instâncias podem desempenhar em contextos de memória cultural, cf. ERLI, 2005: 254-255.

O crítico Matthias Beilein, que sublinha a relevância de Göttingen na primeira parte da vida de Candoris, como mítico pólo da ciência alemã até 1933, elenca ainda outros espaços em que o protagonista se move nessa fase: Nova Iorque, Moscovo, Viena e Innsbruck²⁸. Lisboa não lhe merece referência, embora o percurso biográfico de Carl Jacob Candoris também apresente algumas páginas portuguesas, antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Ora, não obstante a lateralidade de Portugal no contexto histórico da época, Carl Candoris vive no país durante vários anos. Justifica-se, então, perguntar o que faz este matemático cosmopolita em território lusitano e que papel desempenha Portugal no romance *Abendland*²⁹. Na realidade, não é apenas Carl que está ligado ao país: a mulher, Margarida, nasceu em Portugal, e mesmo Sebastian Lukasser teve uma experiência portuguesa, quando, aos 10 anos, passou algum tempo com os Candoris em Lisboa, por ocasião do semestre que Carl foi convidado a leccionar «an die gerade eröffnete Cidade Universitária» (p. 153). Para a criança, porém, Lisboa constituiu apenas um lugar de solidão e quebra da ordem anteriormente consolidada em Innsbruck (pp. 153-154). Por isso, Sebastian não gostou da cidade e pouco fala dela. Concentremo-nos, então, no casal luso-austríaco — cientes de que uma análise aspectual como a que se segue tem forçosamente de desconsiderar o intrincado jogo de estratos temporais e espaciais que caracteriza a obra.

O primeiro contacto de Carl Jacob Candoris com o pequeno país no extremo mais ocidental da Europa dá-se em meados dos anos de 1930. Nessa altura, o jovem havia terminado o doutoramento e estava indeciso quanto a uma carreira académica. O avô, de origem judaica e dono de uma empresa de produtos coloniais em Viena, a Bárany & Co., procura orientá-lo para a filial em Lisboa, acenando-lhe com a hipótese de viagens para terras exóticas: «vielleicht habe er ja Interesse, einen Handelsvertreter auf einem Schiff nach Deutsch-Südwestafrika oder nach Macau oder nach Ägypten oder nach Brasilien zu begleiten» (p. 175). Sem quaisquer problemas económicos, Carl regista das palavras do avô estes destinos longínquos e, em vez de se fixar em Lisboa, lança-se num périplo pelos quatro cantos do mundo. Falta-lhe, porém, a coragem para mudar radicalmente de vida e, por isso, em 1935, acaba por assumir a administração da Bárany & Co., na distinta e buliçosa rua do Salitre (p. 182).

O tédio, contudo, instala-se rapidamente e, pouco tempo depois, encontram-lo em Coimbra, a ocupar uma vaga de Matemática na universidade. Aí, conhece a jovem economista Margarida Durão, com quem vem a casar «in der Kirche Santa Cruz, einem Monumento Nacional» (p. 192). Regressa a Lisboa um ano mais tarde e passa a levar uma vida aparentemente muito calma, no elegante andar por cima da

²⁸ Cf. BEILEIN, 2010: 36.

²⁹ A partir de agora, as citações e as referências a trechos da obra serão identificadas no texto com a indicação das respectivas páginas, entre parêntesis. Utiliza-se a sétima edição, publicada pela casa-editora DTV, em 2015.

empresa. Embora sem filhos, torna-se a figura paterna de um núcleo familiar adequado aos modelos da época — através de duas sobrinhas de Margarida que ela acolhe quando a irmã morre —, e desfruta dos privilégios de um insuspeito empresário da alta burguesia, que é estrangeiro, mas não refugiado, e que continua ligado à ciência. Assim, quando não se encontra em viagem, Carl marca presença diária na Báràny & Co., cultivando uma imagem de patrão benevolente e algo inepto: «Carl [...] rief sein “São os empregados quem manda agora!” und war schon wieder davon» (p. 619). Além disso, dá aulas na Universidade de Lisboa e bebe «mit den Mathematikern den obligaten Fünf-Uhr-Tee» (p. 619). Aos fins-de-semana, sai com a família para a Ericeira, local de veraneio onde havia adquirido uma casa de férias e na qual, segundo investigou, «Salazar [ließ] eine Bungalowsiedlung bauen — für Flüchtlinge aus Deutschland» (p. 619). Note-se que este é o único momento em que *Abendland* alude à política do Estado Novo para os refugiados. Fá-lo sem mais comentários, mas, enquanto a elucidação de Carl pode deixar inferir uma atitude indulgente da parte de Salazar, convém não esquecer que essa política nem mesmo nessa altura era de acolhimento incondicional³⁰.

Os contactos que Carl Candoris desenvolve nas suas viagens, a partir de 1938, sob a capa dos negócios, e que lhe dão o estatuto de «eine Art Agent gegen Nazi-deutschland» (p. 623), permanecem desconhecidos dos alemães — e, já agora, também dos portugueses. Quando, em 1939, se muda um tempo para Berlim, para poder avaliar mais de perto, a pedido dos serviços secretos britânicos, os avanços da ciência alemã no campo das armas, Carl continua a indicar Lisboa como local de residência, para não levantar suspeitas nas autoridades nazis. Depois do eclodir da guerra, chega a voar duas vezes por mês entre Berlim e Lisboa, mas tais deslocções também não causam estranheza: «Portugal war neutral, und die Beamten am Flughafen kannten ihn bereits, für sie war er ein ostmärkischer Kaufmann mit reichsdeutschem Paß, der in Lissabon lebte und den Deutschen gute Dinge aus aller Herren Länder brachte» (p. 635). Significa isto que Lisboa não é apenas a cidade em que se desenrola pacatamente a existência de Carl Jacob Candoris: para ele, como para tantos outros espões neste período, a capital portuguesa assume ainda a função de estratégia muito eficaz de camuflagem.

Depois da guerra, Carl vende a empresa e, não obstante regressar ao andar na rua do Salitre em todas as férias, só em 1960 volta a passar uma temporada mais longa em Lisboa, graças a novo convite para dar aulas na universidade, como atrás se mencionou. O semestre lectivo em causa, a que ainda voltarei, constitui

³⁰ Na verdade, Salazar não mandou construir um aldeamento para os fugitivos na Ericeira, tendo aproveitado para o efeito as estruturas balneares e termais desta e de outras localidades portuguesas, designadas «Áreas de residência fixa». Sobre os refugiados em Portugal e as mudanças da política de Salazar neste domínio, veja-se a abundante obra que a historiadora Irene Flunser Pimentel tem dedicado ao assunto; por exemplo: PIMENTEL, 2006.

um momento diegético de grande importância e é alvo de singular poliperspectivação na narrativa. Todavia, sobre a especificidade dos anos de 1960 na história de Portugal não se encontra qualquer esclarecimento no romance, ao contrário do que acontece em relação ao decénio de 1930. Como tenho vindo a referir, no tocante à primeira fase da vida de Carl em Lisboa, o texto consegue desenhar traços importantes da cidade e do país, expondo-os em poucos parágrafos e, além do mais, com a credibilização do recurso à língua portuguesa. As alusões podem até nem ser totalmente exactas³¹, mas logram evocar o lugar tradicional de Lisboa no imaginário europeu, como porta marítima para a aventura e como entreposto comercial de relevo, e deixam também subentendida a realidade colonial do país, a ligação cultural à Inglaterra, a ditadura salazarista e a política portuguesa para os refugiados até aos primeiros anos da década de 1940.

Tais informações não são, porém, as primeiras que o romance faculta sobre Portugal. Na complexa tessitura de tempos narrativos que distingue a obra, Sebastian já antes encetara a história de Margarida, a mulher de Carl Jacob Candoris, nascida em 1916, em Coimbra, e falecida em 1982, em Lans, perto de Innsbruck. Ressalve-se que o percurso biográfico de Margarida, à semelhança de outras figuras de *Abendland*, vai sendo desvelado ao longo do texto, em constantes analepses e prolepses, e conjugando observações de várias personagens. O que se relata nesta ocasião inicial, e se revela particularmente interessante para a caracterização de Portugal, são os dados da sua história prévia, fornecidos por Margarida a Sebastian, numa conversa no final dos anos de 1970.

Sebastian, citando e resumindo as afirmações de Margarida, a que junta comentários de sua autoria, começa por explicar que ela era a mais nova de cinco filhos do magnata da imprensa Joaquim Armando Durão — «ein “lusitanischer Citizen Kane”, wie Carl sagte» (p. 169). Quando conheceu Carl, numa tertúlia em casa do pai, em Coimbra, tinha 20 anos, estudava Economia e namorava um colega mais velho, Daniel Guerreiro Jacinto, de uma família tão abastada como a dela. Porém, enquanto Daniel, mau aluno e sem ambição, teria de terminar o curso em Lisboa, deixando para trás a Lusa Atenas e a característica «Capa e batina» (p. 171), Margarida tornar-se-ia, com distinção, a primeira mulher licenciada em Economia por Coimbra. Órfã de mãe ainda muito nova, a jovem fora educada por seu pai para se tornar como ele, o que, nas suas próprias palavras, constituía um gesto de rebeldia num país e num tempo em que as mulheres estavam longe de ocupar um lugar semelhante ao dos homens (p. 168).

³¹ Para além da alegada construção de habitações para os alemães fugidos a Hitler, tome-se ainda o exemplo do referido «obligate[r] Fünf-Uhr-Tee» entre académicos, que não é habitual na realidade portuguesa e deverá ser entendido *cum grano salis*, como sinal da influência exercida no país pela cultura inglesa e também como indicio de alguma afectação elitista da universidade lusa.

A descrição que o romance faz do percurso político de Joaquim Armando Durão confirma-o como uma figura atípica na sua época e consiste, simultaneamente, numa pequena lição de história de Portugal para estrangeiros (pp. 169-170). Assim, no início do século, o pai de Margarida passara de monárquico liberal a republicano, em reacção à ditadura de João Franco, mas a instabilidade e a incapacidade da República para resolver os problemas do país haviam-no decepcionado. Tendo trocado Coimbra por Lisboa, converter-se-ia num católico fervoroso com o chamado milagre de Fátima — fenómeno que, segundo o texto, fora apropriado pelos sectores anti-republicanos como sinal de desaprovação dos céus pelo rumo do país. De regresso a Coimbra, tornar-se-ia politicamente menos activo, embora recebesse Salazar na sua magnífica casa da Rua Ferreira Borges e continuasse a financiar a faculdade em que este leccionava.

A inclusão de Salazar no romance permite enquadrar historicamente o surgimento e a consolidação do Estado Novo em Portugal. Todavia, convém lembrar que a referência ao ditador português se faz misturando dados históricos — mais uma vez, tratados de forma algo livre — com as lembranças pessoais de Margarida. Ora, este procedimento serve tanto para reforçar a verosimilhança das informações, como para operar, face à historiografia, o descentramento da «grande» História por meio da História vivida. Margarida conheceu Salazar muito antes de ele se tornar a figura central do Estado Novo. Por isso, através das suas recordações de juventude, resumidas e completadas por Sebastian, o que os leitores ficam a conhecer não é ainda o estadista, mas o professor de Economia que frequentava a casa de Joaquim Armando Durão:

Der Mann war wortkarg, unfröhlich, bescheiden, und er hatte keinen Blick für ein Schulkind, wie aufgeweckt es auch immer sein mochte, zumal es sich um ein Mädchen handelte. Meist kam er in Begleitung von Studenten und Angehörigen des akademischen Mittelbaus, die ihm samt und sonders in Bewunderung ergeben waren, einige schienen ihn wie einen Propheten zu verehren. Zu ihrem siebten Geburtstag schenkte er Margarida eine Halskette mit einem goldenen Kreuz, das Lucia de Jesus, die älteste der drei Fatimakinder, geküßt und gesegnet hatte. (p. 170)

Aos traços de carácter de um misantropo e à aura de economista-prodígio, idolatrado por um séquito de estatuto socioacadémico médio, junta-se a ligação ao catolicismo, numa caracterização convergente com as informações que a historiografia nos fornece sobre a figura. Quanto ao detalhe ficcional de Salazar ter oferecido a Margarida um fio com uma cruz de ouro, que a Irmã Lúcia havia benzido e beijado, constitui uma estratégia eficaz de intensificação. Serve, a meu ver, não só para acentuar a dimensão privada da «pequena» História, como também para realçar

o lado conservador e supersticioso da religiosidade de Salazar, enquanto permite evocar a ascendência da Igreja nos usos e costumes da sociedade portuguesa da época.

Porém, a descrição da figura e do seu contexto não se fica por aqui. Após esta apresentação muito pessoal, seguem-se ainda algumas linhas, que sumarizam os elementos relevantes do conhecimento histórico-político. Menciona-se aí o golpe militar na década de 1920, a queda da Primeira República e a conseqüente ascensão política do professor de Coimbra, que passa de ministro da Economia e das Finanças a «Staatspräsident und schließlich Diktator» (p. 170). Com grande maestria narrativa, a curiosidade que o romance vai alimentando sobre a personagem — pelo menos entre os leitores pouco versados na história de Portugal — culmina, finalmente, na sua identificação e num comentário lapidar: «Sein Name: António de Oliveira Salazar. Er blieb an der Macht sechsunddreißig Jahre lang» (p. 170).

Posteriormente, quando for referida no texto a morte do pai de Margarida, ficar-se-á a saber algo mais sobre a ditadura portuguesa e as circunstâncias da sua consolidação. Joaquim Armando Durão acabaria por distanciar-se do Estado Novo; contudo, no clima de censura e perseguição que caracterizava o regime, só falava disso com a filha, protestando em surdina contra «die Übergriffe der *Polícia de Vigilância e Defesa do Estado*, dieser allerorts lauernenden politischen Polizei, die inzwischen auf sämtliche Organe des Staates, einschließlich der Streitkräfte, Einfluß ausübte» (p. 193). A própria Margarida, em Lisboa, virá a aproximar-se de um grupo de resistência e a colocar estrategicamente panfletos na praça do Comércio com uma única palavra: Tarrafal. O romance explica: «Das war der Name des Lagers auf einer der Kapverden-Inseln, wohin die Feinde des Staates gebracht wurden» (p. 194).

Todavia, voltemos a Margarida ainda nos seus tempos de estudante. Pela educação que recebeu e pelo curso pouco comum em que se licenciou, Margarida configura uma jovem à frente do seu tempo. A cidade de Coimbra, esboçada no romance numa ambivalente situação de pólo de conhecimento e de urbe elitista e conservadora, duplamente periférica face à Europa, não lhe oferece condições de afirmação pessoal. A insatisfação que Margarida sente com a falta de oportunidades leva-a até a preparar a fuga para Paris — signo, por si só, de cultura e de emancipação —, mas, no momento crucial, recua, vencida (p. 172). Tal desistência favorece a relação com Carl, ele também já derrotado pela renúncia a um projecto ousado de vida, em prol do percurso estável e previsível de grande homem de negócios com ligações à ciência. Como diz Carl a Sebastian, mais tarde, o que uniu o casal terá sido precisamente essa experiência comum de desilusão e resignação: «Unsere Beziehung versprach nicht eine neue Chance, aber einen erträglichen Umgang mit der Niederlage» (p. 182).

O desencanto, porém, não impede Margarida de desafiar as normas da alta burguesia a que pertence. Assim, a jovem não apenas decide acabar o noivado com

Daniel³², como escolhe igualmente fazer amor com ele antes do casamento com Carl. Trata-se de uma situação que Margarida, na conversa com Sebastian, designa como «[d]en “großen falschen Schritt”» (p. 191) e que influenciará toda a sua existência, pois a relação irá manter-se durante o casamento (pp. 193-196). No período em que a guerra afasta Carl do país, Margarida chega a viver quatro anos com o ex-noivo (p. 686) e, mesmo depois de se mudar para a Áustria, será Margarida a procurar Daniel, por mais de duas décadas. De todas as vezes, conta ao marido a aventura extraconjugal, recusando sempre a ideia de divórcio. O último encontro acontece em 1960, no decurso do semestre lectivo de Carl em Lisboa, mas «o passo em falso» só se resolve verdadeiramente com a morte do economista português, que a própria mulher de Daniel lhes comunica (p. 196).

Carl, na última noite de conversa com Sebastian, confessa não entender o que levava Margarida a agir daquela forma e procura encontrar justificações. No plano de comunicação externa da obra, antecipa-se, deste modo, uma possível reacção de estranheza por parte do leitor, pois nada no romance demonstra falta de afecto na relação entre as duas figuras: a decisão de casar pode não ter sido ditada pela paixão, mas a vida em comum cimentou o amor entre ambos.

Na verdade, a relação transgressiva com Daniel constitui apenas uma das várias incongruências que dão densidade à figura de Margarida. A caracterização directa feita por Sebastian salienta a sua personalidade desconcertante, apresentando-a quer como «zuwendungsbereit, redelustig, unsentimental, herzenswarm und manchmal ein bißchen ordinär» (p. 144), quer como criatura que vive no presente, sem pensamento abstracto e escolhas racionais, mas com a capacidade de «abrupt eine nahezu transzendente Wärme auszustrahlen, Weltliebe, Gottesliebe» (p. 704). Este amor transcendental reflecte-se na imagem dominante que se tece da personagem, como a de alguém extremamente sensível, instintiva e maternal, que rodeou de carinho todos os que com ela se cruzaram. São características tradicionalmente associadas ao elemento feminino, mas tal não significa que estejamos perante uma figura estereotipada. Pelo contrário, existem abismos profundos nesta mulher madura, de traços fisionómicos dissonantes e masculinos (pp. 53, 143), questões não resolvidas, que afloram, por exemplo, na sua dependência do álcool e do tabaco (pp. 52-53, 189-190), ou na ligação erótica que poderá ter tido com o pai de Sebastian, Georg Lukasser (pp. 52, 54, 231-232).

Certo é que Carl sente o *affaire* como uma ameaça à racionalidade e estabilidade da sua existência. O passo em que fala do caso a Sebastian consubstancia a estratégia narrativa de poliperspectivação e permite transmitir ao leitor, quanto a esta parte da vida de Margarida, dados que ela mesma ignorava. Assim, ao invés do que Margarida

³² Saber-se-á depois que o pai de Margarida pagou à família do noivo «eine Entschädigung» (p. 192), o que, tal como a já mencionada referência a um «obligaten Fünf-Uhr-Tee» (p. 619), não é comum na cultura portuguesa.

dissera a Sebastian (p. 194), Carl conhecia Daniel, tinha-o até observado sistematicamente em quase todas as visitas a Portugal. Mas Daniel Guerreiro Jacinto, «[der] schöne[] Mann mit dem schönen Namen» (p. 684), era extraordinariamente desinteressante: «ein Kinderschwimmbecken, angefüllt mit klarem, kaltem Wasser. Was gibt es darin zu sehen?» (p. 685), comenta Carl. Note-se que a outra fonte de informações de que o leitor dispõe sobre a figura, *i. e.*, a própria Margarida, confirma esta interpretação. Na sua juventude, Daniel era já muito atraente, pálido e sério, mas, segundo Margarida, também banal e monótono: «Er stand auf null. [...] Er war ein Wunder an fehlendem Ehrgeiz. [...] Daniel war kein spannender Mensch [...]. Er war nett, traurig, dumm. Ich liebte ihn, weil er traurig war» (p. 171). E, todavia, Margarida nunca conseguiu desligar-se dessa normalidade inconspícua e triste.

Carl, que tenta racionalizar a actuação da mulher imputando-a à situação de excepção do relacionamento e não ao carácter de Daniel, acaba por reconhecer que se enganara (p. 687). De facto, Daniel Guerreiro Jacinto afasta-se das características habitualmente alinhadas com o elemento masculino, como ambição, autoconfiança e acção, e mostra-se melancólico e reservado, concretizando atributos que, de resto, o imaginário europeu tende a associar aos portugueses. Isto faz com que a sua função no romance seja — à semelhança de Georg Lukasser — a de ocupar o espaço inverso ao temperamento enérgico, seguro de si e até presunçoso de Carl. Na constelação de figuras, Daniel materializa a alternativa e, nessa medida, ajuda igualmente a sublinhar a própria condição da personagem feminina, que, mais do que se colocar em oposição a Carl, se move entre as duas esferas. É certo que Margarida exprime, na obra, a dimensão instintiva, arrebatada, empática, carinhosa e também, em última análise, intrinsecamente frágil da criatura humana, diferindo em quase tudo de Carl Jacob Candoris. Todavia, Margarida mantém até à morte o casamento com Carl, e se o universo do irracional que ela representa, não explicável e não apropriável através da lógica, contrasta com o frio racionalismo do marido, ao mesmo tempo consegue equilibrá-lo dialecticamente. Face a este efeito humanizador, e salvaguardadas as devidas distâncias, podemos, então, dizer que Margarida se configura, no romance, como uma nova Gretchen deste novo Fausto moderno.

Não por acaso, é a consciência de que esse equilíbrio está em risco que leva Carl a agir de forma drástica: após vinte e cinco anos de casamento, no já mencionado semestre lectivo em Lisboa, Carl manda matar o rival (pp. 690-701). Como seria de esperar, a decisão implica nele um planeamento aturado, mas a hipótese do delito constitui uma invulgar cedência à emoção, coisa que ele próprio reconhece e de que se distancia, com humor, quando enumera a Sebastian os expedientes de que se serviu. Conquanto o crime não chegue a concretizar-se — porque, no último instante, Carl se rende à influência da presença inocente do pequeno Sebastian —, tratou-se de uma situação decisiva: «Ich war an die Peripetie meines Dramas angelangt» (p. 693), comenta ele.

Nessa época em que os Candoris vivem pela última vez na cidade, o romance volta a apresentá-la com uma dupla face. Por um lado, do ponto de vista da configuração física, Lisboa delinea-se apenas como pano de fundo. As referências identificadoras, transmitidas ainda na parte inicial do romance e a partir das recordações da criança que era Sebastian, resumem-se a sinais comuns e até algo estereotipados da capital: o Tejo, o Elevador de Santa Justa, as histórias «von den unendlich traurigen Fadosängerinnen aus Lissabon» (p. 155), ou as memórias que o rapazinho guarda de comer «den berühmten portugiesischen Kuchen» a caminho de Belém (p. 157)³³. Nesta parte final da narrativa, sabemos tão-somente ter sido à beira do rio e perto da Torre de Belém que Carl se encontrou com os intermediários do seu macabro plano. Todavia, se a capital portuguesa surge, sobretudo, como cenário, por outro lado, não deixa de ser igualmente o lugar psicológico da crise e das forças do irracional. *i. e.*, o signo da perturbação que se esconde sob o racionalismo e a impassibilidade de Carl. Aliás, também para Margarida a cidade representa, de novo, o local de transgressão, pois não resiste a encontrar-se com Daniel e, pressentindo a ruptura no seu casamento, acaba por pedir a Carl que cortem definitivamente os laços a Portugal. Com as suas duas dimensões, Lisboa revela-se, mais uma vez, um palco fundamental da existência dos protagonistas.

Assim, neste romance, que, parafraseando as palavras de Matthias Beilein acima citadas, é sobre história do século XX, sobre a memória e sobre o acto de narrar, mas também, acrescento eu, sobre as diversas formas que o amor pode assumir, a importância das figuras e dos lugares do espaço português contraria a desatenção a que este estudioso vota o papel de Portugal. Que conclusões há a retirar, então, sobre as páginas portuguesas de *Abendland*?

Creio poder afirmar, antes de mais, que o escritor Michael Köhlmeier demonstra um razoável conhecimento do contexto português na primeira metade do século XX — não apenas da singularidade física e metafórica das duas cidades evocadas (Lisboa e Coimbra), mas igualmente da história do salazarismo e da condição da mulher lusa nesse período. Por alguns pormenores, de natureza geográfica e sociocultural, arrisco até defender que o autor conhece *in loco* os espaços de que fala. O mesmo se diga quanto ao uso da língua: as expressões portuguesas com que pontua o romance são aplicadas com acribia³⁴ e, além de assegurarem verosimilhança e colorido local, dão testemunho de um contacto muito próximo com o idioma.

³³ Embora também se fique a saber, pela voz de Carl, que Sebastian não gostava de doces e que o seu prato favorito de cozinha portuguesa era «Caldeira[da] de carne» (p. 700).

³⁴ A acrescentar às palavras e frases em português que fui já reproduzindo, atente-se, também, no uso de um idiomatismo como «*Falou e disse!*» (p. 223, *italico no original*), utilizado por Carl para reconhecer a validade de um comentário que Margarida certamente faria sobre a família dele se, após a morte, todos viessem a encontrar-se no céu.

Todavia, mais relevante do que saber se Köhlmeier esteve em território português durante a preparação do romance, interessa voltar à questão do papel que esta região do Ocidente desempenha na narrativa. A meu ver, Portugal adquire uma componente simbólica, e a escolha do país prende-se com a sua dimensão periférica e com a técnica de descentramento que caracteriza *Abendland*.

No romance, Portugal é desenhado a traço grosso, como país calmo, católico e conservador, que tem vínculos europeus e coloniais e que permanece arredado da Segunda Guerra Mundial, mas cujo caminho, desde a viragem do século, conduziu ao salazarismo. Neste pequeno rectângulo luso, Carl Candoris pode conciliar as diferentes actividades de matemático, chefe de família e homem de negócios, e ainda realizar as suas viagens, mesmo aquelas de objectivos secretos, sem levantar qualquer suspeita. Afinal, o obscuro país no extremo ocidental do continente não tem grande peso na política europeia de meados do século XX. Além disso, se o período dos anos de 1920 a 1940 é mais aprofundado no romance, o semestre que os Candoris passam em Lisboa com Sebastian, no início dos anos de 1960 — embora reduzindo a carga simbólica da cidade à dimensão estritamente privada —, reforça a importância psicológica dessa localização portuguesa na diegese, como lugar-limite de fractura na vida das principais figuras. A escolha deste país periférico surge, pois, como condição *sine qua non* para o desenvolvimento da acção, quer credibilizando a construção das personagens, quer escorando a resolução narrativa de tratar não a «grande» História, mas a História vivida — e experienciada a partir das margens.

Simultaneamente, em virtude do seu afastamento, Portugal desempenha um papel de complementaridade no universo diegético da obra. Por um lado, o país que o romance ficcionaliza é o da ditadura de Salazar, uma variante do curso político totalitarista que marcava a Europa da época. Desconhecida para muitos dos leitores e sem a virulência trágica do nacional-socialismo na Alemanha, a história portuguesa desse período permite a *Abendland* expor o fascismo como fenómeno transnacional e evocar, metonimicamente, as convulsões europeias de meados do século XX. Por outro lado, mobilizando, em certa medida, o lugar-comum da diferença de temperamento entre o Norte e o Sul, o romance concretiza Portugal como espaço do irracional e da melancolia, através das figuras de Margarida e Daniel Guerreiro Jacinto. Daniel tem um papel muito secundário e importa no romance sobretudo como terceiro vértice do triângulo amoroso, mas Margarida exprime uma dimensão do humano que se afasta do carácter racionalista e positivista do matemático Candoris. O seu lugar no romance vai, então, além do mero facto de Margarida ser a mulher de Carl — e, para o leitor, fonte de informações sobre Portugal. Em última análise, embora completando dialecticamente a personalidade e a actuação de Carl Jacob Candoris, a sua diferença corrobora a posição que o estudioso Leonhard Herrmann

já assinalava como pilar ideológico de *Abendland*: a crítica ao espírito exclusivamente lógico-dedutivo da tecnociência fáustica, que o romance tanto responsabiliza pelas catástrofes do século passado.

Em suma, a partir da periferia, as páginas portuguesas de *Abendland* não só conjuram, por afinidade e/ou contraste, os regimes autocráticos que dominaram o continente, mas sinalizam ainda o reconhecimento do irracional, da contradição e da imperfeição como elementos essenciais do ser humano. Portugal funciona na obra como pólo descentrado de perspetivação e ganha dimensão simbólica, no plano histórico e no plano existencial, configurando-se, assim, como uma das mais importantes âncoras espaciais de *Abendland*.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Jan (2000 [1992]). *Das kulturelle Gedächtnis*. München: Beck.
- AUST, Hugo (1994). *Der historische Roman*. Stuttgart, Weimar: Metzler.
- BEILEIN, Matthias (2010). *Die Maßstäbe der Erinnerung*. In LÄNGLE, Ulrike; THALER, Jürgen, eds., *Michael Köhlmeiers „Abendland“. Fünf Studien*. Innsbruck u.a.: StudienVerlag, pp. 27-39.
- DIETRICH, Ronald (2003). *Der Gelehrte in der Literatur. Literarische Perspektiven zur Ausdifferenzierung des Wissenschaftssystems*. Würzburg: Königshausen und Neumann.
- ERLL, Astrid (2003). *Gedächtnisromane. Literatur über den Ersten Weltkrieg als Medium englischer und deutscher Erinnerungskulturen in den 1920er Jahren*. Trier: WVT.
- ERLL, Astrid (2005). *Literatur als Medium des kollektiven Gedächtnisses*. In ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar, ed., *Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft. Theoretische Grundlegung und Anwendungsperspektiven*. Berlin, New York: de Gruyter, pp. 249-276.
- GALLI, Matteo; COSTAGLI, Simone, ed. (2010). *Deutsche Familienromane. Literarische Genealogien und internationaler Kontext*. München: Fink.
- HERRMANN, Leonhard (2011). *Kulturge schichten des Wissens. Das ganze 20. Jahrhundert im Rückblick — fiktive Gelehrtenbiografien von Michael Köhlmeier und Marcel Beyer*. «KulturPoetik». 11:1, 240-257.
- HERRMANN, Leonhard (2021). *Vom Leben erzählen. Selbstreflexion, Geschichtlichkeit und die Idee des „Abendlands“ bei Michael Köhlmeier*. In KETTERL, Simone, MARX, Friedhelm, MEURER, Jonas, ed., *Mythos — Geschichte — Gegenwart. Beiträge zum Werk Michael Köhlmeiers*. Würzburg: Königshausen & Neumann, pp. 33-47.
- HUTCHEON, Linda (1988). *A Poetics of Postmodernism. History, Theory, Fiction*. New York: Routledge.
- KÖHLMEIER, Michael (2015 [2007]). *Abendland. Roman*. München: DTV.
- NADJ, Julijana (2006). *Die fiktionale Metabiographie. Gattungsgedächtnis und Gattungskritik in einem neuen Genre der englischsprachigen Erzählliteratur*. Trier: WVT.
- NÜCHTERN, Klaus (2010). *Die Schrammeln, der Jazz und die Neue Musik. Über Musikalisches in „Abendland“*. In LÄNGLE, Ulrike; THALER, Jürgen, ed., *Michael Köhlmeiers „Abendland“. Fünf Studien*. Innsbruck u.a.: StudienVerlag, pp. 53-66.
- NÜNNING, Ansgar (1995). *Von historischer Fiktion zu historiographischer Metafiktion. Bd. 1: Theorie, Typologie und Poetik des historischen Romans*. Trier: WVT.
- NÜNNING, Ansgar (2000). *Von der fiktionalen Biographie zur biographischen Metafiktion. Prolegomena zu einer Theorie, Typologie und Funktionsgeschichte eines hybriden Genres*. In Von ZIMMERMANN, Christian, ed. *Fakten und Fiktionen. Strategien fiktionalbiographischer Dichterdarstellungen in Roman, Drama und Film seit 1970*. Tübingen: Narr, pp. 15-36.

- NÜNNING, Ansgar (2002). *Von der fiktionalisierten Historie zur metahistoriographischen Fiktion. Bausteine für eine narratologische und funktionsgeschichtliche Theorie, Typologie und Geschichte des postmodernen historischen Romans*. In FULDA, Daniel; TSCHOPP, Silvia Serena, ed., *Literatur und Geschichte. Ein Kompendium zu ihrem Verhältnis von der Aufklärung bis zur Gegenwart*. Berlin: De Gruyter, pp. 541-569.
- PIMENTEL, Irene Flunser (2006). *Judeus em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. Em Fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros.

PORTUGAL SOBLENTE ALEMÃ: MARIA UND EUSÉBIO, DE MICHAEL LONGERICH

ANA ISABEL GOUVEIA BOURA*

Resumo: *Apetrechado com bagagem académica recolhida nas áreas de História, Ciências Políticas e Germanística, Michael Longerich parte em viagem dialógica, para captar matizes político-económicos e socioculturais de um país europeu em rota colonial e trajetória pós-colonial. Tomando uma figura de vulgaríssimo nome feminino, no espaço lusófono das décadas de 1960 e seguintes, e uma figura masculina fulgurante na ribalta futebolística internacional, que inesperadamente travam conhecimento numa cabine de avião, o autor, nascido na Alemanha e residente na Dinamarca, desvela, em tessitura romanesca, linhas e entrelinhas de uma sociedade urbana espartilhada pela ideologia salazarista e libertada pelo golpe revolucionário. As perguntas prováveis do leitor, ao virar a capa do romance, rumo à página de rosto da obra: que traços de realidade e fios de imaginação se entrelaçam na imagem de Portugal rececionada pelo escritor alemão à distância das décadas, dos quilómetros e da língua portuguesa? Que propósito autoral juntou, já no título da obra, figura anónima a individualidade de craveira internacional?*

Palavras-chave: *Michael Longerich; Romance; Portugal; Eusébio.*

Abstract: *Having studied History, Political Sciences and German Studies, Michael Longerich sets out on a dialogic journey, to capture political, economic, social and cultural nuances of an European country on a colonial route and post-colonial trajectory. Approaching a character with a common female name in the Portuguese-speaking world of the 1960s, 1970s and 1980s and an international football star, the author of Maria und Eusébio, born in Germany and residing in Denmark, reveals, in a novelistic text, aspects of an urban society in and after Estado Novo. Two main questions, when we turn to the opening page of the novel: what traces of reality and threads of imagination are intertwined in the image of Portugal presented by a German writer at a distance of decades, miles and the Portuguese language? What authorial purpose has approached — from the title of the book on — an anonymous character to a football star?*

Keywords: *Michael Longerich; Novel; Portugal; Eusébio.*

ELEMENTOS BIOBLOGRÁFICOS¹

Michael Longerich nasceu em 1959, na cidade de Freiburg im Breisgau; cursou História, Ciência Política e Germanística, tendo concluído a sua formação académica

* Faculdade de Letras, Universidade do Porto, CITCEM. Email: aboura@letras.up.pt. ORCID: 0000-0001-7579-7163. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

This work was supported by national funds through FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., under the project reference UIDB/04059/2020 and DOI identifier: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

¹ Raras, concisas e dispersas por páginas eletrónicas do mercado livreiro, assim são as informações sobre a vida e a obra de Michael Longerich. A consulta das principais obras bibliográficas de estudos germanísticos não revelou ensaios críticos sobre o autor e/ou a sua obra literária. Assim se justifica a falta de referenciação bibliográfica sobre o autor e a sua produção literária no final deste trabalho.

com uma dissertação na área dos Estudos Políticos. O autor alemão reside, desde 1989, na cidade dinamarquesa de Tønder, havendo juntado à atividade de docente liceal a escrita literária. Vieram a lume, em 1918, o romance de estreia *Immer wieder* e, em 2022, o romance *Maria und Eusebio*. Também com a chancela da editora Kid Verlag, foi, em 2021, dada à estampa a coletânea de narrativa juvenil *Ich will raus! Einfach raus [...]*, coordenada por Longerich.

Não impremeditada a data de edição de *Maria und Eusebio*: conforme informação *online* da editora, o romance surgiu nos escaparates a 25 de janeiro de 2022, o dia em que o jogador benfiquista teria completado 80 anos.

CAPA E CONTRACAPA

Assumem especial relevância informativa, em *Maria und Eusebio*, a capa e a contracapa do volume — tanto pelas indicações textuais, que identificam autoria, título, género literário e editora da obra, como pela gravura, que, em composição de Rose Bernfeld sobre foto de Luís Bartolomé Marcos, presentifica imagem fotográfica típica de setor antigo na capital portuguesa.

Ao tomar o livro, o leitor depara, na face anterior, com captação fotográfica em perspetiva ascendente: um troço de escadaria urbana, com corrimão central, entre fachadas de edifícios em bairro antigo e de estrato socioeconomicamente inferior, a avaliar pela forte deterioração da pintura domiciliária; pelos grossos fios de telecomunicações; pelos suportes metálicos de estendais encavalitados nas varandas que se abrem sobre os degraus; pelos danos no pavimento em pedra e no ferro cromado do corrimão.

Igualmente interessante que a imagem frontal estampada na capa traspasse a lombada do livro, preenchendo integralmente a contracapa, que revela, além da continuação do segmento de corrimão que se inicia no espaço gráfico da lombada, uma fachada em estado de desgaste arquitetónico. Em grande plano, a parede frontal patenteia uma porta fechada de dois batentes, com dupla janela esguia, sobre a qual se crava o número de localização urbana e um azulejo de estilo lusitano, jogo de azul e branco levemente amarelecido pela passagem temporal. O azulejo glosa motivos religiosos, pois que centra uma figura da Virgem, com imagem do bispo a formar-lhe pedestal e a figura sobranceira de um anjo quase barroco, do qual partem, pela esquerda e pela direita, tufos descendentes de celestiais nuvens. Enquadram bilateralmente a figura sacra, partindo de dois pedestais em pedra, ornamentos vegetais, em torneados de voluta.

Em suma: mesmo antes de ler a sinopse da obra, que surge na contracapa, à direita das figurações arquitetónicas e pictóricas, deste modo aproveitando a parte desnudada da fachada, o leitor verá, se munido de informantes relativos à arquitetura e azulejaria portuguesas, e concomitantemente secundado pelo antropónimo

titular *Eusébio*, nos motivos fotográficos da capa e da contracapa, sinais identificadores da capital lusa.

O texto sinótico confirma a leitura imagética, juntando ao indicador cronológico «1960», com que abre o resumo, a informação sobre o local em que se desenrola a ação e os elementos da sintagmática diegética: a centralidade diegética das figuras que intitulam o romance; o motivo da viagem aérea que conduz à capital portuguesa as duas personagens principais; o enquadramento ideológico-político — a ditadura salazarista. A rematar, duas perguntas que insinuam o protagonismo da figura feminina e o estatuto adjuvante do sujeito masculino: como agirá Maria nas teias familiares e sociais em que estará enredada? Qual o contributo actancial de Eusébio?

MARIA E EUSÉBIO

Breve sintagma nominal, o título referencial *Maria und Eusébio* agrega dois antropónimos em sucessão sindética, gerando a expectativa de obra narrativa em torno do par amoroso. O público-leitor de língua alemã culturalmente informado, de idade mediana ou avançada e com interesse desportivo, logrará, sem dificuldade, a descodificação do segundo elemento onomástico, lendo nele o nome próprio do futebolista português nascido em Moçambique e internacionalmente aclamado nas décadas de 1960 e 1970.

Surpreenderá, porventura, a ordem dos substantivos que integram a sequência nominal do título: a personagem feminina nomeada antes do elemento masculino, contrariando, desde logo, o modelo convencional (*Dáfnis e Chloé, Tristão e Isolda, Orfeu e Eurídice, Antonio e Cleopatra, Troilo e Crésida, Romeu e Julieta, Pelléas e Mélisande, Paulo e Virgínia*). Não Eusébio, já invulgar no antropónimo que o identifica e amplamente ovacionado, mas a figura feminina designada por atributo onomástico, à data, sobremaneira comum na língua portuguesa, mereceu, no título, a atenção privilegiada do autor textual. E com justificação técnico-literária: a «Pantera Negra», que fulgurantemente pendulou em estádios maiores do universo futebolístico mundial, atravessará as trezentas e quinze páginas do romance como figura leitmotivicamente convocada pela memória e pela voz narrativa de uma serviçal.

Maria, a jovem moçambicana que chega a Lisboa para trabalhar como ama em abastada família da capital, constitui não apenas a personagem principal da ação diegética, mas também, durante dezanove dos vinte e três capítulos da obra, voz narrativa do texto romanesco, deixando, já no parágrafo de abertura, inferir o seu estatuto de narrador autodiegético: «Er sah mich an. Nur mich. Ich konnte es schon von weitem sehen» (p. 5)². Não que a instância narrativa na primeira pessoa

² A partir de agora, as citações e as referências a trechos da obra serão identificadas no texto com a indicação das respetivas páginas, entre parêntesis. Excetuam-se as indicações incluídas em rodapé nas notas 4 e 5. Utilizei a edição de 2022, trazida a público pela editora Kid Verlag.

se apresse a identificar nominalmente os pronomes pessoais que concatena no parágrafo inicial, limitando-se a insinuar, por conexão gramatical, e em registo depurado, a aproximação sensorial de duas figuras.

Se aplicado a ambos os referentes titulares, o verbo de percepção ótica *sehen* sugere um encontro ansiado e cúmplice de dois seres consonantes. Só o segundo parágrafo, desambiguando o termo «Prazeres» (p. 5), que intitula o primeiro capítulo, desmorrone, em jeito desilusionístico, a imagem eufórica de vinculação sensorial emergida do parágrafo inicial, convocando um grau máximo de separação ontológica — aquela que aparta os organismos vivos dos seres inertes: não a universo de deleite, mas a cenário fúnebre («Friedhof Prazeres», p. 5) se aplica o substantivo paratextual.

Não nomeados, por conseguinte, no parágrafo de abertura, o eu e o ele. Basta, porém, no segundo parágrafo, a designação do jornal exposto no quiosque em que o eu-vivencial vislumbra o eu não vivente, para que o recetor textual infira, no binómio inicial eu-ele a constelação titular. O leitor de língua alemã informado, ou que pretenda informar-se, saberá que *A Bola* alude titularmente a tabloide desportivo, então de tiragem bissemanal, no mercado jornalístico português.

Que ao contacto visual estabelecido pelo eu-vivencial, à saída do cemitério, com a imagem jornalística que o atrai, se junte, já no posto de venda mediática, a conexão táctil («Meine Hände zitterten noch mehr, als ich die Zeitung endlich in Händen hielt und ihn betrachten konnte», p. 5) não poupa à personagem, nem ao recetor textual, o confronto com a pungência do não ser: «Der König ist tot» (p. 5) lia-se em grafia apelativa («in großen Buchstaben geschrieben», p. 5), no suporte jornalístico, e plasma-se, em formato gritante, na eventual deceção do leitor, ao presumir que o relato da ação diegética de *Maria und Eusébio* principia *in ultimas res*, com a inexorável irreversibilidade de um fim relacional.

Fica assim, desde logo, realisticamente motivado, o movimento analéptico que urdirá a sintagmática discursiva. O confronto com a notícia necrológica de Eusébio desencadeia em Maria o processo mnemónico que sustentará a narração: o futebolista, associado, desde o primeiro encontro de ambos, a cada etapa existencial da jovem negra, assomará repetidamente no fluxo diegético-narrativo, para aflorar, ainda, por voz de sujeito exterior à ação, na antepenúltima página da obra.

Flanco narrativo, a enquadrar princípio e fim do relato autobiográfico, o nome e a figura de Eusébio compassam a dupla viagem realizada por Maria — a de elétrico, entre o Cemitério dos Prazeres e a rua das Escolas Gerais; e a da rememoração, que, desencadeada pela repentina notícia jornalística sobre a morte do futebolista moçambicano, denuncia a função adjuvante de Eusébio, na rota vivencial de Maria: pilar de resiliência e trave de sonho, insistente presença, ainda que quase só *in absentia*.

Porque apenas em viagem primordial, longa e aérea, Maria e Eusébio partilham, por impulso do destino, ou lance do acaso, um espaço de comunicação biunívoca:

a jovem aproxima-se, por olhar fortuito, de Eusébio, na gare de partida do aeroporto lourenço-marquino. O jovem, alheio ao olhar feminino, discreto, porém insistente, que o segue, acerca-se, pouco depois, involuntariamente, da conterrânea, ao tomar o lugar preestabelecido pela companhia aérea no avião. Na morosa rota intercontinental, desvelam-se circunstâncias passadas e presentes dos respectivos percursos vivenciais; enunciam-se motivações e propósitos; admitem-se receios e esperanças; reconhecem-se, com indisfarçado agrado, afinidades de história pessoal e do perfil psicológico; antecipa-se futuro jamais presentificado (pp. 10-14).

«Besuch mich doch» (p. 15) convida, à despedida na gare aeroportuária de Lisboa, por incentivo da sua companheira de bordo, o futebolista, que a imediato pedido da interlocutora, propõe também o ponto de encontro: «Im Stadion» (p. 15). A contração da preposição espacial «in» com o artigo definido escamoteava a incerteza do jogador quanto à sua identidade clubística, pois que Eusébio, o sujeito ficcional, tal como o referente empírico, ignorava, à chegada a Lisboa, não apenas a sua futura domiciliação, como também a associação desportiva que, no leilão concorrencial das duas equipas então mais fortes do futebol português, o arrebataria (p. 11).

Não podia, ademais, o, até então, jogador do Sporting Clube de Lourenço Marques, adivinhar que a jovem companheira da rota migratória o visitaria, não apenas, como previsto, no anonimato massificado do estádio benfiquista — para lhe captar, primeiro, em treinos e jogos, o dinamismo vital e a genialidade desportiva, e lhe apreender, depois, no velório, a serenidade majestática emoldurada por homenagem multitudinária. Já antes, muito antes de se dirigir ao estádio do clube encarnado, Maria visitava o futebolista à direita do qual deixara, em voo de esperança, o continente mátrio, para se acomodar em solo pátrio: pela sistemática recolha, em jornais desportivos, de fotografias singulares ou coletivas de Eusébio e de artigos noticiosos sobre o jogador. E, se, nas deslocações ao recinto benfiquista, Maria abraçava com o olhar, à distância e sem reciprocidade, o desportista em campo de treino, pelo arquivo de documentos jornalísticos relativos ao conterrâneo, a jovem moçambicana juntava, não raro, à apreensão visual o contacto tátil — toque enlevado do corpo ausente.

Não mero entusiasmo de fã — nem o futebol, nem mesmo o Sport Lisboa e Benfica, apenas Eusébio a cativava («Ich sah nur ihn», p. 52): tão-somente amor desabrochado, com extática passionalidade, em coração juvenil, e jamais estiolado sob as ondas maremóticas, ou nos vendavais desérticos, da sua existência na capital do império colonial. Esmeradamente recortados e preservados com enlevado zelo, em vazia caixa de sapatos, enquanto a compra de álbuns fotográficos lhe ultrapassava a disponibilidade financeira, as fotografias de Eusébio e os artigos que o noticiavam preenchiavam, em luminosos e aconchegantes nichos, os raríssimos segmentos do solitário lazer doméstico que, no quarto, intercalavam a labuta diária de Maria, rapidamente promovida de ama e auxiliar doméstica — conforme promessa verbal

do angariador, na capital moçambicana —, a criada principal, e coagida a contracena sexual com o patrão, no domicílio lisboeta.

Contudo, não apenas fruição do olhar e ilusão de toque, em recanto de ócio; também invocação de auxílio emergencial, nas arenas de flagelação: à imagem que do futebolista guardava na mente e no coração recorria a jovem negra, como se a figura sacral, em oratório anímico, a buscar firme resiliência, promessa de alívio e expectativa de resgate. A Eusébio, suplicava Maria antes, durante e após os interstícios diários em que o patrão lhe saqueava a alma, ao invadir-lhe o corpo («Eusébio, komm und hol mich hier raus. Rette mich», p. 40; «Hilf mir, Eusébio», p., 40; «Du wirst mich bewachen, während ich schlafe, Eusébio.», p. 41); a Eusébio implorou Maria, quando o padre em que ela procurou o Deus consolador e protetor a reenviou, sob escolta policial, ao inferno patronal de que, em auge de vitimização, ousara evadir-se («Ich klammerte mich an einen Gedanken. Eusébio. Eusébio, hilf mir, dachte ich», p. 129). Nem o profundo carinho, misto de gratidão e admiração, por João — o camionista de longo curso internacional que tomou Maria como esposa para a resgatar da exploração e sodomização patronais, e que lhe franqueou, por iniciativa migratória, os espaços e as gentes sul-alemães — logrou esbater, em Maria, a imagem indelével do companheiro de voo intercontinental.

Ao templo benfiquista, levava, ademais, Maria não apenas o seu flamejante coração, mas também as crianças que — primeiro, no lar de infância que, após fuga da exploração patronal, a empregou; mais tarde, no seu próprio lar de, entretanto, viúva; e, às vezes, na cozinha da casa de fados que regularmente visitava — saravam fissuras, colhiam resiliências e moldavam sonhos sob as palavras de experiência vivencial e de amor maternal com que a protagonista as albergava.

Não que as sucessivas apóstrofes de Maria a Eusébio, quase sempre em monólogo interior, se acompanhassem de referências ao perfil físico ou psicológico do invocado. Ao antropónimo, não raro em função vocativa, juntava Maria o pronome possessivo na primeira pessoa, para, com máxima firmeza, lhe imprimir presença — «mein Eusébio» (MuE, 40). Alternativamente, surgia-lhe, em complemento ou em substituição do elemento onomástico, denominação mais afetiva: «mein Geliebter (MuE, 52).

O PORTUGAL DE EUSÉBIO

Do Eusébio de Maria o leitor recebe retrato disperso e lacunar, entretecido de malhas verídicas e fios imaginários, que só o leitor historicamente competente logrará des-trinçar: o tom claro da pele — alusão do autor textual ao miscigenado sangue do jogador benfiquista, filho de pai branco nascido em Angola e de mãe negra moçambicana —; o fato em que o jovem lourenço-marquino se encolhia, à partida da terra natal; a chegada, em dezembro de 1960, a Lisboa; os olhos «expressivos, grandes» (p. 8); o sorriso «tímido» (p. 40) e o tronco musculado; a veloz movimentação em

campo e o remate possante (p. 52); a estreia, no Estádio da Luz, em maio de 1961; os jogos nacionais e internacionais noticiados nos jornais diários a que Maria acedia — com datas rigorosas, número preciso de golos, nomeação fidedigna de equipas e campeonatos, identificação de treinador (Béla Guttmann, p. 32) e companheiros benfiquistas (José Águas, António Simões e José Augusto, p. 52; Mário Coluna, p. 61; José Torres, p. 107) —; os troféus nacionais e internacionais (pp. 189, 220); os gestos de religiosidade e de superstição na entrada em campo (p. 101); o casamento e o nascimento de duas filhas (pp. 99-102, 178, 186); o final da carreira fulgurosa por desgaste osteoarticular, com passagem por diversas equipas nos Estados Unidos, no Canadá e no México (p. 242); o regresso ao Sport Lisboa e Benfica na função de treinador das camadas mais jovens (pp. 247, 255); a inauguração do monumento escultórico no seu cinquentenário (p. 261); a presença na abertura do novo Estádio da Luz (p. 275); a bandeira de Portugal desdobrada sobre urna de notória singeleza na cerimónia do velório (p. 301); a estátua coroada e coberta de cachecóis encarnados (p. 302); o cortejo fúnebre densamente ladeado pela massa de admiradores (p. 304); o luto nacional de três dias (p. 303)³.

Em contrapartida, são numerosos os informantes toponímicos que identificam Lisboa. Todos os capítulos, à exceção do último, são titulados com indicadores topográficos: nomes de ruas, praças e bairros; designações de espaços ajardinados, igrejas e cemitérios; denominação de associação⁴. Excetuando o primeiro e os quatro derradeiros capítulos, nos títulos capitulares agrega-se à identificação topográfica brevíssimo apontamento de extração diegética, entre parêntesis e nem sempre em óbvia relação com os eventos narrados nos respetivos capítulos⁵. Somente o capítulo final prescinde de nomeação toponímica, confrontando o recetor textual com lexema único, de procedência vegetal — «Rosen», (p. 313) —, mas em evidente vinculação diegética (a flor que Maria depunha nos defuntos que visitava).

No corpo textual da obra, abundam formulações toponímicas que integram o roteiro da urbe lisboeta⁶. O propósito de verosimilhança assume também o gesto

³ Para informação textual e fotográfica sobre Eusébio da Silva Ferreira, ver, entre outros, MELO, 2022, e MALHEIRO, 2022.

⁴ Registe-se, a título ilustrativo: 1. Prazeres, 2. Igreja de Santo Condestável, 3. Rua Saraiva de Carvalho, 4. Rua Domingos Sequeira, 5. Estrela, 6. Rua de São Bento, 7. Rua do Poço dos Negros, 8. Praça de Luís de Camões, 9. Largo da Academia das Belas-Artes, 10. Igreja de Santa Maria Madalena, 11. Sé, Alfama, 12. Limoeiro, 13. Miradouro de Santa Luzia, 14. Largo das Portas do Sol, 15. Rua das Escolas Gerais, 16. Voz do Operário, 17. Sapadores, 18. Rua Maria Andrade, 19. Martim Moniz, 20. Cemitério do Lumiar, 21. Prazeres, 22. Panteão.

⁵ «Nach Lissabon», p. 8; «Das Haus da Maia», p. 16; «Annäherungen», p. 31; «Veränderungen», p. 47; «Triumph», p. 61; «Enttäuschungen», p. 71; «Die neue Herrin», p. 93; «England», p. 104; «Flucht», p. 134; «Leben in der Alfama», p. 158; «Kinder», p. 178; «Die Revolution», p. 189; «Freiheit», p. 220; «Zurück in Lissabon», p. 235; «Neues altes Leben», p. 247; «Enthüllungen», p. 261; «Europameisterschaft», p. 275.

⁶ Aponte-se, exemplificativamente: Lapa, p. 16; rua de São Caetano, p. 17; Tapada das Necessidades, p. 28; rua Garrett, p. 75; Basílica da Estrela, p. 102; largo São Nicolau, p. 102; Campo de Ourique, p. 187; Campolide, p. 187; Rossio, p. 202; largo do Carmo, p. 203; rua do Arco do Chafariz das Terras, p. 241.

realista de referência a marcos regionais e locais do mapa lusitano — Cascais (p. 48), Alentejo (p. 58), Porto (p. 84), Tavira (p. 292) —, bem como a países e cidades estrangeiros, que mapeiam a ação rememorada por Maria durante o percurso de elétrico através de Lisboa: além de Moçambique (p. 8) e Lourenço Marques (p. 11), Espanha (p. 164); Tübingen (p. 223); Heidelberg (p. 224); Karlsruhe, Baden-Baden, Friburgo, Elsass (p. 226), Eberbach am Neckar (p. 228).

E, contudo, só raramente a tais indicadores topográficos se acoplam informações espaço-descritivas — como se, convocada pelos acontecimentos disfóricos, que, desde a chegada a Portugal, fora armazenando, a memória de Maria censoriamente lhe esbatesse a configuração de cenários urbanos ou de telas paisagísticas. Escasseiam, assim, os informantes arquitetônicos exteriores: são avulsa e celeremente notadas as frontarias deterioradas e as ruas íngremes no centro de Lisboa. Mais rareiam as referências descritivas ao recheio e à modelação dos respetivos interiores: traçado domiciliário, elementos decorativos ou peças de mobiliário apenas esporadicamente referenciados, quase sempre sem atributos, e somente quando suportes de cenas direta ou indiretamente experienciadas pelo eu-vivencial. Não admira que o eu-narrador ceda a visão e a voz narrativa ao motorista privativo do futuro patrão, que, após receber Maria na área de chegadas do aeroporto lisboeta, lhe apresentou, com formulação de cicerone («Hier unten», «Außerdem», «hier», «Oben», «Dazu», «Im zweiten Stock», «Dort», «Am Ende des Ganges» p. 19), as assoalhadas nos pisos da mansão patronal; e ao motorista de pesados que, após haver escutado, na taberna de fados, os maus-tratos de Maria na residência senhorial, não só propôs uma rodada para a jovem negra e para o coletivo que, com «lágrimas» e «punhos cerrados» (p. 146), a tinha escutado, como também se prontificou a acolhê-la na singeleza do seu domicílio, que apresentou também em figurino cicerónico («Hier unten», «daran anschliessend», «Hier nach oben», «in den ersten Stock», «und noch», p. 148), sem prever que viria a desposar a serviçal então em fuga.

Não surpreenderá, por conseguinte, sobremaneira, que o leitor fique a conhecer quase só a localização e, lacunarmente, a planta da casa patronal que Maria habitou, enquanto empregada doméstica, durante os primeiros seis anos da sua domiciliação em Portugal; e somente a situação e o plano truncado da habitação que, em Lisboa, a protagonista partilhou com o marido João. Como não espantará que ao recetor textual se veicule escassíssimos constituintes da casa de fados em que a serviçal lourenço-marquina insistentemente buscava aconchego familiar, após a sua evasão da moradia patronal; e apenas o nome das duas igrejas nas quais Maria experienciou, primeiro, a convivência de poder laico e poder religioso urdida no Estado Novo e, depois, o velado inconformismo de membro eclesiástico perante a prepotência do regime salazarista.

Que, na rememoração do eu-narrador aflore o nome eufórico (Hotel do Sol, p. 50) e a localização privilegiada (adjacente à praia) do espaço hoteleiro no qual

o patrão ocultou Maria, na semana que sucedeu ao aborto compulsivo, justificar-se-á, porventura, pelo bem-estar experienciado, nesse período, pela serviçal, que, embora assolada por acutilantes dores pós-cirúrgicas, usufruiu, em aprazível cenário marítimo, de dias, por um lado, sem a ofensiva sexual do patrão e, por outro, do estatuto senhorial, ao beneficiar de atendimento personalizado inerente à sua qualidade de hóspede (p. 50).

Por desvelar ficam a residência de Heidelberg, em que Maria morou com o marido João (p. 224), ou a habitação no bairro de lata lisboeta, ocupada pela irmã e pelo cunhado de Maria, também eles emigrados de Moçambique, e na qual a protagonista temporariamente, e contra pagamento, se acolheu, após o regresso da Alemanha, por morte do marido (p. 236); ou, ainda, o apartamento em Benfica que a viúva regressada a Lisboa habitou, enquanto aguardava o retorno à casa, que, antes da estada em espaço alemão, lhe fora conjugal e que novo arrendatário entretanto ocupara (p. 251).

Sobremaneira gritante o silêncio, na rememoração de Maria, sobre a sua terra natal: nem a transposição de Lourenço Marques para território nacional, mas não familiar, saldada, a princípio, em saudade da esfera familiar e social, tanto como do solo-berço, nem a posterior visita a Maputo, para reencontro com a mãe aniversariante, que lhe desfraldou imprevistas estranhezas, tricotadas por dias, meses, anos, décadas de separação lhe ergueram, durante o percurso de elétrico por Lisboa, as cores e as formas, os sons e as fragrâncias, as texturas, as termias e os paladares, tão intensos, tão outros, que lhe haviam plasmado a infância e adolescência. Nem o convite do Padre Gonçalves, para que rematasse a refeição festiva no centro juvenil da paróquia com uma revelação da sua vivência moçambicana ou da sua chegada a Lisboa animou Maria a enunciar experiências moçambicanas, preferindo narrar a sua já tão amplamente conhecida aproximação de Eusébio.

Na insónia da primeira noite em casa e em solo estranhos (a moradia patral na Lapa), ainda os «ruídos» da cidade natal lhe entremearam a lembrança da mãe e dos irmãos além-mar (p. 19). Depois, só fugazmente, em lacónica e distanciada constatação, recordou Maria que lhe faltara o odor africano no dealbar da sua primeira primavera lisboeta (p. 31). Sem resposta fica a pergunta do leitor culturalmente curioso: que sons noturnos e fragrâncias primaveris apartavam as duas capitais lusófonas?

E maior ainda a estupefação do leitor, se historicamente informado: omissa, na rota rememorativa da protagonista, data maior no calendário vivencial do povo moçambicano — aquela que lhe reconheceu a posse dos bens materiais e imateriais que a colonização portuguesa usurpara a quase incontáveis gerações de indígenas. Nenhuma referência nominal e cronológica à independência de Moçambique, que, em 25 de junho de 1975, mereceu notícia de primeira página também na imprensa portuguesa, decerto ao alcance visual da personagem que diariamente buscava

notícias jornalísticas sobre o jogador benfiquista. Nenhuma alusão aos combatentes negros que, no campo de batalha, na arena política, ou no palco cultural, prepararam, festejaram e consolidaram a sua libertação do país colonizador, alguns dos quais — como os dois primeiros chefes de Estado de Moçambique, Samora Machel e Joaquim Chissano, ou os poetas Noémia de Sousa e José Craveirinha — oriundos do bairro lourenço-marquino de Mafalala, de que provinham quer o histórico Eusébio da Silva Ferreira quer a protagonista do romance.

É certo que o 25 de Abril de 1974 deslumbrara Maria, pelas multidões que, a fôlego livre, deambulavam entre o Rossio e o Convento do Carmo. Escapou-lhe, todavia, na rememoração desnovelada em trajeto de elétrico, a cabal essência política do golpe revolucionário português, embora a serviçal moçambicana se haja recordado, no curso do transporte público, das palavras que se elevavam no Rossio («Gleichheit. Brüderlichkeit. Solidarität», p. 202), e de haver comprado cravos vermelhos, para os introduzir em lapelas militares ou em canos de espingardas vitoriosas (p. 219), pacificamente erguidas por soldados que somente nos uniformes se assemelhavam a tantos outros que lhe haviam povoado a trajetória existencial: aqueles contra os quais a mãe, na infância e adolescência lourenço-marquina, a alertava («Verstecke dich, wenn du einen Mann in Uniform siehst. Egal ob Polizist oder Soldat. Sie bedeuten nichts Gutes für uns. Egal, welche Hautfarbe sie haben», p. 16); ou aqueles que, a mando do traiçoeiro padre, a reconduziram à residência patronal, não despegando o olhar de canina vigilância, até à reentrada da serviçal evadida («Ich musste allein ins Haus zurück. Sie blieben aber so lange am Zaun des Hauses stehen, bis ich hineingegangen war», p. 128).

Na memória da passageira urbana, aflorou, também, o momento em que, sozinha, na casa do então futuro marido João, deparara com lombadas promitentes de fruição gastronómica, pelos títulos culinários que ostentavam, e a subsequente estupefação, ao encontrar, nos volumes que ia tomando, não instruções de confeção culinária, mas trilhos de intervenção ideológico-política e social. Não que Maria, em leitura salteada, entendesse cabalmente aquilo que o autor de *Die Macht der Arbeiter* (p. 151) pretendia significar; como não terá vislumbrado a amplitude e a profundidade de sentidos poéticos e políticos, quando, incentivada por fadista, escutava, na sede do jornal *Voz do Operário*, ou, assim motivada, lia, em livros que, com mãos de enlevo, adquiria, as palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen (pp. 193, 196). Muito menos poderia a serviçal moçambicana saber que o título *Die Macht der Arbeiter*, que, decerto em versão portuguesa, encontrou camuflado na estante de João, se em formulação alemã, a teria conduzido ao poema homónimo de Bertolt Brecht, que não aborda, como o livro do camionista português, a opressão da classe trabalhadora no «novo estado» (p. 151) de Salazar, mas afirma, pela narração de um levantamento grevista na vizinha Espanha, a força imbatível de qualquer trabalhador quando unido à gigantesca massa laboral.

Claro que o futuro marido de Maria, o camionista que, em função laboral, somava percursos internacionais e, em missão ideológica, gizava trajetos de clandestina revolta, a mantinha distanciada das reuniões, tão políticas como secretas, com a mesma férrea certeza dos restantes camaradas que aí participavam — a de que o acesso de namoradas ou esposas ao mais-saber confidencial dos companheiros significaria altíssimo risco para todos os membros familiares e, não menos, para o projeto libertador que os ocupava em momentos de pausa laboral (pp. 190-191).

Bem melhor do que Maria, compreenderá o leitor, sobretudo se historicamente informado, que o filho do patrão, ao violá-la, como o pai, visava diferentemente deste, não a impotente serviçal das colónias, nem apenas o regozijo adolescente pela descoberta da sexualidade (p. 216), mas também o próprio progenitor (p. 216), que, banqueiro íntimo da elite política, amarfanhava todo aquele que ele, na esfera familiar-doméstica, ou no círculo profissional, considerasse, por categorização do regime salazarista, criatura subalterna. Não que o jovem Vítor tivesse, já então, a consciência política que o viria a acercar do MFA. Ao tomar sexualmente a rapariga que Ernesto da Maia, por estatuto social e por identidade étnica, desmerecia, mas em libidinoso quotidiano usava, o filho do patrão vingava tão-somente a prepotência com que o progenitor, na ótica filial, insistentemente substituíra a falecida esposa. Claro que a prática sexual ocorreu na ausência e no desconhecimento do chefe familiar; e, contudo, a secreta deslealdade à figura paterna constituiu, afinal, reforço do ato vingativo.

É certo que a serviçal lourenço-marquina conhecia as perversas circunstâncias subliminares da sua contratação, pois que cedo fora informada por Berta, a governanta, antiga na mansão, e por Luís, o motorista que, no silêncio da condução, coligia dados pessoais do patrão Ernesto da Maia, de que após o despedimento da sua antecessora, provinda do Alentejo, o patrão se decidiu pela contratação de rapariga sem vínculos familiares e sociais em Portugal Continental. E, contudo, talvez Maria não haja chegado a perceber por que motivo o pai da antecedente empregada doméstica tão afoitamente rumara da sua aldeia alentejana a Lisboa, para arrancar a filha à exploração sexual do capitalista (p. 57). Como, muito provavelmente, jamais a serviçal moçambicana se haja perguntado se existia um nexos lógico-causal entre a proveniência — também alentejana — do marido camionista e os princípios revolucionários que ele clandestinamente debatia, frente a caneca de cerveja, na casa de fados de Alfama. E a pergunta do leitor: terá o eu-vivencial, ou, posteriormente, o eu-narrador, sabido porque a Lapa, o bairro do domicílio patronal, se conjugava, na gramática urbana de então, com prepotência familiar, hegemonia social e humilhação alheia, e porque Alfama, o bairro da casa de fados que lhe acolheu a angústia e a impotência de evadida do jugo patronal, era sinónimo de autenticidade, solidariedade e generosidade?

O autor textual leva a sua protagonista a revelar, no discurso autodiegético, que Maria conhecia os nomes da esposa e das filhas do futebolista seu conterrâneo, com as datas de casamento de Eusébio e de nascimento das duas meninas — informações colhidas nos artigos jornalísticos que Maria colecionava —; mas não permite que o eu-narrador revele se o eu-vivencial sabia igualmente qual o bairro lourenço-marquino de nascimento do futebolista — o mesmo, no contexto histórico, não apenas de políticos e poetas da democracia, mas também de Ricardo Chibanga, figura tauro-máquica agraciada no regime salazarista e caetanista, ou de Hilário da Conceição, jogador do Sporting Club de Lourenço Marques, mais tarde, reputado no Sporting Club de Portugal. Improvável que tal informação, tão elementar, não haja assomado no diálogo que preencheu as, então, mais de uma dezena de horas de viagem intercontinental que juntou Maria e Eusébio.

De resto, ao leitor munido de saber histórico-contextual não passará também despercebido que a protagonista da obra nasceu e cresceu em Mafalala, referente toponímico enunciado pela voz de sua mãe, quando, mesmo sem sentido premonitório, alertava a filha contra o perigo de assédio sexual por figuras que, no antigo regime português, usavam o uniforme militar ou policial, para extrapolar o seu poder institucional (p. 16) — e designação pós-colonial do bairro de nascimento da figura histórica Eusébio da Silva Ferreira.

Não por acaso, decerto, também, o nome do proprietário da casa de fados, que será, para a serviçal moçambicana, vítima de sucessivo abuso sexual pelo patrão, signo de carinho, proteção, acoçoamento e orientação, vindo mesmo a oferecer-lhe a gerência e a posse do estabelecimento: António — não apenas como o santo padroeiro da capital lusa, mas igualmente como o pai do real Eusébio da Silva Ferreira. Ou o nome da irmã em cuja habitação Maria se acolheu, temporariamente, após o regresso da Alemanha: Elisa — à semelhança da mãe do histórico jogador benfiquista.

O leitor, sobretudo se historicamente informado, vai, pois, nos interstícios da voz narrativa, vislumbrando marcas da realidade política, económica e social portuguesa na década de 1960 e nas seguintes. Ampla a galeria do Estado salazarista e marcelista em *Maria und Eusébio*: a omnipresença tentacular da ideologia ditatorial, sacramente assinalada nos retratos da chefia presidencial e governamental que centravam as paredes de organismos públicos ou privados, ou fantasmagoricamente hasteada em sigla policial de quatro letras («PIDE», p. 199); o nepotismo político e económico; a exploração laboral e o abuso sexual dos trabalhadores de menor qualificação; a mobilidade migratória de indígenas procedentes das designadas «províncias ultramarinas» portuguesas, aglutinados em bairros suburbanos de Lisboa e vítimas de disfarçado ou aberto racismo; a imigração de portugueses da chamada «Metrópole» para espaços europeus economicamente mais promissores; os arrojos

de solidariedade e clandestinidade de trabalhadores rurais e operários fabris, a tecerem guiões de reviravolta em Portugal Continental; a eclosão de movimentos de libertação no Portugal ultramarino; a instrumentalização do fado, fruído pelos que erguiam cervejas e gratidões a fadistas e guitarristas de Alfama ou do Bairro Alto, mas também pelos que, como Ernesto da Maia, o elevavam, em serão doméstico ou receção social, a «alma do povo» (p. 156). Nem Eusébio escapou à tirania do novo regime, que despoticamente o guindou a «propriedade do estado» (pp. 99, 189), para lhe inviabilizar voos desportivos além-fronteiras.

Diversificado, também, no romance, o painel pós-revolucionário português: a fruição entusiástica da liberdade imediata, a abertura das fronteiras nacionais, o fracasso do 25 de novembro de 1975, a lenta execução de mudanças estruturais anunciadas, o confronto com a emergente corrupção bancária, a crise económica internacional⁷.

A ALEMANHA DE MARIA

Embora o autor implícito não conceda atenção descritiva à casa de Heidelberg, que Maria habitou, com o marido, no período de emigração, garante ao eu-narrador vívida lembrança da estada em solo germânico, deste modo, proporcionando, breve e discretamente, ao recetor textual elementos que configuravam, nas décadas de 1960 e 1970, o quadro cultural alemão: o culto da natureza, sobretudo ao fim de semana («Die Deutschen wanderten gerne, das entdeckten wir schnell», p. 225); a confraternização familiar em «Gaststätte» (p. 225), após excursão pedestre pela floresta; a família nuclear de pequena dimensão (p. 226); a popularidade de modelos automóveis da marca *Opel*; a codeterminação dos trabalhadores fabris, através de órgãos representativos nas próprias empresas (p. 225); a indisponibilidade dos nativos para os trabalhos, bem remunerados, entregues a migrantes (p. 223).

Em complemento, destacam-se, com certo humor e alguma ironia, traços dos imigrantes portugueses na Alemanha de então: a aculturação alimentar dificultada por produtos sentidos como «andersartig» (p. 224); a convivência de portugueses em salas de centros católicos (p. 227); os convívios, em dias de festa, à roda de pratos de bacalhau (p. 227).

SAÍDA DO ELÉTRICO E DA NARRAÇÃO

No início da viagem aérea que os traria para Lisboa, Eusébio aproxima-se de Maria — sem premeditação, apenas por imperativo da companhia aérea, que assim procedera à reserva dos lugares na aeronave —, ao sentar-se em banco adjacente. No decurso da deslocação intercontinental, a proximidade espacial promove o acercamento

⁷ Para informação sobre o quadro político, económico, social e cultural de Portugal no período de 1960 a 1974, veja-se, entre outros, REIS, *dir.*, 1990, PINTO, *coord.*, 2005, e RAMOS *coord.*, 2012.

dialógico das duas personagens. A despedida, no aeroporto da capital portuguesa, apartou definitivamente o futebolista da sua conterrânea, sem poder prever que Maria jamais se afastaria de Eusébio.

É de aproximação motora e sensorial a Eusébio a deslocação que Maria inicia, ao sair do Cemitério dos Prazeres, no qual visitara, como habitualmente, a campa do marido João: dirige-se ao quiosque próximo do recinto fúnebre com o olhar preso na fotografia que avistara e toma o jornal exposto, que manterá no seu regaço, durante o percurso de elétrico, alongado por seu lapso de atenção. Folheando a memória, como virava as páginas de texto e imagem, Maria só interrompeu a rememoração ao anúncio do fim de linha, para a retomar, nos vinte minutos de espera pelo início do curso regressivo — sozinha no transporte público, enquanto o motorista partilhava, no exterior, cigarro e conversa com pares em simultânea pausa (p. 299).

Maria voltou, então, para trás, no elétrico e no jornal. Retorno no espaço e no tempo: compassada pelo percurso regressivo do transporte público, a protagonista recuou o olhar da última página do jornal, com a derradeira fotografia do jogador vivo, para a primeira foto, que após o jogo inaugural de Eusébio no Sport Lisboa e Benfica, lhe devolvia a figura do jogador colhida na gare aeroportuária de Lourenço Marques e que, ali, no seu regaço, lhe assegurava, como ao longo de cinquenta e três anos, celestial proteção: «Er passt auf mich auf. Er beschützt mich» (p. 299).

A saída do elétrico não quebrou a corrente rememorativa da protagonista, como não lhe cortou o vínculo multissensorial a Eusébio. Maria vagueou por Alfama, com o jornal que só despegava do corpo, quando lhe depunha o olhar. E, como se fossem insuficientes as imagens que tátil e visualmente tomava do jornal, Maria buscou a figura amada também na parede da casa de fados, em que, tantas vezes, ouvira Ana cantar o fado «Sou tua», título que lhe ecoava, literalmente, as palavras que se lhe haviam ateadado na mente, ao separar-se de Eusébio, no aeroporto lisboeta («Sou tua, sagte ich, während er davon ging. Oder dachte ich es nur?», p.15), ou se lhe haviam escapado dos lábios, quando, no final de um treino, o jogador se aproximou, inadvertidamente, de Maria, ao deslocar-se para sala de entrevista: «Du hast “Sou tua” gerufen», assegurou-lhe, embaraçado, o filho adolescente do patrão, que Maria acompanhara ao jogo (p. 55); e se lhe haviam solto da garganta, na vez — única — em que Maria, destroçada por floreios de cortesia, confissões amorosas, insinuações de futura vinculação matrimonial e legítima integração familiar, exigências de obediência escravizante e ameaças de reencaminhamento para Moçambique com que o patrão lhe emoldurava as cenas de estupro, arrojou experimentar o poder da sedução feminina, para descobrir o travo da prepotência social: «Sou tua, flüsterte ich und meinte Eusébio. Sou tua» (p. 67).

Com o seu melhor vestido, correu ao estádio do Sport Lisboa e Benfica. Juntou-se à multidão homenageante. Nem a longa fila de espera nem as lágrimas dos que

iam acedendo à urna lhe esbateram a grandiosidade da dedicação amorosa. Com Maria partilhava o coletivo multitudinário o propósito de despedida presencial. Mas aquele que ali jazia era o «seu» Eusébio, o «seu» amado — tão seu, quanto aquele que, no regresso a casa, do estádio enlutado, Maria revisitou nos álbuns de recortes fotográficos e textuais, a que, então, acrescentou os fragmentos imagéticos e textuais recém-recortados do jornal trazido do quiosque.

E, tal como no transporte público, Maria folheou, ali, no espaço doméstico que lhe fora também conjugal, espaços e tempos prévios, para se quedar na fotografia mais antiga que do futebolista conterrâneo possuía — a que melhor materializava a imagem do jovem moçambicano que captara no aeroporto da cidade-berço de ambos. E, assim como no dia antecedente, ao tomar o jornal do quiosque, retumbou em Maria, no regresso a casa do velório no estádio benfiquista, a inexorabilidade da cisão ontológica: «Der König war tot» (p. 302). E, como perante a notícia necrológica, à saída do Cemitério do Prazeres («Damals hatte wir uns ein Versprechen gegeben. Das können wir nicht einlösen. Nicht mehr», p. 6), assomou em Maria, na atualização documental dos álbuns fotográficos e textuais, a mágoa de defraudadas expectativas, a angústia de omissões irreversíveis («Wo war dieses Versprechen geblieben?», p. 302).

Aparentemente circular, o movimento reflexivo do eu-vivencial: recua à imagem de 1961, tanto no folhear do jornal, durante a viagem de elétrico, quando soube da morte de Eusébio, como na observação dos álbuns, após visita ao defunto no estádio benfiquista. E, contudo, diferem a passageira do transporte urbano e a participante no velório, que, no regresso a casa, se ancoram numa antiga fotografia de Eusébio. A primeira desenrola a memória sobre carris rodoviários e sob a batuta rítmica do motorista munido de partitura topográfica; a segunda desfralda a memória sobre os trilhos, não de um jornal de documentação variada e formatado em alheia matriz gráfica, mas de álbuns morosamente preenchidos, dedicadamente organizados e obsessivamente revisitados em reduto domiciliário. A primeira inclina-se com Eusébio no estreito assento do transporte coletivo, partilhando as lágrimas de luto que embaciam os olhares circundantes; a segunda dobra-se sobre Eusébio na intimidade do espaço do doméstico, e silencia a voz narrativa que lhe sustentou a movimentação mnemónica — como elétrico que, retornado ao espaço de partida, não inicia novo turno.

A VOZ HETERODIEGÉTICA

Não desperdiça o autor textual a oportunidade que a protagonista lhe proporciona, ao quedar-se silente entre os monumentos imagéticos e textuais da galeria que, no curso das décadas, erigiu: os quatro derradeiros capítulos do romance ficam a cargo de um narrador heterodiegético, que toma o fio narrativo deixado pela instância

autodiegética, sem se permitir eclipse inicial de grande amplitude, pois que principia o seu discurso narrativo com o relato do funeral de Eusébio.

Omnisciente e interventivo, o narrador na terceira pessoa não deixa, no relato do ato fúnebre, de veicular um quadro panorâmico, enfatizando a dimensão multitudinária e a tonalidade disfórica. Tal amplitude de perspectiva, que faz sobressair a grandeza desportiva de Eusébio, não impede que o narrador autoral releve, em conformidade com a intencionalidade do autor implícito, a figura de Maria, caracterizando-lhe a ação externa e interior e aproveitando-lhe até, esporadicamente, o ângulo de visão.

Do jogador benfiquista a entidade mediadora referirá, subseqüentemente, a trasladação para o Panteão Nacional, socorrendo-se, também aqui, do saber experiencial da personagem principal da obra. Na notícia de transposição dos restos mortais do futebolista moçambicano para o monumento português, o narrador autoral intercala o seu discurso com réplicas que Maria, em visita ao túmulo de Eusébio, dirige ao jogador falecido, comunicando, assim, ao narratário a localização do túmulo do futebolista: na mesma sala em que repousava Sophia, e próximo do túmulo de Amália Rodrigues.

De resto, o narrador heterodiegético não deixa de evidenciar que a despedida presencial prestada por Maria a Eusébio, no velório e no Cemitério do Lumiar, não significou para a protagonista a desvinculação emocional-afetiva do conterrâneo, pois que, além de revelar a primeira deslocação de Maria ao Panteão Nacional e o seu propósito de continuar a rumar ao sarcófago do benfiquista, a instância narrativa não se coíbe de transcrever as falas em que a protagonista se refere a Eusébio, no diálogo que trava com o seu falecido marido.

A opção do narrador heterodiegético de encerrar o relato diegético com encenação dialógica no Cemitério dos Prazeres — que, na mente de Maria, diante do marido, aproxima, quase em figuração de amor triangular, não apenas as duas personagens principais e titulares, mas também a figura não protagonista —, em vez de rematar o fluxo narrativo com a representação da visita de Maria ao jogador lourenço-marquino, não pretende ilibar a protagonista de iniludível delito maior: a infidelidade conjugal que a sua alma sucessivamente cometeu — reiterado atentado platónico contra o laço matrimonial. Inútil seria, de resto, tal pretensão autoral, porquanto a explícita declaração afetiva da viúva junto à campa de João («Ich liebe dich», p. 315), embora assente em sincera gratidão, e talvez inapercebido sentimento de culpa, de modo algum ombreia com a afirmação verbal e não verbal, por décadas a fio, de Maria a Eusébio — passionalidade constante, jamais esmorecida, porque veuada de incondicional entrega.

Que o narrador heterodiegético remate o seu relato autoral com a réplica amorosa que Maria dirige a João, a mesma que dele acredita ouvir (p. 315), apenas corrobora a supremacia de Eusébio no coração e na mente de Maria, desde que primeiro avistou o jogador no aeroporto lourenço-marquino. Maria integrou João no seu quadro

mental de domiciliação conjugal — «unser Haus» (p. 251) e teria com o marido edificado um universo de parentalidade, se o médico, a mando secreto da instância patronal afetada, lhe não houvera extorquido, além do feto ilegítimo, a fertilidade (p. 51). Todavia, somente a Eusébio a protagonista se associou na consciência de pertença familiar: «Die Frau. Die Töchter. Alle trauern jetzt. Meine Familie trauert. Meine heimliche Familie, die nichts von mir weiss.», pp. 6, 252).

Não admira, assim, que a viúva regressada da Alemanha haja escolhido residência em Benfica, enquanto esperava por recuperar — em gesto de grata homenagem, não de amor integral — a antiga casa do marido defunto (p. 258). Como não surpreende que, perante o falecimento de Eusébio, Maria, não só se tenha olvidado do falecido marido («Zum ersten Mal, seit er auf dem Friedhof Prazeres in die Erde gesenkt worden war.», p. 306), como também, sem prever a posterior trasladação honorífica do jogador, haja cogitado a aquisição, para si, de campa próxima da sepultura de Eusébio, para, como justificou ao defunto marido, «poder estar perto do jogador além da morte» (p. 308). De resto, não apenas cercania, mas vinculação eterna, fantasiava Maria: «Sie in ihrem Graben und Eusébio nur wenige Meter neben ihr. Endlich vereint, nach Jahrzehnten des Wartens. Für immer vereint und nicht mehr zu trennen» (pp. 303-304). E não somente por sentir-se a desfalecer, abandonou Maria o cemitério do Lumiar antes de concluída a cerimónia fúnebre, também, ou sobretudo, pela obsessão de garantir que Rosa, interromperia as férias no norte do país, para cantar, na casa de fados renomeada por Maria com o número da habitação que lhe fora conjugal — *Nummer 11* —, o fado «Sou tua»: «Bitte sing, Rosa. Sing für mich, sing für uns. Sing zu Ehren Eusébios» (p. 305).

ALENTE DO AUTOR TEXTUAL

Na mente e no coração do leitor fica, em primeira e em última instância, dupla memória nítida, de distinto impacto anímico: por um lado, a recordação pungente dos atos diários de violação sexual a que o patrão sujeitou a figura principal da obra, antes e depois de a engravidar; por outro lado, a lembrança da grandeza afetiva de Maria, que à tão imaculável, como insuperável e inextinguível, paixão por Eusébio logrou juntar outros, menos arrebatadores, mas igualmente solícitos, afetos — pelo marido, pelos amigos da casa de fados, pelos frequentadores do lar infantil e do clube paroquial juvenil, por Portugal, o país que sentia como sua casa.

Justifica-se, assim, por de mais, a primazia, no título e na ação diegética, de Maria: ao autor textual, parece importar, não tanto o delineamento da figura de Eusébio, ou a denúncia aberta do regime salazarista e marcelista, mas a resiliência do coração enamorado e a impotência da feminilidade sob jugo masculino.

Que o nome do pai e da mãe do Eusébio histórico identifiquem, em *Maria und Eusébio*, figuras de relevância vivencial para a protagonista permite acreditar

que Michael Longerich, academicamente graduado em estudos literários, históricos e políticos, colheu vasta e fundamentada informação sobre o Portugal do segmento cronológico distendido no romance; e que a sonegação de informações sobre Moçambique se justifica não por conhecimento lacunar decorrente de negligenciada pesquisa, antes por verosimilhança psicológica: Maria escolheu, em evidente mecanismo freudiano de defesa, reprimir as lembranças da família e do país que deixaram de ser dela no primeiro embarque para Portugal, embora disso apenas se haja consciencializado na viagem intercontinental seguinte, trinta anos após a primeira: «Die Menschen waren mir fremd» (p. 267). Da sua matéria, Maria guardou apenas Eusébio, que, afinal, engrandeceu Portugal, mesmo depois da independência moçambicana, e inaugurou África no Panteão lusitano. Não a vinculação consanguínea, ou o enraizamento telúrico, mas o aconchego do amor passionai concedeu a Maria a plenitude da pertença. Daí o regresso exultante a Lisboa: «Ich bin zu Hause, dachte ich glücklich, als das Flugzeug gelandet war» (p. 269).

O escritor alemão domiciliado em solo dinamarquês secundarizou, tanto na formulação paratextual, como no foco diegético-narrativo, a imagem heroicizante do passado lusitano, para, seguindo, porventura, lição brechtiana, melhor desnudar, no presente da escrita, a incorrigibilidade da espécie humana. Deste modo, Michael Longerich acerca-se e demarca-se, simultaneamente, dos muitos autores contemporâneos de língua alemã que sediam a ação diegética e a constelação figural das suas narrativas em localidades portuguesas (por exemplo, Maike Braun, Carolina Conrad, Mario Lima, Christine Sterly-Paulsen, Gil Ribeiro, Luis Sellano, Heidi van Elderen): o leitor — germânico ou não — de *Maria und Eusébio* colhe, no romance, diversas informações político-económicas e socioculturais sobre Portugal, que poderão estimulá-lo a pesquisa bibliográfica e/ou a visita turística; mas ultrapassa a fronteira do nacional-lusitano, encontrando no universo diegético da obra marcas universais da essência humana.

BIBLIOGRAFIA

- LONGERICH, Michael (2022). *Maria und Eusébio*. Bonn: Kid Verlag.
- MALHEIRO, João (2022). *(E)ternamente Eusébio*. Porto: Coral Books.
- MELO, Afonso de (2022). *Eusébio*. Lisboa: Âncora.
- PINTO, António Costa, coord. (2005). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Dom Quixote.
- RAMOS, Rui, coord. (2012). *História de Portugal*. Lisboa Esfera dos Livros, 9 vols.
- REIS, António, dir. (1990). *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Alfa, 6 vols.

II
CULTURA

ÜBERSEE-ÜBERSETZUNGEN. DEUTSCH-PORTUGIESISCHE ENTDECKUNGEN IN DER FRÜHEN NEUZEIT

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES
PETER HANENBERG*

Resumo: *O capítulo que se segue está dividido em duas secções. A primeira parte aborda as tradições, surpresas e traduções com que a Europa do início da Idade Moderna se expôs a experiências para além das fronteiras e dos conceitos conhecidos. Em particular, são analisados textos escritos no âmbito das viagens portuguesas que suscitaram um interesse generalizado na Alemanha. Numa segunda fase, utilizando o exemplo da carta de Colombo e recorrendo ao conceito de tradução intramental, procura-se descrever o processo em que o velho mundo projetou um novo mundo.*

Palavras-chave: *Literatura de viagens; Tradução; Cognição e cultura.*

Abstract: *The following chapter is divided into two sections. The first part discusses traditions, surprises, and translations with which Europe in the early modern period exposed itself to experiences beyond known borders and concepts, analyzing texts referring to the Portuguese overseas travels that met with widespread interest in Germany. In a second step, using the example of Columbus' letter and introducing the concept of intramental translations, an attempt is made to describe the complex steps in which the old conceived a new world.*

Keywords: *Travel literature; Translation; Cognition and culture.*

ÜBERSETZUNGEN PORTUGIESISCHER TEXTE IM DEUTSCHLAND DER FRÜHEN NEUZEIT

Der Austausch zwischen Portugal und Deutschland zur Zeit der ersten Globalisierung war in seinen kommerziellen und kulturellen Ausprägungen und Ableitungen von großer Intensität¹. Es war eine Zeit, in der Kaufleute und Reisende aus den verschiedensten Teilen Europas am portugiesischen See- und Handelsverkehr teilnahmen, darunter auch Kaufleute und Literaten aus dem Heiligen Römisch-Germanischen Reich. Die Nachrichten über Unternehmungen und Initiativen in unbekanntem Welten, aus denen seltene und «exotische» Waren eintrafen, interessierten die bereits transnational orientierten deutschen Kaufleute, die in diesem neuen Markt Möglichkeiten sahen,

* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. Email: marilialopes@ucp.pt, ORCID: 0000-0003-0364-6109; Email: hanenberg@ucp.pt, ORCID: 0000-0003-3573-9545.

¹ Die folgenden Ausführungen stellen eine verkürzte und überarbeitete Fassung des Aufsatzes *Tradução como mediação. O intercâmbio cultural entre Portugal e a Alemanha na época da primeira globalização* dar; s. LOPES, 2021.

ihre Kontakte, ihre Routen und ihre Position auf den internationalen Handelsplätzen zu erweitern und zu stärken.

Aber nicht nur die Kaufleute interessierten sich für die «Neuheiten», wie die Dynamik und die Intensität der Verlagstätigkeit zeigen, die seit den ersten Nachrichten aus fremden Ländern in Druckereien in den verschiedensten Städten des Heiligen Römisch-Germanischen Reiches zu beobachten ist. Unter den vielfältigen und ergiebigen Ausgaben in lateinischer oder deutscher Sprache finden wir zahlreiche Titel portugiesischer Autoren, die meisten davon Reiseberichte über jene Gebiete, die jenseits der bekannten Horizonte lagen.

Reisen waren schon immer ein wichtiges Mittel des kulturellen Austauschs und der Wissensvermittlung². In der Neuzeit wurde das geografische Wissen durch die Informationen und Neuigkeiten bereichert, die auf den zahlreichen Reisen rund um die Erde gesammelt und zusammengestellt wurden. Diese Schriften wurden somit zu einem Speicher von Daten über die Welt in einer globalen Übersetzung von Wissen³.

Die Reiseliteratur war eine tragende Säule der Wissensproduktion im Europa des 15. bis 17. Jahrhunderts. Reiseberichte waren nicht nur wichtige Zeugnisse für die Entdeckung des Einzelnen und der Welt, sondern dienten den Zeitgenossen auch als Mittel zur Reflexion und Diskussion. Diese Schriften erreichten eine weite und vielfältige Verbreitung, wie die große Zahl der Ausgaben, auch der portugiesischen Berichte, beweist.

Diese Texte, die oft von Illustrationen begleitet werden, bieten eine breite und ausgedehnte Palette an Sprachen, Grammatiken und Seh- und Übersetzungsweisen und offenbaren mit ihren Darstellungen und Beschreibungen wichtige kulturelle Praktiken und Strategien, die beim Erfassen und Verstehen von Neuem entwickelt wurden, angetrieben von einem enormen Geist der Neugierde⁴. Wie Neil Kenny feststellt, ist Neugier im modernen Zeitalter ein «crucial first or intermediate stage in a linear quest for knowledge»⁵. Darüber wird der zweite Teil des Beitrags näher unterrichten.

Als eine besondere kulturelle Praxis, die für die Dynamik der Neugierde von großer Bedeutung ist, zeugt das Reiseschreiben von der Fähigkeit, Erfahrungen zu sammeln und Erzählungen zu entwickeln, die zur Konstruktion der Moderne beitragen können, wie Jás Elsner und Joan-Pau Rubiés betonen⁶.

Einerseits ist es die Dynamik der Entdeckung des Selbsts, die diese Texte prägt und inspiriert, andererseits ist sie Ausdruck der impulsiven Kraft des Neuen.

² REICHERT, 2001.

³ LOPES, 2012; LOPES, 2017.

⁴ LOPES, 2016.

⁵ KENNY, 2004.

⁶ ELSNER, RUBIÉS, 1999.

Dies ist das «Wunder des Neuen», wie Stephen Greenblatt es charakterisiert hat⁷. Seiner Ansicht nach sind Ehrfurcht und Staunen die bestimmenden Merkmale der Welt der Renaissance. Dieser Begriff und dieses Gefühl des Staunens weisen den Berichterstatlern dieser Neuheit einen privilegierten Platz zu. «Welterfahrung und ästhetische Neugierde» gehen Hand in Hand⁸. Die konkrete Arbeit des Kartierens, Aufzeichnens und Beschreibens, die zunächst von den verschiedenen Reisenden geleistet wurde, führte zu der allgemein anerkannten Einzigartigkeit der Reiseliteratur: die Welt durch neue Nachrichten und Informationen sichtbar zu machen. Ihre Fähigkeit, zu beschreiben und zu erzählen, machte es möglich, die «neuen Neuheiten» zu erfassen und eine neue Stufe des Wissens zu erreichen. Durch die Beschreibung dessen, was sie mit eigenen Augen sahen, schufen die Reisenden ein authentisches und unbestreitbares Zeugnis des Neuen, das in ihren Berichten zum Ausdruck kommt und dessen Wirkung zu zahlreichen Veröffentlichungen führte, wie z. B. den Zusammenstellungen von Texten unterschiedlicher Autoren, den seinerzeit sehr geschätzten Reiseanthologien, die als wahre Bibliotheken ohne Wände verstanden werden, wie Roger Chartier sie definiert⁹.

Mit der Druckerpresse, der großen innovativen und unternehmerischen Kraft der Moderne, dem Vehikel schlechthin für den Austausch und die Weitergabe von Wissen und Know-how, wurden auf der Grundlage der neuen Informationen bald ausgedehnte Wissensnetzwerke geschaffen und entwickelt: Autoren, Redakteure, Übersetzer und Drucker schlossen sich zusammen und förderten Verlagsprojekte in einem intensiven Austausch von Wissen. Dies ist eine der Perioden, in denen die «Eroberung des Wortes auf dem Papier», wie Benjamin Schmidt es ausdrückt, wichtiger ist als jede andere Eroberung wie die «Explosion» geografischer Informationen in Karten, gedruckten Texten, Gemälden, Kuriositäten oder Objekten¹⁰.

Die von den Reisenden initiierte konkrete Übung des Beobachtens und Beschreibens wird neue Praktiken etablieren, um das erworbene Wissen sichtbar zu machen. Die gesammelten Daten nahmen in diesem Sinne vielfältige und unterschiedliche Ausdrucksformen an, und sie begannen, nicht nur in Texten, sondern auch in zahlreichen kreativen Sprachen Bedeutung zu gewinnen.

Die bildenden Künste oder künstlerische Formen im Allgemeinen waren ein wichtiges Element bei der Übersetzung der neuen Realitäten, da sie in der Lage waren, Daten und Zeugnisse zu formulieren, um die neuen Realitäten sichtbar zu machen¹¹. Indem sie die gesammelten Beobachtungen und Erfahrungen zu authentischem Wissen

⁷ GREENBLATT, 1991.

⁸ KRÜGER, *ed.*, 2002.

⁹ CHARTIER, 1999: 117.

¹⁰ SCHMIDT, 2003: 24.

¹¹ KOHL, *ed.*, 1982; SMITH, 1997; LOPES, 1998; BURGHARTZ, 2004; LEITCH, 2010.

werden ließen — oft noch vor anderem institutionalisiertem Wissen —, haben diese Künste und künstlerischen Formen es geschafft, eine neue interpretative Grammatik zu formulieren und zu definieren, wie es Svetlana Alpers in ihrem Buch *The Art of Describing* insbesondere für die Kartographie bereits dargelegt hat¹².

Editieren heißt aber auch übersetzen. Die inhärente Rechtfertigung für die Übersetzung von Reiseliteratur in andere europäische Sprachen ist im Allgemeinen die große Erfahrung vor Ort, die die Berichte denjenigen zugänglich machten, die die Welt nur durch die Lektüre der Erzählungen aus der Feder der Reisenden kennenlernen konnten. Anerkannte Übersetzer und Herausgeber loben das Verdienst dieser *Ad-vivum* Arbeit und geben die Nachrichten und Berichte dieser neugierigen und aufmerksamen Männer in ganz Europa heraus. Wie Barbara M. Benedict hervorhebt, ist das Sammeln eine «habit of curiosity»¹³.

Es besteht also kein Zweifel an dem großen Einfluss und der Wirkung, die die Verbreitung reich illustrierter Texte auf die Formulierung neuer Wahrnehmungsweisen hatte. Es wird jedoch nicht immer berücksichtigt, welche Resonanz die ikonografischen Formen und Träger in den zeitgenössischen Werken fanden. Da Reiseberichte, seien es portugiesische, italienische, deutsche oder niederländische, in ganz Europa in Editionen von großem künstlerischen und kulturellen Wert erschienen, ist es wichtig, die Rolle dieser Vermittlung hervorzuheben, die, wie Roger Chartier betont¹⁴, die Konzeption des geschriebenen Textes selbst verstärkt. Wie die Autoren sind auch die Herausgeber und Übersetzer wesentliche Akteure bei der Konzeptualisierung und Visualisierung von Wissen.

Die europäischen Künstler, Verleger und Gelehrten des 16. und 17. Jahrhunderts blieben nicht gleichgültig gegenüber den ungewöhnlichen und ungewohnten Nachrichten aus anderen Ländern, so dass ihre Verlagsprogramme ein reges Interesse daran erkennen ließen, der Öffentlichkeit bedeutende Werke über andere Welten und andere Realitäten zu präsentieren¹⁵. Unter den zahlreichen Veröffentlichungen waren Kosmographien, historische, wissenschaftliche oder literarische Werke, die wie die Reiseberichte als Spiegel der Neuheiten in den europäischen Druckereien auftauchten und den Lesern die Möglichkeit boten, exotische Landschaften, ungewöhnliche Pflanzen und Tiere, Menschen aus fernen Regionen in ihren Kleidungen, mit ihren Waffen, Produkte in einer bunten und unterschiedlichen Palette unbekannter und malerischer Umgebungen zu betrachten und kennenzulernen, als befänden sie sich in einer *Wunder- und Kammer*. Meistens sind die Künstler nicht die Reisenden selbst, aber Skizzen und Illustrationen tauchen in ganz Europa auf und ergänzen

¹² ALPERS, 1983.

¹³ BENEDICT, 2001: 2.

¹⁴ CHARTIER, 2014.

¹⁵ BURKE, 1997; BÖNING, 2002; SCHOCK, 2009.

das persönliche und individuelle Zeugnis der Texte durch die Formulierung eines grafischen Diskurses, der eine reiche ikonografische Sammlung von unbestreitbarem Wert für die Konzeption und Formulierung des Wissens in Europa darstellt. Wie die schriftlichen Quellen erzählen auch die visuellen Künste von neuen Realitäten und entwerfen somit unvergessliche und dauerhafte Dokumente der Weltanschauung.

Einige Beispiele aus unserer mehrjährigen Forschung über den Kulturaustausch zwischen Portugal und dem Heiligen Römisch-Germanischen Reich können vielleicht helfen, einige Themen zur Klärung dieser Fragen beizutragen¹⁶.

Wie wir gesehen haben, interessierten die Nachrichten über portugiesische See- und Handelsfahrten nicht nur die Geschäftswelt, sondern auch deutsche Kulturkreise. So fanden Nachrichten über portugiesische Reisen schnell ihren Niederschlag in den zeitgenössischen Ausgaben, wie wir am Beispiel des Briefs König Manuels I. sehen können, ein Brief, den der portugiesische König 1507 an Papst Julius II. sandte und in dem er über die portugiesischen Unternehmen im Orient berichtete¹⁷. Es ist daher nicht verwunderlich, dass große und wichtige Handelsstädte des Reiches wie Nürnberg, Straßburg und Augsburg bei der Veröffentlichung dieser Texte ebenfalls eine wichtige Rolle spielten.

Zwischen 1505 und 1540 lässt sich ein erster Übersetzungszyklus ausmachen, in dem kurze deutschsprachige Texte über die Reisen der Portugiesen berichten. Diese Ausgaben enthalten Sendschreiben des Monarchen, von in seinem Dienst stehenden Seefahrern wie Amerigo Vespucci¹⁸ oder auch von Männern wie Damião de Góis, dem portugiesischen Humanisten und Chronisten, der während seines Aufenthalts in Nordeuropa mehrere Schriften über die portugiesischen Unternehmen veröffentlichte. Von besonderem Interesse waren seine Informationen über Äthiopien, die auf einem Bericht über den Besuch eines äthiopischen Gesandten am portugiesischen Hof beruhten¹⁹.

Ab der Mitte des 16. Jahrhunderts gab es einen zweiten Übersetzungszyklus, vor allem zwischen 1565 und 1613, in dem längere Werke übersetzt wurden, insbesondere verschiedene Monografien portugiesischer Chronisten oder Reisender, wie die von Fernão Lopes de Castanheda über die portugiesische Präsenz in Asien²⁰, Francisco Álvares über seine Reise nach Äthiopien²¹ oder Duarte Lopes im Kongo²². Hier zeigt sich auch das Interesse am Portugal der Reisen, dem Boten anderer Welten, wie es bereits Thomas Morus 1516 in seiner *Utopia* durch den portugiesischen Seefahrer

¹⁶ LOPES, 1992; LOPES, 2016.

¹⁷ EMANUEL I., 1507; (EMANUEL I.), 1508.

¹⁸ VESPUCCI, 1505.

¹⁹ GÓIS, 1540.

²⁰ CASTANHEDA, 1565.

²¹ ÁLVARES, 1566, 1567, 1572, 1573.

²² LOPES/ PIGAFETTA, 1597 [1613].

Raphael Hythlodeus andeutete und das auch die Neugierde deutschsprachiger Redakteure und Leser weckte.

Wer sind in diesem Kontext des kulturellen Austauschs und Transits die Übersetzer? Zunächst ist es wichtig festzustellen, dass es sich bei vielen dieser Werke nicht um direkte Übersetzungen aus dem Portugiesischen handelte, sondern um indirekte Übersetzungen, d. h. die Texte wurden aus einer anderen bestehenden Übersetzung übersetzt, z. B. aus dem Französischen, wie es bei der Chronik von Fernão Lopes Castanheda der Fall ist, oder aus dem Italienischen, wie es in Francanzano Montalbodos Sammelband *Paesi novamente ritrovati* der Fall ist, in dem wir u. a. die Reiseberichte von Alvise Da Mosto und die Briefe von Amerigo Vespucci finden²³.

Es ist bemerkenswert, dass viele der Übersetzer der Reiseberichte ein Medizinstudium absolviert haben, wie wir noch sehen werden, so dass eine Beziehung zwischen sprachlichem und/oder technischem Wissen und Übersetzung zu erkennen ist. Es ist die Neuheit des Inhalts, die die Autoren zum Übersetzen veranlasst, wie der Nürnberger Arzt Jobst Ruchamer in seinem Vorwort zur Übersetzung von *Paesi novamente ritrovati* feststellt.

Michael Herr ist ein weiterer Arzt, der als Übersetzer arbeitete. Im Gelehrten Lexicon von 1768 kann man allerdings nachlesen²⁴, dass er für seine schlechten Übersetzungen bekannt geworden ist. Zu viel von dem, was seine Übersetzungen zur Sprache bringen, schien jenseits des Möglichen zu liegen. Die Kritik verweist auf das große Drama des Übersetzens, zwischen den Sprachen und vor allem zwischen Unbekanntem und Bekanntem zu vermitteln. Das ist alles andere als leicht, wenn es sich um völlig neue Sachverhalte handelt.

Im Inhaltsverzeichnis des von Michael Herr übersetzten Werkes ist zu erkennen, dass es sich um eine Anthologie von Reiseberichten handelt, in der wiederum die Texte von Alvise Da Mosto, Amerigo Vespucci und der Sendbrief des Monarchen D. Manuel I. veröffentlicht werden, ergänzt durch andere Berichte über den Orient in dem Versuch, ein umfassenderes und globaleres Bild der neuen Welt zu bieten — hier bereits mit dem Versuch einer Systematisierung unter Angabe der Autorennamen.

Der Übersetzer Michael Herr scheint jedoch die Zurückhaltung, die Zweifel und die Schwierigkeiten zu ahnen, mit denen sein Werk beurteilt werden wird, denn er weiß, dass er darin viele Einblicke in neue Gebiete, ihre Völker und ihren Glauben gibt — und das in einer Zeit tiefer religiöser Spaltungen. Mit einer Metapher, die vielen zeitgenössischen Autoren wohlbekannt ist, versichert Michael Herr, dass jeder, der dieses Buch aufmerksam liest, in der Lage sein wird, wie eine Biene selbst aus vergifteten Blumen reinen Honig zu schöpfen. Das Wissen, das hier vermittelt

²³ MONTALBODDO/RUCHAMER, 1508.

²⁴ ADELUNG, 1787.

wird, ist für alle von großem Nutzen und Vorteil, denn wie in einem Spiegel werden verschiedene Beispiele und Realitäten präsentiert²⁵.

Es ist daher nicht verwunderlich, dass er sich in erster Linie auf die Nützlichkeit seiner Bemühungen und seines Engagements beruft, den Inhalt des Ausgangstextes in neues Wissen zu überführen und zu vermitteln — dies ist das zentrale Ziel seiner Übersetzung. Aber natürlich muss dieser Text auch lesbar und verständlich sein, worauf Michael Herr hinweist. Hier werden Hindernisse und Schwierigkeiten auftreten. Ausgehend von der Überlegung, dass das Schreiben das Lesepublikum im Auge behalten sollte, hat der Übersetzer versucht, eine verständliche Sprache zu schreiben («einen freyern reden gebraucht») und mehr auf das Verstehen der Materie zu achten als auf die Abfolge der Wörter im Text («mehr dem Verstand denn den Worten nach»).

Michael Herr weist hier auf das Dilemma aller Übersetzungen hin. Das Paradoxon der Übersetzung, wie es oft formuliert wird, besteht gerade darin, dass sie zwei Herren dienen muss, dem Original in seiner Fremdheit und dem Leser in seinem Wunsch nach Verständnis und Aneignung.

Ein konkretes und anschauliches Beispiel für diese Schwierigkeiten ist der Mangel an Worten. Michael Herr erklärt in seinem Vorwort, dass er das Wort «Gosippium» mit Baumwolle übersetzt hat, obwohl er wisse, dass es sich um einen wertvolleren und teureren Stoff handelt. Da es jedoch kein anderes entsprechendes deutsches Wort für «Gosippium» gibt, schien ihm das Wort Baumwolle der geeignetste Begriff für die Übersetzung zu sein, schließlich handelt es sich um ein Gewebe, das in seiner Beschaffenheit dieser Art von Stoff ähnelt. Bedenken hat er auch bei Wörtern, die mit der Schifffahrt zu tun haben, da seine mangelnde Erfahrung auf See bei der Übersetzung von so vielen verschiedenen Schiffstypen wenig hilfreich sein könnte.

Ein weiteres Beispiel für die Hindernisse und Schwierigkeiten bei der Übersetzungsarbeit ist die ausdrückliche Nennung des Namens des Übersetzers, wie im Fall von Augustinum Cassiodorum, dem Übersetzer des Berichts von Duarte Lopes. Dies ist ein seltenes Beispiel, denn in den meisten Fällen wird der Name des Übersetzers überhaupt nicht genannt. Dies ist ein Beispiel für das, was man in der Übersetzungswissenschaft die Unsichtbarkeit des Übersetzers nennt²⁶, ein Thema, dessen Bedeutung für die Geschichtsschreibung immer noch zu wenig beachtet wird.

Auch wenn wir wissen, dass die Übersetzungen in den frühneuzeitlichen Ausgaben nicht *ipsis verbis* mit dem Originaltext übereinstimmten, so ist es doch wahr, dass ohne diese «Übersetzungen» der unverzichtbare und unersetzliche Austausch von Informationen und Nachrichten nicht stattgefunden hätte. Die Übersetzer waren sich oft der Schwierigkeiten und Herausforderungen ihrer Aufgabe bewusst.

²⁵ GRYNÆUS, HERR, 1534.

²⁶ VENUTI, 1995.

Das Unterfangen der Übersetzer ist besonders schwierig, weil es sich um ungewöhnliche Realitäten handelt, deren Wahrheitsgehalt von den Lesern in Frage gestellt wird. So bitten die Herausgeber von Fernão Lopes de Castanheda die Leser um Verständnis und warnen sie, sie nicht von vornherein als Lüge oder falsch anzusehen, auch wenn das Erzählte unglaublich erscheinen mag²⁷.

Die Autoren und Übersetzer des 16. und 17. Jahrhunderts waren in erster Linie Kompilatoren. Ihre Aufgabe bestand darin, Daten und Informationen, die sie für nützlich und notwendig hielten, zu sammeln, sie zusammenzufassen und sie neben das bereits vorhandene Wissen zu stellen und so zu einer neuen Ordnung der Dinge beizutragen.

Das heutige Konzept der Autorenschaft hat das Verständnis solcher Haltungen und Strategien manchmal erschwert. Was früher als Bewahrung und Fortschreibung verstanden wurde, wird heute oft als Verfälschung des Originaltextes angesehen. In diesem Zusammenhang stellen Übersetzungen und Kompilationen einen Versuch dar, eine neue Wissenssumme, eine neue strategische Organisation des Wissens auf der Grundlage des bekannten Fundus zu erarbeiten. Autoren stellen Texte anderer Autoren zusammen und kompilieren sie, wodurch sie dem Wissen Kontinuität verleihen und gleichzeitig die Tradition neu schreiben. Wie Ettore Finazzi-Agró argumentiert, ist dies das Konzept des Autors des späten Mittelalters und der Schwellenzeit der Neuzeit: Vermittler zwischen Tradition und Schöpfung, zwischen Erinnerung und Erneuerung²⁸.

Zusammenfassend lässt sich sagen, dass die Übersetzung zweifellos ein vitaler und belebender Prozess bei der Verbreitung von Informationen und Wissen ist. Die Übersetzung, die als entscheidende Kulturtechnik anerkannt ist, spielt zweifellos eine grundlegende Rolle bei der Vermittlung von Wissen. Bereits zur Zeit der so genannten ersten Globalisierung spielte die Übersetzung also eine grundlegende Rolle als Wissensquelle und als unersetzliche Voraussetzung für den interkulturellen Dialog zwischen Portugal und Deutschland in der Moderne, wie die vorgestellten Beispiele beweisen, indem sie die Übersetzer als unersetzbare Akteure des Wandels erkennen lassen. Die Übersetzung, so können wir sagen, war und ist eines der bemerkenswertesten Instrumente des globalen Wissenstransfers. Übersetzer sind unentbehrliche und unverzichtbare Motoren und Treiber des Wandels. Indem sie zu Beginn der Moderne ihre Energien und ihr Wissen mit Schriftstellern, Druckern, Grafikern und Gelehrten bündelten, schufen sie wichtige Zentren der Wissensproduktion, die sich zu entscheidenden und aktiven Netzwerken zusammenschlossen, die in der Lage waren, jenen Wendepunkt zu fördern, aus dem die Moderne hervorging.

²⁷ CASTANHEDA, 1566, Vorrede.

²⁸ FINAZZI-AGRÓ, 1993.

ÜBERSETZEN — UND WIE MAN EINE NEUE WELT ENTDECKT

Aber was heißt das eigentlich, wenn wir von Übersetzung sprechen? Welche Prozesse sind damit gemeint? Und wo beginnt Übersetzung? Ist nicht jeder Versuch, die Welt in Worten zu fassen oder überhaupt gedanklich zu begreifen ohnehin ein Akt der Übersetzung: die Auseinandersetzung mit Erfahrung in jedem Sinne? Den Prozess der Auseinandersetzung mit der Erfahrung durch die Festlegung ihrer Bedeutung haben wir einmal als «intramentale Übersetzung» beschrieben²⁹ — und um diese Übersetzung muss es auch gehen, wenn wir von Übersee-Übersetzungen sprechen.

Der Anthropologe Bradd Shore hat vorgeschlagen, Kultur «als eine sehr große und heterogene Sammlung von Modellen oder dem, was Psychologen manchmal Schemata nennen», zu betrachten. Er erklärt, dass der «Begriff des Modells eine Brücke zwischen dem empirischen Konzept von Kultur als „Objekten“ und dem kognitiven Konzept von Kultur als Formen des Wissens (oder, anspruchsvoller, als mentale Repräsentationen) schlägt»³⁰. In diesem Sinne würde die Kultur selbst sowohl vom Individuum als auch von der Umwelt abhängen und sich auf einen ähnlichen Prozess stützen, wie demjenigen, bei dem die Bedeutung durch intramentale Übersetzung entsteht. Neurowissenschaften und Anthropologie unterstützen eine Definition von Kultur als einem System der Konstruktion von Bedeutung.

Bradd Shores Vorschlag, Kultur «als eine sehr große und heterogene Sammlung von Modellen» zu betrachten, ermöglicht es uns zu verstehen, dass Gehirn und Geist ohne Kultur gehaltlos bleiben und dass mentale Modelle gleichzeitig sowohl persönlich als auch konventionell sind. Shore unterscheidet zwischen linguistischen Modellen (wie Skripten oder Tropen) und nicht-linguistischen Modellen (wie Bildschemata oder Emotionsmodellen). Außerdem unterscheidet er zwischen expressiven und spielerischen Modellen oder Theorien und Aufgabenmodellen. Für unsere Zwecke scheint das Konzept, das er als «orientierende Modelle» bezeichnet, besonders interessant zu sein. Dazu gehören unter anderem räumliche Modelle (wie Gebietskarten oder Navigationsmodelle), zeitliche Modelle, Modelle der sozialen Orientierung wie Modelle sozialer Beziehungen, Rituale oder sozialer Rollensätze und natürlich divinatorische Modelle.

Viele dieser Modelle gehören zu der «verborgenen Dimension» des menschlichen Verhaltens, wie Edward T. Hall sie nannte³¹, die für das verantwortlich ist, was als kultureller Eisberg beschrieben wird, bei dem der größte Teil an der Oberfläche unsichtbar bleibt. Kulturelle Modelle bilden eine «tiefe Bedeutungsstruktur», wie

²⁹ Die folgenden Ausführungen stellen eine verkürzte und überarbeitete Fassung des Aufsatzes «Intramental Translation. How culture shapes the mind or Why Columbus did not discover America» dar; s. HANENBERG, 2018: 86-102.

³⁰ SHORE, 1998: 44; eigene Übersetzung.

³¹ HALL, 1990 [1966].

Per Aage Brandt es formuliert hat³². Diese tiefe Bedeutung übersetzt sich dann in bestimmte Formen der Oberflächenbedeutung, die sowohl beobachtet als auch beschrieben werden können.

Intramentale Übersetzung ist die Art und Weise, wie wir der Welt einen Sinn geben. Wir stützen uns auf kulturelle Modelle, die in verkörperten neuronalen Strukturen gebündelt sind und die den tiefen Inhalt für die intramentale Übersetzung liefern, die uns wiederum in die Lage versetzt, die Welt, in der wir leben, zu verstehen. Wann immer sich diese Welt verändert, gerät die intramentale Übersetzung in Schwierigkeiten und muss versuchen, sich an die neue Erfahrung anzupassen. Außerdem erzeugen die verkörperten neuronalen Strukturen und die kulturellen Modelle, die sie aufgebaut haben, einen gewissen Widerstand gegen jede Veränderung. Strukturen und Modelle — obwohl sie *per definitionem* veränderbar und plastisch sind — neigen dazu, sich zu stabilisieren, weil ihre Funktion gerade darin besteht, inmitten der überwältigenden Masse an Erfahrungen und Informationen ein gewisses Maß an Stabilität zu gewährleisten.

Wir wollen nun versuchen, diesen Prozess in einem historischen Dokument zu beobachten, das in der Tat eine mentale und narrative Konstruktion dessen ist, was später die Neue Welt genannt wurde: eine besonders radikale Veränderung in der Wahrnehmung der Welt. Kolumbus schrieb seinen berühmten Brief nach der Rückkehr von seiner Reise als Information für seinen Förderer Luis de Santángel, den Schatzmeister des spanischen Königs. Er wurde 1493 zunächst auf Spanisch und dann im selben Jahr auf Latein veröffentlicht.

Kolumbus wollte sich mit seinem Schreiben vor allem vergewissern, dass sein Geldgeber an sein Projekt glaubt: Die Fahrt nach Westen würde den Weg nach Indien öffnen. Daher befasst sich ein großer Teil der im Kolumbusbrief enthaltenen Informationen mit der Frage der räumlichen Orientierung, die gleichzeitig als Beweis dafür dient, dass Kolumbus sein Ziel erreicht hat:

*Dreiunddreißig Tage nachdem ich von Cádiz ausgelaufen war, erreichte ich das Indische Meer und fand dort mehrere Inseln, auf denen unzählige Menschen leben. Von allen diesen Inseln habe ich im Namen unseres durchlauchtigsten Königs nach feierlicher Verlautbarung und dem Hissen der Fahne Besitz ergriffen, ohne dass mir irgendjemand widersprochen hätte.*³³

Der gesamte Text ist unter dieser Bedingung geschrieben — oder anders gesagt: die gesamte Erfahrung wird in ein Konzept übersetzt, das sowohl den Wunsch nach

³² BRANDT, 2004: 258-259.

³³ KOLUMBUS, 2000: 13. Alle weiteren Zitate nach dieser Ausgabe mit dem Kürzel K und der Seitenzahl.

Verständnis als auch die Notwendigkeit der Rechtfertigung befriedigen kann. Es gibt keinen Raum und keinen Bedarf für eine neue Welt, denn alles, was Kolumbus entdeckt, entspricht dem, was er zuvor zu finden gedachte. Die Realität bedarf jedoch der Aneignung, die eine eventuelle Lücke zwischen dem vorgefassten Modell und der beobachteten Realität schließt. Die Aneignung ist ein Akt der Verstärkung der Beziehung zwischen Wahrnehmung und Vorstellung, ein Akt, der auf der symbolischen Ebene stattfindet. Die Entfaltung der königlichen Standarte ist ein solcher symbolischer Akt — und die Namensgebung ist ein weiterer solcher Fall. Jemandem oder etwas einen Namen zu geben, ist ein Akt, der sowohl Individualität (als etwas, das auf diese Weise benannt wird) als auch Adressierbarkeit innerhalb des bestehenden symbolischen Rahmens herstellt. Das ist es, was Kolumbus im Weiteren beschreibt:

*Und der ersten dieser Inseln gab ich den Namen unseres heiligen Erlösers, denn nur im Vertrauen auf seine Hilfe haben wir sowohl diese als auch alle anderen Inseln erreicht. Die Inder nennen diese Insel allerdings Guanahani. Ich bezeichnete auch jede andere Insel mit neuem Namen*³⁴.

Bei der Namensgebung scheint sich Kolumbus sogar der Tatsache bewusst zu sein, dass er die Realität in seinen eigenen Rahmen übersetzt, indem er den Unterschied zu der von den Indianern verwendeten Namensgebung ausdrücklich feststellt: «Die Inder nennen diese Insel allerdings Guanahani»³⁵.

Die Aneignung und die räumliche Orientierung sind die ersten Bemühungen von Kolumbus, der Realität Bedeutung zuzuweisen. Der Versuch, dem Territorium einen Sinn zu geben, wird mit einer überraschenden Aussage fortgesetzt:

*Doch als ich endlich erkennen musste, dass sich uns trotz weiten Vordringens nichts Neues bot und uns die Fahrt längs der Küste in nördliche Richtung abdrängte, beschloss ich [...] keine neuen Entwicklungen mehr abzuwarten. [...] es schien wünschenswert, sich nach Süden zu beeilen, noch dazu wo die Winde unseren Wünschen entsprachen. Ich kehrte also um und fuhr zu einer bestimmten Bucht zurück, die ich zuvor gekennzeichnet hatte. Von dort sandte ich zwei Männer meiner Mannschaft an Land, um in Erfahrung zu bringen, ob es in dieser Gegend einen König oder irgendwelche Städte gäbe*³⁶.

Dies ist in zweifacher Hinsicht interessant. Erstens scheint sich die «Neuheit» schnell in etwas zu verwandeln, das nicht mehr neu zu sein scheint («dass es nichts

³⁴ KOLUMBUS, 2000: 13-15.

³⁵ KOLUMBUS, 2000: 15.

³⁶ KOLUMBUS, 2000: 15.

Neues mehr gab»). Und zweitens gibt es keinen Zweifel daran, wohin Kolumbus gehen will («sich nach Süden zu beeilen»). Dementsprechend ist die anschließende Erkundung des Landesinneren wiederum von der Erwartung des Vorgefundenen geprägt — und nicht offen für Neues, Unbekanntes oder Anderes. Die Erwartung ist, «einen König oder irgendwelche Städte» zu finden.

Die Männer waren drei Tage unterwegs und fanden unzählige Stämme und Siedlungen, doch immer nur kleine und ohne staatliche Verwaltung. Und so kamen sie zurück³⁷.

Auch hier ist Kolumbus in Bezug auf die Konzepte, die seine Beobachtungen bestimmen, recht transparent. Seine sozialen Orientierungsmodelle leiten die Wahrnehmung in jeder Phase: Gesellschaften müssen organisiert sein und brauchen daher einen König, und Menschen müssen zusammenleben, daher muss es Städte geben. Selbst wenn sich diese Erwartung nicht bestätigen lässt, findet Kolumbus einen Weg, seine Konzepte aufrechtzuerhalten, indem er die widersprüchliche Erfahrung durch die Form der Negation integriert. Ein erheblicher Teil von Kolumbus' Beschreibung befasst sich nicht mit dem, was er beobachtet hat, sondern mit den Realitäten, die er nicht vorgefunden hat:

An der Meeresküste sah ich jedoch weder Städte noch Märkte [...]. Auf dieser und allen anderen Inseln, die ich gesehen habe oder von denen ich Kenntnis besitze, laufen die Bewohner beiderlei Geschlechts nackt wie am Tage ihrer Geburt umher. [...] Die Menschen auf diesen Inseln kennen keine Form des Eisens. Sie haben auch keine Waffen³⁸.

Die Negation ist ein geeignetes Mittel, um abwesende Elemente in den eigenen Begriff einzubeziehen und eine Nicht-Realität in den Begriff der Realität zu übersetzen. Kolumbus versucht fortwährend, seine Konzepte zu bestätigen, damit die Realität, die er vorfindet, für ihn einen Sinn ergibt. Selbst wenn der Kontrast so radikal ist wie in den Fällen der Abwesenheit oder der Negation, übersetzt die Affirmation die neue Realität in eine unhinterfragte, vordefinierte Struktur. So erweist es sich als möglich, über Wirklichkeiten zu sprechen, die tatsächlich über den bisher bekannten Horizont hinausgehen.

³⁷ KOLUMBUS, 2000: 15f.

³⁸ KOLUMBUS, 2000: 12-27.

Eine weitere sehr verbreitete Strategie oder Technik der intramentalen Übersetzung ist der Vergleich. Immer wieder versucht Kolumbus, die neue Realität in seine vertrauten kulturellen Modelle zu übersetzen, indem er das, was er sieht, mit dem vergleicht, was er kennt:

Juana besitzt außerdem rings um die ganze Küstenlinie viele ebenso sichere wie breite Buchten, die man mit keinen anderen, die ich jemals gesehen habe, vergleichen könnte. [...] Die Bäume hier verlieren, wie ich meine, niemals ihre Blätter, denn ich sah sie ebenso grün und prächtig, wie normalerweise in Spanien im Monat Mai. [...] Es sang die Nachtigall und auch verschiedene andere Vögel ohne Zahl, [...] Aus Kurs und Versegelung kann ich nun schließen, dass diese Insel Juana größer ist als England und Schottland zusammen. [...] Der Umfang der Insel Hispaniola ist größer als jener der ganzen Iberischen Halbinsel von Katalonien bis Fuenterrabía³⁹.

Es gibt zwei weitere Momente, in denen Kolumbus damit zu kämpfen hat, seine Erfahrungen in seine kulturellen Modelle zu übersetzen. Er schreibt:

Denn jenseits der erwähnten 322 Meilen liegen im Westen noch zwei Gebiete, die ich nicht angesteuert habe. Eines davon nennen die Inder Avan. Die Menschen dort werden mit Schwanz geboren. [...] So hörte ich es zumindest von den Indern, die ich bei mir habe und die sich auf allen Inseln hier bestens auskennen⁴⁰.

Auch hier lässt Kolumbus keinen Zweifel daran, dass diese Menschen mit Schwanz nicht Gegenstand seiner eigenen Beobachtung waren, sondern dass ihm von ihrer Existenz berichtet wurde. Der zeitgenössische deutsche Übersetzer des Kolumbus' Briefs ist bezüglich der tatsächlichen Quelle der Aussage deutlicher, wenn er schreibt:

Dann wyter von der ob genanten hundert und zwencyg myl belibet mir uff der syten gen occident zwü prouinczen die ich nit durch faren haben [...] Da werdent lüt geborn mit schwenczen [...]. Dem nach und mir zu versteen gend die indier die ich mit mir gefangen für, wann sy wissent by einem billichen gar wol zu sagen von den inßlen allen. Von den provintzen unnd inßlen sagt ouch ptolomeus wie do lüt sind die schwencz hond⁴¹.

³⁹ KOLUMBUS, 2000: 17-27.

⁴⁰ KOLUMBUS, 2000: 27-29.

⁴¹ KOLUMBUSBRIEF, 1900.

Diese deutsche Ergänzung des Originaltextes (dass schon Ptolemäus von den Leuten mit Schwänzen berichtet habe) offenbart das kulturelle Modell und seine Quelle, auf die sich Kolumbus bezieht, ohne sie selbst zu nennen. Menschen mit Schwänzen zu finden, war eine solche wissenschaftlich gestützte Erwartung, dass Kolumbus sie sogar dort findet, wo es sie eigentlich nicht gibt. Dies ist die mächtige Wirkung der intramentalen Übersetzung bei der Überschreitung von Erfahrungen.

Kolumbus hatte wirklich Mühe, seine Erfahrungen korrekt in die kulturellen Modelle zu übertragen, auf die er sich stützt. Im selben Satz trägt er zunächst der Wahrnehmung Rechnung, um dann wieder den Erwartungen Recht zu geben. Er schreibt:

Und so habe ich denn keine Ungeheuer erblickt und habe auch nirgendwo von solchen gehört, mit Ausnahme der Berichte über eine Insel namens Carib, die zweite, die man auf der Überfahrt von Spanien nach Indien erreicht. Diese Insel bewohnt ein Volk, das von seinen Nachbarn für überaus grausam angesehen wird. Die Bewohner von Carib essen nämlich Menschenfleisch⁴².

Keine Monster, aber Kannibalen. Die Erwartung, Monster zu finden, wird von Kolumbus durch die Erfahrung widerlegt. Der Kannibalismus dient dann wieder als Bestätigung überkommener Geschichten, die von monströsen Wesen und Praktiken berichten. Das Thema Kannibalismus prägte das spätere Bild der Neuen Welt in ganz besonderer Weise. Es kann jedoch kein Zweifel daran bestehen, dass die Aussage von Kolumbus über den Kannibalismus eher ein Produkt der intramentalen Übersetzung darstellt; eine realistische Schilderung des tatsächlich Wahrgenommenen gibt sie nicht einmal vor zu sein. Wie wir gesehen haben, weist Kolumbus sogar ausdrücklich auf die möglichen Grenzen seines Verständnisses hin.

Solche Vorbehalte den beschriebenen Realitäten gegenüber sind besonders wichtig, wenn es darum geht, die Reichtümer dieser Länder zu bewerten:

Von dieser und den anderen Inseln, die ich gesehen habe, bringe ich Menschen mit, die meinen Bericht bezeugen werden. Um schließlich in wenigen Worten Erfolg und Nutzen unseres Aufbruchs und unserer schnellen Rückkehr zusammenzufassen, will ich Folgendes versprechen: Ich werde unseren unbesiegbarsten Königlichen Hoheiten auch bei geringer Unterstützung von deren Seite so viel Gold verschaffen, wie sie benötigen, außerdem so viele Gewürze, so viel Baumwolle, Mastix (das sich bisher nur auf Chios findet) und Aloe-Holz, außerdem so viele heidnische Sklaven, wie Ihren Majestäten zu verlangen gefallen wird⁴³.

⁴² KOLUMBUS, 2000: 31-33.

⁴³ KOLUMBUS, 2000: 33-35.

Die so genannten Inder dienen als Zeugen, die bestätigen, was Kolumbus einerseits zu finden erwartete und was er andererseits nicht selbst erleben konnte. Es wäre nicht falsch zu sagen, dass die Inder als Beweis für das vorgefasste kulturelle Modell von Kolumbus herangezogen werden. In der intramentalen Übersetzung wirken Erwartung und Erfahrung zusammen und verstärken sich gegenseitig.

In einer Passage kommt Kolumbus sehr nah an die Erkenntnis, dass er etwas völlig Unerwartetes entdeckt hatte — und dass seine mentale Einstellung daher geändert werden könnte oder sollte. In der folgenden Passage kommen viele der bisher vorgestellten zentralen Übersetzungstechniken zusammen: Negation, Erwartung und Aneignung.

Die Menschen hier kennen keinen Götzendienst. Im Gegenteil, sie glauben fest daran, dass alle Kraft und alle Macht, ja dass alles Gute im Himmel liege, und dass auch ich zusammen mit unseren Schiffen und Seeleuten von dort herabgestiegen sei⁴⁴.

Es hat den Anschein, als ob die Einwohner der Inseln die Ankunft von Kolumbus mit einer völlig falschen Vorstellung bewerteten: dass Kolumbus vom Himmel gekommen sei. Es ist bemerkenswert, wie Kolumbus diesen Glauben als Irrglauben identifiziert — ohne die Fehlbarkeit seines eigenen Glaubens in Bezug auf das, was er sieht, in Erwägung zu ziehen. Dies ist noch bedeutsamer, wenn man bedenkt, dass es eine gemeinsame Basis von Überzeugungen zu geben scheint, die Kolumbus und die Menschen dort offenbar teilen: Sie alle glauben, dass «alle Macht, ja, dass alles Gutes im Himmel liege».

Mit dieser tiefen Überzeugung, die sich aus der intramentalen Übersetzung ergibt, kann Kolumbus dann seinen Versuch entwickeln, dem Leser seinen Erfolg bei der Suche nach einem Weg nach Indien plausibel zu machen. So erscheint die intramentale Übersetzung als ein kontinuierlicher Prozess, der vorgefasste Modelle, Wahrnehmungen und einen Sinn für zukünftiges Handeln miteinander verbindet: alles mit dem Ziel, eine Übereinstimmung zwischen Wahrnehmung und Vorstellung herzustellen. Daher verkündet Kolumbus am Ende seines Briefes stolz:

Die berichteten Ereignisse sind in höchstem Maße wahrhaftig und wundersam, entsprechen jedoch nicht meinen Verdiensten, sondern meinem heiligen Glauben an Jesus Christus und der frommen Gottesfurcht unserer Königlichen Hoheiten; denn was der menschliche Verstand nicht zu erreichen vermochte, das gewährte den Menschen der göttliche. Gott pflegt nämlich seinen Dienern und allen, die seine

⁴⁴ KOLUMBUS, 2000: 23-25.

Gebote achten, selbst das Unmögliche zu erfüllen; und so widerfuhr es gegenwärtig auch mir, der ich erreicht habe, was bisher weit außer Reichweite menschlicher Macht gelegen war. Denn obwohl einige etwas über diese Inseln geschrieben oder gesagt haben, so taten dies doch alle nur in Andeutungen und Vermutungen und niemand beansprucht für sich, diese Inseln tatsächlich gesehen zu haben; weshalb das ganze auch wie ein Märchen schien⁴⁵.

Heute wissen wir, dass Kolumbus nicht gefunden hat, was er finden wollte, er hat nicht gesehen, was er gesehen hat, die Inder sind keine Inder, die Kannibalen existieren nicht. Und dennoch: So sehr er wirklich, ohne es zu wissen, eine ganze neue Welt entdeckte, so sehr bewies er auch, wiederum ohne es zu wissen, die Macht der intramentalen Übersetzung — und damit die ganze Komplexität der Übersee-Übersetzungen.

Der Kolumbus Brief bietet insofern neue Einblicke in die Herausforderungen der Übersee-Übersetzungen als er die Identifizierung bestimmter Techniken ermöglicht, die in diesem Prozess angewandt werden. Die hervorstechendste Technik ist die unausweichliche und stets präsente Vermischung von Erwartungen und Erfahrungen, was am besten durch die Verwendung des Begriffs «Inder» für die Menschen auf den Inseln veranschaulicht werden kann. Die Erwartung ist ein grundlegender Bestandteil der intramentalen Übersetzung. Aber Übersee-Übersetzungen im Allgemeinen und der Kolumbus Brief im Besonderen scheinen ein besonders deutliches Beispiel dafür zu sein, dass begriffliche Erwartungen über die Erfahrung dominieren. Eine zweite Technik ist die Aneignung, die Kolumbus anwendet, indem er die Inseln und Landschaften benennt — obwohl er weiß, dass sie in der Sprache der Indianer andere Namen haben. Eine dritte Technik ist die «Negation», die es erlaubt, nicht nur das Erlebte, sondern auch das Versäumte oder Abwesende anzusprechen. Als vierte Technik kommt der Vergleich ins Spiel, der es ermöglicht, eine Beziehung zwischen dem bereits Bekannten und dem Neuen herzustellen. Eine fünfte Technik besteht darin, das Berichtete selbst mit einigen Vorbehalten vorzutragen. Und schließlich gibt es auch die Technik, das Berichtete als «wundersam» oder «wie ein Märchen» zu kennzeichnen, wie das Kolumbus hier am Ende des Briefs tut: Märchen («fabula» heißt es in der lateinischen Fassung) und Verwunderung kennzeichnen solche Erfahrungen, bei denen die Erwartungen ausgesetzt werden können — und wie wir das am Anfang unseres Beitrags am Beispiel der Übersetzung portugiesischer Erfahrungen in Übersee gezeigt haben.

Dies ist vielleicht noch nicht das vollständige Bild dessen, was die Übersee-Übersetzungen ausmacht. Mit Hilfe von Kolumbus könnten wir jedoch verstehen, wie Überlieferungen, Überraschungen und Übersetzungen eine neue Welt entwerfen,

⁴⁵ KOLUMBUS, 2000: 35.

die über Jahrhunderte hinweg die Beziehungen zwischen Menschen und Kulturen bestimmen sollten. Portugal und Deutschland haben unterschiedliche Rollen in diesem Prozess gespielt: im intensiven Austausch und in gegenseitiger Komplementarität. Und in der Gewissheit, dass sie beide zu dem gehören, was fortan die alte Welt genannt sein sollte.

QUELLEN

- ADELUNG, Johann Christoph (1787). *Fortsetzungen und Ergänzungen zu Christian Gottlieb Jöcher allgemeines Gelehrten-Lexicon*. Leipzig, 2 vols.
- ÁLVARES, Francisco (1566, 1567, 1572, 1573). *Warhafftiger Bericht von den Landen/auch Geistlichem vnd Weltlichem Regiment des Mechtigen Koenigs in Ethiopien/den wir Priester Johan nennen wie. Eisleben*.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1565). *Warhafftige vnd volkomene Historia, von erfindung Calecut vnd anderer Königreich, Landen vnd Jnseln, in Indien, vnd dem Jndianischen Meer gelegen, o.O.*
- EMANUEL I. (1507). *Geschichte kurtzlich durch die von Portugalien jn India/ Morenland/vnd andern erdrich*. Nürnberg.
- (EMANUEL I.) (1508). Ein abschrift eines sandtbriefes [...]. Nürnberg.
- GÓIS, Damião de (1540). *Glaubhaffte Zeyttung [...]*. Augsburg.
- GRYNAEUS, Simon; HERR, Michael (1534). *Die new Welt der Landschaften unnd Insulen so bis hie her allen Altweltbeschrybern unbekant [...]*. Straßburg.
- KOLUMBUS (2000). *Der erste Brief aus der Neuen Welt*. Lateinisch/Deutsch, Stuttgart: Reclam.
- Der deutsche KOLUMBUSBRIEF, in Facsimile-Druck hg. von Konrad Häbler, Strassburg: Heitz, 1900.
- LOPES, Duarte; PIGAFETTA, Filippo (1597 [1613]). *Warhaffte vnd Eigentliche Beschreibung dess Königreichs Congo in Africa [...]*. Frankfurt/Main.
- Fracanzano (da MONTALBODDO); RUCHAMER, Jobst (1508). *Neue unbekante landte und ein neue weldte in kurtz verganger zeythe erfunden*. Nürnberg.
- VESPUCCI, Amerigo (1505). *Uon der neüw gefunden Region die wol ain welt genent mag werden [...]*. Schönsperger.

BIBLIOGRAPHIE

- ALPERS, Svetlana (1983). *The Art of describing. Dutch Art in the Seventeenth Century*. Chicago University of Chicago Press.
- BENEDICT, Barbara M. (2001). *Curiosity. A Cultural History of Early Modern Inquiry*. Chicago: University of Chicago Press.
- BÖNING, Holger (2002). *Welteroberung durch ein neues Publikum. Die deutsche Presse und der Weg zur Aufklärung. Hamburg und Altona als Beispiel*. Bremen: edition lumière.
- BRANDT, Per A. (2004). *Spaces, Domains, and Meanings: Essays in Cognitive Semiotics*. Bern: Peter Lang.
- BURGHARTZ, Susanna (2004). *Inszenierte Welten. Staging New Worlds. Die West- und Ostindischen Reisen der Verleger de Bry, 1590-1630. De Bry's Illustrated Travel Reports, 1590-1630*. Basel: Schwabe.
- BURKE, Peter (1997). *A Social History of Knowledge*. Cambridge: Polity Press.
- CHARTIER, Roger (1999). *A Aventura do Livro. Do Leitor ao Navegador*. São Paulo: UNESP.
- CHARTIER, Roger (2014). *The Author's Hand and the Printer's Mind. Transformations of the Written Word in Early Modern Europe*. Cambridge: Polity Press.
- ELSNER, Jaś; RUBIÉS, Joan-Pau (1999). *Voyages and visions. Towards a cultural history of travel*. London: Reaktion Books.

- FINAZZI-ÀGRO, Ettore (1993). *Autor*. In LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe, org., *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 75.
- GREENBLATT, Stephen (1991). *Marvelous Possessions. The wonder of the New World*. Oxford and Chicago: University of Chicago Press.
- HALL, Edward T. (1990 [1966]). *The Hidden Dimension*. New York: Anchor books.
- HANENBERG, Peter (2018). *Cognitive Culture Studies*, Lisboa: Universidade Católica Editora.
- KENNY, Neil (2004). *The Uses of Curiosity in Early Modern France and Germany*. Oxford: Oxford University Press.
- KOHL, Karl-Heinz, ed. (1982). *Mythen der Neuen Welt. Zur Entdeckungsgeschichte Lateinamerikas*. Berlin: Kohlhammer.
- KRÜGER, Klaus, ed. (2002). *Curiositas. Welterfahrung und ästhetische Neugierde in Mittelalter und Früher Neuzeit*. Göttingen: Wallstein.
- LEITCH, Stephanie (2010). *Mapping Ethnography in Early Modern Germany. New Worlds in Print Culture*. New York: Palgrave Macmillan.
- LOPES, Marília dos Santos (1992). *Afrika. Eine neue Welt in deutschen Schriften des 16. und 17. Jahrhunderts*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- LOPES, Marília dos Santos (1998). *Wonderful things never yet seen: Iconography of the Discoveries*. Lisboa: Quetzal.
- LOPES, Marília dos Santos (2012). *From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism*. In BERBARA, Maria; ENENKEL, Karl A.E, ed. *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden: Brill, pp. 425-446.
- LOPES, Marília dos Santos (2016). *Writing New Worlds: The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- LOPES, Marília dos Santos (2017). *Importing Knowledge: Portugal and the Scientific Culture in Fifteenth and Sixteenth Century's Germany*. In HORST, Thomas; LOPES, Marília dos Santos; LEITÃO, Henrique, ed. *Renaissance Craftsmen and Humanistic Scholars. Circulation of Knowledge between Portugal and Germany*. Frankfurt am Main: Peter Lang Verlag, pp. 73-90.
- LOPES, Marília dos Santos (2021). *Tradução como mediação. O intercâmbio cultural entre Portugal e a Alemanha na época da primeira globalização*. In HENDRICH, Yvonne; HORST, Thomas; POHLE, Jürgen, eds. *Beiträge zur Geschichte der deutsch-portugiesischen Beziehungen. Para uma História das relações luso-alemãs*. Berlin: Lang, pp. 121-142.
- REICHERT, Folker (2001). *Erfahrung der Welt: Reisen und Kulturbegegnung im späten Mittelalter*. Stuttgart: Kohlhammer.
- SCHMIDT, Benjamin (2003). *Mapping an Exotic World. The Global Project of Dutch Geography, circa 1700*. In NUSSBAUM, Felicity, ed. *The Global Eighteenth Century*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, pp. 21-37.
- SCHOCK, Flemming (2009). «Von diesen gelehrten und curieusen Männern.» *Zur Kommunikation gelehrten Wissens in der ersten populären Zeitschriften Deutschlands (Relationes Curiosae) 1681-1691*. In HERBST, Klaus Dieter; KRATOCHWILL Stefan, ed. *Kommunikation in der Frühen Neuzeit*. Frankfurt a. M.: Peter Lang Verlag, pp. 119-134.
- SMITH, Pamela H. (1997). *Art, Science, and Visual Culture in Early Modern Europe*. «FOCUS—ISIS» (The History of Science Society), 1, 83-100.
- SHORE, Bradd (1998). *Culture in Mind. Cognition, Culture, and the Problem of Meaning*. Oxford: Oxford University Press.
- VENUTI, Lawrence (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London and New York: Routledge.

UM OLHAR MUSICAL SOBRE PORTUGAL NO FINAL DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO DE VIAGEM INÉDITO DE TILESÍUS VON TILÉNAU*

INÊS THOMAS ALMEIDA**

Resumo: Em 1795, o naturalista, médico e ilustrador da Turíngia, Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau (1769-1857), visitou a cidade de Lisboa juntamente com o conde Johann Centurius von Hoffmannsegg (1766-1849), seu patrono e cientista amador, que o contratara com o intuito de percorrerm o país de lés a lés e publicar um compêndio abrangente sobre a botânica portuguesa. A viagem não correu como planeado e, após escassos meses, ambos regressaram à Alemanha. Desta expedição resultou, porém, um diário, nunca publicado, no qual Tilesius descreveu a ópera, a música sacra e a paisagem sonora das ruas de Lisboa. Neste texto, após um breve enquadramento biográfico, será apresentado o conteúdo musical deste diário, que se revela não só como uma excelente fonte de novas e valiosas informações sobre as práticas culturais portuguesas da época, mas também sobre a mentalidade do autor e, de forma mais alargada, sobre o seu contexto cultural.

Palavras-chave: Relatos de viagem; Antigo Regime; Música em Portugal; Olhar alemão.

Abstract: In 1795, the Thuringian naturalist, physician, and illustrator Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau (1769-1857) visited Lisbon with Count Johann Centurius von Hoffmannsegg (1766-1849), his patron and amateur scientist. The trip did not go as planned and after a few months both returned to Germany. This expedition resulted, however, in a diary, never published, in which Tilesius described opera, sacred music and the soundscape of the streets of Lisbon. In this text, after a brief biographical background, the musical content of this diary will be presented, which reveals itself not only as an excellent source of new and valuable information on the Portuguese cultural practices of the time, but also on the author's mentality and, more broadly, on his cultural context.

Keywords: Travelogue; Ancien Regime; Music in Portugal; German gaze.

ENQUADRAMENTO

Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau (1769-1857) nasceu em Müllhausen, uma antiga cidade real da Turíngia, na Alemanha, no seio de uma família de ilustres advogados, médicos e filósofos cujas raízes remontam ao século XVI¹. Estudou Medicina e Ciências

* A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990. Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.

** Investigadora de pós-doutoramento no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IELT/NOVA FCSH), no projecto *RELIT-Rom Revisões literárias: a aplicação criativa de romances antigos (sécs. XV-XVIII)*, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia, UIDB/00657/2020. Email: inesthomas@fcs.unl.pt. ORCID: 0000-0002-4683-9499.

¹ Para mais informações biográficas sobre Tilesius, leia-se as monografias de Katharina Schendel (SCHENDEL, 2015) e de Gudrun e Hans-Joachim Blankenburg (BLANKENBURG, BLANKENBURG, 2019), bem como as investigações de Frieder Sondermann (SONDERMANN, 2009, 2013). Para a contextualização dos escritos de Tilesius sobre Portugal,

Naturais na Universidade de Leipzig e, como jovem promissor e com um enorme talento para o desenho (teve aulas na Academia Pleißenburg das Artes, em Leipzig, onde também Goethe tivera lições), foi recrutado pelo conde von Hoffmannsegg para explorar e catalogar a flora portuguesa, numa expedição que deveria durar dois anos. O empreendimento correu mal: em parte, devido ao mau tempo, que impossibilitou ou dificultou as observações botânicas, em parte, devido a problemas burocráticos, e, em parte, devido a desentendimentos pessoais entre Tilesius e o conde. A viagem, iniciada no Outono de 1795, terminou, afinal, em Março de 1796, com o regresso a casa de ambos os intervenientes. Tilesius voltou à Universidade de Leipzig, onde se doutorou em Filosofia no ano seguinte, e em Medicina e Cirurgia em 1801. A fama das suas ilustrações e pesquisas sobre as espécies marinhas da costa portuguesa valeram-lhe um convite da Universidade de Moscovo para participar na primeira viagem russa de circum-navegação, iniciada no Verão de 1803, no navio *Nadejda*, sob o comando do capitão barão Adam Johann von Krusenstern (1770-1846) e só terminada três anos depois.

Finda a viagem, Tilesius foi nobilitado pelo czar Alexandre I e nomeado Cavaleiro da Ordem de Vladimir e da Legião Francesa. Tornou-se membro das academias de ciências de numerosas cidades, como Erfurt, Berlim, Göttingen, Munique ou Sampetersburgo, publicou vários ensaios sobre a taxonomia dos animais marinhos e distinguiu-se na medicina ao descrever a neurofibromatose e muitas outras doenças da pele. Regressou à sua cidade natal, Mühlhausen, em 1814, e aí morreu em 1857, com dificuldades económicas, isolado e em completo esquecimento.

O diário de Tilesius von Tilenau em Portugal² é um dos relatos de viagem mais interessantes sobre a prática musical portuguesa no final do Antigo Regime³. Em 1799, três anos depois de ter regressado a casa, Tilesius publicou a tradução alemã de *Tableau de Lisbonne*, um relato de viagem do médico francês Joseph-Barthélemy-François Carrère (1740-1803), e acrescentou-lhe uma adenda de quinhentas páginas, o *Nachtrag zur Berichtigung einzelner Ansichten in dem Gemälde von Lissabon und einzelne Fragmente eines Augenzeugen zur Kenntniß dieser Hauptstadt*, em português, *Suplemento ao Panorama de Lisboa*, publicado em 2018 pela Biblioteca Nacional de Portugal, com tradução de Fernando Clara. Neste *Suplemento*, Tilesius propunha-se efectuar as alterações necessárias ao texto de Carrère, invocando o seu próprio estatuto de testemunha ocular (muito apreciado nesses anos de sensibilidade pré-romântica, em que à visão iluminista de conhecimento enciclopédico se contrapunha o gosto

consulte-se o excelente capítulo introdutório de Fernando Clara à sua tradução do *Suplemento* para português (TILESUIUS, 2018).

² MÜHLHAUSEN STADTARCHIV [s.n.].

³ Para mais informações sobre os relatos alemães e a descrição das práticas musicais em Portugal neste período, leia-se a tese de doutoramento da autora: ALMEIDA, 2021.

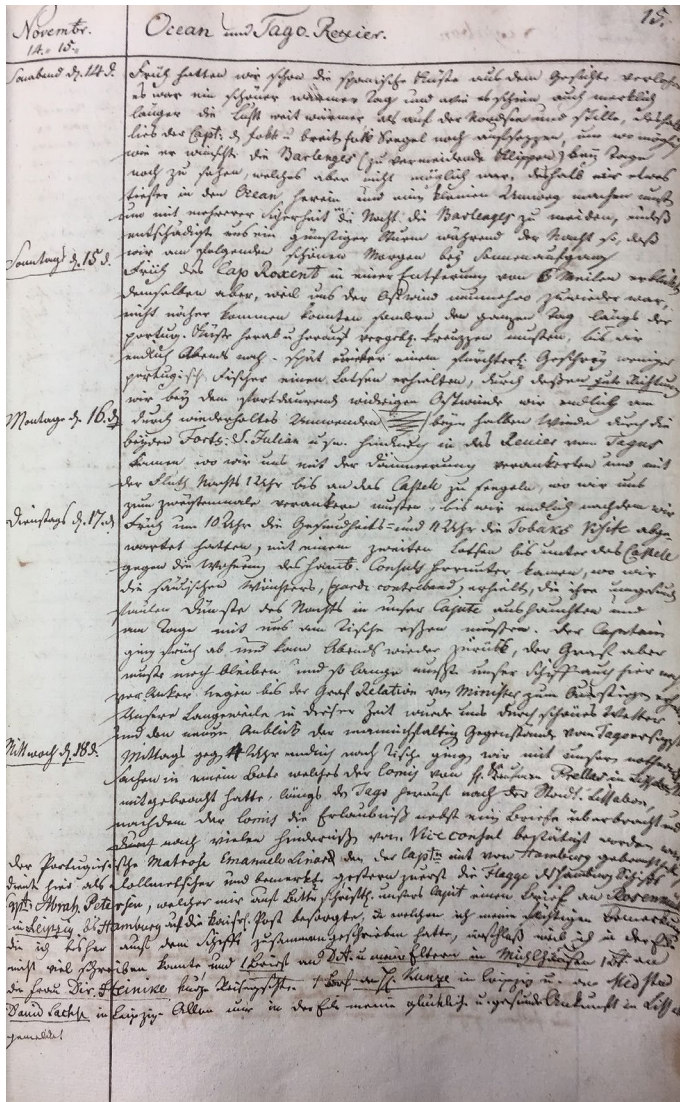


Fig. 1
Página do diário de Tilesius von Tilénau, na qual se descreve a sua chegada de barco a Lisboa.
Fonte: Mühlhausen Stadtarchiv, Tilesius-Bibliothek Sign. 82/237

pela sensibilidade individual e o relato opinativo da realidade observada). A sua descrição baseava-se nas notas de viagem que retivera num diário manuscrito, nunca publicado, que se encontra actualmente no Arquivo Municipal de Müllhausen⁴ e que mostra uma visão mais dura, sem filtros e mais abrangente da sua estada em Lisboa, com detalhes espantosos e elementos anteriormente desconhecidos, que, mais tarde, foram omitidos na publicação do *Suplemento*.

⁴ Fui alertada para a existência deste manuscrito em 2016 pelo investigador Fernando Clara, a quem muito agradeço.

O CONTEÚDO MUSICAL DO DIÁRIO

Tilesius, segundo a informação no seu diário, comprou o grosso volume encadernado a 21 de Setembro de 1795, em Hamburgo, nas vésperas do seu embarque para Lisboa. Bem-intencionado, escreveu como título *Tagebuch auf meiner Reise von Hamburg nach Lissabon etc. von 1795 bis 1797 (Diário da minha viagem de Hamburgo a Lisboa etc. de 1795 a 1797)* na convicção de que ficaria em Portugal dois anos, sem saber que seriam apenas cinco meses. Das 559 páginas do caderno, apenas as primeiras trinta são efectivamente entradas de diário (de 20 de Setembro a 24 de Dezembro de 1795), e dentro destas, apenas quinze dizem respeito à sua estada em Portugal. As restantes são listas de livros, transcrições de textos, comentários e observações posteriores, que abordam temas científicos como a taxonomia e a morfologia das espécies, além de folhas e materiais soltos: um bilhete para um concerto de flauta em Sampetersburgo, a 4 de Janeiro de 1799, ou ainda uma flor seca, possivelmente colhida em Portugal. O texto está grafado em *Kurrentschrift* ou escrita gótica cursiva, com passagem para os caracteres latinos sempre que se trate de palavras em italiano, português ou outra língua latina.

Um aspecto essencial para a análise do diário é o facto de Tilesius ter um conhecimento profundo da música. As suas observações sugerem que possuía um ouvido treinado e um domínio completo da teoria musical e do contraponto, ultrapassando, em muito, a normal educação musical burguesa ou o contexto de um simples melómano. Tilesius tocava violino, viola, harpa, piano e órgão e encomendava frequentemente partituras de músicos do seu tempo, como Mozart, Beethoven e Haydn, para seu uso pessoal. Numa carta de 30 de Maio de 1818, que escreveu ao impressor e editor Johann Martin Peters-Steffenhagen (1803-1873)⁵, Tilesius agradecia, entre outras coisas, o envio das partituras de várias peças musicais (entre estas, um quinteto de Beethoven e dois quintetos de Mozart), e acrescentava que apesar de já ter dois trios com viola, desejava ter mais, nomeadamente de Mozart, bem como algum concerto para viola; pedia-lhe, porém, que lhe enviasse partituras de execução simples e com poucos instrumentos, por não ter com quem ensaiar peças difíceis. Ou seja, o seu próprio nível seria elevado, mas os das (poucas) pessoas que consigo faziam música, não. Nesta mesma carta, para evitar que o editor lhe enviasse repetições, Tilesius acrescentou uma lista das partituras que já tinha: tratava-se, sobretudo, de música de câmara, da autoria do famoso e já na época muito conceituado compositor Joseph Haydn, mas também de Anton Ferdinand Tietz (compositor bávaro que estivera ao serviço do czar Alexandre I, em Sampetersburgo, onde, provavelmente, terá conhecido pessoalmente Tilesius), Adalbert Gyrowetz (à época, vice-mestre de capela do teatro da corte de Viena) e Louis Massoneau (compositor alemão de origem francesa

⁵ TILESIIUS, 1818.

que se destacara como violonista na corte de Ludwigslust, no norte da Alemanha). Havia, portanto, por parte de Tilesius, um domínio musical sólido, não apenas como intérprete (chegando a ter um grau técnico bastante superior àquele do seu círculo de amigos), mas também enquanto conhecedor do repertório de câmara que circulava pelo espaço alemão, desde o recôndito Meclemburgo até à corte de Viena.

A sua actividade musical é ainda documentada pela análise musicológica que fez sobre canções e danças tradicionais que recolheu na península de Kamchatka, no extremo leste da Rússia, e nas ilhas Marquesas, na Polinésia Francesa, durante a sua viagem de circum-navegação pelo mundo, e que publicou em *Allgemeine musikalische Zeitung*, de 23 de Janeiro de 1805⁶.

A descrição destas canções é surpreendentemente rica. No artigo, acompanhado por uma gravura sua de um nativo, Tilesius referiu a dificuldade de transpor para a notação ocidental uma canção que não se enquadrava no sistema temperado de tons e semitons, e fez uma análise musical pormenorizada da extensão, estrutura, células melódicas, uso da terceira menor e peculiaridades observadas na interpretação. Este grau de precisão está infelizmente ausente das observações que Tilesius deixou sobre a música portuguesa. As suas descrições, embora pormenorizadas, incidiram em Lisboa sobre o local da prática musical, o repertório, o contexto e os intérpretes, e não com uma análise detalhada da música propriamente dita. No entanto, o pormenor com que Tilesius se dedicou à observação destas práticas, assente numa sólida formação musical e numa atitude claramente científica, qual musicólogo *avant la lettre*, reveste esta fonte de particular interesse.

No que respeita às práticas musicais, Tilesius ficou, em geral, agradavelmente surpreendido. No *Suplemento*, afirma que o Long Room — um espaço de encontro e lazer da comunidade estrangeira, que funcionava como um clube de modelo inglês, cujos sócios pagavam anuidade e eram exclusivamente estrangeiros — era um «belo lugar», «esplendidamente decorado» e onde se realizavam muitas danças⁷; o Teatro de São Carlos era um belo edifício e, de longe, o que mais lhe agradava na cidade; a orquestra deste teatro era «tão perfeita e agradável como a da capela de Dresden»; os cantores eram muito bons, e alguns até «excelentes»; os acrobatas e bailarinos eram «de uma destreza indescritível»; havia muitos autores portugueses que possuíam um «grande e invulgar talento para a poesia dramática»; nas comédias portuguesas, podia-se encontrar «muito de original nos seus esforços dramáticos», e mesmo o tão odiado *Gracioso* ou *Hanswurst* «de vez em quando, não deixa de ter graça». Mas

⁶ TILESIIUS, 1805.

⁷ TILESIIUS, 1799: 390-391. Apesar de existir uma tradução portuguesa deste *Suplemento*, neste texto, optou-se por utilizar, nas passagens referentes à música, a tradução de Rui Vieira Nery ou da própria autora, pelo facto de, muitas vezes, os termos utilizados no original alemão remeterem para especificidades que escapam a uma tradução não especializada em música, e que são relevantes para a compreensão do contexto musical que aqui se pretende realçar. Nos trechos do *Suplemento* que não dizem respeito à música, utilizou-se a tradução de Fernando Clara.

a passagem mais elogiosa — e mais comentada — de Tilesius falava da qualidade da orquestra do Teatro São Carlos, que comparou à da Staatskapelle de Dresden:

A orquestra é formada por italianos que pertencem à Capela Real, mas também ali encontrei alguns alemães. A música é tão perfeita e agradável como a da Capelle de Dresden; os senhores músicos estão em condições de, após numerosos ensaios, tocarem muito bem as composições de um Dalayrac, um Alessandri, um Grétry, etc.; de Mozart, contudo, nunca aqui ouvi nada; ouço dizer que as suas composições são demasiado difíceis para esta orquestra — e no entanto o salário destes músicos em Portugal é cerca de cinquenta por cento mais elevado do que os da Saxónia⁸.

Esta apreciação de Tilesius mudou drasticamente quando passou à música sacra. Detentor de uma formação musical cuidada, nomeadamente no órgão — instrumento associado à prática religiosa —, a ideia de Tilesius sobre o que deveria ser uma celebração litúrgica e o tipo de música que lhe estava associado seguiam, forçosamente, o modelo luterano, que colidia com o modelo católico português, contra-reformista e italianizante.

Ao longo do século XVII, tinha havido em toda a Europa uma divisão entre espaços sagrados e profanos: de um lado, estava a música sacra, que se ouvia durante as celebrações religiosas em locais especificamente destinados para o efeito, como igrejas, catedrais ou capelas, e, do outro lado, estava a música profana, associada ao entretenimento, que se ouvia, entre outros, nas óperas, na corte, em concertos públicos e nos salões. A própria música acompanhava a separação dos espaços: a música sacra caracterizava-se por andamentos mais lentos, textura contrapontística e uma certa sobriedade técnica, enquanto a música profana tinha andamentos mais rápidos e dançáveis, maior expressividade e virtuosismo.

Em Portugal, pelo contrário, o que acontecia era a mistura destas duas esferas, sagrada e profana, tanto no espaço como no conteúdo. Para se proteger da ameaça protestante e assegurar a sua influência junto aos fiéis, a Igreja Católica portuguesa, no melhor espírito da Contra-Reforma, apostou numa lógica de sedução e atracção dos crentes para a sua ideologia e os seus rituais. A liturgia assumia um carácter festivo, onde todos os elementos (música, pinturas, estátuas, paramentos, luzes e cheiros), bem como as coreografias os gestos dos celebrantes e da congregação, criavam

⁸ TILESIIUS, 1799: 402-403. Os trechos traduzidos por Rui Vieira Nery provêm do seu estudo sobre viajantes estrangeiros, que se espera ver publicado em breve, e para o qual o historiador e musicólogo identificou e traduziu passagens referentes à música em mais de três centenas de relatos estrangeiros. Essas passagens foram generosamente colocadas à disposição da autora para elaboração da sua tese doutoral e investigação posterior, cabendo aqui, por isso, uma palavra de apreço e gratidão. Todas as traduções do *Suplemento* da autoria de Rui Vieira Nery e da autora utilizadas neste artigo encontram-se na referida tese; cf. ALMEIDA, 2021.

um espectáculo envolvente em que todos participavam e que, assim se esperava, encheria o rebanho de fervor religioso. Segundo Rui Vieira Nery, a música pretendia reforçar «a dimensão emocional e afectiva da participação dos fiéis no acto religioso, conduzindo-os desta forma, desejavelmente, à essência espiritual da liturgia de um modo mais eficaz do que a via puramente racional e doutrinal»⁹. A Igreja Católica portuguesa cruzava assim o sagrado e o profano, teatralizando um e sacralizando o outro. Musicalmente, essa dimensão teatral foi acentuada pela adopção de modelos profanos de grande sucesso na Europa, que eram os da ópera, em especial a ópera italiana, que encontrava assim lugar no contexto litúrgico.

Para Tilesius, como para tantos outros viajantes alemães, esta fronteira fluida entre o sagrado e o profano era motivo de incompreensão, desagrado e rejeição, causando-lhe mesmo grande repulsa: o cerimonial das igrejas tinha, segundo o *Suplemento* de 1799, «gesticulações que fazem dos homens macacos»; a música não era solene, mas «de dança cossaca», os órgãos da igreja soavam como «realejos», com uma «vozeria» nos registos das flautas e das palhetas¹⁰. Estas considerações — quer positivas quer negativas — fazem parte da matriz interpretativa comum aos viajantes alemães, nomeadamente a avaliação em função do reconhecível, sendo esta avaliação positiva se aquilo que se observa corresponder ao modelo esperado (influência da ópera de corte italiana, qualidade dos cantores, a orquestra que fazia muitos ensaios, tudo elementos comuns ao que acontecia nas cortes alemãs, bem como as reuniões no Long Room inglês, que se aproximariam do modelo de salão tão em voga em Berlim) e negativa, quando era diferente, revelando aqui a enorme rejeição deste viajante perante um modelo sacro contra-reformista, feito segundo códigos que ele não conhecia (por exemplo, todo o cerimonial litúrgico), ou que esperaria encontrar num contexto diferente (como a música de dança, que lhe agradava no Long Room inglês, mas nunca numa missa).

Este relato revela, assim, uma estranheza que se deve, antes de mais, a uma profunda diferença estética: à solenidade e seriedade alemãs contrapunha-se, em Portugal, a celebração festiva e operática que transformava a liturgia num espectáculo total e unia a novidade italiana ao estilo da Contra-Reforma. Encontramos este choque de posturas — e de expectativas — bem exemplificado no *Suplemento*:

*Quem poderia edificar-se com coisas que produzem uma impressão tão perversa sobre a nossa sensualidade, com uma brincadeira infantil ridícula e colorida a que aqui chamam cerimonial eclesiástico, com gesticulações que fazem dos homens macacos, com a música de dança cossaca de um ou mais órgãos que parecem realejos, com uma vozeria tão abominável de uma multidão de padres duros de ouvido?*¹¹

⁹ NERY, 1998: 108.

¹⁰ TILESÍUS, 1799: 474-477.

¹¹ TILESÍUS, 1799: 474. Tradução de Rui Vieira Nery.

O texto que serviu de base a este trecho foi a entrada no diário, a 24 de Dezembro de 1795, véspera da Natal, quando Tilesius assistiu à Missa do Galo na Igreja dos Paulistas (Igreja de São Paulo da Serra da Ossa, na actual Calçada do Combro, em Lisboa), na qual o espanto (e mesmo o incómodo) do viajante perante a prática musical sacra portuguesa é expresso de forma imediatista:

Hoje à noite fomos [Tilesius e o conde de Hofmannsegg] à Igreja dos Paulistas, a qual fazia das 12 às 2 horas a Missa do Galo, e onde vi muito cerimonial, muito disparate e muito espalhafato desnecessário, e de onde saí mais cansado e maldisposto do que satisfeito. Logo de início, eu já estava cansado pelo tocar interminável dos registos de flauta e das palhetas do órgão, que constituía numa série de Anglaises, Allemandes, Temas, Polonaises e Allegros de Pleyel, que serviram de prelúdio à missa propriamente dita, uma hora antes desta ter começado¹².

A menção de Tilesius à música de Ignaz Pleyel (1757-1831), compositor francês conhecido pela sua prolífica produção para a prática musical doméstica, escrita muitas vezes tendo em conta as limitações técnicas da sua clientela amadora, deve ser lida em tom pejorativo, no sentido de que as peças instrumentais tocadas na Igreja dos Paulistas seriam banais e careceriam de complexidade e interesse. O diário de Tilesius dá-nos mais informações sobre o que este viajante alemão terá apreendido da celebração que presenciava:

Finalmente, vários monges no último altar começaram a gritar no seu mais estridente registo de baixo os seus salmos em latim, e nisto outros monges em diferentes altares do lado oposto da igreja começaram, sob constantes cerimónias tolas e indignas, a entoar repetidas vezes, e foi feito então um Kyrie de um compositor antigo com acompanhamento apenas do órgão, durante o qual os monges continuaram, nos diferentes altares, o seu cerimonial pateta, que não se assemelha nem de longe ao rito católico na Alemanha, vestidos com trajes dourados e prateados, coloridos e pretos, trazendo velas de incenso e campainhas, com benzeduras e demais gestos, e assim continuaram até ao final da missa, sendo que o órgão, após ter terminado o Kyrie, voltou outra vez às suas lengalengas. O povo ajoelhou-se várias vezes e parecia até bastante reverente, pelo repetir constante do sinal da cruz e de outros gestos, no entanto, ninguém podia ter uma ideia verdadeira nem o significado verdadeiro da oração a Deus, porque na oração e no canto católicos tudo é dito em latim. E era mesmo esse o caso, o que se viu na saída das mulheres: pelos corredores escuros e portas da Igreja viu-se os mais

¹² MÜHLHAUSEN STADTARCHIV, [s.n.]: fl. 27. Transcrição e tradução da autora.

vergonhosos actos contra o sexto mandamento, que caracterizam os vícios comuns das cortes e da capital, praticados pelas mesmas pessoas que poucos minutos antes se tinham mostrado tão reverentes, e que agora, mal tinham saído da Igreja, já não rezavam. Não são apenas estes factos especiais e outros semelhantes que mostram o estado geral nestes países (no que diz respeito aos felizes habitantes? E à estada agradável dos viajantes?), o que me comprova o peso enorme que é dado, por exemplo, às cerimónias religiosas, e que ele tem utilidade¹³.

O sexto mandamento, contra o qual os portugueses ao abandonarem a igreja atentariam, é a proibição do adultério. Tilesius ficou, portanto, indignado com as interacções que observou num local de culto — a igreja — sem compreender de imediato que este era, afinal, um dos poucos locais públicos onde homens e mulheres podiam ter algum tipo de interacção, uma vez que nos teatros havia separação entre os sexos, estando aos homens reservada a plateia e às mulheres (e seus acompanhantes, normalmente o pai, marido ou alguém da família) os camarotes. Porém, três anos mais tarde, no *Suplemento*, Tilesius não só reescreveu toda esta passagem, tornando-a bastante mais evasiva, como chega mesmo a corrigir Carrère (o autor do texto ao qual Tilesius acrescenta o *Suplemento*), que a propósito das igrejas portuguesas mencionava «segredos murmurados ao ouvido, de olhares amorosos e de bilhetes de amor que se entregam aos amantes durante a missa nas igrejas», negando Tilesius agora qualquer envolvimento sensual ou comportamento menos próprio¹⁴:

Tudo isto [que Carrère relata] é um pouco exagerado e contradiz completamente o falsamente piedoso carácter nacional dos portugueses nas suas igrejas. Mais depressa um português cometeria um grande crime em silêncio do que riria alto na igreja, do que faria barulho e falaria alto à frente de todos e dos frades, eu de facto nunca vi isso e ainda menos que se permitam juramentos de amor e intrigas de forma tão visível como o autor os descreve. É certo que os amantes, por causa de um estilo de vida recolhido, não acham facilmente um outro local como a igreja onde tão facilmente e sem suspeitas se podem encontrar, e utilizam de facto este local para os encontros, mas fazem-no com enorme cuidado e inteligência. Quem não souber antecipadamente das suas combinações não perceberá absolutamente nada da troca das suas cartas de amor nem dos sinais que fazem um ao outro¹⁵.

É de salientar que a igreja contra-reformista, e em especial numa data tão marcante como era a véspera de Natal, era um lugar de encontro social, de reunião e de

¹³ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV, [s.n.]: fl. 27. Transcrição e tradução da autora.

¹⁴ TILESIIUS, 1799: 474-475.

¹⁵ TILESIIUS, 2018: 151. Tradução de Fernando Clara.

celebração festiva, num modelo bastante distinto daquele conhecido por Tilesius. É possível que o naturalista alemão, que, anos mais tarde, ainda continuava a ler vários textos sobre Portugal (muitos copiados *a posteriori* nas páginas em branco que sobravam do diário), tenha modificado a sua opinião após leitura e reflexão.

Ao mudar de contexto, Tilesius mudava também de registo. Numa entrada não datada do seu diário, Tilesius descreveu de forma vívida as ruas de Lisboa, incluindo os sinos e a sua ligação com a suposta má influência dos monges católicos:

Durante todo o dia e a todas as horas da noite, tocam os sinos, de maneira muito própria, nos inúmeros mosteiros e torres da cidade, de tal forma que de dia não se pode pensar sem ser perturbado e de noite não se pode dormir descansado. Os monges que recebem a ordem batem com martelos em dois ou três sinos diferentes, num ritmo ou compasso estranho, pelo que das várias torres desce uma peculiar mistura de sons. A estada em Hamburgo, onde se pode ouvir com frequência o badalar de sinos nas torres, preparou-me de certa forma para esta música, no entanto, chamou-me a atenção o toque interminável, a forma inusitada das batidas com os martelos e o compasso que (tal como no serviço militar) aqui se observa. Nalguns dos mosteiros completa ou parcialmente destruídos pelo terramoto de 55 ficaram 3 a 4 sinos postos no chão, por entre as ruínas, que podem ser tocados, o que os monges vêm logo como sendo uma atividade que agrada a Deus. Na verdade, porém, os sons dos sinos servem como impressões sensoriais para ajudar os padrecos a enganar o pobre povo¹⁶.

Apreciações políticas à parte, a descrição dos golpes de martelo é interessante porque testemunha a adaptação às vicissitudes provocadas pelo terramoto de Lisboa, que impediu o toque normal dos sinos e levou à introdução de novas práticas. Nos dias de festa, a toda a agitação juntava-se o som dos tiros de canhão:

No dia 17 de Dezembro, foi o aniversário da rainha D. Maria I. Houve uma salva forte de canhões no Tejo, vinda dos barcos que estavam enfeitados com bandeiras coloridas e fitas de seda, o que proporcionou um excelente espectáculo.

No dia 18 de Dezembro, era o dia onomástico da rainha, e houve outra vez uma forte salva de canhões no Tejo e vinda dos fortes.

No dia 28 de Dezembro, como no 2.º dia de Natal, os príncipes etíopes da nossa estalagem foram à corte à Ajuda e a Queluz, e houve novamente uma forte salva de canhões no Tejo e nos fortes¹⁷.

¹⁶ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV, [s.n.]: fl. 320. Transcrição e tradução da autora.

¹⁷ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV, [s.n.]: fl. 322. Transcrição e tradução da autora.

A 18 de Dezembro de 1795, Tilesius prosseguiu as suas descrições das ruas e acrescentou ao seu diário uma magnífica descrição da paisagem sonora do século XVIII:

Além disso, há todo o dia um tal berreiro nas ruas, que não se consegue ouvir uma conversa no próprio quarto. Ora grita um velhote de cor com a cabeça meia tapada como um charlatão ou um mouro, vestido com sobrepelizes e com uma batina curta sem mangas, segurando por um pau uma bacia ou malga de lata e pedindo esmolas espirituais, que são aqui mais ou menos obrigatórias, com as palavras: Que dei mol' à os almas, almas centi beniti. Logo vem um cego que se faz guiar pelas ruas por um rapazinho e em dois graves e reverberantes tons de baixo repete ininterruptamente uma prece curta: : -uu/-uu/uu/--/uu/-uuuuu Christum possessim en povesi mossâve ube mille movve bum, um min moll... Ora é uma mulher cega, que se deixa guiar pelas ruas fora por um cão segurado à mão com uma trela, que grita com voz clara e estridente a sua oração, ora é um fulano com um burro, carregado de legumes e que faz Quirri quirri, quirri! Ora vêm as cabreiras ou conjunto de pastores, a descer a calçada da Estrela e a gritar leite, leite, quem quer leite, bom leite, leite fresco. Trazem o leite no ventre materno para venda em Lisboa e consistem numa camponesa, a qual está vestida com botas e um barrete preto e bicudo por debaixo de um xaile, montada num burro carregado dos dois lados com cestos ou alforjes, onde são transportadas as economias da viagem e os recipientes, e por um homem ou crianças que levam consigo a medida para medir o leite. À frente e atrás do burro vai um rebanho de cabras com badalos, os quais fazem um repique constante. Se alguém pede leite, todo o grupo pára em frente a essa casa, e escolhe-se uma cabra que é ordenhada tanto quanto for pedido. Depois, o cortejo continua o seu caminho, com novos gritos e tinidos. Ora é uma camponesa semelhante que vem com legumes, montada no seu burro sobrecarregado, e apregoa as suas couves-flores e alcachofras, etc.: Alcachofras! Alhos, alhos-porros, couve-flor, pepino! Quem quer? Ora vêm os moços dos conventos com as suas caixinhas, onde estão enfiadas a mãe de Deus e o menino Jesus, e as pessoas nas ruas caem sobre os excrementos e o mouro ou o santo que carrega a caixinha abre a porta de vidro e deixa os pedintes beijar as figuras em troca de um vintém. Ora os bois atrelados em carros, a quem o guia espeta na ferradura com um pico e, assim vai guiando, de acordo com o antigo costume, e deixa-os lamber a ferida... as rodas estão desengrenadas e bastante deformadas, a carroça também, e o conjunto forma um rangido e uma chiadeira horrível nas ruas. E é assim frente à minha janela o dia todo. Os galegos ou carregadores de água, moços aguadeiros, andam com os seus cantis vermelhos e gritam água ou antes auga. Crianças com fitas, contas ou odres cheios de vinho

*gritam vinho! Além chegam duas pessoas com um recipiente e gritam peixes, e a rua nunca se esvazia de pedintes e de miseráveis, que em parte lá ficam deitados, em parte por lá deambulam*¹⁸.

Outro objecto de interesse para Tilesius, fazendo jus à sua veia musical, foi o Teatro de São Carlos, inaugurado a 13 de Junho de 1793 por um grupo de empresários e comerciantes portugueses da alta burguesia. No dia 23 de Dezembro de 1795, Tilesius anotou no seu diário:

*Hoje à noite fui pela primeira vez à ópera italiana deste lugar, ao Teatro São Carlos, onde se apresentou Raollo. Aqui há dois teatros: este, que só recentemente e em poucos meses foi construído, com muito zelo e de forma muito boa e ampla, que ainda não está terminado e que se destina às classes mais educadas, e um outro pequeno para a nação portuguesa, que não merece qualquer menção. Ouvi Raollo por duas vezes*¹⁹.

Tilesius fez no seu diário uma descrição pormenorizada dos cantores e bailarinos, com indicações precisas sobre o timbre, a técnica, a tessitura e o tipo de repertório de cada um, o que se reveste de grande importância para o estudo das práticas musicais líricas neste período. Copiou por vezes os *libretti*, fez listas com os nomes de todos os intervenientes (desde os cenógrafos aos maquinistas) e anotou os dias em que as récitas tiveram lugar, trazendo por vezes dados novos e ajudando a ampliar e colmatar a informação sobre o repertório e os programas neste teatro. É graças a este diário que ficamos a saber que a ópera *Raollo, Signor de Crequi*, de Nicolas Dalayrac, teve não duas, mas três apresentações em Dezembro de 1795, que a ópera *I Molinari*, de Fernando Paer, foi apresentada duas vezes no início do mês de Janeiro, uma das quais coincidindo com a apresentação, a 6 de Janeiro, de *Il barbiere di Siviglia*, de Giovanni Paisiello, para a qual não havia até agora indicação precisa da data.

A descrição contém também pormenores interessantes quanto ao próprio edifício do teatro (estreado apenas dois anos antes, em 1793), como a cortina azul da tribuna real, que Tilesius afirmou ser de seda²⁰, enquanto uma descrição de 1836 diz ser de veludo²¹, e o sistema de iluminação na plateia que se faria «por meio de cem lâmpadas de Argand com cilindros de vidro»²². Em Berlim, as lâmpadas Argand²³

¹⁸ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV, [s.n.]: fls. 320-321. Transcrição e tradução da autora.

¹⁹ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV, [s.n.]: fl. 26. Transcrição e tradução da autora.

²⁰ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV [s.n.]: fl. 26. Transcrição e tradução da autora.

²¹ CARNEIRO, 2003: 177.

²² MÜHLHAUSEN STADTARCHIV [s.n.]: fl. 27. Transcrição e tradução da autora.

²³ Estas lâmpadas foram inventadas em 1780 pelo físico e químico suíço Aimé Argand, de Genebra, aluno de Lavoisier. Proporcionavam uma iluminação muito mais intensa e eficaz do que as habituais lamparinas de azeite, e a sua

foram utilizadas, pela primeira vez, em 1787, no Teatro Charlottenburg e na Ópera da Corte, sendo ambos teatros, salvo raras exceções, de uso exclusivo para a família real e altos dignitários, e, em 1802, no Teatro Nacional²⁴. Isto significa que, em finais de 1795, quando Tilesius foi pela primeira vez a São Carlos, estas lâmpadas eram ainda uma novidade com carácter de adereço de luxo. Assim, Tilesius mostra-nos que o Teatro de São Carlos utilizou, desde cedo, as maiores inovações do seu tempo e apresentou-se como um teatro moderno e bem equipado, que impressionou visivelmente o viajante alemão.

A descrição do teatro prossegue, sendo de destacar a comparação da qualidade da orquestra:

De resto, toda a orquestra é muito pujante e com bons músicos e tem uma harmonia igualmente forte, o que faz neste edifício grande e bem construído o melhor dos efeitos. Na verdade, este teatro de ópera, o qual por fora nem sequer está terminado, é pela sua enorme dimensão e pela regularidade da sua construção a coisa mais requintada que vi em Lisboa, e da qual mais gostei²⁵.

Por fim, a observação de Tilesius quanto à prática, em Portugal, da utilização de *castrati* para representação dos papéis femininos, que se verificou, primeiro, apenas para os teatros de corte (actuando as mulheres apenas nos teatros públicos)²⁶ e, mais tarde, entre 1780 e 1793, se alastrou a todos os teatros, espelhando, antes de mais, os esforços do todo-poderoso intendente-geral da polícia, Diogo de Pina Manique, que zelava assim pela moral pública e pela boa conduta dos teatros e do país²⁷.

Salta à vista o facto de todos os papéis femininos deste teatro serem preenchidos por jovens castrados, o que faz um efeito repelente quanto à sua figura. Os heróis (tenores e baixos) são não raras vezes mais pequenos do que as mulheres e crianças; só a constituição física e a cintura dos últimos traem, a qualquer estrangeiro, a sua origem masculina. Asseguraram-me que estes costumes miseráveis desta nação luxuriante deram origem a vícios não naturais²⁸.

É interessante notar a alusão à homossexualidade — esses «vícios não naturais» — como resultante da atribuição de papéis femininos a homens. A adopção, por parte

popularidade só terminou em meados do século seguinte com a introdução dos candeeiros a petróleo ou a querosene, que eram muito mais baratos.

²⁴ WICHMANN, 2017.

²⁵ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV [s.n.]: fl. 26. Transcrição e tradução da autora.

²⁶ FERNANDES, 2012: 75-76.

²⁷ ALMEIDA, 2021: 458-464.

²⁸ MÜHLHAUSEN STADTARCHIV[s.n.]: fl. 26. Transcrição e tradução da autora.

de um homem, de toda uma série de movimentos e flexões associada ao feminino, torná-lo-ia «efeminado», ou seja, desprovido da sua força viril, o que seria, na óptica setecentista, contranatura. A sua estranheza não era provocada pela existência de *castrati* na ópera, algo muito comum nas cortes alemãs e, em especial, na corte prussiana, mas pelo facto de estes cantores, contrariamente à prática alemã, não desempenharem o papel de heróis, mas de mulheres, algo que, num contexto em que as mulheres eram vistas com subalternidade e os homens como força dominante, era entendido como uma degradação. Ressalvando o facto de poder ter existido, efectivamente, homossexualidade entre os cantores, é possível que as observações de Tilesius fossem deturpadas pela estranheza de ver um homem desempenhar um papel feminino.

CONCLUSÃO

O diário inédito de Tilesius é uma fonte muito importante para os estudos musicológicos, sobretudo porque nos ajuda a compor o mosaico das práticas musicais em Portugal no final do Antigo Regime. Não esconde a sua repulsa perante a música sacra, provocada, porventura, por uma visão antagónica do que deveria ser a celebração religiosa, mas não tem uma postura dogmática, deixando-se surpreender positivamente pelos sons ouvidos fora do espaço sacro, como no teatro de ópera ou até mesmo nas ruas. O seu diário confirma a informação já existente e testemunha a fluidez da mistura de espaços e repertórios sagrados e profanos, a reduzida participação das mulheres na vida musical e na vida social em geral, a adaptação quotidiana aos efeitos do terramoto e um testemunho vivo dos sons nas ruas de Lisboa. Com gosto pelo detalhe e o gesto de cientista, Tilesius fornece ainda novas informações sobre o repertório e a datação dos espectáculos do Teatro de São Carlos, a caracterização dos cantores e bailarinos e seus espaços de actuação, tornando este documento muito útil para o estudo dos teatros públicos, da paisagem sonora e das práticas musicais em Lisboa durante este período. Sobretudo, dá-nos o testemunho detalhado de uma cidade vista pelas lentes de um viajante — homem, alemão, protestante e cientista, numa visão repleta de filtros que, além dos elementos novos que traz, é do maior interesse para compreendermos as dinâmicas do olhar alemão.

FONTES

Documentos não publicados

MÜHLHAUSEN STADTARCHIV [s.n.]. *Tilesius-Bibliothek*. Sign. 82/237, fls. 1-599.

Cartas não publicadas

TILESIUS, Wilhelm Gottlieb von (1818). [Carta]. 1818 mai. 30, Mühlhausen [a] Johann Martin Peters-Steffenhagen. Staatsbibliothek Berlin. Handschriftenabteilung. *Slg. Darmstaedter Weltreisen 1806: Tilesius von Tile nau, Wilhelm Gottlieb*; 79.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Inês Thomas (2021). *O olhar alemão: a prática musical em Portugal em finais do Antigo Regime segundo fontes alemãs*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento.
- BLANKENBURG, Gudrun; Blankenburg, Hans-Joachim (2019). *Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau (1769-1857). Teilnehmer an der ersten russischen Weltumsegelung 1803-1806*. Bad Langensalza: Rockstuhl.
- CARNEIRO, Luís Soares (2003). *Teatros portugueses de raiz italiana*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Tese de doutoramento, vol. 1.
- CARRÈRE, Joseph-Barthélemy-François (1799). *Neuestes Gemälde von Lissabon*. Leipzig: Karl Wilhelm Küchler.
- FERNANDES, Cristina (2012). *Entre a apologia do poder real e as aspirações da burguesia: manifestações musicais em torno do nascimento de D. Maria Teresa, Princesa da Beira (1793)*. In SANTOS, Maria do Rosário Girão; LESSA, Elisa Maria, ed. *Música Discurso Poder*, Coleção Hespérides Literatura. Braga: Edições Húmus/Universidade do Minho, pp. 67-82.
- NERY, Rui Vieira (1998). *O teatro eclesiástico: A liturgia musical barroca como espectáculo*. In VENTURA, Maria da Graça M. *O Barroco e o mundo ibero-atlântico*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 103-116.
- SCHENDEL, Katharina (2015). *Mit Gänsekiel und Tintenfisch: Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau's Japanaufenthalt während der Ersten russischen Weltumsegelung 1803-1806 als Beispiel für Wissenskonstruktion und Wissenschaftsdiffusion im 19. Jahrhundert*. München: Iudicium.
- SONDERMANN, Frieder (2009). *Tilesius und Japan (Teil 1): Tagebuchauszüge über Ankunft und Aufenthalt in Nagasaki 1804/5*. «Faculty of Liberal Arts Review. Tohoku Gakuin University», 154: 105-147.
- SONDERMANN, Frieder (2013). *Tilesius in Macao und Canton 1805/6 (für Wolfgang Griep)*. «Faculty of Liberal Arts Review. Tohoku Gakuin University» 165: 1-32.
- TILESÍUS, Wilhelm Gottlieb von (1799). *Nachtrag zur Berichtigung einzelner Ansichten in dem Gemälde von Lissabon*. In Carrère, Joseph-Barthélemy-François, *Neuestes Gemälde von Lissabon*. Leipzig: Karl Wilhelm Küchler, pp. 321-504.
- TILESÍUS, Wilhelm Gottlieb von (1805). *Bachia, oder Kamtschadalischer Bärenanz, Nationalmusik und Tanz, und Das Menschenfresser-Lied der Marquesas-Insulaner auf Nukahiwah, ein Nationalgesang*. «Allgemeine musikalische Zeitung». 7:17, 261-271.
- TILESÍUS, Wilhelm Gottlieb von (2018). *Panorama de Lisboa: suplemento*. Traduzido por Fernando Clara. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- WICHMANN, Klaus (2017). *Lampenputzer is meen Vater. Die Bühnenbeleuchtung vom Talglicht zur Glühlampe*. [Consult. 15 Ago. 2019]. Disponível em <<http://www.buehnentechnik-und-ihre-geschichte.berlin/lampenputzer/>>.

JAIME MONIZ E A PROMOÇÃO DO ENSINO DO ALEMÃO NOS LICEUS PORTUGUESES (1894/1895-1905)

MARIA TERESA CORTEZ*

Resumo: Em 1894-1895, é promulgada uma nova reforma do ensino liceal que teve Jaime Moniz, professor do Curso Superior de Letras e vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública, como principal responsável. Jaime Moniz procurou colher o exemplo do ensino liceal noutros países da Europa e, como não se cansou de afirmar, valorizou sobretudo «a lição alemã». Ao abrigo da nova legislação, a disciplina de Alemão ganha um peso curricular que nunca tinha tido e nunca mais viria a ter. No presente artigo, procurar-se-á historiar a política de ensino de línguas subjacente à reforma de 1894-1895 e sondar as razões de Jaime Moniz para a beneficiação da aprendizagem da língua alemã. Considerar-se-á, por último, a posição de reitores e professores dos liceus portugueses face à posição relativa do alemão e do inglês no plano de estudos liceal, ponderando-se em que medida foi contemplada na reforma seguinte, de 1905.

Palavras-chave: História do ensino de alemão em Portugal; Jaime Moniz; Reforma dos liceus de 1894-1895.

Abstract: In 1894-1895, a new reform of secondary education was enacted. Jaime Moniz, Chair of the Curso Superior de Letras (Degree in Arts, Lisbon) and Vice-Chair of the Supreme Council for Public Education was mainly responsible for this new legislation. He sought to learn from the example of secondary education in other European countries and valued «the German lesson» above all. Under the new reform, German as a foreign language acquired a curricular importance that it had never had before and would never have again. This article addresses the language teaching policy behind the 1894-1895 reform and explores Jaime Moniz's reasons for valuing the learning of German. The position taken by headmasters and teachers of Portuguese secondary schools regarding the relative position of German and English in the secondary school syllabus will be then discussed and we will seek to assess the extent to which their opinion was considered in the subsequent reform of 1905.

Keywords: History of German language teaching in Portugal; Jaime Moniz; The reform of secondary education 1894-1895.

INTRODUÇÃO

Jaime Moniz, jurista, político e professor do Curso Superior de Letras, foi nomeado vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública em 1884. Esse conselho, presidido pelo ministro do Reino, tinha como pelouro políticas de educação e instrução relativas aos vários níveis de ensino, numa altura em que não existia ainda um ministério da instrução ou educação. Em 1894-1895, com João Franco, do Partido Regenerador, na pasta do Reino, é aprovada uma reforma do ensino dos liceus

* Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas. Email: teresacortez@ua.pt. ORCID: 0000-0002-9518-1718.

que ficou conhecida como a reforma de Jaime Moniz. Na verdade, foi Jaime Moniz o grande responsável pela reforma, que rompeu com o sistema de ensino liceal até então em vigor e instituiu um novo modelo, muito diferente, inspirado na organização do ensino secundário de outros países, sobretudo da Alemanha. A reforma dos liceus de Jaime Moniz é a mais importante reforma após a fundação dos liceus e orientou, em muitos aspetos, reformas posteriores.

Ao abrigo da reforma de 1894-1895, a disciplina de Alemão passa a ser obrigatória para todos os alunos que pretendam ingressar na universidade. Os cerca de dez anos em que vigorou a legislação dos liceus de Jaime Moniz foram, sem dúvida, anos privilegiados, no que toca o ensino da língua alemã.

Em estudos vários que anteriormente realizei, procurei historiar brevemente a evolução do ensino do alemão nos liceus portugueses até 1926 e relacionar essa evolução com a publicação de manuais, gramáticas e outras obras para o ensino-aprendizagem do alemão nos liceus e noutras instituições de ensino¹. Neste artigo, não retomarei essa resenha histórica. Interessar-me-á, antes, comparar a posição das disciplinas de línguas estrangeiras vivas ao abrigo da reforma de Jaime Moniz com a que lhes foi reservada nas reformas imediatamente anteriores, bem como sondar as razões para a redefinição de prioridades. Com base na documentação oficial disponível sobre estas reformas e nos *Estudos de Ensino Secundário* (1918), publicação póstuma de estudos de Jaime Moniz relativos à sua reforma, aos fins do ensino liceal e à realidade do ensino secundário no mundo, destacarei aqueles objetivos e argumentos que mais diretamente se prendem com a nova política de ensino de línguas estrangeiras. Considerarei, por fim, a acalorada polémica em torno do peso curricular da língua alemã no curso liceal, conforme a legislação de 1894-1895, e procurarei ponderar em que medida a contestação à política de línguas de Jaime Moniz pesou na elaboração do novo plano de estudos, que entraria em vigor com a reforma de 1905.

JAIME MONIZ, O ENSINO E A «LIÇÃO ALEMÃ»

A reforma de 1894-1895 foi muito marcada pela visão de Jaime Moniz face ao ensino, pelo que será importante apresentar o seu autor. Na sua tese de doutoramento, intitulada *A reforma de Jaime Moniz. Antecedentes e destino histórico*, que publicou em 1997, Maria Cândida Proença traça uma biografia muito pormenorizada de Jaime Moniz, na qual me basearei para evidenciar alguns aspetos que mais diretamente se prendem com o ensino e com a valorização do alemão no *currículum* liceal². Será importante referir, desde já, que Jaime Moniz deixou escassa obra publicada e que,

¹ Vd. CORTEZ, 2002, 2005, 2018; MARIZZI, CORTEZ, FUENTES MÓRAN, *ed.*, 2018.

² Para esta resenha biográfica foram também consultados: MÓNICA, *dir.*, 2005: vol. II, 949-952; COUVANEIRO, 2012: 23-76; NÓVOA, *dir.*, 2003: 927-929.

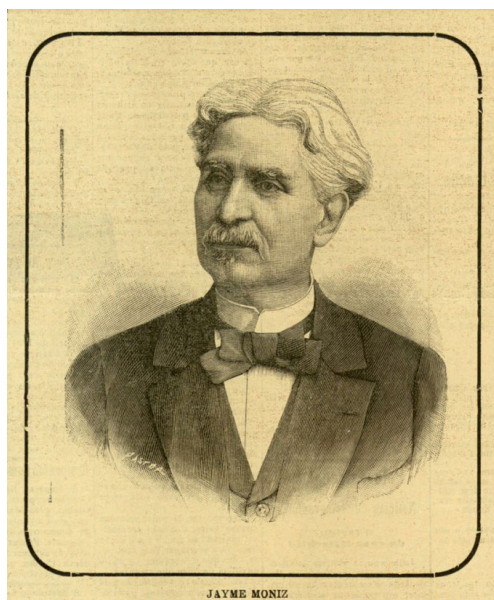


Fig. 1. Jaime Moniz

Fonte: «Diário Illustrado», (31 ago. 1895) 1

no que toca o assunto que aqui nos ocupa, são breves e esparsas as considerações que teceu por escrito.

Jaime Constantino de Freitas Moniz nasceu no Funchal, em 1837, onde frequentou o liceu. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra (1857-1862). Nos tempos de Coimbra, iniciou também o curso de Filosofia, que não terminou, e foi sócio de «O Instituto», onde publicou, sobretudo, resenhas de obras literárias. Já em Lisboa, ensaiou-se na advocacia, mas, em 1863, é admitido em concurso a um lugar de professor de História Universal e Filosófica no Curso Superior de Letras. Foi diretor do Curso Superior de Letras entre 1869 e 1873 e entre 1883 e 1901.

Sobretudo a partir de 1870, ano em que inicia um mandato como deputado pelo Partido Regenerador, Jaime Moniz irá repartir-se entre a vida académica e a intervenção política. Em finais de 1871, com Fontes Pereira de Melo como ministro do Reino, Jaime Moniz assume a pasta do Ministério dos Negócios da Marinha e do Ultramar. Pede a exoneração em finais de 1872, mas, até 1878, cumprirá dois mandatos como deputado. A partir de 1886, Jaime Moniz retomará a sua atividade parlamentar, agora na Câmara dos Pares, como um dos cinco pares eleitos que representavam os vários estabelecimentos científicos na Câmara Alta.

Nos anos de 1870, após a experiência ministerial ligada à Marinha e ao Ultramar, a questão do ensino passa a ser central na intervenção política de Jaime Moniz. Entre 1873 e 1878, Jaime Moniz foi diretor-geral da Instrução Pública e colaborou com António Rodrigues Sampaio na preparação da reforma do ensino primário de 1878. Em 1884, foi nomeado vice-presidente do Conselho Superior de Instrução

Pública, organismo «refundado» durante o governo do Partido Regenerador, numa altura em que Barjona de Freitas, primo de Jaime Moniz, era ministro e secretário dos Negócios do Reino. Desempenhou esse cargo até 1901, ano em que assumiu o lugar de presidente, que ocuparia até 1911³.

Em 1894, presidiu à comissão encarregada de preparar uma proposta de reforma do ensino primário e do ensino secundário, que ficaria conhecida como a reforma de Jaime Moniz. E, em 1901, colabora na reforma do ensino superior, muito especialmente na reforma do Curso Superior de Letras, há muito preparada e quase pronta, mas que nunca chegara a ser aprovada.

Jaime Moniz reuniu um vasto conhecimento sobre os sistemas de ensino em vigor nos países europeus e também sobre as novas teorias didáticas e pedagógicas. Em 1885, um ano depois de ser nomeado vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública, Jaime Moniz recebeu a incumbência de se deslocar ao estrangeiro a fim de estudar a organização do ensino secundário e superior na área das Letras em França, na Bélgica, na Holanda, na Itália e na Alemanha⁴. Esta viagem de estudo tinha como principal fim a reorganização do Curso Superior de Letras, que vinha sendo debatida desde finais da década de 1860 e que opunha dois projetos: um encabeçado por Teófilo Braga, o outro por Jaime Moniz e Francisco Adolfo Coelho. Não tive acesso ao relatório desta viagem, mas é de crer que muitas das informações recolhidas tenham sido úteis a Jaime Moniz para preparar a sua reforma dos liceus. Aliás, Jaime Moniz terá visitado a Alemanha três vezes para se inteirar de matérias de ensino⁵. Em *Estudos de Ensino Secundário* (obra com mais de quinhentas páginas), o autor debruça-se muito brevemente sobre a sua reforma dos liceus de 1894-1895 e, ao longo de mais de trezentas páginas, apresenta e confronta os planos curriculares de institutos secundários em diferentes estados da Alemanha (Prússia, Alsácia-Lorena, grão-ducado de Hesse, Hamburgo, Baviera, Saxónia e Vurtemberg), noutros dezoito países da Europa, nos Estados Unidos da América e no Japão, apresentando mapas de disciplinas e de distribuição horária ao longo do curso liceal e demonstrando à saciedade um conhecimento notável das várias realidades de ensino, que terá comparado, pelo menos em parte, na altura da preparação da reforma dos liceus portugueses de 1894-1895. O referido volume de *Estudos de Ensino Secundário* é ainda esclarecedor quanto à erudição de Jaime Moniz em matérias de ensino. O autor apoia a sua exposição e a sua argumentação numa extensa bibliografia, a maior parte da qual em língua alemã. E, ao longo de todo o seu texto, muito particularmente no capítulo II — «A lição estrangeira», procura justificar, apoiando-se em pedagogos

³ Até 1901, o ministro de Reino ocupava, por inerência, o lugar de presidente.

⁴ Cf. PROENÇA, 1997: 203.

⁵ Cf. MONIZ, 1918: 7s.

e outros especialistas europeus, a especial importância da «lição alemã» em matérias de educação e ensino. Afirmar, a dado ponto:

Se nenhum estudioso, que lide sériamente pelos progressos da instrução, pode hoje desconhecer o que a respeito de tam momentoso ramo se escreve, pratica e legisla nos povos europeus mais cultos, e nos Estados Unidos da América do Norte, ninguém versado em tal matéria pode recusar à Alemanha, e com especialidade à Prússia, o lugar de mestra em tudo o que diz relação à estrutura e vida do ensino público. Esta posição primacial é apenas um caso do mérito adquirido pelas suas prendas de investigadora e criadora de saber⁶.

Apoiando a sua argumentação no parecer de numerosos especialistas em ensino e pedagogia de diferentes países, Jaime Moniz reitera a sua convicção de que a «lição germânica em matéria de instrução pública possui extraordinária competência e grandíssimo alcance»⁷, procura mostrar como o exemplo alemão foi seguido pelas nações mais cultas da Europa e afirma ter-se orientado por ele nas reformas a seu cargo, sem subserviência e procedendo às adaptações e alterações que considerou necessárias para a escola portuguesa.

DO LUGAR DO ALEMÃO NO PLANO DE ESTUDOS LICEAIS (1894/1895-1905)

A posição da disciplina de Alemão no *curriculum* liceal, embora sempre sujeita a acertos ao longo das muitas reformas que se seguiram à fundação dos liceus, manteve-se sempre algo acessória⁸. Ganhara apenas alguma expressão em 1872, ano em que o ministro do Reino António Rodrigues Sampaio, do Partido Regenerador, fez publicar uma reforma do plano de estudos que contemplava o ensino do alemão para os liceus de primeira classe, ou seja, os liceus de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Évora, os quais teriam um curso de seis anos⁹. A disciplina de Francês (com uma carga horária semanal de quatro horas) era contemplada no plano de estudos de todos os liceus nos dois primeiros anos. Mas só nos liceus de primeira classe é que as línguas inglesa e alemã faziam parte do programa curricular: a disciplina de Inglês era obrigatória nos 2.º, 3.º e 4.º anos, e a de Alemão nos 3.º, 4.º e 5.º anos (ambas com uma carga horária de 3/2/2 horas semanais, consoante os anos). Nas outras capitais

⁶ MONIZ, 1918: 23.

⁷ MONIZ, 1918: 37.

⁸ Sobre as reformas do ensino liceal nos séculos XIX e XX, leia-se: VALENTE, 1983; CARVALHO, 1986; JUSTINO, MIGUËNS, *dir. e coord.*, 2007.

⁹ A reorganização do plano de estudos liceal de António Rodrigues Sampaio foi publicada por decreto de 23 de setembro de 1872. «Diário do Governo». 217 (1872-09-26) 1435. Seguiu-se a publicação do novo regulamento dos liceus por decreto de 31 de março de 1873, «Diário do Governo». 77 (1873-04-05) 525-529, que mantém a reorganização curricular.

de distrito, o curso dos liceus tinha apenas quatro anos e um plano de formação menos exigente, que colocava os alunos em desvantagem, caso quisessem prosseguir estudos. Independentemente disso, pela primeira vez na história do ensino liceal português, as disciplinas de Francês, Alemão e Inglês ganham uma posição de paridade no programa de estudos daqueles que eram considerados os liceus principais.

A reforma assinada por Rodrigues Sampaio manteve-se até início dos anos 80, nos quais, de acordo com Rómulo de Carvalho, «a desorientação atinge o máximo»¹⁰. No espaço de oito anos, o então ministro do Reino José Luciano de Castro, do Partido Progressista, fez promulgar três decretos (em 1880, 1886 e 1888) relativos ao ensino liceal¹¹. Uma das novidades do decreto de 14 de outubro de 1880 foi a separação do curso complementar (5.º e 6.º anos) nas secções de letras e de ciências. Ao abrigo das «Providências Regulamentares» desse decreto, as disciplinas de Inglês e/ou de Alemão passariam a ser lecionadas apenas no curso complementar (nos 5.º e 6.º anos das secções de letras e de ciências, com cinco horas semanais no 5.º ano e quatro horas no 6.º), o qual deveria funcionar tão-só nos liceus centrais (de Lisboa, Porto e Coimbra) e nalguns nacionais. Os alunos ficavam obrigados à frequência de uma das duas disciplinas de língua, a menos que pretendessem concluir as duas secções do curso complementar, devendo, neste caso, frequentar as duas. Mas apenas os liceus centrais garantiam o ensino das duas línguas em alternativa; no caso dos liceus nacionais, cabia ao governo decidir qual das línguas seria oferecida. A legislação de 1880 criava ainda maiores assimetrias curriculares entre categorias de liceus, que se estendiam a outras áreas disciplinares além da de línguas. A degradação do ensino liceal acentua-se e, em 1886, é promulgada nova reforma. No preâmbulo ao decreto de 29 de julho de 1886, admite-se expressamente que os «males antigos acumulados de longe e agravados de dia para dia impõem ao governo a indeclinável obrigação de lhes tomar o passo sem hesitações nem delongas»¹². Determina-se que o curso dos liceus é igual e uniforme em todos, simplifica-se o plano de estudos, redefinem-se prioridades no ensino de línguas, e o Alemão, tal como o Grego, são remetidos para disciplinas anexas, «ficando a cargo do governo indicar as faculdades e escolas para as quaes é indispensavel o exame d'aquellas disciplinas» (Art.º 2, 2.º)¹³. O decreto de 20 de outubro de 1888 rarefaz ainda mais o plano curricular e mantém o Alemão (assim como o Grego) como disciplina anexa, numa posição subalterna face às outras disciplinas de línguas vivas, o francês e o inglês.

Em 1893, os regeneradores regressam ao poder e, em outubro do ano seguinte, o ministro do Reino, João Franco, apresenta ao Conselho Superior de Instrução Pública

¹⁰ CARVALHO, 1986: 618.

¹¹ Vd. decreto de 14 de outubro de 1880. «Diário do Governo». 237 (1880-10-16) 2706-2714; decreto de 29 de julho de 1886. «Diário do Governo». 170 (1886-07-31) 2049-2050; decreto de 20 de outubro de 1888. «Diário do Governo». 242 (1888-10-22) 2236-2237.

¹² Decreto de 29 de julho de 1886. «Diário do Governo». 170 (1886-07-31) 2049.

¹³ Decreto de 29 de julho de 1886. «Diário do Governo». 170 (1886-07-31) 2049.

um projeto de reforma que, nas palavras de Jaime Moniz, foi visto «como um produto mais, para juntar a outros, da conveniência de mostrar que se fazia alguma coisa»¹⁴. Jaime Moniz, recém-nomeado vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública, propõe-se então preparar um novo projeto de reforma, que entrará em vigor em 1894-1895 — pelo decreto de 22 de dezembro de 1894, pelo *Regulamento Geral do Ensino Secundário*, de 14 de agosto de 1895, e pelo decreto de 14 de setembro de 1895, que fixa os programas das disciplinas¹⁵. Ao abrigo da nova legislação, a disciplina de Alemão ganha uma posição curricular privilegiada no quadro do ensino de línguas vivas.

Compare-se o plano curricular em vigor desde 1888 com o novo plano, ao abrigo da legislação de 1894-1895:

Tabela 1. Curso liceal (1888) — liceus masculinos

Anos	Disciplinas	Lições semanais	Horas semanais
Curso Geral			
1.º	Língua Portuguesa	5	7½
	Língua Francesa	10	12½
		15	20
2.º	Língua Inglesa	10	12½
	Geografia	5	6¼
		15	18¾
3.º	Matemática elementar (1.ª parte)	10	12½
	História	5	7½
		15	20
4.º	Física, Química e História Natural (1.ª parte)	5	7½
	Literatura Portuguesa	10	10
		15	17½
Curso de Letras			
Os três primeiros anos do Curso Geral e			
4.º	Latim (1.ª parte)	5	7½
	Física (1.ª parte)	5	7½
		10	15
5.º	Latim (2.ª parte)	5	6¼
	Filosofia Elementar	5	6¼
		10	12½
6.º	Latim (2.ª parte)	5	6¼
	Literatura Portuguesa	10	10
		15	16¼

(continua na página seguinte)

¹⁴ MONIZ, 1918: 7.

¹⁵ Vd. respetivamente: «Diário do Governo». 292 (1894-12-24) 3473-3479; «Diário do Governo». 183 (1895-08-17) 2237-2248; «Diário do Governo». 208 (1895-09-16) 2509-2529.

Anos	Disciplinas	Lições semanais	Horas semanais
3.º	Curso de Ciências		
	Os dois primeiros anos do Curso Geral e		
	História	5	7½
	Latim	5	7½
		10	15
4.º	Matemática (1.ª parte)	10	12½
	Física (1.ª parte)	5	7½
		15	20
5.º	Matemática (2.ª parte)	4	5
	Física (2.ª parte)	5	6¼
	Filosofia Elementar	5	6¼
		14	17½
6.º	Matemática (2.ª parte).....	4	5
	Literatura Portuguesa	10	10
		14	15

Fonte: Decreto de 20 de outubro de 1888. «Diário do Governo». 242 (1888-10-22) 2336

Tabela 2. Curso liceal (1894-1895) — liceus masculinos

Disciplinas	Curso Geral					Curso Complementar		Total de tempo semanal dedicado a cada disciplina, em todas as classes
	Secção inferior Classes		Secção média Classes			Secção superior Classes		
	I	II	III	IV	V	VI	VII	
Língua e Literatura Portuguesa	6	6	3	3	4	4	4	30
Língua Latina	6	6	5	5	4	4	4	34
Língua Francesa	-	4	3	3	3	-	-	13
Língua Inglesa	-	-	(4)	(4)	(4)	-	-	(12)
Língua Alemã	-	-	4	4	4	5	4	21
Geografia	2	1	2	1	1	1	1	9
História	1	1	2	2	2	3	3	14
Matemática	4	4	4	4	4	4	4	28
Ciências Físicas e Ciências Naturais	2	2	2	4	4	4	5	23
Filosofia	-	-	-	-	-	2	2	4
Desenho	3	3	3	2	2	-	-	13

Fonte: Regulamento Geral do Ensino Secundário. «Diário do Governo». 183 (1895-08-17) 2238

Na reforma de 1888, que introduz alterações de fundo relativamente às de 1880 e 1886, o plano curricular do curso geral obedece a uma lógica de concentração de ensino-aprendizagem de duas disciplinas por ano, que, com raras exceções, não tinham continuidade nos anos seguintes. No caso das disciplinas de línguas estrangeiras, língua francesa era contemplada no 1.º ano (dez horas semanais), língua inglesa no 2.º ano (dez horas semanais), e era tudo. Apenas nos cursos de letras e ciências (4.º- 6.º anos) se garante alguma progressão disciplinar em anos sucessivos.

A reforma do ensino liceal de Jaime Moniz altera profundamente a organização dos liceus e o ensino liceal. Uma mera comparação dos planos de estudos permite concluir por uma radical reconcepção do curso dos liceus: passa de seis para sete anos e fica dividido em curso geral (de cinco anos) e curso complementar (de dois anos), sendo este último um curso único, portanto, não repartido pelas secções de letras e de ciências. Além disso, são introduzidas grandes alterações no mapa de disciplinas, na distribuição das disciplinas ao longo dos anos e também na carga horária das aulas previstas.

Acrescem a estas alterações outras igualmente importantes: institui-se o regime de classes (ainda hoje em vigor), que tinha como objetivo uma aquisição integrada de saberes nas diferentes disciplinas, em cada um dos anos¹⁶, e prevê-se uma distribuição de matérias, de conteúdos programáticos (como diríamos hoje), das disciplinas pelos diferentes anos que tivesse em atenção a crescente maturidade dos alunos e que permitisse uma verdadeira progressão na aquisição de conhecimentos. A transição de classe passa a exigir a aprovação nas diferentes disciplinas.

No que se prende com o ensino de línguas estrangeiras, a língua francesa permanece como disciplina obrigatória no curso geral, aliás, com um número total de horas semanais superior ao do plano de estudos de 1886. Já a relação de prioridades das disciplinas de língua inglesa e língua alemã é totalmente revista: passam a ser lecionadas em alternativa do 3.º ao 5.º ano do curso geral, mas apenas os alunos que não tencionavam prosseguir para o curso complementar escolhiam língua inglesa. Todos os outros tinham de optar pela disciplina de língua alemã logo na 3.ª classe. Nas 6.ª e 7.ª classes, língua alemã era disciplina curricular obrigatória, o que implicava, portanto, que, para finalizarem o curso dos liceus, os alunos tinham de frequentá-la ao longo de cinco anos¹⁷.

Tanto quanto me foi possível apurar, Jaime Moniz não se terá alongado em justificações quanto à obrigatoriedade do ensino de alemão para quem quisesse

¹⁶ Com o regime de classes pretendia-se uma melhor articulação das várias disciplinas e uma progressão do plano de estudos de acordo com a idade e a mentalidade dos alunos. Leia-se, a este respeito, BARROSO, 1993: 163-171.

¹⁷ No *Regulamento Geral do Ensino Secundário*, de 14 de agosto de 1895, art. 11.º, § 2, lê-se: «O estudo da lingua inglesa é obrigatório para os alunos que só pretendem o curso geral; o da lingua alemã é obrigatório para os alunos que se destinam à instrução superior.» «Diário do Governo». 183 (1895-08-17) 2238.

prosseguir estudos na universidade. Nas observações que se seguem ao texto do programa de língua alemã (decreto de 14 de setembro de 1895) lê-se apenas isto: «Alem do que fica exposto em outros lugares sobre o prestígio das línguas, como meio de instrução geral, e alem das notórias vantagens do conhecimento da língua inglesa, só resta acrescentar aqui acerca da língua alemã o seu grande alcance como auxiliar valiosíssimo nos estudos da instrução superior.»¹⁸

As considerações mais alargadas a favor do domínio da língua alemã pelos estudantes universitários encontram-se num documento anterior, o primeiro Relatório do Conselho Superior de Instrução Pública, relativo à sessão de outubro de 1885, no qual Jaime Moniz escrevera:

Hoje, porém, a todos os estudos superiores se faz precisa a lingua allemã. Seu valor intrinseco, seu preço como meio de aquisição de conhecimentos, seu extraordinario prestimo, outorgam-lhe fóros de nobreza que nenhuma outra ousa negar-lhe. O infatigavel e inexcedível estudo germanico abrange todas as regiões do saber. Ramo algum ha de sciencia, ramo algum ha de letras, em que briosamente não tenha provado a virtude, a pujança das qualidades que o illustram. O numero de obras de tomo, de manuaes, de monographias, de memorias, de artigos de periodicos, de publicações, em summa, saidas dos prelos allemães, com que ha de andar em dia e manter alliança qualquer repartição do ensino, se quizer segurar-se contra frequente atrazo, sobreleva o maximo elogio que venha a endereçar-lhe quem o avalie de perto e o estime devidamente¹⁹.

No balanço das possíveis razões de Jaime Moniz e do governo responsável pela reforma para o privilégio do alemão em detrimento do inglês, é quase inevitável perguntar em que medida a humilhação do Ultimato inglês não terá pesado na nova política de línguas. Na verdade, o contexto político pós-ultimato e o ambiente de ressentimento associado tornavam, em teoria, mais justificável e aceitável o desfavorecimento do ensino de inglês. As motivações do reformador parecem, contudo, alheadas de qualquer intenção de *revanche*, e é curioso verificar que, na polémica desencadeada pela reviravolta nas prioridades de ensino de línguas, o Ultimato só ocasionalmente entra na argumentação.

ALEMÃO VS. INGLÊS — A CONTROVÉRSIA

A reforma de Jaime Moniz foi alvo de grande contestação ao longo dos quase dez anos em que vigorou. Uma das acusações mais repetidas, com a qual se quis desacreditar

¹⁸ «Diário do Governo». 208 (1895-09-16) 2512.

¹⁹ MONIZ, 1886: 63.

a nova reforma e o seu autor, era a imitação do plano curricular do *Realgymnasium* prussiano e a sua transposição para uma realidade de ensino que nada tinha que ver com a realidade alemã, com a agravante da diferença de anos que durava o curso liceal: nove anos na Prússia e sete anos em Portugal. Ao abrigo da reforma introduzida em 1892, o plano curricular dos *Realgymnasien* na Prússia era o seguinte:

Tabela 3. Plano de estudos do Realgymnasium — reforma de 1892

	VI	V	IV	IIIB	IIIA	IIB	IIA	IB	IA	zusammen
Religion	3	2	2	2	2	2	2	2	2	19
Deutsch und Geschichtserzählungen	3 } 4 } 1 }	2 } 3 } 1 }	3 }	3	3	3	3	3	3	28
Lateinisch	8 }	8 }	7 }	4	4	3	3	3	3	43
Französisch	—	—	5	5	5	4	4	4	4	31
Englisch	—	—	—	3	3	3	3	3	3	18
Geschichte und Erdkunde	2	2	2 2	2 2	2 2	2 1	3	3	3	28
Rechnen und Mathematik	4	4	4	5	5	5	5	5	5	42
Naturbeschreibung	2	2	2	2	2	2 }	—	—	—	12
Schrift	—	—	—	—	—	3 }	3 }	3 }	3 }	12
Chemie und Mineralogie	—	—	—	—	—	—	2 }	2 }	2 }	6
Schreiben	2	2	—	—	—	—	—	—	—	4
Zeichnen	—	2	2	2	2	2	2	2	2	16
zusammen	25	25	29	30	30	30	30	30	30	259

Fonte: *Centralblatt für die gesammte Unterrichts-Verwaltung in Preußen*, Jahrgang 1892, Berlin: Verlag Wilhelm Herz, 204

Um mero confronto dos quadros de disciplinas permite identificar muitas semelhanças, mas o certo é que uma comparação com planos em vigor nos liceus de outros países também mostra claras afinidades. Jaime Moniz sempre negou essa acusação de servidão ao modelo prussiano dos *Realgymnasien*. Escreveu, por exemplo: «Mais uma vez direi: o plano da reforma de 1894-1895 não derivou do *Lehrplan* do Realgimnásio da Prússia. A ideia contrária [...] veio de uma fácil suposição, logo aproveitada pela crítica pouco benévola. Mas que derivasse do Realgimnásio o plano, esta circunstância não o faria rejeitar com justiça.²⁰»

Em boa parte, as críticas à reforma de Jaime Moniz refletem uma reação de perplexidade e receio face à transição do plano de estudos simplificado e pouco exigente que vigorava desde 1886 para um *curriculum* liceal com um leque alargado de

²⁰ MONIZ, 1918:16s.

disciplinas, novos programas e novas regras de avaliação mais rigorosos. Na imprensa de ensino, o alargamento do curso liceal para sete anos, a amplitude do plano de estudos e dos programas, a pesada carga horária semanal, a organização por classes, o aumento do número de exames, a introdução do livro único para as diferentes disciplinas, tudo mereceu repetidos protestos de professores e educadores²¹.

A beneficiação do alemão à custa do inglês foi também alvo de dura contestação. Uma questão que deu azo a críticas persistentes prendeu-se com a falta de professores com as habilitações necessárias para ensinarem língua alemã. A dificuldade de recrutamento é já antecipada no próprio *Regulamento Geral do Ensino Secundário*, que, no art.º 193, abre uma exceção para candidatos aos concursos de professores de língua alemã:

6.º Certidão por onde provem ter o curso complementar dos lyceus centraes, segundo a presente legislação; ou

7.º Certidão que prove haverem frequentado na instrução superior as disciplinas do seu concurso, quando as mesmas disciplinas façam parte d'alguma escola d'esta instrução.

[...]

§ 3.º Os candidatos ao concurso de lingua allemã, durante os primeiros cinco annos, podem substituir a habilitação a que se refere o n.º 6.º por um curso correspondente estrangeiro²².

Por falta de candidatos a concurso ou por outras razões, situações houve, talvez frequentes, em que os professores de Alemão foram providos interinamente pelos reitores, o que revoltou o professorado²³.

Em 1897-1898, os reitores dos liceus e do Real Colégio Militar foram convidados a pronunciar-se sobre a sua experiência com a reforma em vigor. Para tal, deveriam constituir comissões encarregadas da elaboração de relatórios a apresentar à Direção-Geral de Instrução Pública. Esses trabalhos oficiais foram publicados, anos mais tarde, no «Boletim da Direção Geral de Instrução Pública»²⁴ e constituem documentação valiosa sobre a avaliação da reforma de Jaime Moniz pelos vinte e um liceus portugueses, designadamente, no que toca a política de ensino de línguas estrangeiras

²¹ Sobre as reações à reforma de Jaime Moniz leia-se: PROENÇA, 1997: 261-335; MAGALHÃES, 2011: 24-129; BARROSO, 1993: 171-174.

²² *Regulamento Geral do Ensino Secundário*. «Diário do Governo». 183 (1895-08-17) 2238.

²³ Vd. e.g. duas notícias anónimas in «Educação Nacional». 57 (31 out. 1897) 42. A questão da nomeação extraordinária de professores de Alemão foi também levantada em debates parlamentares. Vd. intervenção de Ribeiro Coelho, deputado pelo Partido Progressista, in «Diário da Câmara dos Senhores Deputados». 63 (10 maio 1898) 1170. [Consult. 26 abr. 2023]. Disponível em <<https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/01/01/01/063/1898-05-10/1170>>.

²⁴ «Boletim da Direção Geral de Instrução Pública» 4 (1905-jan./jul.).

vivas. Em quase todos os relatórios se podem ler críticas ao desfavorecimento do inglês relativamente ao alemão e se aconselha uma reintegração expressiva do ensino da língua inglesa. Quanto à continuação da obrigatoriedade do ensino de alemão, os pareceres divergem: recomenda-se, nalguns, a aprendizagem obrigatória de francês, inglês e alemão (pareceres dos liceus de Angra do Heroísmo, Guimarães, Horta, Faro, Ponta Delgada); noutros, considera-se que a disciplina de alemão deverá ser facultativa e a de inglês obrigatória (pareceres dos liceus de Évora, Funchal, Guarda, Lamego e Lisboa)²⁵; noutros, ainda, lê-se que o alemão poderá mesmo ser excluído do *curriculum* liceal, dada a impossibilidade de o lecionar a par com o inglês, além do francês (pareceres dos liceus de Aveiro e Bragança); considera-se noutros que o alemão deverá ser apenas lecionado no curso complementar (pareceres dos liceus de Castelo Branco e de Coimbra) ou reservado para os liceus centrais (pareceres dos liceus de Bragança e Portalegre); no parecer do Liceu do Porto aconselha-se a que se dê aos alunos a possibilidade de escolha entre inglês e alemão, e no parecer do Liceu de Amarante sugere-se o mesmo ou, então, a obrigatoriedade do inglês e do alemão²⁶.

As observações e recomendações das diferentes comissões liceais sobre o ensino de alemão e inglês são, naturalmente, acompanhadas de justificações várias, que se prendem, em boa medida, com a importância atribuída ao conhecimento das duas línguas. Em nenhum dos pareceres se desmerece o interesse do alemão, dada a posição da Alemanha como «pátria da sciencia» (parecer do Liceu da Guarda, p. 79) ou como «foco intellectual de primeira ordem» (parecer de Lamego, p. 105). Considera-se, contudo, em vários deles, que o estudo do alemão deve ficar reservado aos que pretendem prosseguir estudos superiores ou mesmo só a quem ingresse na carreira universitária.

Quanto à importância da língua inglesa, os pareceres são muito mais expressivos: as relações comerciais e coloniais de Portugal com a Grã-Bretanha são repetidamente apontadas como razão imperiosa para uma revisão urgente do plano de estudos dos liceus. Referem-se ainda, em vários pareceres, os méritos dos britânicos na produção de ciência, na inovação tecnológica e industrial (muito próximos da excelência alemã) e também a importância da civilização inglesa, da literatura, das artes e da língua inglesa no mundo. A aprendizagem obrigatória do inglês é, por isso, recomendada por quase todos os liceus.

²⁵ O relatório do Liceu de Lisboa é muito circunstanciado na justificação do interesse das várias línguas e permite concluir que a proposta de acabar com a obrigatoriedade da aprendizagem do alemão não foi de todo consensual.

²⁶ O parecer do Real Colégio Militar é em boa parte ocupado com um relatório pormenorizado da inflamada discussão de alguns professores em torno do ensino de língua inglesa e de língua alemã. É visível o descontentamento geral com a sobrecarga que representa a aprendizagem de três línguas estrangeiras, também a noção de que a manutenção da disciplina de Alemão é necessária para assegurar a equiparação ao curso liceal. Quanto à obrigatoriedade da disciplina de Inglês, as posições são também divergentes. Mesmo assim, o parecer elaborado regista que a comissão que o redigiu «votaria unanimemente pela supressão da lingua alemã na instrução secundaria e poria em seu lugar o estudo para nós tão necessario, da lingua inglesa», «Boletim da Direcção Geral de Instrução Pública». 4 (1905-jan./jul.) 274.

A posição dos professores do ensino particular é em tudo idêntica. A 15 de março de 1897, o Grémio do Professorado Livre Português apresenta a José Luciano de Castro, de novo ministro do Reino, uma petição, na qual se solicita, designadamente: «Que apenas duas linguas vivas, alem da nacional, o francez e o inglez de preferencia, sejam obrigatorias; as demais linguas europêas ou africanas poderão ser professadas em cursos annexos aos lyceus ou institutos especiaes, mas facultativas»²⁷.

Por meados de 1902, começam os preparativos para mais uma reforma, que viria a ser promulgada no ano de 1905. Em julho de 1902, Marnoco e Sousa, professor de Direito da Universidade de Coimbra, é incumbido pelo ministro do Reino Hintze Ribeiro, do Partido Regenerador, de conduzir uma investigação ao Liceu de Lisboa, e dedica a segunda parte do relatório ao «Regimen de instrucção secundaria e os seus resultados»²⁸. Pela mesma altura, o novo diretor-geral da Instrução Pública, Abel Andrade, professor de Direito (na Universidade de Coimbra e, depois, na Universidade de Lisboa), solicita aos presidentes dos júris dos exames liceais um parecer sobre a situação presente, bem como propostas de alteração à legislação em vigor. É notório o cuidado de Abel Andrade em promover um debate alargado sobre a experiência com a reforma de Jaime Moniz, por muitos acusada de ser uma reforma ditatorial, que prescindira de quaisquer consultas a reitores e professores. Em 1905, o novo ministro do Reino Eduardo José Coelho, do Partido Progressista, recebe, inclusivamente, duas comissões, uma de pais e tutores de alunos dos liceus e outra dos pais, diretores de colégios e professores do ensino particular do Porto, para ouvir as suas queixas e recomendações. Como fazem notar José Viegas Brás e Maria Neves Gonçalves:

Abel Andrade consultou a Associação do Magistério Secundário Oficial. Atendeu aos «numerosos opúsculos», aos diversos artigos publicados na imprensa, às opiniões dos reitores, aos relatórios dos presidentes dos júris de exame e à «indicação dos resultados» fornecidos pelas Estatísticas do Ensino Secundário [...]. E teve em linha de conta o extenso relatório — intitulado precisamente O regime de instrucção secundaria e os seus resultados, dado à estampa em 1903 — do seu colega da Universidade, Marnoco e Sousa. Abel Andrade buscou o consenso. E de certo modo obteve-o²⁹.

²⁷ «Diário do Governo». 105 (1898-05-1313), 1216. Sobre a posição do Grémio do Professorado Livre Português face à reforma de Jaime Moniz, leia-se: ADÃO, 1998: 103-111.

²⁸ No capítulo II, Marnoco e Sousa deixa extensas considerações sobre o ensino de línguas mortas e vivas. Quanto às línguas vivas, defende «que todos devem aprender as tres linguas vivas que identificamos [francês, inglês e alemão], sem as quais não pode haver cultura geral completa» (SOUSA, 1903: 11). Quanto à língua alemã, justifica: «Effectivamente, a Alemanha adquiriu uma importancia de tal ordem com a sua opulenta producção scientifica, com a sua notavel acção sobre a vida internacional e com a sua admiravel expansão economica e commercial, que o individuo que aspire a uma cultura geral completa não pode de modo algum deixar de conhecer a lingua alemã.» SOUSA, 1903: 10.

²⁹ BRÁS, GONÇALVES, 2009: 104.

O projeto de reforma reflete, de facto, um particular cuidado em, por lado, apaziguar ânimos de pais e professores e considerar as principais objeções à legislação anterior, e, por outro, garantir uma reorganização séria dos estudos liceais, que não deitasse a perder o que de bom a reforma de Jaime Moniz tinha alcançado.

No preâmbulo ao novo diploma, de 29 de agosto de 1905, assinado por Eduardo José Coelho, os méritos da reforma de 1894-1895 são expressamente reconhecidos e aponta-se como principal objetivo rever e melhorar aqueles aspetos que se tinham revelado menos adequados. Um deles diz respeito às línguas estrangeiras:

As linguas vivas — francesa, inglesa e alemã — são largamente contempladas: as necessidades da vida moderna, especialmente num país como o nosso, em que os habitantes só podem entender-se com estrangeiros fallando linguas estrangeiras, justificam de sobra que lhes hajamos sacrificado o latim, tão largamente contemplado no regime vigente, em que a nossa especial situação de país colonial não nos parece haver sido sufficientemente ponderada. É tempo de nos corrigirmos. Precisamos de conhecer bem a lingua francesa; os nossos alumnos passarão a estuda-la durante cinco annos, a partir da 1.ª classe. Precisamos de conhecer a lingua inglesa; os nossos alumnos passarão a estuda-la durante seis annos, a partir da 2.ª classe. De modo algum continuaremos a sacrificar o inglês ao allemão; daremos, antes, ao alumno a faculdade de opção, e para que uma diminuição no trabalho não venha substituir os verdadeiros motivos de preferencia a que elle deve attender, assinamos a qualquer das duas linguas o mesmo numero de horas de aula, na certesa de que á desigual difficuldade corresponderão desiguas exigencias nos programas³⁰.

No plano de estudos, as alterações estruturais mais significativas prendem-se com a divisão do curso geral em duas secções (ou ciclos: o 1.º de três anos e o 2.º de dois anos) e o regresso à bifurcação do curso complementar nas secções de letras e de ciências. No que se prende com a relação de peso das humanidades e das ciências, a nova reforma procurou esbater um pouco a orientação humanística da legislação anterior, valorizando as disciplinas científicas. Com a redução da aprendizagem do latim, conseguiu-se, contudo, assegurar que as línguas vivas não ficassem prejudicadas. A disciplina de francês passou a ser lecionada durante os cinco anos do curso geral, e as de inglês e alemão, agora em alternativa, passaram a figurar no plano curricular do 2.º ano ao 7.º ano, ou seja, ao longo de seis anos, tanto na secção de letras como na de ciências do curso complementar.

³⁰ «Diário do Governo». 194 (1905-08-30) 3062.

Deve-se, ainda, a Eduardo José Coelho a criação do primeiro liceu feminino, o Liceu Maria Pia, em Lisboa, no ano de 1906³¹. O Liceu Maria Pia oferecia apenas o curso geral, sendo o plano de estudos diferente do aprovado para os liceus masculinos. No ensino das línguas, a carga horária era um pouco inferior, mas mantinha-se a aprendizagem do francês durante cinco anos e as disciplinas de língua inglesa e língua alemã eram frequentadas em alternativa durante quatro anos.

CONCLUSÃO

Com a reforma de Jaime Moniz, a disciplina de Alemão nos liceus portugueses ganha no plano de estudos uma posição de privilégio face às disciplinas de francês e inglês que nunca tinha conhecido e nunca mais recuperaria. Já anteriormente, a reforma de 1872 (com Rodrigues Sampaio como ministro do Reino) procurara valorizar o alemão no plano curricular, mas apenas nos liceus centrais se previu a sua aprendizagem obrigatória, a par com as línguas francesa e inglesa. É possível que a ascensão da Alemanha no cenário político europeu, que culminou com a unificação do *Deutsches Reich*, em 1871, tenha, de algum modo, contribuído para impulsionar o ensino do alemão. Por outro lado, a crescente atenção da intelectualidade portuguesa à erudição alemã nos vários ramos do conhecimento, à produção científica e tecnológica de ponta, à inovação pedagógica e ao desenvolvimento do ensino contribuiu também para uma valorização do alemão como língua de saber e progresso. A «germanofilia» da Geração de 70 enquadra-se neste contexto, que perdurará nas décadas seguintes.

Jaime Moniz era professor do Curso Superior de Letras e movia-se num círculo académico muito atento ao exemplo alemão — na investigação histórica, filológica e etnográfica —, que incluía, entre outros, Francisco Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso ou Alfredo Apell. Todos falavam alemão e colaboraram, mais ou menos de perto, na reforma dos liceus (Adolfo Coelho, especialmente), em júris vários de concursos de professores de línguas, de seleção de manuais e de exames do liceu (Consiglieri Pedroso e Adolfo Coelho), ou na própria elaboração de manuais e gramáticas de Alemão (Alfredo Apell).

A política de línguas que subjaz à reforma de Jaime Moniz parece orientar-se por uma distinção de necessidades formativas entre alunos que só frequentarão o curso geral dos liceus e aqueles que aspiram a uma formação superior. Para a vida prática, sobretudo nos vários ramos do comércio, seria mais importante a aprendizagem do inglês, e, nesta lógica, é a língua inglesa (a par com a francesa) que se prevê no plano de estudos dos alunos que quisessem ou pudessem apenas estudar até à 5.^a classe e que depois iniciariam a sua atividade profissional. Todos aqueles que aspirassem a um curso superior deveriam dominar o Alemão, uma língua que, assim se

³¹ Decreto de 31 de janeiro de 1906, «Diário do Governo». 43 (1906-02-23) 727.

entendia, lhes daria acesso privilegiado a conhecimento de excelência nas várias áreas do saber. Esta bifurcação colocava problemas de vária ordem, designadamente, para alunos que previssem completar apenas o curso geral, mas que resolvessem depois continuar estudos. Ser-lhes-ia necessário recuperar três anos de aprendizagem de alemão em falta. Por outro lado, aos alunos que completavam o curso dos liceus e ingressavam no ensino superior não era exigido qualquer conhecimento, por muito rudimentar que fosse, da língua inglesa. Estas questões foram alvo de duras críticas, que não esmoreceram com o tempo.

Na verdade, a reforma seguinte, de 1905, não cria a oportunidade de aprendizagem paralela ou sucessiva do inglês e do alemão no curso dos liceus. O francês passou a ser aprendido durante cinco anos em vez de quatro, e determinou-se que, na 2.^a classe, os alunos optassem em alternativa por inglês ou alemão, devendo a língua escolhida ser estudada ao longo de seis anos. Tratou-se, assim o creio, de uma solução de compromisso, que tinha a vantagem de não favorecer posições diferentes quanto à importância do inglês e do alemão e que acabava com os anteriores impedimentos de prosseguimento de estudos resultantes da exigência da frequência da disciplina de língua alemã ao longo de cinco anos do ensino secundário.

Será de justiça sublinhar que Abel Andrade não cedeu a facilismos: conhecedor dos sistemas de ensino liceal de referência, em diferentes países, e ciente dos méritos da profunda reorganização operada por Jaime Moniz, manteve-a no seu cerne, procurando dar solução a questões mais sensíveis e promovendo também uma atualização de metodologias didáticas e pedagógicas em consonância com as tendências mais recentes. Mas, diferentemente da reforma de Jaime Moniz, a de Abel Andrade resultou de uma discussão mais aberta, da ponderação das posições e recomendações de professores do ensino público e privado, de pais e tutores, de políticos e académicos. Congregou interesses e gerou consensos que lhe garantiram a sua continuidade até 1918, ou seja, perdurou para além do regime monárquico e manteve-se em vigor durante os oito anos iniciais da Primeira República.

BIBLIOGRAFIA³²

- ADÃO, Áurea (1998). *O Grémio do Professorado Livre Português: Uma oposição à «Reforma de Jaime Moniz»*. In *Ensaio em homenagem a Joaquim Ferreira Gomes*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, pp. 103-111.
- BARROSO, João (1993). *A organização pedagógica e a administração dos liceus (1836-1960)*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento. [Consult. 26 abr. 2023]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10451/42092>>.
- BRÁS, José Viegas; GONÇALVES, Maria Neves (2009). *Os saberes e poderes da reforma de 1905*. «Revista Lusófona de Educação», 13, 101-121.

³² Não registo na bibliografia indicações introduzidas em texto e em nota relativas à legislação do ensino secundário consultada no «Diário do Governo».

- CARVALHO, Rómulo de (1986). *História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COELHO, João Baptista Ribeiro (1898). [Intervenção em sessão parlamentar]. «Diário da Câmara dos Senhores Deputados». 63 (10 mai. 1898) 1169-1174. [Consult. 26 abr. 2023]. Disponível em <<https://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/listIssuesByYear?ano=1898>>.
- COUVANEIRO, João (2012). *O Curso Superior de Letras (1861-1911): nos primórdios das Ciências Humanas em Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento. [Consult. 26 abr. 2023]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10451/7500>>.
- CORTEZ, Maria Teresa (2002). *As primeiras selectas para o ensino do Alemão nos liceus portugueses*. In *O CIEG abre as suas portas. Actas do Encontro com os Professores de Alemão da Zona Centro*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Cadernos do CIEG, n.º 2, pp. 45-59.
- CORTEZ, Maria Teresa (2005). *As selectas para o ensino do Alemão nos liceus portugueses (1905-1926)*. In TEIXEIRA, Luís Filipe; SALEMA, Maria José; SANTOS, Ana Clara, ed. *A.P.H.E.L.L.E. Actas do II Colóquio: «O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do século XVIII ao final da Primeira República»*. [s. l.; s. ed.], pp. 157-179.
- CORTEZ, Maria Teresa (2018). *Deutschlehrwerke und Deutschlernen in Portugal*. In MARIZZI, Bernd; CORTEZ, Maria Teresa; FUENTES MORÁN, María Teresa, ed. *Deutschlernen in Spanien und Portugal. Eine teilkommentierte Bibliographie von 1502 bis 1975*. Wiesbaden: Harrassowitz, pp. XXIV-XXX.
- «Diário do Governo», 1872-1905. *Digigov-Diário do Governo Digital 1820-1910*. [Consult. abr. 2023]. Disponível em <<https://digigov.cepese.pt>>.
- JUSTINO, David; MIGUÊNS, Manuel, dir. e coord. (2007). *Reformas e bases da educação — legado e renovação (1835-2009)*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. [Consult. 26 abr. 2023]. Disponível em <https://www.cnedu.pt/content/noticias/geral/225-17_livro_reformasebasesdaeducacao_cne_net.pdf>.
- MAGALHÃES, Raquel Maria Guilherme Guedes Pinheiro de (2011). *A reforma de Jaime Moniz (1894/95). Notas dissonantes — Um estudo à luz do jornal «Educação Nacional»*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado. [Consult. 26 abr. 2023]. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57068/2/TESEMESRAQUELMAGALHES000142045.pdf>>.
- MARIZZI, Bernd; CORTEZ, Maria Teresa; FUENTES MORÁN, María Teresa, ed. (2018). *Deutschlernen in Spanien und Portugal. Eine teilkommentierte Bibliographie von 1502 bis 1975*. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Miscellanea*. «Educação Nacional». 57 (31 out. 1897) 42.
- MÓNICA, Maria Filomena, dir. (2005). *Dicionário bibliográfico parlamentar 1834-1910*, vol. II. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/Assembleia da República.
- MONIZ, Jaime Constantino de Freitas (1886). *Relatorio geral do Conselho Superior de Instrução Publica*. «Revista de Educação e Ensino», I, 60-65.
- MONIZ, Jaime (1918). *Estudos do Ensino Secundário*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- NÓVOA, António, dir. (2003). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Asa.
- PROENÇA, Maria Cândida (1997). *A reforma de Jaime Moniz. Antecedentes e destino histórico*. Lisboa: Colibri.
- Professores d'Allemão*. «Educação Nacional» 57 (31 out. 1897) 42.
- SOUSA, Marnoco e (1903). *A reforma da instrução secundaria e os seus resultados. Parte II*. «Boletim da Direcção Geral de Instrução Pública», 2:I-IV, 1-50.
- Trabalhos officiaes sobre a reforma de 1895 ordenados pelas portarias de 20 de Setembro de 1897 e 27 de Junho de 1898*. «Boletim da Direcção Geral de Instrução Pública», 4 (1905-jan./jul.) 1-304.
- VALENTE, Vasco Pulido (1983). *Tentar perceber*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

»UNSRE BEIDEN DA COSTAS WERDEN SICH NUN BEGEGNEN«: CARL GEBHARDTS BRIEFE AN CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

ROGÉRIO MADEIRA*

Resumo: O prestigiado investigador de Espinosa e Schopenhauer, Carl Gebhardt (1881-1934), e a não menos conceituada romanista Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) assumiram um papel central de mediação no domínio das relações culturais luso-alemãs no início da década de 1920, sobretudo no que diz respeito à história da vida e obra de Uriel da Costa (1583/1584-1640). O presente artigo incide fundamentalmente sobre a correspondência que surgiu a partir das pesquisas e publicações paralelas dos dois mediadores culturais dedicadas ao livre-pensador sefardita oriundo da cidade do Porto. Examina-se apenas uma parte desta correspondência erudita, relativamente escassa, nomeadamente as cartas de Gebhardt a D. Carolina Michaëlis encontradas no espólio da lusitanista luso-alemã pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, desde 1945. Será tomada em consideração não apenas a variedade dos temas abordados pelo autor, mas também até que ponto a breve correspondência fornece informações sobre as atividades de investigação e editoriais dos dois eruditos no período mencionado.

Palavras-chave: Carolina Michaëlis de Vasconcelos; Carl Gebhardt; Judaísmo; Uriel da Costa; Bento de Espinosa.

Abstract: The prestigious Spinoza and Schopenhauer researcher Carl Gebhardt (1881-1934) and the no less renowned Romance scholar Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) assumed a central role of mediation in the area of German-Portuguese cultural relations in the early 1920s, especially as far as the history of the life and work of Uriel da Costa (1583/1584-1640) is concerned. This paper focuses mainly on the correspondence that arose from the parallel research and publications of the two cultural mediators dedicated to the Sephardic freethinker from the city of Porto. Only part of this relatively sparse scholarly correspondence is examined, namely the letters from Gebhardt to D. Carolina Michaëlis found in the estate of the German-Portuguese Lusitanist belonging to the General Library of the University of Coimbra, since 1945. Attention will be given not only to the variety of topics addressed by the author, but also to what extent the brief correspondence provides information on the research and editorial activities of the two scholars in the mentioned period.

Keywords: Carolina Michaëlis de Vasconcelos; Carl Gebhardt; Judaism; Uriel da Costa; Baruch Spinoza.

* Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Email: rogerpcm@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0002-0814-2500.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.

Diese Arbeit wird aus nationalen Mitteln über FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. [Stiftung für Wissenschaft und Technologie] im Rahmen des Projekts UIDB/04059/2020 mit der Kennzeichnung DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020> finanziert.

Die Wiederaufnahme meiner Forschungsarbeit zur Figur Uriel da Costas¹ beruht hauptsächlich auf einige von Carl Gebhardts verfassten Briefstücke, die sich im Nachlass der deutsch-portugiesischen Romanistin Carolina Michaëlis de Vasconcelos in der Biblioteca Geral der Universität Coimbra befinden². Der kleine Brief-*corpus* ist lediglich ein winziger Teil einer umfangreichen Sammlung von Korrespondenz (insgesamt 1425 Briefe), die die erste portugiesische Universitätsdozentin mindestens seit der Jahrhundertwende mit zahlreichen hiesigen und auch ausländischen Wissenschaftlern und anderen Persönlichkeiten pflegte, und die größtenteils bis heute noch unveröffentlicht ist³, mit Ausnahme des Briefwechsels zwischen der deutschen Gelehrten und dem berühmten portugiesischen Epidemiologen Ricardo Jorge (1858-1939), der neuerdings in einer mit Anmerkungen versehene und wissenschaftlich unanfechtbaren Ausgabe unter dem Titel *Correspondência — Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ricardo Jorge* erschienen ist⁴. Ferner erweist sich die reichhaltige Gelehrtenkorrespondenz Carolina Michaëlis' als ein nicht unwesentliches Beweisstück für ihre steigende Anerkennung als «eine der herausragenden Gestalten des portugiesischen Geisteslebens und eine bedeutende Vermittlerin zwischen deutscher und portugiesischer Kultur» im frühen 20. Jahrhundert⁵.

Ihr Briefwechsel mit dem renomierten Schopenhauer- und Spinoza-Forscher Carl Gebhardt (1881-1934)⁶ wurde offenbar erst durch die gemeinsame Freundschaft mit der deutschen Philologin Luise Ey (1854-1936) ermöglicht, und beruht unzweifelhaft auf die jeweilige Beschäftigung mit dem sephardischen Freidenker Uriel da Costa (1583/1584-1640), wie schon aus den Anfangszeilen des ersten, auf einem Papierbogen der *Societas Spinozana*⁷ handgeschriebenen Brief Gebhardts hervorgeht (siehe unten Fig. 1):

¹ Siehe u.a. MADEIRA, 2012.

² Die Gelegenheit zur Lektüre dieser Briefe habe ich Frau Professor Maria Manuela Delille zu verdanken, die mir im Jahre 2010, während der Arbeiten an ihrem vielfältigen interdisziplinären Forschungsprojekt über Leben und Werke des Ehepaars Carolina Michaëlis und Joaquim de Vasconcelos [*Carolina Michaëlis (1851-1925) — Joaquim de Vasconcelos (1849-1936): um Encontro de Culturas e de Saberes*], die aufgefundenen Texte verfügbar machte. Vgl. DELILLE, 2009; DELILLE, 2010: 27-30; DELILLE, 2015: 122f.

³ Vgl. DELILLE, 2015: 123, 132ff.

⁴ Siehe DELILLE, RAMIRES, eds., 2021.

⁵ KRÖLL, 1994: 437f.

⁶ Siehe u.a. JÄGER, 2021.

⁷ Carl Gebhardt war Mitbegründer der 1920 entstandenen *Societas Spinozana*, einer internationalen Gesellschaft, der es 1926 sogar gelang, das Sterbehaus Baruch Spinozas in Den Haag zu erwerben. Außerdem gehörte der Frankfurter Gelehrte zum Gründer- und Herausgeberkreis der Zeitschrift *Chronicon Spinozanum* sowie der Schriftenreihe *Bibliotheca Spinozana*. JÄGER, 2021.

Frankfurt a.M.
170 Röderbergweg

27. November 1922

Sehr geehrte gnädige Frau! Als mein da Costa-Buch (das ich schon im Herbst 1920 fertiggestellt), fast ganz ausgedruckt war, bis auf einige Bogen portugiesischen Textes, die Frau Lector Luise Ey die Freundlichkeit hatte, für mich durchzusehen — erfuhr ich, dass Sie eine Schrift über da Costa vorbereiteten!⁸

Zwei nahezu gleichzeitig verfasste Texte über den jüdisch-portugiesischen Freigeist sind nicht nur Auslöser sondern auch Hauptgegenstand der am Anfang der 1920er Jahre entstandenen Korrespondenz der beiden Gelehrten, mit der ich mich heute befasse. Ich rufe bloß ganz kurz das tragische Schicksal des aus der Stadt Porto

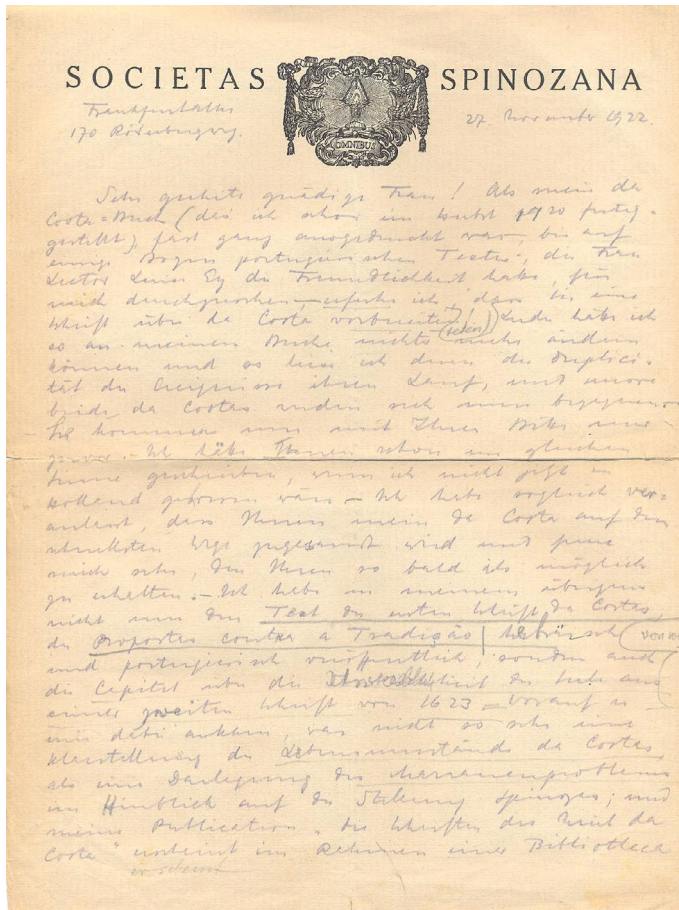


Fig. 1
Faksimile der ersten Seite von
Carl Gebhardt's Brief vom 27.
November 1922 an Carolina
Michaëlis de Vasconcelos.
Quelle: BGUC Manuscritos,
Epistolário de Carolina
Michaëlis de Vasconcelos

⁸ GEBHARDT, 1922a.

stammenden Gabriel bzw. Uriel da Costa in Erinnerung: als existentiell entwurzelter Marrane wurde er im frühen 17. Jahrhundert nicht allein von der Inquisition im Iberischen Königreich Phillips II, sondern auch im späteren Exil von Hamburg und Amsterdam von der jüdischen Orthodoxie verfolgt. Sein bemerkenswertes «geistiges Abenteuer»⁹ hat eigentlich nur deshalb einen Platz im kollektiven Gedächtnis bewahrt, weil er in Amsterdam aufgrund der Veröffentlichung seiner heterodoxen Ansichten mit einem dreifachen Bann (dem *Cherem*) belegt wird und schließlich zu demütigenden Szenen von Widerruf und Buße in der Synagoge Talmud Tora gezwungen wird. Diesen langwierigen theologischen Konflikt mit der jüdischen Gemeinde hat er kurz vor seinem Freitod in der in Latein verfassten Autobiographie *Exemplar Humanae Vitae* [*Beispiel eines menschlichen Lebens*] der Nachwelt berichtet, die von dem niederländischen Remonstranten Philipp van Limborch (1633-1712) aufgefunden und 1687 erstmals herausgegeben wird¹⁰.

Tabelle 1. Briefwechsel von Carl Gebhardt und Carolina Michaëlis de Vasconcelos 1922/1923

	1. Brief Carolina Michaëlis de Vasconcelos' (Datum unbekannt)
1. Brief Carl Gebhardts 27.11.1922	
	2. Brief Carolina Michaëlis de Vasconcelos' (Datum unbekannt)
2. Brief Carl Gebhardts 14.01.1923	
	3. Brief Carolina Michaëlis de Vasconcelos' 28.05.1923
3. Brief Carl Gebhardts 09.10.1923	
	4. Brief Carolina Michaëlis de Vasconcelos? (Datum unbekannt)

Bevor ich mich der näheren Untersuchung der vom deutschen Briefpartner berichteten zufälligen Gleichzeitigkeit der beiden grundlegenden Uriel da Costa-Monographien widme, möchte ich umgehend den doch recht geringen Brief-*corpus* beschreiben (siehe oben Tabelle 1). Er besteht lediglich aus den drei an die

⁹ Die von RÉVAH, 2004: 69ss. benannte «l'aventure spirituelle» Uriel da Costas beginnt mit seiner katholischen (Porto/Coimbra: 1584-1609) und kryptojüdischen bzw. marranischen Existenz in Portugal (Porto: 1609-1614), geht in der Diaspora zunächst radikal über zur jüdischen Orthodoxie (Amsterdam/Hamburg: 1614-1616) bevor er sich dann zum heterodoxen Sadduzäer weiterentwickelt (Amsterdam: 1616-1624/1632), um sich letztendlich zum ethischen Deisten zu bekehren (Amsterdam: 1624/1632-1640). Ausführliche und aktualisierte Zeittafeln bzw. Auslegungen zu da Costas Leben und Werk sind beispielsweise bei KRAUTZ, 2001b: 44-50; 2001a: 51-80; MADEIRA, 2012: 126-132; 132-139 nachlesbar.

¹⁰ Vgl. MADEIRA, 2012: 108-111; 143-147.

Lusitanistin gesendeten Briefen, die von Gebhardt in den Jahren 1922 und 1923 in seiner Heimatstadt Frankfurt am Main verfasst wurden. Somit fehlen mir zur Untersuchung sowohl das allererste Schriftstück der Korrespondenz, das von der damals schon 71-jährigen und sehr geschwächten Carolina Michaëlis stammte, als auch alle ihre weiteren Antwortbriefe, da ich sie nirgends auffinden konnte. Es sei einleitend bereits angemerkt, dass die drei erhaltenen Briefe des 30 Jahre jüngeren und am Höhepunkt seiner beruflichen Laufbahn stehenden Carl Gebhardt inhaltlich recht vielfältig sind, obwohl sie sich anfangs auf das Thema Uriel da Costa konzentrieren und sich dann aber zunehmend auf die wissenschaftlichen und publizistischen Interessen des angesehenen Spinoza-Experten beschränken, vor allem auf die Werbung für die von ihm mitbegründeten internationalen *Societas Spinozana* und seiner Zeitschrift *Chronicon Spinozanum* in Portugal.

Ich komme nun nochmals auf den bereits zitierten Brief zurück, der den eigentlichen Anlass für den Briefaustausch anspricht. Das von der gemeinsamen Freundin Luise Ey durchgesehene «da Costa-Buch» hatte Gebhardt also schon zum Druck abgegeben und erscheint dann tatsächlich noch vor Ende des Jahres 1922, als zweiter Band der von Gebhardt selbst geleiteten Schriftenreihe *Bibliotheca Spinozana*, in Amsterdam, Heidelberg, London und New York unter dem Titel *Die Schriften des Uriel da Costa*. Mit Einleitung, Übertragung und Regesten von Carl Gebhardt. Auch die von Carolina Michaëlis wahrlich schon im Juni 1920 abgeschlossene «Schrift über da Costa» wird in der Tat 1922 beim Universitätsverlag in Coimbra erscheinen.

Es ist inzwischen allerdings bekannt geworden, dass Carolina Michaëlis' Buch schon seit Jahren in Vorbereitung war. In einem vom 23. Mai 1917 datierten Brief an den Lissabonner Epidemiologen Ricardo Jorge erwähnt die Lusitanistin bereits eingehende Recherchen zu Uriel da Costa, die sie künftig für eine wissenschaftliche Arbeit nutzen werde, und die sie ihrem portugiesischen Briefpartner drei Jahre später (am 20. Juni 1920) tatsächlich zur Lektüre zuschicken möchte¹¹. Zu Beginn des folgenden Jahres (am 16. Januar 1921), und in D. Carolinas eigenen Worten, «schläft der Uriel [zwar] noch in der Schublade Joaquim de Carvalhos» [«O Uriel dorme ainda na gaveta de Joaquim de Carvalho.»]¹², d.h. des Kulturgeschichtsprofessors der Philosophischen Fakultät und damaligen Geschäftsführer des Verlags der Universität Coimbra (Imprensa da Universidade de Coimbra), doch 1922 erscheint endlich die Studie mit dem Titel *Uriel da Costa. Notas Relativas à sua Vida e às suas Obras*.

Es handelt sich hierbei um eine in portugiesischer Sprache verfassten Studie zu dem umstrittenen Freidenker, die dem Leser darüberhinaus auch einige zum Teil noch unveröffentlichten Texte zum Fall Uriel da Costa zugänglich macht¹³.

¹¹ Vgl. DELILLE, RAMIRES, 2021: 257, 309.

¹² Vgl. DELILLE, RAMIRES, 2021: 315.

¹³ Vgl. VASCONCELOS, 1922.

Gebhardt bedauert zunächst, dass die zeitgleiche Vorbereitung der beiden Bücher eine wechselseitige Zusammenarbeit ausschliesse und ebenfalls die gleichzeitige Veröffentlichung beider Werke unvermeidlich mache:

Leider habe ich so an meinem Buche nichts mehr ändern können und so liess ich denn der Duplicität der Ereignisse ihren Lauf, und unsre beiden da Costas werden sich nun begegnen. — Sie kommen nun mit Ihrer Bitte nur zuvor. — Ich hätte Ihnen schon im gleichen Sinne geschrieben, wenn ich nicht jetzt in Holland gewesen wäre. — Ich habe sogleich veranlasst, dass Ihnen mein da Costa auf den schnellsten Wege zugesandt wird und freue mich sehr, den Ihnen so bald als möglich zu erhalten. — Ich habe in meinem übrigens nicht nur den Text der ersten Schrift da Costas, die Propostas contra a Tradição / hebräisch und portugiesisch veröffentlicht, sondern auch die Capitel über die Sterblichkeit der Seele aus seiner zweiten Schrift von 1623 — worauf es mir dabei ankam, war nicht so sehr eine Klarstellung der Lebensumstände da Costas als eine Darlegung des Marranenproblems im Hinblick auf die Stellung Spinozas¹⁴.

Bei der kurzen Erläuterung des Inhalts seines Buches, macht er sie zuerst darauf aufmerksam, dass diese kommentierte Textausgabe neben dem *Exemplar Humanae Vitae* [Ein Beispiel menschlichen Lebens] (im lateinischen Original und in neuer deutscher Übersetzung)¹⁵ auch die beiden anderen damals bekannten Texte Uriel da Costas enthält, und zwar in mehrsprachiger Fassung, wie das Inhaltsverzeichnis übrigens teilweise erkennen lässt. Vor allem die deutsche Übersetzung der im Original auf Portugiesisch verfassten *Propostas contra a Tradição* [Thesen gegen die Tradition] (1616)¹⁶ und der drei erhaltenen Kapiteln (23, 24 und 25) *Über die Sterblichkeit der Seele des Menschen* [Sobre a mortalidade da alma humana]¹⁷ aus der ersten Fassung (1623) des von den geistlichen Autoritäten in Amsterdam konfiszierten und verbrannten Hauptwerks *Exame das Tradições Farisaicas* [Prüfung der Pharisäischen Traditionen] (1624) stellten zu dieser Zeit eine wesentliche Bereicherung für die Uriel da Costa-Forschung dar, zumal diese Texte bzw. Textausschnitte besonders seine damalige sadduzäische Bestreitung der christlich-jüdischen Dogmen der Unsterblichkeit der Seele und der Existenz eines Gut und Böse scheidenden Jenseits darlegen. Darüber hinaus sind die theologischen Ansichten des Freidenkers, die einen Wandel vom auferlegten Katholizismus bis zur deistischen Naturreligion erkennen lassen, nicht vollständig in der obengenannten Autobiographie ablesbar¹⁸. Der

¹⁴ GEBHARDT, 1922a.

¹⁵ Vgl. GEBHARDT, 1922b: 103-145.

¹⁶ Vgl. GEBHARDT, 1922b: 1-32.

¹⁷ Vgl. GEBHARDT, 1922b: 33-101.

¹⁸ Vgl. COSTA, 2001: 8-43. Hierzu siehe v.a. KRAUTZ, 2001a: 51-80; MADEIRA, 2012: 132-139.

vollständige Text der entgeltigen Fassung des *Exame das Tradições Farisaicas* (1624) konnte allerdings von Gebhardt nicht miteinbezogen werden, da dieser für lange Zeit abhandengekommen war. Nur ein Exemplar davon wurde geheimnisvollerweise gegen Ende des 20. Jahrhunderts wiederentdeckt und 1993 erstmals zusammen mit Samuel da Silvas (1570/1571-1631) Erwidierungsschrift *Tratado da Imortalidade da Alma* [Abhandlung über die Unsterblichkeit der Seele] (1623) auch in englischer Übersetzung von den beiden hochangesehenen jüdischen Gelehrten Herman Prins Salomon (1930-2021) und Isaac S. D. Sassoon (geb. 1946) herausgegeben¹⁹. Ich möchte außerdem darauf hinweisen, dass Gebhardts da Costa-Monographie mit zahlreichen Anmerkungen zu den veröffentlichten Schriften versehen ist und unter dem mit «Regesten» betitelten Kapitel auch noch eine ganze Reihe von anderen vielfältig mit Uriel da Costa zusammenhängenden Texten und Dokumenten enthält, die teilweise erstmals erschienen sind, neben entsprechenden inhaltlichen Zusammenfassungen, Nachweisen über die jeweilige Überlieferung und quellenkritischen Hinweisen²⁰.

Im Anschluss an die Inhaltsangabe betont Gebhardt in seinem ersten Brief noch, dass sein Buch im Unterschied zu Carolina Michaëlis' Werk nicht biographisch ausgerichtet ist und folglich nicht die leidvolle Lebensgeschichte des Uriel da Costa bevorzugt, sondern hauptsächlich die Problematik des Marranismus und deren Einfluss auf die Stellung des niederländisch-sephardischen Philosophen Baruch Spinoza (1632-1677) gegenüber der jüdischen Orthodoxie in Amsterdam. Nicht von ungefähr hat Gebhardt ja die Einleitung seines Buches, in der er auf das Verhältnis zwischen da Costas und Spinozas philosophisch-religiösen Vorstellungen eingeht, mit dem Untertitel «Da Costa und das Marranenproblem» versehen²¹. Der jüdisch-portugiesische Freigeist gilt seit langem als Vorläufer Spinozas, welcher 1656 bekanntlich auch aus der jüdischen Gemeinde von Amsterdam verbannt wurde²², was schon mehrmals Schriftsteller und Künstler zur fiktionalen Gestaltung der Affinität der beiden Sepharden angeregt hat, wie beispielsweise Karl Gutzkows (1811-1878) Novelle *Der Sadducäer von Amsterdam* (1834) und die darauf folgende Tragödie *Uriel Acosta* (1846) oder Samuel Hirszenbergs (1865-1908) Gemälde *Uriel da Costa und der junge Spinoza* (1901) unter Beweis stellen²³.

¹⁹ Siehe COSTA, 1993. Die portugiesische Fassung dieser ausgezeichneten kritischen Ausgabe erschien zwei Jahre später und enthält im Anhang ebenso eine portugiesische Übertragung der Autobiographie *Exemplar Humanae Vitae*. Vgl. COSTA, 1995a, 1995b.

²⁰ Vgl. GEBHARDT, 1922b: 147-283.

²¹ GEBHARDT, 1922b: V-XL. Vgl. VASCONCELOS, 1922: 6.

²² Vgl. v.a. RÉVAH, 2004: 69-71, 513-524, KRAUTZ, 2001a: 51-80.

²³ Zur Bedeutung von Hirszenbergs kreativer Darstellung der beiden sephardischen Denker im Bereich der Rezeptionsgeschichte Uriel da Costas bzw. im literarischen Werk Karl Gutzkows, siehe MADEIRA, 2012: 117, 485f. Untersuchungen der literarischen Verarbeitungen der historischen Gestalt Spinozas als geistiger Erbprinz des jüdisch-portugiesischen Freidenkers finden Sie ebenfalls in meiner umfassenden Studie zu Gutzkows Uriel da Costa-Novelle und -Drama. Vgl. u.a. MADEIRA, 2012: 328-331, 485-489.

In der Studie seiner deutsch-portugiesischen Briefpartnerin hingegen ist die biographische Veranlagung unverkennbar und bereits in Titel und Untertitel ablesbar: *Uriel da Costa. Notas Relativas à sua Vida e às suas Obras* [*Uriel da Costa. Anmerkungen über sein Leben und seinen Werken*]. Das Buch ist nach einem kurzen Vorwort («Prólogo») in vier Teile gegliedert²⁴, wobei zunächst die Biographie Uriel da Costas («A vida de Gabriel-Uriel da Costa») mit Hervorhebung der erniedrigenden Vorgänge des Konflikts mit der jüdischen Gemeinde im Vordegrund der sehr empathischen Darstellung steht, und danach eine kritische Darlegung von mehreren der damals bekannten Schriften von und über den jüdisch-portugiesischen Freidenker («Escritos relativos a Uriel da Costa e Escritos dele») behandelt werden. Insbesondere kommen dabei die oben erwähnten und von Gebhardt selbst herausgegebenen Texte zum Vorschein wie das Fragment *Sobre a mortalidade da alma humana* aus der ersten Fassung des *Exame das Tradições Farisaicas* (1623), die ebenfalls in Amsterdam veröffentlichte Gegenschrift *Tratado da Imortalidade da Alma* (1623) des Arztes und Vorsteher der Hamburger jüdischen Gemeinde Samuel da Silva, die zweite und letzte Fassung *Exame das Tradições Farisaicas* (1624) und *last but not least* das von Carolina Michaëlis de Vasconcelos als Hauptquelle [«fonte-mãe»] und «apologetisches Testament» [«testamento apologético»] betrachtete *Exemplar Humanae Vitae*²⁵, das damals bereits achtmal sowohl im Original als auch in verschiedenen (englischen, deutschen, portugiesischen und spanischen) Übersetzungen veröffentlicht worden war²⁶.

Im dritten Teil («Documentos Ilustrativos») werden eine Reihe von Dokumenten und Texte bzw. Textausschnitte herausgegeben, die teilweise ins Portugiesische übersetzt und mit Anmerkungen bzw. Fußnoten versehen sind. Unter diesen zum Teil erstmals auf Portugiesisch erschienen Schriften befinden sich beispielsweise ein recht ausführlicher Eintrag zu Uriels Leben und Werk aus dem in Latein verfassten Schriftstellerlexikon *Cimbria literata* (1744) des Flensburger Gelehrten Johannes Moller (1661-1725)²⁷, Johann Gottfried Herders (1744-1803) bekannte Ansichten zur Lebensgeschichte des «armen Juden» in seinen *Briefen zur Beförderung der Humanität* (1795)²⁸, das Inhaltsverzeichnis von Samuel da Silvas angesprochenen Streitschrift über die Unsterblichkeit der Seele des Menschen (1623) und, genau wie bei Gebhardts Monographie, die drei erhaltenen Kapiteln aus da Costas erster Fassung des *Exame das Tradições Farisaicas* (1623). Der letzte Teil enthält einen tabellarischen Lebenslauf Uriel da Costas («Sinopse cronológica da Vida de Gabriel-Uriel da Costa») sowie

²⁴ Vgl. VASCONCELOS, 1922: 179f.

²⁵ VASCONCELOS, 1922: 5, 95.

²⁶ Zu den verschiedenen Ausgaben des grundlegenden autobiographischen Textes von Uriel da Costa, siehe MADEIRA, 2012: 111-113, 419-442.

²⁷ VASCONCELOS, 1922: 109-115.

²⁸ VASCONCELOS, 1922: 118ff. Vgl. dazu MADEIRA, 2012: 111, 162-166.

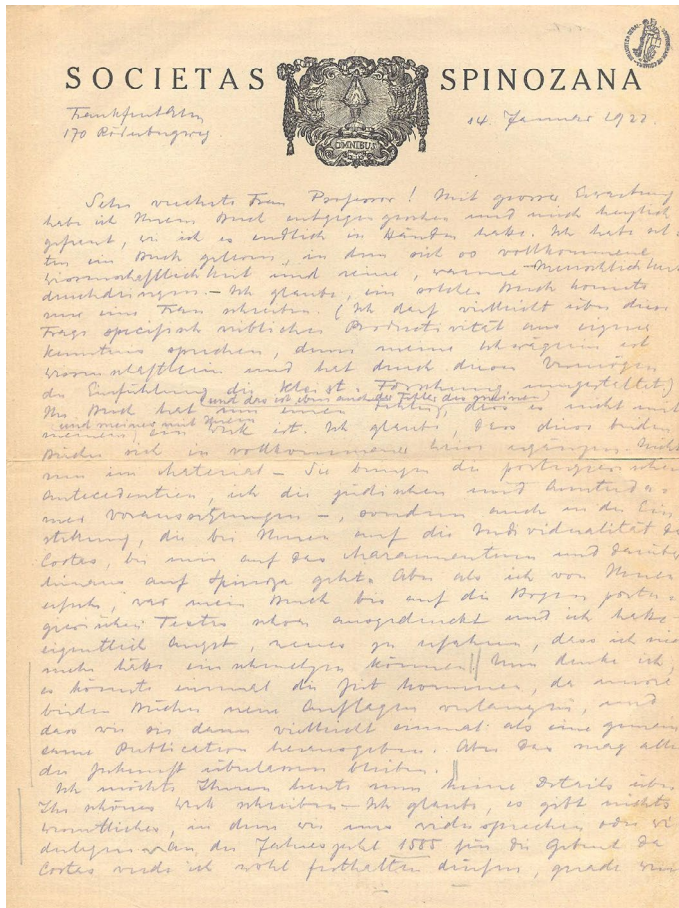


Fig. 2
Faksimile der ersten Seite
von Carl Gehardts Brief vom
14. Januar 1923 an Carolina
Michaëlis de Vasconcelos.
Quelle: BGUC Manuscritos,
Epistolário de Carolina
Michaëlis de Vasconcelos

eine chronologisch geordnete Liste seiner Schriften und auch der auf ihn bezogenen Texte («Lista Cronológica de Escritos de Uriel ou relativos a Uriel»)²⁹.

Der zweite Brief Gebhardts vom 14. Januar 1923, obwohl dieser vom Verfasser irrtümlich auf das vorige Jahr datiert wurde (siehe oben Fig. 2), ist ebenfalls handgeschrieben und ganze vier Seiten lang. Das Schriftstück, das teilweise vom geradezu enthusiastischen Empfang und der genussvollen Lektüre von Carolina Michaëlis' Uriel da Costa-Studie berichtet, beginnt wie folgt:

Sehr verehrte Frau Professor! Mit grosser Erwartung habe ich Ihrem Buch entgegen gesehen und mich herzlich gefreut, wie ich es endlich in Händen hatte. Ich habe selten ein Buch gelesen, in dem sich so vollkommene Wissenschaftlichkeit und seine warme Menschlichkeit durchdringen — Ich glaube, ein solches Buch konnte

²⁹ Vgl. VASCONCELOS, 1922: 5-12, 13-71, 73-95, 97-155, 157-177.

nur eine Frau schreiben. [...] Ihr Buch hat nur einen Fehler und das ist eben auch der Fehler des meinen, dass es nicht mit meinem und meines mit Ihrem ein Werk ist. Ich glaube, dass diese beiden Bücher sich in vollkommener Weise ergänzen. Nicht nur im Material — Sie bringen die portugiesischen Antecedentien, ich die jüdischen und Amsterdamer Voraussetzungen —, sondern auch in der Einstellung, die bei Ihnen auf die Individualität da Costas, bei mir auf das Marannentum und darüber hinaus auf Spinoza geht. Aber als ich von Ihnen erfuhr, war mein Buch bis auf die Bogen portugiesischen Textes schon ausgedruckt und ich hatte eigentlich Angst, neues zu erfahren, dass ich nicht mehr hätte einschmelzen können.

Nun denke ich, es könnte einmal die Zeit kommen, da unsre beiden Bücher neue Auflagen verlangen, und dass wir sie dann vielleicht einmal als eine gemeinsame Publication herausgeben. Aber das mag alles der Zukunft überlassen bleiben³⁰.

Der deutsche Spinoza-Forscher spricht ein hohes Lob auf das «schöne Werk» ihrer Briefpartnerin aus, sowohl was ihre wissenschaftlichen Leistungsfähigkeiten als auch ihre hohe Sensibilität betrifft, welche er als eine spezifisch weibliche Eigenschaft ansieht. Ferner betont er die wissenschaftliche Komplementarität der beiden Uriel da Costa-Monographien, welche bis dato unzweifelhaft zwei der grundlegendsten Veröffentlichungen in der Geschichte der historisch-biographischen bzw. der religionsphilosophischen Forschung zur Figur Uriel da Costas bildeten³¹. Als Beispiel jener Ergänzungbarkeit verweist der Briefverfasser auf Carolina Michaëlis' Verdeutlichung von Uriels portugiesischer Identität und Individualität, während bei ihm eher der jüdische, marranische und holländische Hintergrund Uriels zum Vorschein kommt. Gebhardt weist auf einige biographischen Uneinigkeiten in den beiden Studien hin (z.B. das Geburtsdatum des Freidenkers) und beantwortet einige Fragen Carolina Michaëlis', indem er Texte des oben erwähnten lutherischen Schriftstellers und Literaturhistorikers Johannes Moller und des österreichisch-deutschen Rabbiners Nathan Porges (1848-1924) sowie Horazens *Satyren* aufgreift, Themen auf die ich hier nicht näher eingehen kann³². Gebhardt schlägt ihr sogar vor künftig eine gemeinsame Veröffentlichung zu verwirklichen und gegen Ende des Briefes erwähnt er mehrmals die portugiesische (und nicht spanische) Herkunft Spinozas, dessen tatsächliche Verwandtschaft mit

³⁰ GEBHARDT, 1923a.

³¹ Vgl. MADEIRA, 2012: 113,115.

³² GEBHARDT, 1922a. Es sei lediglich darauf hingewiesen, dass es sich sowohl bei Mollers biobibliographischen Lexikoneintrag als auch bei Porges' Texte um nennenswerte wissenschaftliche Beiträge zu Uriel da Costa handelt, die in Gebhardts Studie eingeführt bzw. besprochen werden; vgl. GEBHARDT, 1922b: 226, 233. Die angesprochenen Texte von Nathan Porges sind v.a. eine Bereicherung zu Uriels philosophisch-religiösen Konflikten mit der jüdischen Orthodoxie zunächst in der Hamburger Zeit mit dem Rabiner Leon de Modena (1571-1648) und später in Amsterdam; vgl. MADEIRA, 2012: 115, 129ff., 587.

Uriel inzwischen bestätigt ist³³, und der von ihm als «ein anderer Vasco da Gama» angesehen wird, «der [der] Menschheit neue Wege gefunden hat», und empfiehlt ihr die Fortführung der Recherchen zu Uriel da Costas Lebensgeschichte. Gebhardts Anregung, gemeinsam mit der Lektüre von seinen herausgegebenen *Schriften des Uriels da Costa*, wird letztenendes zur Veröffentlichung eines weiteren Textes von Carolina Michaëlis über den sephardischen Freigeist führen: so erscheint 1924 in der von ihr selbst geleiteten Zeitschrift *Lusitânia* eine kürzere und ergänzende Studie mit dem Titel *Uriel da Costa. Notas suplementares relativas à sua vida e sua obra* [*Uriel da Costa. Zusätzliche Anmerkungen über sein Leben und sein Werk*]³⁴.

Was die wissenschaftlichen Anregungen des hier untersuchten Briefwechsels anbelangt, möchte ich noch eine kurze Bemerkung über die andere bereits am Anfang des Beitrages erwähnte Gelehrtenkorrespondenz hinzufügen. In einem der letzten Briefe Carolina Michaëlis' an Ricardo Jorge (vom 13. Mai 1924)³⁵ erwähnt bzw. kommentiert die deutsch-portugiesische Romanistin gerade einen Text Carl Gebhardts über Spinoza und dem Platonismus sowie dessen Herausgebertätigkeit zum Werk des sephardischen Philosophen, und suggeriert dem Epidemiologen sogar, dass sie eine erneute portugiesische Übersetzung der Autobiographie Uriel da Costas in Erwägung ziehe, da sie an der ersten, von Epifânio da Silva Dias (1841-1916) unterzeichneten Fassung des *Exemplar Humanae Vitae* (mit dem Titel *Espelho da Vida Humana*, 1901) «die bewundernswerte Gewalt des [lateinischen] Originals» vermisst [*«à de Epifânio falta a violência admirável do original»*]³⁶.

Im dritten und letzten Brief Gebhardts an die «Hochverehrte Frau Professor» (siehe Fig. 3)³⁷, ein über zwei Seiten langes maschinengeschriebenes Schriftstück, das mit dem Datum vom 9. Oktober 1923 versehen ist, verweist er zunächst auf den vorigen Briefwechsel, d.h. auf seinen eigenen vier Seiten langen handgeschriebenen Brief vom 14. Januar 1923 und auf Carolina Michaëlis' nicht auffindbare Rückmeldung vom 28. Mai desselben Jahres. Der Frankfurter Gelehrte bedauert dann vor allem die mangelnde Verfügbarkeit, um seine Korrespondenz zu aktualisieren, zumal er mit anderen beruflichen Aufgaben beschäftigt ist, z.B. mit seiner «grossen Spinoza-Ausgabe»³⁸, mit dem Abschluss eines eigenen Buches über Spinoza und der Herausgabe des Zweiten Bandes der Zeitschrift *Chronicon Spinozanum* (1923).

³³ Vgl. MADEIRA, 2012: 131; RÉVAH, 2004: 493s.

³⁴ Siehe VASCONCELOS, 1924, 5-22.

³⁵ Vgl. DELILLE, RAMIRES, 2021: 348f.

³⁶ Wegen der schwerwiegenden Erkrankung in ihren letzten Lebensjahren wird sie dieses Anliegen nicht mehr verwirklichen können, wobei die folgende (und bis heute auch letzte) portugiesische Übertragung des *Exemplars* erst im Jahre 1937 von Castelo Branco Chaves veröffentlicht wird, und zwar unter dem Titel *Exemplo da Vida Humana* (Lisboa: Seara Nova); vgl. COSTA, 1995b.

³⁷ GEBHARDT, 1923b.

³⁸ Gemeint ist die namhafte Edition von Spinozas Werken in den Originalsprachen unter dem Titel *Spinoza Opera*, 4 Bände (1925). Vgl. JÄGER, 2021.

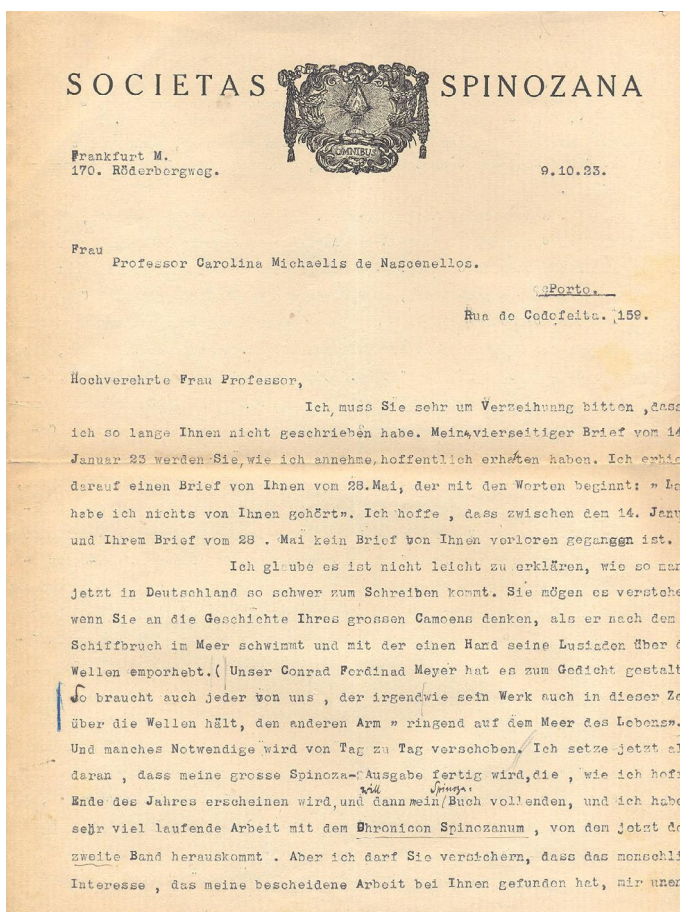


Fig. 3

Faksimile der ersten Seite von Carl Gehardts Brief vom 9. Oktober 1923 an Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Quelle: BGUC Manuscritos, Epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos

Es sei lediglich noch angemerkt, dass er anschließend Carolina Michaëlis für ihre Bemühungen um die Verbreitung der *Societas Spinozana* in Portugal dankt, und nochmals das in den ersten beiden Briefen angesprochene bzw. gesendete Material für die portugiesischen Mitglieder der Spinoza-Gesellschaft (Mitgliederkarten, Programme und die Exemplare der *Chronicon Spinozanum I* und *II*) aufgreift und deren Eintrittsbedingungen anspricht. Die beiden Uriel da Costa-Bücher werden nun gar nicht mehr angesprochen. Deshalb werde ich auf die Besprechung des weiteren Inhalts dieses und auch der anderen bereits behandelten Briefe verzichten müssen.

Ich füge zum Abschluss nur noch einige zusammenfassende Bemerkungen über die hier behandelte Gelehrtenkorrespondenz hinzu. Die erhaltenen Briefe Gebhardts an die deutsch-portugiesische Romanistin konzentrieren sich grundsätzlich auf die parallel verlaufenden Forschungen und Veröffentlichungen der beiden kulturellen Vermittler zum Leben und Werk des sephardischen Freidenkers Uriel da Costa,

wobei die gegenseitige Hochachtung der beiden Wissenschaftler stets zum Vorschein kommt. Der Höhepunkt des produktiven Gedankenaustausches und der Bewunderung des Spinoza-Experten gegenüber Carolina Michaëlis wird im enthusiastischen zweiten Brief Gebhardts erreicht, welcher von der lang erwarteten Begegnung der bahnbrechenden und wissenschaftlich sich ergänzenden «beiden da Costas» Auskunft gibt und letztenendes eine bereichernde Fortsetzung der Forschungsarbeiten zum Verfasser des *Exemplar Humanae Vitae* anregt.

QUELLEN

- GEBHARDT, Carl (1922a). [Brief vom] 27. November 1922, Frankfurt a.M., [an] Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Manuscritos, Epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Coimbra, Portugal.
- GEBHARDT, Carl (1923a). [Brief vom] 14. Januar 1923, Frankfurt a.M., [an] Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Manuscritos, Epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Coimbra, Portugal.
- GEBHARDT, Carl (1923b). [Brief vom] 9. Oktober 1923, Frankfurt a.M., [an] Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), Manuscritos, Epistolário de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Coimbra, Portugal.

BIBLIOGRAPHIE

- COSTA, Uriel da (1993). *Examination of Pharisaic Traditions. Exame das tradicoes Phariseas*. Facsimile of the unique copy in the Royal Library of Copenhagen, supplemented by Semuel da Silva's *Treatise on the Immortality of the Soul. Tratado da immortalidade da alma*. Translation, notes and introduction by H. P. Salomon and I. S. D. Sassoon, Leiden/New York/Köln, E. J. Brill.
- COSTA, Uriel da (1995a). *Exame das Tradições Farisaicas. Exame das tradições phariseas*. Fac-símile do exemplar único da Biblioteca Real de Copenhaga acrescentado com *Tratado da Imortalidade da Alma* de Semuel da Silva. Introdução, leitura, notas e cartas genealógicas por H. P. Salomon e I. S. D. Sassoon, Braga: APPACDM.
- COSTA, Uriel da (1995b). *Exemplo da Vida Humana*. Tradução de Castelo Branco Chaves, in U.d.C., *Exame das Tradições Farisaicas. Exame das tradições phariseas*. Fac-símile do exemplar único da Biblioteca Real de Copenhaga acrescentado com *Tratado da Imortalidade da Alma* de Semuel da Silva. Introdução, leitura, notas e cartas genealógicas por H. P. Salomon e I. S. D. Sassoon, Braga: APPACDM, 576-584.
- COSTA, Uriel da (2001). *Exemplar Humanae Vitae — Beispiel eines menschlichen Lebens*. Hrsg., übersetzt und erläutert v. Hans-Wolfgang Krautz. Tübingen: Stauffenburg-Verlag.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2009). *A vida e a obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: evocação e homenagem. Exposição bibliográfica e documental*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. [Consult. 31 mai. 2023]. Disponível em <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/202288113047926outfile.pdf>.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2010). *A Vida e a Obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos — Evocação e Homenagem*. «Rua Larga». 27 (jan. 2010) 27-30.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2015). *Carolina Michaëlis de Vasconcelos: um perfil*. In CONDÉ, Valéria Gil; MONGELLI, Lenia Márcia; VIEIRA, Yara Frateschi, orgs. *Carolina Michaëlis de Vasconcelos: uma homenagem*. São Paulo: NEHiLP/FFLCH-USP, 122-145. [Consult. 31 mai. 2023]. Disponível em <https://www.usp.br/nehilp/livros/Carolina_Michaelis.pdf>.

- DELILLE, Maria Manuela Gouveia; RAMIRES, Isabel João, eds. (2021). *Carolina Michaëlis de Vasconcelos — Ricardo Jorge. Correspondência*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GEBHARDT, Carl (1922b). *Die Schriften des Uriel da Costa*. Mit Einleitung, Übertragung und Regesten von Carl Gebhardt. Amsterdam: Curis Societatis Spinozanae.
- JÄGER, Gudrun (2021). *Gebhardt, Carl*. «Frankfurter Personenlexikon». [Consult. 31 mai. 2023]. Disponível em <<https://frankfurter-personenlexikon.de/node/11901>>.
- KRAUTZ, Hans-Wolfgang (2001a). *Nachwort*. In COSTA, Uriel da. *Exemplar humanae vitae — Beispiel eines menschlichen Lebens*. Hrsg., übersetzt und erläutert v. Hans-Wolfgang Krautz. Tübingen: Stauffenburg-Verlag, 51-80.
- KRAUTZ, Hans-Wolfgang (2001b). *Zeittafel*. In COSTA, Uriel da. *Exemplar humanae vitae — Beispiel eines menschlichen Lebens*. eds., übersetzt und erläutert v. Hans-Wolfgang Krautz. Tübingen: Stauffenburg-Verlag, 44-50.
- KRÖLL, Heinz (1994). *Michaëlis de Vasconcel(los), Carolina*. «Neue Deutsche Biographie». 17, 437-438. [Consult. 31 mai. 2023]. Disponível em <<https://www.deutsche-biographie.de/pnd119282585.html#ndbcontent>>.
- MADEIRA, Rogério Paulo (2012). *Ficção e História. A Figura de Uriel da Costa na Obra de Karl Gutzkow*. Coimbra: MinervaCoimbra/Centro de Investigação em Estudos Germanísticos.
- RÉVAH, Israel Salvator (2004). *Uriel da Costa et les Marranes de Porto*. Cours au Collège de France 1966-1972. Édition présentée et annotée par Carsten L. Wilke. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1922). *Uriel da Costa. Notas Relativas à sua Vida e às suas Obras*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1924). *Uriel da Costa. Notas Suplementares Relativas à sua Vida e às suas Obras*. «Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses». I/1, 5-22.

ZWISCHEN WELTEN LEBEN, SCHREIBEN UND VERMITTELN. GRETCHEN WOHLWILLS EXIL UND REMIGRATION

TERESA MARTINS DE OLIVEIRA*

Resumo: *Partindo das tendências dos mais recentes estudos sobre o exílio, que têm vindo a incorporar reflexões sobre aculturação, inter e transculturalidade, serão analisadas as cartas escritas por Gretchen Wohlwill a Ilse Losa e a Maria da Graça Amado da Cunha. Procurar-se-á mostrar como a obra e a ação da pintora e gravurista alemã durante o seu exílio em Portugal, e depois do seu regresso a Hamburgo, podem ser compreendidas como um verdadeiro diálogo luso-alemão.*

Palavras-chave: *Gretchen Wohlwill; Exílio; Diálogo luso-alemão.*

Abstract: *The most recent studies on exile have been incorporating reflections on acculturation, inter and transculturality. This text analyzes the letters written by the painter Gretchen Wohlwill to Ilse Losa and Maria da Graça Amado da Cunha and aims to show how the work and actions of the German painter and engraver during her exile in Portugal and after her return to Hamburg can be understood as a true Luso-German dialogue.*

Keywords: *Gretchen Wohlwill; Exile; Portuguese-German dialogue.*

Die Geschichte von Gretchen Wohlwill (1878-1962) und ihrer Beziehung zu Portugal ist in vielerlei Hinsicht ungewöhnlich. Sie gehört nicht nur zu den wenigen Flüchtlingen vor Hitlers Regime, die länger in unserem Land blieben, sondern auch zu den wenigen Künstlern jüdischer Abstammung, die aus dem Exil nach Deutschland zurückkehrten. Im Jahr 1940 in Portugal angekommen, im Alter von 62 Jahren, auf der Flucht vor der Verfolgung, die das Hitler-Regime Menschen jüdischer Abstammung und auch den als entartet geltenden Künstlern zumutete, blieb die Malerin, Lehrerin und Mitbegründerin der Hamburger Sezession zwölf Jahre in Lissabon; danach kehrte sie in ihre Heimatstadt Hamburg zurück. Es sind daher ihre Erfahrungen als Exilantin/Emigrantin und als Remigrantin, die den regen Dialog, den sie in den letzten 22 Jahren ihres Lebens mit Portugal führte, bestimmen.

Der relativ lange Aufenthalt in Lissabon, ihre dort entfaltete Tätigkeit und ihre persönlichen und künstlerischen Beziehungen zu Portugal sowie die Zeit der Remigration, in der der Dialog mit Portugal sehr lebendig blieb, werden vor allem

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Email: to.teresaoliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9019-8556>. Dieser Artikel wurde im Rahmen des Programs UIDB/00500/2020 — <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020> vom FCT finanziert.

in Ich-Dokumenten, die von GW zu uns gelangten, erläutert¹. Ich beziehe mich auf die Memoiren, die GW kurz nach ihrer Rückkehr nach Deutschland schrieb, und die erst 1984 unter dem Titel *Gretchen Wohlwill. Lebenserinnerungen einer Hamburger Malerin* veröffentlicht wurden², als Teil der „Memoirenwelle“, die seit diesem Jahrzehnt zur Veröffentlichung vieler persönlicher Zeugnisse von Exilanten führte³.

Ich beziehe mich ebenfalls auf die 56 unveröffentlichten Briefe und Postkarten, die GW zwischen 1951 und 1958 an ihre Freundin, die Schriftstellerin deutsch-jüdischer Abstammung Ilse Losa (1913-2006)⁴, schrieb, und die sowohl die letzte Zeit ihres Aufenthalts in Portugal als auch die Zeit der Remigration betreffen, sowie auf die 29 Briefe und Postkarten, die GW nach ihrer Rückkehr nach Deutschland an die Pianistin Maria da Graça Amado da Cunha (1919-2001)⁵ richtete⁶.

¹ Narrative Selbstdarstellung in Autobiographien (auch in Briefen und Tagebüchern) wird in der Gedächtnis- und Exilforschung als ein wichtiges identitätsstiftendes, orientierungsbildendes Element betrachtet. Tatsächlich ist die Selbstnarration ein Akt der Organisation der eigenen Lebensgeschichte sowie des Verhältnisses zu sich selbst und zu Anderen. S. z. B., EAKIN, 2008.

² Die bis dahin unveröffentlichten Memoiren wurden von der Gesellschaft der Bücherfreunde zu Hamburg in einer von Hans-Dieter Loose bearbeiteten Fassung herausgegeben. Dem Originaltext wurden eine chronologische Tabelle, ein Glossar und ein Nachwort des Bearbeiters hinzugefügt.

³ Aussagen in den Briefen von Wohlwill an Losa bestätigen, dass die Niederschrift dieser Lebenserinnerungen ein lang verschobenes Projekt war und erläutern das Fortschreiten ihrer Niederschrift: 31.10.1951 schreibt Wohlwill aus Lissabon an Ilse Losa:

«Ich bin eben grade dabei einer in England lebenden Malerin, die früher in Hamburg zu meinem Kreis gehörte (jüdische Empatie) ausführlich über meine Erlebnisse dort zu berichten. Da sie eben alle meine Leute da kennt, wird es mir ganz leicht, mich ihr mitzuteilen, aber vielleicht (wenn ich bloß mehr Zeit hätte) fasse ich sie auch einmal so zusammen dass auch andere es lesen können.»

Am 30. Juni 1952, zwei Wochen nach dem Anfang der Niederschrift der Lebenserinnerungen, schreibt sie an Losa: «Habe ich Ihnen schon erzählt, dass ich mich jetzt mit meinen Lebenserinnerungen beschäftige [...]. Ich glaube ich werde es nie jemand lesen lassen, aber es bringt mir eine seltsame Beruhigung, mich in alte Zeiten hineinzusetzen.»

Am 3.11.1953 kündigt sie ohne jeglichen Bezug auf die früheren Vorbehalte an:

«Das Manuskript meiner „Memoiren“ ist jetzt abgetippt und nachdem ich es auf Schreibfehler durchgesehen habe, schicke ich Ihnen einen Durchschlag, den ich aber zurückerbitte, da ich nur fünf davon habe.»

In den Zitaten von Wohlwills Briefen werden Orthographie, Zeichensetzung, Abkürzungen und Eigenarten der Sprache aus dem Original beibehalten.

⁴ Auf der Flucht vor dem Nazi-Regime 1934 in Porto angekommen, heiratete Ilse Lieblich ein Jahr später den politisch links stehenden Architekten Arménio Losa und nahm die portugiesische Staatsbürgerschaft an. In ihren Romanen, die sie in portugiesischer Sprache verfasste, verarbeitet sie ihre Exilerfahrungen. Erzählungen, Kinderbücher, Chroniken und auch Übersetzungen vieler bekannter Autoren bilden die vielfältigen Arbeiten von Ilse Losa, die nebenbei noch deutsch und englisch unterrichtete, zeitweilig einen Kindergarten leitete und Kinderliteratur an einer pädagogischen Fachhochschule lehrte. Zu Losas Leben und Werk s. z. B., HAMMER, 2018: 65-77.

⁵ Maria da Graça Amado da Cunha war eine preisgekrönte Pianistin, die vor allem als Interpretin der Werke des modernen portugiesischen Komponisten Lopes Graça bekannt war. Mit ihm zusammen war sie Mitbegründerin der Konzertgesellschaft Sonata, die später zur «Internationalen Gesellschaft für Neue Musik», dem in Salzburg gegründeten internationalen Netzwerk zur Förderung der neuen Musik, gehörte. Darüber hinaus schrieb Amado da Cunha Beiträge für wichtige Zeitschriften und war eine feministische und politische Aktivistin, Gegnerin des Salazar-Regims.

⁶ Wohlwills Briefe an Ilse Losa und an Maria da Graça Amado da Cunha stimmen teilweise in der Zeit ihrer Niederschrift und manchmal in den mitgeteilten Informationen überein. Sie unterscheiden sich aber in Ton und Inhalt von Kommentaren. Die Briefe an Losa behandeln vor allem Themen der Literatur, Malerei und Musik und nehmen an einem deutsch-portugiesischen Dialog teil, in dem die Identität der beiden Frauen, das Exil und vor

GW gehört nicht zu den Namen, die uns als erste in den Sinn kommen, wenn wir an die Flüchtlinge des Zweiten Weltkriegs denken, die über Portugal ins Exil gelangten oder die dort länger weilten⁷. Im portugiesischen Künstlermilieu geriet der Name Wohlwills jedoch nie ganz in Vergessenheit. Damit meine ich nicht die Ölbilder und Aquarelle, die in den 40ern und 50ern Jahren Gegenstand häufiger Einzel- und Kollektivausstellungen waren und heute fast nur noch erwähnt werden, weil die Malerin zweimal mit dem Francisco de Holanda-Preis ausgezeichnet wurde⁸.

Ich meine ebenfalls nicht die Werke, die von portugiesischen Museen, wie z. B. dem Nationalmuseum für Zeitgenössische Kunst in Lissabon (Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado) oder dem Museum Soares dos Reis in Porto gekauft wurden, aber denen heute keine Bedeutung beigemessen wird.

Anders erging es Wohlwills grafischen Arbeiten: Portugiesische Maler und Grafiker erkannten darin ihre Zugehörigkeit zur nordeuropäischen Grafik und Spuren des deutschen Expressionismus sowie eine sozial engagierte Kunst, die sich damals in Portugal gegen das totalitäre politische Regime zu etablieren suchte⁹. Die Erwähnung von Wohlwills Grafik in zeitgenössischen akademischen Werken ist wahrscheinlich auf Júlio Pomars Artikel «Uma grande artista alemã em Lisboa» (Eine große deutsche Künstlerin in Lissabon) zurückzuführen, der 1952 in der Zeitschrift *Arquitectura* veröffentlicht und 2014 in Pomars Band *Notas sobre uma Arte Útil* (Aufzeichnungen über eine nützliche Kunst) aufgenommen wurde. Dieser Text unterstreicht den Einfluss, den Wohlwills Werk auf portugiesische Maler und Grafiker, insbesondere auf Pomar selbst, ausgeübt hat. Noch im Jahre 2010 sagte der portugiesische Künstler einer Masterstudentin der Universidade Nova de Lisboa, dass in den 40er/frühen 50er

allen ihre gemeinsamen kulturellen Interessen hervorgehoben werden. Sie sind ein Zeugnis der Freundschaft und der intellektuellen Übereinstimmung beider Frauen.

In den Briefen an Maria da Graça Amado da Cunha spricht GW auch über Kunst, mit Schwerpunkt auf Musik. Der Ton ist überraschend herzlich, aber der Informations- und Gedankenaustausch ist nicht so offen und frei. Der Grund könnte sein, dass Wohlwill Maria da Graça erst kurz vor ihrer Abreise kennengelernt hat.

Mein großer Dank gilt Alexandra Losa, der Tochter von Ilse Losa, die mir die Briefe, die ihre Mutter von der deutschen Malerin erhielt, zur Verfügung stellte. Ich bedanke mich ebenfalls bei Fernando Clara dafür, dass er meine Aufmerksamkeit auf Wohlwills Briefe an Amado da Cunha, die sich in der Nationalbibliothek von Lissabon im Nachlass der Pianistin befinden, lenkte.

⁷ GW stand bei uns erst vor Kurzem im Fokus der Gedächtnisstudien mit zwei Beiträgen (von Fernando Clara und von mir selbst (TMO) im Band *De Passagem: artistas de língua alemã no exílio português* (*Passagen: Deutschsprachige Künstler im portugiesischen Exil*) und Einträgen in der Datenbank *Passagen* und in der digitalen Enzyklopädie *Ulysses@*, beide des Forschungsinstituts für vergleichende Literatur ILCML (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa). Viele der Angaben und Zitate im hiesigen Beitrag wurden aus meinem Artikel «Entre a Alemanha e Portugal: as cartas de Gretchen Wohlwill à amiga Ilse Losa» übernommen. OLIVEIRA, 2018: 255-289.

⁸ Mit diesem Preis wurden ab 1945 ausländische Maler ausgezeichnet. Der Preis wurde von der SPN/SNI, eine Behörde des Salazar-Regimes, die u.a. für Propaganda und Tourismus zuständig war, im Rahmen der Ausstellungen für Moderne Kunst (*Exposições de Arte Moderna*) verliehen. Wohlwill erhielt den Preis 1947 für das Bild *Flores* und 1952 für *Trecho do Porto de Hamburgo*. Staatsarchiv Hamburg, Familie Wohlwill III, 15. Gretchen Wohlwill. Teilnahme an Gemeinschaftsausstellungen portugiesischer Maler. Drucksachen. 1946-19,1959. Kataloge.

⁹ GOMES, 2010: 32, 94.

Jahren alle jungen portugiesischen Maler von GW fasziniert waren¹⁰. So verwundert es nicht, dass in retrospektiven Ausstellungen zur Grafik in Portugal ihre Werke ab und zu gezeigt werden¹¹.

Auch in den Briefen an Ilse Losa finden sich interessante Informationen zur Rezeption von Wohlwills Grafik in Portugal. Die Malerin erzählt, wie sie in der Ausstellung vom SNI, die in Mai 1952 stattfand, Stiche an den Kritiker José Júlio und den Bildhauer Martins Correia verkaufte. Ihr Prestige im portugiesischen Künstlermilieu wird auch dadurch belegt, dass gerade sie mit den Malern Júlio Pomar und Lima de Freitas und dem Kunsthistoriker Armando Vieira dos Santos zum Direktor des Museu das Janelas Verdes geht, um sich die Druckpresse anzusehen, die den Künstlern zur Verfügung gestellt werden sollte¹².

Monate später veröffentlicht Vieira dos Santos in der Zeitschrift *Vértice* einen Artikel über die Vorzüge der grafischen Kunst, in dem er sich explizit auf GW, «eine Malerin und Grafikerin von großem Verdienst» («uma pintora e gráfica de muito mérito») bezieht¹³. Sogar nach ihrer Remigration wurde Wohlwill eingeladen, der neu gegründeten «Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses» beizutreten, eine Einladung, die sie gerne annahm¹⁴. Und tatsächlich findet man zwei Holzschnitte von Wohlwill (*Mascarada* [Masquerade] und *Barcos* [Boote], beide 1957 datiert) unter den von der Gesellschaft der portugiesischen Grafiker für die Jahre 1957 und 1958 publizierten Blättern.

GWs künstlerische Beziehung zu Portugal ist keine Einbahnstraße: Wenn GW einen gewissen Einfluss auf das portugiesische Künstlermilieu hatte, hinterließ ihr Aufenthalt in Portugal auch Spuren in ihrer Kunst. Nicht nur, wie Birgit Rosenkranz bereits erläutert hat, in Bezug auf Licht und Motive¹⁵ (in den Briefen erwähnt GW,

¹⁰ GOMES, 2010: 95.

¹¹ Als Beispiel können folgende Ausstellungen genannt werden: *20.º Aniversário da Gravura-Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, mai.-jun. 1976; *Antevisão do Centro de Arte Moderna*, F. C. Gulbenkian, Lisboa, jul.-set. 1981; *Os anos 40 na Arte Portuguesa*, F. C. Gulbenkian, Lisboa, mar.-mai., 1982; *A doce e ácida incisão/A Gravura em contexto*, *Círculo das Artes Plásticas*, Coimbra, out. 2014-jan. 2015.

¹² WOHLWILL, 1950-1958.

¹³ *Apud* GOMES, 2010: 32. GW lässt sich aber von diesem Lob nicht blenden und schreibt am 6.3.1953 aus dem Krankenhaus Jerusalem an Ilse Losa «Nun kam auch der „Vértice“ an, in dem ich ja sogar 2 X erwähnt werde. Leider bin ich gar nicht einverstanden wie V. dos Santos meine schöne Idee entstellt hat. Auf diese Weise ist es ja ganz unwirksam, unverständlich und fällt einfach unter den Tisch».

¹⁴ Wohlwill schreibt am 20.4.1953 wieder aus dem Krankenhaus Jerusalem:

«Gleichzeitig mit dem Ihnen kam ein langer Brief von Dr. Armando Vieira dos Santos in dem er auch um meine *Colaboração* [sic] bei der neu gegründeten graphischen Cooperativa [sic] (Pomar, Lima de Freitas, etc.) bittet. Schicken kann ich leider im Augenblick nichts, aber natürlich fühle ich mich sehr geehrt, wenn mein Name auf der Liste der Mitarbeiter steht. Sobald ich wieder zu Hause bin, schicke ich die zwei erbetenen Blätter. Die Sache macht mir natürlich Spass.»

¹⁵ In Rosenkranzs Aufsatz zur stilistischen Entwicklung von Wohlwills Arbeiten liest man:

«Die Schwierigkeiten, mit denen Gretchen Wohlwill nach ihrer späten Emigration in Portugal fertig werden mußte, finden natürlich eine Entsprechung in ihrem Werk: Es entstehen während der ersten Zeit ihres portugiesischen Aufenthaltes unsichere, suchende Arbeiten. Und erst im Laufe der folgenden Jahre [...] gewinnt sie ihren ausdrucksstarken Strich zurück und eine Farbigkeit, die von dem südlichen Licht erleuchtet wird.» ROSENKRANZ, 1989: 68.

dass sie in Deutschland auf portugiesische Motive wie die Mühlen von Abelheira, das Douro-Tal, die Brücken von Porto oder Figuren aus der portugiesischen Folklore zurückgeht¹⁶). Im portugiesischen Werk von GW lassen sich auch Anzeichen einer politischen Neuorientierung ihrer Bilder erahnen¹⁷. Als Beispiel können Bilder über die Landarbeit (vermutlich) in Alentejo, über das Frauenleben im ländlichen Milieu (Bilder: *Weinlese* und *Straßenszene*) oder über die Werftarbeiter von Lisnave (Lissabon) genannt werden. Diese Wende ist sehr wahrscheinlich auf den Einfluss des portugiesischen Neorealismus zurückzuführen, in den Wohlwill von dem Ehepaar Losa und ihren oppositionellen Freunden und von den Lektüren zeitgenössischer portugiesischer Autoren eingeführt wurde.

Bilder mit portugiesischen Motiven sind auch Teil von Wohlwills Ausstellungen nach ihrer Rückkehr nach Hamburg, und auch die Bilder, die sie als Baukostenzuschuss für die Wohnung in der Brahmsallee lieferte, hatten ausschließlich portugiesische Motive¹⁸.

GW bemüht sich nicht nur innerhalb ihres spezifischen Wissensgebiets um einen Dialog zwischen Deutschland und Portugal, sondern auch in Bereichen wie Musik und Literatur, manchmal auch Architektur. In allen versuchte sie, eine echte Vermittlerrolle zu spielen (ihre Intervention reicht von der Vermittlung von Architekturprojekten, über die Suche nach einem Anwalt für einen Wiedergutmachungsprozess bis hin zur Suche nach Bibliographie oder Kontakten für Veröffentlichungen. Maria da Graça Amado da Cunha ist die Protagonistin eines der erfolgreichsten Kontakte, den GW vermittelt haben soll, und der zur Einladung Maria da Graças durch den Nordwestdeutschen Rundfunk Hamburg führte, dort Musik von Lopes Graça zu spielen¹⁹).

¹⁶ S. z. B. Fußnote 16.

¹⁷ OLIVEIRA, 2018: 286-289.

¹⁸ Am 10.3.1954 schreibt sie an Losa:

«Neulich war die Comission von der Baugesellschaft bei mir u. hat ein Ölbild u. fünf Aquarelle ausgesucht, die meinen Baukostenzuschuss, d.h. 3000 DM darstellen. Ich war freilich etwas beschämt, dass sie meine Produkte so hoch bewerten. [...]

Denken Sie, die Bilder die jene Herren ausgewählt haben, sind alle portugiesische Motive, das Ölbild in Porto, von Vila Nova aus gesehen, die Aquarelle aus Fão, Lissabon, Colares, Venda do Pinheiro. Der P [...] meiner Baugesellschaft kennt u. liebt die portugiesische Landschaft. Kürzlich habe ich auch wieder eine Dourolandschaft gemalt (grosses Ölbild) u. ein Stilleben mit den Tieren aus barro [sic], die ich mir mitgebracht.»

¹⁹ In ihrer lissaboner Zeit schreibt GW an IL, dass sie nicht weiss, wie sie Lopes Graça/Maria da Graça helfen kann:

«Den Dr. Hübner von der Hamburger Emissora [...] kenne ich nicht. Aber ich weiss auch gar nicht u. Sie drücken sich nicht klar darüber aus, was Lopez d.Graça u. die Pianistin Maria da Graça sich denken. Wollen sie in Hamburg concertieren oder möchte er ein Opus von sich einsenden?» WOHLWILL, 1950-1958.

In dem ersten Brief an Losa nach der Remigration schreibt Wohlwill:

«Zu Dr. Hübner bin ich noch nicht vorgedrungen, will aber demnächst einen Versuch machen, indem ich ihn etwa mit einer Empfehlung von Hans Stock direkt aufsuche. Ich bin mir nur noch nicht ganz schlüssig, was ich als nicht musikalischer Mensch ihm sagen soll.» WOHLWILL, 1950-1958.

Am 16. Oktober teilt GW den Inhalt ihres Gesprächs mit Dr. Hübner mit:

«Also, er [Hübner] scheint wirklich sehr beeindruckt von der Sonata von Lopez Graça zu sein, u. wünscht, dass Maria d.Gr. dieselbe hier noch einmal auf ein Band aufnehmen lässt. [] Jedenfalls muss sie die Noten der Sonata sowie auch die Glosas und Danças mitbringen. Alle drei wäre zuviel meinte Dr. H. [] Dr. H. hat entschieden grosses Interesse u. ist begierig, auch noch von anderen modernen portugiesischen Komponisten zu hören, die in Mitteleuropa völlig unbekannt sind.»

Obwohl man nicht von einer verbreiteten Rezeption der Musik von Lopes Graça in Deutschland sprechen kann (Maria da Graça geriet fast in Depressionen, weil sie fälschlicherweise glaubt, dass die Aufnahme nicht ausgestrahlt wurde), weckt sie doch das Interesse von Dr. Herbert Hübner für moderne portugiesische Musik, der sich in der Folge über mögliche weitere Komponisten informiert²⁰. Auch wendet sich Maria da Graça an GW mit der Bitte, in Deutschland einen Verlag für Lopes Graça's Musik zu finden²¹.

Andere von Wohlwill ergriffene Initiativen, namentlich die Übersetzungen eines offenen Briefes von Lopes Graça an dem bekannten Dirigenten Joseph Keilberth und der Artikel von Losa über Gerhart Hauptmann, zeigen, wie ernst sie selbst ihre Rolle als Vermittlerin zwischen Künstlern beider Länder nahm. Am 29.12.1952, wenige Monate nach ihrer Rückkehr nach Hamburg, schreibt sie an Losa:

Ich hatte eine Riesenpost aus Portugal, die meine grösste Weihnachtsfreude war, u.a. auch von Maria da Graça, vorher einen langen Brief, in dem ein in der Zeitung veröffentlichter offener Brief von Lopez Graça eingeschlossen, was an Keilberth, dem grossen Hamburger Dirigenten, der in einem Konzert in Lisboa sich bewegen lies, durch häusliche Intrigen, in allerletzter Stunde einen Hindemith vom Programm zu streichen. Ich werde ihn übersetzen u. sehen ihm denselben zukommen zu lassen. Noch fand ich nicht die Zeit.

Ende Juni 1953, schreibt sie:

Für soviel Sendungen habe ich Ihnen zu danken, für den Vértice und Ihren eindrucksvollen Gedicht zum Gedenken an M. Montessouri [sic]; dann kam der Band Retalhos da Vida dum [sic] médico, woraus ich schon einige Stücke gelesen habe, die mir gut gefallen, u. nun heute eben das Blatt mit Ihren fortzusetzenden Darstellungen von Gerhart Hauptmanns Werk. Ich werde sie heute noch übersetzen u. seinem Sohn Iwo, der Maler ist u. ein guter Freund von mir, schicken. Er wird sich freuen, dass auch im fernen Portugal sein Vater gewürdigt wird.

GW versucht, weitere öffentliche Auftritte von MG in Hamburg zu organisieren (im Ibero-Amerikanischen Institut und im Haus ihrer Freunde Hermkes, die jedoch am Zeitmangel der Pianistin scheitern. Es ist auch GW, die Maria da Graça's Aufenthalt in Hamburg organisiert und die verängstigte Pianistin in der Stadt und bei den Aufführungen begleitet und ihr als Dolmetscherin dient.

²⁰ Herbert Hübner war ein Musikwissenschaftler und Rundfunkredakteur bei NWDR, wo er in der von ihm organisierten Sendung «Von Neuer Musik» anspruchsvolle moderne Musik bekannt machte. Später (1951-1969) leitete er die öffentlichen Studiokonzerte, «Das neue Werk», wo neben zeitgenössischer Musik auch Beiträge zu Musikästhetik und Musikgeschichte und auch Präsentationen von anderen künstlerischen Ausdrucksformen vorgeführt wurden. Verfügbar in <https://www.ndr.de/das_neue_werk>.

²¹ WOHLWILL, 1950-1958.

Einer Freundin vertraute sie an, dass sie nie den Mut hatte, sich an Thomas Mann direkt zu wenden und ihm eins ihrer Bilder aus Lissabon, wo sein Felix Krull spielt, zu schicken, obwohl sie öfters daran gedacht habe²².

Im Falle der Literatur, suchte GW eine andere Art der Vermittlung, die jedoch nur bedingt erfolgreich war. Nicht nur, dass sie Ilse Losa auf Werke deutschsprachiger Schriftsteller (Bertolt Brecht, Anna Seghers, Robert Musil, Thomas Mann, Franz Werfel, Erhard Kästner) aufmerksam machte, womit sie sicher die Arbeit der Freundin beeinflusste. Sie selbst war sowohl in Portugal als auch nach der Remigration eine eifrige Leserin portugiesischer Schriftsteller: Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira, Manuel Mendes sind einige der Autoren, dessen Werke sie (vermutlich dem Rat der Freundin folgend) las und in den Briefen gelegentlich kommentierte; manchmal hat sie sich mit ihrem Lob direkt an die Autoren gewandt²³. Ein gutes Beispiel für GWs Interesse an portugiesischer Literatur und Kultur sowie für ihre geistige Lebhaftigkeit und ungebrochene intellektuelle Neugier ist die Tatsache, dass sie sich gleich nach ihrer Rückkehr nach Hamburg in den von Dr. Herbert Minnemann geleiteten Kurs für portugiesische Literatur einschrieb, den sie mit großer Freude besuchte.

Noch von Lissabon aus engagierte sich Wohlwill für die Verbreitung portugiesischer Literatur in Deutschland. In den Briefen an Losa liest man, wie Wohlwill ihrem Bekannten Richard Tüngel, dem Direktor der Zeitung *Die Zeit*, die (wahrscheinlich von Ilse Losa gefertigte) Übersetzung von Torgas Versen schickte. Empört schrieb sie über das Ausbleiben einer Antwort.

Ihr Vorschlag an Verleger Christian Wegner, ihre eigene Übersetzung von *A Lã e a Neve* von Ferreira de Castro zu veröffentlichen, soll ebenfalls gescheitert sein. Darüber schreibt sie an Losa, dass der Verlag wie damals die meisten in der BRD ein grundsätzliches Misstrauen gegenüber sozial engagierter Kunst habe²⁴. Auch das Projekt, die Übersetzung von *Terra Fria* von Ferreira de Castro zu veröffentlichen, kam nicht zustande.

²² AHLERS-HESTERMANN, 1989: 46-47.

²³ In diesem Sinn bittet sie Losa, ihr die Adresse von Manuel Mendes zu schicken, da sie ihm direkt ihren Lob aussprechen möchte. WOHLWILL, 1950-1958.

²⁴ Am 23.2.1953 schreibt GW in einer Postkarte aus dem Krankenhaus Jerusalem:

«Mit meiner Übersetzung von *Lã e Neve* [sic] hat das noch so einige Haken, ich erwähnte nämlich das F.d.C. in seinen Romanen soziale Probleme behandle. Da wurden die vom Verlag stutzig u. erbatene nun vorerst genaue Inhaltsangabe.»

Am 17.3. kommt sie auf das Thema zurück:

«Leider wird einstweilen nichts aus der Übersetzung von *Lã e Neve*. Vom Verlag wurde mir geschrieben auf meine eingereichte Inhaltsangabe hin, der Inhalt sei, zu düster u. zu anklägerisch. Sehen Sie, u. das ist einer der ersten deutschen Verlage, Chr. Wegner. Sie machten mich darauf aufmerksam, dass im Droste-Verlag eine neue Ausgabe von *A Selva* vorbereitet wird und dass diese vielleicht an einem anderen Werk desselben Autors interessiert sein könnten. Ich weiss noch nicht, ob ich das unternehme, vielleicht wollen sie auch etwas Rosiges, Blumiges.»

Was Losas Werk betrifft, so erbat sie von der Freundin ein Exemplar ihrer Bücher an die Bibliothek des Ibero-Amerikanischen Instituts zu schicken, damit sie in den Literaturkursen behandelt werden können, und sie erklärte sich bereit, bei der deutschen Übersetzung von *Rio sem Ponte* zu helfen, trotz der bekannten Schwierigkeit, einen Verleger zu finden²⁵.

Zum portugiesisch-deutschen Dialog gehören ebenfalls die sozialen Kontakte, die GW in Portugal sowohl zu Portugiesen als auch zu Deutschen, hauptsächlich Exilanten, knüpfte, von denen die Memoiren und Briefe reichlich Zeugnis geben. Hervorzuheben sind: a. die große und heterogene Freundesgruppe; b. der enge Kontakt, den sie zu vielen dieser Menschen pflegte; c. die Tatsache, dass GW nach ihrer Ankunft sechs Jahre im Haus ihres Bruders, des Arztes und Universitätsprofessors Friedrich Wohlwill, der unter den Lissaboner Ärzten hoch angesehen war, lebte. Ihre finanzielle Unabhängigkeit sicherte sie mit Nähen und Sprachunterricht, und allmählich fing sie wieder an zu malen und machte sich einen Namen als Künstlerin. Als der Bruder und seine Familie nach Amerika emigrierten, blieb sie allein in Lissabon.

In den Memoiren gruppiert GW ihre Bekannten in: 1. Beziehungen, die ihr von den Ausstellungen geblieben sind (Diogo de Macedo, Direktor des Museums für zeitgenössische Kunst, der Kritiker Adriano de Gusmão²⁶); in den Briefen nennt sie weitere Namen, wie die der Maler Carlos Botelho, Lima de Freitas und Júlio Pomar, oder des Malers, Mathematiklehrers und Mitleiter der «Sociedade Nacional de Belas-Artes» José Júlio Andrade dos Santos, u.a.m.; 2. Schüler und ihre Familien (z.B. Familie Homem de Mello); 3. andere Exilanten: Familien Kahn, Jacques, Haas; Lilly Pokorny, Hertha Oppenheimer und Ilse Losa und darüber hinaus noch Menschen, die sie durch das Ehepaar Losa kennen lernte, insbesondere den Architekten Francisco und die Malerin Maria Keil do Amaral oder Dora und den oppositionell eingestellten Zoologen António Machado, um nur einige bekannte Namen zu nennen²⁷. In den Memoiren und in den Briefen gibt es viele Hinweise auf Feiertage und Weihnachten im Haus von Maria und Francisco Keil do Amaral, in Praia das Maçãs; in Torreira und Foz mit der Familie Haas; im Douro, bei der Familie Homem de Melo, in Venda do Pinheiro, in der Nähe von Mafra, bei T., in Porto bei Losas, das Mittagessen zweimal pro Woche bei Kahns, Sonntagsbesuche und Erholungsaufenthalte bei Jacques in Santo Amaro, usw.

²⁵ In dem Brief vom 31. 5.1953 liest man:

«Die Frage ob eine Übersetzung ins Deutsche von „Rio sem Ponte“ hier anzubringen wäre, ist schwer zu beantworten. Natürlich stehe ich Ihnen ganz zur Verfügung, was das Übersetzen kleinerer oder grösserer Teile betrifft. Nun aber einen Verleger finden!»

²⁶ WOHLWILL, 1984: 2.

²⁷ Aus der genauen Lektüre ihrer Memoiren und vor allem der Briefe kann man herauslesen, dass Wohlwill (und auch Losa) sehr viele Exilanten kannte: den Architekten Lesser, den Maler Braumann, die Künstlerin Hansi Staël, den Künstler Hein Semke, Luise Kapp, u.a.m.

Es liegt nahe, dass man trotz ihrer Klagen über Einsamkeit in den Lebenserinnerungen in Wohlwills Fall eher von einer gelungenen Integration sprechen kann. In den Memoiren hebt GW jedoch das Gefühl des Andersseins hervor: «Das Land, Klima und die Stadt Lisboa [sic] sind mir immer fremd geblieben.²⁸»

Fernando Clara stellt die zutreffende Hypothese auf, dass die Bemerkungen von GW über ihre Anpassungsschwierigkeiten vor allem auf das schwierige Verhältnis zu ihrer Schwägerin, der Frau von Bruder Fritz, zurückzuführen seien und er versucht, einige «Mythen» über Wohlwills dürftiges Leben zu korrigieren²⁹. Anders als Maike Bruhns Kommentare, die hauptsächlich auf Informationen beruhen, die sie vor allem in Wohlwills Briefen an den engen Freund, den Maler Eduard Bargheer, gesammelt hat, zeigt die Korrespondenz mit Ilse Losa und mit Maria da Graça Amado da Cunha und in gewisser Hinsicht auch die Lebenserinnerungen eine viel größere affektive Nähe zu Portugal, was nahelegt, den Dialog mit dem Exiland neu zu überdenken.

Die erwähnte Diskrepanz wird bestimmt nicht nur durch eine größere Offenheit gegenüber dem Freund zu erklären sein. Ihr Ursprung hängt wohl ebenfalls mit der Komplexität der Gefühle zusammen, die der Identitätskonstruktion von GW als Exilantin/Emigrantin und Remigrantin zugrunde liegen. Bekanntlich wird im Exil die in einem Dialog „zu zweit“ vorhandene Beziehung zum Anderen durch eine komplexere ersetzt. Dabei wird die Destabilisierung der eigenen Identität in der Beziehung zum Herkunftsland auf das Verhältnis zum Fremden projiziert.

Im Falle von Wohlwill, wie so oft bei Flüchtlichen vor dem Nationalsozialismus, ist das Verhältnis zu Deutschland von der Spannung zwischen der Erinnerung an die Welt, in der sie lebte, und der harten Realität von allmählicher Ausgrenzung, Vertreibung und Exil geprägt. In ihren Lebenserinnerungen zeichnet Wohlwill ein idealisiertes Bild ihrer Kindheit und der Zeit ihrer Jugend bis zum Aufstieg des Nationalsozialismus: Aufgewachsen in einer behüteten Welt, die sich in eine Akkulturation durch Kunst und Kultur und im Glauben an Werte eines aufgeklärten Humanismus wiedererkennt, bleiben ihr die sozialen und politischen Spannungen fern, die der Machtergreifung der Nazis vorausgingen und denen Juden, auch „assimilierte“, zunehmend zum Opfer fielen.

²⁸ WOHLWILL, 1984: 1.

²⁹ CLARA, 2018: 248-249. GW, die aus einer angesehenen, gutbürgerlichen Akademikerfamilie stammte, hat im Exil ein schwieriges und entbehreungsreiches Leben geführt, aber es ist bestimmt übertrieben, was Maria da Graça Amado da Cunha im Jahre 1988 an Brigitte Rosenkranz schreibt: «GW a eu d'énormes difficultés au début de son séjour d'exilé au Portugal: et moi même j'ignorais qu'elle avait habité une pauvre chambre dans un des quartiers les plus pauvres de Lisbonne». Wie Fernando Clara bereits notiert hat, wohnte GW die ersten sechs Jahre ihres Exils im Hause ihres Bruders, in Estrada de Benfica, 463, 1.ª Dt.º und danach in einem bescheideneren Viertel, in R. Dr. Silva Teles, 11, 1.º, aber das war nicht «einer der ärmsten Viertel Lissabons». Am schlimmsten war für sie bestimmt die Tatsache, dass sie, die immer auf ihre Unabhängigkeit Wert legte, sich kein eigenes Zuhause leisten konnte. Im ersten Brief, den sie aus ihrer Wohnung in der Brahmsallee schreibt, kann man folgendes lesen: «Seit 14 Jahren hatte ich ja kein eigenes Heim, immer lebte ich unter fremden Menschen u. Dingen. Sie können sich wohl denken, wie ich das geniesse». Über Wohlwills Biographie, s. BRANDIS, 2020: 107-109.

Das ist sicher der Grund dafür, dass GW trotz ihrer schmerzlichen Erfahrungen in der Zeit von Hitlers Machtübernahme und während des Krieges nicht willig ist, an eine weitverbreitete Schuld der Deutschen zu glauben. Die Vorwürfe gegen Hitler-Deutschland sind sowohl in den Briefen als auch in den Memoiren durchaus klar dargestellt. Auch in dem Interview, das sie Júlio Pomar für den oben zitierten Artikel gibt, bittet GW ihn ausdrücklich aufzuschreiben, was mit ihr und ihrer Familie passiert ist.

Und trotzdem, bleibt Deutschland in ihrer Vorstellung eine Art verlorenes Paradies: seine Landschaft, seine Kultur und die vielen Freunde. In den ersten Ferien in Hamburg nach dem Krieg schreibt sie an Losa aus Lehmsal, aus dem Haus ihres Vetters Paul Wohlwill:

Es ist so bezaubernd hier draussen im Garten und wie genieße ich das langentbehre deutsche Grün [...]. Und menschlich erlebe ich unendlich viel Schönes und Aufregendes. [...] Ich werde verwöhnt und lebe wie in einem Traum³⁰.

In den Memoiren häufen sich Verweise auf deutsche Freunde und Kritik an ihrer Schwägerin, der Frau von Fritz, die eine sehr kritische Meinung gegenüber Deutschen hatte. Trotz einer gewissen Begeisterung über die Rückkehr nach Hamburg musste W. feststellen, dass Juden und Exilanten in der BRD nicht willkommen waren, stattdessen angeklagt wurden, während des Krieges ruhig im Ausland gewartet zu haben und danach unberechtigte Wiedergutmachungszahlungen zu erhalten³¹.

Über diese Ambivalenz der Gefühle vertraute sie sich schon kurz nach ihrem ersten Deutschland-Besuch nach dem Krieg Ilse Losa an:

Persönlich habe ich diesen Sommer ganz andere Eindrücke gehabt, aber ich muss nun wohl doch schweren Herzens zugestehen, dass es ein ganz kleiner Bezirk von Menschen war, in dem ich meine Erfahrungen gesammelt habe.

Wenn Leute so furchtbar gegen Deutschland und gegen die Deutschen wettern, dann bin ich immer versucht, sie in Schutz zu nehmen u. eben meine Freunde als Gegenbeweis anzuführen. [...] Übrigens sagen die Menschen immer zu mir: Ja, ‚Deine Künstler‘! (dies sogar mit etwas verächtlicher Betonung). Nun, es waren durchaus nicht alle Künstler, sondern Menschen waren es. Und dass diese eine Seltenheit sind oder geworden sind, das eben macht mich so unglücklich. Meine Geschwister, besonders meine Schwägerin versäumt keine Gelegenheit um mir einzuhämmern, was für Scheusale alle Deutschen sind. Und das ruft natürlich

³⁰ WOHLWILL, 1950-1958.

³¹ Ahlers-Hestermann, 1989: 47. Zum Thema *Jüdische Remigration nach 1945*, s. z. B., Aschkenasi 2014.

meine Opposition hervor, aber — was ich ihr natürlich nicht zugestehen würde — ganz kleinlaut muss ich wohl zugeben, dass sie in ihrer Auffassung, was eigentlich die Majorität betrifft, recht hat. Und doch, wiederrum, muss ich immer an die wunderbaren Menschen denken, mit denen das Zusammensein mich so beglückt hat, u. möchte nicht glauben, dass sie vereinzelt sind³².

Auch die Beziehung zu den Portugiesen ist von Komplexität und Ambivalenz geprägt. Aus ihren Bemerkungen spricht die Perspektive einer kultivierten Frau aus dem Norden Europas, wenn sie in einem Brief an Bargheer, den Maïke Bruhns zitiert, schreibt: «Nicht nur das Volk ist stumpf, auch die höheren Klassen leben in einer gewissen Dumpfheit dahin. „Provinz“, das Wort passt so gut auch für Lisboa?³³» In den Lebenserinnerungen und in einer zurückhaltenderen Form zitiert sie einen Kommentar, der damals in portugiesischen intellektuellen Kreisen wiederholt wurde: «Es wird behauptet in Lisboa gäbe es 500 Personen, immer dieselben, die Bücher kaufen und die man bei kulturellen Veranstaltungen trifft.³⁴»

Doch schon beim Abschied von Portugal schreibt sie an Bargheer, dass ihr das Weggehen schwer fällt und dass sie gute Freunde zurücklässt³⁵. Vom Schiff aus bedankt sie sich in einem emotional gefärbten Brief beim Ehepaar Losa³⁶, und wenige Monate nach ihrer Ankunft in Hamburg bittet sie ihre Freundin Ilse, ihr zu helfen, ihre Bindungen zu Portugal und zur portugiesischen Kultur sowie zu den Freunden (Portugiesen und Deutschen), die sie hier zurückgelassen hat, am Leben zu erhalten³⁷.

In der Zeit unmittelbar nach ihrer Rückkehr, insbesondere bevor sie die Wohnung in den Grindel-Hochhäusern erhielt, womit eine glücklichere Phase ihres Lebens begann, scheint Portugal als emotional positiv besetzter Bezugspunkt zu fungieren. Die Erinnerungen an Portugal, die vielen Briefe, die sie von dort erhält, und die portugiesische Literatur geben nicht nur der schwierigen Zeit des Exils sondern

³² WOHLWILL, 1950-1958. In demselben Briefen kommentiert sie über Thomas Mann:

«Thomas Mann, ja das ist ein weites Feld. Ich sprach lange u. eingehend mit einer Freundin darüber, sie ekelte sich direkt vor dieser Campagne gegen ihn. Ich glaube allerdings nicht, dass es ihn selbst irgendwie berührt u. gewiss nicht seine Werke herabsetzen kann, wenn neben ernst zu nehmende Anwürfen auch dumme Witze über ihn gemacht werden. Übrigens sagt man ja, dass nichts einen Mann so populär macht wie solche persönlichen Attacken. Unsinn ist ja zu sagen, dass er nicht gekauft wird. Grade eben, ich glaube im Fischerverlag erscheint eine Gesamtausgabe seiner Werke.»

³³ *Apud* BRUHNS, ed., 1989b: 38.

³⁴ WOHLWILL, 1985: 7.

³⁵ BRUHNS, ed., 1989b: 38.

³⁶ Am 9.9.1952 schreibt sie an Bord des Schiffes Latour:

«Sie selbst wissen so gut wie ich selbst, wieviel ich in diesen Jahren Ihnen verdanke u. wie beglückend für mich die Freundschaft mit Ihnen u. auch mit Arménio ist. Ich sage mit vollem Bewußtsein nicht gewesen ist, denn ich hoffe, es bleibt so. Wirklich, ich hätte nie zu hoffen gewagt, dass ich im Exil, oder wie soll ich es nennen, mich noch an Menschen u. dazu noch so junge Menschen mich innerlich verbinden würde.»

³⁷ In dem Brief vom 17.1.1953 liest man: «Wirklich, es ist mir ungeheuer wichtig, durch Sie mit dem geistigen Leben Portugals, an dem ich mich zunehmend gehörig gefühlt habe, verbunden zu wissen.»

auch der schwierigen Phase der Remigration Sinn und menschliche Wärme. Wenn Deutschland während Wohlwills Aufenthalts in Lissabon ein ständiger Bezugspunkt war, kehrt sich die Situation wenigstens eine Zeit lang anscheinend um.

Als Beispiel lese man in einem Brief aus der Remigration:

Auch der Sonne kann man hier nicht trauen. Ja, das ist ein grosser Nachteil gegenüber unseren Portugal. Die Flut der angezeigten Konzerte, Theater und anderen künstlerischen Veranstaltungen kann das kaum ausgleichen.

Und Wohlwill, die in Portugal das Fehlen des deutschen Grüns bedauert hat, schreibt nun, dass der Lichtmangel im deutschen Winter die Verurteilung des Malers aus dem Norden ist.

Die politische und soziale Alterität gegenüber Portugal scheint an Wichtigkeit zu verlieren. Wenn sie in den Lebenserinnerungen mit Kritik an der politischen Situation in Portugal nicht verschont und Armut, Rückständigkeit und kulturelle Dürftigkeit, sowie die Unterdrückung durch die Diktatur anprangert³⁸, so beklagt sie in den Briefen auch die politische Situation in der BRD der fünfziger Jahre: d.h. die herrschende Schlussstrichmentalität. Sie bedauert z. B., dass die neuveröffentlichte Literatur und die neuinszenierten Theaterstücke einem Programm des Schweigens über die jüngere Vergangenheit entsprechen:

Aus allen Neuerscheinungen habe ich den Eindruck, dass man vermeidet an jene Zeiten [...] zu rühren. Wenn Sie als Erzeugnis der gegenwärtigen deutschen Literatur, die Zeitschrift ‚Heute und Morgen‘ lesen, und meinen, dass sich darin der Zeitgeist ausdrückt, so sind Sie im Irrtum. Ich bin sicher, dass diese vorzügliche Zeitschrift einstweilen geduldet wird und halte es für wahrscheinlich, dass sie nicht mehr lange bestehen wird. Es sieht finster aus in Deutschland. Ich höre mancherlei durch meinen Freund R. und Frau A., auch von Anderen, deren Namen Ihnen unbekannt, und die in ihrer ‚Liga für Frieden und Freiheit‘ fanatisch kämpfen, aber immer durch Verbote bedroht und gehandicapt sind. In den Tageszeitungen werden niemals auch nur andeutungsweise jene bösen Zeiten erwähnt. Ich war

³⁸ WOHLWILL, 1985: 7. Es ist interessant zu bemerken, dass in den Briefen die Kritik an den politischen und sozialen Verhältnissen in Portugal vorsichtiger ausgedrückt wurden, vermutlich weil GW sich bewusst war, dass der Briefwechsel mit Ilse Losa von der portugiesischen politischen Polizei kontrolliert wurde. Aus Deutschland schreibt sie am 14.12.1952, dass sie eingeladen wurde, einen Vortrag über Portugal zu halten und kommentiert: «Es versteht sich von selbst, dass alles Politische fortfallen muss, denn, da ich hoffe, noch recht oft nach Portugal zu kommen, könnte das mir sehr schaden.» Zwei Wochen später kommt sie auf das Thema zurück:

«Den Vortrag ziehe ich wahrscheinlich zurück, wenn man doch nicht die Wahrheit sagen kann, hat es keinen Sinn. Im persönlichen Gespräch, versuche ich die Leute über manches aufzuklären, aber im grösseren Kreis kann man nie wissen, ob es da nicht doch auf die eine oder andere Weise wieder nach dort gelangt, das könnte mir u. vielleicht auch Anderen schaden.»

höchst überrascht, neulich in der „Zeit“ einen kleinen Artikel über den Rabiner Baeck zu finden, freilich war er sehr zahm³⁹.

GW, die sich entgegen den Ansichten ihrer Schwägerin weigerte zu akzeptieren, dass in Deutschland nur ihre Künstlergruppe ein von Humanismus und Menschlichkeit geleitetes Verhalten hätte, scheint jetzt anders zu denken. Aus einer nicht weniger elitären, transnationalen Perspektive heraus schreibt sie tröstend an Maria da Graça, dass es nur eine kleine Gruppe Menschen gäbe, unter denen man gut aufgehoben und von Freunden verstanden, wie auf einer Insel, leben könne, sie beide hätten das große Glück zu dieser Gruppe zu gehören.

In den Beziehungen, die GW zu Portugal aufbaute, soll auch ihr Verhältnis zur portugiesischen Sprache hervorgehoben werden, die sie, wie sie in den Lebenserinnerungen schreibt, lieben lernte.

Die Diskussion über Sprachverlust und Spracherwerb, über Einzigartigkeit bzw. Austauschbarkeit der Muttersprache, um existentielle Verankerung in der Muttersprache und um Sprachverlust als Verunsicherung und existenzieller Einschnitt ist bekanntlich ein breit diskutiertes Feld der Exilforschung, das die Fremdsprache als Zeichen der Alterität und ihren Erwerb als Zeichen der im Exilland erreichten Akkulturation interpretiert⁴⁰.

Die Briefe, die GW auf Portugiesisch an Maria da Graça Amado de Cunha schrieb, überraschen⁴¹. Oft mit der palimpsestischen Präsenz des Deutschen (oder anderer Sprachen wie Französisch und Italienisch) gefärbt, kann man nicht vom einem fehlerfreien Portugiesisch sprechen, aber die lexikalische Breite sowie die Komplexität und Korrektheit der Satzstrukturen sind beachtlich.

Und wenn die Schwierigkeiten, die sie beim Schreiben von Portugiesisch hat, lange und häufig in Briefen an Maria da Graça thematisiert und als Entschuldigung dafür benutzt werden, nicht öfter zu schreiben, darf man nicht übersehen, dass sie in diesem Briefwechsel auch keine andere Sprache (evtl. Französisch) verwenden möchte. Es ist bemerkenswert, dass sie bis zu ihrem Lebensende mit Maria da Graça auf Portugiesisch korrespondiert: sogar der letzte, rührende und sehr kurze Brief, der schon schwer lesbar ist, in dem sie der Freundin mitteilt, dass sie einen *stroke* erlitten hat und hinzufügt, dass sie den Namen auf Portugiesisch nicht weiss.

Abschließend ist zu betonen, dass GWs Aufenthalt in Portugal nicht nur als eine dysphorische Unterbrechung in ihrem Leben betrachtet werden kann. Im Gegenteil,

³⁹ WOHLWILL, 1950-1958. Auch in einem Brief an Maria da Graça Amado da Cunha, die sich über die repressive und erstickende Atmosphäre in Portugal beklagt hatte, schreibt GW, dass es in Deutschland zwar keine Zensur gäbe, die Dinge aber nicht viel anders seien.

⁴⁰ BISCHOFF, GABRIEL, KILCHMANN, 2014: 9-28.

⁴¹ Weder auf die Benutzung portugiesischer Wörter und Ausdrücke in den Briefen an Losa noch auf die Hinweise der Kritiker auf das „malerische“ Portugiesisch von Wohlwill wird hier eingegangen.

der komplexe und, wie die Malerin selbst schreibt, nicht immer friedliche Dialog mit Portugal⁴² war in den letzten zwei Jahrzehnten von GWs Leben eine Konstante, die sie zuerst als Herausforderung erlebte und ihr später eine echte existentielle Verankerung und eine emotionale Stütze war. Was die Rolle als Vermittlerin zwischen den beiden Kulturen betrifft, sei eine kleine Geschichte erzählt, die GW selbst oft wiederholt hat. Zur Ermutigung ihrer Freundinnen Ilse Losa, Maria Keil und Maria da Graça Amado da Cunha schreibt GW an verschiedenen Stellen denselben Kommentar, den sie selbst von ihrem Freund Eduard Bargheer gehört hat, als sie sich über den mangelnden Erfolg ihrer eigenen Kunst beklagte. «Wenn du keinen großen Stein rollen kannst, so kannst du wenigstens einen kleinen rollen.» Gretchen Wohlwill wurde in ihrem langen und bemerkenswerten Leben nie müde, als Vermittlerin zwischen Deutschland und Portugal kleine und große Steine zu rollen.

QUELLEN

WOHLWILL, Gretchen (1950-1958), *[Briefe an] Ilse Losa*, Privatbesitz.

WOHLWILL, Gretchen (1953-1962), *[Briefe an] Maria da Graça Amado da Cunha*. Biblioteca Nacional, Lisboa, Portugal. E72/Cx 3; 3.º andar/sala dos Reservados.

Staatsarchiv Hamburg

Familie Wohlwill III, 15. Gretchen Wohlwill. Teilnahme an Gemeinschaftsausstellungen portugiesischer Maler. Drucksachen. 1946-19, 1959.

BIBLIOGRAPHIE

AHLERS-HESTERMANN, Tatiana (1989). *Einige Erinnerungen an die Malerin*. In BRUHNS, Maike, ed. *Gretchen Wohlwill. Eine jüdische Malerin der Hamburgischen Sezession*. Hamburg: Ellert & Richter Verlag, pp. 46-48.

ASCHKENASI, Marina (2014). *Jüdische Remigration nach 1945*. «APuZ. Aus Politik und Zeitgeschichte». 64:42, 22-27.

BISCHOFF, Doerte; GABRIEL, Christoph; KILCHMANN, Esther (2014). *Sprache (n) im Exil. Einleitung*. In BISCHOFF, Doerte; GABRIEL, Christoph; KILCHMANN, Esther, Hrsg. *Sprache (n) im Exil. Exilforschung. Ein internationales Jahrbuch*. München: edition text + kritik.

BRANDIS, Matthias (2020). *Meines Großvaters Geige. Das Schicksal der Hamburger jüdischen Familien Wohlwill und Dehn*. Berlin, Leipzig: Heinrich & Hentrich Verlag.

BRUHNS, Maike, ed. (1989a). *Gretchen Wohlwill. Eine jüdische Malerin der Hamburgischen Sezession*. Hamburg: Ellert & Richter Verlag.

BRUHNS, Maike, ed. (1989b). *Das schwierige Verhältnis zu Hamburg*. In *Gretchen Wohlwill. Eine jüdische Malerin der Hamburgischen Sezession*. Hamburg: Ellert & Richter Verlag, pp. 22-46.

CLARA, Fernando (2018). *Breve nota em torno do exílio português de Friedrich e Gretchen Wohlwill*. In OLIVEIRA, Teresa Martins de; TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar, eds. *De passagem: artistas de língua alemã no exílio português*. Porto: ILCML (FLUP)/Edições Afrontamento. Estudos da Literatura Comparada, 19, pp. 241-254.

⁴² WOHLWILL, 1985: 1-9.

- EAKIN, John Paul (2008). *Living autobiographically. How we create identity in narrative*. New York: Cornell University Press.
- GOMES, Inês Vieira Gomes (2010). *Sociedade cooperativa de gravadores portugueses: o renascimento da gravura em Portugal*. Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- HAMMER, Gerd (2018). *Ilse Losa — Schreiben als Selbstvergewisserung*. In OLIVEIRA, Teresa Martins de; TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar, eds. *De passagem: artistas de língua alemã no exílio português*. Porto: ILCML (FLUP)/Edições Afrontamento. Estudos da Literatura Comparada, 19, pp. 65-77.
- OLIVEIRA, Teresa Martins de (2018). *Entre a Alemanha e Portugal: As cartas de Gretchen Wohlwill à amiga Ilse Losa*. In OLIVEIRA, Teresa Martins de; TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar, eds. *De passagem: artistas de língua alemã no exílio português*. Porto: ILCML (FLUP)/ Edições Afrontamento. (Estudos da Literatura Comparada; 19), pp. 255-289.
- OLIVEIRA, Teresa Martins de; TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar, eds. (2018). *De passagem: artistas de língua alemã no exílio português*. Porto: ILCML (FLUP)/Edições Afrontamento. (Estudos da Literatura Comparada; 19).
- POMAR, Júlio (2014). *Notas sobre uma arte útil. Parte escrita I (1942-1960)*. Lisboa: Documenta.
- ROSENKRANZ, Brigitte (1989). *Stilistische Entwicklung der Arbeiten*. In BRUHNS, Maike, ed. *Gretchen Wohlwill. Eine jüdische Malerin der Hamburgischen Sezession*. Hamburg: Ellert & Richter Verlag, pp. 48-70.
- WOHLWILL, Gretchen (1984). *Gretchen Wohlwill. Lebenserinnerungen einer Hamburger Malerin*. Bearbeitet von Hans-Dieter Loose. Hamburg: Gesellschaft der Bücherfreunde zu Hamburg.

METAMORFOSES. DAS UNIVERSIDADES, DAS HUMANIDADES E DA POLÍTICA NO CONTEXTO LUSO-ALEMÃO DE TRANSIÇÃO PARA O PÓS-GUERRA*

FERNANDO CLARA**

Resumo: *Nas últimas duas décadas, têm sido publicados diversos estudos sobre o papel das universidades nos regimes autoritários da primeira metade do século XX. Mais recentemente, tem-se procurado perceber o papel destas instituições num quadro político internacional alargado, chamando a atenção para as redes académicas internacionais então constituídas ou para a circulação e apropriação de ideias durante o período. O ensaio debruça-se sobre um relato de viagem à Península Ibérica de Willy Andreas, historiador e reitor da Universidade de Heidelberg, entre 1931 e 1933. Publicado em 1949, numa fase muito sensível de transição para o mundo do pós-guerra, a viagem descrita no livro teve, no entanto, lugar em 1944. Procura-se reconstruir os contextos tanto da publicação como da viagem. Dá-se especial atenção às redes universitárias luso-alemãs da época.*

Palavras-chave: *Universidade; Política; Regimes autoritários; Pós-guerra; Redes académicas luso-alemãs; Willy Andreas, Hans-Georg Gadamer.*

Abstract: *The past two decades have seen the publication of several studies on the role of universities in the authoritarian regimes of the first half of the 20th century. More recently, efforts have been made to understand the role of these institutions in a broader international political framework, drawing attention to the international academic networks formed at the time or to the circulation and appropriation of ideas during the period. The essay focuses on a travelogue to the Iberian Peninsula by Willy Andreas, historian and rector of the University of Heidelberg between 1931 and 1933. Published in 1949, in a very sensitive phase of transition to the post-war world, the book describes a journey that took place in 1944. An attempt is made to reconstruct the contexts of both the book and the journey. Special attention is paid to the German-Portuguese academic networks of the time.*

Keywords: *University; Politics; Authoritarian regimes; Post-war; German-Portuguese academic networks; Willy Andreas; Hans-Georg Gadamer.*

AS UNIVERSIDADES, A POLÍTICA E AS HUMANIDADES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Nas últimas duas décadas têm surgido diversos estudos sobre o papel das universidades nos regimes autoritários da primeira metade do século XX¹. O interesse que está na origem destes trabalhos não é novo. De facto, logo após a queda do regime

* O autor não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Email: f.clara@fcs.h.unl.pt. ORCID: 0000-0001-7879-9527.

¹ Cf. BIALAS, RABINBACH, eds., 2007; CONNELLY, GRÜTTNER, eds., 2005; GRÜTTNER et al., eds., 2010, entre muitos outros.

nazi, o judeu emigrado Max Weinreich debruçara-se já de uma forma precursora sobre o papel da universidade e dos professores universitários na Alemanha nazi² e, à passagem dos vinte anos do fim do conflito mundial, caberia — finalmente — às universidades alemãs entrarem num processo de introspecção e reflexão críticas sobre os acontecimentos de que foram palco e as transformações que protagonizaram entre 1933 e 1945³. A partir dos anos de 1980, seguir-se-iam, na Alemanha, inúmeras outras publicações que confrontam o passado universitário local⁴ ou a evolução — leia-se «nazificação» — de campos disciplinares específicos ao longo do período em questão⁵.

Genericamente, estes trabalhos desenvolvem-se sob um pano de fundo comum, constituído pela necessidade de compreender criticamente o passado recente, e exploram temáticas diversas, que vão desde o peso da ciência e dos institutos de investigação científica no desenrolar do conflito ao papel da educação (e, em especial, do ensino superior) na formação das mentalidades e políticas autoritárias da época, sem esquecer, naturalmente, o quadro fortemente repressivo que a vida universitária então conheceu, com a expulsão de docentes e estudantes, segregação de minorias, silenciamento de doutrinas ou quadros teóricos incómodos para os regimes políticos vigentes.

Esta constelação temática conheceu, entretanto, uma transformação significativa nas últimas décadas, com a «viragem internacional» (ou, se se preferir, «transnacional») que afectou sobretudo a área da História⁶ e colocou as noções de «rede», «relação», «mobilidade», «circulação», «transferência», «apropriação» ou «internacionalização» no centro das atenções e interesses académicos. Ora, justamente, no quadro de uma análise atenta à questão inter- ou transnacional, as universidades, enquanto importantes plataformas de intercâmbio e de internacionalização dos regimes autoritários, ganharam um novo protagonismo⁷, desde logo porque oferecem uma perspectiva privilegiada sobre o «paradoxo pan-fascista»⁸, *i. e.*, revelam e, ao mesmo tempo, permitem perceber as complexas teias internacionais paradoxalmente tecidas por regimes radicalmente nacionalistas que se diziam autárcicos e «solitários» apesar de se mostrarem «solidários» entre si⁹. É de resto neste âmbito que as humanidades e os estudos sobre as filologias modernas (nomeadamente a romanística e a germanística) tendem a ganhar um renovado destaque, já que tiveram, enquanto plataformas de mediação cultural, científica e (obviamente também) política, um papel de inegável relevância na época.

² WEINREICH, 1946.

³ FLITNER, *ed.*, 1965; UNIVERSITÄTSTAGE, 1966.

⁴ Vejam-se, a título de exemplo, BECKER, DAHMS, WEGELER, *eds.*, 1998; GOLCZEWSKI, 1988; VEZINA, 1982.

⁵ ALLEMANN, *ed.*, 1983; DOW, LIXFELD, *eds.*, 1994; HAUSMANN, *ed.*, 2002; JÜTTE, 2011.

⁶ Cf. IRIYE, 2013.

⁷ Cf. BAUERKÄMPER, ROSSOLIŃSKI-LIEBE, *eds.*, 2017; DAFINGER, POHL, *eds.*, 2019; ALBRECHT *et al.*, *eds.*, 2022.

⁸ BROUWER, 2022.

⁹ DAFINGER, 2017.

A intimidade da relação entre as universidades, as humanidades e a política, que aqui se adivinha e atravessa toda a primeira metade do século XX, não deveria ser motivo de surpresa, especialmente para quem trabalhe na área da germanística. Basta recordar o conhecido apelo «ao mundo da cultura», assinado por diversos intelectuais alemães e publicado em 5 de Outubro de 1914, no «Freiburger Zeitung»¹⁰, ou a «Declaração dos professores das universidades e das escolas superiores do Império Alemão»¹¹, surgida pouco mais de duas semanas depois. São ambos documentos que marcam, sem dúvida, um momento decisivo da entrada em cena do mundo universitário no palco da política internacional, momento esse que, de resto — e justamente pela dimensão simbólica que adquiriu —, viria a ser emulado pelo regime nazi em 1933 com a «Declaração de apoio a Adolf Hitler e ao Estado nacional-socialista dos professores das universidades e das escolas superiores alemãs»¹². Mas não seria historicamente justo (nem correcto) ver nestes documentos de 1914 e 1933 o início de uma relação entre as universidades e a política que haveria de ser tão profícua ao longo da primeira metade do século XX.

Com efeito, se se tiver em consideração o congresso fundador da germanística, que teve lugar na cidade de Frankfurt, em Setembro de 1846, e todo o quadro histórico, político e social em que este se desenrolou — nomeadamente as notícias dos jornais da época que o anunciam como um evento de cariz eminentemente político sobre a questão do Schleswig-Holstein¹³ —, rapidamente se constata que algumas áreas universitárias das humanidades, como o Direito, a História ou a Filologia, estão umbilicalmente ligadas à política, e mais especificamente às políticas nacionalistas dos respectivos Estados, já desde meados do século XIX. Sob este ponto de vista, a primeira metade do século XX constitui menos o início da politização das universidades do que o culminar de um processo mais global de politização do saber. Trata-se, aliás, de um processo que diversas vozes universitárias da época perseguem e anseiam, como é o caso de Gustav Adolf Rein, um dos signatários da declaração dos professores alemães a favor de Hitler e do Estado nacional-socialista em 1933¹⁴ e docente da Universidade de Hamburgo, da qual seria também reitor entre 1934 e 1938. Num ensaio publicado em 1933 e intitulado *Die Idee der politischen Universität*¹⁵, Rein faz a apologia de uma «nova universidade» para a «nova Alemanha», seguindo uma linha de raciocínio histórico-cronológica que reflecte bem a mentalidade característica do período e a centralidade que a política aí adquirira: se cada época teve a sua universidade — a universidade dos séculos XIV a XVII fora uma

¹⁰ AN DIE KULTURWELT, 1914.

¹¹ ERKLÄRUNG, 1914.

¹² BEKENNTNIS, 1933.

¹³ VERHANDLUNGEN, 1846.

¹⁴ Cf. BEKENNTNIS, 1933: 130.

¹⁵ REIN, 1933.

«universidade teológica», e a universidade dos séculos XVIII e XIX uma «universidade filosófico-humanística» —, a universidade do século XX teria necessariamente de ser uma «universidade política»¹⁶, *i. e.*, uma universidade disciplinarmente subordinada à política e regulada pelo poder político¹⁷.

Os estudos que se debruçam sobre os contextos universitários luso-alemães entre 1933 e 1945 não têm sido alheios a algumas das questões aqui brevemente afloradas¹⁸. E cumpre aliás sublinhar que também o mundo universitário português da época estava já atento a esta permeabilidade da universidade à política, uma vez que a única tradução para uma língua estrangeira do ensaio de Rein foi justamente feita para a língua portuguesa, em 1937, por João da Providência Costa, catedrático de filologia germânica da Universidade de Coimbra e primeiro director do instituto alemão daquela universidade¹⁹. Neste âmbito há, no entanto, ainda muito por fazer e para fazer. O caso que será de seguida objecto de breve análise procura, no essencial, contribuir para compreender melhor e de uma forma mais abrangente as redes, as relações e os indivíduos que sustentam e promovem a circulação destas ideias, e tem sobretudo o mérito de expor algumas das redes académicas luso-alemãs da época numa fase particularmente sensível para os dois países, a saber: a fase da transição para o pós-guerra.

HEIDELBERG-LISBOA: WILLY ANDREAS *ET AL.*

Em 1949, o historiador Willy Andreas, que, entre 1931 e 1933, havia sido reitor da Universidade de Heidelberg, publica o relato de uma viagem à Península Ibérica²⁰, cujo título — *Reisebilder aus Spanien und Portugal* — parece ecoar, de uma forma provavelmente não inocente, o título de um conhecido livro de viagens do judeu-alemão Heinrich Heine. No início do prefácio, são explicadas as origens do livro:

Dieses Buch ist aus Aufzeichnungen entstanden, die ich ursprünglich nur für meine Familie niederschrieb. Zugleich leitete mich, als ich die Feder ansetzte,

¹⁶ REIN, 1933: 5-6.

¹⁷ O ensaio constitui a base do seu discurso de tomada de posse como reitor da Universidade de Hamburgo, em Novembro de 1934, discurso esse que é entretanto bem mais radical e explícito em relação aos princípios nacional-socialistas que o seu autor perfilha; REIN, 1934.

¹⁸ Cf. entre outros DELILLE, 2003; TORGAL, 2000, 2019; NINHOS, 2016a, 2016b; CLARA, 2013. Os estudos aqui referenciados discutem especificamente o quadro das relações universitárias luso-alemãs. Olhares mais abrangentes sobre o relacionamento luso-alemão da época são proporcionados em vários dos volumes editados dos Diálogos Luso-Alemães, assim como em diversos outros trabalhos de Luís Reis Torgal, Irene Pimentel ou Cláudia Ninhos.

¹⁹ REIN, 1937. Sobre esta tradução portuguesa do ensaio de Rein, veja-se também TORGAL, 2009: I, 526-529. Digno de nota, neste contexto, é o facto de o reitor cessante da Universidade de Hamburgo, Eberhard Schmidt, se alongar no seu discurso de despedida sobre o desenvolvimento das áreas mais ligadas ao conhecimento do estrangeiro (*Auslandskunde*), referindo-se nomeadamente às conferências de professores convidados estrangeiros que tiveram lugar durante o seu mandato e destacando, de entre os conferencistas, o nome de Providência Costa; SCHMIDT, 1934: 11.

²⁰ ANDREAS, 1949.

*das Bedürfnis, den Eindrücken Gestalt zu geben, die in wenigen Wochen auf mich eingestürmt waren und mich seither immer wieder beschäftigten. Denn selten wirkte das Erlebnis einer Reise so tief in mir nach wie jener Ferienbesuch in Spanien, den ich durch einen Abstecher nach Lissabon bereichern konnte*²¹.

O tom, relativamente trivial para o prefácio de um qualquer relato de viagem, rapidamente se transforma, no entanto, quando, um pouco mais adiante, o autor refere que a viagem de «férias» teve lugar alguns anos antes, durante a guerra, e decorreu de um convite do Instituto Diego Velazquez de Madrid para proferir uma palestra, convite esse que Andreas não viu como recusar «obwohl und gerade weil sie mich mitten im Kriege erreichte»²². A publicação do livro em 1949 procura ir ao encontro do interesse do público alemão da época, que o autor imagina estar ávido de notícias do estrangeiro face ao isolamento da Alemanha no pós-guerra: «In einem Augenblick, wo uns das Ausland verschlossen ist und auch die Bücher über fremde Länder so selten und schwer erreichbar geworden sind, werden vielleicht manche Leser gerne zu dem meinen greifen»²³.

A viagem a Espanha e Portugal é o primeiro livro de Andreas depois do final da guerra, e é um volume *sui generis* a vários títulos, seja porque se trata de uma obra de excepção no conjunto da produção fundamentalmente histórica do autor, seja porque há uma diferença radical de contexto entre o momento da viagem e o momento da publicação do livro que lhe empresta uma estranheza e uma ambiguidade invulgares.

Com efeito, «viagem de férias» e «guerra» estão em campos semânticos muito distantes e não combinam exactamente de uma forma harmoniosa. É claro que a viagem a uma Península Ibérica que tinha sido poupada aos horrores da guerra podia ser considerada uma viagem de relativo lazer para quem se deslocasse do centro devastado da Europa, mas, a verdade, é que esta diferença temporal entre o momento da viagem e os momentos da sua escrita e publicação causam algum desconforto (para não dizer desconfiança) no leitor, desconforto esse que se agrava ao longo de todo o livro, sobretudo por causa dos silêncios sistemáticos a que a guerra e alguns detalhes da viagem são submetidos. Quando teve lugar o périplo ibérico de Willy Andreas? Começou «num dos primeiros dias de Março», concede o autor²⁴. O ano, contudo, é omitido. O mesmo se passa em relação à guerra, a qual é sugerida (mais do que mencionada) apenas num breve comentário, já claramente escrito no pós-guerra, quando Andreas interrompe abruptamente um discurso directo descritivo, em que relata as visões e os pensamentos que o assaltam ao sobrevoar a França, e observa:

²¹ ANDREAS, 1949: 9.

²² ANDREAS, 1949: 9.

²³ ANDREAS, 1949: 10.

²⁴ ANDREAS, 1949: 11.

«Wir wußten ja *damals schon*, wie sehr sich die Stimmung in Frankreich gegen die Besatzung verschärft hatte und wie heftig sich die Widerstände geheim und offen zusammenballten»²⁵. O passado e a guerra pairam como uma sombra sobre todo o livro, assombram-no e ensombram-no, constituem-se como uma espécie de ausência sempre presente que o leitor não pode ignorar. A ausência de coordenadas referenciais, especialmente das coordenadas temporais, marca, assim, decisivamente todo o texto e só é compensada pela riqueza das muitas ilustrações fotográficas que dão ao livro o cunho de autenticidade característico da literatura de viagens.

Na última página da obra, fica uma breve e lacónica nota biográfica do autor — «Dr. phil. WILLY ANDREAS, ordentlicher Professor für neuere Geschichte in Heidelberg. Geboren am 30. Oktober 1884 in Karlsruhe i. B. Korrespondierendes Mitglied der Berliner und der Münchner Akademie der Wissenschaften» — e uma lista das suas publicações²⁶. A lista enumera, de facto, as principais obras do autor, mas omite, por exemplo, um volume particularmente crítico da política «imperialista» da Inglaterra, intitulado *Englands Machtpolitik* e da autoria do seu sogro, o historiador Erich Marcks, que Andreas significativamente editou e prefaciou um ano após o início da Segunda Guerra Mundial²⁷. Mais: a lista é completamente omissa em relação à colaboração de Andreas com a imprensa nacional-socialista. Aí não constam os seus artigos surgidos no jornal «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens»²⁸ ou as notas históricas publicadas em «Der Führer: Das badische Kampfblatt für nationalsozialistische Politik und deutsche Kultur»²⁹, nem o discurso proferido por ocasião da matrícula de novos alunos na Universidade de Heidelberg, em 15 de Maio de 1933, e publicado na revista «Forschungen und Fortschritte», sob o título *Nationalsozialismus und Universität*³⁰. As palavras que o então ainda reitor da universidade de Heidelberg dirigiu aos estudantes, apenas quatro dias depois da primeira queima de livros em Heidelberg³¹ merecem ser recordadas porque não deixam grandes margens para dúvidas em relação ao seu alinhamento com o novo regime alemão:

*Der Entwicklungsmarkstein, den der Nationalsozialismus mit diesen grundstürzenden Umbildungen gesetzt hat, darf nicht mehr nach rückwärts verrückt werden. [...] Der Nationalsozialismus ist Deutschlands Schicksal geworden! Er muß seine Sendung erfüllen*³².

²⁵ ANDREAS, 1949: 18.

²⁶ ANDREAS, 1949: 214.

²⁷ MARCKS, 1940.

²⁸ ANDREAS, 1932, 1943, 1944.

²⁹ ANDREAS, 1936, 1940. Note-se que a colaboração de Andreas na imprensa nacional-socialista é bastante mais vasta e está ainda por inventariar. A lista das publicações aqui referenciadas está, portanto, muito longe de ser exaustiva.

³⁰ ANDREAS, 1933.

³¹ Cf. JANSEN, 1992: 234-235.

³² ANDREAS 1933: 290.

E Andreas prossegue, antecipando que na universidade, nas humanidades e na História são esperadas grandes mudanças que irão ao encontro das doutrinas nacional-socialistas:

Im Gesicht der Geisteswissenschaften dürften sich die Jüngsten revolutionären Wandlungen und Erlebnisse, in deren Fluß wir uns befinden, besonders einprägsam abzeichnen. Die Geschichte wird wieder dartun, daß sie Lehrmeisterin der Völker und der Jugend sein kann, wenn diese nur gewillt sind, vom Historiker zu lernen, in dessen Betrachtung sowohl die Erscheinungen des großen führenden Menschen als auch der Massen eingehen. Vernachlässigte oder im Werden begriffene Wissensgebiete, wie die Volkskunde, wie Vorgeschichte und Rassenkunde erhoffen Aufschwung und sorgfältigere Pflege³³.

Estas afirmações de 1933 dificilmente poderiam contrastar mais com o que fica dito no prefácio do relato de viagem de 1949 em relação ao seu silêncio sobre os regimes ditatorais dos dois países ibéricos:

Beobachtungen politischer Art konnte ich nur wenige machen. Denn in Ländern, wo eine Diktatur herrscht, pflegt man, wie jedermann weiß, das Herz nicht gerade auf der Zunge zu tragen, und der ausländische Gast wird sich in schwieriger Zeit- und Seelenlage ja wohl auch nicht versucht fühlen, mit der Tür ins Haus zu fallen³⁴.

Há uma diferença radical entre os contextos de 1933 e de 1949, entre o percurso de vida do autor e a nota biográfica deixada no final do livro, assim como entre as notas de viagem iniciais destinadas à família e a reescrita dessas notas para publicação, que tornam o texto nebuloso, complexo e, não raro, labiríntico. Em todo o caso, os dois capítulos dedicados a Portugal, um a Lisboa e o outro a Sintra, ajudam, em grande medida, a resolver os problemas decorrentes da ausência de uma referencialidade temporal bem definida no texto, tornando assim possível uma reconstrução histórica fidedigna do enquadramento político da viagem que esteve na base do livro.

As referências às refeições na companhia do romanista Karl Vossler (em Madrid), do filósofo Hans-Georg Gadamer e do físico Carl Friedrich von Weizsäcker (filho do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernst von Weizsäcker), ou a indicação

³³ ANDREAS, 1933: 292. Em todo o caso, deve acrescentar-se que a relação de Andreas com o nacional-socialismo e, mais especificamente, com os estudantes nacional-socialistas da Universidade de Heidelberg é bastante mais problemática do que aquilo que estas declarações públicas parecem dar a entender. Sobre Andreas e a Universidade de Heidelberg daquele período vejam-se, entre outros, DOERR, iii, *ed.*, 1985; DRÜLL, 2019: 86-87; ECKART, SELLIN, WOLGAST, *eds.*, 2006; JANSEN, 1992: 229-297; VEZINA, 1982; WILSON, 1996: 396-397.

³⁴ ANDREAS, 1949: 10.

de que a palestra por si proferida em Lisboa foi feita no recém-fundado instituto de cultura alemã, onde Vossler também já discursara por ocasião da sua inauguração³⁵, permitem situar a viagem em Março de 1944. O que significa que o périplo ibérico de Andreas estava claramente integrado na ofensiva que a propaganda alemã levou a cabo em Portugal nos primeiros meses de 1944³⁶ e teve portanto um inegável enquadramento político-cultural (cuidadosamente omitido no relato de 1949).

As observações que Willy Andreas deixa sobre Lisboa e arredores são triviais e relativamente fugidias, já que, na verdade, as paisagens, os costumes, os habitantes e os monumentos lhe servem fundamentalmente de pretexto para longas digressões históricas sobre a Restauração³⁷, o Marquês de Pombal³⁸, o terramoto de Lisboa³⁹ ou os Descobrimentos⁴⁰. No entanto, as observações sobre a figura polémica de Pombal merecem destaque pela relevância que parecem ter para o autor, na medida em que lhe permitem tomar posição em relação ao autoritarismo do Marquês e, por extensão, a qualquer tipo de autoritarismo. Sublinhando que «Pombal wird sofort zum Prüfstein der Weltanschauung»⁴¹, e depois de traçar um quadro negro do violento «furor» político do ministro português, Andreas não hesita em mostrar de que lado está — quer dizer, de que lado está em 1949, bem entendido — e conclui sobre o Marquês: «Ein Despot bleibt er [...] auf jeden Fall. Meinetwegen ein aufgeklärter Despot.»⁴²

O relato de Andreas torna-se entretanto especialmente interessante quando confrontado com a memória que um dos seus comensais já atrás mencionado, Hans-Georg Gadamer, deixou da mesma viagem. De facto, as páginas que Gadamer dedica à viagem a Portugal na sua autobiografia⁴³ proporcionam uma perspectiva diferente

³⁵ ANDREAS, 1949: 130.

³⁶ Detalhes sobre esta ofensiva propagandístico-cultural alemã em Portugal, ofensiva essa a que não deverá ter sido alheio o anúncio público da cedência das bases nos Açores aos Aliados no início de Outubro de 1943, estão disponíveis no primeiro e único número da «Revista do Instituto de Cultura Alemã» (CRÓNICA, 1944), em que foram também publicadas as conferências de Vossler e Weizsäcker proferidas na inauguração do instituto, em Lisboa; cf. NINHOS, 2016b: 251-253 e, especialmente, HAUSMANN, 2001: 334-352. Em 1 de Fevereiro de 1944, Vossler já havia feito em Lisboa uma conferência na Academia das Ciências de Lisboa, onde foi apresentado pelo seu presidente, Azevedo Neves, e o Instituto para a Alta Cultura também o homenageou com um banquete onde discursou Gustavo Cordeiro Ramos. A Academia das Ciências publicou na sua «Biblioteca de Altos Estudos» um pequeno volume que inclui os discursos de Azevedo Neves, Cordeiro Ramos e a conferência de Vossler; cf. VOSSLER, 1944. Talvez valha a pena acrescentar que o enquadramento político da viagem de Vossler à Península Ibérica não passou despercebido aos refugiados alemães no exílio, já que, em Abril de 1944, o jornal oposicionista alemão sediado em Londres – «Die Zeitung» – dedicou-lhe um artigo sob o significativo título de *Vossler macht Propaganda*; B., 1944.

³⁷ ANDREAS, 1949: 135-139.

³⁸ ANDREAS, 1949: 139-142.

³⁹ ANDREAS, 1949: 142-146.

⁴⁰ ANDREAS, 1949: 150-158.

⁴¹ ANDREAS, 1949: 141.

⁴² ANDREAS, 1949: 142.

⁴³ GADAMER, 1977: 119-121. De Gadamer existe também o relatório oficial da viagem que decorreu entre 12 de Março e 4 de Abril de 1944 e que fica parcialmente transcrito em OROZCO, 1925: 240-243. Sobre estas viagens de intercâmbio universitário, veja-se ALBRECHT, KLAUSNITZER, 2020, em que é também feita referência à viagem de Gadamer a Portugal.

que permite de algum modo perceber melhor os silêncios e algumas zonas mais obscuras do livro de Andreas. Desde logo porque os leitores e docentes alemães que então se encontravam em Portugal, Harri Meier, Joseph M. Piel, Wolfgang Kayser, têm um papel determinante, tanto na organização como no decorrer da própria viagem de Gadamer⁴⁴, que em Coimbra teve, além disso, a oportunidade de participar na cerimónia de imposição das insígnias de doutor a Albin Eduard Beau, a 26 de Março de 1944: «Eine deutsche feierliche Doktorpromotion in Coimbra, an der ich teilnahm, war vollends wie eine Szene aus einer mittelalterlichen Welt, mit Talaren und Zeremonien, Wechselreden und Bruderküssen.⁴⁵»

A presença desta comunidade académica alemã em Portugal marca uma diferença relevante entre os dois textos. No caso de Andreas, não é feita qualquer menção a estes docentes (por pudor político? Em virtude do seu vínculo político-institucional ao regime alemão na época?). Em vez disso, é dado destaque à presença do germanista Cordeiro Ramos («antigo ministro», «doutor *honoris causa* por Heidelberg») a encabeçar «o círculo da melhor sociedade lisboeta» que assistiu a uma das conferências de Andreas, a António José Brandão (tradutor da monografia do então pastor evangélico alemão em Lisboa, Lothar Thomas, sobre a filosofia portuguesa)⁴⁶ e a algumas figuras da comunidade alemã de Lisboa, entre as quais se contava o mesmo Lothar Thomas⁴⁷.

Em face da paisagem humana que habita os dois textos, dir-se-ia que o jovem filósofo de Leipzig e o antigo reitor da Universidade de Heidelberg frequentaram círculos bastante diferentes na sua passagem por Portugal. É possível que assim seja, pelo menos em parte, tendo em conta a diferença geracional entre ambos os autores. Mas é também possível que o silêncio de Gadamer sobre uma figura institucional como Gustavo Cordeiro Ramos, ou o silêncio de Andreas sobre os docentes alemães em Portugal seja deliberado. Seja como for, o aspecto que aqui importa reter é justamente a importância e solidez das redes luso-alemãs na época, a sua diversidade, abrangência (em termos académicos e sociais) e a sua continuidade geracional. Igualmente interessante, por outro lado, é verificar como ambos os autores são referenciados nos textos um do outro. É que se Andreas se referia a Gadamer num tom indiscutivelmente simpático — «ich speiste öfters mit dem Philosophen Gadamer aus Leipzig, der noch an einem für Coimbra und Porto bestimmten Vortrag über Faust arbeitete, und verstand mich gut mit ihm. Ein vielseitig gebildeter, angeregter Gelehrter, menschenkundig und nicht ohne Humor»⁴⁸ —, o mesmo já não sucede

⁴⁴ GADAMER, 1977: 121: «Dank dem Verständnis meiner dortigen Kollegen: Harri Meier, Wolfgang Kayser, Piel u. a. wurde aus einem Vortrag und einer Woche mehrere.»

⁴⁵ GADAMER, 1977: 121.

⁴⁶ THOMAS, 1944.

⁴⁷ ANDREAS, 1949: 130-131, 148-149.

⁴⁸ ANDREAS, 1949: 130.

no modo como Gadamer recorda o encontro entre os dois em Lisboa: «In Lissabon traf ich außer mit deutschen Gelehrten wie Willy Andreas, der ein bißchen peinlich in Propagandatöne verfiel, mit Ortega y Gasset zusammen.⁴⁹»

METAMORFOSES

O relato da viagem ibérica de Willy Andreas serve fundamentalmente para o autor se reinventar publicamente face a um passado complexo, problemático e ambíguo. O silêncio a que a política é sujeita no texto — silêncio em relação à situação política de 1944 e também de 1949 (note-se que o nome de Salazar não é mencionado uma única vez) —, a recusa do despotismo e a distância em relação ao autoritarismo, que se procura também deixar sempre bem explícita ao longo do livro, decorre de uma encenação deliberada e intencional do viajante que, desde o início, assume ter como *compagnon de route* nada mais nada menos do que o empático, o cosmopolita, o tolerante, enfim, o humanista Goethe:

Kurz bevor ich zur Reise mich rüstete, las ich in Goethes Gesprächen mit Eckermann ein Wort, das mir tiefen Eindruck machte. Es gebe, sagte Goethe, eine Stufe, wo der Nationalhaß ganz entschwinde und man Glück oder Wehe seines Nachbarvolkes empfinde, als sei es dem eigenen begegnet! — Der Ausspruch war mir in diesem Augenblick, wo die Südhänge der Vogesen an mir vorüberzogen, so gegenwärtig, als hätte ihn der Dichter gestern unmittelbar zu mir getan⁵⁰.

Andreas dificilmente podia ter escolhido melhor companhia em 1949, ano em que se comemorava, pela primeira vez depois da guerra, o bicentenário do nascimento de Goethe. Na Alemanha do pós-guerra, os caminhos da reabilitação («renascença» ou «restauração»)⁵¹ de Goethe e os caminhos da reabilitação de Andreas são caminhos paralelos que se cruzam em vários momentos, como de resto já se haviam cruzado no período nazi⁵². Significativamente, Andreas é um dos historiadores que mais contribui para a idolatração do Goethe humanista e político⁵³, ignorando os apelos que Karl Jaspers fizera em 1947 (dois anos antes, portanto, da publicação do livro de Andreas e das comemorações do bicentenário de Goethe) no discurso de aceitação do Prémio Goethe que lhe havia sido atribuído pela cidade de Frankfurt:

⁴⁹ GADAMER, 1977: 121.

⁵⁰ ANDREAS, 1949: 13.

⁵¹ Cf. BAHR, 1990.

⁵² Cf. WILSON, 1996.

⁵³ Cf. ANDREAS, 1953; *ed.*, 1954.

*Wir dürfen keinen Menschen vergöttern. Die Zeit des Goethe-Kultus ist vorbei. Um echte Nachfolge zu ermöglichen, dürfen wir den Blick in den brüchigen Grund des Menschseins nicht verlieren. [...] Wir finden bei Goethe gleichsam Erholung und Ermunterung, nicht aber die Befreiung von der Last, die uns auferlegt ist, nicht die Führung durch die Welt, die die unsere ist, und die Goethe nicht kannte. [...] Goethe ist nicht Vorbild zur Nachahmung*⁵⁴.

Com efeito, o político Goethe, que, enquanto ministro de Weimar, votara a favor da execução de uma jovem mãe acusada de infanticídio (como o mesmo Jaspers recordava no seu discurso comemorativo do bicentenário de Goethe, em 1949)⁵⁵, dificilmente poderia ser considerado um modelo para a sociedade alemã após 1945. Mas numa sociedade derrotada e devastada pela guerra, ávida de uma identidade político-cultural que lhe permitisse sobreviver no novo mundo do pós-guerra, os alertas de Jaspers não conseguiram romper os silêncios impostos em torno das zonas mais obscuras e dúbias de figuras históricas, como Goethe, capazes de cristalizar os ideais humanistas alemães.

Tal como o «culto de Goethe», a metamorfose política de Andreas no pós-guerra é marcada por silêncios ruidosos e continuidades indisfarçáveis. No que especificamente diz respeito ao historiador alemão, importa naturalmente salientar que o seu percurso político-biográfico não difere de muitos outros intelectuais alemães da época, mas o seu livro de viagens à Península Ibérica constitui um caso particularmente elucidativo da própria fase de transição que então se vivia. A este título, registe-se, em primeiro lugar, a função higienizante que a Península Ibérica tem no momento da metamorfose do seu autor e, em segundo lugar, o facto de, com o seu livro, Andreas ilustrar exemplarmente as continuidades subjacentes à Alemanha do pós-guerra, já que o seu relato de viagem ibérico, publicado em 1949, tem origem e, simultaneamente, dá continuidade a uma viagem realizada em 1944.

BIBLIOGRAFIA

- ALBRECHT, Andrea *et al.*, eds. (2022). *Internationale Wissenschaftskommunikation und Nationalsozialismus: Akademischer Austausch, Konferenzen und Reisen in Geistes- und Kulturwissenschaften 1933 bis 1945*. Berlin: De Gruyter.
- ALBRECHT, Andrea; KLAUSNITZER, Ralf (2020). «Trotz mancher Schwierigkeiten»: Zu den Auslandsreisen deutscher Geisteswissenschaftler zwischen 1933 und 1945. «Berichte zur Wissenschaftsgeschichte» 43:1, 48-73.

⁵⁴ JASPERS, 1951a: 43-44 (sublinhados no original). Uma visão contemporânea destas comemorações de 1949, e também das polémicas e discussões que então agitaram a opinião pública alemã, é proporcionada por GUMP, 1951.

⁵⁵ Cf. JASPERS, 1951b: 61.

- ALLEMANN, Beda, ed. (1983). *Literatur und Germanistik nach der «Machtübernahme»: Colloquium zur 50. Wiederkehr des 30. Januar 1933: Studium Universale und Germanistisches Seminar Der Universität Bonn: Vorträge am 27. und 28. Januar 1983*. Bonn: Bouvier.
- AN DIE KULTURWELT (1914). «Freiburger Zeitung», Morgenausgabe (5 out. 1914) 2.
- ANDREAS, Willy (1932). *Deutschland vor der Reformation: Eine Zeitwende*. «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens». (25 ago. 1932) 3.
- ANDREAS, Willy (1933). *Nationalsozialismus und Universität*. «Forschungen und Fortschritte» 9:14, 291-292.
- ANDREAS, Willy (1936). *Napoleon III. und Wilhelm I*. «Der Führer am Sonntag: Das badische Kampfblatt für nationalsozialistische Politik und deutsche Kultur». (16 set. 1936) 5.
- ANDREAS, Willy (1940). *Zum Gedächtnis Gneisenaus und Moltkes*. «Der Führer am Sonntag: Das badische Kampfblatt für nationalsozialistische Politik und deutsche Kultur». (27 out. 1940) 1.
- ANDREAS, Willy (1943). *Geschichte und Gegenwart*. «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens». (2 mar. 1943) 2.
- ANDREAS, Willy (1944). *Das königliche Vorbild des großen Menschen*. «Hakenkreuzbanner: Nationalsozialistisches Kampfblatt Nordwestbadens». (31 mai. 1944) 3.
- ANDREAS, Willy (1949). *Reisebilder aus Spanien und Portugal*. München: Münchner Verlag.
- ANDREAS, Willy (1953). *Carl August von Weimar: Ein Leben mit Goethe, 1757-1783*. Stuttgart: G. Kilpper.
- ANDREAS, Willy, ed. (1954). *Politischer Briefwechsel des Herzogs und Grossherzogs Carl August von Weimar*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 3 vols.
- B., F (1944). *Karl Vossler macht Propaganda*. «Die Zeitung». (14 abr. 1944) 8.
- BAHR, Erhard (1990). *Die Goethe-Renaissance nach 1945: Verspieltes Erbe oder verhinderte Revolution?* «Goethe Yearbook» 5:1, 1-24.
- BAUERKÄMPFER, Arnd; ROSSOLIŃSKI-LIEBE, Grzegorz, eds. (2017). *Fascism without Borders: Transnational Connections and Cooperation between Movements and Regimes in Europe from 1918 to 1945*. New York: Berghahn Books.
- BECKER, Heinrich; DAHMS, Hans-Joachim; WEGELER, Cornelia, eds. (1998). *Die Universität Göttingen unter dem Nationalsozialismus*. Zweite, erweiterte Ausgabe. München: K.G. Saur.
- BEKENNTNIS der Professoren an den deutschen Universitäten und Hochschulen zu Adolf Hitler und dem nationalsozialistischen Staat (1933). Dresden: W. Limpert.
- BIALAS, Wolfgang; RABINBACH, Anson, eds. (2007). *Nazi Germany and the Humanities: How German Academics Embraced Nazism*. Oxford: Oneworld.
- BROUWER, Aron (2022). *The Pan-Fascist Paradox: How Does a Nationalist-Minded Fascist Think Transnationally?* «Fascism» 11(1): 1-30.
- CLARA, Fernando (2013). *O modelo universitário alemão e o ensino superior em Portugal no início da década de 30*. «Colóquio/Letras» (Suplemento) 184: 15-39.
- CONNELLY, John; GRÜTTNER, Michael, eds. (2005). *Universities under Dictatorship*. University Park, PA: Pennsylvania State University Press.
- CRÓNICA (1944). «Revista do Instituto de Cultura Alemã/Zeitschrift des Deutsche Kulturinstitut Lissabons». 1:1, 109-112.
- DAFINGER, Johannes (2017). *Show solidarity, live solitarily: The Nazi «New Europe» as a «family of peoples»*. «European Review of History: Revue européenne d'histoire». 24:6, 905-917.
- DAFINGER, Johannes; POHL, Dieter, eds. (2019). *A New Nationalist Europe under Hitler: Concepts of Europe and Transnational Networks in the National Socialist Sphere of Influence, 1933-1945*. London; New York: Routledge.

- DELILLE, Maria Manuela (2003). *Publicações do período nacional-socialista existentes no Instituto de Estudos Alemães da Faculdade de Letras de Coimbra: catálogo bibliográfico*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.
- DOERR., Wilhelm, ed. (1985). *Semper Apertus: Sechshundert Jahre Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg 1386-1986*. Berlin; Heidelberg: Springer, 6 vols.
- DOW, James R.; LIXFELD, Hannjost, eds. (1994). *The Nazification of an Academic Discipline: Folklore in the Third Reich*. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- DRÜLL, Dagmar (2019). *Heidelberger Gelehrtenlexikon 1803-1932*. 2. Auflage. Wiesbaden: Springer.
- ECKART, Wolfgang Uwe; SELLIN, Volker; WOLGAST, Eike, eds. (2006). *Die Universität Heidelberg im Nationalsozialismus*. Heidelberg: Springer Medizin.
- ERKLÄRUNG der Hochschullehrer des Deutschen Reiches/Déclaration des professeurs des Universités et des Écoles supérieures de l'Empire allemand (1914). Berlin: [Klokow].
- FLITNER, Andreas, ed. (1965). *Deutsches Geistesleben und Nationalsozialismus: Eine Vortragsreihe der Universität Tübingen*. Tübingen: Wunderlich.
- GADAMER, Hans-Georg (1977). *Philosophische Lehrjahre: Eine Rückschau*. Frankfurt am Main: Klostermann.
- GOLCZEWSKI, Frank (1988). *Kölner Universitätslehrer und der Nationalsozialismus: Personengeschichtliche Ansätze*. Köln: Böhlau.
- GRÜTTNER Michael et al., eds. (2010). *Gebrochene Wissenschaftskulturen: Universität und Politik im 20. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- GUMP, Margaret (1951). *Das Goethejahr 1949*. «Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte» 25:4, 485-505.
- HAUSMANN, Frank-Rutger (2001). «Auch im Krieg schweigen die Musen nicht»: die Deutschen Wissenschaftlichen Institute im Zweiten Weltkrieg. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- HAUSMANN, Frank-Rutger, ed. (2002). *Die Rolle der Geisteswissenschaften im Dritten Reich, 1933-1945*. München: R. Oldenbourg.
- IRIYE, Akira (2013). *Global and Transnational History: The Past, Present, and Future*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- JANSEN, Christian (1992). *Professoren und Politik: Politisches Denken und Handeln der Heidelberger Hochschullehrer 1914-1935*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- JASPERS, Karl (1951a). *Unsere Zukunft und Goethe (1947)*. In *Rechenschaft und Ausblick: Reden und Aufsätze*. München: R. Piper, pp. 26-49.
- JASPERS, Karl (1951b). *Goethes Menschlichkeit (1949)*. In *Rechenschaft und Ausblick: Reden und Aufsätze*. München: R. Piper, pp. 50-68.
- JÜTTE, Robert (2011). *Medizin und Nationalsozialismus: Bilanz und Perspektiven der Forschung*. Göttingen: Wallstein.
- MARCKS, Erich (1940). *Englands Machtpolitik: Vorträge und Studien*. Stuttgart; Berlin: Deutsche Verlags-Anstalt.
- NINHOS, Cláudia (2016a). *Portugal at the «Third Front»*. In CLARA, Fernando; NINHOS, Cláudia, eds. *Nazi Germany and Southern Europe, 1933-45: Science, Culture and Politics*. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, pp. 120-140.
- NINHOS, Cláudia (2016b). *Para que Marte não afugente as Musas. A Política Cultural Alemã em Portugal e o Intercâmbio (1933-1945)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento.
- OROZCO, Teresa (1995). *Platonische Gewalt: Gadammers politische Hermeneutik des NS-Zeit*. Hamburg: Argument-Verlag.
- REIN, Gustav Adolf (1933). *Die Idee der politischen Universität*. Hamburg: Hanseatische Verlagsanstalt.

- REIN, Gustav Adolf (1934). *Antrittsrede von Professor Dr. Rein über «Die politische Universität»*. Reden gehalten bei der Feier des Rektorwechsels am 5. November 1934. Hamburg: Boysen, pp. 18-38.
- REIN, Gustav Adolf (1937). *A ideia da Universidade política*. Trad. João da Providência Costa. «Boletim do Instituto Alemão». vi–vii: 118-144.
- SCHMIDT, Eberhard (1934). *Bericht über das Geschäftsjahr 1933/34, erstattet von dem Prorektor Professor Dr. E. Schmidt*. In *Reden gehalten bei der Feier des Rektorwechsels am 5. November 1934*. Hamburg: Boysen, pp. 5-15.
- THOMAS, Lothar (1944). *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*. Trad. António José Brandão. Lisboa: Livr. Clássica Ed.
- TORGAL, Luís Reis (2000). *Germanismo e germanofilia numa revista universitária: O Boletim do Instituto Alemão da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1926-1943)*. In SIEPMANN, Helmut, ed. *Portugal, Indien und Deutschland/Portugal, Índia e Alemanha*. Köln/Lisboa: Centro Estudos Históricos da UNL/Zentrum Portugiesischsprachige Welt Universität zu Köln, pp. 495-509.
- TORGAL, Luís Reis (2009). *Estados novos, Estado Novo: Ensaios de história política e cultural*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2 vols.
- TORGAL, Luís Reis (2019). «Germanófilos»... *Visões da literatura e da cultura alemãs durante o Estado Novo e o nazismo*. «Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias». 36: 329-354.
- UNIVERSITÄTSTAGE 1966: *Nationalsozialismus und die deutsche Universität* (1966). Berlin: De Gruyter.
- VERHANDLUNGEN der Germanisten über Schleswig-Holstein (1846). «Allgemeine Zeitung» 270 (27 set. 1846) 2153, 2156-2157.
- VEZINA, Birgit (1982). «Die Gleichschaltung» der Universität Heidelberg im Zuge der nationalsozialistischen Machtergreifung. Heidelberg: C. Winter.
- VOSSLER, Karl (1944). *Realismo e religião na poesia luso-espanhola do século de ouro*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- WEINREICH, Max (1946). *Hitler's Professors: The Part of Scholarship in Germany's Crimes Against the Jewish People*. New York: Yiddish Scientific Institute.
- WILSON, W. Daniel (1996). *Tabuzonen um Goethe und seinen Herzog: Heutige Folgen nationalsozialistischer Absolutismuskonzeptionen*. «Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte» 70:3, 394-442.

SINAIS DE CENA LUSO-ALEMÃES*

VERA SAN PAYO DE LEMOS**

Resumo: *Que autores, criadores e pensadores de teatro de expressão alemã têm marcado, nos últimos anos, a cena teatral portuguesa? A predominância das peças de Brecht nos teatros portugueses nas primeiras décadas da democracia não suscitou apenas acesos debates sobre a função do teatro na sociedade, mas também um acentuado interesse pelos autores que vieram depois e se tornaram destacados representantes da nova dramaturgia de expressão alemã, como Dea Loher e Marius von Mayenburg, pelos espectáculos vindos sobretudo da Alemanha, como os do colectivo Rimini Protokoll, e por obras teóricas de referência de pensadores como Hans-Thies Lehmann e Erika Fischer-Lichte. Na perspectiva de um diálogo que contemple a interação de ambos os espaços linguísticos, importa perguntar também: que sinais da cena teatral portuguesa têm chegado aos países de língua alemã? Embora sejam diminutos, têm adquirido maior expressão nos anos recentes. A partir de momentos marcantes no diálogo entre a cena teatral portuguesa e alemã, procurar-se-á reflectir sobre as escolhas feitas e a sua recepção.*

Palavras-chave: *Repertórios teatrais; Teatro em tradução; Ressonância temática.*

Abstract: *Which authors, creators and thinkers of German-speaking theatre have influenced the Portuguese theatre scene in recent years? The predominance of Brecht's plays in Portuguese theatres in the first decades of democracy not only gave rise to heated debates on the function of theatre in society, but also to a vivid interest in the authors who came later and became prominent representatives of the new German-speaking dramaturgy, such as Dea Loher and Marius von Mayenburg, in performances coming mainly from Germany, such as those of Rimini Protokoll, and in theoretical works of reference by thinkers like Hans-Thies Lehmann and Erika Fischer-Lichte. In the perspective of a dialogue that contemplates the interaction of both linguistic spaces, it is also important to ask: what signs of the Portuguese theatre scene have reached the German-speaking countries? Although few, they have acquired greater expression in recent years. Based on key moments in the dialogue between the Portuguese and German theatre scene, we will try to reflect on the choices made and their reception.*

Keywords: *Theatre repertoires; Theatre in translation; Thematic resonance.*

Que autores, criadores e pensadores de teatro de expressão alemã têm marcado a cena teatral portuguesa desde o início do século XXI até aos dias de hoje? A predominância das peças de Brecht na programação dos teatros portugueses nas primeiras décadas da democracia não suscitou apenas acesos debates sobre o efeito de estranhamento e a função do teatro na sociedade, mas também um acentuado interesse pelos autores que vieram depois e se tornaram destacados representantes da nova dramaturgia de expressão alemã, como é o caso de Marius von Mayenburg e Dea Loher. Este interesse estendeu-se também aos espectáculos vindos sobretudo

* A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos de Teatro. Email: verasplemos@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6624-9931.

da Alemanha, como as experiências inventivas do colectivo Rimini Protokoll ou as encenações de Thomas Ostermaier¹. Outro sinal deste interesse pelo que acontece na Alemanha no campo do teatro verifica-se no âmbito do pensamento, em particular na atenção dada às teorias das artes performativas desenvolvidas por pensadores como Hans-Thies Lehmann e Erika Fischer-Lichte. As suas obras de referência, *Postdramatisches Theater*, 1999 (*Teatro pós-dramático*, 2017), e *Ästhetik des Performativen*, 2004 (*Estética do performativo*, 2019), só foram traduzidas tardiamente para português, mas já eram, desde há muito, estudadas na academia e pelos profissionais de teatro em traduções noutras línguas.

Num primeiro momento, procurarei mapear estes trilhos do teatro de expressão alemã na paisagem teatral portuguesa do início do século XXI até aos dias de hoje para depois, num segundo momento, fazer o caminho inverso, uma vez que, na perspectiva de um diálogo luso-alemão, importa perguntar também: que sinais da cena teatral portuguesa têm chegado aos países de língua alemã? Embora se avistem apenas umas pequenas luzes intermitentes, é possível reconhecer que esses sinais diminutos têm adquirido maior expressão nos últimos anos, sobretudo graças às redes de encontros de tradução e festivais de teatro e a circunstâncias como Portugal ser o país convidado de honra da Feira do Livro de Leipzig, mas também a empenhados mensageiros, como o lusitanista Henry Thorau, que estudam, traduzem e divulgam de forma continuada a dramaturgia portuguesa e o teatro feito em Portugal².

Antes de me focar nos sinais de cena luso-alemães que considero mais marcantes desde o início do século XXI até aos nossos dias, gostaria de recuar no tempo e tecer algumas considerações sobre a composição dos repertórios teatrais. Por volta de 1840, Almeida Garrett estranhava «esta como esterilidade dramática, esta como negação para o teatro em um povo de tanto engenho como é o nosso»³. Este diagnóstico reflectia também a sua preocupação em encontrar a receita de um tónico que promettesse ser revigorante. Com efeito, Garrett tinha sido incumbido, em 1836, por uma portaria régia, de pensar o teatro português como um todo e edificar um teatro

¹ Do colectivo Rimini Protokoll foram apresentados, em Lisboa, os seguintes espectáculos: *Mnemopark* (2007, Culturgest); *Chácara Paraíso* (2008, Palácio Santa Catarina); *Radio Muezzin* (2010, Teatro Municipal São Luiz); *Remote Lisboa* (2013, Teatro Maria Matos); *Europa em casa* (2015, Teatro Maria Matos); *100% Lisboa* (2019, Culturgest); *Conferência de ausentes* (2022, Teatro do Bairro Alto). As encenações de Thomas Ostermaier que integraram a programação do Festival de Teatro de Almada foram as seguintes: *Disco Pigs*, de Enda Walsh (2002, Fórum Municipal Romeu Correia); *Susn*, de Herbert Achternbusch (2016, Centro Cultural de Belém); *A gaivota*, de Anton Tchekov (2016, Teatro Municipal Joaquim Benite) e *Édipo*, de Maja Zade (2022, Teatro Municipal Joaquim Benite).

² Portugal foi o país convidado de honra da Feira do Livro de Leipzig de 2020. Esta edição foi cancelada devido à pandemia, assim como a de 2021, que acabou por se realizar apenas *online*. Na sequência destes dois cancelamentos, Portugal manteve-se como país convidado de honra até à edição de 2022, tendo as instituições portuguesas e alemãs envolvidas continuado a colaborar na preparação da publicação de mais de cinquenta obras de literatura portuguesa em alemão. Foi neste âmbito que Henry Thorau organizou a antologia com seis peças portuguesas intitulada *Einstürzende Altbauten* que será analisada posteriormente.

³ *Apud* REBELLO, 1991: 5.

nacional em que se desse um relevo condigno à representação dos dramas nacionais. Nessa altura, a necessidade de encontrar um modelo e um repertório dramaturgicos nacionais verificava-se em toda a Europa, e uma resposta já tinha sido ensaiada quase um século antes, entre 1767 e 1769, por Lessing, no que acabaria por ser o então fracassado projecto do Teatro Nacional de Hamburgo.

Actualmente, tanto em Portugal como na Alemanha, os teatros subvencionados por dinheiros públicos procuram apresentar uma programação que inclua dramaturgia clássica e contemporânea, nacional e estrangeira, assim como experiências teatrais dos chamados escritores de palco que em vez de partirem da peça de um autor para a criação do espectáculo o elaboram no processo de ensaios, geralmente em colectivo e com base em materiais de proveniência e autoria diversos. Estes dois modos de construção de um espectáculo têm contribuído para que a dramaturgia, os dramaturgos e os escritores de palco portugueses estejam cada vez mais presentes no panorama do teatro português. Em companhias, grupos, colectivos ou estruturas (as designações são diversas) encontra-se, com maior frequência, a figura do dramaturgo como um dos seus membros fundadores ou colaboradores assíduos, como se verifica, em Lisboa, com José Maria Vieira Mendes, no Teatro Praga, Luísa Costa Gomes, no Teatro do Bairro, Miguel Castro Caldas, nos Primeiros Sintomas, e Tiago Rodrigues, inicialmente no Mundo Perfeito e, mais tarde, como director artístico no Teatro Nacional D. Maria II, assim como no Porto, com Tiago Correia, na Turma, Cecília Ferreira, na Companhia Teatro a 4, e Rui Pina Coelho, no Teatro Experimental do Porto. Autores como Abel Neves e Jaime Rocha continuam a ver as suas peças representadas, o Grande Prémio de Teatro Português, instituído pelo Teatro Aberto e a Sociedade Portuguesa de Autores em 1997, tem revelado, desde então, novos dramaturgos e levado as suas peças ao palco⁴, mas, apesar de os autores portugueses terem, nos últimos anos, uma presença mais expressiva nos palcos nacionais, continua a ser o teatro em tradução, particularmente o de expressão inglesa e alemã, que domina a cena teatral portuguesa. Considerando o repertório do Teatro da Cornucópia, entre 2000 e 2016, o ano em que a companhia se extinguiu, dos 53 espectáculos apresentados, 6 partiram de peças de autores nacionais, 13 de autores de expressão alemã e 34 de outros autores estrangeiros. No Teatro Aberto, entre 2000 e 2020, dos 60 espectáculos apresentados, 18 partiram de peças de autores portugueses, 11 de autores de expressão alemã e 35 de outros autores estrangeiros.

Concretizando agora o meu propósito de mapear os trilhos do teatro de expressão alemã na paisagem teatral portuguesa do início do século XXI até aos nossos dias, impõe-se começar com Brecht, que continua a ser uma das referências mais

⁴ O Grande Prémio de Teatro Português foi instituído pelo Teatro Aberto e a Sociedade Portuguesa de Autores com o objectivo de incentivar e divulgar a dramaturgia portuguesa. Mais informações e o regulamento do concurso encontram-se disponíveis em <<https://www.teatroaberto.com>> e <<https://www.spautores.pt>>.

marcantes e, a meu ver, o autor que desencadeou o vivo interesse pelo teatro de expressão alemã por parte dos criadores teatrais portugueses. A pergunta é: o que aconteceu com o pobre Brecht em Portugal, depois de 1998, ano do centenário do seu nascimento e da publicação do segundo volume dos valiosos estudos de um conjunto de investigadoras sobre a recepção da sua obra em Portugal, antes e depois de 1974, com coordenação e prefácio de Maria Manuela Gouveia Delille?⁵ Um dos acontecimentos foi o lançamento, em 2003, do primeiro volume de uma colecção com peças de Brecht pela editora Cotovia⁶. Dos oito volumes previstos, saíram seis, até ao lamentável fim da editora em 2020. O projecto, lançado por Jorge Silva Melo, em colaboração com José Maria Vieira Mendes e comigo, propunha-se recolher as traduções das peças feitas para os espectáculos depois de 1974, revê-las, à luz da nova edição alemã das obras completas, iniciada em 1988, e publicá-las, com um estudo introdutório e as fichas técnicas da sua primeira apresentação em Portugal. Trata-se de uma edição de peças escolhidas, que inclui também peças nunca representadas em Portugal, e segue, tal como a edição alemã, a ordem cronológica, das peças do jovem Brecht às peças do Brecht tardio.

Outro acontecimento de relevo foram as novas encenações das suas peças fundamentais que, com o fim da censura em 1974, tinham podido, finalmente, subir ao palco em Portugal, e foram estudadas nos dois volumes *Do Pobre B.B. em Portugal*. Entre estas novas produções são de referir: *A ópera de três vinténs* (1993 e 2005), *Galileu* (2006) e *O senhor Puntila e o seu criado Matti* (2010), encenadas por João Lourenço no Teatro Aberto; *Mãe Coragem e os seus filhos* (2000) e *A mãe* (2010), ambas encenadas por Joaquim Benite no Teatro Municipal de Almada, e *A boa alma de Sé-Chuão* (2018), encenada por Peter Kleinert, também no Teatro Municipal de Almada, assim como *Baal* (2003, Teatro Viriato, encenação Jorge Silva Melo), *Um homem é um homem* (2005, Teatro do Bairro Alto, encenação Luis Miguel Cintra), *Tambores na noite* (2011, Teatro Nacional São João, encenação Nuno Carinhas) e, mais uma vez, *A mãe* (2018, Culturgest, encenação Gonçalo Amorim). Nestas reencenações ecoaram as reminiscências das primeiras e históricas encenações destas peças, que, nas primeiras décadas da democracia, pretendiam dar a conhecer os textos que tinham sido proibidos pela censura de subir ao palco e realçavam as ressonâncias dos

⁵ DELILLE, Maria Manuela Gouveia, coord. (1991). *Do Pobre B. B. em Portugal. Aspectos da recepção de Bertolt Brecht antes e depois do 25 de Abril de 1974*. Estudos de Maria Manuela Gouveia Delille, Maria Esmeralda Castendo, Ana Maria Ramalheira, Maria Teresa Cortez e Maria Cristina Carrington. Aveiro: Editora Estante.

DELILLE, Maria Manuela Gouveia, coord. (1998). *Do Pobre B. B. em Portugal. A Recepção dos Dramas Mutter Courage und ihre Kinder e Leben des Galilei*. Estudos de Maria Antónia Gaspar Teixeira e Maria de Fátima Gil. Coimbra: Livraria Minerva/Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

⁶ BRECHT, Bertolt (2003). *Teatro 1. Baal. Tambores na noite. A boda. O mendigo ou O cão morto. Expulsando um demónio. Lux in tenebris. A pesca. Na selva das cidades*. Lisboa: Edições Cotovia.

seus temas na realidade política portuguesa⁷. No entanto, reconhecia-se, nestas novas encenações, também um novo olhar, no relevo dado aos aspectos mais filosóficos e simbólicos das peças e aos traços de humor que as perpassam.

Outro acontecimento a destacar são duas peças de autores portugueses, escritas para duas actrizes, partindo da obra e da vida de Brecht. A primeira é *A boa alma*, um solo escrito em 2015 por Luís Mário Lopes para Mónica Calle, marcando a sua mudança da Casa Conveniente no Cais do Sodré para um espaço precário na Zona J, em Chelas⁸. A segunda é *A última refeição*, de António Cabrita, que estreou em Fevereiro de 2022, no Teatro Municipal São Luiz. Sozinha em palco, Maria João Luís dava corpo e voz a Helene Weigel, que preparava a última refeição para Brecht, já morto, discorrendo sobre as alegrias e as dificuldades que ambos partilharam desde que se conheceram na Berlim da República de Weimar. Na folha de sala do espectáculo, a actriz explica a génese da peça do seguinte modo: «Pedi ao António Cabrita um texto onde Weigel e Brecht falassem sobre as suas vidas. Não se pode falar de teatro nos últimos 100 anos sem se referir o teatro de Brecht. No entanto, pouco conhecemos das suas vidas e era isso que queria pôr no palco, para que ficassem mais claras as suas opções de vida enquanto artistas.» Reconhecem-se tendências dos tempos actuais como o interesse pelas biografias e o gesto de retirar as mulheres da sombra: não é a obra, mas a vida, não é o homem, Brecht, mas a mulher, Helene Weigel, que está em foco. Embora haja dor e raiva contra aquele «sacana sem igual», sobretudo devido às traições conjugais, o que predomina é o companheirismo no teatro e na família e a força com que ambos lutaram contra as agruras do exílio.

Na senda de Brecht, seguindo agora o trilho dos que nasceram depois, importa salientar o interesse pelo teatro de Heiner Müller e Peter Weiss e pela reflexão sobre a História, a relação do indivíduo com a sociedade e o questionamento filosófico das fronteiras entre a vida e a morte que o definem. De Heiner Müller foram apresentadas *Anatomia Tito Fall of Rome* (2003) pela Cornucópia, no Teatro do Bairro Alto, com encenação de Luis Miguel Cintra, e *Filoctetes* (2002, Espaço A Capital), *Quarteto* (2016) e *A máquina Hamlet* (2020) pelos Artistas Unidos, no Teatro da Politécnica, com encenação de Jorge Silva Melo.

De Peter Weiss são de referir dois espectáculos que incluíram também uma componente de formação dos seus criadores e intérpretes: *Canto do papão lusitano*,

⁷ Por ordem cronológica, as primeiras produções destas peças foram: *O senhor Puntilla e o seu criado Matti* (1975, Centro Cultural de Évora, encenação Mário Barradas); *A mãe* (1976, Teatro da Trindade, encenação Carlos Wallenstein); *A ópera de três vinténs* (1976, Teatro Gil Vicente, encenação Carlos Avilez); *Tambores na noite* (1976, Teatro do Bairro Alto, encenação Jorge Silva Melo); *Homem morto, homem posto* (1978, Teatro A Comuna, encenação João Mota); *Baal* (1980, Teatro da Trindade, encenação João Lourenço); *Mãe Coragem e os seus filhos* (1986, Teatro Nacional D. Maria II, encenação João Lourenço); *Galileu Galilei* (1986, Teatro Experimental de Cascais, encenação Carlos Avilez).

⁸ Ver RAYNER, 2017: 41-43.

apresentado em 2017, no Teatro Taborda em Lisboa, cinquenta anos depois da sua estreia mundial em Estocolmo, teve encenação de Carlos J. Pessoa e envolveu um grupo de estudantes da Universidade Nova, com os quais o projecto tinha sido criado, enquanto meditação cénica sobre o colonialismo, no seminário *Teorias do drama e do espectáculo* da professora Cláudia Madeira. O segundo espectáculo, com o título *Estética, Resistência e Melancolia*, é uma recriação livre de *A estética da resistência*, feita por Rui Pina Coelho, que lança no aqui e agora a reflexão sobre a arte e a política do texto de Weiss. O espectáculo estreou em 2022, no Teatro Carlos Alberto, no Porto, com encenação de Gonçalo Amorim. Na sua preparação, houve uma jornada de estudo intitulada *Escola da Resistência*, com colaboração do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras do Porto e um grupo de investigadores.

No campo da nova dramaturgia de expressão alemã, os autores mais representados nos últimos anos nos palcos portugueses são Marius von Mayenburg e Dea Loher. De Marius von Mayenburg foram apresentadas seis peças: *Parasitas* (2003, Teatro Nacional D. Maria II, encenação Nuno Cardoso), *Cara de fogo* (2004, Teatro A Comuna, encenação João Mota), *O feio* (2009, Teatro Helena Sá e Costa, encenação João Cardoso; 2016, Teatro Municipal Joaquim Benite, encenação Toni Cafiero), *A pedra* (2011, Estúdio Zero, Porto, encenação Cristina Carvalhal), *Perplexos* (2018, Teatro Municipal São Luiz, encenação Cristina Carvalhal) e *Mártir* (2018, Teatro Municipal Joaquim Benite, encenação Rodrigo Francisco). Com excepção de *A pedra*, que revisita, a partir do destino de uma casa, a história da Alemanha entre 1935 e 1993, os outros textos centram-se em temas actuais e quotidianos, como os problemas dos casais, as dores de crescimento ou a radicalização religiosa dos jovens, o culto da beleza física, ou seja, a sua escolha resulta daquilo a que investigadora finlandesa Sirkku Aaltonen denomina de «ressonância temática» da cultura de partida na cultura de chegada, de afinidades que propiciam a integração de peças estrangeiras nos repertórios nacionais⁹.

De Dea Loher subiram à cena cinco peças: *Imaculados* (2008, Teatro Aberto, encenação João Lourenço), *Terra sem palavras* (2010, Estúdio Zero, Porto, encenação João Cardoso), *As relações de Clara* (2013, Auditório Municipal de Gaia, encenação Luís Varela), *Tatuagem* (2017, Teatro Carlos Alberto, encenação Manuel Tur) e *Golpada* (2019, Teatro Aberto, encenação João Lourenço). Os textos desta autora apresentam geralmente personagens em situações-limite, impregnadas de um sentimento trágico da existência, numa busca incessante de felicidade, amor e sentido para a vida. A dimensão filosófica das questões apresentadas, o tratamento poético da linguagem, o olhar compassivo lançado sobre as personagens e também os traços de humor que

⁹ AALTONEN, 2005: 66.

caracterizam a escrita teatral de Dea Loher têm-lhe valido numerosos prémios na Alemanha e a tradução e representação de muitos textos seus no estrangeiro.

Outro trilha a destacar é a representação dos clássicos alemães, sobretudo pelo Teatro da Cornucópia, que, entre 2001 e 2009, levou à cena *A morte de Empédocles* (2001), de Hölderlin, *Dom João e Fausto* (2001), de Grabbe, *O Novo Menoza ou A História do Príncipe Tandi* (2001), de Lenz, *A Família Schroffenstein* (2004), de Kleist, *Leôncio e Lena* (2008), de Büchner, *Don Carlos* (2008), de Schiller, e *Ifigénia* (2009), de Goethe. Com exceção de *Dom João e Fausto*, com encenação de Christine Laurent, e *Leôncio e Lena*, com encenação de Ricardo Aibéo, todas as outras peças foram encenadas por Luis Miguel Cintra. Um texto clássico revisitado mais do que uma vez foi *A morte de Danton*, de Büchner, encenado por Jorge Silva Melo, em 2012, no Teatro Nacional D. Maria II, e por Nuno Cardoso, em 2019, como primeiro espectáculo enquanto director artístico do Teatro Nacional São João. De Lessing subiram à cena *Emilia Galotti* (2009, Teatro Carlos Alberto, encenação Nuno Cardoso) e *Nathan, o sábio* (2017, Teatro Municipal Joaquim Benite, encenação Rodrigo Francisco).

Entre os autores de expressão alemã nos palcos portugueses, importa realçar também a presença dos autores austríacos, em particular a chegada de Elfriede Jelinek. O Ponto Teatro estreou, em 2012, no Cace Cultural do Porto, *Capital Fuck*, o título que o encenador Emanuel de Sousa escolheu para *Os contratos do comerciante*, com tradução de Helena Topa. Alexandre Pieroni Calado estreou, em 2015, no Espaço Alcantara, em Lisboa, os *Dramas de Princesas*, traduzidos por Anabela Mendes, e a Companhia de Teatro de Almada apresentou, em 2020, na sua Sala Experimental, *Viagem de Inverno*, com encenação de Nuno Carinhas e tradução de António Sousa Ribeiro. Traduzir os textos de Jelinek, os seus jogos de linguagem, a recriação de citações de proveniências várias, a crítica mordaz aos males do mundo e a ironia, tanto para a página como para o palco, é um empreendimento particularmente desafiante, pelo que se aplaude os tradutores e os encenadores que levaram a bom porto essa tarefa.

Outro autor a referir é Ödon von Horváth, de quem foram apresentadas as peças *O dia do juízo* (2019, Teatro Municipal São Luiz, encenação Cristina Carvalhal) e *Casimiro e Carolina*, esta em duas encenações diferentes, uma de Tónan Quito (2018, Teatro Nacional D. Maria II) e outra de Carlos Avilez (2022, Teatro Municipal Mirita Casimiro). Por fim, impõe-se destacar o grande acontecimento que foi a estreia de *Os últimos dias da humanidade*, de Karl Kraus, em 2016, no Teatro Nacional São João. Com encenação de Nuno Carinhas e Nuno Cardoso, numa excelente e premiada tradução de António Sousa Ribeiro, o espectáculo apresentava-se como «uma longa jornada dividida em 3 partes» a que se podia assistir alternadamente ou só de um fôlego. A plateia do Teatro Nacional São João foi coberta para se transformar numa grande

arena sombria, um arsenal de memórias, por onde deambulavam as quase duzentas personagens desta profunda e multifacetada reflexão sobre a guerra e a Humanidade¹⁰.

Saindo das tábuas do palco para o campo do pensamento, encontram-se as duas obras de referência para as artes performativas que são *Teatro pós-dramático* (2017), de Hans-Thies Lehmann, e *Estética do performativo* (2019), de Erika Fischer-Lichte. Para analisar as novas práticas teatrais que, a partir da década de 1960, se afastam do *logos* do drama aristotélico e privilegiam a noção de *opsis*, o domínio do visual, o espaço onde se articulam narrativas fragmentadas e elementos diversos, livres da hierarquia da estrutura racional, Lehmann cria um conjunto de categorias que se tornam um novo vocabulário tanto da teoria como da prática das artes performativas. Partindo da noção alargada de texto, propõe, para a análise do texto da *performance*, categorias como parataxe, simultaneidade, pletora, musicalização, corporeidade, irrupção do real, acontecimento.

Em *Estética do performativo*, Erika Fischer-Lichte parte também da «viragem performativa» dos anos de 1960, quando, nas suas palavras: «Em vez de criarem obras de arte, os artistas passam a produzir, cada vez mais, *acontecimentos*, que os envolvem não apenas a eles, mas também aos receptores — observadores, ouvintes, espectadores.¹¹» Diferenciando o conceito de performativo do conceito de espectáculo, a autora enuncia categorias como corporeidade, espacialidade, sonoridade, temporalidade e liminaridade para a análise da experiência estética proporcionada pelos espectáculos teatrais e pela *performance art*.

Chegou o momento de seguir o caminho inverso e olhar para o Norte para perscrutar os sinais parcos e intermitentes da presença do teatro português na cena teatral alemã. A globalização e a unificação da Europa, os festivais de teatro como momentos de encontro interculturais e a acessibilidade dos textos em formato digital aumentaram as possibilidades para o drama em tradução e os espectáculos atravessarem fronteiras. No entanto, apesar deste acréscimo de oportunidades, o teatro português, tal como o teatro finlandês, são uma raridade nos repertórios europeus. Para Sirkku Aaltonen, a investigadora finlandesa já citada, o fulcro da questão é a hierarquia das culturas: «A imagem da cultura de partida (como fonte de capital cultural), que

¹⁰ Todos estes textos estão publicados: JELINEK, Elfriede (2015). *Capital Fuck. Os Contratos do Comerciante. Uma comédia bancocrática*. Tradução Helena Topa. Vila do Conde: Verso da História; JELINEK, Elfriede (2019). *A Morte e a Donzela I/V. Dramas de Princesas*. Tradução Anabela Mendes. Lisboa: Edições Afrontamento; JELINEK, Elfriede (2020). *Viagem de Inverno. Uma Peça de Teatro*. Tradução António Sousa Ribeiro. Almada: Companhia de Teatro de Almada; KRAUS, Karl (2017), *Os últimos dias da humanidade*. Tradução António Sousa Ribeiro. Porto: TNSJ/Húmus. Os textos de Ödon von Horváth encontram-se nos Livrinhos de Teatro, a valiosa edição de textos de teatro dos Artistas Unidos lançada por Jorge Silva Melo. Entre os mais de 160 livrinhos existentes, cada um destes com mais do que uma peça, 19 são de autores de expressão alemã: 4 de Heiner Müller, 3 de Ödon von Horváth, 2 de Karl Valentin, 2 de George Tabori e 1 de Werner Schwab, Arthur Schnitzler, Friedrich Dürrenmatt, Max Frisch, Dea Loher, René Pollesch, Franz Xaver Kroetz e Marieluise Fleißer. O catálogo dos Livrinhos de Teatro encontra-se disponível em <<https://artistasunidos.pt>>.

¹¹ FISCHER-LICHTE, 2019: 35.

depende da percepção do seu estatuto na hierarquia das culturas, afecta a recepção tanto dos criadores de teatro como dos espectadores. [...] Quanto mais marginal é a cultura de partida, mais importante é também explicar ou acentuar a sua relevância no novo contexto.¹²» O papel de explicador cabe geralmente aos tradutores ou, no caso da selecção dos espectáculos para os festivais, aos programadores, mas o ponto crucial é a política cultural do país e o apreço pelos seus autores e criadores. No caso finlandês, o Centro de Informação de Teatro disponibiliza, em formato digital, a maior parte das peças finlandesas em tradução, sobretudo em inglês e alemão, mas também em outras línguas¹³. No caso português, as traduções são apenas esporádicas e ocasionais, feitas a propósito de eventos em que importa projectar a imagem de Portugal no estrangeiro. No entanto, mesmo à margem destes eventos, há autores que atravessam fronteiras, sobretudo pela «ressonância temática» da sua obra e por contarem com tradutores como mediadores. Um desses autores é José Maria Vieira Mendes: a sua peça *T1* (2003, Teatro Taborda, encenação Jorge Silva Melo) foi apresentada em 2007, com o título *EinRaumWohnung*, no Maxim Gorki Theater, em Berlim, com encenação de Jan Jochymiski, e *A Paixão Segundo Max (Max Passion)* integrou, em 2010, o ciclo *Die X-Gebote* (Os X Mandamentos), do Schauspielhaus de Viena, com encenação de Barbara-David Brüesch. Outros dois autores são Isabel Minhós Martins e Tiago Rodrigues, que viram obras suas representadas no âmbito do teatro para crianças e jovens: a versão cénica do livro *Daqui ninguém passa! (Hier kommt keiner durch!)*, de Isabel Minhós Martins, foi apresentada em Mannheim (2019, Nationaltheater Mannheim), Bona (2021, Theater Bonn), Paderborn (2022, Theater Paderborn) e em Leipzig (2023, Theater der jungen Welt)¹⁴; a peça *Tristeza e alegria na vida das girafas* (2011) (*Traurig und fröhlich ist das Giraffenleben*), de Tiago Rodrigues, estreou em 2015, no Theater Bremen, com encenação de Martin Grünheit, e voltou a subir à cena em 2019, no Junges Schauspiel Hannover, encenada por Lena Iversen. Como autor, actor e encenador, Tiago Rodrigues, que assumiu, em 2022, a direcção do Festival de Teatro de Avignon, depois de ter sido director artístico do Teatro Nacional D. Maria II de 2014 a 2021, é um dos mais destacados *global players* do teatro português: *By Heart* (2013), a peça em que chama dez espectadores ao palco para com ele decorarem um soneto de Shakespeare, correu mundo e esteve no HAU de Berlim, em 2015. Outras peças suas, como *Sopro* (2017) e *Catarina ou A beleza de matar fascistas* (2020) integraram a programação do Festival Wiener Festwochen, em 2019 e em 2021.

¹² AALTONEN, 2005: 66.

¹³ Ver New Plays from Finland em TINFO Theatre Info Finland, disponível em <www.tinfo.fi>.

¹⁴ O livro original é MARTINS, Isabel Minhós (2014). *Ninguém passa!*, ilustrações Bernardo Carvalho. Lisboa: Planeta Tangerina. Com tradução de Franziska Hauße, *Hier kommt keiner durch!* foi distinguido com os prémios Deutscher Jugendliteraturpreis 2017 in der Kategorie Bilderbuch (Prémio Alemão de Literatura Juvenil na categoria Livro Ilustrado) e Gustav-Heinemann-Friedenspreis 2017 (Prémio para a Paz Gustav Heinemann).

Um dos sinais de cena luso-alemães mais luminosos é a recente antologia de seis peças portuguesas, organizada por Henry Thorau sob o título *Einstürzende Altbauten*. Tendo acompanhado, estudado, traduzido e divulgado o teatro português de forma continuada, Henry Thorau aproveitou a constelação favorável de Portugal ser o país convidado de honra da Feira de Leipzig de 2020 para dar a conhecer exemplos da dramaturgia e da cena teatral portuguesas depois de 1974. Embora a pandemia desfizesse a constelação, a antologia foi feita, e as peças foram apresentadas numa leitura pública, também transmitida em *streaming*, no Buchhändlerkeller em Berlim, a 16 de Março de 2022, com concepção de Isabella Parkinson e introdução de Henry Thorau. As seis peças escolhidas são: *A reviravolta (Umkehrung)* (1999), de Almeida Faria, *Às vezes neva em Abril (Manchmal schneit es im April)* (1997), de João Santos Lopes, *Tristeza e alegria na vida das girafas (Traurig und fröhlich ist das Giraffenleben)* (2011), de Tiago Rodrigues, *Turismo (Tourismus)* (2020), de Tiago Correia, em tradução de Henry Thorau, *Dias a fio (Tag für Tag)* (2011), de Luísa Costa Gomes, e *A acompanhante (Die Begleiterin)* (2014), de Cecília Ferreira, traduzidas, respectivamente, por Marina Spinu e Marianne Gareis. No prefácio, Henry Thorau apresenta as peças no panorama do teatro português, explica o contexto histórico em que surgiram e a relevância dos seus temas, estabelecendo algumas pontes com exemplos do teatro alemão: as mulheres de *Dias a fio* lembram as de *Kalldewey Farce*, de Botho Strauß, e a de *A acompanhante*, a mulher solitária de *Wunschkonzert*, de Franz Xaver Kroetz. Resta esperar, como afirmou por ocasião da leitura pública das peças, que estas venham a integrar as futuras programações do teatro de expressão alemã¹⁵.

No fim desta viagem, gostaria de voltar à questão dos repertórios e recordar Goethe que, durante os quarenta anos em que dirigiu o teatro de Weimar, apresentou um repertório com muitos textos em tradução, concretizando, assim, a sua ideia de uma literatura mundial, uma rede de circulação de traduções e uma mediação permanente entre as culturas, que contribuiriam para um crescente cosmopolitismo e, na sua visão optimista, para a tolerância e a convivência pacífica. Uma imagem representativa desta ideia é a do espectador como um viajante. Segundo Goethe, o espectador deveria compreender que nem todas as peças são como uma peça de vestuário feita à medida dos seus desejos e encarar-se a si próprio mais como um viajante que, visitando, para se cultivar e maravilhar, regiões e lugares desconhecidos, não encontra aí todo o conforto que em casa pôde adaptar à sua individualidade¹⁶. Viajemos, então, e cruzemos olhares, animados pela curiosidade de conhecer o que é diferente e ainda não conhecemos.

¹⁵ THORAU, *org.*, 2021: 9-26.

¹⁶ HINCK, 1982: 91.

BIBLIOGRAFIA

- AALTONEN, Sirkku (2005). *Ecce Homo Reactualized*. In CARVALHO, Paulo Eduardo; SILVA, Alexandra Moreira da, org. *Cadernos de Literatura Comparada 12/13. Teatro em Tradução*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 65-97.
- FISCHER-LICHTE, Erika (2004). *Ästhetik des Performativen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- FISCHER-LICHTE, Erika (2019). *Estética do Performativo*. Tradução Manuela Gomes. Lisboa: Orfeu Negro.
- HINCK, Walter (1982). *Goethe — Mann des Theaters*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- LEHMANN, Hans-Thies (1999). *Postdramatisches Theater*. Frankfurt am Main: Verlag der Autoren.
- LEHMANN, Hans-Thies (2017). *Teatro Pós-dramático*. Tradução Manuela Gomes e Sara Seruya. Lisboa: Orfeu Negro.
- RAYNER, Francesca (2017). *Teatro Português Contemporâneo. Crítica e Performance (2010-2016)*. Lisboa: Edições Colibri.
- REBELLO, Luiz Francisco (1991). *História do Teatro. Sínteses da Cultura Portuguesa Europália 91 — Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- THORAU, Henry, org. (2021). *Einstürzende Altbauten. Sechs Theaterstücke aus Portugal von Almeida Faria, João Santos Lopes, Tiago Rodrigues, Luísa Costa Gomes, Cecília Ferreira, Tiago Correia*. Berlin: Alexander Verlag Berlin.

AFROPÄISCH, AFROPOLITISCH, POST-SCHWARZ ODER POLI-SCHWARZ: KALAF EPALANGA, EIN ANGOLANER IN DEUTSCHLAND

DORIS WIESER*

Resumo: *Kalaf Epalanga, imigrante angolano que se tornou conhecido em Portugal tanto como produtor musical e membro da banda Buraka Som Sistema quanto como escritor, vive, há vários anos, principalmente em Berlim. O objetivo deste ensaio é, num primeiro momento, classificar a escrita de Epalanga, discutindo alguns termos que foram propostos tanto por outros (afropeu e afropolitano) como por ele próprio (pós-negritude e polinegritude) e que dizem respeito à vida e à escrita de pessoas negras que vivem fora de África. Num segundo momento, crónicas da sua atual coluna Um benguelense em Berlim e, em menor medida, crónicas publicadas noutros meios serão analisadas para indagar até que ponto a vida de Kalaf Epalanga em Berlim já influenciou a sua escrita.*

Palavras-chave: *Literatura afro-descendente; Berlim; Afropeu; Afropolitano.*

Abstract: *Kalaf Epalanga, an Angolan immigrant who became known in Portugal as a music producer, member of the band Buraka Som Sistema and as a writer, has lived for several years mainly in Berlin. The goal of this essay is, at first, to classify Epalanga's writing, by discussing some terms that were proposed both by others (afropean and afropolitain) and by himself (post-blackness and poli-blackness) and that refer to the life and writing of black people living outside Africa. In a second step, chronicles from his current column Um Benguelense em Berlim and, to a lesser extent, chronicles published in other media will be analyzed to inquire to what extent Kalaf Epalanga's life in Berlin has already influenced his writing.*

Keywords: *Afro-descendant literature; Berlin; Afropean; Afropolitano.*

EINLEITUNG

Geboren 1978 in der Stadt Benguela (Angola), zog Kalaf Epalanga noch nicht ganz volljährig nach Portugal, um einerseits in Lissabon zu studieren und andererseits dem angolischen Bürgerkrieg (1975-2002) zu entkommen, der ihm kaum Zukunftsperspektiven bot und während dem er außerdem immanent in Gefahr war, für den Kampf rekrutiert zu werden. Schnell dockte sich der junge Angolaner an die Afro-Musik-Szene in Lissabon an, gründete zusammen mit João «Branko» Barbosa den Musiklabel Enchufada, und in dessen Folge die *Kuduru*-Band Buraka Som Sistema, die 2007 ihre erste Single («Yah!») und ein Jahr später ihr erstes Studio-Album mit dem Titel *Black Diamond* auf den Markt brachte. Seit nun mehr als einem Jahrzehnt

* Universidade de Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras. Email: dwieser@uc.pt. ORCID: 0000-0002-6613-3338.

macht sich Kalaf Epalanga auch als Schriftsteller einen Namen. Zunächst schrieb er während der portugiesischen Finanzkrise, die 2008-2009 begann, auf Einladung der Tageszeitung «Público» eine Kolumne¹. Die gesammelten Texte erschienen später in den zwei Bänden *Estórias de amor para meninos de cor* (2011) und *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* (2014).

Die kurzen Texte sind der hybriden Gattung der *crónica* zuzuordnen, einer im iberoromanischen Sprachraum verbreiteten Textsorte, in der sich journalistisches und fiktionales Schreiben vermischt. Reale oder fikionalisierte Beobachtungen und Erfahrungen aus dem Alltag münden in *crónicas* meist in gesellschaftliche, teils humorvolle, teils kritische Überlegungen. Rosa Churcher Clark beschreibt die *crónica* als «a short text, originally published in a newspaper setting, possibly later republished in book format, and which presents, in a literary tone and style, an “everyday” event of greater or lesser magnitude»².

Wenige Jahre nach der Veröffentlichung der beiden *crónica*-Sammlungen folgte Epalangas Romandebüt, *Também os brancos sabem dançar. Um romance musical* (2017). Seit einigen Jahren lebt der Autor hauptsächlich in Berlin, wo er schreibt und im kulturellen Bereich tätig ist. Beispielsweise hat er dort 2021 das African Book Festival kuratiert. Der Autor verfasst weiterhin *crónicas*, von denen manche mittlerweile auf seine Wahlheimat Bezug nehmen. Auch im Interview, das ich im Dezember 2020 mit ihm in Távira (Portugal) führen konnte, spricht er über seinen aktuellen Wohnort³.

Im Folgenden möchte ich Epalangas Schreiben näher einordnen und dabei Begriffe zur Diskussion stellen, die von anderen Denkern und Denkerinnen sowie von ihm selbst vorgeschlagen wurden und die sich auf das Leben und Schreiben in Europa lebender Schwarzer beziehen. Im Anschluss werde ich der Frage nachgehen, inwiefern sich das Leben in Berlin bereits auf Kalaf Epalangas Schreiben ausgewirkt hat. Dabei werde ich vor allem *crónicas* seiner aktuellen Kolumne *Um benguelense em Berlim* aber auch, in geringerem Maße, andernorts veröffentlichte *crónicas* vorstellen und besprechen.

AFROPÄISCH ODER AFROPOLITISCH?

Die zwei großen thematischen Achsen in Kalaf Epalangas literarischem Werks sind einerseits die Musikszene (allen voran die angolanschen Genres Kuduru und Kizomba) und andererseits Migrationserfahrungen von Afrikanern und Afrikanerinnen in

¹ Die Kolumne erschien in der Beilage «Ípsilon». Zu Beginn wurden die Texte einfach mit *Opinião* überschrieben; etwa ab 2014 erhielt die Kolumne dann ihren eigenen Titel: *Esse mambo*. Das aus dem Kimbundu stammende Wort *mambu* bedeutet Angelegenheit, vertrauliches Gespräch oder auch Doktrin, Regel, laut dem Wörterbuch von Porto Editora (<<https://www.infopedia.pt/>>), Zugriff: 19. mai. 2023).

² CHURCHER CLARKE, 2022: 12.

³ Das Interview wurde für den Dokumentarfilm *Viver e escrever em trânsito: entre Angola e Portugal* (2021, R: Doris Wieser, 63 min., <https://youtu.be/gjx_CtQ1xUs>) durchgeführt. Ausschnitte sind in den Dokumentarfilm eingeflossen; die Transkription des gesamten Interviews erschien im Frühjahr 2024 in der Zeitschrift *Portuguese Cultural & Literary Studies*.

Europa, die gesetzlichen, sozialen und wirtschaftlichen Schwierigkeiten, denen sie entgegentreten, aber auch die kulturellen Räume, die sie erschaffen. Aufgrund sowohl dieser Themenkomplexe als auch seiner nationale Grenzen überschreitenden Biographie sollen im Folgenden einige Begriffe angetippt werden, die Epalangas Leben und Schaffen in einen größeren Rahmen einordnen. Diesbezüglich möchte ich auf Adjektive wie afro-portugiesisch, afro-europäisch, afropäisch und afropolitisch Bezug nehmen.

In ihrem Aufsatz von 2008, «Afro-European Literature(s): A New Discursive Category», erwähnt Sabrina Brancato Portugal nicht, da es zum Zeitpunkt der Publikation des Aufsatzes schlicht noch keine afro-portugiesische Literatur gab (oder sie zumindest auf dem Buchmarkt nicht sichtbar war), wenn wir afro-portugiesische Literatur als die Literatur eingrenzen, die von in Portugal lebenden Menschen afrikanischer Abstammung geschrieben wird und sich mit dem Schwarzsein in irgendeiner Weise auseinandersetzt. Die *crónica*-Sammlungen Kalaf Epalangas (2011 und 2014) waren eine der ersten, wenn nicht gar *die* ersten afro-portugiesischen Werke auf dem Buchmarkt. Ebenfalls 2011 erschien der Roman *Os pretos de Pousaflores*, von Aida Gomes, der auch dieser Kategorie zugeordnet werden kann, und wenige Jahre später wuchs das noch kleine Textkorpus durch die Veröffentlichung von *Esse cabelo* und *Luanda Lisboa Paraíso* (2018) von Djaimilia Ribeiro de Almeida (2015) weiter an. Es folgten Werke von Telma Tvon (*Um preto muito português*, 2017), Yara Nakahanda Monteiro (*Essa dama bate bué*, 2018) und, im Bereich der Lyrik, Raquel Lima (*Ingenuidade Inocência Ignorância*, 2019). Diese noch kleine afro-portugiesische Literaturszene ist am Wachsen und fügt sich in die weiter gefasste Kategorie der afro-europäischen Literatur ein.

Es war Johny Pitts (ein afro-britischer Journalist, TV-Sprecher und Photograph), der den Begriff «afropäisch» beziehungsweise «Afropäer» in den letzten Jahren popularisierte. In seiner Reisereportage in Buchform, *Afropean: Notes from Black Europe* (2019), dokumentiert er Geschichten schwarzer Menschen in Paris, Brüssel, Amsterdam, Berlin, Stockholm, Moskau, Marseille und Lissabon. Der Begriff nahm seinen Ursprung in der Musikszene Anfang der 1990er Jahre, wie Pitts in der Einleitung erklärt. Als Pitts ihn zum ersten Mal hörte, wurde ihm klar, dass er es ihm ermöglichte, sich ganz zu fühlen, also nicht durch einen Bindestrich geteilt, und er nun sein Schwarzsein als Teilhabe an der Gestaltung einer allgemeinen europäischen Identität begreifen konnte⁴. Für den Autor bedeutet der Begriff auch, dass Schwarzsein in Europa nicht mehr unbedingt bedeuten muss, dass man Immigrant ist, weswegen er sich in seinem Buch vor allem für schwarze Menschen der zweiten, dritten oder der heutigen Generation interessiert, jedoch ohne die Erfahrungen der Einwanderer der ersten Generation aus seinen Betrachtungen auszuschließen. Für Pitts handelt es sich

⁴ PITTS, 2021 [2019]: 15.

um keinen monolithischen oder autoritativen Begriff — dafür sind die Erfahrungen, von denen er berichtet, zu heterogen —, sondern um den Versuch «eine Brücke über den Zaun [zu] bauen, der bestimmte, ob man drinnen oder draußen war, und eine Art informelle kulturelle Koalition her[zustellen]»⁵.

Ein anderer, häufig in Bezug auf in der westlichen Welt lebende Schwarze gebrauchter Begriff ist «Afropolitanismus». Er wurde etwa zeitgleich von Taiye Selasi und Achille Mbembe vorgeschlagen und ist eine Zusammensetzung aus dem Präfix «afro» und dem Begriff «Kosmopolitanismus». Für die britisch-amerikanische Fotografin ghanaischer und nigerianischer Abstammung, Taiye Selasi, sind Afropolit_innen vorrangig hochbegabte (*highly skilled*) Menschen afrikanischer Abstammung, die sich in Migrationskontexten bewegen⁶. Aus diesem Grund ist der Begriff bei Selasi mit dem des *brain drain* verbunden, also dem Verlust dieser für die Herkunftsländer so wichtigen Menschen, die dort in den unterschiedlichsten Sektoren Führungsrollen oder Schlüsselfunktionen übernehmen könnten. Achille Mbembe leitet den Begriff anders her. Für Mbembe ist die afrikanische kulturelle Identität schon immer durch die «Zirkulation der Welten»⁷ oder auch die «„Verfügung“ verschiedener Welten»⁸ charakterisiert, da seit historischen Zeiten unfreiwillige und freiwillige Bewegungen von Afrika hinaus in die Welt und von der Welt hinein nach Afrika stattfanden. «Verfügung» (*imbrication*) ist der Schlüsselbegriff seiner Auslegung des Afropolitanismus, den er definiert als: «[d]as Wissen um diese Verfügung des Hier mit dem Anderswo, das Wissen um die Gegenwart des Anderswo im Hier — und umgekehrt»⁹. Das erwähnte Wissen ist, für Mbembe, zugleich eine Sensibilität, die in der Literatur und anderen künstlerischen Ausdrucksformen ihren Niederschlag finden kann, denn sie ist eine besondere «kulturelle, historische und ästhetische Empfindsamkeit»¹⁰ sowie «ein Stil, eine Ästhetik und eine gewisse Poetik der Welt»¹¹. Mit Bezug zu Pitts, könnte man auch hier wieder hinzufügen, dass diese Ästhetik und «Poetik der Welt» sich nicht autoritativ auf wenige Merkmale reduzieren lässt, sondern der Begriff mit flüssigen Grenzen gedacht werden muss.

POST-SCHWARZ ODER POLI-SCHWARZ?

Da Kalaf Epalanga schon zwei verschiedene europäische Länder zum Wohnort hatte und dadurch auch die Sprachgrenze des Portugiesischen sowie die kolonialen und post-kolonialen Beziehungen zwischen Angola und Portugal überschritten hat,

⁵ PITTS, 2021 [2019]: 20.

⁶ SELASI, 2005: 528.

⁷ MBEMBE, 2015: 332.

⁸ MBEMBE, 2015: 333.

⁹ MBEMBE, 2015: 334.

¹⁰ MBEMBE, 2015: 334.

¹¹ MBEMBE, 2015: 335.

macht es wahrscheinlich Sinn, die Begriffe afropäisch und afropolitisch in Bezug auf ihn zu verwenden¹². Im bereits erwähnten Interview von 2020 hebt er besonders hervor, wie wichtig es ihm ist, eine freie Wahl über sein Leben treffen zu können, ein Privileg, das Schwarze im kolonialen Angola nicht hatten: «Sou totalmente pró amor e escolha. A escolha é um ato político que se manifesta das mais variadas formas e ela não é imposta por uma ideia externa, mas vem das nossas vísceras¹³». Diese Freiheit bringt er mit seinem Verständnis von Demokratie in Verbindung, die er als bestes politisches System verteidigt. Die Wichtigkeit seiner Positionierung wird deutlich, wenn man sich den erst 2002 zu Ende gegangenen angolanischen Bürgerkrieg und die immer noch anhaltende «Alleinherrschaft» immer derselben Partei (MPLA) seit der Unabhängigkeit des Landes von 1975 und deren autoritären Regierungsstil ins Bewusstsein ruft. Mit der Wertschätzung der Wahlfreiheit einher geht in Epalangas Werk ein spürbares, afropolitanistisches Bewusstsein über die «Verfügung des Hier mit dem Anderswo».

Bei der Lektüre von *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* (2014) fällt auf, dass das Thema der Wahlfreiheit den Autor bereits seit einigen Jahren beschäftigt. In Bezug auf seinen damaligen Wohnort Lissabon schreibt er in der *crónica* «Ao que vêm e para onde vão»: «Esta é a cidade que escolhi chamar de minha, e que me chama para si, não sei bem o que quer de mim. Lisboa dá-se lentamente, esconde-se, é tímida, reservada.¹⁴» Es gelingt ihm, trotz der Distanz, die er zweitweise zwischen den Menschen ausmacht, sich im von ihm gewählten Lissabon zu Hause zu fühlen, da er sich dort nicht aufgrund seiner Hautfarbe isoliert fühlt. Er stellt fest, dass er dort im Alltag vielen schwarzen Menschen im öffentlichen Raum begegnet, und reflektiert auch über andere Städte, die ihm potenziell zur Wahl stünden. Diesbezüglich vollzieht er eine Einteilung in solche, die er gerne besucht, aber nicht als Wohnort wählen würde, und solche, die er sich als Wohnort vorstellen kann. In ersteren, wie Kopenhagen und Barcelona¹⁵, fehlen ihm die Alltagsbegegnungen mit anderen Schwarzen, mit denen er sich identifizieren könnte. In letzteren, Städten wie Lissabon, Paris, London oder auch New York, fühlt er sich diesbezüglich besser aufgehoben:

Acho que é por me sentir menos observado, e por não levar o rótulo pós-negritude, que geralmente é associado àqueles cujo comportamento social os distingue dos demais negros por demonstrarem aptidões intelectuais acima da média¹⁶.

¹² Schon andere haben die Begriffe «afropäisch» und «afropolitanisch» auf Epalangas Werk bezogen, so SOUSA, 2023: 140.

¹³ WIESER, 2024: 57.

¹⁴ EPALANGA, 2014b: 42.

¹⁵ Barcelona wird in dieser Hinsicht nicht in der *crónica* erwähnt, jedoch in Epalangas Roman.

¹⁶ EPALANGA, 2014b: 42-43.

Zwei Gründe für sein Wohlfühlen lassen sich aus diesem Zitat entnehmen. Der erste ist offensichtlich: Wo es mehr schwarze Menschen gibt, fällt der einzelne weniger auf und fühlt sich daher auch weniger beobachtet, weniger allein und geschützter. Das Argument macht natürlich nur vor dem Hintergrund des anhaltenden Rassismus Sinn, der nicht nur als Alltagspraxis immer wieder — mal offener, mal subtiler — gegen dunkelhäutige Menschen ausgespielt wird, sondern auch systemimmanent und damit naturalisiert, versteckt und unbewusst ist. Das zweite Argument hat mit der Wortschöpfung *pós-negritude* zu tun. Nun ist zunächst *negritude* ein Begriff, der oft mit einer literarischen Bewegung in Verbindung gebracht wird, denen Autoren wie Leopold Sédar Senghor und Léon Damas im französischsprachigen Bereich und in Angola Agostinho Neto, António Jacinto und Viriato da Cruz angehörten. Kalaf Epalanga meint hier jedoch etwas anderes; er meint das Stigma des Schwarzseins, also die vom Kolonialismus hervorgebrachten Stereotype der Schwarzen als in jeglicher Hinsicht «minderwertige» Menschen, die sich bis heute in Vorurteilen halten. Was ist vor diesem Hintergrund das Post-Schwarzsein oder die Post-Schwarzheit (*pós-negritude*)? Aus der *crónica* geht hervor, dass Epalanga damit ein neues, post-koloniales Label für Schwarze meint, die den alten Stereotypen nicht entsprechen, weil diese Menschen zum Beispiel gebildet und in ihrem Beruf kompetent sind oder weil sie Schriftsteller_innen, Künstler_innen oder Intellektuelle sind. Der Begriff Post-Schwarzsein impliziert den Blick des Staunens von Seiten der weißen Mehrheitsbevölkerung. Und gerade diesen Ausdruck der Überraschung, der auf seine Weise herablassend ist, wenn auch als Anerkennung gemeint, ist Epalanga nicht mehr bereit zu ertragen. In Städten mit einem größeren schwarzen Bevölkerungsanteil, wie Lissabon oder Berlin, fühlt sich der Autor diesen oft auch neugierigen Blicken weniger ausgesetzt. Weiter unten in derselben *crónica* setzt er dem einen weiteren Begriff hinzu, den Begriff *polinegritude*, den er wie folgt in Worte fasst: «Somos todos mestiços, economicamente, socialmente e politicamente falando.» Ein *mestiço* zu sein, das heißt ein Mensch gemischter Abstammung, hat in Epalangas Denken seine biologische Dimension verloren beziehungsweise überwunden. Er bezieht den Begriff nun auf die Herkunft schwarzer Migrantinnen aus unterschiedlichen gesellschaftlichen, wirtschaftlichen und politischen Kontexten. Daher gibt es nicht nur *ein* Schwarzsein, sondern viele. Außerdem trägt jeder einzelne von ihnen die Vielheit in sich, da sie aufgrund ihrer Lebenswege Verschiedenheit absorbiert haben. Auf diese Weise ist Poli-Schwarzsein ein Begriff, der sich gegen die koloniale und post-koloniale Gleichmacherei aller Schwarzen zur Wehr setzt.

Über Berlin sagt der Autor jedoch auch anderes. Er nimmt Bezug auf die Präsenz der schwierigen deutschen Geschichte, der er in der Stadt nachspürt: «gosto da dor que curva o espírito daquela cidade, que está patente e dá-lhe uma certa rebeldia,

silenciosa, mas muito acutilante, muito precisa»¹⁷. Die Berliner Gedenkstätten lassen den afrikanischen Immigranten nicht teilnahmslos, sondern werden von ihm als positiv wahrgenommen. Ferner hebt er hervor, dass die Präsenz afrikanischer Menschen aus unterschiedlichen Herkunftsländern ihm in Berlin positiv auffällt. Das ist sicher ein Merkmal, das Berlin von Lissabon unterscheidet, da bekannterweise in der portugiesischen Hauptstadt vor allem Menschen aus den ehemaligen portugiesischen Kolonien anzutreffen sind (den sogenannten PALOP-Staaten), jedoch deutlich weniger Menschen aus anderen afrikanischen Ländern. Epalanga fühlt sich diesbezüglich in Berlin beflügelt:

*acho que nunca encontrei africanos com tanto conhecimento como encontrei em Berlim. Acho estimulante engajar-me com pessoas que se parecem comigo de uma forma intelectual, numa troca intensa sobre conhecimento que não é condicionado pela política da raça, não é?*¹⁸

Wenn der Begriff *Afropolitanismos* also den des Kosmopolit(an)ismus enthält, dann ist er geeignet, das von Epalanga evozierte Milieu in Berlin zu beschreiben. Der Autor erzählte mir im erwähnten Interview auch, dass er Deutsch lerne und dadurch die Geschichte von Anton Wilhelm, einem, wenn man so will, Protoafropolitanisten, kennenlernte:

*um menino/escravo que foi adotado por uma família alemã, um conde qualquer. Ele foi o primeiro africano, negro, a ingressar numa universidade europeia. Formou-se em Filosofia e exerceu a atividade, deixou documento, deixou obra. Depois ele voltou para o Gana, onde nasceu. Tudo o que encontrei dele está escrito em alemão. Ele é um personagem riquíssimo. Acho incríveis essas características e essa diversidade que a Alemanha tem*¹⁹.

Über diese Geschichte berichtet auch Kwame Anthony Appiah in seinem Buch *The Lies That Bind. Rethinking Identity* (2018) (*Identitäten. Die Fiktion der Zugehörigkeit*, 2020). Appiah zeigt, dass sie im Endeffekt ein Experiment war, das das Ziel verfolgte herauszufinden, «ob ein Afrikaner das moderne Wissen aufnehmen und zu dessen Erweiterung beitragen konnte»²⁰. Da Anton Wilhelm 1734 promovierte und Professor an zwei deutschen Universitäten wurde, Halle und Jena, war der Beweis für die Intelligenz der Schwarzen eigentlich erbracht. Dennoch zerbrach aufgrund

¹⁷ WIESER, 2024: 57.

¹⁸ WIESER, 2024: 57-58.

¹⁹ WIESER, 2024: 58.

²⁰ APPIAH, 2020: 156.

dessen das Vorurteil ihnen gegenüber nicht. Wahrscheinlich wurde Anton Wilhelms Intelligenz als die Ausnahme, die die Regel bestätigte, abgetan. Das Post-Schwarzsein lag noch in weiter Ferne.

DIE KOLUMNE *UM BENGUELENSE EM BERLIM*

Obwohl Berlin noch keinen großen Raum im Werk Epalangas einnimmt, hat der Autor den Titel *Um benguelense em Berlim* für seine aktuelle Kolumne gewählt, die seit Oktober 2019 in der zur Tageszeitung «Folha de São Paulo» gehörenden Zeitschrift «Quatro cinco um — a revista dos livros» erscheint. Die Kolumne spielt auf Stings Song «Englishman in New York» (1987) an. Im Liedtext des britischen Sängers und Songwriters geht es um die exzentrische Schwulenikone Quentin Crisp und seine Wege, die ihn von Großbritannien nach New York führten. Der berühmte Refrain «Oh-oh, I'm an alien, I'm a legal alien/ I'm an Englishman in New York» und der letzte, sich mehrmals wiederholende Vers «Be yourself no matter what they say» sind emblematisch für die Themen, die Epalanga in der Kolumne behandelt: auf der einen Seite das Gefühl des Fremdseins, bei Sting in der Hyperbel des Außerirdischen (*alien*) ausgedrückt, und auf der anderen Seite die Notwendigkeit, sich selbst zu affirmieren, trotz aller Widrigkeiten. Sehr populär wurde auch das *remake* des Songs von Shinehead mit dem Titel «Jamaican in New York» (1992), das sich noch mehr an die typischen von Kalaf Epalanga beschriebenen Situationen annähert, da diese neue Version von einem Schwarzen handelt, der sich als Ausländer in einer mehrheitlich weißen Gesellschaft bewegt.

Interessant ist auch, dass Epalanga nicht *Um angolano em Berlim* als Titel wählte, sondern *Um benguelense em Berlim*. Er hebt folglich mehr auf eine emotionale Bindung an einen begrenzten, kleineren Raum ab, die Stadt Benguela, in der er aufgewachsen ist, statt auf die größere Dimension der Nation. Diese Präferenz hat auch damit etwas zu tun, dass die Grenzen Angolas, wie er selbst im erwähnten Interview hervorhebt, nicht von Afrikanern gemacht wurden, sondern von den Kolonialmächten in der Folge der Berliner Kongokonferenz. Dies heißt jedoch nicht, dass Angola keine wichtige Bezugsgröße für ihn wäre. Es bedeutet lediglich, dass sie emotional der Identifikation mit der kleineren Einheit, Benguela, nachgeordnet ist: «Angola é importante para mim, mas não Angola no sentido de nação, no sentido de pátria, porque essa é uma construção e é uma construção que não foi iniciada por angolanos²¹». Tatsächlich ist der Wahl des Kolumnentitels nicht spontan erfolgt. Der Titel nimmt vielmehr eine Linie wieder auf, die Epalanga bereits in mehreren Texten entwickelt hatte, die im Buch *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* enthalten sind, und die sich mit dem Ausländersein und spezieller mit dem Schwarzsein in der westlichen

²¹ WIESER, 2024: 55.

Welt auseinandersetzen. Sie tragen die Titel *Um benguelense em Nova Iorque*, *Um benguelense em Paris* und *Um benguelense em Lisboa*.

Die erste *crónica* der Kolumne, die ich vorstellen werde, trägt den Titel *Paternidade* (datiert auf den 1. Oktober 2019). Darin fragt sich der Autor, was es bedeutet, ein schwarzer Vater von ebenfalls schwarzen Kindern in einer weißen Mehrheitsgesellschaft zu sein, das heißt konkret in Berlin. *Paternidade* geht zurück auf ein Thema, das der Autor bereits in der *crónica Saudação*²² in *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* behandelt hat. Darin erzählt er, dass er auf seinen Reisen durch verschiedene Städte Europas manchmal gefragt wird, warum er andere Schwarze mit einem Blick oder einem Kopfnicken grüßt, wenn er ihnen zufällig begegnet. Diese Angewohnheit sei, laut Epalanga, «algo que nos distingue e separa do resto da humanidade²³». Die Erklärung dafür liege in den Lebensbedingungen der afrikanischen Migranten, die mehrheitlich nicht aus freien Stücken (und hier kehrt auch das Thema der Wahlfreiheit wieder), sondern aus Notwendigkeit ihr Herkunftsland verlassen haben: «Connosco existiu sempre, historicamente, um motivo externo que nos obrigou a sair de África²⁴». Der besagte Gruß ist daher eine Art der Anerkennung der Lage des anderen, ein Anerkennen der ihnen gemeinsamen Geschichte, der Geschichte des Kolonialismus und der Versklavung sowie in jüngeren Zeiten der Geschichte anderer Fluchtursachen und wirtschaftlicher Notlagen, ein Anerkennen auch der Schwierigkeiten des Schwarzseins in einem mehrheitlich weißen Land mit anhaltendem strukturellem Rassismus. In *Paternidade* stellt sich Kalaf Epalanga vor, wie er seinen Kindern in Berlin diesen Gruß beibringen wird, sobald sie groß genug dazu wären: «estarei aqui, ajudando-os a navegar por entre o dito e não dito. Ajudá-los a identificar a importância do aceno com que todos os negros se saúdam quando se cruzam em terra estrangeira²⁵». Der Text endet mit einer poetischen Wendung, in der die schwarze Haut metonymisch zum Heimatland wird:

a cor negra é uma pátria, uma nacionalidade que todos carregamos, independentemente do sítio onde tenhamos nascido ou da cidade que tenhamos escolhido para morrer. Ser negro é ser africano, é ser daquele continente, ainda que nunca tenhamos posto lá os pés. Por isso acenamos sempre que nos cruzamos com um semelhante²⁶.

Hier wird die Vorstellung eines gemeinsamen Zugehörigkeitsgefühls evoziert, einer größeren Identität als die des aus Benguela stammenden Kalaf, eines Angolaners,

²² EPALANGA, 2014b: 25-27.

²³ EPALANGA, 2014b: 25.

²⁴ EPALANGA, 2014b: 26-27.

²⁵ EPALANGA, 2019a.

²⁶ EPALANGA, 2019a.

Afropäers oder Afropolit. Es ist eine schwarze, kulturelle, post-nationale und geradezu «planetare» Identität (ich beziehe mich hier frei auf das Gedicht *Planeta África* von Raquel Lima²⁷).

Die zweite *crónica* der Kolumne, die ich kurz besprechen möchte, ist mit *Os Bronzes têm dono* betitelt (veröffentlicht am 24. Oktober 2021). Darin geht es um das kontroverse Thema der Rückgabe von Kunstgegenständen, die aus den ehemaligen Kolonien Europas stammen und sich in europäischen Museen befinden. Viele dieser Artefakte wurden schlicht geraubt oder auf unmoralische Weise unter der Ausübung von Druck erworben. Aber auch wenn sie auf einer rechtlichen Grundlage gekauft wurden, so steht der Erwerb dennoch im Zusammenhang mit dem ungerechten Machtgefälle des Kolonialismus. Die Restitutionsdebatte nahm in Europa Fahrt auf, nachdem der französische Präsident Emmanuel Macron auf seinem Besuch in Ouagadougou (Burkina Faso) im November 2017 ankündigte, dass er beabsichtige, die Bedingungen für eine zweitweise oder permanente Rückgabe afrikanischer Artefakte innerhalb der nächsten fünf Jahre zu schaffen²⁸. Im Auftrag von Macron erstellten Felwine Sarr und Bénédicte Savoy den Bericht *Restituer le patrimoine africain* (*Zurückgeben. Über die Restitution afrikanischer Kulturgüter*, 2019), der im November 2018 dem Präsidenten übergeben wurde. Darin präsentierten sie die Geschichte verschiedener Rückgabeforderungen und deren Ablehnungen und erarbeiteten einen zeitlichen, gesetzlichen, methodischen und finanziellen Rahmen für die Restitution afrikanischer Kulturgüter. Neben anderen Aspekten, bezieht sich Kalaf Epalanga auf die Rede Chimamanda Ngozi Adichies, die die nigerianische Autorin am 22. September 2021 auf der Eröffnungsfeier des Berliner Humboldt Forums hielt. Darin drängte sie auf die Restitution vor allem von Kulturgütern mit sakralem Wert für die Ursprungsgesellschaften. Davon ausgehend ruft sich Epalanga eine Szene aus dem Film *Black Panther* (2018, R: Ryan Coogler) ins Gedächtnis, in der eine Figur des fiktiven afrikanischen Landes Wakanda die Direktorin des British Museums bezüglich der Herkunft eines afrikanischen Kunstgegenstandes korrigiert. Beides, Adichies Rede und die Filmszene, benutzt der Autor dazu, sein eigenes Drängen auf Restitution zum Ausdruck zu bringen. An dieser *crónica* wird deutlich, wie Epalanga, ausgehend von Ereignissen in Berlin, aktuelle Debatten aufgreift, die mit Afrika in Verbindung stehen.

Im Unterschied zur eben besprochenen *crónica*, ist *Psicanálise nas barbearias* (veröffentlicht am 1. August 2021) ein humorvoller Text mit stärker literarischem Zuschnitt. Er imitiert ein auf einem sozialen Netzwerk geführtes Gespräch, das sich aus Text- und Audionachrichten zusammensetzt. Ein Mann (der fikionalisierte

²⁷ RAQUELLIMA, 2019.

²⁸ SARR, SAVOY, 2019: 13.

Autor) bittet eine Freundin um einen Tipp bezüglich eines günstigen Frisörsalons in Berlin. Die beiden tauschen Eindrücke und Erfahrungen aus, philosophieren über die Beziehung zwischen Kunden und Frisör und rufen Erinnerungen an Lissabon beziehungsweise London hervor. Es ist ein *chat* zwischen zwei schwarzen Personen unterschiedlicher Herkunft und mit unterschiedlichen Lebenswegen, also jene Art von Austausch, die Epalanga als besonders inspirierend im Berliner Umfeld wahrnimmt. Der fiktionalisierte Kalaf empfiehlt schließlich seiner Freundin das Buch *Esse cabelo* von Djaimilia Pereira de Almeida, passend zum Thema Haare. Dann trifftet das Gespräch zu anderen Themen ab, zum Verbot spezieller Bademützen für Afro-Kraushaar bei den Olympischen Spielen und zum großen Anteil von Schwarzen, die nicht schwimmen können. Die *crónica* endet damit, dass Kalaf seine Gesprächspartnerin darüber informiert, dass er mittlerweile an einem Frisörsalon in der Amsterdamer Straße angekommen sei. So zeigt der Text, der Alltagserfahrung mit Fiktion vermischt, einen kleinen Ausschnitt dieses Mikrokosmos der Afrikaner, Afropäer und Afropolit, in dem sie ihr Poli-Schwarzsein erleben und zur gegenseitigen Bereicherung einsetzen.

Die letzte *crónica* der Kolumne, die ich ansprechen möchte, *The beautiful ones are now born* (vom 1. März 2021), nimmt eine literarische Veranstaltung in Berlin zum Ausgangspunkt für allerlei Überlegungen über kulturelle Produkte mit Afrikabezug. Der nigerianische Schriftsteller Chris Albani sprach auf besagter Veranstaltung über die unterschiedliche Art und Weise, wie Europäer und Afrikaner Binarismen auslegen. Ihm zufolge handeln erstere nach der Logik A oder B, letztere aber nach der Logik A und B; einer von vielen Gründen von kulturellem Missverstehen. Epalanga reiht sodann kurze Überlegungen zu folgenden Filmen aneinander: zum Spielfilm *Berlin Alexanderplatz* von Burhan Qurbani, der auf der Berlinale 2020 präsentiert wurde, mit dem aus Guinea-Bissau stammenden Schauspieler Welket Bungué in der Rolle eines afrikanischen Immigranten in Berlin; zum Kurzfilm desselben Welket Bungué, mit dem Titel *Mudança*, der auf der Berlinale 2021 zu sehen war und in dem die ebenfalls aus Guinea-Bissau stammende Joacine Katar Moreira die Rolle der Protagonistin übernimmt; und schließlich zum Dokumentarfilm der kapverdischen Filmemacherin Lolo Arziki Sakudi über die LGBTQ+-*community* auf Kap Verde und der Ablehnung der nationalen Filmförderungsvereinigung (Associação Cinema e Audiovisual de Cabo Verde), den Film zu fördern, mit dem Argument, LGBTQ+-Menschen hätten nichts mit der kapverdischen Kultur zu tun. Epalanga hilft auf diese Weise durch seine *crónicas*, dass mit Afrika in Beziehung stehende Filme und andere kulturelle Produkte stärker besprochen und damit sichtbarer werden und nimmt zu diesen Produkten lobend oder kritisch Stellung.

Wenn man über die Kolumne *Um benguelense em Berlim* hinausblickt, findet man durchaus noch mehr Texte Epalangas, die auf Berlin Bezug nehmen. So beispielsweise *Prenzlauer Berg*, erschienen am 12. Oktober 2014 in der Zeitschrift «Ípsilon» der

Tageszeitung «Público»²⁹. Sie handelt von einer Taxifahrt vom Prenzlauer Berg zum Flughafen Tegel, während der sich der türkische Taxifahrer für Kalafs Instrument — eine Marschtrummel (*tarola*) — zu interessieren beginnt und schließlich von seinem eigenen gescheiterten Traum, Sänger zu werden, erzählt. Ein anderes Beispiel ist die *crónica Stolpersteine*, erschienen auf dem Portal *GQ Portugal* im Februar 2019. Neben einer kurzen Erklärung und Würdigung der im Titel erwähnten Stolpersteine als Gedenken an Opfer des Nationalsozialismus, spricht Epalanga darin die 2009 auf dem Friedhof Columbiadamm (Neukölln) installierte Namibiagedenkplatte und den Hererostein an, die an den von den Deutschen verübten Herero- und Nama-Völkermord in Namibia (1904-1907) erinnert. Er verbindet also afrikanische Geschichte, afrikanisches Leid, geschickt über die Brücke Hererostein-Stolpersteine, mit deutscher Geschichte, deutschem Leid, und zeigt, dass beides nicht voneinander trennbar ist. In diesem Text schlendert Kalaf auch wieder als Vater durch die Straßen Berlins, über Friedhöfe, die er eigentlich lieber vermeidet, und nimmt Bezug auf seinen ältesten Sohn und die Tatsache, dass sein Geburtsjahr, 2016, mit dem des Todes eines seiner Neffen in Angola zusammenfiel. So wird das Flanieren zu einem Gedenksparade an fremdes und eigenes Leid, ausgehend von Berlins Stadt-Text, bestehend aus Denkmälern und Stolpersteinen, deren Funktion für den Autor darin besteht, uns unseres Menschseins wieder voll bewusst zu werden: «Relembrando-nos que em cada um daqueles cubos reluzentes jaz a nossa humanidade. A nossa única esperança é que ela volte, nem que seja em forma de assombração»³⁰.

SCHLUSSBEMERKUNGEN

Mein Ziel war es, einige Eindrücke darüber zu vermitteln, welche Themen Kalaf Epalanga in seinen *crónicas*, vor allem denen seiner aktuellen Kolumne *Um benguelense in Berlin*, aufgreift, und aufzuspüren wie sie in Beziehung zu seinem aktuellen Wohnort Berlin stehen. Zwar ist der Berlinbezug noch sporadisch, es lässt sich aber vermuten, dass der Autor ihn weiter ausbauen und verstärken wird, da er die Berliner Afro-Szene sowie das kulturelle Gedächtnis der Stadt als inspirierend empfindet. In manchen Texten wird deutlich ersichtlich, dass Epalanga bewusst eine emotionale Beziehung zu Berlin aufbaut, die auf Dauer ausgerichtet ist. Er taucht tief in die Gedächtnislandschaft der Stadt ein und projiziert sich dort als Vater seiner Kinder in die Zukunft. In anderen Texten wird deutlich, dass der Angolaner ein genauer Beobachter der Afro-Kulturszene ist und in Berlin stattfindende Veranstaltungen häufig zum Ausgangspunkt dafür macht, über afrikanische Kultur und die Kultur der afrikanischen Diaspora zu berichten und zu reflektieren. Kalaf Epalanga hat

²⁹ Die *crónica* wurde nicht in den Band *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)* integriert, da sie wahrscheinlich zu spät dafür erschienen ist.

³⁰ EPALANGA, 2019b.

bekanntlich die Musikszene Lissabons verändert und, man möchte sagen, auch am Nachdenken Portugals über sich und über Afrika gerüttelt, indem er Afrika auf leichtfüßige und humorvolle, ja post-schwarze und poli-schwarze Art und Weise präsenter machte. Sicher wird auch Berlin sich durch sein Verweilen und Agieren in der Stadt noch stärker bewegen lassen.

Wenn ich diesen Aufsatz mit terminologischen Überlegungen in Bezug auf das Präfix «afro» (afropäisch, afropolitisch) sowie auf das Lexem «schwarz» (post-schwarz, poli-schwarz) begonnen habe, so komme ich jetzt zur Schlussfolgerung, dass diese Begriffe tatsächlich helfen, die Literatur und das Denken Kalaf Epalangas sowie das anderer Schriftsteller und Schriftstellerinnen mit ähnlichem Hintergrund (wie Yara Nakahanda Monteiro, Aida Gomes oder Djaimilia Pereira de Almeida) einzuordnen. Es ist eine Literatur, die, wie Sandra Sousa schreibt, die europäische Identität neu definiert, indem sie sie vom monolithischen gedachten Weißsein entfernt³¹. Es ist eine Literatur, die, wie Johny Pitts schreibt, Schwarzsein als Teil der europäischen Identität begreift³², eine Literatur mit afropolitischen Sensibilität, da sie sich, in Mbembes Worten ausgedrückt, als der «Verfugung der Welten» eingedenkt zeigt³³. Und schließlich ist es auch eine Literatur die, wie Kalaf (als fikionalisierte Figur in *Também os brancos sabem dançar*) sagt, Grenzüberschreitungen als eine Notwendigkeit erachtet, wenn man sich selbst und die Anderen kennenlernen möchte, denn «atravessar fronteiras [é] o único exercício que sei praticar para materializar em palavras, poucas de preferência, aquilo que sei sobre mim»³⁴.

BIBLIOGRAFIE

- APPIAH, Kwame Anthony (2020). *Identitäten. Die Fiktionen der Zugehörigkeit. (Aus dem Englischen von Michael Bishoff)*. Berlin: Hanser.
- CHURCHER CLARKE, Rosa (2022). *Writing From The Margins: The Crónicas Of Ilse Losa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- EPALANGA, Kalaf (2011). *Estórias de amor para meninos de cor*. Alfragide: Caminho.
- EPALANGA, Kalaf (2014a). *Prenzlauer Berg*. «Ípsilon». (12. Okt. 2014). [Zugriff 30 apr. 2023]. Verfügbar in <<https://www.publico.pt/2014/10/12/culturaipilon/opiniao/prenzlauer-berg-1672521>>.
- EPALANGA, Kalaf (2014b). *O angolano que comprou Lisboa (por metade do preço)*. Alfragide: Caminho.
- EPALANGA, Kalaf (2017). *Também os brancos sabem dançar. Um romance musical*. Alfragide: Caminho.
- EPALANGA, Kalaf (2019a). *Paternidade*. «Quatro cinco um — a revista dos livros». (01 Okt. 2019). [Zugriff 30 apr. 2023]. Verfügbar in <<https://quatrocinco.folha.uol.com.br/br/colunas/um-benguelense-em-berlim/paternidade>>.
- EPALANGA, Kalaf (2019b). *Stolpersteine*. «GQ Portugal». (04 mar. 2019). [Zugriff 30 apr. 2023]. Verfügbar in <<https://www.gqportugal.pt/kalaf-epalanga-stolpersteine>>.

³¹ SOUSA, 2023: 148.

³² PITTS, 2021: 15.

³³ MBEMBE; 2015: 70.

³⁴ EPALANGA, 2017: 65.

- EPALANGA, Kalaf (2021a). *Os Bronzes têm dono*. «Quatro cinco um — a revista dos livros». (24 Okt. 2021). [Zugriff 30 apr. 2023]. Verfügbar in <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/um-benguelense-em-berlim/os-bronzes-tem-dono>>.
- EPALANGA, Kalaf (2021b). *Psicanálise nas barbearias*. «Quatro cinco um — a revista dos livros». (01 Aug. 2021). [Zugriff 30 apr. 2023]. Verfügbar in <<https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/colunas/um-benguelense-em-berlim/psicanalise-nas-barbearias>>.
- EPALANGA, Kalaf (2021c). *The beautiful ones are now born*. «Quatro cinco um — a revista dos livros». (01 Mar. 2021). [Zugriff 30 apr. 2023]. Verfügbar in <<https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/colunas/um-benguelense-em-berlim/the-beautiful-ones-are-now-born>>.
- MBEMBE, Achille (2015). *Afropolitanismus*. In Dübgen, Franziska; Skupien, Stefan, Hg. *Afrikanische politische Philosophie. Postkoloniale Positionen*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, pp. 330-337.
- PITTS, Johny (2021 [2019]). *Afropäisch. Eien Reise durch das schwarze Europa*. (Aus dem Englischen von Helmut Dierlamm). Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- RAQUELLIMA (2019). *Ingenuidade inocência ignorância*. Oeiras: BOCA e Animal Sentimental.
- SARR, Felwine; SAVOY, Bénédicte (2019). *Zurückgeben. Über die Resitution afrikanischer Kulturgüter*. (Aus dem Französischen von Daniel Fastner). Berlin: Matthes & Seitz.
- SELASI, Taiye (2005). *Bye-Bye Barbar*. «Callaloo». 36:3, 528-530. DOI: <https://10.1353/cal.2013.0163>.
- SOUSA, Sandra (2023). *Reclaiming an Individual Space. The Angolan Diaspora in Portugal*. In Ricci, Cristián H. *Twenty-First Century Arab and African Diasporas in Spain, Portugal and Latin America*. New York: Routledge, pp. 135-149.
- WIESER, Doris (2024). *Angola e os lugares do afeto: entrevista a Kalaf Epalanga*. «Portuguese Literary & Cultural Studies». 40:41, 54-71.

III
LINGUÍSTICA

PARTÍCULAS MODAIS E PARTÍCULAS MODALIZADORAS NO PORTUGUÊS EUROPEU NUMA PERSPETIVA SINCRÓNICA E DIACRÓNICA

BENJAMIN MEISNITZER*
LUKAS MÜLLER**

Resumo: O presente artigo pretende discutir a existência de partículas modais no português, tomando por base a variedade europeia. A questão aparentemente simples não é de todo trivial, uma vez que contrariamente ao alemão, o português não possui um paradigma de partículas modais, e os potenciais candidatos parecem encontrar-se em distintos estádios de gramaticalização. Pretendemos, por conseguinte, argumentar que, no português, temos partículas modais e partículas modalizadoras consoante estas se encontrem mais ou menos gramaticalizadas. Para legitimar a existência desta categoria de partículas vamos aplicar critérios definidos, sobretudo pela investigação na área da Germanística a lexemas que apresentam potencial pragmático-funcional para serem consideradas partículas modais. O presente estudo pretende descrever estas numa perspetiva sincrónica a partir de dados de material linguístico autêntico, através do recurso a corpora e traçar a sua gramaticalização numa perspetiva diacrónica.

Palavras-chave: Modalidade; Partículas modais; Pragmática; Teoria da mente.

Abstract: This paper discusses the existence of modal particles in Portuguese, taking the European variety as a basis. The apparently simple question is not at all trivial, since, contrary to German, Portuguese does not have a modal particle paradigm and the potential candidates seem to be in different stages of grammaticalization. We intend, therefore, to argue that in Portuguese, we have modal particles and modalizing particles, according to whether they are more or less grammaticalized. In order to legitimize the existence of this category of particles, we will apply criteria defined mainly by German Linguistics research to lexemes that have pragmatic-functional potential to be considered modal particles. The present study aims at describing these in a synchronic perspective based on data from authentic linguistic material using corpora and tracing their grammaticalization in a diachronic perspective.

Keywords: Modality; Modal particles; Pragmatics; Theory of mind.

INTRODUÇÃO

«Olhares cruzados» é um lema que se aplica perfeitamente para sintetizar o estudo das partículas modais numa perspectiva diacrónica e sincrónica. Pois se, por um lado, um impulso para estudar a existência de respetiva categoria funcional partiu de Franco¹, que escrevia que, apesar de a literatura referir que existem línguas que

* Universität Leipzig. Email: benjamin.meisnitzer@uni-leipzig.de. ORCID: 0000-0003-4072-8365.

** Universität zu Köln. Email: lukas.mueller@uni-koeln.de. ORCID: 0000-0003-1648-7100.

¹ FRANCO, 1988.

não possuem partículas modais (PM), o português é uma língua que «não pertence nem ao grupo das línguas ricas em PM, nem ao grupo das que as não têm, se bem que esta (sub-)categoria de palavras tenha sido — como tal — até agora praticamente desconhecida dos gramáticos (e dos lexicógrafos) portugueses»². A atitude crítica de Franco em relação a uma gramaticografia que ignora a existência de uma categoria funcional deve-se ao facto de António Franco ser um germanista português, que, por isso, tinha um profundo conhecimento de ambas as línguas. Os seus «olhares cruzados», ou melhor, a sua perspectiva contrastiva motivou os seus trabalhos, que revelaram a existência de lexemas que, do ponto de vista funcional e no que diz respeito às suas características sintáticas, correspondem inequivocamente às partículas modais no alemão. Destaca, ainda, que, «a língua portuguesa faz uso de tais partículas, a cada uma das quais é, aliás, possível, por sua vez, fazer corresponder um espectro por vezes largo de equivalências funcionais em alemão»³. Esta ideia é fulcral para o estudo das partículas modais no português, uma vez que mostra o quão problemático é tentarmos explicar as partículas modais numa língua exclusivamente a partir de traduções, estudando os correspondentes para as partículas alemãs na língua de chegada⁴. Não pretendemos de modo algum restringir a relevância deste tipo de estudos, que complementam estudos como o nosso, que se dedicam ao levantamento de lexemas que são utilizados como partículas modais em contexto espontâneo e nativo de falantes L1. Apesar dos estudos de Franco⁵, gramáticos e lexicógrafos continuaram, na sua grande maioria, a ignorar a existência de um grupo de lexemas utilizados no português como partículas modais. Face ao desconhecimento que continua a existir em relação às partículas modais no português, importa, num contexto em que se regista um crescente interesse contrastivo e tipológico relativamente à existência de partículas modais nas línguas do mundo, retomar o assunto. No presente artigo, pretendemos, partindo dos estudos levados a cabo, sobretudo, na Germanística para definir critérios que permitam identificar e descrever partículas modais, com «olhares cruzados», verificar os «candidatos» propostos para o português e discutir o seu estatuto enquanto partículas modais, conforme proposto por Meisnitzer⁶ para as línguas românicas.

Nas secções seguintes, iremos revisar os critérios discutidos na literatura para classificar e analisar as PM, sobretudo as PM no alemão, para, de seguida, aplicá-los ao português. O objetivo será comprovar se, ou seja, em que medida, esta análise sistemática

² FRANCO, 1988: 137.

³ FRANCO, 1988: 138.

⁴ Um exemplo para este tipo de estudo encontramos em BEERBOM (1992), cujo objetivo é, contudo, precisamente analisar em que medida as partículas modais constituem um problema para tradutores nas traduções alemão-espanhol, realçando lexemas que são utilizados como partículas modais na língua de chegada.

⁵ FRANCO, 1988, 1990, 1991.

⁶ MEISNITZER, 2012.

permite considerar os candidatos *lá, cá, afinal e sempre* PM⁷. Começaremos com o nível semântico-pragmático e continuaremos com os critérios formais, mais precisamente morfossintáticos e fonológicos, antes de analisar a sua trajetória diacrónica.

AS PM EM SINCRONIA

Os critérios semântico-pragmáticos

Mesmo que nem todas as línguas possuam um requisito formal equivalente às PM no alemão, é consenso que as funções pragmáticas das PM não devem ser consideradas como exclusivas do alemão, mas como significado pragmático universal. Por outras palavras, enquanto muitas línguas não possuem uma classe de palavras especialmente destinada às funções pragmáticas das PM, todas conhecem estratégias linguísticas alternativas para desempenhar estas (os chamados *equivalentes funcionais*)⁸, como também o português⁹. Antes de mais nada, convém então comprovar que também os falantes da língua portuguesa contam com as funções pragmáticas das PM. Dado que a sua identificação nem sempre é fácil, sobretudo, por causa da ambiguidade com palavras homónimas, que servem de lexemas-fonte, mas que apresentam funções específicas, um método proeminente tem sido abordá-las desde uma perspetiva comparativa com o alemão. De facto, esta tradição já se pode atestar tanto no trabalho pioneiro e influente de Franco¹⁰, como mencionado acima na introdução, como em Blieberger¹¹, que analisa uma tradução portuguesa do romance *Die Vermessung der Welt*, escrito por Daniel Kehlmann. Eis dois exemplos dos estudos de Franco (1) e Blieberger (2):

- (1) *Es ist ja auch eine Familie mit vier Kindern.
Sempre é uma família com quatro filhos*¹².
- (2) *Aber dafür sei ja noch Zeit, er sei schließlich erst neunzehn.
Mas para isso ainda havia tempo, afinal só tinha dezanove anos*¹³.

É de notar que as versões portuguesas recorrem a *sempre* e *afinal*, podendo-se verificar que o valor pragmático das PM pode-se expressar tanto no alemão quanto

⁷ *bem* é utilizado como partícula modalizadora, embora com enorme restrição contextual, conforme demonstrado por MEISNITZER (2020), pelo que não será incluído no presente estudo.

⁸ WALTEREIT, 2006: IX.

⁹ FRANCO, 1988.

¹⁰ FRANCO, 1988.

¹¹ BLIEBERGER, 2011.

¹² FRANCO, 1988: 154.

¹³ BLIEBERGER, 2011: 113.

no português¹⁴. No que diz respeito à sua função, servem, tal como as PM no alemão, como partículas (meta-) pragmáticas entre os interlocutores para iniciar um *Fremdbewusstseinsabgleich*¹⁵, ou seja, para relacionar a proposição com o *common ground*¹⁶. Com efeito, a omissão das PM resultaria numa perda deste valor pragmático expresso por *aber, ja, schließlic*, etc. Portanto, é crucial destacar que estas, sendo meramente elementos pragmáticos, não contribuem para o valor de verdade numa enunciação. Com efeito, como se destaca de forma exemplar nos exemplos (3-5) abaixo, não podem constituir uma resposta (em contraste com o advérbio «provavelmente»), nem podem ser inquiridas através de perguntas isoladas. Além disso, não podem ser negadas (6-7). Assim sendo, são interpretadas como elementos isolados que contribuem *non-at issue* (NAI) *meaning*, complementando o plano proposicional¹⁷.

(3) *(Eles vêm visitar-nos?) — Provavelmente/*Afinal!*¹⁸.

(4) *Tu lá sabes. — *Onde?*

(5) *Sempre é uma questão de dinheiro? — *Como é uma questão de dinheiro?*

(6) *Sempre não choveu. / Nem sempre choveu!*¹⁹.

(7) *Sempre é uma questão de dinheiro. — Não!*

No nível pragmático, as PM exercem um efeito atenuador que tem um impacto na ilocução do enunciado²⁰. Consideremos, de novo o exemplo (1), para o qual se proporciona o contexto a seguir: «A família X desde manhã cedo que está continuamente a carregar malas e sacos de casa para o carro, para finalmente partir de viagem. Quando uma das vizinhas diz: “Sempre é uma família com quatro filhos”²¹.» Elidindo *sempre* não mudaria nada no plano proposicional e resultaria num simples ato assertivo, numa declaração. Isto é, a função de *sempre* afeta a ilocução da enunciação, criando um efeito sobretudo enfático, nalguns casos atenuador, dependendo do contexto e da interpretação. A partícula *sempre* neste exemplo possibilita que o locutor possa avaliar o dito («é obvio e compreensível que precisam de muito tempo para prepararem as malas»), exprimir emoções e sentimentos («coitados»), mas também para aliar o conteúdo ao discurso/*common ground* («todos os participantes da conversação sabem que a família demora muito tempo a preparar as malas, e o enunciador pretende aludir a este conhecimento interpessoal»). Adicionalmente,

¹⁴ As estratégias identificadas por Blieberger abrangem lexemas como *afinal, mas, então* e construções do tipo *não é assim tão, haver de ou é que*.

¹⁵ LEISS, 2009. Leiss entende por *Fremdbewusstseinsabgleich* um alinhamento do saber comum em relação ao destinatário.

¹⁶ REPP, 2013; DÖRING, REPP, 2020.

¹⁷ DÖRRE *et al.*, 2015.

¹⁸ FRANCO, 1988: 149.

¹⁹ FRANCO, 1988: 148.

²⁰ WEGENER, 1998; CONIGLIO, 2011.

²¹ FRANCO, 1988: 153.

o uso de *sempre* pode aumentar (mas, dependendo do contexto, também diminuir) o grau de cortesia, como ilustrado no exemplo (8), onde a inserção da PM francesa *bien* transforma uma pergunta numa asserção. Ao mesmo tempo, tem o potencial de alterar o grau de cortesia, dado que pode fazer uma oração soar muito educada ou menos educada, em função do contexto e da prosódia.

- (8) *Vous avez bien reçu mon message?*²²
«Sempre recebeu a minha mensagem, certo?»

Em suma, todas as funções desempenhadas por *sempre* em (1) pertencem ao domínio da modalidade, o que salienta a motivação de designá-lo de partícula modal.

Os candidatos para verificarmos se podem ser classificados como PM na presente contribuição são inspirados por Franco²³, Meisnitzer²⁴ e Marques e Duarte²⁵, *lá, cá, afinal* e *sempre*. No alemão, as PM mostram uma relação homónima com um lexema fonte²⁶, do qual foram diacronicamente derivadas²⁷. Passando ao português, os homónimos dos nossos candidatos *lá* e *cá* são expressões deíticas, enquanto *afinal* e *sempre* derivam de advérbios²⁸.

Retomando o conhecimento interpessoal já mencionado acima, *sempre* ativa a expectativa de *p*, permitindo uma confirmação (9-11) de *p*, em função do *common ground*²⁹. Contudo, *sempre* parece ocorrer também em circunstâncias nas quais a proposição «acaba por se realizar contra todas as expectativas [,] contrariamente ao que se pensava ou esperava»³⁰. Por outras palavras, pode licenciar também uma interpretação contrastiva (expectativa de $\sim p$), como nos exemplos (12-13). Igualmente, *afinal* ativa uma expectativa de $\sim p$, contudo, uma expectativa mais forte de $\sim p$ ³¹, como em (11), em que o enunciador não esperava que a Patrícia ganhasse um prémio. Do ponto de vista pragmático-funcional, ambas as PM são bastante parecidas.

- (9) *Sempre me saíste um aldrabão!*³²

- (10) *Vou marcar a viagem e tirar o bilhete! — O teu pai sempre te deixa ir?*³³

²² WALTEREIT, DETGES, 2007: 63.

²³ FRANCO, 1988.

²⁴ MEISNITZER, 2012.

²⁵ MARQUES, DUARTE, 2017.

²⁶ ABRAHAM, 2011.

²⁷ WEGENER, 1998.

²⁸ cf. MEISNITZER, 2012.

²⁹ Cf. LOPES, 2006; FIÉIS, 2010; AMARAL, DEL PRETE, 2014

³⁰ *Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, verbete «sempre», disponível em <<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=sempre>>.

³¹ LOPES, 2006; AMARAL, DEL PRETE, 2016.

³² LOPES, 2006: 15.

³³ FRANCO, 1990: 190 (ligeiramente modificado).

- (11) *A Patrícia afinal ganhou o prémio*³⁴.
 (12) *Não queria, mas sempre veio*³⁵.
 (13) *Vivo só da tradução, e sempre não passo fome*³⁶.

Uma vez que já introduzimos exemplos acima, mostrando a função modal de *sempre* e *afinal*, os exemplos seguintes sugerem que as expressões deícticas *lá* e *cá* também são produtivas em contextos, nos quais cumprem os critérios semânticos e pragmáticos das PM.

- (14) *Eu cá acho que não existem verdades absolutas. O que para ti pode ser inquestionável, e mesmo dogmático, para mim não é*³⁷.
 (15) A — *Tem mais um bocadinho para falar consigo.*
 B — *Então diga lá*³⁸.

No exemplo (14), o enunciador assume que para o destinatário existem verdades absolutas, posição que o emissor não partilha. Todavia, através do uso da partícula modal *cá*, o emissor dá ao destinatário a possibilidade de negociar a divergência de posições, que este assume existir. Em (15), o emissor informa o destinatário que supõe que este queira dizer algo ou tenha algo a objetar, indicando-lhe de que está disponível para que este se manifeste. A partícula *lá*, neste contexto, visa dar a possibilidade ao destinatário de se pronunciar ou não, subentendendo a intenção do emissor de saber aquilo que pensa o destinatário. A omissão em ambos os casos não mudaria a proposição, mas alteraria a ilocução. A sua função em ambos os casos é a de atenuar o conteúdo da proposição. A partícula *lá* mantém o traço semântico (+distante) do lexema fonte, um advérbio de lugar, que, através do processo cognitivo da reinterpretação baseada na semelhança semântica, é reinterpretado como distância emocional, cognitiva e subjetiva, podendo expressar dúvida, incerteza e imprecisão, o que, no exemplo, afeta a posição do emissor ou a posição que o emissor supõe que o destinatário adote em relação ao conteúdo da proposição³⁹. A «distância» atenua o conteúdo da proposição. O lexema *cá*, em (14), pelo contrário, devido à semântica deíctica expressando proximidade, reforça o conteúdo da proposição admitindo, no entanto, que o destinatário tenha uma posição divergente em relação ao conteúdo da proposição⁴⁰. O processo de mudança linguístico subjacente em ambos os casos é o da metáfora.

³⁴ LOPES, 2006: 17.

³⁵ *Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, verbete «sempre», disponível em <<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=sempre>>.

³⁶ LOPES, 2006: 18.

³⁷ Disponível em <https://sigarra.up.pt/feup/pt/foros\geral.mensagem?pi_id_msg=3985>.

³⁸ MARQUES, DUARTE, 2017: 31.

³⁹ MARQUES, DUARTE, 2017.

⁴⁰ MARQUES, DUARTE, 2014.

Os critérios morfossintáticos e fonológicos

Os critérios formais que definem as partículas modais no alemão e que pretendemos aplicar ao português são: 1. posição sintática fixa; 2. não podem ser fletidas, isto é, são morfologicamente invariáveis⁴¹; 3. geralmente, não podem ser acentuadas⁴², embora existam as exceções no alemão *ja* e *doch*⁴³; 4. não podem ser coordenadas (17), embora possam ocorrer combinadas — no português, *afinal* e *sempre*, conforme podemos observar no exemplo (16)⁴⁴; 5. não podem ser modificadas (por exemplo, intensificadas)⁴⁵; e 6. têm escopo sobre o ato de fala ou a oração completa⁴⁶.

(16) *o Sr. Juiz decidiu expressar publicamente que, afinal, sempre teve partido*⁴⁷.

(17) **o Sr. Juiz decidiu expressar publicamente que, afinal e sempre teve partido*.

Quanto à posição sintática, é um dos critérios que revela graus distintos no que concerne ao grau de gramaticalização das potenciais partículas modais. Deste modo, distinguimos entre o lexema fonte e a partícula modal através da posição sintática — (18) vs. (19). Enquanto partículas modais *sempre* e *afinal* ocorrem sempre em posição pré-verbal, podendo ambas ocorrer em orações declarativas, exclamativas e em perguntas de *sim* ou *não* (20)⁴⁸. A partícula *afinal* também ocorre em perguntas abertas ao contrário de *sempre*. Ambas não podem ser utilizadas com função modalizadora em orações diretas⁴⁹.

(18) *Ele vem sempre a Lisboa*⁵⁰. (advérbio)

(19) *Ele sempre vem a Lisboa*⁵¹. (partícula modal) (ao contrário do que o locutor estava à espera)

(20) *O teu pai sempre te deixa ir?*⁵²

⁴¹ WALTEREIT, 2006: 1.

⁴² ABRAHAM, 2011: 128.

⁴³ GUTZMANN, 2010; EGG, ZIMMERMANN, 2012.

⁴⁴ WALTEREIT, 2006: 1.

⁴⁵ WALTEREIT, 2006: 1.

⁴⁶ Para uma lista completa dos traços que definem partículas modais e referências bibliográficas adicionais, ver: MEISNITZER, GERARDS, 2017: 333-334.

⁴⁷ CdP, 2006.

⁴⁸ KUNOW, 2001: 15. Note-se que Kunow resume, discute e reavalia os resultados de FRANCO, 1991: 171.

⁴⁹ KUNOW, 2001: 15.

⁵⁰ FRANCO, 1989: 248.

⁵¹ FRANCO, 1989: 248.

⁵² FRANCO, 1990: 190.

Quanto à impossibilidade de negar uma partícula modal, os exemplos (18) e (19) facilmente nos permitem entender que, enquanto a partícula de negação «não» pode ser introduzida antes do verbo seguido de advérbio (18), é impossível negar (19) inserindo a mesma partícula antes da PM. Além disso (19) e (20) permitem-nos verificar que não podemos modificar partículas modais, por exemplo, inserindo advérbios de quantidade como *muito* antes de *sempre* para intensificar. As partículas *lá* e *cá*, pelo contrário, são acentuadas (graficamente), embora na função de partícula estes lexemas sejam menos *stressed* do que os correspondentes deíticos adverbiais. Não obstante, tal como as partículas *sempre* e *afinal*, não podem ser coordenadas (nem combinadas) e não podem ser modificadas. Quanto à sua posição sintática, ainda podem ocorrer em posição pós-verbal em orações diretivas e exclamativas (21) e em posição pré-verbal (22) em orações declarativas⁵³.

- (21) A — Não, ainda tem mais um bocadinho para falar consigo.
 B — Então diga lá⁵⁴.
 (22) Ele lá foi para casa⁵⁵.

A mobilidade sintática de *cá* e *lá*, a forte restrição relativamente a contextos em que podem ocorrer, o facto de serem acentuadas e de não necessariamente estabelecerem uma relação entre o conteúdo da proposição e o *common ground* (especialmente *cá*), mostram que se trata de partículas ainda menos gramaticalizadas no processo de mudança linguística que leva à perda da semântica lexical dos lexemas fonte e resulta num aumento da sua força ilocutiva, pelo que muitos linguistas falam de um processo de pragmatização no caso das partículas modais e dos marcadores discursivos. Os elementos linguísticos que sofrem o respetivo processo passam a operar a nível pragmático, além das fronteiras da proposição, no nível ilocucional, no caso das partículas modais, e na estrutura discursiva, no caso de marcadores discursivos. O processo constitutivo dos respetivos elementos é comparável ao de outros lexemas que assumem funções gramaticais, pelo que podemos falar de um processo de gramaticalização⁵⁶.

AS PM EM DIACRONIA

Com base no *Corpus do Português*⁵⁷, apresentamos uma exploração das primeiras ocorrências de *lá*, *cá*, *afinal* e *sempre* com função modalizadora na seguinte secção.

⁵³ KUNOW, 2001: 15.

⁵⁴ MARQUES, DUARTE, 2017: 31.

⁵⁵ MEISNITZER, 2012: 344.

⁵⁶ A propósito da controvérsia em torno da mais-valia de distinguir entre gramaticalização e pragmatização, veja-se DETGES, WALTEREIT, 2016.

⁵⁷ CDP, 2006.

Sempre

Como se pode verificar no exemplo seguinte, já no século XVII, surgem os primeiros usos de *sempre* aos quais podemos atribuir uma função modalizadora.

- (23) *Diz que a verdade [...] é como água do Chafariz de El-Rei, que por correr por canos de enxofre, sempre faz mal ao fígado*⁵⁸.

O trecho revela uma ambiguidade entre a leitura adverbial (*sempre* como advérbio quantificador) e modalizadora. Segundo a leitura adverbial, «a verdade é como x que resulta sempre em y», ao passo que segundo, a leitura modal, se percebe que «a verdade é como x que, como se sabe, resulta em y». É justamente a paráfrase «como se sabe» que esboça o potencial epistémico de *sempre* já no século XVII. Tendo em conta que *sempre* ainda hoje cria contextos ambíguos, convém, desde já, destacar que parece que estes já se mantêm há quatrocentos anos. De ponto de vista semântico, a oração constitui um discurso indireto livre, que ainda atualmente licencia o uso de PM.

Conforme observado no exemplo (23), também no exemplo a seguir *sempre* parece oscilar entre uma interpretação adverbial («grandes tentações pelo desejo que sempre tive») e modal («grandes tentações pelo desejo que, como se sabe, (sempre) tive»), outra vez numa oração subordinada.

- (24) *O oferecimento de Inglaterra me fez grandes tentações, não só pelo afecto daquela majestade, de que eu tinha razões antigas de duvidar, mas pelo grande desejo que sempre tive de ver uma filha dos nossos reis*⁵⁹.

Afinal

No que diz respeito a *afinal*, que tem como lexema fonte o respetivo advérbio, as primeiras ocorrências atestadas no corpus, datam do século XIX. Entre estas, também podemos identificar exemplos esboçando um uso modal, sugerindo que não demorou muito tempo até que a ambiguidade entre a função adverbial e modal surgisse.

- (25) *Pobres crianças! Porque afinal eram crianças todos três*⁶⁰.
(26) *Não receie. Esta gente afinal é covarde*⁶¹.

⁵⁸ CDP, 2006.

⁵⁹ CDP, 2006.

⁶⁰ CDP, 2006.

⁶¹ CDP, 2006.

Nos exemplos, *afinal* estabelece nitidamente uma relação com o *common ground* e, além disso, tem um efeito atenuador e ilocutivo que faz com que a atitude do enunciador corresponda à asserção.

Lá

Já no século XVII surgem os primeiros exemplos onde *lá* aparentemente expressa a sua função modal. Nas primeiras ocorrências, quer uma leitura como distância deíctico-espacial quer uma leitura como distância cognitiva-emocional, é plausível que já se trate dos chamados *bridging contexts*, nos quais por reinterpretção (metáfora) ou reanálise (metonímia) se deu ou foi motivado o processo de mudança linguística que esteve na origem das respetivas partículas modais.

- (27) *Abri de todo as portas que tudo é necessário para nós entrarmos; porque este negócio que El-Rei vai começar, não se pode lá fazer sem nós*⁶².

O exemplo (27) documenta o vínculo entre o valor deíctico-espacial e modal-atenuador de *lá*, discutido em pormenor em Marques e Duarte⁶³. Na leitura deíctica, é criado um afastamento espacial em relação ao lugar onde «vai começar o negócio», ao passo que a leitura modal alude a um afastamento emotivo-cognitivo, ou seja, subjetivo, que se adapta a que o falante se queixe da situação (=estado emotivo-cognitivo). O exemplo (28) também ilustra essa mesma ambiguidade semântica, priorizando, no entanto, aparentemente a leitura modal.

- (28) *Sim, sim, tia Brites; você lá sabe desses tolhiços, e eu também sei como as raparigas se tolhem nas cangostas*⁶⁴.

Observe-se que o contexto atribui um caráter expressivo, de modo que o falante expressa a sua atitude perante certos acontecimentos nas cangostas. Ao mesmo tempo, *lá* faz com que se harmonizem a consciência do falante e do ouvinte (*Fremdbewusstseinsabgleich*, no sentido de Leiss⁶⁵ e referência ao *common ground*) com respeito aos tolhiços.

⁶² CDP, 2006.

⁶³ MARQUES, DUARTE, 2017.

⁶⁴ CDP, 2006.

⁶⁵ LEISS, 2009.

Cá

Vimos na secção anterior como *lá* cria uma ambiguidade entre um afastamento espacial e subjetivo. De modo análogo, podemos observar, nos dados empíricos, como *cá* oscila entre proximidade espacial, por um lado, e emotiva, cognitiva, subjetiva, por outro lado, como se pode verificar no exemplo (29).

- (29) *Por isso tu cá vens: porque és mentiroso*⁶⁶.
 (30) *Enfim, eu cá sei o que ela é, e basta*⁶⁷.
 (31) *Estou farto daquele estafermo! Então que quer? Eu cá sou assim*⁶⁸.

Nos exemplos supracitados podemos observar como dos contextos de ponte (29), na sequência de um sucessivo processo de *semantic bleaching*, o advérbio de lugar *cá* vai sucessivamente perdendo a sua semântica [+ proximidade espacial], tornando-se numa partícula modal (em determinados contextos sintáticos). Deste modo, em (31) uma leitura deíctico-espacial seria inaceitável, ou seja, agramatical.

Quadro geral

Resumindo o quadro diacrónico resultante do nosso estudo empírico diacrónico, podemos observar que os processos de mudança linguística que resultam no desenvolvimento de uma semântica modal dos lexemas, em análise, se inicia no século XVII, ficando o seu estatuto consolidado no século XX⁶⁹ — se é que podemos afirmar que este se encontra consolidado.

Tabela 1. Emergência das PM *sempre, lá, cá, afinal*, segundo o nosso levantamento do CDP (? = nenhuma ocorrência com suposta função modal; X = nenhuma ocorrência do lexema)

	Século XVI	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Século XXI
<i>Sempre</i>	?	→				
<i>Lá</i>	?	→				
<i>Cá</i>	?	→				
<i>Afinal</i>	X	X	X	→		

Fonte: CDP, 2006

⁶⁶ CDP, 2006.

⁶⁷ CDP, 2006.

⁶⁸ CDP, 2006.

⁶⁹ Na consolidação da sua função como partículas modais, a cronologia relativa das partículas modais portuguesas é semelhante à das francesas, embora estas últimas nos *corpora* até agora estudados apenas possam ser documentadas mais tarde com função de partícula modal, conforme demonstra o estudo sobre a gramaticalização de partículas modais no francês numa perspetiva diacrónica (Meisnitzer, Wocker, 2018: 51-73).

Importa relativizar o facto de *afinal* apenas surgir, na nossa pesquisa, como partícula modal no século XIX. O *Corpus do Português* apresenta a vantagem de disponibilizar um volume substancial de dados, ao mesmo tempo, sobretudo o material de língua falada é restrito e, conforme é sabido, as partículas modais ocorrem exclusivamente na linguagem falada e na escrita que reproduz esta, sendo substituídas por outras estratégias comunicativas nos registos escritos. Um alargamento da pesquisa, englobando outros *corpora* poderia eventualmente alterar a cronologia aqui proposta. Deste modo, embora *afinal* se encontre atestado apenas substancialmente mais tarde no *Corpus do Português* do que as outras três partículas modais, esta constatação não legitima por si só assumir que *afinal* iniciou o processo de gramaticalização substancialmente mais tarde. É, pelo contrário, interessante constatar que *lá* e *cá* se encontram menos gramaticalizadas do que *afinal* e *sempre*, apesar do respetivo processo de gramaticalização se ter iniciado bastante precocemente. O facto de estarem menos gramaticalizadas pode comprovar-se se atendermos à sua maior liberdade sintática (posição pré-verbal e pós-verbal), à sua maior restrição contextual, regida por motivos semânticos e à impossibilidade de serem combinadas, ao contrário de *afinal* e *sempre*, conforme demonstra o exemplo (32), podendo o exemplo ser parafraseado por «Tinhas razão, contrariamente ao que eu esperava, vieste».

(32) *Afinal, sempre vieste.*

O estudo detalhado das respetivas funções e da interação entre ambas as partículas, quando combinadas, proporciona ainda potencial para futuros estudos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os quatro lexemas aqui estudados (*afinal, sempre, cá, lá*), quanto ao seu valor modal, têm em comum o facto de modificarem a ilocução. Na sua função modal, todas estabelecem uma relação com o *common ground*, embora *lá* e *cá* estejam mais restritas na sua utilização pela prevalência do traço semântico (+/- distante) do lexema fonte, sejam acentuadas e possam ocorrer quer em posição pré-, quer pós-verbal, mobilidade sintática que comprova que não estão tão gramaticalizadas como *afinal* e *sempre*. *Afinal* e *sempre* já concluíram o processo de *semantic bleaching* em relação aos lexemas fonte, contrariamente a *lá* e *cá*, pelo que as primeiras podem ser consideradas partículas modais, as duas últimas — tal como *bem* — partículas modalizadoras, uma vez que apenas em contextos bastante mais restritos assumem esta função.

Tabela 2. Partículas modais e partículas modalizadoras do português, definidas a partir dos critérios definidores de partículas modais.

	Partículas modais		Partículas modalizadoras	
	<i>sempre</i>	<i>afinal</i>	<i>lá</i>	<i>cá</i>
Posição sintática fixa	+	+	-	-
Classes de palavras invariáveis	+	+	+	+
(Geralmente) não acentuadas	+	+	-	-
Não podem ser coordenadas	+	+	+	+
Não podem ser modificadas (intensificadas, etc.)	+	+	+	+
Escopo alargado em relação ao lexema fonte	+	+	+	+
Dependem do tipo de oração	+	+	+	+
Podem modificar a ilocução	+	+	+	+
Articulam proposição e <i>common ground</i>	+	+	+/-	-
Portadoras de <i>non-at issue meaning</i>	+	+	+	+

Fonte: tabela da autoria dos autores

Deste modo, *afinal* e *sempre* do ponto vista funcional e formal correspondem às partículas modais alemãs, enquanto *lá* e *cá* satisfazem os critérios formais e funcionais com mais restrições do que as partículas modais no alemão, voltando aos nossos «olhares cruzados».

A importância de identificar e descrever as partículas modais numa língua advém, sobretudo, da necessidade de ensiná-las, para permitir aos aprendentes adotá-las de forma adequada nas suas estratégias comunicativas, aspeto que, com a crescente orientação da didática das línguas estrangeiras segundo princípios comunicativos, ganhou substancialmente relevo no ensino e aprendizagem destas. Deste modo, em vez de serem focalizadas frases e a sua correção e elaboração gramatical, as aulas concentram-se na transmissão de bases para fins comunicativos e no desenvolvimento da capacidade dos aprendentes de atuar comunicativamente. O papel da gramática na aprendizagem de línguas estrangeiras neste contexto evoluiu de uma conceção da gramática na qual a forma tinha a primazia para um princípio segundo o qual a gramática tem uma função auxiliadora para fins comunicativos⁷⁰. Ou seja, o objetivo das aulas de língua estrangeira é, segundo esta aceção, transmitir aos aprendentes a capacidade para se adequarem a distintos contextos e situações comunicativos, falando com grande autenticidade e naturalidade na língua estrangeira⁷¹. Segundo este princípio, pelo qual a didática das línguas estrangeiras atual se rege, o mais importante

⁷⁰ Decke-Cornill, Küster, 2015: 177.

⁷¹ Meisnitzer, 2022: 445-446.

é que os aprendentes saibam falar na língua estrangeira aprendida, regendo-se os cursos por conteúdos e aspetos comunicativos, em detrimento da tradicional progressão de item gramatical para item gramatical⁷². Aspetos funcionais como o valor pragmático das PM são valorizados neste modelo. Além disso, a gramática descritiva não pode ser indiferente a esta polifuncionalidade de certos lexemas, independentemente de se justificar ou não uma revisão da gramática prescritiva no sentido de integrar a existência de partículas modais nas diversas línguas românicas. Mas essa decisão cabe às respetivas Academias de Letras.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Werner (2011). *Über Unhintergebarkeiten in der modernen Modalitätsforschung*. In DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena, *coords. Modalität und Evidentialität. Modality and Evidentiality*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, pp. 125-147.
- AMARAL, Patrícia; DEL PRETE, Fabio (2014). *On truth persistence. A comparison between European Portuguese and Italian in relation to sempre*. In CÔTÉ, Marie-Hélène; MATHIEU, Éric, *coords. Variation within and across Romance languages. Selected papers from the 41st Linguistic Symposium on Romance languages*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- AMARAL, Patrícia; DEL PRETE, Fabio (2016). *On truth unpersistence. At the crossroads of epistemic modality and discourse*. «Natural Language & Linguistic Theory». 34:4, 1135-1165.
- BEERBOM, Christiane (1992). *Modalpartikeln als Übersetzungsproblem. Eine kontrastive Studie zum Sprachenpaar Deutsch-Spanisch*. Frankfurt am Main: Lang.
- BLIEBERGER, Erich (2011). *Zur Wiedergabe der Abtönungspartikeln: eine kontrastive Studie zum Sprachenpaar Deutsch-Portugiesisch*. «Revista de Estudos Alemães». 2, 109-128.
- CDP (2006). *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>>.
- CONIGLIO, Marco (2011). *Die Syntax der deutschen Modalpartikeln. Ihre Distribution und Lizenzierung in Haupt- und Nebensätzen*. Berlin: Akademie Verlag.
- DECKE-CORNILL, Helene; KÜSTER, Lutz (2015). *Fremdsprachendidaktik. Eine Einführung*. Tübingen: Narr.
- DETGES, Ulrich; WALTEREIT, Richard (2016). *Grammaticalization and Pragmaticalization*. In FISCHER, Susann; GABRIEL, Christoph, *coords. Manual of Grammatical Interfaces in Romance*. Berlin, Boston: de Gruyter, pp. 635-657.
- DÖRING, Sophia; REPP, Sophie (2020). *The modal particles ja and doch and their interaction with discourse structure: Corpus and experimental evidence*. In FEATHERSTON, Sam *et al. coords. Experiments in Focus. Information Structure and Semantic Processing*. Berlin, Boston: de Gruyter, pp. 17-56.
- DÖRRE, Laura *et al.* (2015). *The At-Issue and Non-At-Issue Meaning of Modal Particles and their Counterparts*. [s.l.]: [s.n.].
- EGG, Markus; ZIMMERMANN, Malte (2012). *Stressed out! Accented discourse particles: The case of «doch»*. «Proceedings of Sinn und Bedeutung». 16:1, 225-238.
- FIÉIS, Alexandra (2010). *On the position of sempre in Medieval Portuguese and in Modern European Portuguese*, «The Linguistic Review», 27:1, 75-105.
- FRANCO, António (1988). *Partículas modais da língua portuguesa: relances contrastivos com as partículas alemãs*. «Revista da Faculdade de Letras do Porto Línguas e Literatura». 5, 137-156.

⁷² Reinfried, 2006: 38.

- FRANCO, António (1989). *Modalpartikeln im Portugiesischen — Kontrastive Syntax, Semantik und Pragmatik der portugiesischen Modalpartikeln*. In WEYDT, Harald, coord. *Sprechen mit Partikeln*. Berlin; New York: de Gruyter, pp. 240-255.
- FRANCO, António (1990). *Partículas modais do português*. Porto: FLUP.
- FRANCO, António (1991). *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra Editora.
- GUTZMANN, Daniel (2010). *Betonte Modalpartikeln und Verumfokus*. In HENTSCHEL, Elke; HARDEN, Theo, coords. *40 Jahre Partikelforschung*. Tübingen: Stauffenburg, pp. 119-138.
- KUNOW, Ilonka (2001). *Diskurspartikeln im Portugiesischen: Gesprächsanalytische Studien zur Abtönung und Redeorganisation in informeller und institutioneller Kommunikation*. Freiburg: Breisgau. Tese de doutoramento.
- LEISS, Elisabeth (2009). *Drei Spielarten der Epistemizität, drei Spielarten der Evidentialität und drei Spielarten des Wissens*. In ABRAHAM, Werner; LEISS, Elisabeth, coords. *Modalität. Epistemik und Evidentialität bei Modalverb, Adverb, Modalpartikel und Modus*. Tübingen: Stauffenburg, pp. 3-24.
- LOPES, Ana Cristina Macário (2006). *Antes e sempre*. In *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 13-22.
- MARQUES, Maria Aldina; DUARTE, Isabel (2014). *Cá e lá: atenuação, reforço e outros valores modais em PE*. In BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita, org. *Anais do 1.º Congresso Internacional de Semiótica e Cultura (SEMICULT)*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, pp. 381-392.
- MARQUES, Maria Aldina; DUARTE, Isabel (2017). *Lá, atenuador em interações informais do Português Europeu*. «Studia Universitatis Babeş-Bolyai, Philologia». 62:4, 17-34.
- MEISNITZER, Benjamin (2012). *Modality in the Romance languages: Modal verbs and modal particles*. In ABRAHAM, Werner; LEISS, Elisabeth, coords. *Modality and theory of mind elements across languages*. Berlin; Boston: de Gruyter Mouton, pp. 335-360.
- MEISNITZER, Benjamin (2020). *port. bem e esp. bien entre fala e língua. Marcador discursivo e partícula modal: Gramaticalização ou pragmatização?* In MEISNITZER, Benjamin; PUSTKA, Elissa, coords. *Zwischen Sprechen und Sprache. Entre língua e fala*. Frankfurt am Main: Lang, pp. 123-143.
- MEISNITZER, Benjamin (2022). *Divergências no domínio dos tempos verbais entre o Português Europeu e o Português Brasileiro como desafio no Ensino do Português como Língua Estrangeira e Não Materna*. In DÖLL, Cornelia; HUNDT, Christine; Reimann, Daniel, coords. *Pluricentrismo e heterogeneidade. O Ensino do Português como Língua de Herança, Língua de Contato e Língua Estrangeira*. Tübingen: Narr, pp. 443-462.
- MEISNITZER, Benjamin; GERARDS, David (2017). *Überlegungen zur Vermittlung von Modalpartikeln im Fremdsprachenunterricht: Drei Beispiele aus dem Spanischen, Französischen und Italienischen*. In BÜRGEL, Christoph; REIMANN, Daniel, coords. *Sprachliche Mittel im Unterricht der romanischen Sprachen. Aussprache, Wortschatz, Morphosyntax in Zeiten der Kompetenzorientierung*. Tübingen: Narr, pp. 329-360.
- MEISNITZER, Benjamin; WOCKER, Bénédict (2018). *Grammatikalisierung in der neueren französischen Sprachgeschichte: die Entstehung von Modalpartikeln*. In SCHÄFER-PRIESS, Barbara; SCHÖNTAG, Roger, coord. *Seitenblicke auf die französische Sprachgeschichte*. Tübingen: Narr, pp. 51-73.
- REINFRIED, Marcus (2006). *Im Rückspiegel die «großen» Methoden — Le poids de la tradition*. In NIEWELER, Andreas, coord. *Fachdidaktik Französisch: Tradition — Innovation — Praxis*. Stuttgart: Klett, pp. 38-44.
- REPP, Sophia (2013). *Common ground management: Modal particles, illocutionary negation and verum*. In GUTZMANN, Daniel; GÄRTNER, Hans-Martin, coords. *Beyond Expressives. Explorations in Use-conditional Meaning*. Leiden: Brill, pp. 231-274.

- WALTEREIT, Richard (2006). *Abtönung. Zur Pragmatik und historischen Semantik von Modalpartikeln und ihren funktionalen Äquivalenten in romanischen Sprachen*. Berlin; Boston: Max Niemeyer Verlag.
- WALTEREIT, Richard; DETGES, Ulrich (2007). *Different functions, different histories: modal particles and discourse markers from a diachronic point of view*. «Catalan journal of linguistics». 6, 61-80.
- WEGENER, Heide (1998). *Zur Grammatikalisierung von Modalpartikeln*. In BARZ, Irmhild; ÖHLSCHLÄGER, Günther, coords. *Zwischen Grammatik und Lexikon*. Berlin; New York: Max Niemeyer Verlag, pp. 37-56.

AS VOLTAS QUE O TEMPO DÁ: VERSÕES PORTUGUESAS DE *VOR/VORNE* E *HINTER/HINTEN* EM USO TEMPORAL*

JUDITE CARECHO
RUTE SOARES**

Resumo: Pretende-se analisar o uso das preposições direcionais *hinter/vor* e dos advérbios *hinten/vorne* em leitura temporal, comparando-as com as suas correspondentes portuguesas, sobretudo *atrás/à frente (de)* e *atrás/à frente*. Observam-se as ocorrências num corpus de tradução, constituído por texto literário e por exemplos do corpus *Europarl*, sendo essa observação complementada com dados experimentais provenientes de estudos relativos à língua alemã, e adaptados à língua portuguesa. Os resultados revelam o uso de *vor/vorne* e *hinten/hinter* com significado quer de anterioridade quer de posterioridade, havendo, no entanto, uma associação preferencial de frente e anterioridade em alemão. Os dados sobre o português mostram que a associação preferencial é a inversa — frente e posterioridade —, não sendo (a)trás (de) e (à) frente (de) os correspondentes adequados para *hinten/hinter* e *vor/vorne* em muitos dos seus contextos de interpretação temporal.

Palavras-chave: *Hinter/vor*; *À frente de/atrás de*; Preposições direcionais; Preposições temporais; Advérbios temporais.

Abstract: The aim of the paper is to analyse the use of the projective prepositions *hinter/vor* and the adverbs *hinten/vorne* in temporal reading and to compare them with their Portuguese counterparts, especially *atrás/à frente (de)* and *atrás/à frente*. The analysis of occurrences in a translation corpus, consisting of literary text and examples from the *Europarl* corpus, is complemented with experimental data from studies on German, which were adapted to Portuguese. The results reveal the use of *vor/vorne* and *hinten/hinter* with both anteriority and posteriority meanings, but also the preferred association of front and anteriority in German. The data on Portuguese show that the preferred association is the opposite — front and posteriority —, and that (a)trás (de) and (à) frente (de) aren't therefore adequate correspondents for *hinten/hinter* and *vor/vorne* in many of their temporal interpretation contexts.

Keywords: *Hinter/vor*; *À frente de/atrás de*; Projective prepositions; Temporal prepositions; Temporal adverbials.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para a análise das preposições direcionais *hinter/vor* e dos advérbios *hinten/vorne* em leitura temporal, observando a relação entre as suas leituras temporais e locais e registando em que medida correspondem, na variedade europeia do português, às locuções preposicionais *atrás*

* Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/04887/2020.

** Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras. Email: judite@fl.uc.pt, ORCID: 0000-0002-2315-7743; Email: rute.soares@fl.uc.pt, ORCID: 0000-0002-3460-1926.

de/à frente de e às locuções adverbiais *atrás/à frente*, ou a formas similares como *para trás/por trás (de)* e *para a frente (de)*¹.

A preposição *vor* é normalmente usada quer em sentido local quer em sentido temporal. Por um lado, pode indicar uma localização no espaço a partir de um ponto de referência que é um lugar, uma pessoa ou outra entidade concreta, correspondendo muitas vezes a *à frente de*:

- (1) a. er hatte immer einen Stoß Zeichenpapier **vor** sich liegen. (HoH115)²
 b. tinha sempre **à sua frente** uma resma de papel de desenho. (HoH144)

Por outro lado, a mesma preposição *vor* pode localizar uma situação no tempo a partir de um ponto de referência temporal. Se *vor* ocorre com uma indicação de quantidade de tempo, então o ponto de referência é o momento da enunciação, o presente do locutor, e a quantidade de tempo indicada é a que medeia entre esse momento e a situação anterior a localizar, sendo a tradução, em geral, *há*³:

- (2) a. Edith starb **vor** fünf Jahren. (Ur24)
 b. A Edite morreu **há** cinco anos. (Ur27)⁴

Outra aceção temporal de *vor* ocorre quando se indica, depois da preposição, um ponto de referência temporal — um intervalo de tempo (3), um acontecimento

¹ Há outras expressões similares com *dian*te que não são tomadas em conta. No presente texto, todas as situações em que pode haver alternância entre *atrás de* e outras locuções de significado próximo como *por trás de/por detrás de/de trás de*, optámos por grafar *(a)trás*, considerando que a preposição na forma antiga *trás* já só ocorre contraída com *a* ou em locuções.

² Os exemplos provenientes de um *corpus* constituído por textos literários em língua alemã dos séculos XX e XXI, com a respetiva tradução portuguesa, são acompanhados de um código alfanumérico composto por uma sigla que identifica o texto original e a tradução respetiva na lista de fontes, seguida do número da página (exceto *e-books*). Os exemplos com a sigla «Ep» provêm do *corpus* Europarl e incluem o código numérico do respetivo ficheiro de texto, igual em todas as línguas.

³ Note-se que, numa outra aceção, *há* (+quantidade de tempo) não corresponde a *vor*, mas a *seit* ou a uma expressão de duração:

- (a) **Seit einigen Jahren** malte Arthur nur noch monochrom. (Dwin)
Há vários anos que Arthur já só explorava a monocromia. (Dwin46)
 (b) mit undulierten Haaren, die von zu häufigem Färben **längst** zerfressen waren. (GmbH)
 o cabelo às ondinhas, [...] **há muito** carcomido de tanta tinta e pintura. (GmbH75)

Nesta aceção, *há alguns anos/há muito* significa *desde há alguns anos/desde há muito*, e a situação referida abrange todo o período medido até ao ponto de referência temporal, em vez de se localizar apenas no início desse período, como sucede nos casos em que *há=vor* (cf. a caracterização da medição temporal retrospectiva em Mória, 2010: 626).

⁴ O advérbio de lugar *atrás* surge também em frases semelhantes a esta para exprimir anterioridade temporal:

- (a) Man meint nur immer, es wäre besser gekommen, wenn man das oder das, vor Jahren anders gemacht hätte. (HoH103)
 (b) Estamos sempre a pensar que teria sido melhor fazermos isto ou aquilo há anos atrás. (HoH129)

Embora formulações deste tipo sejam por vezes rejeitadas como desvios relativamente à norma, segundo Mória, 2010: 626, esta posição não é defensável, considerando a sua elevada frequência em corpora do português escrito. No contexto do presente trabalho, assinalamos a presença de *atrás* em formulações correspondentes a *vor* que se referem a tempo passado. Nas secções seguintes, observaremos relações diferentes de *atrás* com as expressões alemãs em análise.

(4), ou até uma pessoa e o seu tempo de vida (5), ou um lugar por onde se passa num certo momento de uma deslocação (6) —, sendo a situação localizada em relação a esse tempo de referência e a indicação da quantidade de tempo que medeia entre ambos facultativa: essa indicação só existe em três dos exemplos, *kurz* — (3) e (6) e *achtzig Jahre* (5).

- (3) a. er [fand] kurz **vor** neun im Hotelrestaurant einen freien Tisch. (Ur55)
 b. encontrou uma mesa livre pouco **antes** das nove no restaurante do hotel. (Ur56)
- (4) a. er wußte, daß er sehr viele Zeichnungen enthielt, die er damals in London gemacht hatte, **vor** und **nach** Leens Tod. (HoH111)
 b. Sabia que a caixa continha grande número de desenhos que ele fizera em Londres **antes** e **depois** da morte de Leen. (HoH139)
- (5) a. Achtzig Jahre **vor** Nietzsche! (Sw197)
 b. Oitenta anos **antes** de Nietzsche! (Sw22)
- (6) a. Kurz **vorm** Olivaer Tor glaubte Reschke [...] eine [...] Fahrradrickscha überholt zu haben. (Ur70)
 b. Pouco **antes** da porta de Oliva pareceu a Reschke ter ultrapassado [...] um riquexó de ciclotração. (Ur71)

Como se observa nos exemplos, a tradução de *vor* nesta aceção é normalmente *antes*. O oposto de *vor* temporal é *nach* — cf. (4) —, usualmente traduzido por *depois*, sendo *hinter* o oposto de *vor* espacial, a que corresponde, em geral, (*a*)*trás de*:

- (7) a. Er stand auf, ging **hinter** die Theke und goß sich selbst einen Kirsch ein. (HoH85)
 b. Pôs-se de pé, foi **atrás** do balcão e ele próprio encheu um cálice de ginja. (HoH106)

No entanto, também encontramos usos temporais implícitos de *hinter*, muitas vezes em estreita ligação com os seus usos locais, nomeadamente na referência a deslocações em que há um trajeto no espaço que demora um certo tempo a percorrer:

- (8) a. wenn man beim Metzger ein Steak kauft, weiß man nicht, daß es 3000 Kilometer und vier Länder **hinter sich hat**. (Ep00-07-05)
 b. quando se compra um bife no talho, ignora-se que ele **percorreu** 3000 quilómetros e quatro países.

Nas secções seguintes, retomamos a interpretação temporal de *vor* e debruçamo-nos sobre a de *hinter*, bem como a dos advérbios respetivos, *hinten* e *vorne*, considerando paralelamente as formulações correspondentes em português. As secções 2 a 4 baseiam-se nos dados de um *corpus* de tradução constituído por textos literários em língua alemã, dos séculos XX e XXI, com a respetiva tradução portuguesa, assim como do *corpus* Europarl⁵. A secção 5 baseia-se em dados experimentais provenientes de estudos relativos à língua alemã, por nós adaptados à língua portuguesa.

2. *HINTER/HINTEN* E *VOR/VORNE* COMO EXPRESSÕES DE ANTERIORIDADE E POSTERIORIDADE E A SUA TRADUÇÃO: «NACH VORNE IN DIE ZUKUNFT ODER NACH HINTEN IN DIE VERGANGENHEIT SCHAUEN»

Os exemplos de interpretação temporal de *vor/hinter* e *vorne/hinten* dividem-se em categorias diferentes, de acordo com o significado assumido pelas formas em causa. Na categoria que abordamos nesta secção, as situações estruturam-se como percursos, que podem corresponder a viagens — deslocações no espaço e simultaneamente no tempo, como em (9), onde o caminho (já) percorrido é assinalado como passado para quem fez a viagem:

- (9) a. Sie haben eine lange Reise **hinter** sich. (Ep98-11-18)
b. Vieram de muito longe.

Paralelamente, também o caminho por percorrer pode ser referido por *vor*:

- (10) a. die meisten Abgeordneten [...] haben oft stundenlange Rückwege **vor** sich. (Ep08-05-19-019)
b. muitos [deputados] têm de efetuar longas viagens, de várias horas, até chegar a casa.

Esta mesma construção ocorre também frequentemente com outros tipos de processo que não se desenrolam no espaço, mas apenas no tempo. Adota-se metaforicamente o ponto de vista de uma entidade que se encontra num ponto desse percurso ou o percorre, tendo à sua frente etapas futuras e, atrás de si, etapas passadas⁶, como se pode observar na Figura 1:

⁵ Vejam-se as referências completas das fontes do *corpus* em «Fontes».

⁶ Cf. TENBRINK, 2007: 19; KERMER, 2021: 417.

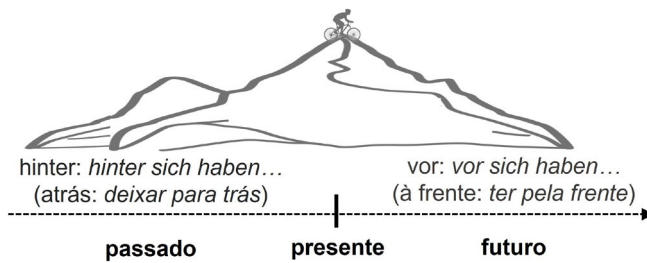


Fig. 1
Modelo dinâmico de interpretação locativa de (à) frente/(a)trás e vor/hinter, com transposição para o domínio temporal
Fonte: autoras

Podemos igualmente dizer que se trata de uma conceção do movimento como confluência de deslocação no espaço e no tempo, o que, considerando o vetor frontal do espaço, resulta na atribuição dos valores de frente e futuro em consonância com a direção do movimento⁷.

Na língua alemã, são frequentes expressões metafóricas do tipo descrito, como *vor/hinter sich haben*, *vor jemandem liegen*, *hinter sich lassen* e *hinter sich bringen*, que ocorrem no *corpus* analisado em exemplos semelhantes a (11), (12) e (13):

- (11) a. Die Branche sowie alle drei europäische[n] Institutionen **haben** fünf aufreibende Jahre der Gesetzgebung auf diesem Gebiet **hinter** sich, doch die anstrengendste Etappe — zumindest für die Branche — liegt vermutlich noch vor uns. (Ep05-04-27)
b. O setor e as três instituições europeias **passaram por** cinco anos de intenso trabalho legislativo nesta área, e o período mais difícil, pelo menos para o setor, está ainda provavelmente por vir.
- (12) a. Wir **haben** Isolation und Stagnation **hinter** uns gelassen und Offenheit und Verbundenheit zum Fundament unseres modernen Wohlstands gemacht. (Ep03-11-19)
b. **Deixámos para trás** o isolamento e a estagnação para enveredarmos pela abertura e pelo estabelecimento de ligações como alicerce da nossa prosperidade moderna.
- (13) a. Den Abschied **brachten** sie **schnell hinter** sich. (Ur80)
b. **Não perderam tempo** com despedidas. (Ur80)

Nestes exemplos, e em outros do mesmo género que ocorrem no *corpus* analisado, são mencionadas fases que integram processos, períodos ou o percurso de pessoas, instituições e países, apresentadas como experiências que são positiva ou negativamente avaliadas. As experiências passadas referidas por expressões com *hinter* apresentam-se como superadas, como exemplos de sucesso ou como vivências

⁷ Cf. TEIXEIRA, 2001: cap. 7, 40-41.

negativas das quais é necessário distanciar-se. Menos frequente é a referência prospectiva a planos futuros referidos por expressões com *vor*.

No que diz respeito a *hinter*, só uma pequena parte destes exemplos pode ser veiculada em português recorrendo à expressão *deixar para trás*⁸, nomeadamente no caso de se tratar da superação de uma fase negativa, como no exemplo (12). Em outros casos, tratando-se apenas de uma etapa concluída, sem que haja necessidade de um distanciamento ou abandono, são mais adequadas outras traduções, como as dos exemplos (11), (13) ou (14)⁹:

- (14) a. Nachdem sie alle Formalitäten **hinter sich hatten**, fand die Hochzeit am 30. Mai statt. (Ur268)
 b. Depois de **cumpridas** todas as formalidades, o casamento realizou-se a 30 de Maio. (Ur262)

Quanto a *vor sich haben*, a versão portuguesa pode incluir expressões como *ter pela frente* (15), mas existem muitas formulações alternativas, como *estar por vir* (11), *ter a percorrer* (16), *ir passar por* (17), ou ainda *estar para vir, enfrentar, confrontar-se com*.

- (15) a. gewaltige Anstrengungen haben sie [Beitrittsländer] noch **vor** sich (Ep03-04-09)
 b. Os países candidatos [...] **têm** esforços ainda maiores **pela frente**.
 (16) a. Die Türkei **hat** also einen noch langen beschwerlichen Weg **vor sich**. (Ep00-11-14)
 b. A Turquia **tem** ainda, por conseguinte, um longo e penoso caminho **a percorrer**.
 (17) a. Die BNFL **hat** nun eine sehr schwierige Zeit **vor sich**, und das zu Recht. (Ep00-05-16)
 b. A BNFL **vai passar** agora, e merecidamente, **por** um período muito difícil.

⁸ Também o uso de *deixar para trás* em sentido locativo está sujeito a algumas restrições, nomeadamente de tipo estilístico, correspondendo a um registo elevado ou com algum grau de preocupação estética. Assim, podemos dizer, a propósito da Figura 1, que os ciclistas deixaram para trás a dura subida da Covilhã até às Penhas da Saúde, mas não que o João deixou para trás o supermercado e estará em casa dentro de cinco minutos.

⁹ Outras traduções possíveis encontradas em exemplos do *corpus* incluem as expressões: *superar, caminhada não ser fácil, viver, atravessar (um período difícil), fazer uma longa viagem, possuir uma história no seu passado, percorrer, vir de muito longe, virar as costas a(os erros), superar, deixar (x), ultrapassada/ultrapassar, sair de, abandonar, emergir de, sobreviver a, tentar esquecer (o passado), renunciar a(o passado)*.

Em paralelo com esta interpretação de *vor* e *hinter*, encontramos ocorrências dos advérbios *vorne* e *hinten*, em geral associados a expressões de direção do olhar:

- (18) a. Wie jedoch einige Kollegen bereits gesagt haben — und zu diesem Zeitpunkt sollten wir eher **nach vorne** als **nach hinten** schauen, weil eine Einigung vor uns liegt — ist viel zu tun. (Ep04-03-30)
 b. Contudo, como vários colegas referiram — e este é um tempo de olhar **em frente** e não **para trás**, pois temos o acordo na mesa — há ainda um grande trabalho a fazer.
- (19) a. Ich glaube, daß es nun darauf ankommt, ausgetretene Pfade zu verlassen, den Blick nicht länger **nach hinten** zu richten, denn **vor** uns liegt viel Arbeit. (Ep99-01-11)
 b. Penso que o que é essencial neste momento é sair dos caminhos mais batidos, é deixar de olhar **para o passado**, pois temos um trabalho importante a realizar **para o futuro**.

Ao contrário do que acontece nos contextos de percepção visual, nestes casos, o olhar não se dirige para um espaço físico em que é possível ver algo, mas foca-se intencionalmente em momentos temporais passados ou futuros. *Nach vorne/hinten schauen* e *den Blick nach vorne/hinten richten* apresentam-se, assim, como expressões de percepção cognitiva relativas ao que deve ou não deve ser objeto de atenção. Esta reinterpretção das expressões que designam a ação de olhar só é possível porque os advérbios de lugar *vorne* e *hinten* têm também uma leitura como expressões de tempo futuro e passado¹⁰, o mesmo acontecendo em português com *olhar em frente e não para trás* em (18). Em alternativa, encontramos em (19) uma versão portuguesa que não contém expressões de lugar.

3. *HINTER/HINTEN* E *VOR/VORNE* COMO EXPRESSÕES DE POSTERIORIDADE E ANTERIORIDADE E A SUA TRADUÇÃO: «ETWAS NACH HINTEN VERSCHIEBEN» VS. «ETWAS VORVERLEGEN»

O leitor mais atento ter-se-á apercebido de que os exemplos de *vor* e *vorne* incluídos na secção anterior — *liegt noch vor uns, nach vorne schauen* —, estando associados a situações futuras, se opõem diametralmente ao significado de anterioridade temporal da preposição *vor* nos exemplos da secção 1: *vor fünf Jahren, kurz vor neun, vor Leens*

¹⁰ Também o advérbio *zurück* e a partícula verbal homónima têm leituras locativas e temporais paralelas, são frequentes em contextos deste tipo e têm os mesmos correspondentes em português:

Auch ich möchte heute nicht im Zorn zurückblicken, sondern in die Zukunft schauen. (Ep03-07-01)
 Também não quero, hoje, olhar para trás com azedume: prefiro olhar para o futuro.

Tod, zwanzig Jahre vor Nietzsche. Com efeito, este significado de anterioridade temporal não está relacionado com a conceção espaciotemporal do movimento descrita na secção anterior, mas com a noção de que os intervalos de tempo estão intrinsecamente ordenados uns em relação aos outros, estabelecendo entre si relações de anterioridade/posterioridade: segunda-feira é antes de terça-feira, o dia 1 é antes do dia 2, maio é depois de abril, etc.¹¹. *Vor* tem, assim, duas leituras temporais opostas, a interpretação temporal de anterioridade (que se opõe à de *nach* e corresponde, em geral, a *antes*, em português) e a interpretação temporal de futuro associada ao uso metafórico de *vor* locativo (que se opõe à de *hinter* e pode corresponder em português a *(ter pela) frente*).

Todavia, a complexidade deste tema vai além da ambiguidade de *vor*, uma vez que o *corpus* analisado demonstra que também *hinten* tem mais do que uma leitura temporal. Ao contrário dos exemplos (18) e (19) da secção anterior, nos quais *nach hinten* representa um tempo passado relativamente ao tempo da enunciação, encontramos no *corpus* outros em que a mesma expressão remete para um tempo posterior a um outro que é inferido a partir do contexto:

- (20) a. Es empfiehlt sich deshalb, den Zeitpunkt des Inkrafttretens der Richtlinie **nach hinten** zu **verschieben**. (Ep99-01-27)
- b. Aconselha-se, por isso, o **adiamento** da entrada em vigor da diretiva.
- (21) a. Tatsächlich haben wir die Sache nur um eine Stunde **nach hinten verschoben**. (Ep97-11-17)
- b. Efetivamente, a única coisa que se fez foi **atrasá-lo** uma hora.
- (22) a. Es war sicher wichtig, daß wir heute morgen Herrn Hänsch verabschiedet haben, aber dadurch werden Berichte, die eigentlich einen sehr wichtigen Input in der Politik für die Bürger in Europa darstellen, [...] weiter **nach hinten verschoben**. (Ep96-12-12)
- b. Era seguramente importante despedirmo-nos esta manhã do senhor Hänsch, mas isso leva a que mais uma vez se **protelem** relatórios que representam um importante contributo para a política destinada aos cidadãos.
- (23) a. Das Verfahren wäre genau dasselbe, zeitlich allerdings etwas **nach hinten verschoben**. (Ep09-09-16-014)
- b. O processo seria exatamente o mesmo, embora um pouco **posterior**.

¹¹ Cf. o modelo intrínseco de organização do tempo em BENDER, BELLER, BENNARDO, 2010: 290.

Nestes casos, *nach hinten* (*verschieben*) sinaliza que estava previsto que uma determinada situação (a entrada em vigor de uma diretiva, a elaboração/discussão de um relatório, etc.) ocorresse ou começasse num momento específico, que é substituído por um momento posterior. Este uso temporal da expressão locativa *nach hinten* colide com o uso temporal corrente da expressão locativa correspondente em português, *para trás* — cf. (18), acima —, suscitando, por isso, a interpretação paradoxal de um adiamento em direção ao passado. No entanto, ainda que se trate de um avanço no tempo, a deslocação temporal do evento também não é normalmente veiculada em português por uma expressão paralela à que figura no texto alemão, como (*deslocar para*) *a frente*, mas está lexicalizada em verbos, nomes, adjetivos e advérbios como *adiar/adiamento* (20), *atrasar* (21), *postergar/protelar* (22) ou *posteriormente/posterior* (23). *Adiar/adiamento* são termos adequados em contextos em que é possível um reagendamento para uma data ou hora específica, enquanto *atrasar* apenas é compatível com a indicação da quantidade de tempo — por exemplo, *uma hora*, em (21) — e não com uma data ou hora.

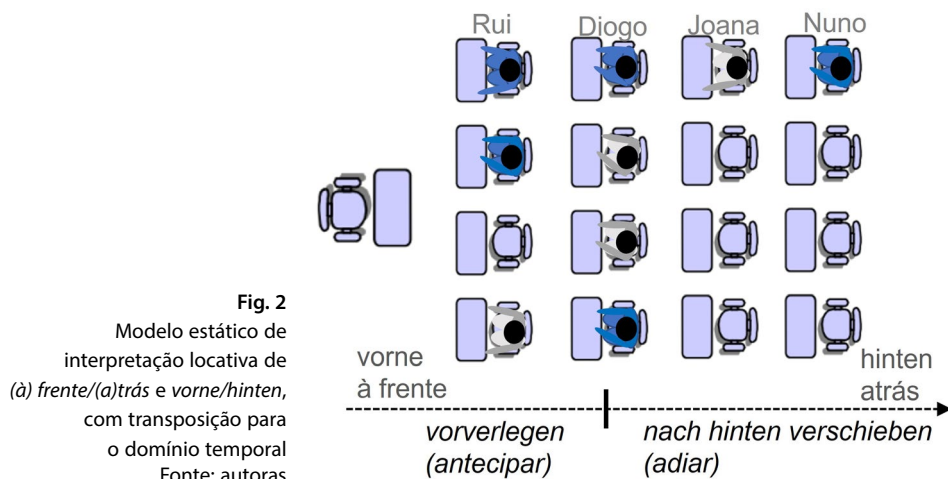
Existem, igualmente, no *corpus* analisado, expressões de significado temporalmente simétrico ao de *nach hinten* (*ver*)*schieben/verlegen*, que indicam a deslocação para um momento anterior, e que não contam com *vor* como preposição ou parte de um advérbio¹², mas como partícula verbal, nomeadamente em *vorverlegen*:

- (24) a. ein «Nein» zum Vertrag von Nizza würde den Erweiterungsprozess unweigerlich verzögern. In diesem Fall [...] könnten wir nur die nächste Regierungskonferenz **vorverlegen**. (Ep01-07-04)
- b. o «não» a Nice atrasaria inevitavelmente o processo de alargamento. Nesse caso [...], a única alternativa seria **antecipar** a data da próxima Conferência Intergovernamental.

Também nestes casos, as versões portuguesas não contêm a expressão (*deslocar*) *para trás*, mas o verbo que tipicamente ocorre é *antecipar*.

Se, no caso de *vor*, poderíamos pensar que se trata apenas de uma ambiguidade entre significado temporal de anterioridade e significado de posterioridade associado ao uso metafórico de *vor* locativo, no caso de (*nach*) *hinten* não podemos falar de um significado temporal básico, mas tanto a leitura de anterioridade em (18) e (19) como a leitura de posterioridade em (20)-(23) têm por base uma, ou, mais exatamente, duas aceções locativas de *hinten*. Na primeira aceção, *hinten* designa as etapas passadas do percurso, ilustradas na Figura 1, acima, ao passo que, na segunda aceção, *hinten*

¹² No entanto, existem ocorrências de *nach vorne verlegen* nos *corpora* de referência e jornalísticos de acesso livre disponíveis em <<https://www.dwds.de/>>, por exemplo: *Die Senatspressekonferenz wird zwar eine halbe Stunde nach vorne verlegt, aber sie findet statt.* («Berliner Zeitung», 25 jun. 2002).



designa um local mais afastado da frente, entendida como a zona de atuação¹³. Por exemplo, o espaço de uma sala de aula, ilustrado na Figura 2, estrutura-se em função de uma frente que é a zona de atuação do professor, relativamente à qual os alunos são descritos como estando mais próximos — à frente — ou mais distantes — atrás:

A transposição deste modelo estático da localização para o domínio temporal permite-nos compreender o uso de *hinten* e de *vorne/vorverlegen* nos exemplos (20)-(23) e (24), em que a deslocação da situação para um momento anterior ou posterior ao previsto corresponde a uma aproximação ou afastamento relativamente ao momento da avaliação.

Em contextos como o de (20)-(23), *hinten* sinaliza posterioridade, aproximando-se assim de *nach* com significado temporal, antónimo de *vor* temporal. Assim se explica também o uso equivalente dos advérbios *nachher* (25) e *hinterher* (26), com significado de posterioridade, por oposição a *vorher* (27):

- (25) a. er ging auch nicht ins Theater, aber er kam **nachher** an die Theatertische. (Umi116)
 b. também não ia ao teatro, mas aparecia **depois do espetáculo** nas mesas da gente do teatro. (UmiTM145)
- (26) a. Ich hätte **hinterher** einen wichtigen Termin und brauchte mein Auto, sagte ich. (Zs)
 b. Disse-lhe que tinha de tratar de um assunto importante **logo de seguida** e precisava de ir no meu carro. (Zs61)

¹³ Cf. TEIXEIRA, 2001: cap. 4, 62-63.

- (27) a. Auch die Mutter war anders geworden, sie hatte das Wort ausgesprochen, aber **vorher** schon war sie anders geworden, hart. (HoH72)
- b. Também a mãe se tinha modificado; pronunciara aquela palavra, mas já **antes disso** ela mudara, endurecera. (HoH88)

Em português, correspondem aos advérbios alemães os advérbios de tempo que marcam anterioridade e posterioridade, por exemplo *antes* e *depois* ou *de/em seguida*.

4. (A)TRÁS E OS SIGNIFICADOS DE ANTERIORIDADE E POSTERIORIDADE

Constatámos nas secções anteriores que *vor/vorne* e *hinter/hinten*, além do seu uso locativo, surgem associados tanto a anterioridade como a posterioridade temporal, em diferentes contextos, ainda que, no caso de *vor*, o significado temporal primário seja o de anterioridade, por oposição a *nach*¹⁴. Em português, *frente* e *(a)trás* não têm a mesma flexibilidade semântica: verificou-se nas traduções dos exemplos acima que, além do sentido locativo, ocorrem apenas pontualmente e em contextos temporais que associam *frente* a posterioridade e *(a)trás* a anterioridade. Nos exemplos da secção anterior, vemos outras expressões na tradução de *vor* com sentido de anterioridade — *antes* e *antecipar* — e de *hinter/hinten* com sentido de posterioridade — *depois*, *em seguida*, *posterior(mente)* e *adiar*, *protelar*, *postergar*. É certo que, em determinados contextos de adiamento sem remarcação, também encontramos o verbo *atrasar* (21), e que, nestes casos, se trata de posterioridade temporal, uma vez que um atraso num transporte, ou no início ou fim de um evento, significa a chegada ou o início/fim do evento num momento posterior ao que estava previsto, como no exemplo seguinte:

- (28) a. Ich möchte die Debatte jedoch nicht hinausziehen. Wir sind schon weit **hinter der Zeit** und wir hätten stattdessen zwei oder drei Beiträge hören können. (Ep10-07-08-003)
- b. No entanto, não quero prolongar o debate. Já nos **atrasámos** muito e poderia ter havido duas ou três intervenções durante o tempo que despendemos nesta questão.

¹⁴ Essa noção de que *vor* e *nach* têm como significados primários, respetivamente, anterioridade e posterioridade, faz com que a sua associação aos sentidos opostos suscite dúvidas e discussões entre os próprios falantes de alemão, como se pode verificar nas observações registadas no grupo de discussão <<https://de.etc.sprache.deutsch.narkive.com/BTZZHF1X/die-uhr-geht-vor-bedeutung>>, a propósito da expressão «Die Uhr geht vor» e do seu sentido de posterioridade relativamente à hora certa, e nas dificuldades de interpretação que essas observações revelam.

Todavia, tal não implica que haja uma consciência dos falantes portugueses sobre essa relação entre *(a)trás/atraso* e a posterioridade temporal, mais fácil sendo interpretar, por exemplo, um atraso do comboio em termos locativos, com a imagem de um comboio virtual que circula no horário previsto, atrás do qual circula o comboio real, atrasado¹⁵. A dificuldade em associar o atraso e a posterioridade temporal é paralela aos problemas que se põem a quem tenta transpor literalmente para português a expressão *nach hinten verschieben* — cf. exemplos (20) a (23) —, chegando à noção paradoxal de *adiar para trás*.

Além dos exemplos referidos com o verbo *atrasar*, existem igualmente em português algumas expressões fixas, em que *atrás* sinaliza posterioridade no tempo, nomeadamente *Atrás de tempos, tempos vêm* e *Atrás de mim virá quem bom de mim fará*, e ainda *uns/umas atrás dos/das outras*, como no exemplo (29):

- (29) a. Er wollte nicht furchtsam erscheinen, und er trank noch mehrere Schnäpse **hintereinander**. (Rm274)
 b. Não queria parecer medroso e ainda bebeu várias aguardentes, **umas atrás das outras**. (Rm269)

Nestes casos, em que significa indubitavelmente tempo posterior, *atrás* é sempre substituível por *depois*, *a seguir* ou *após*. Além destes usos de *atrás* que implicam uma associação com tempo posterior, os próprios adjetivos *anterior* e *posterior* — que tipicamente usamos para descrever sequências temporais em que *anterior* corresponde a passado e *posterior* corresponde a futuro —, têm igualmente usos locativos muito menos comuns, por exemplo na referência aos membros anteriores e posteriores de animais, nos quais a palavra *posterior* corresponde à parte de trás e a palavra *anterior* à parte da frente, ou seja, o contrário da associação habitual de futuro com *frente* e passado com *(a)trás*¹⁶.

No entanto, mais uma vez, a existência dos lexemas ou expressões fixas acabados de referir, que associam *frente* a anterioridade e *atrás* a posterioridade não leva a que esta associação esteja intuitivamente disponível para os falantes de português, em paralelo com a associação habitual de futuro com *frente* e passado com *(a)trás*. São precisamente as associações intuitivas dos falantes que se revelam nos dados experimentais descritos na secção seguinte.

¹⁵ Cf. as afirmações de TEIXEIRA, 2001: cap. 7, 13-14, sobre a relação entre o tempo e espaço em situações de movimento nas expressões com *(a)trás*.

¹⁶ Cf. também as observações de MARCQ, 1971: 87-88 sobre a preposição latina *ante* e a sua relação com as preposições *pro* e *post*.

5. DADOS EXPERIMENTAIS SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE ANTERIORIDADE E POSTERIORIDADE NO TEMPO E NO ESPAÇO EM ALEMÃO E PORTUGUÊS

Esta questão da associação entre futuro e passado e as noções de frente e trás foi objeto de uma experiência descrita por McGlone e Harding¹⁷ para o inglês americano e parcialmente adaptada por Bender, Beller e Bennardo¹⁸ para várias línguas, entre as quais o inglês americano e o alemão. A tarefa dos participantes neste último estudo era a de, na situação de remarcação de um evento em condições específicas, determinar qual o novo momento definido para a sua realização, por exemplo: «The meeting that was supposed to happen on Wednesday next week will be moved forward 2 days. On which day of the week will it now take place?»¹⁹ Pretendia-se, assim, verificar se o deslocar do evento para a frente era associado à transição para um tempo futuro ou passado relativamente ao originalmente previsto. Para o inglês americano, os resultados dos dois estudos assemelham-se, indicando que os falantes inquiridos se dividem de forma relativamente equilibrada entre a escolha de um tempo futuro e de um tempo passado para a remarcação do evento²⁰. Pelo contrário, os resultados do estudo de Bender, Beller e Bennardo relativos ao alemão apresentam uma clara tendência para a antecipação do evento, com 90% de respostas nesse sentido²¹. Um exemplo das perguntas feitas na experiência com a língua alemã é «Das Treffen, das am Mittwoch nächster Woche stattfinden sollte, wird um zwei Tage vorverlegt. An welchem Wochentag findet es nun statt?»²² Embora o significado temporal de *vorverlegen* registado em alguns dicionários²³ seja de antecipação, ao comentar a diferença entre os resultados das diferentes línguas, os autores insistem na uniformidade do significado espacial de deslocação para a frente em todas as línguas e negam que a formulação seja mais neutra numas línguas do que noutras: «they are all ambiguous with regard to where exactly the front is, in time as well as in space»²⁴.

Ao adaptar a experiência ao português, procurámos usar uma formulação que fosse realmente ambígua em termos de interpretação temporal, por isso, evitámos o uso do verbo *adiar*, que era demasiado específico, e optámos por um diálogo em

¹⁷ MCGLONE, HARDING, 1998: 1219.

¹⁸ BENDER, BELLER, BENNARDO, 2010: 296-305.

¹⁹ BENDER, BELLER, BENNARDO, 2010: 298.

²⁰ Há alguma variação nos resultados, pois ambos os estudos testam outros aspetos além da indicação de uma transição para um tempo anterior ou posterior ao originalmente previsto: as respostas que indicam transição para um tempo anterior situam-se entre 50 e 54,9% em BENDER, BELLER, BENNARDO 2010: 299, e oscilam entre 32,1% e 69% em MCGLONE, HARDING 1998: 1219.

²¹ Cf. BENDER, BELLER, BENNARDO, 2010.

²² Informação obtida de Andrea Bender (comunicação pessoal).

²³ Por exemplo nas entradas de *vorverlegen* nos dicionários digitais DWDS e Duden, disponíveis em <<https://www.dwds.de/wb/vorverlegen>> e <<https://www.duden.de/rechtschreibung/vorverlegen>>. [Consult. 25 jun. 2023].

²⁴ BENDER, BELLER, BENNARDO, 2010: 303.

que fosse possível usar a expressão locativa *para a frente*, que não tem interpretação temporal específica:

Secretária: «A próxima reunião de início do mês não pode ser no dia 1, porque é feriado. Remarco a reunião para quando?»

Chefe de departamento: «Se não pode ser no dia 1, tem de ser mais para a frente.»

Pergunta: A secretária segue as instruções do chefe. Ela remarca a reunião para o dia 31, ou para o dia 2?

Em 30 informantes inquiridos, 27, isto é, 90% optaram pela resposta «dia 2», ou seja, por uma remarcação para um tempo futuro em relação àquele que estava originalmente previsto. Este resultado que associa a noção espacial de *frente* em português com um tempo posterior está em perfeita consonância com os dados das traduções analisados nas secções anteriores, mostrando uma tendência de associação de *frente* com posterioridade e *trás* com anterioridade, na língua portuguesa, que contrasta totalmente com os dados da língua alemã, na qual a associação predominante é aparentemente a oposta.

As diferenças entre o português e o alemão reveladas nestas experiências estão também em consonância com dados experimentais relativos à interpretação das preposições *hinter/atrás de* e *vor/(à) frente de* em sentido locativo, por nós referidos num trabalho anterior a este²⁵. A experiência em causa tem como base o cenário-modelo da Figura 3 e a situação em que o passageiro do carro em movimento pede ao condutor para o deixar à frente ou atrás de um objeto de referência (Relatum), que numa das experiências é uma árvore.

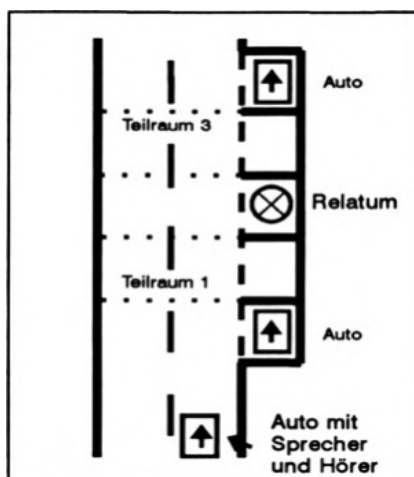


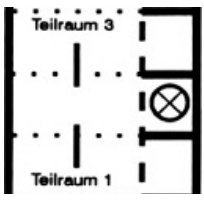
Fig. 3

Cenário-modelo da experiência relativa ao significado locativo de *vor/à frente de* e *hinter/atrás de*.
Fonte: GRABOWSKI, WEIB, 1996: 299

²⁵ SOARES, CARECHO (aceite para publicação).

Na experiência, a tarefa dos inquiridos é indicar se parariam o carro na zona 1 do modelo (*Teilraum 1*) ou na zona 3 (*Teilraum 3*), caso fossem o condutor. A Tabela 1 apresenta os resultados das experiências relativas ao alemão, ao português e também ao inglês:

Tabela 1. Resultados da experiência relativa ao significado locativo de *vor*/*à frente de* e *hinter*/*atrás de*, e ainda *in front of/behind*

		vor dem Baum	in front of the tree	à frente da árvore	hinter dem Baum	behind the tree	atrás da árvore
	Zona 3	0	5	28	17	2	1
		0%	36%	97%	85%	13%	3%
Zona 1		20	9	1	3	14	33
		100%	64%	3%	15%	88%	97%
Total		20	14	29	20	16	34
		100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: GRABOWSKI, WEIB, 1996: 300 — alemão; GRABOWSKI, MILLER, 2000: 541 — inglês; SOARES, CARECHO, aceite para publicação — português²⁶

Verifica-se que os falantes de alemão identificam quase exclusivamente *vor dem Baum* e *hinter dem Baum* com as zonas 1 e 3, respetivamente, enquanto os falantes de português fazem exatamente o oposto, identificando *à frente da árvore* e *atrás da árvore* com as zonas 3 e 1. Grabowski e Weiß²⁷ afirmam que a clareza dos resultados com *vor dem Baum* se deve à conjugação da interpretação locativa com a interpretação temporal (de anterioridade) da mesma preposição *vor*, uma vez que, ao mover-se, o carro passa primeiramente na zona 1 e só depois na zona 3. Pelo contrário, em português, a locução preposicional temporal *antes de* é diferente da expressão com sentido locativo *à frente de*, não havendo uma coincidência de forma, e sendo a atribuição de frente condicionada pela direção do movimento do carro.

Herrmann salienta a diferença entre os grupos de línguas com e sem coincidência de forma entre preposições de tempo e espaço:

Deutsche und Niederländer unterscheiden sich von den übrigen genannten Nationalitäten dadurch, daß sie beim Erwerb ihrer Erstsprache ein

²⁶ Os resultados para «à frente da árvore» apresentam-se aqui de forma simplificada, omitindo uma minoria de informantes que optaram pela área entre as zonas 1 e 3 e que não é relevante para a argumentação do presente texto.

²⁷ GRABOWSKI, WEIß, 1996: 304.

Präpositionensystem lernen mußten, bei dem «vor» räumlich und zeitlich verwendet wird. Im Französischen, Italienischen und Englischen gibt es hingegen für VOR_{Raum} und VOR_{Zeit} zwei verschiedene Wörter (z.B. «in front of» vs. «before»)²⁸.

O autor refere a importância da coativação dos significados temporal e locativo associados a uma mesma forma, que distingue o alemão e o neerlandês das restantes línguas mencionadas²⁹, e também do português, em que existem igualmente formas diferentes para referir tempo e espaço.

São precisamente os significados de localização frontal e anterioridade temporal (ativados simultaneamente em alemão) que formam a associação dominante de tempo e espaço em alemão que constatámos ao longo do presente estudo, e que contrastam com a tendência dominante em português, de associar à *frente* a localização frontal e posterioridade, combinando o efeito da deslocação no espaço com o curso temporal que esta implica.

Embora não seja o foco deste trabalho, sobressai ainda dos dados analisados o facto de a língua inglesa, não apresentando a coincidência de preposições de tempo e espaço (*before* vs. *in front of*), também não obter resultados semelhantes ao português, nem na experiência sobre a interpretação de *in front of/behind* (cf. Tab. 1), nem na experiência sobre a interpretação temporal de *move forward*. Se tivermos em conta, de acordo com as considerações relativas a Herrmann acima expendidas, que as coincidências de forma e significado temporal e locativo influenciam a forma como os falantes processam a língua, talvez o facto de a preposição temporal *before* ter igualmente um significado locativo idêntico ao de *perante*, embora menos frequente, contribua para justificar os resultados relativos ao inglês e as diferenças em relação tanto ao alemão como ao português.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados nas secções anteriores tornam claro que, para um leitor/ouvinte português, a interpretação de *vor/vorne* e, sobretudo, de *hinter/hinten* pode ser muito dificultada pela sua ambiguidade e pelas diferenças inesperadas que coexistem com as semelhanças óbvias relativamente a (*à*) *frente* (*de*) e (*a*)*trás* (*de*). Tanto em leitura locativa³⁰ — cf. (30) — como em leitura temporal — cf. (31) —, *hinter/hinten* são facilmente mal interpretados, o que se torna crítico, por exemplo, em frases como as seguintes, caso o leitor não disponha de conhecimentos prévios que o apoiem na sua interpretação e a informação contextual relevante se resume ao que aqui citamos,

²⁸ HERRMANN, 1999: 95.

²⁹ Cf. Herrmann 1999: 95.

³⁰ A leitura locativa é descrita em SOARES, CARECHO (aceite para publicação).

sem um exemplo claro no caso de (30) e sem indicações que levem a concluir sobre a existência de um adiamento ou de uma antecipação no caso de (31):

- (30) Wenn ein Adjektiv **hinter** dem Nomen steht, auf das es sich bezieht, wird es nicht dekliniert³¹.
- (31) Das Verfahren wäre genau dasselbe, zeitlich allerdings etwas **nach hinten verschoben**. (Ep09-09-16-014)

Relativamente à possibilidade de traduzir *hinten/hinter* e *vor/vorne*, ficou também claro que (a)trás (de) e (à) frente (de) só são soluções adequadas num número muito limitado de casos, havendo uma série de alternativas muito mais apropriadas aos restantes contextos.

No entanto, por maiores que sejam as ambiguidades e por mais radicais que pareçam as diferenças entre o português e o alemão na interpretação e uso deste tipo de expressões de localização no espaço e no tempo, os estudos realizados sobre diferentes modelos de representação do tempo mostram que constituem apenas uma pequena fração do leque de variação possível entre línguas:

*people in different cultures or groups have been shown to differ in whether they think of time as stationary or moving, limited or open-ended, horizontal or vertical, oriented from left to right, right to left, front to back, back to front, east to west, and so on*³².

FONTES DO CORPUS

[Dwin] =

MAGNUSSON, Kristof (2010). *Das war ich nicht* [e-book]. München: Verlag Antje Kunstmann.

MAGNUSSON, Kristof (2014). *Eu não fui* [Fragmento de romance]. Tradução de João Bouza da Costa. In Goethe-Institut Portugal, ed. *Transliterata: a literatura alemã contemporânea em tradução*. Lisboa: Goethe-Institut Portugal, pp. 38-45.

[Ep] =

European Parliament Proceedings Parallel Corpus 1996-2011. [Consult. jul. 2022]. Disponível em <<https://www.statmt.org/europarl/>>.

[GmbH] =

BOSSONG, Nora (2012). *Gesellschaft mit beschränkter Haftung* [e-book]. München: Carl Hanser Verlag.

³¹ BALCIK, RÖHE, 2010: 87.

³² Fuhrman *et al.*, 2011: 1306. Veja-se em SULLIVAN, BUI, 2016: 1-5, uma apresentação mais detalhada de diferentes modelos.

BOSSONG, Nora (2014). *Sociedade de Responsabilidade Limitada* [Fragmento de romance]. Tradução de Gilda Lopes Encarnação. In Goethe-Institut Portugal, ed. *Transliterata: a literatura alemã contemporânea em tradução*. Lisboa: Goethe-Institut Portugal, pp. 75-88.

[HoH] =

BÖLL, Heinrich (1981). *Haus ohne Hüter*. München: DTV.

BÖLL, Heinrich (s.d.). *Casa indefesa*. 3.^a ed. Tradução de Jorge Rosa. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

[Rm] =

ROTH, Joseph (1977). *Radetzky marsch*. 2. Aufl. Amsterdam: Verlag Allert de Lange.

ROTH, Joseph (2019). *A Marcha de Radetzky*. Tradução de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Cavalo de Ferro.

[Sw] =

HESSE, Herman (1987). *Der Steppenwolf*. In HESSE, Hermann. *Gesammelte Werke*, Band 7. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 12 vols., pp. 183-204.

HESSE, Hermann (1994). *O lobo das estepes*. Tradução de Sara Seruya. Porto: Afrontamento.

[Umi] =

BACHMANN, Ingeborg (1962). *Unter Mördern und Irren*. In BACHMANN, Ingeborg. *Das dreissigste Jahr*. München: Piper, pp. 105-141.

BACHMANN, Ingeborg (1984). *No meio de assassinos e de loucos*. In SCHEIDL, Ludwig, ed. *Novas histórias com tempo e lugar*. Tradução de Idalina Aguiar de Melo. Porto: Afrontamento, pp. 139-158.

[Ur] =

GRASS, Günter (1992). *Unkenrufe*. Göttingen: Steidl.

GRASS, Günter (1994). *Mau Agoiro*. Tradução de Maria Antonieta C. Mendonça. Venda Nova: Bertrand.

[Zs] =

MARON, Monika (2013). *Zwischenspiel* [e-book]. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

MARON, Monika (2014). *Intermezzo* [Fragmento de romance]. Tradução de Maria Antónia Amarante. In GOETHE-INSTITUT PORTUGAL, ed. *Transliterata: a literatura alemã contemporânea em tradução*. Lisboa: Goethe-Institut Portugal, pp. 56-73.

BIBLIOGRAFIA

BALCIK, Ines; RÖHE, Klaus (2010). *Deutsche Grammatik und Rechtschreibung*. Stuttgart: Pons.

BENDER, Andrea; BELLER, Sieghard; BENNARDO, Giovanni (2010). *Temporal Frames of Reference: Conceptual Analysis and Empirical Evidence from German, English, Mandarin Chinese and Tongan*. «Journal of Cognition and Culture». 10, 283-307.

FUHRMAN, Orly et al. (2011). *How Linguistic and Cultural Forces Shape Conceptions of Time: English and Mandarin Time in 3D*. «Cognitive Science». 35, 1305-1328.

GRABOWSKI, Joachim; MILLER, George A. (2000). *Factors affecting the use of dimensional prepositions in German and American English: Object orientation, social context, and prepositional pattern*. «Journal of Psycholinguistic Research». 29:5, 517-553.

- GRABOWSKI, Joachim; WEISS, Petra (1996). *Das Präpositionsinventar als Determinante des Verstehens von Raumpräpositionen: «vor» und «hinter» in fünf Sprachen*. In LANG, Ewald; ZIFONUN, Gisela, eds. *Deutsch — typologisch*. Berlin et al.: de Gruyter, pp. 289-311.
- HERRMANN, Theo (1999). «Vor» (räuml.) *psychologisch betrachtet*. In RICKHEIT, Gert, ed. *Richtungen im Raum: Interdisziplinäre Perspektiven*. Wiesbaden: Springer Fachmedien, pp. 85-99.
- KERMER, Franka (2021). *Semantic network of the German preposition HINTER*. «Review of Cognitive Linguistics». 19:2, 403-428.
- MARCQ, Philippe (1971). *Structure d'un point particulier du système des prépositions spatiales en latin classique*. «La Linguistique». 7:2, 81-92.
- MCGLONE, Mathew; HARDING, Jenifer L. (1998). *Back (or Forward?) to the Future: The Role of Perspective in Temporal Language Comprehension*. «Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition». 24:5(12), 1211-1223.
- MÓIA, Telmo (2010). *Expressões de medição temporal: norma, variação e desvio*. In BRITO, Ana Maria et al., eds. *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Seleccionados*. Porto: APL, pp. 623-641.
- SOARES, Rute; CARECHO, Judite (aceite para publicação). «Die Null hinter dem Komma» und die Bedeutung deutscher und portugiesischer Richtungspräpositionen.
- SULLIVAN, Karen; BUI, Linh Thuy (2016). *With the future coming up behind them: Evidence that Time approaches from behind in Vietnamese*. «Cognitive Linguistics». 27:2, 1-29.
- TEIXEIRA, José (2001). *A Verbalização do Espaço: Modelos mentais de «frente»/«trás»*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. [Consult. 20 set. 2022]. Disponível em <<https://hdl.handle.net/1822/4517>>.
- TENBRINK, Thora (2007). *Space, Time, and the Use of Language: An Investigation of Relationships*. Berlin et al.: De Gruyter.

IV
TRADUÇÃO

AS CARTAS A UM JOVEM POETA, DE RAINER MARIA RILKE, NO CONTEXTO PORTUGUÊS*

MARIA ANTÓNIO HÖRSTER**

Resumo: *Procedeu-se a um levantamento das traduções de Briefe an einen jungen Dichter, de Rilke, no contexto português, tendo sido apuradas, entre 1946 e 2020, sete versões diferentes. Os textos portugueses são integrados nas diversas fases da recepção do autor no nosso país e submetidos a uma análise comparativa.*

Palavras-chave: *Rilke; Briefe an einen jungen Dichter; Recepção em Portugal; Traduções.*

Abstract: *A survey of the translations of Rilke's Briefe an einen jungen Dichter in Portugal was conducted, and seven different versions belonging to the period between 1946 and 2020 were identified. The Portuguese texts are articulated with the different phases of the author's reception in Portugal and a comparative analysis is carried out.*

Keywords: *Rilke; Briefe an einen jungen Dichter; Reception in Portugal; Translations.*

Creio poder afirmar-se que Rainer Maria Rilke foi o escritor de língua alemã com maior impacto nas letras portuguesas do século XX e, porventura, ainda, que os seus *Briefe an einen jungen Dichter* (1929) foram a obra que maior repercussão alcançou na consciência literária dos nossos escritores. Trata-se de um conjunto de dez cartas endereçadas por Rilke, entre 1903 e 1908, ao jovem Franz Xaver Kappus, que se lhe dirigira, pedindo-lhe opinião sobre alguns poemas que lhe enviava e perguntando-lhe se deveria consagrar a sua vida à poesia. O próprio Rilke, um jovem à altura, encontrava-se ele mesmo numa fase de interrogação existencial e, mais do que um manual de como bem escrever poesia, estas dez peças epistolares representam uma reflexão pessoal sobre os grandes temas da solidão e da arte, do amor e da morte, de Deus, da sexualidade, constituindo uma preciosa chave de acesso ao universo do escritor.

A visibilidade e a presença de Rilke em Portugal têm, naturalmente, conhecido diversas fases. Podemos assinalar um arco inicial de recepção, que abre com uma breve referência ao *Malte*, em 1926, conhece um grande acorde de abertura com a publicação na prestigiada «Revista de Portugal» das versões inaugurais de Paulo Quintela — 21 poemas das primeiras colectâneas rilkianas, *A primeira Elegia de Duíno e Cinco canções. Agosto de 1914* (1938-1940) — para vir a culminar na publicação,

* A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Email: mahorster@sapo.pt. ORCID: 0000-0002-4807-1268.

em 1942, da influente colectânea *Poemas*, da responsabilidade do mesmo tradutor. *Poemas* constitui o factor decisivo para uma longa, profunda e alargada influência de Rilke no nosso país. Este processo corre a par do conhecimento do poeta através das traduções que iam surgindo em França, sabida que é a atenção com que os nossos homens de letras então seguiam o movimento editorial francês. As décadas de 1940 e 1950, numa segunda fase, constituem, creio, o auge da penetração e assimilação de Rilke no tecido literário português¹.

É precisamente por esta altura que surge a primeira tradução de *Briefe an einen jungen Dichter*. A grande porta de acesso à obra foi a versão francesa integral das cartas, da responsabilidade de Bernard Grasset e Rainer Biemel, editadas em 1937 sob o título de *Lettres à un jeune poète*. Desde então, passam a ser referidas e citadas em revistas e nos suplementos literários dos nossos jornais, tendo o crítico presencista João Gaspar Simões publicado de imediato uma recensão no jornal «Humanidade»². Em face do interesse gerado em torno da obra, tornava-se oportuna a sua tradução para a nossa língua, e é assim que, em 1946³, a Portugália lança a primeira versão portuguesa, realizada por Fernanda de Castro (1900-1994). Integrado na colecção Documentos Humanos, o volume sai com o título truncado de *Cartas a um poeta*, que se mantém até à reedição de 1971, inclusive⁴. Terá partido de Gaspar Simões a iniciativa para traduzir a obra. Um pedido de esclarecimento junto de Fernanda de Castro veio aparentemente confirmar esta conjectura. Sem qualquer hesitação, a escritora afirmou-me que — e cito quase textualmente — nada entendia de Rilke e que fora o editor que lhe encomendara a tradução. Ora, o responsável editorial da Portugália, inclusive da colecção Documentos Humanos, era à altura justamente Gaspar Simões.

A escolha de Fernanda de Castro como tradutora não surpreende. Escritora muito conhecida, era senhora de um estilo versátil, elegante e modulado, dispondo, para além disso, de experiência nas lides da tradução. Sendo prática editorial corrente a tradução de obras da literatura universal a partir de versões francesas, o domínio que possuía desta língua seria mais um motivo a indicar o seu nome. No contacto que com ela encetei, a escritora declarou que, ao traduzir, só tinha tido duas preocupações:

¹ Para uma história da recepção de R. M. Rilke em Portugal entre 1920 e 1960, cf. HÖRSTER, 2001. Vd. também, para a recepção posterior a 1960, HÖRSTER, 1990, 2004, 2010, 2011, 2016.

² Sobre as primeiras referências, a imediata reacção à edição francesa, a tradução de Fernanda de Castro, os subsequentes ecos na imprensa, as reedições desta tradução e outros testemunhos referentes ao acolhimento das *Cartas*, vd. HÖRSTER, 2001: 106-115, 157-158, 160-177, 274-302. Vd. SIMÕES, *Lendo livros estrangeiros. Reiner [sic] Maria Rilke e a criação poética*, «Humanidade». (31 de Out. 1937). *Apud* HÖRSTER, 2001, 108-115.

³ A consulta de numerosos diários e revistas literárias permitiu a datação correcta da primeira edição (última semana de Julho de 1946) e das várias reedições. O catálogo da Biblioteca Nacional encerra muitos erros.

⁴ Enquanto a edição francesa se intitulava *Lettres à un jeune poète*, e a grande maioria dos receptores portugueses até 1946 se lhes referira sempre como *Cartas a um jovem poeta*, só pude registar um único receptor que, desde a primeira hora, quase invariavelmente as nomeou por um título em que o nome «poeta» surge desprovido do adjetivo que lhe cabe no original.

a de escrever numa linguagem muito acessível e, no resto, a de «ser fiel, muito fiel». Ora, como um confronto dos textos facilmente comprova, foi a versão de Grasset e Biemel que constituiu a sua base, diria que exclusiva, de trabalho. Alguns exemplos de selecção vocabular, de estrutura sintáctica ou, mesmo, de pontuação parecem suficientemente probatórios⁵:

Wenn ich diese Notiz vorausschicke (9)

Ceci dit (16)

Dito isto (16)

Nehmen Sie sie, wie sie klingt, an, ohne daran zu deuten. (12)

De cette réponse recueillez le son sans en forcer le sens. (21)

Desta resposta recolha o som sem forçar o sentido. (20).

O programa tradutivo de Fernanda de Castro prolonga e intensifica os princípios seguidos pelos tradutores franceses: adaptação do alemão às conveniências de clareza, transparência, elegância, exigidas pelos preceitos estilísticos da língua e cultura de chegada. A versão de Grasset e Biemel é profundamente assimiladora, cumprindo-se cabalmente adentro do «espírito» da língua e cultura francesas. Especificidades vocabulares e formações linguísticas do alemão (como a substantivação de adjetivos ou do participio presente), a organização frásica, carregada de modulações e de *nuances*, são submetidas a um processo de regularização, normalização, aplanamento.

Curiosamente, esta tradução não se mostra indemne aos efeitos da censura, seja por razões de ordem moral ou em função de um normativo estilístico. Assim, por exemplo, os termos «Geschlechtswelt» (20) ou «Geschlecht» (23), eufemisticamente vertidos em francês por «monde de l'amour» (37) e «Les voies de la chair» (44), surgem em português como «mundo de amor» (33) e «as vias da carne» (38), evitando-se o termo «sexo». Por outro lado, um conceito tão importante no universo poético de Rilke como «Ding» é pura e simplesmente rasurado, eliminando-se o termo «coisa» por razões de boa escrita⁶.

Gostaria de referir a questão das formas de tratamento com que Rilke se dirige a Kappus. No original, encontramos: «Sehr geehrter Herr» (9), «lieber und geehrter Herr» (14; 17), «lieber Herr» e «Sehr lieber Herr Kappus» (22); «Lieber und geehrter Herr» (28); «Mein lieber Herr Kappus» (36; 51); «lieber Herr Kappus» (43; 53), reduzidas

⁵ As citações tomam por base a edição dos *Briefe* constante da bibliografia e respectivo número de página. O mesmo vale para a tradução de Grasset/Biemel, a primeira de Fernanda de Castro e as dos outros tradutores.

⁶ Não herdada do francês é a fuga ao termo «coisa», a condenar por desvio a um padrão de bom estilo: «Die Dinge sind alle nicht so faßbar und sagbar, als man uns meistens glauben machen möchte» (9) / «Les choses ne sont pas toutes à prendre ou à dire, comme on voudrait nous le faire croire» (15); «Nem tudo se pode apreender ou dizer, como nos querem fazer acreditar» (15; sublinhados meus).

por Fernanda de Castro a «Meu caro senhor» (15; 27), «caro senhor» (23; 47), «Meu caro senhor Kappus» (35; 53; 63; 88), «meu caro senhor Kappus» (75; 93). A opção por «caro»⁷ cria distância e revela alguma *secura*, aspecto que julgo relevante para a subsequente recepção rilkiana. Por exemplo, no romance *O discurso da desordem*, de António Rebordão Navarro, publicado em 1972, evocam-se as «Cartas a um poeta», que são exaltadas e aconselhadas, mas, ao mesmo tempo, geram uma imagem negativa de Rilke: aparece como o guardador da poesia e assume traços grotescos, com a distância, a superioridade e a frieza do porteiro na parábola kafkiana «Vor dem Gesetz»⁸.

Além do ajustamento do estilo rilkiano, modulado ao ritmo da alma, a uma organização cartesiana, bem como da criação de uma grande distância entre os dois interlocutores como resultado das formas de tratamento escolhidas, um terceiro factor contribui para nos dar do signatário uma imagem de pessoa algo reservada e insensível, bem ao arrepio do Rilke que os *Briefe* nos transmitem. Na realidade, na carta de 14 de Maio de 1904, Rilke dá-se ao trabalho de transcrever, pelo próprio punho, um soneto que Kappus lhe havia enviado, para proporcionar ao jovem poeta uma distância capaz de fazer jus às qualidades da sua própria criação, assim lhe apurando a capacidade crítica. Ora, o soneto, tal como sucedia na edição francesa, é aqui pura e simplesmente eliminado.

Com as suas virtudes e os seus defeitos, esta tradução conheceu um assinalável êxito. Atesta-o o número de reedições, seja pela Portugália (1950, 1963, 1971)⁹, editora que, em 2009, traz a público uma edição fac-similada do volume de 1946, seja a partir de 1986, e sob a chancela da Contexto, agora com o devido título de *Cartas a um jovem poeta*, registando o catálogo da Biblioteca Nacional novos lançamentos em 1991, 1994 e 2000¹⁰.

É evidente que a novidade que Rilke representava e o estilo claro e elegante de Fernanda de Castro foram factores desse êxito, mas um motivo fundamental para

⁷ A tradução de «lieb» como forma de tratamento constitui um problema de tradução de ordem simultaneamente linguística e cultural, na classificação de Christiane Nord. De facto, ao português falta um termo que cubra o tipo de relações abrangidas por «lieb», obrigando a uma opção ou por «querido» ou por «caro», que sinalizam, respectivamente, relações de proximidade e distância muito extremadas. O uso destes adjectivos encontra-se, como é óbvio, submetido a normas e convenções próprias de cada cultura.

⁸ Cf. HÖRSTER, 1990 (cit.: 267): «Mas Manuel conhecia as “Cartas a um poeta”. Tinha lido o livro várias vezes, umas com apaixonada admiração, outras com raiva. Rilke era, numas leituras, o Grande Triste, noutras, o Grande Expelidor de Caganitas de Ouro, o passarão infernal de Jeronimus Bosch defecando brilhantes, preciosas pepitas na ansiedade, solidão, adoração do pobre poeta Kappus.»

⁹ Posso ainda um exemplar da responsabilidade da Portugália, não datado, mas posterior a 1964, que no cólofon diz destinar-se a exportação e «estará à venda em Portugal Continental, Açores, Madeira, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné e entre os núcleos de residentes de língua portuguesa da França, Alemanha Federal, Canadá, Estados Unidos, Venezuela e África do Sul». Refere expressamente «Colaboração Especial de: TAP — Air Portugal». Foto e *design* são de Nuno Nazareth Fernandes.

¹⁰ É também, possivelmente, a tradução que suscita mais reacções. Pude registar sete notas críticas a esta edição, de que destacaria as de Joel Serrão e de Vitorino Nemésio. Em 1951, Nemésio via nesta obra rilkiana uma «arte poética», capaz de captar a fenomenologia da inspiração. Cf. HÖRSTER, 2001: 301-302.

a sua grande ressonância terá sido a disposição do meio literário português de então. Em meados de 1940, o centro do sistema literário era disputado pelos neo-realistas, opondo-se-lhes tanto os presencistas como todos aqueles jovens poetas não alinhados, que se encontravam empenhados numa renovação poética e faziam da escrita uma aventura existencial. Ora, as *Cartas* forneciam a toda esta falange, na qual se contava por exemplo uma Sophia, argumentos no sentido de uma criação poética não condicionada ideologicamente. Os presencistas viam nelas confirmadas as suas reflexões. «Em Arte», escrevia Régio em 1927, no primeiro número da «Presença»: «é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima de uma personalidade artística.». E Rilke confirmava plenamente este postulado.

Em conclusão, pode dizer-se que, no geral, esta versão portuguesa, denunciando sempre grande lisura e elegância, alcança uma expressão mais directa, sem as modulações rilkianas, proporcionando uma imagem de Rilke de contornos mais clássicos e enérgicos e, em virtude do esbatimento da vertente dionisíaca, mais socialmente conformes.

Pelos inícios de 1960, começa a declinar o prestígio do autor de *Das Stunden-Buch*, o que a revolução de Abril de 1974 vem agravar. Na década de 1980, porém, sente-se a necessidade de um regresso às grandes tradições literárias e, quase como dado adquirido e incontestado, reconhece-se a Rilke o estatuto de grande clássico da modernidade. Avolumam-se desde então os testemunhos nesse sentido, sejam estes novas e numerosas traduções, reedições, edições ilustradas por destacados artistas, como Júlio Resende, presença em antologias, florilégios, espectáculos de teatro e de *ballet*. Sintomático da presença de Rilke na nossa consciência literária é, por exemplo, um curioso caso de recepção no âmbito da literatura para crianças e adolescentes. Num belo policial juvenil de Álvaro Magalhães, da década de 1990, um poema de amor rilkiano desempenha um papel nuclear, tanto na caracterização de personagens como no desenvolvimento da intriga¹¹.

Ora, as *Cartas a um jovem poeta* contribuem maciçamente para esta presença de Rilke no nosso panorama literário. Já no nosso século, conhecem, que eu saiba, nada mais nada menos do que seis novas versões diferentes. Não me irei debruçar devidamente sobre cada uma delas. De qualquer forma, não me parece que atinjam, nem poderiam atingir, a aura da tradução inaugural de Fernanda de Castro, que trazia a novidade, a revelação. Estas traduções posteriores, entre as quais avultam as de Vasco Graça Moura (2002) e de José Miranda Justo (2016), são traduções de

¹¹ Uma prova da naturalidade com que a sua lírica circulava entre nós é o caso do policial juvenil *Guardado no Coração I e II* (1992 e 1993), de Álvaro Magalhães. O que se encontra guardado num pequeno coração de ouro que o jovem protagonista herdou da mãe é uma versão de um famoso poema de amor dirigido por Rilke a Lou Andreas-Salomé, «Lösch mir die Augen aus: ich kann dich sehn». O poema desempenha aí um papel central, seja como forma de caracterização de personagens, de instrumento de declaração de amor para as duas gerações de figuras e, ainda, como chave de uma decisiva anagnórise. Cf. HÖRSTER, 2011.

confirmação, de consagração de estatuto, tanto da obra como do autor. Além destas duas, registei versões de Lino Marques (2003), de Mafalda Ferrari (2004), de Isabel Castro Silva (2008) e de Pedro Rodrigues (2020). Como se explicam tantas traduções numa época já tardia? Podem suprir necessidades de mercado: a de Graça Moura foi reeditada em 2014 e 2015, e a de Miranda Justo conheceu duas edições logo no ano de lançamento. Podem também funcionar como agentes de prestígio para as editoras. E podem constituir desafios e modos de afirmação dos próprios tradutores, nomeadamente de tradutores de grande reputação.

Esta sequência de novas traduções é inaugurada pela que nos é proposta pelo poeta, romancista e multipremiado tradutor Vasco Graça Moura. Quase a seis décadas de distância do lançamento da primeira, dá a lume uma nova versão que, naturalmente, suscita grandes expectativas. Dotado de um prefácio do tradutor, o volume apresenta-se numa edição cuidada e muito rica em iconografia rilkeana. A capa, de concepção sóbria e contemporânea, fica altamente prejudicada pela contracapa, que reproduz uma imagem pouco apelativa do poeta, reclinado num sofá, numa sugestão de doença, abandono ou de cansaço extremo. Além desta reprodução, retirada das *Lettres françaises a Merline*, o volume acolhe seis fotografias de Rilke e bem assim representações de obras plásticas, como o esboço a lápis e o retrato a óleo do poeta feitos por Leonid Pasternak, o busto da autoria de Clara Rilke-Westhoff e o retrato que dele pintou Lou Albert-Lasard, ou seja, uma ilustração por cada carta. Esta ênfase colocada em Rilke está de acordo com a principal linha do «Prefácio», em que, após um breve historial da correspondência e da enunciação dos grandes tópicos aí abordados, Graça Moura avalia as *Cartas* mais como um auto-retrato do próprio Rilke do que uma arte poética dirigida ao jovem Kappus. O seu conhecimento da vida e da obra do poeta (já traduzira *Os Sonetos a Orfeu*, em 1994¹², bem como um florilégio dos *Novos poemas*, que reúne em *Carrossel e Outros poemas*, em 2004, e viria a traduzir as *Elegias de Duíno*, associando-as a *Os Sonetos a Orfeu*, em 2007), leva-o a estabelecer paralelos entre as *Cartas* e a restante obra, sobretudo com o *Malte*, vendo aqui uma confirmação das considerações poéticas aí presentes.

Expectavelmente, o soneto de Kappus é incluído, saindo, ao que me parece, valorizado na tradução que dele faz o sonetista Graça Moura, que lhe respeita a forma fechada, a rima e lhe incute um sabor muito autóctone.

¹² Numa atitude provocatória, que chama a atenção para o papel do tradutor e para a natureza dual do texto traduzido, Vasco Graça Moura coloca nesta edição, no lugar geralmente reservado ao nome do autor, o seu próprio nome, propondo, depois, como título do volume *Os Sonetos a Orfeu de Rainer Maria Rilke*. Deixa-nos algumas imagens da tradução e do tradutor por exemplo no seu divertido soneto «aretnap a pantera — um divertimento em ressonâncias», em que reflecte sobre a sua tradução do famoso poema rilkeano «Der Panther». Cf. HÖRSTER, 2016: 529-530.

Muito conscientemente, Graça Moura anuncia, no «Prefácio», o seu programa tradutivo. Depois de brevemente referir tendências estilísticas do texto e procedimentos habituais dos tradutores que o precederam, dá a conhecer as suas próprias intenções:

Aqui, o registo afável e de algum modo pedagógico, espraia-se por vezes em longos arabescos de uma sintaxe que é de uso os tradutores segmentarem, quer desdobrando ou variando o sentido de algumas expressões, quer adoptando uma pontuação mais prática e actualizada. Procurei que nesta versão as frases mantivessem, tanto quanto possível, o seu recorte originário e se aproximassem mais da forma de uma escrita necessariamente despretensiosa, na sua intimidade epistolar e no quadro das circunstâncias pessoais que, de um lado e de outro, a provocaram. (s.p.)

O programa aqui tão promissora­mente anunciado claudica na transposição à prática. De facto, talvez também pelas altas expectativas criadas pelo nome do tradutor, senti alguma desilusão na leitura do texto, colhendo uma impressão geral de ligeireza. Admito que a avaliação — que não partilho — do estilo das *Cartas* como «escrita necessariamente despretensiosa» tenha induzido Graça Moura a opções que me parecem menos acertadas. Porventura com a intenção de assestar o foco para o conteúdo, terá querido dar-lhes uma roupagem contemporânea, a fim de lhes sublinhar a modernidade. Numerosas pequenas falhas, difíceis de compreender em tradutor tão experimentado, só podem explicar-se por alguma pressa posta na execução do trabalho ou, quem sabe, pela sua partilha: acentuação desapropriada ou redução de ênfases, como «Pergunta-me se os seus versos são bons. É a mim que pergunta» (24), para o alemão «Sie fragen, ob Ihre Verse gut sind. Sie fragen mich» (10), enquanto «tausend- und tausendmal» (16) fica reduzido a «milhares de vezes» (32); conotações e elipses que redundam numa desvalorização do interlocutor, «Tem de desculpar-me, caro senhor, por só hoje me ocorrer agradecer-lhe a sua carta de 24 de Fevereiro» (31), onde no original se lia «Sie müssen es mir verzeihen, lieber und geehrter Herr, daß ich Ihres Briefes vom 24. Februar erst heute dankbar gedenke» (14); são frequentes as simplificações e os pequenos desvios denotativos, que nalguns casos nem alteram fundamentalmente o sentido, mas para os quais, na verdade, não se encontra justificação: «costa» (32) para «Meer» (14); «prenderam» (37) para «überschütteten» (18); «O prazer» (47) para «Die körperliche Wollust» (24) ou um outro ponto em que a dimensão sexual também sai obliterada, «cheio de reminiscências herdadas do fazer e do nascer de milhões de seres» (48) para «voll ererbter Erinnerungen ist aus Zeugen und Gebären von Millionen» (25); «uma hora que não seja apenas de desconforto» (53) para «eine nicht allzu fremde Stunde» (28); plural por singular: «respostas» (32) por «Antwort» (14); alteração de tempos verbais: «mostra» (37) para «zeigte mir» (17); traduções equívocas, que levam à confusão do título de um obra com o nome

de um pretense autor: «Und später müssen Sie das wunderbare Buch vom Schicksal und Sehnen der «Marie Grubbe» lesen und Jacobsens Briefe und Tagebücher» (18) vertido por «E mais tarde terá de ler o maravilhoso livro de destino e de saudade de Marie Grubbe e, de Jacobsen, as cartas e as páginas de diário» (38)¹³; passos de sentido obscuro: «Aí não há comum medida com o tempo, não vale um ano e dez anos não são nada» (39). Nota-se, ainda, algum desajuste diastrático e diacrónico, com abaiçamento do nível do registo: «tem todíssima a razão» (38), «uma ferramenta a valer» (32), «tem ritmos próprios brutais» (40), «que por lá palavra e palavra» (54), «trocá-la por qualquer companhia, ainda que banal e bem barata» (59). Especificidades do alemão e particularidades estilísticas, como a substantivação de participios presentes, por exemplo «als derselbe Staunende über diese Bücher geht» (17-18), vertido por «se relê estes livros com o mesmo espanto» (37), são alvo de simplificações.

Se os grandes tópicos saem ressalvados, a atitude humana do signatário sofre alguns golpes. Ainda que, no prefácio, refira a «generosa delicadeza» de Rilke para com Kappus, diria que ele se lhe dirige com mais frieza ainda do que em Fernanda de Castro. As únicas formas de tratamento usadas são «Caro senhor» (23; 53); «caro senhor» (31; 37), «Meu caro senhor Kappus» (45; 67); «caro senhor Kappus» (78), continuando pois muito largo o fosso entre os dois. Também a deslocação do vocativo, que Rilke faz, por vezes, cortesmente intercalar o restante da frase, contribui para a desvalorização do jovem poeta: «Deu-me uma grande alegria com a sua carta de Páscoa, caro senhor» (38), onde Rilke escrevia: «Sie haben mir, lieber und geehrter Herr, mit Ihrem österlichen Briefe viel Freude gemacht» (17). A distância cava-se ainda mais com o tom adoptado, que é, de modo geral, um pouco sacudido, displicente, dando a impressão de que se não quer perder tempo com tão modesto aprendiz de poesia, e, por vezes, se aproxima do de uma correspondência oficial: «Ora bem (já que me autorizou a aconselhá-lo), peço-lhe que se deixe de tudo isso» (24); «Aceite-a como ela lhe soar, sem se pôr com elaborações» (25-26); «devolvo-lhe com esta os versos que tão amigamente me confiou» (26).

A tradução tem, naturalmente, muitos méritos. Dificilmente se nos poderia oferecer um soneto de melhor recorte, sensível ao conteúdo e fluido e natural na forma. Também no que toca à selecção vocabular encontramos soluções muito justas, por exemplo, «na grande calma destas lonjuras» (45) para «in der großen Stille dieser Fernen» (22), lição seguida por Miranda Justo «em meio da grande tranquilidade destas lonjuras» (37) — onde Fernanda de Castro propusera «longes» (35) e outros

¹³ Este exemplo leva a admitir que Graça Moura tenha ditado a tradução, na convicção de que *Marie Grubbe* seria evidentemente identificado como título de obra por quem passaria o seu texto a escrito. Na realidade, a nota final 7 assinala-a como obra de Jacobsen, mas não é essa a lição do texto. Este caso também dá a entender que Graça Moura não terá procedido a uma revisão da tradução ele mesmo, porque este erro não lhe escaparia.

tradutores optaram por «na tranquilidade deste lugar distante»¹⁴, «na enorme calma destas paragens»¹⁵, «no grande silêncio destas terras longínquas»¹⁶, «na imensa serenidade deste espaço»¹⁷. Passos há de grande apuro denotativo e conotativo e em que o *ductus* rítmico é muito bem conseguido, como por exemplo em quase toda a carta de 16 de Julho de 1903. Aliás, colhe-se a impressão de que, à medida que a leitura vai avançando, Graça Moura capta melhor o respirar destas cartas.

Em 2003, a sólida Relógio D'Água Editores reúne Rilke e Virginia Woolf num volume de título *Cartas a jovens poetas*. Talvez pela nova atenção consagrada à literatura no feminino, o destaque da capa vai para a escritora inglesa, ficando uma foto de Rilke remetida para a contracapa, com nova reprodução no interior do volume. A edição é dotada de um «Prefácio» de Francisco Vale, que explora a opção editorial de reunir os dois nomes e, pelo que respeita a Rilke, se apoia, sobretudo, em Jorge de Sena. Apresentando algumas falhas e imprecisões, esta nota não traz grandes novidades no que respeita à obra do poeta, dando destaque à diametral oposição nos conselhos que Rilke e Woolf dão aos jovens poetas: enquanto Rilke aconselha uma viragem para o íntimo, Woolf aconselha a atenção ao exterior.

A tradução dos *Briefe*, a cargo de um jovem tradutor, Lino Marques, inclui a «Introdução de Kappus», mas elimina o seu soneto. Revelador de alguma ambição informativa é o facto de tanto a «Introdução de Kappus» como o texto das *Cartas* virem providos de numerosas notas de rodapé, aliás, sobretudo, de carácter externo¹⁸. No geral, o estilo reproduz as características que encontramos na primeira versão: um ritmo mais rápido, com frases mais curtas e directas, simplificação sintáctica e lexical, tendência para formulações bruscas e estereotipadas. Encontram-se alguns preciosismos injustificados e frequentes desvios ao sentido do original, bem como uma modernização da linguagem, baixando-se o nível de registo: «leia o menos possível de coisas de crítica ou estética: ou são visões de “capela” [...] ou [...]» (44-45); «Evite lançar achas para a fogueira» (55).

As formas de abertura e de tratamento mantêm alguma distância: «Caro senhor» (33, 39, 43, 57), «caríssimo senhor» (37), «Meu caro senhor Kappus» (61, 67, 84), «caro senhor Kappus» (75), «senhor Kappus» (88), mas já também «Muito estimado senhor Kappus» (49). Algo inesperado, e destoante da atitude cerimoniosa de Rilke, é o emprego de um afectado «você» no interior de uma das missivas: «Procure

¹⁴ RILKE/WOOLF, 2003: 49.

¹⁵ RILKE/FERRARI, 2004: 29.

¹⁶ RILKE/SILVA, 2008: 33-34.

¹⁷ RILKE/RODRIGUES, 2020: 40.

¹⁸ Denotando alguma superficialidade apressada, a primeira nota lê: «Das *Cartas a Um Jovem Poeta* de Rilke há duas traduções publicadas em Portugal. A última, de Vasco Graça Moura, é bastante cuidada» (15). Aliás, o texto de Graça Moura terá sido sugestivo para o processo de tradução de Lino Marques.

comungar com eles em algo simples e verdadeiro que não terá necessariamente de se alterar se você mesmo se tornar cada vez mais diferente» (55).

Em 2004, surge nova tradução, editada pela Coisas de Ler e firmada por Mafalda Ferrari. Trata-se de um empreendimento que suscita alguma perplexidade, tanto pelas informações veiculadas na ficha técnica, como pela concepção material do volume. Assim, na ficha técnica, não se percebe se por ignorância ou despudor, indica-se como «Título Original» *Letters to a Young Poet*. Por outro lado, sem se vislumbrar razão pertinente, quer a capa quer uma das páginas de abertura do volume reproduzem excertos de cartas manuscritas de Rilke, não a Kappus, mas a Rodin. O conjunto epistolar é lançado sem a «Introdução» que o destinatário lhe antepôs e desprovido de qualquer aparato crítico. As informações da contracapa são parcas e imprecisas. O texto português não se afasta muito do registo conciso e directo que temos vindo a encontrar, com um tom que, às vezes, sugere a linguagem comercial, não tomando em conta todas as cautelosas e cerimoniosas formulações do poeta. Também aqui as formas de tratamento expressam alguma frieza e não falta o repetido recurso a um «você», diacrónica e diastraticamente deslocado, por exemplo: «Na sua opinião deste “*Deveria haver rosas...*” (essa obra de incomparável delicadeza e forma) você tem quase toda a razão em estar contra o autor da introdução» (23). O exemplo ilustra bem, ainda, o desleixo de redacção. Não faltam as imprecisões e os desvios de sentido: «ohne Pose», traduzido por «sem intenção» (25), «brünstig leben und dichten», por «vivendo e crescendo com fogo» (24) são apenas alguns exemplos. Por vezes, as soluções encontradas, além de confusas e incoerentes, propõem uma leitura em direcção oposta à do original. Veja-se um caso em que, a somar a outras faltas, a solidão, sempre aconselhada por Rilke, é antes vista como um mal: «Ihre Persönlichkeit wird sich festigen, Ihre Einsamkeit wird sich erweitern und wird eine dämmernde Wohnung werden, daran der Lärm der anderen fern vorübergeht» (11), que é vertido por «a sua personalidade crescerá mais firme, a sua solidão diminuirá e tornar-se-à [*sic*] um passado turvo que o som dos outros que passam não poderá perturbar» (sublinhados meus). O trecho, com os seus erros e incoerências, dá bem uma ideia do tom geral encontrado. Diferentemente de propostas anteriores, aqui não se elimina o soneto de Kappus, que é traduzido em verso não rimado.

Em 2008, a Quasi Edições¹⁹, uma pequena e efémera, mas ambiciosa, editorial dá a lume um volume modesto, sem qualquer aparato paratextual, a não ser a breve resenha da contracapa e, na capa, a imagem enganadora de umas mãos envelhecidas de escritor (como se o autor das *Cartas a um jovem poeta* não pudesse ser, também ele, um jovem). Desprovida da «Introdução de Kappus», a versão, assinada por Isabel

¹⁹ No mesmo ano, a Quasi traz a lume outra obra de Rilke, *Histórias do bom Deus*, em tradução de Sandra Filipe.

Castro Silva²⁰, distingue-se por alguma sensibilidade ao original, não incorrendo em certas imprecisões de traduções anteriores: «Wenn Ihr Alltag Ihnen arm scheint, klagen Sie ihn nicht an» (11), que, nas traduções de 2002 e de 2003, não se reconhecendo o sentido do prefixo em «anklagen», é traduzido por «Se o seu dia-a-dia lhe parece pobre, não o lamente» (respectivamente 25 e 36), surge como «Se o seu dia-a-dia lhe parecer pobre, não o acuse de pobreza» (13). Nota-se uma tendência geral no sentido da amplificação, como sucede no trecho precedente, ou, pelo contrário, da simplificação, bem como, por vezes, o recurso a traduções perifrásticas. Tome-se por exemplo «Ihre Einsamkeit wird sich erweitern und wird eine dämmernde Wohnung werden» (11), que é vertido por «a sua solidão estender-se-á até se tornar uma casa à luz do cair da tarde ou do amanhecer» (14), com um longo desdobramento do adjectivo «dämmernd». É elevado o número de pequenas imprecisões, grande parte das vezes quase irrelevantes no que respeita ao sentido, mas para as quais não se encontra explicação plausível, a não ser talvez a existência de um texto intermédio a partir do qual se trabalhou, como já a tradução de «dämmernd» leva a admitir: plural por singular e vice-versa, «nas horas mais indiferentes e pequenas» (13), para «in seine gleichgültigste und geringste Stunde» (10); artigo indefinido por definido «para um criador não há pobreza» (13), em lugar de «für den Schaffenden gibt es keine Armut» (11); alteração de tempos verbais, «onde as palavras nunca entram» (11), «acompanhava» (12), respectivamente para «den nie ein Wort betreten hat» (9), «begleitet» (10); incorrespondências de sentido como «prestações» (13) para «Überlieferungen» (11). Também as modalizações não são muitas vezes reconhecidas e/ou bem reproduzidas.

Pelo que respeita às formas de tratamento, esta tradutora adopta algumas fórmulas menos distantes e mais condicentes com o nosso uso social: «Estimado Senhor» (11), com maiúscula, logo na primeira carta. Depois, «caro Senhor» (19; 25); «Caro Senhor Kappus» (33), mas também «Caro e muito prezado Senhor» (43), «Meu caro Senhor Kappus» (49; 57), «Caro Senhor Kappus» (69, 81, 87), esbatendo-se ligeiramente a distância criada entre Rilke e Kappus. Alguma insegurança no tom a adoptar revela o seguinte passo, que acolhe a forma seca e oficial «V.», abreviatura de «Você», aliás em convívio com «caro Senhor»: «V. é tão jovem ainda, está diante de todos os inícios, e por isso gostaria de lhe pedir, caro Senhor, que tenha paciência» (34).

O soneto de Kappus, que acompanha a sétima carta, traduzido em verso não rimado, é, pela primeira vez, apresentado em versão bilingue, com o que se sinaliza a especificidade da tradução de poesia e se solicita compreensão.

²⁰ Isabel Castro Silva tem vindo a afirmar-se como tradutora de prestigiados originais alemães, nomeadamente ao serviço da Relógio D'Água, com *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, *Freud*, *Contos e Diários*, de Kafka, Hanna Arendt e Martin Heidegger, Robert Walser e, de novo, Rilke.

Em 2016, sob a chancela da Antígona, o germanista José Miranda Justo oferece-nos uma nova tradução deste famoso conjunto epistolar. Especialista nas áreas da Filosofia da Linguagem, Estética e Filosofia da Arte, Hermenêutica e Estudos de Tradução, este professor da Universidade de Lisboa é senhor de um imponente *curriculum* de tradutor nas áreas da literatura e da filosofia alemãs. Já anteriormente Rilke lhe merecera algumas traduções — *Os sonetos a Orfeu* (2005), bem como uma participação no volume *Momentos de paixão* (2004) —, e, nesse mesmo ano de 2016, lança também uma versão das *Elegias de Duíno*. Familiarizado com a obra do poeta, conhecedor de edições e da crítica alemã recentes, dota a sua tradução, aliás na primeira edição bilingue, de um aparato crítico informado e de um posfácio que ultrapassa os habituais chavões, sendo o único tradutor que indica a edição sobre a qual trabalhou. Neste sentido, apresenta-se como a primeira tradução de perfil verdadeiramente académico.

Na minha apreciação, é a versão que mais respeita o texto original, admitindo um ou outro ponto de estranheza, nomeadamente no que atende à substantivação de adjectivos e de infinitivos. Considere-se que Miranda Justo nos dera em 2003 uma admirável tradução de *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, de Friedrich Schleiermacher, conhecendo, pois, intimamente, as duas alternativas que, na perspectiva do teólogo e tradutor alemão, se colocam ao tradutor: «ou o tradutor deixa o escritor o mais possível em sossego e move o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais possível em sossego e move o escritor ao seu encontro»²¹. A opção de Miranda Justo é clara: diríamos que deixa o escritor o mais possível em sossego, sem, porém, esforçar o leitor no caminho que terá de percorrer até aquele. A meu ver, é a que denota mais sensibilidade ao texto, enquanto procura ser idiomática, por exemplo nas fórmulas de abertura epistolar, que vão de «Muito prezado Senhor» (7), «caro e prezado Senhor» (19, 25), «Caríssimo Senhor Kappus» (37), «Caro e prezado Senhor» (53), «Meu caro Senhor Kappus» (61, 73, 111), «caro Senhor Kappus» (91, 117), reflectindo o respeito votado por Rilke ao seu interlocutor. É a que mais atende a aspectos rítmicos, com a frase longa e as expressões intercaladas, bem como a questões de modalização, seja a veiculada por verbos e partículas modais, seja por advérbios. Na cultura portuguesa, nomeadamente nas relações interindividuais — veja-se a forma como os portugueses se despedem uns dos outros ou terminam uma chamada telefónica —, a brevidade é sentida como pouco delicada. O texto proposto por Miranda Justo evita essa brevidade desagradável, recorrendo por exemplo a processos de amplificação: «für sein großes und liebes Vertrauen» (9) passa a «pela grande e amável confiança nela contida» (7), evitando, com isso, tanto um desagradável possessivo como o equívoco que este geraria. Com o ritmo espraçado que ao longo de todo o texto se permite, dá-nos a sentir a deferência e afabilidade do jovem

²¹ Trad. da autora para o texto de Schleiermacher, cf. SCHLEIERMACHER/JUSTO, 2003: 60.

Rilke para com o jovem Kappus. Também não falta o soneto no final da sétima carta, aliás, numa tradução pouco fluida, em verso heterométrico e não rimado.

Esta tradução prova grande sensibilidade ao original, tanto do ponto de vista denotativo como conotativo. Não claudica, onde outras se mostraram mais apressadas. Um conhecimento muito sólido do alemão leva o tradutor a detectar e reproduzir muito bem a marcação de foco, como sucede logo na frase de abertura da primeira carta, ou a atender a sentidos menos usuais de alguns vocábulos. Sirva de exemplo «Da will etwas Eigenes zu Wort und Weise kommen» (9), que verte por «Aí há algo de próprio que quer chegar à palavra e à melodia» (9), ciente de um sentido mais antigo e mais raro de «Weise» como «melodia», que Rilke já explorara no título de uma das suas obras, *Die Weise von Liebe und Tod des Cornets Christoph Rilke*, e que Paulo Quintela traduzira como *Balada do amor e da morte do alferes Cristóvão Rilke*. Grande parte dos outros tradutores propõe soluções aproximadas: «Neste poema, qualquer coisa de pessoal procura encontrar solução e forma»²²; «Aí há qualquer coisa de próprio que quer chegar à palavra e à forma»²³; «Existe ali algo de peculiar que deseja exprimir-se e revelar-se»²⁴; «Há algo em si desejoso de tomar a forma da palavra e melodia»²⁵; «Há nele qualquer coisa que quer chegar à palavra e à forma»²⁶. Na tradução de 2020, repete-se integralmente o texto de Miranda Justo, a que apenas se acrescenta uma vírgula (14). Diria que a tradução de Miranda Justo é a primeira que faz jus ao texto rilkeano. Respeita-lhe o ritmo alongado, o registo estilístico, recria muito bem o perfil de um Rilke solidário, generoso, tateante e reflexivo, corajoso.

Surpreendente é a sétima e última tradução que conheço, lançada em 2020 sob a chancela da Cultura Editora e assinada por Pedro Rodrigues — que, infelizmente, também regista no seu portfólio a tradução de *Letters to a Young Poet*²⁷. Esta obra apresenta um perfil inesperado. Toda a concepção gráfica é um pouco delicadoce, diríamos «fofinha», e visa claramente um público muito jovem²⁸, preferencialmente feminino. Vão nesse sentido: a. a concepção da capa e da contracapa, com andorinhas a levarem cartas no bico; b. todo um grafismo muito leve, com insistência em cores claras, caracteres em tamanho maior do que habitual e mancha pouco densa; c. a introdução de uma epígrafe, aliás extraída da oitava carta, que remete para

²² RILKE/CASTRO, 1946: 16.

²³ RILKE/MOURA, 2002: 23.

²⁴ RILKE/WOOLF, 2003: 34.

²⁵ RILKE/FERRARI, 2004: 8.

²⁶ RILKE/SILVA, 2008: 12.

²⁷ No seu perfil do LinkedIn, aparece como tradutor *freelancer*, com cerca de uma dezena de colaborações para esta mesma editora. Traduz do inglês e, além de *Letters to a Young Poet*, enuncia *Animal Farm/O Triunfo dos Porcos* (George Orwell), *Song Of Myself/Canto de Mim Mesmo* (Walt Whitman), *The Man With No Face/O Homem sem Cara* (Peter May), *Conversations On Love/Conversas Sobre o Amor* (Natasha Lunn), entre outras.

²⁸ Este volume é recomendado pelo Plano Nacional de Leitura.

o mundo dos contos maravilhosos — «Talvez todos os dragões da nossa vida sejam princesas que só esperam ver-nos alguma vez belos e corajosos. Talvez, em última instância, tudo o que nos horroriza seja o desamparo que requer a nossa ajuda»; d. a inserção, na contracapa, de um apelo lançado na segunda pessoa do singular e com destaque gráfico, «**Em jovem ou em adulto tens de ler este livro**», e, ainda, de um resumo do conteúdo, também apelativo, que vai ao encontro das preocupações existenciais dos adolescentes, na busca de um caminho de futuro:

Cartas a Um Jovem Poeta é uma coleção de dez cartas escritas por Rainer Maria Rilke a Franz Xaver Kappus, um jovem militar que aspirava ser poeta.

De 1902 a 1908, Rilke oferece a sua orientação e revela a sua perspectiva sobre como viver com incertezas, as escolhas de carreira, despertar a criatividade e encontrar o propósito de vida.

Cartas a Um Jovem Poeta é, assim, um manual de vida. A arte, disse Rilke ao jovem poeta na sua última carta, é apenas outra forma de vida.

Procura o fundo das coisas

Além disso, para facilitar a leitura, cada carta é precedida de uma citação nuclear, seleccionada em função do seu sentido instrutivo e motivador, e acompanhada de uma vinheta. Indiciando de forma clara o público preferencialmente visado, a editora publicita no final várias obras destinadas a crianças e adolescentes.

As formas iniciais de endereço sugerem um maior grau de afabilidade — «Estimado Senhor» (13), «caro e prezado senhor» (23), «caro senhor» (29), «Meu caro senhor Kappus» (39, 59, 69, 97), «Caro e prezado Senhor» (51), «meu caro senhor Kappus» (83), «caro senhor Kappus» (103) —, e as fórmulas de fecho, no geral, enfatizam a cordialidade. Afastando-se por vezes um pouco do original, dão-nos um Rilke camarada, bem-disposto e amigo, com um tom muito *up to date*: «Felicidades» (36), «Fique alegre e confiante» (66), «Tudo de bom para si, caro senhor Kappus!» (78).

Uma análise do texto reserva-nos algumas surpresas. Ainda que o portfólio do tradutor inclua entre as suas traduções *Letters to a Young Poet*, um cotejo com a versão de José Miranda Justo mostra-nos que esta, publicada quatro anos antes, foi largamente inspiradora, quer quanto à selecção vocabular quer quanto à sintaxe. Em muitas trechos, procedeu-se tão-só a muito ligeiras alterações. Simplificaram-se linguagem, com um vocabulário mais concreto, e sintaxe, procurando assim adaptar-se o texto ao público-alvo.

Sendo impossível aqui uma análise comparativa pormenorizada das sete traduções, apresento um breve trecho, no original e nas várias versões. Trata-se do passo do segundo parágrafo da primeira carta em que Rilke, com toda a sinceridade, mas também com toda a delicadeza, depois de verberar a crítica como incapaz de se

aproximar da obra de arte, dá a conhecer a Kappus um juízo não muito abonatório sobre os poemas que este submetera à sua apreciação:

Wenn ich diese Notiz vorausschicke, darf ich Ihnen nur noch sagen, daß Ihre Verse keine eigene Art haben, wohl aber stille und verdeckte Ansätze zu Persönlichem. Am deutlichsten fühle ich das in dem letzten Gedicht «Meine Seele» (9)

Dito isto, apenas posso acrescentar que os seus versos não revelam uma maneira sua. Contêm, é certo, gérmens de personalidade, mas ainda tímidos e escondidos. Senti-o, sobretudo, no seu último poema: A Minha Alma (16) — Fernanda de Castro

Feita esta observação, só posso dizer-lhe que nos seus versos não há uma voz pessoal, embora haja indícios, tímidos e encobertos, de uma personalidade própria. Sinto isso com a maior clareza no último poema, «A minha alma» (23) — Vasco Graça Moura

Feito este reparo, permita-me apenas dizer-lhe que os seus versos não possuem um carácter próprio, mas antes indícios discretos e encobertos de personalidade própria. Sinto-o com maior evidência no último poema, «A minha alma» (34) — Lino Marques

Após estes comentários preliminares deixe-me apenas acrescentar que os seus versos não possuem estilo próprio, ainda que demonstrem de uma forma encoberta o início de algo pessoal. E sinto isso de uma forma mais clara no último poema «A Minha Alma» (8) — Mafalda Ferrari

Tendo começado com este aviso, devo ainda dizer-lhe que os seus versos não têm um estilo próprio, embora traíam indícios silenciosos e velados de uma voz pessoal. Os mais evidentes encontram-se no seu último poema, «A minha alma» (11-12) — Isabel Castro Silva

Feito este apontamento preliminar, ser-me-á permitido dizer-lhe ainda que os seus versos não têm um cunho próprio, embora haja neles, sem dúvida, indicações silenciosas e veladas para algo de pessoal. Sinto-o com máxima distinção no último poema, «Minha alma» (7-9) — José Miranda Justo

Feita essa observação preliminar, posso dizer-lhe ainda que os seus versos não possuem uma forma própria, mas apenas indicações silenciosas e veladas para algo pessoal. Sinto esse tipo de indicação de modo mais claro no último poema, «Minha alma» (14) — Pedro Rodrigues

Torna-se muito sensível a diferença de tom entre as primeiras e as últimas versões: mais enxutas e bruscas, aquelas; mais lentas e circunstanciadas, estas. Interessante mostra-se a tradução de «nur noch». Enquanto uns tradutores colocam a ênfase em «nur» («apenas», «só»), outros sublinham o valor de «noch», resultando ora uma atitude socialmente mais áspera e distanciadora, ora mais cortês e encorajadora. Do mesmo modo, as diferentes conotações de «tímidos e escondidos», «tímidos e encobertos», «discretos e encobertos», «de uma forma encoberta», «silenciosos e velados», «silenciosas e veladas» revelam, nas três mais recentes traduções, um maior cuidado em não ferir o destinatário. Se não atendermos à proposta abreviada, o par «tímidos e encobertos» parece-me o menos abonatório para o visado. Afirmar «sinto isso com a maior clareza», recorrendo ao superlativo relativo de superioridade, dá a crer que o sujeito não tem a menor dúvida quanto à justeza do seu juízo negativo. Particularmente interessante, parece-me a tradução do verbo modal «dürfen». As traduções por «poder» ou «dever» falham o gesto de quem, muito delicadamente, como que pede autorização para emitir um juízo. Nesse sentido, com a proposta «ser-me-á permitido dizer-lhe ainda», com o uso de uma construção impessoal e enfatizando o gesto de delicadeza pelo uso do futuro, o tradutor encontrou uma fórmula muito feliz para introduzir um veredicto pouco agradável.

Um confronto das propostas também é elucidativo sobre a migração de algumas soluções, por exemplo, da sexta para a sétima tradução.

CONCLUSÕES

Motivo de surpresa começa por ser o elevado número de traduções de *Briefe an einen jungen Dichter* no nosso país. Depois da versão inaugural, em 1946, por Fernanda de Castro, segue-se-lhe, a partir de 2002, uma série de seis novas traduções, numa fase já em que Rilke é largamente conhecido e a sua craveira incontestada. Curiosamente, os *Briefe* nunca foram vertidos para português pelo grande tradutor e introdutor de Rilke em Portugal, o germanista Paulo Quintela²⁹. O impulso para a tradução desta correspondência partiu de uma editora, que a confiou a uma escritora que não dominava o alemão. Apesar de tomar como matriz uma versão intermédia francesa, ou talvez precisamente por isso, a proposta de Fernanda de Castro conheceu uma enorme aceitação e talvez se possa afirmar que, durante largo período, gozou entre nós do estatuto de «a tradução clássica» desta obra rilkeana. Enquadrando-se numa primeira fase que podemos considerar de revelação do poeta, alimentou o aceso debate literário em Portugal, fornecendo argumentos a favor de uma literatura não alinhada ideologicamente.

²⁹ Até à sua morte (1987), Paulo Quintela foi praticamente o tradutor exclusivo de Rilke em Portugal. Excepção significativa constituem os *Briefe an einen jungen Dichter*. Terá sido a desvalorização do volume, enquanto correspondência, uma das razões para o facto de Quintela nunca ter traduzido este conjunto epistolar?

Só volvido mais de meio século, já em plena fase de uma aceitação de Rilke como grande clássico da modernidade, surge, em 2002, nova tradução, firmada por um grande nome das letras portuguesas, Vasco Graça Moura. Porventura num jeito de modernização da obra, o texto não faz jus aos meandros estilísticos de Rilke, ao seu estilo deferente e cheio de cautelas, sugerindo um fosso muito largo entre os dois correspondentes.

Presumivelmente mais por motivos de ordem económica ou de prestígio do que de respeito e cuidadosa atenção ao original do poeta, sucedem-se-lhe novas traduções, com a chancela de editoras diversas. Confiadas a tradutores menos conhecidos, talvez em início de carreira, as versões de Lino Marques (2003) e, sobretudo, a de Mafalda Ferrari (2004) pouco acrescentam, apresentando alguma superficialidade e, mesmo, desleixo no tratamento do texto. Mais diferenciada e atenta ao original alemão, surge-nos em 2008, em edição muito despojada, uma versão de Isabel Castro Silva.

Destacam-se, aliás por razões muito distintas, os dois mais recentes empreendimentos. Miranda Justo (2016) presta um excelente serviço à cultura portuguesa e rende o devido tributo à famosa obra do poeta, mantendo-lhe o recorte estilístico e corrigindo uma imagem de Rilke muito arreigada no nosso contexto. Longe de nos levar a imaginar Rilke como um poeta consagrado e encanecido, que se digna dar alguns conselhos a um pobre jovem principiante, faz-nos ver nele um ser afável, atento, sensível e generoso. Tradutor de *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, de Friedrich Schleiermacher, Miranda Justo envereda pela mais exigente das duas alternativas que o teórico alemão aí coloca: a de levar o leitor ao encontro do autor. Fá-lo, aliás, com grande equilíbrio, não descurando expectativas do leitor, mas sem cedências a facilitismos. A sua opção é um sinal de respeito pelo público, que avalia como informado, exigente e suficientemente capaz de acolher alguma estranheza.

Surpreendente, sobretudo pela exploração desta correspondência, não fundamentalmente como arte poética, capaz de captar a fenomenologia da inspiração, mas como texto de potencial pedagógico e como manual de vida, é a mais recente tradução, da responsabilidade da Cultura Editora, com assinatura de Pedro Rodrigues (2020). Esta edição procura alcançar um sector de leitores bem distinto do habitual: em mira estão jovens adolescentes, em busca de orientação, nas primeiras encruzilhadas da vida.

Outra das conclusões que parece poder retirar-se é a de que a prática da tradução em segunda mão, pacificamente aceite entre nós até bem adentro do século XX, mas que julgávamos erradicada após uma já longa presença de cursos de tradução nas nossas instituições de ensino superior, continua afinal a campear no meio editorial, como evidencia o caso do texto posto a circular pela Coisas de Ler.

Seria interessante analisar como as sucessivas traduções vão (ou não) olhando para as suas antecessoras, como se vão (ou não) sedimentando e afinando soluções ou, pelo contrário, repetindo desacertos, seja a nível vocabular ou sintáctico. Será tarefa para outra ocasião.

O número surpreendente de traduções confirma a vitalidade destas cartas, e a variedade de lições daí extraídas dá bem sinal do carácter aberto da obra literária.

BIBLIOGRAFIA

Textos

- RILKE, Rainer Maria (s.d.). *Briefe an einen jungen Dichter*. Leipzig: Insel-Verlag.
- RILKE, Rainer Maria; GRASSET, Bernard; BIEMEL, Rainer (1937). *Lettres à un jeune poète. Suivies de Réflexions sur la vie créatrice par Bernard Grasset*. Paris: Bernard Grasset.
- RILKE, Rainer Maria; CASTRO, Fernanda de (s. d./1946/1.ª edição). *Cartas a um poeta*. Lisboa: Portugália Editora.
- RILKE, Rainer-Maria; CASTRO, Fernanda de (s. d./1950/; s. d./1963/;1971). *Cartas a um poeta*. Tradução de Fernanda de Castro. Lisboa: Portugália Editora.
- RILKE, Rainer-Maria; CASTRO, Fernanda de (1986, 1991, 1994, 2000). *Cartas a um jovem poeta*. Tradução e introdução de Fernanda de Castro. Lisboa: Contexto.
- RILKE, Rainer Maria; FERRARI, Mafalda (2004). *Cartas a um jovem poeta*. Carcavelos: Coisas de Ler Edições.
- RILKE, Rainer Maria; JUSTO, José Miranda (2016). *Cartas a um jovem poeta / Briefe an einen jungen Dichter*. Edição bilingue. Tradução e posfácio de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona.
- RILKE, Rainer Maria; MOURA, Vasco Graça (2002). *Cartas a um jovem poeta*. Tradução, prefácio e notas de Vasco Graça Moura. Lisboa: Edições Asa.
- RILKE, Rainer Maria; RODRIGUES, Pedro (2020). *Cartas a um jovem poeta*. Cultura Editora.
- RILKE, Rainer Maria; SILVA, Isabel Castro (2008). *Cartas a um jovem poeta*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.
- RILKE, Rainer Maria; WOOLF, Virginia (2003). *Cartas a jovens poetas*. Tradução de Lino Marques e de Ana Mateus. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Estudos

- HÖRSTER, Maria António (1990). *De Rilke em Portugal ou «a never-ending story»*. Apontamento sobre O discurso da desordem, de António Rebordão Navarro. «Runa». 13-14, 265-271.
- HÖRSTER, Maria António (2001). *Para uma história da recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- HÖRSTER, Maria António (2004). *No rasto de Rilke em Portugal. Com algumas considerações acerca da tradução literária*. In SOUSA, Carlos Mendes de; PATRÍCIO, Rita, orgs. *Largo mundo alumiado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, pp. 711-728.
- HÖRSTER, Maria António (2010). *A recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1925-2007) ou Da interpenetração das literaturas pela via da tradução*. In DELILLE, Maria Manuela, coord. *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários. Séculos XIX e XX*. Coimbra: Edição de MinervaCoimbra/CIEG, pp. 199-230.
- HÖRSTER, Maria António (2011). *De como Kafka, Goethe, Rilke & Ci.a entram nas aventuras do Triângulo Jota*. In AZEVEDO, Fernando et al. *Globalização na Literatura Infantil. Vozes, rostos*

- e imagens*. FCT/Lulu Enterprises: 85-102. [Consult. 19 abr. 2023] Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/18303>>.
- HÖRSTER, Maria António (2016). *Tradutores e tradução na lírica portuguesa dos séculos XX e XXI. José Bento, Vasco Graça Moura e Armando Silva Carvalho*. «Cadernos de Literatura Comparada». 34, 523-535.
- NORD, Christiane (2009). *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. 4. überarbeitete Auflage. Heidelberg: Julius Groos Verlag.
- RÉGIO, José (1927). *Literatura viva*. «Presença». 1, 1-2.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich; JUSTO, José Miranda (2003). *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Edição bilingue. Apresentação, tradução, notas e posfácio de José Miranda Justo. Porto: Porto Editora.

MARCADORES DISCURSIVOS NA TRADUÇÃO ALEMÃ DE MEMORIAL DO CONVENTO, DE JOSÉ SARAMAGO — UM OLHAR CRUZADO SOBRE *ENFIM E JA*

CONCEIÇÃO CARAPINHA
CORNELIA PLAG*

Resumo: *Enquanto elementos orientadores de leitores e ouvintes na articulação de diferentes segmentos textuais e no processamento da informação, os marcadores discursivos (MD) assumem-se como elementos característicos do estilo individual, sendo, consequentemente, também relevantes nos textos literários. Importa perguntar, no entanto, se os contextos de uso dos MD e os seus índices de frequência coincidirão em duas línguas e culturas diferentes, e se é possível detetar, na tradução, os mesmos padrões de coesão do texto literário original, ou seja, perguntar se, no ato de tradução dos MD, prevalecem as idiosincrasias estilísticas do autor ou do tradutor e até que ponto as opções do tradutor influirão na riqueza semântica do texto original. Lançando olhares cruzados sobre o romance Memorial do Convento, da autoria de José Saramago, e sobre a sua versão alemã, Das Memorial, a cargo de Andreas Klotsch, procurar-se-á responder a algumas destas questões, realizando, para o efeito, uma análise subdividida em duas etapas: (i) a análise do MD *enfim*, um dos mais produtivos no texto de partida, e a identificação de algumas das opções de Andreas Klotsch na tradução deste marcador, (ii) a análise do MD *ja*, presente no texto alemão, e a identificação dos trechos correspondentes no texto em português. Pretende dar-se, assim, um contributo ao estudo dos marcadores em geral e aos desafios da sua tradução no texto literário em particular.*

Palavras-chave: *Marcadores discursivos; Enfim; Ja; Tradução; Memorial do Convento.*

Abstract: *As guiding elements for readers and listeners in the articulation of different textual segments and in the processing of information, Discourse Markers (DM) are characteristic elements of individual style and are therefore also relevant in literary texts. It is pertinent to ask, however, whether the contexts of use of DM and their frequency coincide in two different languages and cultures, and whether it is possible to detect the same patterns in the translation as in the original text. It is therefore important to ascertain to what extent the stylistic idiosyncrasies of the author or translator prevail in the act of translation of DM and to what extent the translator's choices will influence the semantic richness of the original text. By cross-linking José Saramago's novel Memorial do Convento with the German version, Das Memorial, by Andreas Klotsch, we will try to answer some of these questions: (i) the analysis of the MD *enfim*, one of the most productive in the source text, and the identification of some of Andreas Klotsch's options in the translation of this marker, (ii) the analysis of the MD *ja*, present in the German text, and the identification of the corresponding passages in the Portuguese text. With this crossing of perspectives, we intend to contribute to the study of markers in general and to the challenges of their translation in the literary text in particular.*

Keywords: *Discourse markers; Enfim; Ja; Translation; Memorial do Convento.*

* Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC (UID FCT: 4887), Faculdade de Letras. Email: mccarapinha@fl.uc.pt, ORCID: 0000-0001-7860-6561; Email: cornelia.plag@fl.uc.pt, ORCID: 0000-0002-5644-8723. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDP/04887/2020 e UIDB/04887/2020.

INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos (doravante, MD) são expressões usadas para conectar segmentos textuais de maior ou menor extensão, dando coerência ao discurso e sinalizando diferentes tipos de nexos semânticos (contraste, retificação ou síntese, entre outros). Ao darem instruções ao ouvinte/leitor sobre a forma de processar a informação contida no texto, facilitam a construção de uma representação mental que faça sentido.

No caso da recepção de textos literários, que abrem amplas possibilidades de leitura e em que se cruzam as vozes do autor, do narrador e das personagens, qual o papel desempenhado pelos marcadores discursivos? E como lidam os tradutores do texto literário com a presença e a função destas partículas?

Partindo de um texto literário particular, *Memorial do Convento*, de José Saramago (1982), e da sua tradução para a língua alemã, da autoria de Andreas Klotsch (1986), neste estudo, analisam-se os MD presentes no texto original, a sua função em diferentes planos textuais e o modo como se reflete este reticulado nas soluções adotadas pelo tradutor alemão. Numa tentativa de olhar transversalmente o processo tradutivo, também a ocorrência de marcadores que, não estando no texto original, surgem na tradução alemã será alvo de atenção. Esta interseção de perspetivas evidenciará as convergências de sentido partilhadas pelas duas versões do texto, mas também fará emergir as diferenciadas opções tomadas pelo tradutor.

O presente trabalho tem a seguinte estrutura: em «Marcadores discursivos e texto literário», far-se-á uma breve caracterização da classe dos MD, salientando a sua relação com o texto literário; as particularidades relevantes do romance serão apresentadas em «A escrita saramaguiana — o estilo da obra *Memorial do Convento*»; a secção seguinte contextualizará a tradução em estudo; os dados serão analisados em «MD em *Memorial do Convento* e respetivas traduções (nas duas direções) — análise dos dados»; o texto encerrará com as «Conclusões».

MARCADORES DISCURSIVOS E TEXTO LITERÁRIO

Os marcadores configuram uma classe de itens lexicais de natureza pragmática, apenas definível pela função que desempenha no discurso. Sinalizando uma grande diversidade de nexos semânticos, os MD podem acumular diferentes funções, o que os torna polifuncionais. Não participam do conteúdo proposicional dos enunciados, revelando-se, portanto, itens opcionais, mas a sua presença é relevante, pois desempenham funções pragmáticas, relacionadas com a gestão das relações interpessoais, com a expressão da cortesia, ou simplesmente com a naturalidade do discurso. Neste quadro, qual a relevância dos marcadores discursivos no texto literário?

O texto literário é um texto de estrutura complexa, com múltiplas camadas de significado que cabe ao leitor descodificar. Ao manifestarem as intenções do locutor¹ — neste caso, do autor do texto literário —, os MD auxiliam a leitura. Na literatura, porém, a pretensão de deixar o texto menos literal e mais aberto pode ser um objetivo do autor². Nesta linha de raciocínio, o romance pode orientar a leitura e sinalizar, explicitamente, por exemplo através de um MD, muitos dos nexos semânticos que ligam diferentes partes da narrativa ou, em alternativa, deixar esses nexos implícitos, obrigando o leitor a fazer inferências e a reconstruir um sentido. Se, numa só língua, os MD já carregam amplas possibilidades de interpretação, o trabalho de tradução do texto literário vem acrescentar um outro olhar, ou seja, mais uma interpretação, o que explica o facto de que os MD «vengan interpretados diferentemente por los diferentes traductores. Es decir, la polifuncionalidad del marcador lleva consigo una diversidad de interpretaciones y, por consiguiente, de traducciones»³.

Sendo certo que há várias formas de recriar, na língua de chegada, o sentido do texto original, as opções à disposição do tradutor, no tocante aos MD presentes no texto de partida, incidem sobre diferentes planos do discurso, podendo materializar-se no recurso a um equivalente, a uma solução lexical, a uma estratégia sintática ou a um sinal de pontuação, por exemplo. Além disso, e frequentemente, a omissão é a escolha preferencial, não apenas porque o tradutor privilegia o conteúdo referencial, mas também porque, não raro, os MD apresentam um feixe de valores amalgamados, sendo difícil discernir qual o mais importante naquele contexto particular.

Por outro lado, é frequente encontrar, na literatura traduzida, MD que não se encontravam presentes no texto original. Esta opção deve-se a uma miríade de fatores, por entre os quais podemos salientar a criatividade do tradutor, a sua sensibilidade, a tentativa de criar idiomaticidade e/ou a eventual necessidade de compensação. Poder-se-á falar, nestes casos, de um maior grau de explicitação do texto de chegada face ao texto de partida? A resposta a dar a esta pergunta não é fácil.

Blum-Kulka foi uma das primeiras autoras⁴ a salientarem o procedimento da explicitação, resultante do trabalho do tradutor, que tenderia a clarificar alguns nexos coesivos, podendo até, nas palavras da autora, ser considerado um universal da tradução. Já Baker⁵, recorrendo à análise de *corpora* comparáveis, comprovou a existência de procedimentos de neutralização na tradução, que abrangem também a explicitação. Esta visão inicial, mais polarizada, que caracteriza os textos traduzidos como mais explícitos ou mais implícitos (que o original) parece não fazer jus aos muitos matizes

¹ CRIBLE, 2019.

² FUENTES RODRÍGUEZ, 2010: 722.

³ GIL, 2017: 79.

⁴ VINAY, DARBELNET, 1977 [1958]: 163 e ss. já tinham mencionado este aspeto, mas a partir de uma abordagem descritiva de procedimentos adotados por tradutores.

⁵ BAKER, 1996: 184.

de sentido que percorrem os textos, sobretudo os literários, e por isso tem vindo a ser relativizada, já que outros fatores, tais como o próprio par de línguas e respetivos filtros culturais, podem determinar o maior ou menor grau de explicitude de um texto. Nesta medida, julgamos ser lícito defender, com Becher, que as traduções se posicionam num *continuum* implícito-explicito e que «explicitations tend to be more frequent than implicitations in translation, thus allowing for exceptional cases where cultural distance is insignificant and/or communicative risk is low. In these cases, we do not expect explicitations to outnumber implicitations»⁶. Entretanto, o facto de um tradutor inserir um marcador específico num determinado fragmento textual que originalmente não o tinha pode orientar, de alguma forma, a leitura; contudo, quase nunca um marcador apresenta um valor instrucional unívoco e ainda que o processo interpretativo venha a ser mais orientado, o leitor será sempre chamado a preencher os vazios e a reconstituir o sentido global da mensagem.

A ESCRITA SARAMAGUIANA — O ESTILO DA OBRA MEMORIAL DO CONVENTO

Segundo Arnaud⁷, a produção romanesca saramaguiana pode dividir-se em três ciclos distintos. O primeiro, designado de ciclo da «portugalidade intensa», aborda, segundo a autora, temas históricos intrinsecamente relacionados com a realidade portuguesa. Iniciado com a obra *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) e encerrado com *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), é neste ciclo que se integra o romance *Memorial do Convento*. Na interseção entre História, ficção e ideologia⁸, podemos também salientar a experimentação discursiva como mais uma vertente a singularizar a obra; de facto, aqui se cruzam vozes diversas — as das personagens que dialogam entre si e as do autor-narrador, que sobre estas reflete, encetando, em simultâneo, uma conversa com o leitor-narratário —, numa organização sintática, informacional e até romanesca nem sempre linear ou óbvia⁹. A oralidade sequencial e ininterrupta que caracteriza os diálogos — quase sem marcas de pontuação e sem sinais gráficos que auxiliem a interpretação — e os comentários do autor-narrador, mesclados com esses mesmos diálogos, configuram uma «peculiar técnica narrativa [...] que, frequentemente, dificulta a compreensão do leitor no que toca à identificação dos interlocutores»¹⁰. Num texto em que se verifica um uso não canónico da pontuação, concomitante com uma clara desobediência à sintaxe tradicional¹¹, é importante compreender a forma como se articulam as várias parcelas de informação e as relações de coerência que as

⁶ BECHER, 2010: 22.

⁷ ARNAUT, 2011.

⁸ ARNAUT, 1996.

⁹ JOHNNEN, 2020.

¹⁰ ARNAUT, 1996: 45.

¹¹ ARNAUT, 2006.

unem num todo coerente. Tendo os MD a função de assinalar essas relações, é tão importante analisar o seu tipo e a sua presença, quanto, sobretudo, a sua ausência. Ora, na complexa teia narrativa que se se constrói em *Memorial do Convento*, os MD parecem operar em dois planos distintos: no plano da diegese, sinalizando as relações de sentido entre os diferentes eventos que constituem a trama, e no da metadiegeese, em que o autor-narrador dialoga com o leitor-narratário e comenta a própria história. Como veremos, os MD, e mais concretamente os mesmos MD, podem atuar neste duplo plano, configurando assim mais uma particularidade deste romance.

ENQUADRAMENTO DA TRADUÇÃO — O ROMANCE *MEMORIAL DO CONVENTO* E A SUA VERSÃO ALEMÃ

Andreas Klotsch, nascido em Ghimbav, na atual Roménia, em 1937, notabilizou-se como tradutor de obras de autores brasileiros e portugueses, como Jorge Amado, Eça de Queiroz ou José Saramago. Entre 1964 e 1980, foi tradutor de literatura latino-americana da editora Volk und Welt, da República Democrática Alemã (RDA), tendo depois passado a trabalhar como profissional independente. Para a editora Aufbau-Verlag, traduziu, entre 1986 e 1995, cinco livros de Saramago: *Das Memorial*, 1986, *Das steinerne Floß*, 1990, *Geschichte der Belagerung von Lissabon*, 1992, *Das Evangelium nach Jesus Christus*, 1993, *Der Stuhl und andere Dinge*, 1995.

A sua qualidade como tradutor foi reconhecida em 1991, quando Klotsch recebeu o *Hieronymusring* (Anel de São Jerónimo), distinção atribuída pela associação de tradutores literários VDÜ. O elogio do galardão destaca precisamente a forma como conseguiu dar vida às traduções saramaguianas:

*Diese unendlichen Sätze, die einen hypnotisch in den Text hineinziehen, einen geradezu einsaugen! Wir alle wissen, wie schwierig es ist, solche Sätze so ins Deutsche zu übertragen, daß sie nicht holpern oder durchhängen, sondern schwingen, klingen und einen Atem haben, der sie trägt. Andreas Klotsch ist dies, wie ich finde, meisterhaft gelungen*¹².

Em sentido divergente ao da prática comum nos países ocidentais, na RDA, os tradutores gozavam, aliás, do reconhecimento das editoras. Como refere Kind¹³, eles não eram considerados o elo mais fraco, que permitia às editoras economizarem meios. Nas revisões conjuntas dos textos entre responsáveis editoriais e tradutores, aplicava-se o princípio de que «im Zweifelsfall galt der Wille des Übersetzers»¹⁴.

¹² LIST, 1991: 1.

¹³ KIND, 2017: 240.

¹⁴ KIND 2017: 300.

Este estatuto relativamente privilegiado não se refletia, no entanto, em todas as condições de trabalho. O êxito das traduções de Saramago foi alcançado com muito esforço, pois eram muitos os constrangimentos que dificultavam a tarefa de um tradutor na RDA; na verdade, Klotsch não tinha acesso a fontes de consulta documentais, tal como se depreende da citação seguinte:

Andreas Klotsch mußte den Roman Das Memorial mit einem einzigen Wörterbuch übersetzen, dem Langenscheidt Taschenwörterbuch. Er kannte vier Standorte für verschiedene deutsch-portugiesische Wörterbücher: zwei gab es in Ostberlin, ein Exemplar in Rostock, ein Wörterbuch in Leipzig. Er sammelte die Zweifelsfragen und schlug vor Ort nach¹⁵.

Não obstante tais dificuldades, o resultado obtido fez da tradução, *Das Memorial*, um dos «[Höhepunkte] portugiesischer Erzählkunst im 20. Jh.»¹⁶. Contribui para este êxito também o estilo do autor:

Der Sprachstil spottet in seinen wuchernden Schlingen und falschen Zitaten ebenso jeder Ordnung wie das Erzählen, das nicht zwischen Wahrheit und Lüge, Vergangenheit und Gegenwart unterscheidet, sondern alles vermischt, wobei immer wieder das Prinzip der Unvollkommenheit, des Formlosen oder Verstümmelten (der einhändige Baltasar) als dasjenige betont wird, das der eigentlichen Wahrheit am nächsten komme¹⁷.

Com efeito, o estilo muito próprio, e muito particular, do romance *Memorial do Convento* deve ter constituído um desafio enorme para Klotsch, nas condições de trabalho em que o traduziu. Mais um elemento a dificultar essa tarefa terá sido, seguramente, o uso criativo dos marcadores no texto de partida.

MD EM MEMORIAL DO CONVENTO E RESPETIVAS TRADUÇÕES (NAS DUAS DIREÇÕES) — ANÁLISE DOS DADOS

Considerações de ordem metodológica

Numa primeira fase, e numa abordagem claramente semasiológica, foi delimitado o conjunto de marcadores que já tinha sido objeto de estudos prévios, realizados pelas autoras, em outros géneros textuais. O levantamento dessas expressões, no romance,

¹⁵ MERTIN, 1991: 73.

¹⁶ GROSSEGESSE, 2015: 183.

¹⁷ GROSSEGESSE, 2015: 184.

devolveu os seguintes resultados: afinal (51); aliás (10); antes (91); desde logo (1); digamos (2); enfim (102); isto é (1); na verdade (1); ou seja (0); por outras palavras (1).

Numa segunda fase, cada uma destas expressões foi sujeita a uma análise individualizada, no sentido de identificar aquelas que, no texto de Saramago, verdadeiramente funcionam como marcadores discursivos, considerando que algumas destas expressões se encontram em fase de gramaticalização¹⁸ e podem, portanto, desempenhar ainda uma função sintática específica. O teste da paráfrase, com outro marcador, permitiu aferir os usos que são marginais à predicação oracional e que, portanto, permitem identificar MD e, simetricamente, aqueles que (ainda) não desempenham esta função.

Concluída esta triagem, verificou-se que a ocorrência do marcador *enfim* foi a mais significativa e foi este o MD alvo da nossa pesquisa, no romance.

Estudos sobre *enfim*

Este item lexical tem, na atual sincronia do português, e de acordo com o estudo de Lopes¹⁹, diferentes valores, apresentando «uma rede de significados interligados por parencas de família, com zonas de sobreposição numa cadeia de afinidades conceptuais»²⁰. Nessa rede, sobressaem os contextos em que *enfim* fecha uma sequência ou listagem de termos — exemplo (1) *infra*. Nestes casos, é substituível por «por fim» e este uso ainda retém grande parte do valor temporal original — lembremos a etimologia da expressão, que deriva da locução latine *in fine*²¹. Numa extensão mais recente deste valor, e embora o MD continue a encerrar uma sequência de segmentos discursivos prévios, adquiriu já o valor de introdutor de síntese de tudo o que foi dito, contextos em que o valor temporal parece estar bastante mais delido, e em que só o MD «em suma» pode ocorrer como substituto — exemplo (2) *infra*. Sobressaem ainda os contextos em que o MD parece ter reorientado esse ingrediente temporal para passar a sinalizar uma expectativa (que, por fim, e após algum tempo, se cumpre), bem como uma avaliação subjetiva do conteúdo proposicional, numa deriva claramente modal, contextos em que a paráfrase só funciona com «finalmente» — exemplo (3) *infra*. Um outro valor é o de marcador de fim de hesitação, numa extensão claramente metadiscursiva, em que o falante sinaliza a sua procura da expressão mais adequada, e em que apenas os marcadores conversacionais «bom»

¹⁸ Processo pelo qual uma expressão deixa de funcionar com o seu significado pleno, integrada na sintaxe oracional, para se tornar cada vez mais convencionalizada, isto é, despojada desse significado, passando a exercer apenas funções gramaticais, à margem da oração. Este é o processo pelo qual passa(ra)m muitas expressões que, entretanto, se estão a tornar ou já se tornaram marcadores discursivos. Veja-se, por exemplo, TRAUGOTT, HEINE, 1991; KOOPS, LOHMANN, 2015.

¹⁹ LOPES, 2008.

²⁰ LOPES, 2008: 71.

²¹ LOPES, 2008: 63 *passim*.

ou «bem» o podem substituir — exemplo (4) *infra*. Vejamos então os exemplos apresentados por Lopes:

(1)

cada um dos negociadores rebeldes disse depois, na respectiva língua indígena [...] ser «tanto um cidadão de Chiapas como do México», cabendo, enfim, a Marcos afirmar, em nome do Comandante-Geral do comité Clandestino Revolucionário Indígena, que nenhum rebelde está arrependido de ter pegado em armas no primeiro dia do ano.

(2)

Imagine-se a mesa do pequeno-almoço, acabada a refeição, cheia de migalhas de pão, pingos de sumo de laranja, o pacote de cereais, enfim, a trapalhada do costume.

(3)

LX-90, um dos grupos por mais badalados que surgiu no ano passado [...], estreou-se enfim em concerto ao vivo.

(4)

O actor que faz de Jim deixa um pouco a desejar e J. Malkovitch... enfim: digamos que há os que o idolatram e os que o abominam.

Nesta rede de significados interligados, Lopes antevê um significado básico a partir do qual partem sucessivas ramificações. Por um lado, a partir da sua função básica (e etimológica) de marcador de fim de listagem temporalmente ordenada de situações, *enfim* passa a assinalar a planificação do discurso, introduzindo uma súmula conclusiva. Deste valor pode decorrer o uso de *enfim* como marcador de fim de hesitação, uma vez que, com esta função, se sinaliza a ocorrência de um discurso não verbalizado e que é substituído por uma formulação distinta, mais mitigada.

Por outro lado, e numa outra extensão, é plausível que se tenha passado de marcador de fim de listagem temporalmente ordenada de situações a um marcador que comenta, de forma avaliativa, uma determinada situação como sendo tardia face a uma expectativa. Nesta linha de desenvolvimento dos sentidos do marcador, e segundo Lopes²², é notório o processo de progressiva subjetivação a que o seu sentido tem sido sujeito, envolvendo cada vez mais a voz e a opinião do locutor.

²² LOPES, 2008.

Equivalentes alemães do marcador *enfim*

Considerados os valores do marcador, impõe-se agora averiguar quais os equivalentes lexicais alemães que correspondem a estas diferentes funções. Nos dicionários consultados, surgem como equivalentes de *enfim* as seguintes expressões: *endlich*, *schließlich* e *na ja*²³. Uma primeira e importante observação diz respeito ao facto de nenhuma destas expressões poder assinalar a introdução de uma síntese conclusiva, o que inviabiliza o seu uso para traduzir o valor previsto no exemplo (2). Por outro lado, *endlich* e *schließlich*, dois advérbios com valor temporal, podem traduzir o valor presente nos exemplos (1) e (3), mas muito dificilmente o valor encontrado em (4), para o qual só *na ja* parece ser o adequado. É ainda importante referir que a expressão alemã *endlich* assinala, sobretudo, o fim de um período de espera, hesitação ou dúvida sentido como demasiado longo, adquirindo assim um forte valor modal e podendo traduzir o valor presente no exemplo (3). Por sua vez, *schließlich* pode também marcar o final de um período, mas sem a componente de espera subjetiva que caracteriza a expressão anterior. Além disso, a expressão alemã *schließlich* pode ter um valor próximo de «afinal» quando este sinaliza a introdução de uma justificação (podendo este valor ser também parafraseado por «é que»), função que muito dificilmente será desempenhada por *enfim*. Com estes dados, é possível compreender a inexistência de correspondências exatas entre as expressões nas duas línguas e, tal como alguns autores já salientaram, a dificuldade em traduzir marcadores discursivos: «translating DMs appears to be particularly difficult, much more so than in the case of other parts of speech, since words used in a DM function are “indeterminate” *per se*, and one can determine DMs only with regard to the specific usage in context»²⁴.

Enfim no romance *Memorial do Convento*

Ao analisarmos a presença de *enfim* no texto saramaguiano, sobressai um primeiro aspeto: a abundância dos usos marcadamente temporais de *enfim*. Falamos dos casos em que há um evidente nexos temporal entre as situações descritas. Vejamos dois exemplos:

(5)

*e nos braços do duque, quem vai, vai a princesa, enfaixada de linhos, franzida de laços, escorrida de fitas, e atrás do pátio a nomeada aia, que é a condessa de Santa Cruz velha, e todas as damas do paço, as formosas e as não tanto, e **enfim***

²³ Os dicionários consultados foram os seguintes: LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH Deutsch-Portugiesisch/Portugiesisch-Deutsch; LEOs Wörterbuch Portugiesisch ↔ Deutsch; PONS Online-Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch.

²⁴ BAZZANELLA *et al.*, 2007: 11.

meia dúzia de marqueses e o duque filho, que trazem as insígnias da toalha, do saleiro, do óleo, e o resto, que para todos havia. (p. 44)²⁵

(6)

*El-rei [...] honrará a mesa do inquisidor-mor, soberbíssima de tigelas de caldo de galinha, de perdigões, de peitos de vitela, de pastelões, de pastéis de carneiro com açúcar e canela, de cozido à castelhana com tudo quanto lhe compete, e açafroado, de manjar-branco, e **enfim** doces fritos e frutas do tempo. (p. 29)*

Sendo comutável por «finalmente», mas, sobretudo, por «por fim», o marcador *enfim* sinaliza aqui uma conexão entre situações que se ordenam temporalmente e prefacia o último segmento dessa sequência de situações, correspondendo ao valor presente no exemplo (1), proposto por Lopes. Neste sentido, e tal como afirma a autora, «o seu significado é relevante no plano verocondicional», ou seja, no domínio semântico, uma vez que a sua presença atua no domínio informacional do texto, no que se configuraria, assim, como um uso mais concetual do que pragmático do item *enfim*.

Constituindo um uso muito pouco produtivo em português europeu contemporâneo²⁶, a utilização de *enfim* com este valor, pelo autor, parece configurar um uso relativamente anacrónico do marcador. Por outro lado, a ocorrência deste valor parece estar quase sempre ligada ao domínio diegético, domínio em que os eventos relatados pelo narrador se sucedem, na trama, ou em que os personagens dialogam entre si, e não tanto ao domínio metadieético, aquele em que se torna bem visível a voz e a presença do autor-narrador. Quando *enfim* ocorre com este valor, é habitualmente traduzido, através da expressão *endlich*, também esta com valor temporal.

Há, todavia, casos em que *enfim* acumula, além deste valor temporal, o valor de sinalizador de expectativa, envolvendo, portanto, a voz do autor-narrador e a sua avaliação do conteúdo proposicional. Vejamos os exemplos:

(7)

*Dá-me o pão, e eu digo-te tudo, Juras, Para que serviriam juras se não bastassem o sim e o não. Aí tens, come, e Baltasar tirou o taleigo de dentro do alforge que lhe servia de travesseira. Cobrindo o rosto com o antebraço, Blimunda comeu **enfim** o pão. (p. 46)*

²⁵ Os números entre parênteses correspondem às páginas das edições referidas na bibliografia.

²⁶ LOPES, 2008: 64.

(8)

*Uma vez por outra, Blimunda levanta-se mais cedo, antes de comer o pão de todas as manhãs, e, deslizando ao longo da parede para evitar pôr os olhos em Baltasar afasta o pano e vai inspeccionar a obra feita, descobrir a fraqueza escondida do entrançado, a bolha de ar no interior do ferro, e, acabada a vistoria, fica **enfim** a mastigar o alimento, pouco a pouco se tornando tão cega como a outra gente que só pode ver o que à vista está. (p. 56)*

Estes *clusters* de sentido são mais difíceis de traduzir e a omissão constitui, por vezes, uma escolha do tradutor, como acontece com o exemplo (7). Noutros casos, e não encontrando, na língua de chegada, uma solução com o mesmo espectro de funcionalidades e a mesma amplitude de sentidos, o tradutor opta por um marcador que claramente orienta o leitor para uma interpretação temporal; veja-se o exemplo (8), em que o equivalente escolhido foi *dann*.

Da análise dos dados, emerge um outro valor do MD *enfim*. Claramente associadas à articulação entre planos diegéticos, as ocorrências em causa evidenciam que a voz do autor-narrador se faz ouvir, em frequentes divagações, comentando a história e os acontecimentos. Com este valor, o marcador *enfim* funciona como fecho de digressão, sinalizando a retoma do fio da história, como fica óbvio nos exemplos seguintes:

(9)

*Hesitou João Elvas, no dia seguinte, se acompanharia o rei ou a rainha, mas acabou por escolher D. João V, e bem fez, porque a pobre D. Maria Ana, saindo um dia depois, veio a apanhar uma chuva de neve que parecia estar nas suas terras de Áustria, quando não fazia mais que dirigir-se a Vila Viçosa, lugar de assinalados calores em outra estação, como todos estes espaços que vimos atravessando. **Enfim**, pela manhãzinha do dia dezasseis, oito dias depois de ter partido el-rei de Lisboa, saiu completo o cortejo para Elvas. (p. 215)*

(10)

*Esta chuva de hoje não tem sido tão forte que mandassem os olheiros recolher toda a gente, sequer os dos carros de mão, menos afortunados que as formigas, que essas, estando o céu de aguagem, levantam a cabeça a farejar os astros, e recolhem aos buracos, não são nenhuns homens para terem de trabalhar à chuva. **Enfim**, vem do lado do mar, caminhando sobre os campos, uma escura cortina de água, largam os homens, mesmo sem ordem, os carros de mão, e debandam para os telheiros ou chegam-se à revessa das paredes, se vale a pena, mais molhados do que estavam não podem ficar. (p. 145)*

Não é infrequente que estes comentários contenham um ingrediente irónico e/ou humorístico, quase sempre dirigido ao leitor. Veja-se o exemplo subsequente:

(11)

*correra a nova de que vinha uma armada francesa a conquistar-nos, hipótese em que qualquer fidalgo, ou plebeu qualquer, seria aqui outro Duarte Pacheco Pereira, e Lisboa uma nova praça de Diu, e afinal a armada invasora transformou-se em uma frota de bacalhau, que boa falta estava fazendo, como não tardou a ver-se pelo apetite. De riso murcho souberam os ministros a notícia, de riso amarelo largaram os soldados as armas e os cavalos, mas foram altas e estrepitosas as gargalhadas do vulgo, assim desferrado de não poucas vexações. **Enfim**, pior que a vergonha de esperar o francês e ver chegar o bacalhau, seria contar com o bacalhau e entrar o francês. (p. 35)*

Olhando agora para as traduções de *enfim* nestes contextos — cf. exemplos (9') e (10') —, verifica-se que, nos dois primeiros exemplos citados, não é possível identificar, na versão alemã, a função de charneira que assinala a transição entre os dois planos da história:

(9')

***Endlich**, am späten Vormittag des Sechzehnten, acht Tage nachdem der König Lissabon verlassen, fuhr der vollständige Zug Elvas entgegen. (p. 393)*

(10')

***Nun aber** kommt vom Meer, über die Felder her eine finstere Regenwand. (p. 268)*

Nos dois casos, a opção do tradutor recaiu sobre elementos que claramente não consideram este efeito, ficando-se pelo valor temporal. Em (9'), ainda é admissível a interpretação de *endlich* a marcar o fim de uma expectativa, mas (10') aponta para uma leitura temporal e contrastiva que dificilmente ecoa o texto de partida.

Por outro lado, a tradução proposta em (11') parece fazer jus à versatilidade de *enfim* no contexto em causa; na verdade, *nun* (*pois bem; ora*) permite fechar o comentário jocoso do autor-narrador e sinalizar a mudança de plano:

(11')

***Nun**, schlimmer als die Schande, des Franzosen gewärtig zu sein und Klippfisch daherkommen zu sehen, wäre es gewesen, man hätte auf Klippfisch gewartet und es wäre der Franzose gekommen. (p. 65)*

À transição entre os planos diegético e metadiegético associam-se ainda as diversas e às vezes inidentificáveis vozes que se entrelaçam no texto, com o marcador *enfim* a poder funcionar em ambos, sem que seja possível destrinçar sobre qual deles incide em maior grau. Esta ambivalência constitui mais um uso particular de *enfim* nesta obra. Veja-se o exemplo seguinte:

(12)

*Ao outro dia, aí pelas onze horas dele, bateu à portaria do convento um estudante, cujo convém dizer logo que desde há tempos andava pretendendo o hábito da casa, frequentando com grande assiduidade os frades dela, e esta informação se dá, primeiro, por ser verdadeira e sempre servir a verdade para alguma coisa, e, segundo, para auxiliar quem se dedique a decifrar actos cruzados, ou palavras cruzadas quando as houver, **enfim**, bateu o estudante à portaria e disse que queria calar ao prelado.* (p. 11)

É notória, neste caso, a multifuncionalidade e a ambiguidade do marcador, que pode ter uma interpretação próxima do valor de «finalmente», numa clara sinalização de que uma expectativa se há de cumprir quando forem inventadas as palavras cruzadas — observação inequivocamente oriunda da voz do autor-narrador, que aqui dialoga com o leitor-narratário, num aparte — e uma leitura distinta, como marcador que fecha, à esquerda, um segmento discursivo, ao mesmo tempo que abre, prospetivamente, um tópico novo ou retoma um que, entretanto, havia sido descontinuado (o comportamento do estudante), atuando, desta forma, no plano da diegese. A tradução do exemplo revela, numa primeira leitura, consciência da ambivalência do marcador português, uma vez que o tradutor tenta desdobrar as funções que julga identificar no *enfim* do texto original, ao escolher os advérbios *gegebenenfalls* (*se for o caso*) e *jedenfalls* (*em todo o caso*):

(12')

*dieser Sache geschieht Erwähnung [...] jenen zur Hilfe, die sich der Enträtselung von Kreuzeshandlungen, oder **gegebenenfalls** von Kreuzworträtseln, widmen, **jedenfalls** klopfte der Student an die Klosterpforte und beehrte den Prälaten zu sprechen.* (p. 21)

Conquanto a expressão *jedenfalls* assinale o regresso do plano da história, uma das interpretações possíveis de *enfim*, a voz digressiva e premonitória do autor-narrador que dialoga com os leitores atuais perspetivando o surgimento das palavras cruzadas não se faz ouvir na tradução. Nestes casos, relativamente frequentes no romance, configura-se um uso particular — e propositadamente ambíguo — da partícula *enfim*.

Perante as duas interpretações possíveis, o tradutor optou por dar prevalência ao plano diegético, escolhendo a expressão *jedenfalls* (em todo o caso). O desafio interpretativo gerado pela coexistência dos dois valores no texto original, e, conseqüentemente, a articulação entre os dois planos parece, pois, ser dificilmente transponível para a tradução.

Ja em Das Memorial

A escolha do elemento de comparação da língua alemã recaiu sobre o marcador *ja*, por ter um número significativo de ocorrências no texto traduzido (93), e por ser, também ele, um elemento polifuncional. *Ja* pode ser classificado como partícula modal, partícula responsiva, sinal de *backchanneling* (sinal de retroação), sinal de hesitação e planificação discursivas, sinal de confirmação e pode ainda surgir em combinações variadas tais como *ah ja*, *ach ja*, *oh ja*. Não raro, as funções de *ja* encontram-se, aliás, amalgamadas, sendo difícil, nalguns casos, identificá-las e isolá-las com precisão.

Face a estas condicionantes, podemos dizer que este MD alemão dificilmente terá equivalentes diretos em português, com o mesmo leque de valores, o que torna interessante analisar que tipo de enunciados deu origem à sua escolha, na tradução.

Observemos um primeiro caso:

(13)

com o rodar dos tempos veremos quem vai ganhar esta Guerra. (p. 201)

(13')

mit den hingehenden Zeiten wird sich ja zeigen, wer diesen Krieg gewinnt. (p. 368)

Não há em (13) nenhuma estrutura que sugira a necessidade de introduzir, na tradução, um MD que dê instruções específicas relativamente à interpretação do enunciado. No entanto, a remoção de *ja* da versão traduzida teria alguns efeitos. Por um lado, no plano retórico, *ja* parece reforçar o valor epistémico do enunciado, produzido por um narrador «conhecedor»; por outro, a sua presença é relevante na recriação do estilo oralizante do autor português, conferindo um maior grau de idiomatidade ao texto alemão. Neste sentido, a introdução da partícula no texto traduzido pode estar, como afirma Rühlemann²⁷, ao serviço das necessidades do ouvinte e atua sobretudo no domínio interpessoal.

Olhando agora para um dos aspetos apurados a propósito de *enfim* — o de assinalar um «diálogo» autor-narrador e leitor-narratário, é também possível detetar um mecanismo análogo com o recurso a *ja*: a partícula ocorre igualmente, com alguma frequência, nos contextos de digressão em que o autor-narrador se serve de um discurso mais intimista para criar uma maior proximidade com o leitor-narratário.

²⁷ RÜHLEMANN, 2007.

(14)

É D. Maria Ana quem puxa o cordão da sineta, entram de um lado os camaristas do rei, do outro as damas, pairam cheiros diversos na atmosfera pesada, um deles que facilmente identificam, que sem o que a isto cheira não são possíveis milagres como o que desta vez se espera, porque a outra, e tão falada, incorpórea fecundação, foi uma vez sem exemplo, só para que se ficasse a saber que Deus, quando quer, não precisa de homens, embora não possa dispensar-se de mulheres. (p. 7)

(14')

Dona Maria Ana ist es, die am Klingelband zieht, auf der einen Seite treten die Kammerherren des Königs herein, auf der anderen die Damen, in der stickigen Luft wallen Gerüche, deren einer leicht auszumachen, denn ohne ihn wären Wunder wie das hiesigenfalls erwartete nicht möglich, jene andere und vielgelobte unkörperliche Schwängerung war ja einzig und ohne Wiederkehr, damit man erführe, dass Gott, wenn er nur will, der Männer nicht bedarf, wiewohl er das Weib nicht entbehren kann (p. 12 s.)

Embora *ja* não sirva para encerrar o segmento digressivo, ele tem aqui o mesmo efeito de *enfim*, no contexto mencionado, ao permitir identificar esse segmento. O exemplo (14) não exhibe nenhuma marca explícita de transição entre planos, exigindo maior esforço de processamento de informação por parte do leitor; já em (14'), o tradutor auxilia o leitor, deixando uma marca explícita dessa transição, porventura para compensar contextos em que a situação se inverte.

Para concluir, o facto de o MD alemão *ja* ocorrer sem que haja um ponto de partida para tal, no português, pode dever-se a diferentes razões: i. o tradutor procura compensar situações em que tem de sujeitar o texto a modificações, por exemplo, através de explicitação, normalização, neutralização, por não ser possível recriar a amplitude de sentidos do português; ii. o MD imprime maior idiomatidade; iii. é a partícula conversacional mais frequente, contribuindo, assim, para realçar o carácter oralizante do texto. Na verdade, talvez seja possível aplicar aqui a expressão *pragmatic enrichment*, proposta por Sequeiros²⁸, para dar conta do processo de desenvolvimento de uma determinada representação concetual do texto de partida.

²⁸ SEQUEIROS, 2002.

CONCLUSÕES

A tradução de um texto literário como *Memorial do Convento* coloca desafios a qualquer tradutor. Desde a trama histórica e religiosa até à vertente estilística, a obra apresenta complexidades de vária ordem, das quais se destacam, na perspetiva da tradução, o estilo oralizante e a transição de planos narrativos com o cruzamento de várias vozes.

O olhar cruzado lançado sobre alguns MD do original e da tradução revelou um certo equilíbrio entre as especificidades estilísticas do autor e a recriação dessas especificidades em alemão. Se, por um lado, alguns marcadores do texto português foram omitidos, por outro, a versão alemã ficou enriquecida com a inserção de outros. Assim, no cômputo geral, a riqueza semântica do texto saramaguiano não terá ficado comprometida com a opção por MD equivalentes, pela omissão ou por estratégias sintático-lexicais. Sob este ponto de vista, poder-se-á até afirmar que a versão alemã revela um uso criativo dos marcadores e que o tradutor conseguiu recriar os nexos semânticos necessários para permitir ao leitor alemão usufruir de uma narrativa vívida e pujante.

BIBLIOGRAFIA

Corpus

SARAMAGO, José (1982). *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.

SARAMAGO, José (1986). *Das Memorial*. Tradução de Andreas Klotsch. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.

Dicionários

LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH Deutsch-Portugiesisch/Portugiesisch-Deutsch. Berlin: Langenscheidt.

LEOs Wörterbuch Portugiesisch ↔ Deutsch. Disponível em <<https://dict.leo.org/portugiesisch-deutsch/>>.

PONS Online-Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch. Disponível em <<https://de.pons.com/%C3%BCbersetzung/deutsch-portugiesisch>>.

DUDEN ONLINEWÖRTERBUCH. Disponível em <<https://www.duden.de/>>.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>.

Bibliografia crítica

ARNAUT, Ana Paula (1996). *Memorial do Convento. História, Ficção e Ideologia*. Coimbra: Fora do Texto.

ARNAUT, Ana Paula (2006). *José Saramago: singularidades de uma morte plural*. «Revista de Letras». II série, 5, 107-120.

ARNAUT, Ana Paula (2011). *Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances fábula (As Intermitências da Morte, A Viagem do Elefante, Caim)*. «IPOTESI». 15:1, 25-37.

BAKER, Mona (1996). *Corpus-Based Translation Studies: The Challenges That Lie Ahead*. In SOMERS, Harold, ed. *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering in Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, pp. 175-186.

- BAZZANELLA, Carla et al. (2007). *Italian allora, French alors: Functions, Convergences and Divergences*. «Catalan Journal of Linguistics». 6, 9-37.
- BECHER, Viktor (2010). *Abandoning the notion of «translation-inherent» explicitation: Against a dogma of translation studies*. «Across Languages and Cultures». 11:1, 1-28. DOI: 10.1556/Acr.11.2010.1.1.
- BLUM-KULKA, Shoshana. (2000 [1986]). *Shifts of Cohesion and Coherence in Translation*. In HOUSE, Juliane; BLUM-KULKA, Shoshana, eds. *Interlingual and Intercultural Communication*. Tübingen: Gunter Narr, pp. 17-35.
- CRIBLE, Ludivine (2019). *Emplois sous-spécifiés des marqueurs discursifs et/and à l'oral: stratégie (inter) subjective et variation en genre*. «Cahiers FoRELLIS-Formes et Représentations en Linguistique, Littérature et dans les arts de l'Image et de la Scène». [Consult. 19 abr. 2023] Disponível em <<https://cahiersforell.edel.univ-poitiers.fr:443/cahiersforell/index.php?id=695>>.
- FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina (2010). *Los marcadores del discurso y la lingüística aplicada*. In LOUREDA LAMAS, Óscar; ACÍN-VILLA, Esperanza, coords. *Los estudios sobre marcadores del discurso en español, hoy*. Madrid: Arco/Libros, pp. 689-746.
- GIL, Alberto (2017). *Cuestiones retórico-traductológicas de los marcadores del discurso (y de su ausencia), ejemplificadas en la traducción española de Atemschaukel (Herta Müller)*. In LOUREIRO, Ana Paula; CARAPINHA, Conceição; PLAG, Cornelia, eds. *Marcadores Discursivo e(m) Tradução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 75-89.
- GROSSEGESSE, Orlando (2015). *José Saramago*. Das Memorial. In WILD, Gerhard. *Kindler Kompakt: Portugiesische Literatur. 20. Jahrhundert*. Stuttgart: Metzler, pp. 183-185.
- JOHNEN, Thomas (2020). *Marcadores discursivos do Português Europeu na tradução literária: As traduções italiana e sueca de dois romances de José Saramago*. In DUARTE, Maria Isabel; PONCE DE LEÓN, Rogelio, *Marcadores discursivos. O português como referência contrastiva*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, pp. 57-74.
- KIND, Anette (2017). *Eça de Queirós auf der «Insel der Seligen»: das Werk des portugiesischen Romanciers im Ostberliner Aufbau-Verlag*. Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- KOOPS, Christian; LOHMANN, Arne (2015). *A quantitative approach to the grammaticalization of discourse markers. Evidence from their sequencing behavior*. «International Journal of Corpus Linguistics». 20:2, 232-259.
- LIST, Sylvia (1991). *Zur Verleihung des Hieronymusrings an Andreas Klotsch*. «Der Übersetzer». 25:11/12, 1.
- LOPES, Ana Cristina Macário (2008). *Enfim*. «Estudos Linguísticos/Linguistic Studies». 2, 61-76.
- MERTIN, Ray-Güde (1991). *Der Kakerlak im Wörterbuch*. In MERTIN, Ray-Güde; Schönberger, Axel, eds. *Zur literarischen Übersetzung aus dem Portugiesischen*. Frankfurt a. M.: TFM/Domus Editoria Europaea, pp. 69-75.
- ROSALES SEQUEIROS, Xosé (2002). *Interlingual pragmatic enrichment in translation*. «Journal of Pragmatics». 34, 1069-1089.
- RÜHLEMANN, Christoph (2007). *Conversation in Context. A Corpus-driven Approach*. London: Continuum.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd, eds. (1991). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 17-35.
- VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean (1977 [1958]). *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris: Didier.

(EFFIZIENT) IN EINEM WORTHAUFEN SCHWIMMEN: IMMERSIVE ÜBERSETZUNG IM BEREICH DER ABFALLWIRTSCHAFT

ADELAIDE CHICHORRO FERREIRA*

Resumo: *Serão aqui apresentadas e discutidas várias brochuras da década de 1990 sobre o tema da gestão de resíduos. O artigo incide tanto nas dificuldades quanto nas soluções inovadoras a que se chegou com alunos de licenciatura na tradução de algumas palavras alemãs: tal como a autora deste artigo, todos os envolvidos eram leigos na área ambiental. Tentar-se-á uma tipologia das principais questões terminológicas e interculturais, bem como um apelo a mais educação ambiental em Portugal, nomeadamente (mas não só) no que diz respeito à compostagem de resíduos orgânicos e ao seu uso na jardinagem/horticultura (urbana).*

Palavras-chave: *Lixo; Gestão de resíduos; Problemas de tradução; Ecolinguística.*

Abstract: *Various brochures on waste management from the nineties will be presented and discussed. The article focuses on the difficulties faced by graduation students in translating some German words, but also on the innovative solutions that could be found (together with the author, all participants were laypersons in environmental issues). A typology of the most important terminological and intercultural problems will be attempted, as well as a plea for more environmental education in Portugal, especially (but not only) regarding the composting of organic waste and its use in (urban) gardening.*

Keywords: *Waste; Waste management; Translation problems; Ecolinguistics.*

ÜBERSETZUNG IN DER GRADUATION

Die Zuhörer am 10. Deutsch-Portugiesischen Gespräch wurden mit einer Zusammenfassung dieses Artikels konfrontiert, die wie das Meer aussah. Man konnte einen Haufen Wörter sehen, als handelte es sich dabei um eine Welle, in der eine kleine Figur zu schwimmen versuchte. Möglicherweise ein Mensch, der einen Text auf Deutsch las (oder sogar ich selbst, fast versunken in einem Texthaufen). Konkreter heißt das: Diese Arbeit beschäftigt sich mit pädagogischer Übersetzung in einem Übersetzungskurs für Studierende im zweiten und dritten Lernjahr Deutsch an der Universität Coimbra. Sicher: ein angenehmes Klima führt dazu, dass die Lerner fleißig und ohne Angst arbeiten, aber eine gewisse Hilflosigkeit besteht anfangs immer, wenn beim Lesen nicht viel verstanden wird: es gehört Spannung zu einem spannenden und entspannten Lernen. Viele Texte eignen sich, Sprachen durch Übersetzungsübungen zu lernen (das Hauptziel des genannten Kurses), also sind kurze, literarische Texte willkommen. Gute Texte sind aber nicht genug: In diesem

* Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Email: adelaide@fl.uc.pt. ORCID: 0009-0004-6424-4036.

Kurs gab es nicht den Zwang, von einem Thema/Text zum nächsten ständig zu hüpfen, sondern die Pflicht, ein einziges Thema innerhalb eines Semesters auszuschöpfen. Also haben wir in den Wintersemestern von 2021-2022 und 2022-2023 nur das Thema Müll gehabt. Dazu gehörte sogar ein Gedicht von Hanz Magnus Enzensberger¹. Zugegeben: Texte über die Umweltproblematik können ganz schön schwer sein, weil oft natur- und rechtswissenschaftliche Vorkenntnisse nötig sind, sie sind aber für erwachsene Studierende der Geisteswissenschaften als Vorwand für Gespräche, die eine motivierende Funktion haben, sogar unentbehrlich. Durch die Auswahl thematisch verbundener Texte mit unterschiedlichem Schwierigkeitsgrad konnte immer wieder schwächeren Teilnehmern eine neue Chance gegeben werden: sie erreichten somit eine Art Aha-Gefühl, was im Gespräch mit schnelleren, «technikbesessenen» Gruppenmitgliedern (wir arbeiten auch mit Online-Wörterbüchern und maschineller Übersetzung) sehr nötig ist.

Diese immersive, von der *Citizen Science*² (im Sinne des Ökolinquisten und Wissenschaftstheoretikers Peter Finke) inspirierten Methode resultiert aus dem noch fehlenden Kontakt der portugiesischen Germanistikstudenten mit Umweltthemen und beinhaltet den Versuch, die Sprachanalyse mit ökologischen Fragen zu verbinden. Die Ökolinquistik wurde lange von der Mainstream-Linguistik nicht berücksichtigt, aber es gibt inzwischen ein großes Interesse für diese Fragen. Im Bereich der Übersetzung, insbesondere in den diesbezüglichen Narr-Studienbüchern³, gab es lange keine nennenswerte Beschäftigung mit Umweltfragen (die Rechtssprache überwiegte), obwohl in derselben Sammlung auch ein Band zur Ökolinquistik auf Deutsch schon erschienen war⁴. So sehr ich auch in den ökolinquistischen Publikationen (der Online-Zeitschrift *Language & Ecology* und der «Revista Brasileira de Ecolinguística» (*ecorebel*), ebenfalls online) recherchiert habe, ich habe nur einen sehr theoretischen Artikel über Übersetzung⁵ gefunden, sowie einen weiteren⁶, in dem die Notwendigkeit der Übersetzung in afrikanische Sprachen verteidigt wurde. Deutschsprachige Pioniere der Ökolinquistik wie Peter Finke und Alwin Fill haben die Vorherrschaft des Englischen kritisiert und für mehr kontrastive Arbeiten plädiert. So wurde neulich eine Studie zum Vergleich des Französischen mit dem Wolof in Senegal geschrieben⁷, wobei

¹ ENZENSBERGER, 2004: 50-51: «Ein Vorwurf // Wahnwitziger Verschwender, / Was hast du mit den Blättern gemacht? / Mit den fiedernervigen, bunten Blättern, / keines dem anderen gleich, also Blatt / für Blatt unwiederbringlich, / angefault auf dem Weg und im Regen / zertreten? // Was hast du dir dabei gedacht? / Überall dieser kostbare Müll: / sinnreiche Zirkelschnecken, / Gehirne, / elliptische Galaxien — / ganz zu schweigen / von meinen einmalig wertvollen / Spermatozoen: / Alles nur Zeitvertreib, / Ramsch? // Vielleicht hört er es ja, / der Verschwender. // Es hört sich manches, / vielleicht, / wie ein fernes Rascheln an, / ein Rascheln im Laub.»

² FINKE, 2014.

³ ALBRECHT, 2005; STOLZE, 1999, 2005.

⁴ FILL, 1993.

⁵ LYNES, 2012.

⁶ TARNÓ, 2021.

⁷ ROHMER, 2023.

sie sich an dem Kriterium orientierte, im Korpus nach «Narrativen» mit positivem oder negativem Umweltinhalt zu suchen, wie es inzwischen in ökolinguistischen Arbeiten normal geworden ist. Es geht hier ebenfalls darum, auf positive und negative interkulturelle Aspekte hinzuweisen, die ökologisch für das Sprachenpaar Deutsch-Portugiesisch relevant sind.

EIN NEBENEFFEKT: UMWELTERZIEHUNG DURCH ÜBERSETZUNG

In den ersten Jahren des Sprachunterrichts müsste der Dozent bzw. die Dozentin mit einem Minimum an Wortschatz und Grammatik in der Fremdsprache der Studierenden zurechtkommen, aber wenn sowas in allen Fächern des Studiums geschehen sollte, wenn dabei alle Mode-Themen erlaubt wären (was zu Zerstreuung führen könnte) und wenn keine interessanten Texte ab und zu mal auftauchen würden, dann könnte es sehr langweilig werden. Zum Glück haben Menschen, die spezifisch für den Bereich Umwelterziehung ausgebildet wurden, Texte geschrieben, mit denen wir im Unterricht gearbeitet haben (nämlich die Broschüren zur Abfallwirtschaft, die im Kapitel 4 besprochen werden). Alle brauchen Herausforderungen: dadurch, dass wir beim Thema blieben, hat sich nicht nur die Wortschatz- sondern auch die Umweltkenntnis der Beteiligten allmählich erhöht, und damit die Fähigkeit, komplexe Inhalte in vielen Details mündlich (auf Portugiesisch) zu diskutieren.

Aber warum ausgerechnet das unappetitliche, ja deprimierende Thema Müll, das immerhin humorvoll als wesentlicher Teil der deutschen Kultur beschrieben wird?⁸ Eben deshalb, weil ich durch meine eigene Komposttätigkeit die erfreuliche Beobachtung gemacht habe, dass Korkeichen dank Biomüll viel wachsen. Im Garten (im Zentrum Portugals haben viele ebenfalls einen Garten) tue ich das Minimum, aber ich schaffe es, ziemlich autonom hinsichtlich mancher Gemüsesorten zu leben, was auch weniger Plastik und Benzin bedeutet. Diese Erfahrungen haben mich intuitiv zum Thema des Vergleichs zwischen Müllreduzierung durch Verbrennung (eine Quelle für gesundheits- und klimaschädliche Emissionen) oder durch Kompostierung geführt, was mir die Abfallwirtschaftspolitik einer Großstadt wie München näherbrachte. In der Öffentlichkeitsarbeit dieser Kommune wird eindeutig für Kompostierung plädiert, aber ohne die private Erkenntnis, dass sich der Müll durch diese Art der Behandlung deutlich reduziert, wäre mir eine so lange Beschäftigung mit diesem Thema unmöglich gewesen.

In den Städten, wo Plastik einen großen Teil unseres Müllaufkommens ausmacht⁹, und deshalb mit Sicherheit das größte Problem ist, hat das Leben leider fast nichts

⁸ KLOEPPPEL, 2008: 97-105; SCHNEIDER, 2008: 122-123.

⁹ SOBRAL, 2023.

mehr mit Landwirtschaft zu tun. Es sei denn, man versucht sich mit *Urban Gardening*¹⁰, was ebenfalls Lernen voraussetzt und viel in deutschsprachigen Ländern praktiziert wird, nicht nur wegen der Integration von Migranten, sondern weil dadurch einen wichtigen Beitrag für die Gesundheit der Bevölkerung geleistet wird. Das Amt für Abfallwirtschaft der Stadt München setzt aber nicht nur theoretisch, sondern auch wirtschaftlich, auf Kompostierung: die aus Bio-«Müll» produzierten «Münchner Erden» (nämlich Kompost) werden je nach Qualität in verschiedenen Säcken auf Bestellung verkauft und gemütlich nach Hause geliefert, was die Menschen ermuntern soll, sich in ihrer Freizeit mit einem Garten oder Blumenbalkon zu beschäftigen. Interkulturell gesehen ist in der sogenannten «Auslandsgermanistik» die Haltung verständlich, statt Wörter endlich Tatsachen zu schaffen: essbare und sonstige Pflanzen in einer benachbarten Ecke anzubauen könnte meinetwegen als eine Art stille Übersetzung beschrieben werden.

ETYMOLOGIE, WERT UND WIRTSCHAFT

Müll ist noch mit dem Element *Maul* im Tiername *Maulwurf* verwandt¹¹, und es ist klar, warum: mit den Kraulen (nicht mit dem *Maul*, im Sinne von «Mund»!) kratzt und zermalmt das seltsame Tierchen die Steine unter dem Boden und wirft die daraus entstandene Erde hinaus, bis ein Erdhäufchen entsteht. So machen die Menschen auch: mit Baggern bauen sie immer größere Mülldeponien. Das Wort *Müll* ist ebenfalls interessant, was seine Verwandtschaft mit dem *Mahlen* vom Getreide angeht (s. auch *Müll* — *Müller*). Die erden- und staubähnlichen Reste, die vom gemahlten Getreide auf den Boden gingen, und die dann gekehrt werden mussten, sowie das, was übrigblieb, nachdem das Holz gesägt wurde (s. *Sägemehl*), das war der in früheren Zeiten ziemlich harmlose Müll.

Hinter dem portugiesischen Wort *lixo* steckt die Vorstellung von Sandpapier und was vom Vorgang des Schleifens (port. *lixar*) resultiert. All dies war der Müll der alten Tage, der meist gefegt wurde (man denke auch an das Wort *Kehricht*, von *kehren*, in der Bedeutung von *fegen*), aber durch die umgangssprachliche Verwendung von *lixar* hat dieser semantische Bereich im Portugiesischen eine ziemlich negative Konnotation bekommen¹². *Abfall* hat auch mit dem, was zu Boden fällt, noch zu tun, also ist derselbe Ursprung hier deutlich vorhanden. Im Deutschen gehört dieses Wort

¹⁰ MÜLLER, ed., 2011; HÖLZER, 2008.

¹¹ PFEIFER, 1993; GREBE, DODROWSKI, DUDENREDAKTION, 1963; GESELLSCHAFT FÜR DEUTSCHE SPRACHE, 1993: 84: «Lesen wir zur Wortgeschichte einen Auszug aus dem Lexikoneintrag aus dem Grimmschen Wörterbuch: „[...] die mhd. Form *moltwerfe*, *multwerf*, *moltwerf*, *moltwurf* [...] wird als die ursprüngliche des vielfältig verstümmelten wortes angesehen, da sie deutlich den sinn des die erde (ahd) *molta*, (mdh) *molte* aufwerfenden thieres bietet [...]»

Der erste Teil des Wortes findet sich heute noch in den Wörtern *Müll* und *Mullematsch* — in dem letzten haben viele von uns als Kinder herrlich schlammige Stunden verbracht.»

¹² Der umgangssprachliche Ausdruck *vai-te lixar* wurde vom Google Translator durch *fick dich ins Knie* übersetzt.

(sowie port. *resíduos*) zur gehobenen, formelleren Sprache, denn es handelt sich hier um einen Rechtsbegriff.

Für das oben erwähnte Maultier ist das Häufchen lockerer, im Grunde für den Bauer/die Bäuerin ganz nützlicher Erde nichts Anderes als Müll. Es handelt sich um eine Frage der Perspektive, und gerade dieser Perspektivenwechsel könnte den Müllmarkt ebenfalls wunderbar kennzeichnen, gäbe es nicht gute und schlechte Arten von Müll, gute und schlechte Maschinen, um damit umzugehen, sowie diesbezüglich reiche und arme Länder. Für einige ist etwas gar nichts wert, für andere ist dieses Wertlose ein Reichtum, und so wird Müll heute im Gesetz meist als Ware definiert. Ganz im Kern dieses Lexikons ist jedoch die Idee vom Wertvollen, selbst in der Etymologie (das Mahlen von Getreide oder die Holzbearbeitung): Kein Wunder, dass das Wort *Wertstoffhof* Probleme verursachte, denn für meine Lernergruppe war es reflexartig noch nicht eindeutig, dass der Müll Stoffe enthält, die in neuen Produktionskreisläufen eingesetzt werden (könnten).

Als ich für meine Habilitation arbeitete, bin ich auf schriftliche Information zur Abfallwirtschaft gestoßen, Materialien, die den sprachlichen Einfluss bestimmter Namen des deutschen Umweltschutzes belegten — von denen ich den deutschen Toxikologen Otmar Wassermann hervorheben möchte¹³. Im deutschen Buchhandel gab es sogar Kinderliteratur¹⁴ zur Abfallproblematik, in der zum Beispiel ganz offen die Rede von der Müllmafia war. In Portugal sind die niedlichen «Märchen», die den Kindern zum Thema Müll erzählt werden, nicht unbedingt dem Genre Krimi zuzuordnen. Auf den Seiten der für Abfallwirtschaft zuständigen Firmen in Portugal kommt zwar oft Information für Kinder, sie sollte aber eher an Erwachsene gerichtet werden. Interessant ist in diesem Zusammenhang die Benutzung von Maskottchen (zum Beispiel *Têntor*, auf der Webseite von Maiambiente¹⁵), die sich zwischen Emittenten und Rezipienten einfügen, als ob sich die Verantwortlichen nicht so sicher über die Effektivität der vorgeschlagenen Maßnahmen fühlten. Deshalb sind die Broschüren, die im Folgenden analysiert werden, immer noch interkulturell wichtig, wenn auch ein bisschen veraltet.

DIE BROSCHÜREN ZUR ABFALLWIRTSCHAFT: THEMEN UND PROBLEME

Wir haben im Unterricht einige Broschüren des Amtes für Abfallwirtschaft der Stadt München benutzt, deren Gestaltung Helmut Egerer zu verdanken ist und die unter der

¹³ WASSERMANN, ALSEN-HINRICHS, SIMONIS, 1990; WASSERMANN, 1994.

¹⁴ ALPERS, 1993; VEIT *et al.*, 1992.

¹⁵ Das Maskottchen *Têntor*, in Form eines Müllcontainers, kann hier gesehen werden (Stand: Februar 2024): <https://www.maiambiente.pt/?article=EEBE7B12-4066-11E7-8BA4-005056BCDE60>. In Maia, in der Nähe von Porto, gibt es schon einen Abfallkalender und die «recolha porta a porta» wird in bestimmten Wohnvierteln ausprobiert. Es handelt sich auch um die Kommune, wo die Müllverbrennungsanlage ihren Sitz hat.

Leitung des Kommunalreferats der Landeshauptstadt München zwischen 1995-1998 veröffentlicht wurden. Sie waren aber ursprünglich als Papierkram in meinem Büro «aufbewahrt». Ich hatte sie im Münchner Umweltladen, einer Abteilung der dortigen Stadtwerke, gegen Ende der 90er Jahre bzw. zu Beginn des neuen Jahrtausends einfach abgeholt, denn sie waren zum Mitnehmen da. Es war überwältigend, was damals an solchen Orten in mehreren deutschen Städten für Infomaterial zu finden war. Sowas ist für das Thema Müll in unseren *lojas do cidadão* noch nicht vorhanden, soweit mir bewusst ist. Beim Aufräumen meiner Papiere sollten erwartungsgemäß diese Broschüren in die Papiertonne wandern, aber ich entschied mich in der letzten Minute dafür, nicht nur das entsprechende Papier, sondern auch dessen Inhalt zu recyceln. Auf jeden Fall waren sie für den derzeitigen portugiesischen Kontext, denjenigen meiner Studentengruppe, noch sehr nützlich, denn vieles, was in diesen Texten beschrieben wird, ist in Portugal immer noch kaum vorhanden. Diese Tatsache illustriert auch den Unterschied zwischen *Marketing* für Handys und für Müllvermeidung oder Recycling.

Lerner machen mit, wenn sie in einer Art Projektarbeit miteinander kooperieren. Auch haben wir uns über die Thematik der Broschüren immer frei unterhalten. Die Gruppe war nicht groß, so dass es möglich war, eine Broschüre pro Student/in als Aufgabe anzubieten. Sie haben sich gegenseitig geholfen, denn erst aus der gemeinsamen Betrachtung des Ganzen bekam jede(r) eine Ahnung davon, wie das Münchner Abfallwirtschaftssystem in den 90er Jahren organisiert war. Diese Texte sollten als individuelle Aufgabe von jedem Beteiligten zuerst gelesen und dann übersetzt werden, wobei für die Beantwortung von Fragen und andere Arten von Hilfeleistung war ich dabei. Auch haben die Teilnehmer alle Mittel benutzt, die dafür relevant waren (Computer und Online-Wörterbücher bzw. Lexika). Im darauffolgenden Jahr hatten wir nur noch zwei Broschüren übrig, aber diese zweite Studentengruppe hat zusätzlich andere Texte zum selben Thema bearbeitet, weil sie mit der Gruppe des vorherigen Jahres aus organisatorischen Gründen nicht kooperieren konnte.

Und worum ging es bei diesen Materialien? Bei einer Broschüre ging es um die Müllgebühren in der Stadt München: diese haben wir erst im zweiten Jahr behandelt, aber sie ist interkulturell interessant, denn schon zur Zeit ihrer Erscheinung waren die Müllcontainer in München nicht gerade billig. Schon damals war es den Bürgern aber erlaubt, weniger zu zahlen, wenn sie weniger Müll produzierten, und diese Regel gilt noch heute. In Portugal dagegen bekommen wir in den meisten Kommunen die Container «umsonst» (d.h., wir bezahlen sie in der Wasserrechnung), weil sie nicht pro Familie, sondern pro Wohnanlage bzw. Wohnviertel verteilt werden. Erst in den letzten zwei oder drei Jahren haben wir angefangen, das System «pay as you throw» in einigen Kommunen einzuführen¹⁶. *A propos* Containergebühren haben wir uns

¹⁶ BARBOSA, 2023.

auch mit Strafen für Fehlverhalten befasst, Bußgeld im Deutschen genannt, denn im Zusammenhang mit Geld wurde dieses Thema spontan von einigen Teilnehmern vorgeschlagen. Nach einer kleinen Recherche im Netz kam ich zu dem Schluss, dass es zwar hohe Strafen¹⁷ gibt, bei der genannten Broschüre (sowie bei den anderen) wurden sie aber nicht erwähnt. Zur Umwelterziehung gehört eine gründliche Überzeugungsarbeit, und erst wenn sie zu keinen Ergebnissen führt, wird vielleicht die «Keule» herangezogen. Die Tatsache, dass es im Bereich der Abfallwirtschaft ein Bußgeldkatalog gibt, kann zu besseren Ergebnissen führen, aber nach der erwähnten Internet-Recherche kam ich zum Schluss, dass ein solches Katalog auf Portugiesisch nur für den Bereich Autoverkehr wohl zu finden ist. Kosten gibt es immer, egal, was man tut, aber sie werden in den Broschüren nicht unbedingt als Strafen aufgefasst. Die Bewusstmachung über die Kosten der Umweltmaßnahmen und der Müllproduktion gehört zur allgemeinen Umweltbildung, aber erst wenn ein Restmüllcontainer pro Familie, und zwar mit Containerschlüssel, angeboten wird, kann die Müllproduktion zunächst ausgerechnet und dann wirklich reduziert werden.

Eine andere Broschüre hat sich sehr ausführlich dem Thema «Feste feiern ohne Müll» gewidmet, was zu einer interessanten Diskussion über die Studentenfeste in Coimbra (*Queima das Fitas* und *Latada*) führte, wo der Abfallaufkommen jedes Jahr noch ziemlich hoch ist. Hier hat eine Studentin Schwierigkeiten mit der Übersetzung von *Spülmobil* gehabt, eigentlich eine *máquina de lavar loiça móvel*, die von der Stadt für Feste im Freien ausgeliehen wurde, um Einweggeschirr zu vermeiden. Den mutigen Schritt zu einer knapperen Formulierung wie *lavamóvel* (ein Vorschlag von mir) hat die beteiligte Studentin spontan nicht akzeptiert, weil eine starke Erwartung auf eine formellere Formulierung im Portugiesischen besteht¹⁸. Dasselbe galt für kurze Wörter wie *Giftmobil*, ein Wort, das in einer anderen Broschüre auftauchte: einige der hiermit Beteiligten weigerten sich anfänglich, es einfach durch *venenomóvel* zu übersetzen (es handelte sich hierbei um einen Abholwagen für Problemmüll, wobei *Problemmüll* als Euphemismus für *Sondermüll/Giftmüll* aufzufassen ist). Also haben sie die nicht so eindeutige, aber ebenfalls formellere Formulierung *transporte de resíduos perigosos* vorgezogen. Um was für eine Art von *transporte* es ging (etwa in einem kleinen *Lieferwagen* oder *carrinha*), oder die Idee, dass in diesem Falle *perigoso* auch *venenoso* bedeuten könnte, schien für sie nicht sehr relevant zu sein. Oder aber waren sie vorsichtig, denn über «Probleme» spricht man normalerweise nicht¹⁹.

¹⁷ Wie in einer Nachricht im September 2022 zu lesen war, deren link nun zum Bußgeldkatalog 2023 (letzte Aktualisierung 9. Januar 2023) führt, (https://www.bussgeldkatalog.org/umwelt-muell/?fbclid=IwAR1Wi2i0Dx2ihyZ8zut1mR9x-jAc7OyN7JuhezCQXxph6DrNi7Vs0L_jhSM#bay) «konnte das Bußgeld für illegale Müllentsorgung von 20 bis 8000 Euro in Bayern (mehr in Sachsen!) je nach Art und Quantität des Mülls betragen.»

¹⁸ Alternativ: *Ponto móvel para lavagem da loiça*.

¹⁹ Eine gute Lösung wäre, zugleich formell und relativ kurz: *ponto móvel de recolha de tóxicos*.

Auch das werbewirksame Substantiv *Wertstoffmobil* wurde nicht durch *carrinha de recolha de resíduos úteis/recicláveis*, sondern (schon wieder) etwas vage durch *transporte de resíduos* übersetzt, vielleicht wegen der erwähnten Schwierigkeit mit dem Wort *Wertstoff*, das auch nicht durch *matérias-primas* oder *materiais valiosos* übersetzt wurde. Es gab eine andere Broschüre, wo der Begriff *Wertstoffhöfe* erklärt wurde: es handelt sich dabei um Sammelplätze für verschiedene Arten von *Wertstoffen* — die Gruppe hat hierfür erneut *resíduos* gewählt, weil der Ausdruck *materiais valiosos* völlig andere Assoziationen (Gold, Silber usw.) erwecken würde, und eine ähnliche Erklärung galt für *matérias-primas* (dabei sind diese Stoffe gar nicht «*matérias-primas*» im Sinne von «roh»). In einer Region, wo die Industrie nicht sehr verbreitet ist, und wo die Menschen sich hauptsächlich im Supermarkt versorgen, darf man davon ausgehen, dass Müll noch nicht ganz als etwas Wertvolles betrachtet wird. *Wertstoff* kann aber, und wird normalerweise, durch *resíduo valorizável / resíduo com valor* übersetzt, aber ich vermeide es — wenn die «Lösung» Verbrennung ist — das hocheuphemistische Verb *valorizar* im Portugiesischen zu benutzen. *Wertstoffhof* bzw. *Wertstoffmobil* können trotzdem sehr praktisch durch *ponto fixo vs. ponto móvel de recolha de resíduos com valor* übersetzt werden: Da hätten wir das beliebte formelle Register auf Portugiesisch und zugleich eine gewisse Kürze (bei *lixomóvel* wäre sie noch höher). Immerhin hat ein Student für *Häckselgut* (*produto da trituração de resíduos verdes/estilha de jardim*) die Übersetzung *bens de poda* gewählt, und es handelt sich tatsächlich dabei um *bens* bzw. *Güter*, nicht um engl. «*baddies*»...

Bei einer anderen Broschüre ging es um «Problemmüll», und hier war hauptsächlich die Grammatik schuld an der Übersetzung durch *o problema do lixo* statt durch *lixo problemático*. Für den Studenten war aber Müll offensichtlich das Problem, nicht eine bestimmte Art von Müll. Wir mussten eine Unterscheidung bezüglich des Gefährlichkeitsgrades für Ökosysteme und Menschen von verschiedenen Arten von Müll treffen, was uns zu Kenntnissen in Medizin oder Biologie führte. Damit die Gruppe besser verstehen konnte, dass nicht alles, was als *Müll* bezeichnet wird, gleich gefährlich ist, haben wir das Gedicht «ein Vorwurf» (s. Fußnote 1) von Hans Magnus Enzensberger interpretiert. Hier wird emphatisch (aber ironisch) «gegen» eine üppige Natur argumentiert (oder gegen Gott!), eine Natur, die zu verschwenderisch sei — ähnliche Vorwürfe werden aber normalerweise gegen den Menschen gerichtet. Ironisch wird impliziert, das sei ein Problem, aber gerade dieser «Müll», der sich natürlich abbauen lässt («die Blätter», «die Schnecken», «die Spermatozoen», in Enzensbergers Gedicht), ist weniger «problematisch» als derjenige, der naturfremde, synthetische Produkte enthält, die sich als Dauergifte in der Umwelt anreichern können²⁰. Für die

²⁰ Das ist nur *eine* Interpretation, denn «Spermatozoen» könnten auch mit Überbevölkerung assoziiert werden, also mit einem wohl nicht geringeren Problem als das der Dauergifte (auch *Persistent Organic Pollutants* genannt).

Lerner war die Abgrenzung *natürlich* vs. *synthetisch/künstlich* keine sehr relevante Polarität. Im Biolandbau ist diese Unterscheidung jedoch unvermeidlich, und sie ist auch grundlegend für die Ökodesignbestrebungen einiger Sparten der umweltbewussten Industrie²¹. Deshalb meine ich, jede(r) Bürger/Bürgerin sollte zunächst mal Biolandbau lernen, um im Bereich der Abfall- bzw. Kreislaufwirtschaft arbeiten zu dürfen.

In einer der kleinen Broschüren ging es um «kompostieren in der Großstadt». Es gab jedoch auch eine andere, viel länger als diese (47 Seiten), die zwei Jahre zuvor zum selben Thema und mit einem ähnlichen Titel erschienen war²², in der sehr ausführlich den ganzen Prozess der Kompostierung, individuell oder gemeinschaftlich, erklärt wurde, inklusive die Nutzung der entsprechenden Behälter, sowie der Abholmöglichkeiten von grünen Rückständen. Natürlich haben wir die kleine Broschüre gewählt, denn für die andere würden wir mehr als ein Semester brauchen. Weil aber Biomüll nicht gleich Biomüll ist, gab es noch eine zusätzliche Broschüre (also: insgesamt drei für aus der Natur stammenden «Müll»), die sich mit dem «Münchner Häckseldienst» befasste, etwas, was wir pompös durch *serviço de recolha e trituração de restos da poda dos jardins* übersetzen könnten. Ein zweisprachiger Student versuchte hier eine knappere Formulierung: *serviço de trituração de poda* und ein weiterer hat es noch «einfacher» formuliert: *o serviço de corte*. Hier sehen wir, wie wichtig, selbst in einer Großstadt wie München, die Pflege eines Gartens ist, und auch wie unpraktisch die portugiesische Sprache bei so einem Thema noch ist. *Ponto móvel de trituração de resíduos verdes* wäre hier nochmal eine gute Lösung.

Für mich als ehemalige Stoffwindelaktivistin war die Broschüre *wickeln mit Stoffwindeln* sehr wichtig, in der ganz detailliert auf die Möglichkeit der Nutzung von Stoffwindeln hingewiesen wurde, die sogar in Verbindung mit einem sogenannten *Windel-Service* benutzt werden konnten. Hier ging es um einen *serviço de recolha, lavagem, desinfecção e passagem a ferro de fraldas de pano ao domicílio*, eine wohl zu lange Formulierung, denn das Thema war und ist für die meisten Portugiesen noch ziemlich neu. *Serviço de fraldas* oder *fraldomóvel* habe ich immerhin als Übersetzung vorgeschlagen, in der Hoffnung, dass sich sowas bei uns entwickeln würde. Ich bin aber skeptisch darüber, ob sich sowas lohnen würde: es ist in der Tat bequem, zu Hause mit modernen Stoffwindeln und ohne einen solchen Windeldienst zurecht zu kommen.

Im Gegensatz zur geläufigen Meinung, dass die Deutschen eine fast unendliche Tonnen-Batterie für ihren Müll benutzen²³, ging es bei der Beschreibung des «Drei-Tonnen-Systems» in einer der Broschüren um die Logik des Systems, das tatsächlich nur auf drei Arten von Tonnen basiert: die graue Tonne für Restmüll (was wir etwas

²¹ Diese basieren teilweise auf das Modell *cradle to cradle* (BRAUNGART, MCDONOUGH, 2003).

²² KOMMUNALREFERAT DER LANDESHAUPTSTADT MÜNCHEN. AMT FÜR ABFALLWIRTSCHAFT, 1995.

²³ KLOEPEL, 2008: 97-105.

kompliziert durch *contentor cinzento para lixo indiferenciado* übersetzt haben), die braune Tonne für Biomüll (*contentor castanho para resíduos biológicos*, anstatt *contentor castanho para lixo bio* — denn *biologisch* ist in der Umweltsprache nicht gleich *biologisch*! Auch bei *contentor castanho para resíduos verdes* würde man sich die Frage stellen, warum nicht *contentor verde*...). Schließlich gibt es die blaue Tonne für Papier und Karton (*contentor azul para resíduos de papel e cartão*).

Einweg- und Mehrwegverpackungen werden allerdings in sogenannte *Wertstoffinseln* abgeliefert, die im Gegensatz zu den *Wertstoffhöfen* privat verwaltet werden, das heißt, von den Firmen selbst, die solche Verpackungen auf den Markt bringen. Also kein Wunder, dass die Betonung auf *Mehrwegverpackungen* (*embalagens reutilizáveis*) ziemlich eindeutig war: der Staat muss ja nicht für den Müll zahlen, den Firmen den Bürgern auferlegen. Die zusammenfassende Broschüre «Tips für weniger Müll im 21. Jahrhundert» ist zunächst von uns ausgelassen und erst im zweiten Jahr behandelt worden. In ihr kann man die wichtigsten Empfehlungen zur Müllvermeidung finden, die auch in den anderen Broschüren in detaillierterer Form auftauchen. Die Broschüre über Abfallberatung war auch interessant aus der portugiesischen Perspektive, denn wir konnten uns die Frage stellen: um was für einen Beruf ging es wohl dabei: *consultor/conselheiro para os resíduos*? Oder sehr allgemein *encarregado de educação ambiental*, wie eine Studentin vorgeschlagen hat? Es muss zunächst mal den Beruf geben...

Bei dieser Art von Materialien ging es also nicht um lose Tipps, die in keinem System eingebettet waren, sondern im Gegenteil: wir hatten mit einem kohärenten Konzept zu tun, wo die Teile sich auf einen Ganzen bezogen. Obwohl von einer Behörde stammend, sind diese Broschüren nicht abstrakt und «philosophisch-bürokratisch» geschrieben, sondern eher praktisch und bürgernah. Die reichliche Zahl an Empfehlungen führte uns zu dem Schluss, dass die Funktion dieser Texte gleichzeitig informativ und appellativ ist. Somit war für alle am Ende klar, dass ein solches Konzept zwar eine gewisse Lernzeit und Gewöhnung benötigt, im Grunde aber routinemäßig funktionieren kann, wie es heute wohl geschieht.

Diejenigen, die nur zwei Broschüren behandelt haben, haben im Laufe des Semesters zusätzlich andere Texte zum selben Thema bekommen, nämlich ein paar Artikeln vom Magazin Spiegel: erstens, einen sehr kurzen Text²⁴ zum Thema Mülldeponien in der Dritten Welt (bei dessen Lektüre dem deutschsprachigen Leser der sogenannte *Mülltourismus* gleich einfallen würde — ein lexikographischer Ausdruck, der auf Portugiesisch, *turismo do lixo*, unter meinen Adressaten nicht geläufig war). Zweitens haben wir mit einem anderen Spiegel-Text zum Thema Klamotten und Müll

²⁴ «Der Spiegel» (15. Okt. 2022) 78.

gearbeitet²⁵, in dem die Vorliebe der Deutschen für Second-Hand-Läden beschrieben wurde. Wir haben uns zudem mit einem anderen Artikel zum Thema Plastikmüll²⁶ befasst, bei dem nicht nur wie üblich die Plage der Plastikverpackungen besprochen wurde, sondern auch die Vorliebe der Gesellschaft für Plastik in vielen anderen alltäglich gewordenen Funktionen, zum Beispiel in der Medizin. Die Glosse «Ich, der Plastik-Öko»²⁷ haben wir kommentiert, als Pendant zur Reportage über Plastikmüll. Zwei Auszüge aus einem Sachbuch²⁸ aus den 90er Jahre für Kinder und Jugendliche (zu den Themen Mülltourismus und Müllverbrennungsanlage) haben wir gelesen, sowie das Gedicht von Enzensberger, in dem es um Bio-«Müll» ging. Stimuli, die in einer Post-Graduation solidere Ergebnisse ermöglichen könnten.

GRÜNDLICHKEIT, IM WESENTLICHEN UND IM... NEBENSÄCHLICHEN?

Studierende, die sich im Grundstudium befinden, können sich durchaus intensiv mit guten, authentischen Materialien beschäftigen, wenn eine Art Leitmotiv immer präsent ist — in diesem Falle war es das Thema Müll. So ein Leitmotiv könnte aber die gemeinsame Lektüre bzw. Übersetzung eines Buches sein, etwa für Kinder und Jugendliche. Authentische Materialien sind leider nicht leicht zu finden, wenn man als Dozent bzw. Dozentin nicht im deutschsprachigen Raum lebt — trotz der durchaus vielen Möglichkeiten, die inzwischen das Internet bietet, wie aus der jetzigen Webseite des Amtes für Abfallwirtschaft der Stadt München zu entnehmen ist, wo eine große Vielfalt an Textsorten (Formulare, Berichte, Gesetze, sogar ein Märchen...) gefunden werden kann²⁹. Hier muss aber beachtet werden, dass das Internet viel zu dynamisch ist, und zum pädagogischen Übersetzen brauchen wir Texte, die einigermaßen stabil sind, wie die Broschüren auf Papier. Um das Programm des Kurses umzusetzen, mussten allerdings die Beteiligten mit verschiedenen Textsorten konfrontiert werden, hinsichtlich der späteren Verbesserung ihrer Kompetenzen im nachfolgenden Masterstudiengang. Nach eigener Erfahrung ist aber das Verlangen nach vielfältigen Themen und Textsorten. Themenvielfalt in einem solchen Anfängerkurs entweder nicht nötig oder sogar ein Hindernis: am Ende des Semesters war die Zeit nun doch ziemlich knapp für andere, interessantere Projekte.

Die besprochenen Zeitdokumente des Amtes für Abfallwirtschaft der Stadt München sind darüber hinaus in einem Kontext erschienen, der sich schwer vergleichen lässt mit dem der hiesigen Studenten und Studentinnen: die Broschüren haben mit

²⁵ BOOK *et al.*, 2021.

²⁶ GROLLE, 2022.

²⁷ GÜTSCH, 2022.

²⁸ VEIT *et al.*, 1992.

²⁹ <<https://www.awm-muenchen.de/>> (Mai. 2023).

einer Großstadt zu tun, die zwar über eine Müllverbrennungsanlage verfügt, jedoch offensichtlich durch Aufklärung der Bürger versucht(e), so wenig wie möglich auf sie angewiesen zu sein. Portugal ist viel kleiner als Deutschland — es lässt sich also bei uns die Frage nach der Wirtschaftlichkeit und Effektivität eines sehr differenzierten Recyclingmodells stellen. Für eine korrekt verstandene Nachhaltigkeit reicht aber Wirtschaft nicht aus: auch Kultur ist wichtig.

Außerdem haben wie gesagt diese Materialien nicht nur informiert, sondern sie appellierten zugleich ziemlich vehement an die Bürger, bei der Mülltrennung so sorgfältig wie möglich mitzumachen. Ob ein solches Appell als kulturspezifisch anzusehen ist, lässt sich fragen, aber ich würde intuitiv sagen, dass in Portugal diesbezüglich vor allem an Kinder appelliert wird, den Müll zu trennen, als ob das keine Aufgabe für Erwachsene wäre — die übliche Botschaft scheint recht utopisch zu sein: so zu handeln, dass sich die Eltern von ihren Kindern überzeugen lassen (!).

Die größte Schwierigkeit mit diesen Broschüren war die hochdetaillierte Darstellung der Maßnahmen zur Abfallverwertung und Vermeidung, etwas, was ein gängiges Vorurteil nur zu bestätigen schien: «die Deutschen sind gründlich, sowohl im Wesentlichen wie im Nebensächlichen»³⁰. Es kann für einen männlichen Studenten etwas kompliziert werden, aber sehr nützlich (er hat gut gearbeitet!), einen ziemlich langen Text über Stoffwindeln auf Portugiesisch zu schreiben. Aus der portugiesischen Perspektive eines Stadtbewohners kann auch sehr lustig sein zu beobachten, wie gründlich mit Häckselschnitt damals umgegangen wurde. Hier ein Teil des Originals (Broschüre «der Münchener Häckseldienst») und die entsprechende Übersetzung (Korrekturen zwischen []):

Original

Bitte gehen Sie diese kleine Checkliste durch, bevor der Häckseldienst kommt.

— Bin ich am Häckseltag selbst zu Hause oder muß ich eine Vertretung beauftragen, damit die Häckselaktion quittiert werden kann?

— Ist die Grundstückseinfahrt an diesem Tag frei?

— Habe ich genügend Geld daheim?

— Liegen die Äste und Zweige gut zugänglich, locker, unverpackt und griffbereit in Eingangsnähe? Sind die dicken Enden — wenn möglich — alle auf einer Seite?

— Habe ich nur Äste bereitgelegt, die nicht dicker als 8 Zentimeter sind (entspricht dem Durchmesser einer Bierflasche)?

— Sind störende Materialien, wie Unrat, Steine, Metall oder Kunststoff aussortiert?

— Wie werde ich das Häckselgut verwenden und wie werde ich es lagern?

³⁰ Das habe ich lange her von meinem ehemaligen Kollegen Renato Correia gehört (persönliche Kommunikation).

Übersetzung

Faça favor de verificar esta pequena lista de controlo de tarefas antes dos serviços de trituração de poda chegarem.

— *Vou estar presente no dia da trituração de poda ou tenho de arranjar alguém para estar no meu lugar, para que a trituração da poda seja corretamente documentada?*

— *A entrada do terreno vai estar livre?*

— *Tenho dinheiro que chegue para o pagamento?*

— *[Verifiquei] se os ramos e os galhos estão acessíveis, soltos, se não estão embalados e se estão á [à] mão perto da entrada? As pontas grossas estão — se possível — todas de um lado [do mesmo lado]?*

— *Aprontei somente ramos que não excedessem a grossura de oito centímetros (a mesma grossura que uma garrafa de cerveja)?*

— *Separei materiais incómodos como lixo, pedras, metal e material de plástico?*

— *Como vou usar os bens de poda e onde posso armazená-los? [armazená-los]*

In Portugal identifizieren sich viele lieber mit der angelsächsischen Welt als mit deutschsprachigen Ländern. Die Ironie, mit der die deutsche Sprache des Mülls nicht selten erwähnt wird, ist auch in Portugal ausgeprägt. Lange habe ich als Umweltschützerin erfahren müssen, wie schwierig es ist, auf einem solchen Gebiet von anderen Mitbürgern überhaupt ernst genommen zu werden: ich wurde oft von portugiesischen Mitbürgern als «zu Deutsch» kritisiert, wobei es mir nur darum ging, durch Aufklärung unser Land vor der weltweiten Katastrophe des Mülltourismus ein wenig zu schützen, so wie es in Deutschland geschah.

Ich habe diese Broschüren in meinem Übersetzungskurs bearbeitet, vermeide aber bewusst das Wort *übersetzen*, denn diese Translationsarbeit konnte nicht zum Ziel haben, Texte zu produzieren, die wie eine Art Abziehbild des Originals sind. Das wäre mit jungen Menschen kaum möglich, die zum Zeitpunkt der Veröffentlichung dieses Materials nicht einmal geboren waren: Im Laufe ihres Lebens vollzog sich, dank der Digitalisierung, eine intensive Veränderung der Textlandschaft. Die genannten Texte sind zwar bürgerfreundlich geschrieben, eigentlich würde das heutzutage anders aussehen. An der heutigen Seite des Abfallwirtschaftsbetriebs der Stadt München (s. Fußnote 29) wird praktisch dieselbe Information wie in den Broschüren vermittelt, nur stark verkürzt an manchen Stellen, und verlängert an anderen — dank Inklusionsbestrebungen sogar in «einfache Sprache», sowie in circa 10 Migrantensprachen formuliert, darunter Portugiesisch. Die Seite ändert sich regelmäßig aus Marketinggründen, aber man kann sie trotzdem im Unterricht ganz gut besprechen.

Die hier präsentierten Broschüren sind historisch relevant, wir haben aber keine endgültige portugiesische Version erreicht. Eine Datenbank zu organisieren war

unsere Anfangsabsicht, dazu hat uns nicht nur die Zeit gefehlt: auch würde es sich höchstens als engl. «transcreation» statt als «translation» lohnen. Die diesbezügliche Sprache ist in München inzwischen anders, weil die dortige Bevölkerung nicht mehr so sehr einer Aufklärung bedürftig ist. Umweltbewusstere Verhaltensweisen haben sich eingebürgert und werden nun als so normal angesehen, dass es kaum nötig ist, bestimmte Dinge so ausführlich zu erklären. Oder werden diese Erklärungen nur je nach Bedarf gemacht. Die Broschüren zeigen jedenfalls, wie intensiv anfänglich versucht wurde, die Menschen über die unterschiedlichen Strategien der getrennten Sammlung und konsequenten Abfallvermeidung aufzuklären. Oft denkt man in Portugal, dass die Deutschen von Natur aus sehr diszipliniert sind, im Vergleich zu uns chaotischen, scheinbar unverbesserlichen Portugiesen. Dabei zeigen diese Materialien, dass die Deutschen *não nasceram ensinados* («nicht schon erzogen zur Welt kamen»): die Disziplin wird im Gegenteil intensiv den Bürgern beigebracht. Es herrschte auch damals das Bewusstsein, dass diese Verhaltensweisen aus gesundheitlichen Gründen dringend gelernt werden mussten, so dass die Verantwortung der diesbezüglichen Behörde noch höher war.

Wie ein Fisch im Wasser: Versuch einer Problemtypologie

«Es lebt sich gut hier in Deutschland», sagte mir vor etwa zwanzig Jahren ein deutscher Kollege, indem er mit mir in eben dieser Meinung übereinstimmte. Wir saßen bei der Gelegenheit in einem wunderschönen Park, der auch sehr sauber war. Hinzugefügt hat mein Kollege noch, als Vergleich zu Portugal (wo solche Einrichtungen noch eine Seltenheit waren): «Ja, aber die Ansprüche sind auch viel höher bei uns, denn es besteht die Erwartung, dass die Menschen lernen, wie sie sich in der Gesellschaft benehmen sollen. Und das bedeutet teilweise sehr viel Arbeit und Anstrengung.» Wenn wir München mit Coimbra vergleichen, können wir nicht ignorieren, dass es nicht nur bevölkerungsmäßig riesige Unterschiede gibt³¹. Die beruflich und ehrenamtlich Beteiligten an dieser Art der Informationsvermittlung sind entsprechend auch zahlenmäßig nicht vergleichbar. Kein Wunder also, wenn die Bürger in Portugal von beteiligten Firmen und Behörden beinahe infantilisiert werden. Die Annahme, dass solche Themen nur für Kinder sind, hat wohl eine Begründung: das geschieht nicht, weil sie einfach sind, sondern gerade, weil Erwachsene ganz genau wissen, wie kompliziert sie sind. Es wird deshalb versucht, mit Spielen, viel Entertainment und Ablenkungsmanövern die Bürger dazu zu bringen, gedankenlos den Müll in die Container zu werfen, aber wirklich umweltbewusste Verhaltensweisen werden noch als utopisch angesehen. Eine Perspektive, die lange wie eine Art Fado war: Die

³¹ Nach Wikipedia (29.08.2022) hat München etwa 1,3 Millionen Einwohner (Ballungsraum, der mehrere Städte umfasst: ca 2,6 Millionen). Mit 99.792 Einwohnern (2021) ist Coimbra die achtgrößte Stadt Portugals.

Menschen würden also nur mit Strafen kooperieren, weil der (m. E. völlig unfaire) Stereotyp des zu undisziplinierten und faulen Portugiesen noch ausgeprägt ist. Zwar wird das umweltschädliche Verhalten anderer Bürger, zum Beispiel in den sozialen Medien, ganz heftig kritisiert, wenn etwa ein bisschen Müll auf dem Boden liegt, diese oft etwas rohe Kritik an die Mitbürger richtet sich aber in der Regel nicht an die für Müll zuständigen Firmen, die von unserer Verantwortungslosigkeit leben — denn je mehr Müll nicht getrennt und somit deponiert, verbrannt, exportiert und importiert wird, desto mehr profitieren bestimmte, meist schweigende Interessen, auf die wir eher verzichten sollten.

Es kann hier also nicht darum gehen, eine vollständige Liste der Übersetzungsfehler zu organisieren. Nur auf einzelne Problemfelder wird hingewiesen. Zwei Problemtypen konnte ich immerhin unterscheiden: Sprachprobleme und Einstellungsprobleme. Mit der Bezeichnung «Sprachprobleme» meine ich Fehler, sowohl Grammatik wie Lexik betreffend, die nicht kulturspezifisch sind. Natürlich hatten einige Schwierigkeiten mit bestimmten Komposita, oder mit der Interpretation von grammatikalischen Strukturen, das war aber nicht das größte Problem. Sie machten auch Fehler in der Zielsprache, die mit der Norm und nicht mit dem System der Sprache zu tun hatten: nämlich schrieb jemand *descuidadosamente* statt *descuidadamente*. Als Sprachfehler werden zum Beispiel all die falschen Anredeformen gezählt, wie etwa die neutralere Form *Liebe Mitbürger* durch die viel zu persönliche Formulierung *queridos cidadãos* zu übersetzen. Unter Sprachfehler werden vor allem auch falsch eingesetzte Anaphern und Kataphern verstanden. Viele übersetzen meistens Satz für Satz, ohne die textuelle Bedeutung mancher Ausdrücke (Pronomen, usw.) zu berücksichtigen. Andere Mängel sind eindeutig Sprachfehler, wie zum Beispiel die Verwechslung der beiden Bedeutungen des Substantivs *Tonne*: *sistema de três toneladas* für *drei Tonnen*system. Der Sprachfehler *lugar central em Hof* (für *Wertstoffhof*) könnte zwar auf den Ausdruck «Centro» *de recolha de resíduos*, der im Unterricht als Übersetzung vorgeschlagen wurde, zurückgeführt werden, zusammen mit einer mangelhaften Nutzung vom Internet.

Einstellungsprobleme dagegen sind diejenigen, die mit der Haltung dem Thema gegenüber zu tun haben. Die überraschte Reaktion auf die ausführlichen Beschreibungen auf Deutsch ist eindeutig das größte «Problem» gewesen. Man könnte sich hier die fiktive Frage in den Köpfen der Beteiligten vorstellen: «Wer würde schon so lange Texte auf Portugiesisch über solche Kleinigkeiten schreiben?!» Aber auch andere Belege können unter diese Kategorie klassifiziert werden. Zum Beispiel hatten einige mit einer Lösung gezögert, weil für sie das Wegwerfen nicht unbedingt etwas eindeutig Negatives war, sondern eine ganz normale, alltägliche Angelegenheit. Einstellungsprobleme konnten auch entstehen, wenn die Erwartung, dass Wertvolles im Müll zu finden ist, im portugiesischen Kontext nicht im selben Grad vorhanden war. All die oben erwähnten Schwierigkeiten mit der Übersetzung verkürzter Formen

wie *Spülmobil*, *Giftmobil*, *Windeldienst* oder *Häckseldienst* sind Einstellungsfehler, weil einige in der Gruppe sich nun mal intuitiv weigerten, eine knappe, werbewirksame Sprache zu benutzen, die es in Portugal noch gar nicht gab, also wollten sie nicht «zu» kreativ werden. Ein anderes Beispiel hierfür schien mir *encarregado de educação ambiental* für den Beruf *Umweltbeauftragter* zu sein: Da habe ich die Studentin auf die mögliche Verwechslung mit dem Begriff *encarregado de educação* hingewiesen, sie erwiderte aber, dass sie die genannte Form gewählt hatte, weil der Ausdruck im portugiesischen Kontext zumindest schon teilweise vorhanden war (aber mit einer anderen Bedeutung!). Ihr schien wohl, dass eine Übersetzung nur möglich wäre, wenn in der Zielsprache schon «fertige» Begriffe existieren, das ist aber oft nicht der Fall: es gehört viel Kreativität, neue Begriffe von einem Kontext in einen anderen zu importieren. Einstellungsproblem war für mich auch die Form *papéis reciclados e compostos* statt *papéis reciclados e compósitos*, denn damit kann man sehen, wie neu für die Gruppe sowohl die Problematik der Kompostierung wie die Diskussion um die Umweltverträglichkeit von Verbundpapier in Verpackungen war. Also zwei verschiedene Themen (*composto* und *compósito*) statt nur eins.

Der Ausdruck «in einem Worthaufen schwimmen» im Titel hat mit dem Gefühl zu tun, das Lerner im Anfangsniveau empfinden, wenn sie lange Texte über Abfallwirtschaft auf Deutsch lesen. Mir als Portugiesin ging es nicht anders, so vielfältig ist dieser Wortschatz. Not macht allerdings mutig: Effizient schwimmen tun einige erst, wenn sie mit dem Meer selbst konfrontiert werden, statt nur mit einem Gartenteich. Mehr Herausforderungen, sich schnell bewegen in einer komplexen, authentischen Textlandschaft ist das Kennzeichen eines Lernens im Sinne der *Citizen Science*. Das tun Migranten überall, und das sollte im Unterricht auch passieren. Ich hoffe, dass sich die Beteiligten nun effizienter auf Deutsch orientieren und dass sie einen besseren Umgang mit der Natur, sowie mit ärmeren Ländern, entwickeln konnten.

BIBLIOGRAFIE

Broschüren

- KOMMUNALREFERAT DER LANDESHAUPTSTADT MÜNCHEN. AMT FÜR ABFALLWIRTSCHAFT (1995-1998):
- (1995). *Kompostieren in der Großstadt. Der Münchner Leitfaden für die Praxis*, Herausgeber: Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer, Druck: Verlag und Druckerei G.J.Manz AGA4, 47 Seiten, mit einem Vorwort von: Georg Welsch, Kommunalreferent.
 - (1997). *Die Münchner Hausmüllgebühren. Leistungen und Kosten*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Aldi Verlag Albert Dietl GmbH. Stand: April 1997.

- (1997). *Feste feiern ohne Müll. Tips für Gastgeber und und Veranstalter*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Druckhaus Fritz König. Gedruckt auf Recyclingpapier aus 100% Altpapier. Stand: August 1997.
 - (1997). *die Abfallberatung in München: wir sind für Sie da*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Gedruckt auf Recyclingpapier aus 100% Altpapier. Druck: Bavaria Druck GmbH. Stand: Mai 1997.
 - (1997). *die Münchener Wertstoffhöfe. Adressen und Tips*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Lipp Graphische Betriebe. Stand: Januar 1997.
 - (1997). *Wohin mit dem Problemmüll? Praktische Tips und Giftmobilfahrplan*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Color-Offset GmbH. Gedruckt auf Recyclingpapier aus 100% Altpapier. Stand: November 1997.
 - (1997). *Kompostieren in der Großstadt. Mit praktischen Tips und Antrag auf Kostenerstattung*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Druckhaus Deutsch. Stand: April 1997.
 - (1997). *der Münchener Häckseldienst. Informationen und Tips*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Druckhaus Deutsch. Stand: April 1997.
 - (1997). *Wickeln mit Stoffwindeln: so vermeiden sie Müll und sparen Geld*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Gotteswinter. Stand: April 1997.
 - (1997). *21 Tips für weniger Müll im 21. Jahrhundert. Agenda 21 zum Mitmachen*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Gedruckt auf Recyclingpapier aus 100% Altpapier; Druck: Majer& Finckh. Stand Dezember 1997.
 - (1998). *Das drei Tonnen-System. Abfalltrennen leicht gemacht*. Kommunalreferat der Landeshauptstadt München. Amt für Abfallwirtschaft. Gestaltung: Helmut Egerer; Druck: Emil Biehl & Söhne. Gedruckt auf Recyclingpapier aus 100% Altpapier. Stand: April 1998.
- ALBRECHT, Jörn (2005). *Übersetzung und Linguistik*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- ALPERS, Hans Joachim (1993). *Die Ökobande. Die Müll-Mafia*. Stuttgart: Franckh-Kosmos.
- BARBOSA, Andreia (2023). *O lixo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- BOOK, Simon et al. (2021). *Gebraucht ist geil. Konsum: Secondhandklamotten, reparierte Handys, aufgehübschte Möbel: Die Deutschen entdecken ihre Freude an der Zweitverwertung. Aber was bringt das wirklich?* «Der Spiegel». (24 Dez. 2021)
- BRAUNGART, Michael; MCDONOUGH, William (2003). *Einfach intelligent produzieren. Cradle to cradle: Die Natur zeigt, wie wir die Dinge besser machen können. Gebrauchsanweisungen für das 21. Jahrhundert*. In VON GERO, Randow, ed. *Aus dem Amerikanischen von Karin Schuler und Ursula Pesch*. Berlin: Berliner Taschenbuch Verlag GmbH.
- «Der Spiegel» (2022). Text über ein Bild einer Deponie in Halishshar in der Hafenstadt Chittagong, Bangladesch, wo vor allem «Mädchen und junge Frauen für einen lächerlich niedrigen Tageslohn Kunststoff und Metalle aus dem Müll klauben». (15 Okt. 2022) 78.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus (2004). Ein Vorwurf». In ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Natürliche Gedichte*. Leipzig/Frankfurt a. Main: Insel-Bücherei.
- FRITSCH, Klaus (1996). *Das neue Kreislaufwirtschafts- und Abfallrecht*. München: Beck.
- FINKE, Peter (2014). *Citizen Science. Das unterschätzte Wissen der Laien*. München: Oekom Verlag.
- FILL, Alwin (1993). *Öklinguistik. Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- GESELLSCHAFT FÜR DEUTSCHE SPRACHE (1993). *Wörter und Unwörter. Sinniges und Unsinniges der deutschen Gegenwartssprache*. Niedernhausen: Falken.

- GREBE, Paul; DODROWSKI, Günther; DUDENREDAKTION (1963). *Duden Etymologie. Herkunftswörterbuch der deutschen Sprache*. In VON DUDEN, Konrad. *Fortführung der «Etymologie der neuhochdeutschen Sprache»*. Mannheim, Wien, Zürich: Dudenverlag.
- GROLLE, Johann (2022). *Der Plastik-Planet*. «Der Spiegel». (26 Feb. 2022).
- GUTSCH, Jochen-Martin (2022). «*Ich, der Plastik-Öko*». *Alles Gutsch. Über Hemdchenbeutel, die deutsche Tütenkultur und ungefragte Moralpredigten beim Einkaufen*. «Der Spiegel». (05 Feb. 2022).
- HÄBERLE, Heinz; Bidlingmaier Werner, eds. (1994). *TA-Siedlungsabfall. Erfolgreiche Abfallwirtschaftskonzepte, Restmüllbehandlung, Absatzkonzepte*. Heidelberg: Springer Verlag.
- HÖLZER, Sepp (2008). *Permakultur. Praktische Anwendung für Garten, Obst und Landwirtschaft*. Graz-Stuttgart: Leopold Stocker Verlag.
- KLOEPPPEL, Carol (2008). *Dear Germany. Eine Amerikanerin in Deutschland*. Lübbe Verlag.
- LYNES, Philippe (2012). *Ecologies of Translation, Translation of Ecologies: Between Ecolinguistics and Translation Studies*. «Language and Ecology». Disponível em <<https://www.ecoling.net/>>.
- MÜLLER, Christa, ed. (2011). *Urban Gardening. Über die Rückkehr der Gärten in die Stadt*. München: oekom Verlag.
- PFEIFER, Wolfgang (1997 [1993]). *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*. DTV.
- ROHMER, Monika Christine (2023). *Linguistic relativity and environmental sustainability: Lessons drawn from a double language approach to the World Water Forum 2022 in Senegal*. «Language & Ecology». Disponível em <<https://www.ecoling.net/>>.
- SCHNEIDER, Wolf (2008). *Speak German. Warum Deutsch manchmal besser ist*. Rowohlt: [s.n.].
- SOBRAL, Paula (2023). *Oceano de plástico*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- STOLZE, Radegundis (1999). *Die Fachübersetzung. Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- STOLZE, Radegundis (2005). *Übersetzungstheorien. Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- TARNO, Akponi (2021). *Translation: A local means of addressing climate change challenges in Togo*. «Language & Ecology». Disponível em <<https://www.ecoling.net/>>.
- VEIT, Barbara et al. (1992). *Das Buch vom Müll*. Ravensburger Buchverlag Otto Maier GmbH.
- WASSERMANN, Otmar; ALSEN-HINRICHS Carsten; SIMONIS Udo Ernst (1990). *Die schleichende Vergiftung. Die Grenzen der Belastbarkeit sind erreicht*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- WASSERMANN, Otmar (1994). *Fälschung und Korruption in der Wissenschaft*. In BULTMANN, Antje; SCHMITHALS, Friedemann, eds. *Käufliche Wissenschaft. Experten im Dienst von Industrie und Politik*. München: Knaur.

V
EXCURSO

BREVE CRÓNICA DOS DIÁLOGOS LUSO-ALEMÃES/DEUTSCH- PORTUGIESSISCHE ARBEITSGESPRÄCHE (1989-2016)*

MARIA MANUELA GOUVEIA DELILLE**

Resumo: *O presente contributo oferece uma visão panorâmica dos nove Diálogos Luso-Alemães/Deutsch-Portugiesische Arbeitsgespräche, desde a sua fundação no ano de 1989, na Herzog August Bibliothek, em Wolfenbüttel, até à sua penúltima realização em 2016, na Universidade de Gießen¹. A autora procurou descrever a concepção e temática original dos Encontros, bem como o seu progressivo desenvolvimento e consequente evolução. Além da descrição dos principais dados relativos a cada um dos Encontros, apresenta-se, em anexo, as capas de todos os volumes de actas publicados; nos casos em que essa publicação não existiu, segue-se, em sua substituição, uma reprodução do programa original (1.º, 8.º e 9.º Encontro) ou, quando esse programa não chegou a ser distribuído, apenas uma lista dos participantes e títulos das respectivas comunicações (2.º Encontro).*

Palavras-chave: *História dos Encontros; Temática; Evolução.*

Abstract: *This article provides an overview of the history of the German-Portuguese Colloquia from their establishment in 1989 in the Herzog August Library in Wolfenbüttel to the 2026 meeting at the University of Gießen. The author is concerned with presenting the original concept and topic as well as their development and further development in the course of subsequent events. In addition to the documentary data on the individual colloquium given in the running text, the article contains in the appendix illustrations of the book covers of all previously published volumes. Where such a publication does not exist or does not yet exist, the original event program (1st, 8th and 9th meeting) or the list of the participants at that time with the corresponding lecture titles (2nd meeting) is shown as a substitute.*

Keywords: *History of the Meetings; Themes; Development.*

I. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO

(Herzog August Bibliothek-Wolfenbüttel, 30. Oktober bis 2. November 1989)

Portugal und Deutschland im alten Europa. Ein Kolloquium zu den 500-Jahrfeiern der portugiesischen Entdeckungen/Portugal e a Alemanha na velha Europa. Um Colóquio por ocasião das Comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses

* A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

** Professora catedrática jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Email: mmdelille@sapo.pt.

¹ Entretanto teve lugar o 10.º Encontro do Diálogo Luso-Alemão, em 28-29 de Setembro e 30 de Setembro de 2022, respectivamente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O Diálogo Luso-Alemão nasceu — e irei sobretudo sublinhar a perspectiva portuguesa — em tempos de euforia europeísta, na sequência da adesão, em 1986, de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), numa altura em que, de facto, se abriram e/ou intensificaram as relações do país com outras nações da Europa, nomeadamente no campo universitário, quer através de programas de intercâmbio académico de docentes e discentes, dos quais o mais fecundo e mais produtivo se tornou, sem dúvida, o Programa Erasmus, quer devido a uma aposta cada vez maior no desenvolvimento educacional e cultural do país, que consequentemente levou à criação de projectos e centros de investigação e à organização de Colóquios internacionais, quase todos baseados em novos contactos e relacionamentos com outros países europeus.

Do lado português, a organização do I Diálogo Luso-Alemão deveu-se ao Professor Doutor Luís de Albuquerque (1917-1992), uma figura singular, de grande prestígio no meio universitário nacional, um caso exemplar de interdisciplinaridade. Engenheiro geógrafo, Professor Catedrático do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, doutor *honoris causa* em História pela Universidade de Lisboa, foi nesse domínio científico, particularmente na história dos Descobrimentos, que deixou uma vasta e valiosa obra, na qual a sua investigação rigorosa na área da Cartografia e da Ciência Náutica se combina com uma invulgar formação histórica, literária e cultural e um profundo saber humanístico. Entre outros cargos, tinha o Professor Luís de Albuquerque nesses anos de 1980 o de director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, e foi nessa qualidade que, em 1988, recebeu do seu homólogo da Biblioteca Augusta de Wolfenbüttel, o bibliotecário e germanista Professor Doutor Paul Raabe (1927-2013), o convite para co-organizar e co-dirigir o I Diálogo Luso-Alemão, concebido, aliás, a exemplo dos Encontros entre hispanistas alemães e espanhóis que se tinham já começado a realizar nessa Biblioteca, logo a seguir à entrada da Espanha, igualmente em 1986, na CEE. A ideia era formar um grupo de investigadores portugueses e alemães, dedicados às relações luso-alemãs no contexto europeu, que se reunissem regularmente, ora na Alemanha, ora em Portugal, para expor e submeter às críticas colegiais alheias os seus projectos científicos. No entender do Professor Luís de Albuquerque dever-se-ia começar com um número reduzido, cerca de meia dúzia de portugueses e outros tantos alemães que fossem fluentes nas duas línguas, e pouco a pouco aumentar esse número para um máximo de uma dúzia de convidados de cada lado. Para o I Encontro, a realizar em finais de Outubro de 1989, em Wolfenbüttel, cada um dos participantes deveria enviar, a título experimental, com a devida antecedência, o texto ou os principais tópicos da exposição do seu projecto para que os outros pudessem preparar a respectiva análise crítica. Esta proposta metodológica deveria ser debatida e confirmada durante esse primeiro Encontro.

O Colóquio realizou-se na data prevista, tendo sido inteiramente subsidiado pela Biblioteca de Wolfenbüttel, que financiou as viagens e a hospedagem. Como directores internos/moderadores foram escolhidos o Professor Doutor Dietrich Briesemeister (Universidade Livre de Berlim/director do Instituto Ibero-Americano — Património Cultural Prussiano) e o Professor Doutor Manuel Rodrigues (Universidade de Coimbra/director do Arquivo da Universidade). Ao todo apresentaram comunicações quinze investigadores (nove portugueses e seis alemães): quatro romanistas/lusitanistas, oito historiadores, uma germanista, um Professor de Filosofia e um bibliotecário (*vd.* Programa, Anexo 1)². Como assistentes não palestrantes, estiveram presentes o Professor Doutor Hans Siepe, (romanista da Universidade de Duisburg) e o dr. phil. Peter Hanenberg, Assistente do Instituto de Literatura Alemã Moderna da Universidade de Bamberg.

Além das estimulantes e enriquecedoras sessões de trabalho, houve tempo, na tarde do segundo dia, para uma visita à Biblioteca. Embora nem todos tenham seguido as directrizes que o Professor Luís de Albuquerque havia esboçado, de início, quanto ao envio prévio do texto e à apresentação das comunicações num tempo máximo de 15 minutos para permitir a duração de 30 a 45 minutos do respectivo debate, ficou aprovado e combinado que essas directrizes seriam postas em prática no próximo Encontro a realizar na Universidade de Coimbra, em 1991.

Não foi editado um volume de actas específico deste I Diálogo; apenas, das dezassete comunicações proferidas³, doze foram publicadas, por iniciativa do Professor Dietrich Briesemeister, no vigésimo volume dos *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte* (20. Band 1988-1992, Münster, Aschendorff, 1993, pp. 115-267), infelizmente sem qualquer menção do respectivo Colóquio e dos seus objectivos científicos e interculturais.

II. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO

(Universidade de Coimbra, Palácio de São Marcos, 13 a 17 de Outubro de 1991)

A Expansão Europeia: o Diálogo Luso-Alemão/Die europäische Expansion: der Deutsch-Portugiesische Dialog

O Professor Luís de Albuquerque ficou de tal modo agradado com o êxito do Encontro de Wolfenbüttel que, a 29 de Novembro de 1989, na sua qualidade de presidente do Conselho Científico da Comissão Nacional para as Comemorações dos

² No final do Encontro, como aliás já se previa no programa, foram ainda incluídas mais duas comunicações: «Beiträge zum Studium der Seefahrt und des Handels zwischen Deutschland und dem Gebiet der Douro-Mündung im 17. Jahrhundert» e «Deutsche Einflüsse in Portugal in der zweiten Hälfte des 18. Jahrhunderts», respectivamente de João Alves Dias e de João Pedro Ferro, assistentes do Professor A. H. de Oliveira Marques.

³ Tanto o Professor Luís de Albuquerque como o Professor Oliveira Marques proferiram, cada um deles, duas comunicações.

Descobrimientos Portugueses (CNCDP), enviou uma carta a todos os participantes assegurando o financiamento do 2.º Colóquio a realizar em Portugal, em Outubro de 1991. Indicava também nessa carta o título do futuro Encontro, o número de participantes (limitado ao máximo de vinte e quatro), o local da reunião e o prazo de entrega das comunicações, 30 de Maio de 1991, de modo que os textos fossem distribuídos com a devida antecedência por todos os palestrantes. Fixava-se também o tempo de 15 minutos para o autor da comunicação apresentar qualquer informação suplementar relativa ao texto enviado, seguido de um tempo largo de cerca de 30 a 45 minutos para a discussão geral. A 3 de Abril de 1991, em nova carta circular, é marcada a data do Encontro — 13 a 17 de Outubro de 1991 — e adiada para 30 de Junho a data de entrega do texto das comunicações.

A realização do Colóquio nos moldes idealizados por Luís de Albuquerque ficou, porém, altamente prejudicada — não só porque apenas seis textos e três resumos foram enviados e distribuídos na data indicada —, mas, sobretudo, porque, infelizmente, o Professor sofreu, a 8 de Outubro, em pleno trabalho na sede da CNCDP, em Lisboa, um acidente vascular cerebral muito grave. A notícia da doença súbita e do internamento a todos surpreendeu e muito impressionou; ponderou-se o adiamento do Colóquio, mas, depois de algumas hesitações, o Professor Manuel Rodrigues assumiu a direcção interna e, com o apoio contínuo do Secretariado da CNCDP, procedeu-se à organização das linhas programáticas do Colóquio, que foi levado a cabo na data prevista. Participaram, ao todo, treze investigadores (seis alemães e sete portugueses), dos quais sete historiadores, quatro romanistas/lusitanistas e duas germanistas (*vd.* Lista de participantes e títulos das respectivas comunicações, Anexo 2). Nas comunicações apresentadas, foram tratados aspectos das relações literárias e culturais luso-germânicas da época dos Descobrimientos à actualidade. O programa incluiu ainda uma visita guiada à Universidade de Coimbra e a outros importantes monumentos históricos da cidade. Passo a transcrever um texto assinado por todos os participantes por ocasião do encerramento dos trabalhos:

No final do 2.º Diálogo Luso-Alemão, que decorreu no Palácio de São Marcos, de 13 a 17 de Outubro, com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, desejam os participantes formular os seguintes votos:

- 1. Que o 3.º Encontro se possa realizar na Alemanha dentro de dois anos, em local a decidir pelos investigadores alemães, representados pelo Prof. Doutor Dietrich Briesemeister, com a colaboração dos investigadores portugueses, representados pelo Prof. Doutor Luís de Albuquerque.*
- 2. Que o número de participantes possa ser alargado e correspondentemente o das áreas de estudo, sugerindo-se que essas áreas venham a abranger não só a História,*

a Linguística e a Literatura, mas também outros domínios do saber em que as relações luso-germânicas tenham desempenhado um papel relevante.

Palácio de S. Marcos, 16 de Outubro de 1991

Os participantes do II Diálogo Luso-Alemão.

O Professor Luís de Albuquerque, após três meses de internamento sem recuperar, veio a falecer a 22 de Janeiro de 1992.

Sete das palestras apresentadas no Encontro vieram a lume na revista «Mare Liberum», da CNCDP: seis no número 4, 1992, pp. 33-38 (Maria Manuela Delille), 39-45 (Maria Cristina Carrington), 87-95 (Ulrich Kniefelkamp), 97-104 (Matthias Perl), 289-297 (Roderich Ptak), 329-332 (A. H. de Oliveira Marques e João Pedro Ferro), e uma no número 6, 1993, pp. 97-103 (Marília dos Santos Lopes), todas — tanto esta última palestra como as anteriormente publicadas no número 4 da revista — com uma indicação imprecisa do Colóquio a que pertenciam.

III. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO

(Bildungszentrum Kloster Banz-Hanns-Seidel-Stiftung/Universität Bamberg, 10. bis 14. Oktober 1993)

Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa/Portugal e a Alemanha a caminho da Europa

Na continuação dos dois Colóquios anteriores, dois historiadores, o Professor Doutor Ulrich Kniefelkamp, professor de História da Universidade de Bamberg, e a dr. phil. Marília dos Santos Lopes, bolseira-investigadora na mesma universidade, tomam a seu cargo a organização do III Diálogo, que se vem a realizar, de 10 a 14 de Outubro de 1993, no Convento Banz-Centro de Formação da Hanns-Seidel-Stiftung, perto de Bamberg. O tema escolhido, *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa*, testemunha bem a onda europeísta que então intensamente se vivia.

Na sequência dos votos enunciados pelos participantes no final do II Diálogo, procurou-se criar uma discussão interdisciplinar sobre vários aspectos históricos, políticos e culturais das relações luso-alemãs. Note-se, porém, que se manteve uma forte predominância dos estudos históricos e literários. Como tema recorrente em várias comunicações, tanto na análise do discurso literário como político, surge a questão da identidade nacional de cada um dos países, os seus significativos encontros e desencontros e o respectivo relacionamento com a Europa.

Além dos organizadores, participaram vinte e três investigadores: onze alemães e doze portugueses, sendo doze historiadores, entre os quais uma historiadora de arte, cinco romanistas/lusitanistas, cinco germanistas e um geógrafo.

Não tendo sido adoptado o esquema inicial ideado pelo Professor Luís de Albuquerque, não houve envio prévio do texto das comunicações, nem a regra de um tempo muito alargado para o debate. O crescimento considerável do número de comunicações apresentadas (vinte e duas) e a resistência notada por grande parte dos participantes nos dois primeiros Colóquios dificilmente o permitiriam.

O programa complementar foi preenchido com uma visita demorada à Universidade de Bamberg e ao centro histórico da cidade.

Sob o ponto de vista institucional, é de sublinhar a cooperação europeia luso-alemã, que incluiu seis instituições: para além da Hanns-Seidel-Stiftung, da Bayerische Landeszentrale für politische Bildungsarbeit e do Erzbischöfliches Ordinariat Bamberg, a CNCDP e o Instituto Camões, juntamente com a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT) através do Programa Lusitânia.

Pela primeira vez nestes Encontros foi possível coligir e publicar grande parte das comunicações, ao todo, dezasseis, num volume específico de actas: Marília dos Santos Lopes, Ulrich Knefelkamp, Peter Hanenberg, Hg., *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa/Portugal e a Alemanha a caminho para a Europa*, Pfaffenweiler, Centaurus-Verlagsgesellschaft, 1995, 262 pp. (vd. capa, Anexo 3)⁴.

IV. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO

(Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2 a 4 de Outubro de 1995)

Portugal — Alemanha — África (Séculos XV-XX). Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político/Portugal — Deutschland — Afrika (15.-20. Jahrhundert). Vom imperialen zum politischen Kolonialismus.

Com a temática geral acima enunciada, o IV Encontro Luso-Alemão realizou-se na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, de 2 a 4 de Outubro de 1995, sob a direcção do Professor Doutor A. H. de Oliveira Marques, da Universidade Nova de Lisboa (UNL), e de dois germanistas também da UNL, o Professor Doutor Alfred Opitz e o então Assistente Fernando Clara. Teve o apoio de várias entidades: Instituto Camões e JNICT, através do Programa Lusitânia, CNCDP, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, Fundação Calouste Gulbenkian e Lufthansa, e reuniu vinte e cinco investigadores (nove alemães, dois austríacos e catorze portugueses), dos quais nove historiadores, nove germanistas, seis romanistas/lusitanistas e um musicólogo. Quanto às comunicações apresentadas, grande parte ateu-se ao triângulo temático proposto, desde o século XV à actualidade, com especial incidência na época dos Descobrimentos, no colonialismo histórico e na Guerra Colonial, sendo

⁴ Em todos os casos em que foram publicadas as actas dos Colóquios, prescindimos da apresentação em anexo dos respectivos programas.

a maioria da área da História e as restantes das áreas da Literatura e da Cultura; desta última, três comunicações apresentaram propostas e reflexões de teorização intercultural. Paralelamente, foi desenvolvido um programa cultural, que, no primeiro dia, de certa forma, ilustrou as quatro comunicações com que abriu o Colóquio, todas sobre o impressor alemão quinhentista Valentim Fernandes, importante figura de mediador entre os dois países: refiro-me à Exposição Comemorativa do V Centenário da intensa e múltipla actividade de Valentim Fernandes Alemão, em Lisboa, no tempo das Descobertas, exposição à qual os participantes foram convidados a assistir, no final da tarde, na Biblioteca Nacional. Além disso, realizou-se, no dia seguinte, uma excursão a Sintra e respectiva visita ao Palácio da Pena, após a qual foi oferecido aos participantes um Colar de Honra pela Câmara Municipal de Sintra. Note-se também que a sessão de encerramento do Colóquio decorreu na Câmara Municipal de Lisboa, onde igualmente foi oferecido um Porto de Honra, tendo o Encontro terminado em animado convívio num jantar no Restaurante do Castelo de São Jorge. Das vinte e quatro comunicações proferidas, foram reunidas dezasseis no seguinte volume: *Portugal — Alemanha — África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coordenação A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara. Lisboa, Edições Colibri, 1996, 344 pp. (vd. capa, Anexo 4).

No final do prefácio, os organizadores deixam algumas sugestões no sentido de tornar os Encontros mais operativos:

1. *Aumento para três anos do intervalo de dois até à altura existente entre cada reunião;*
2. *Abandono declarado do binómio exclusivo Portugal-Alemanha, alargamento dos Encontros à participação do Brasil e das outras nações e comunidades de língua portuguesa, bem como à de países germanófonos como a Áustria e a Suíça;*
3. *Insistência no alargamento das áreas de estudo. Para além da História, Literatura, Linguística e Cultura, um apelo a temas novos e diferentes de áreas do universo das Ciências Sociais e Humanas: Antropologia, Sociologia, Geografia, Comunicação Social, Música e outras artes. Considerou-se desejável a alternância entre comunicações eruditas e divulgadoras e a sua combinação com eventos sociais de interesse e com agradáveis locais de convívio;*
4. *Insistência especial na ligação, sempre que possível, da realização dos futuros Encontros com comemorações futuras de eventos ou de personalidades importantes na história do intercâmbio luso-germânico.*

V. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO

(Universität zu Köln-Zentrum Portugiesischsprachige Welt, 7. bis 11. Oktober 1998)
Portugal, Indien und Deutschland/Portugal, Índia e Alemanha

Teve lugar na Universidade de Colónia, de 7 a 11 de Outubro de 1998, sob a direcção do Professor Doutor Helmut Siepmann, professor de Filologia Românica da Universidade Técnica de Aachen e director do Departamento de Português do Centro do Mundo Lusófono da Universidade de Colónia. Seguindo duas das propostas avançadas no Colóquio anterior — alteração para um ritmo trienal e relacionamento, sempre que possível, com comemorações ou efemérides de personalidades históricas —, a data de 1998, quingentésimo aniversário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, veio a impor, como temática geral, o triângulo *Portugal, Indien und Deutschland*, que deu o nome ao Encontro.

Verificou-se um crescimento exponencial do número de palestrantes (trinta e nove): vinte e dois portugueses, dezasseis alemães e um austríaco, o que exigiu o apoio de oito instituições financiadoras alemãs e portuguesas: Botschaft der Republik Portugal, CNCDP, Deutsche Forschungsgemeinschaft, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Oriente, Instituto Camões, Presse- und Informationsstelle der Universität zu Köln, Rektor der Universität zu Köln.

A maior parte das comunicações apresentadas (vinte e sete) versou a temática central, embora algumas só chegassem a incidir sobre os primeiros dois vectores — Portugal e Índia. As restantes doze debruçaram-se sobre outros aspectos relevantes e/ou inéditos, quer históricos, políticos e culturais, quer literários e artísticos, quer linguísticos, do intercâmbio luso-alemão. Tanto o tratamento da temática central como o desses outros aspectos proporcionaram o desejado alargamento do Colóquio a áreas de estudo diversificadas tais como Arte e História de Arte, História da Música, Religião, Geografia, Ciências Políticas e Psicologia, e fomentaram um vivo diálogo interdisciplinar.

O Colóquio foi complementado e enriquecido pelo programa cultural, de que se destaca: no termo do primeiro dia, a abertura da exposição *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seeweges nach Indien*, na Galeria da Universidade de Colónia; na tarde do segundo, uma excursão a Aachen, com visita guiada à Catedral e à Dom-schatzkammer e recepção na Universidade Técnica pelo decano da Philosophische Fakultät e pelo pró-reitor, Professor Doutor Michael Jansen, que proferiu uma conferência no âmbito da temática do Encontro, intitulada *Die portugiesische Expansion im Spiegel der Städte am Indischen Ozean und am Arabischen Meer: Goa (Indien), Al Balid (Oman)*. No último dia, como despedida, todos os participantes foram convidados para um jantar de gala no Hotel Mondial, junto à Catedral de Colónia.

Das trinta e nove comunicações apresentadas no Colóquio foram entregues trinta e quatro para publicação no seguinte volume: Helmut Siepmann (Herausgeber/

/Coordenador), *Portugal, Indien und Deutschland/Portugal, Índia e Alemanha*. Akten der V. Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche/Actas do V Encontro Luso-Alemão. Köln-Lisboa, Zentrum Portugiesischsprachige Welt-Universität zu Köln/Centro de Estudos Históricos da Universidade de Lisboa, 2000, 537 pp. (vd. capa, Anexo 5).

Concluindo, cito das palavras finais do prefácio do Professor Helmut Siepman as que julgo bem reveladoras do espírito que vinha animando o Diálogo Luso-Alemão: «Na era da europeização e da globalização, que até agora se tem realizado preferencialmente na área da Economia e da Técnica, é importante conferir um papel compensador a encontros culturais e científicos entre os povos. Documentando a herança cultural existente, contribuimos para o crescimento do diálogo europeu e da consciência da unidade na diversidade.»

VI. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO/6. DEUTSCH-PORTUGIESISCHES ARBEITSGESPRÄCH

(Universidade do Minho, Braga-Instituto de Letras e Ciências Humanas e Centro de Estudos Humanísticos, 4 a 6 de Outubro de 2001)

Portugal — Alemanha — Brasil/Portugal — Deutschland — Brasilien

A convite da Secção de Estudos Germanísticos do Instituto de Letras e Ciências Humanas e do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, o VI Encontro Luso-Alemão reuniu em Braga, de 4 a 6 de Outubro de 2001, um número muito elevado de historiadores, germanistas e romanistas/lusitanistas, tanto lusófonos como de língua materna alemã (vinte e dois alemães, dois austríacos, catorze portugueses, um brasileiro e um belga) — ao todo quarenta, tendo tido como organizadores os Professores Doutores Erwin Koller, Orlando Grossegeesse, Armando Malheiro da Silva e o então Assistente Mário Matos. No seguimento das constelações triangulares dos dois Encontros precedentes, optou-se pelo tema central *Portugal — Alemanha — Brasil*, estreitamente ligado às comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

Dada a grande afluência de participantes, a organização do Colóquio e a publicação dos seus resultados requereu, além do indispensável e substancial apoio das entidades organizadoras da Universidade do Minho, o financiamento e apoio logístico de várias instituições nacionais e estrangeiras, a saber, Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto Camões, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Instituto de Inovação Educacional, Governo Civil do Distrito de Braga, Câmara Municipal de Braga, Deutscher Akademischer Austauschdienst, Schweizer Kulturstiftung Pro Helvetia e Staedtler Portuguesa.

Um breve exame aos contributos publicados revela-nos que a constelação triangular pressuposta pela temática central só foi observada num número restrito

de comunicações. Uma maioria significativa dos palestrantes tratou do binómio Alemanha-Brasil, quer analisando temas brasileiros na literatura de expressão alemã quer versando temas alemães em obras de autores brasileiros. Cerca de um terço ateve-se, porém, ao estudo das relações Portugal-Alemanha, tanto no campo da História como no da Literatura.

O programa cultural complementar contou com a presença do autor suíço-alemão Hugo Loetscher (1929-2009), cuja obra literária abrange significativamente o triângulo temático proposto. Aproveitou-se o ensejo da sua visita para a companhia do Teatro de Braga levar à cena, em estreia mundial, na noite do segundo dia do Colóquio, o drama em quatro actos *O Amor Assassinado — Inês e Pedro* do referido escritor, no cenário feérico dos jardins da cerca do então recentemente restaurado mosteiro beneditino de São Martinho de Tibães. A propósito desta representação, foram inseridas no Colóquio duas comunicações sobre temas inesianos. Na noite do último dia, os participantes puderam também assistir à apresentação de um filme sobre a figura de Hans Staden, célebre viajante alemão quinhentista em terras brasileiras, tendo, na tarde do mesmo dia, duas comunicações do Colóquio tratado do relato de viagem atribuído a essa personagem histórica. Das comunicações proferidas, respeitantes na sua maioria às áreas da História, da Literatura e da Linguística, encontram-se publicadas trinta e seis nos seguintes dois volumes: *Portugal — Alemanha — Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão/6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch*. Organização: Orlando Grossegeesse, Erwin Koller, Armando Malheiro da Silva, Mário Matos. Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Colecção Hespérides/Literatura 14/1 e II, 2003, 333+377 pp. (vd. capas, Anexo 6).

VII. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO/7. DEUTSCH-PORTUGIESISCHE ARBEITSGESPRÄCHE

(Universität Trier-Portugalzentrum in Zusammenarbeit mit der Universität Luxemburg, 9. bis 13. März 2005)

Heimat in der Fremde/Pátria em Terra Alheia

Com a temática *Heimat in der Fremde/Pátria em Terra Alheia*, o VII Encontro Luso-Alemão realizou-se, de 9 a 13 de Março de 2005, na Universidade de Trier, em cooperação com a Universidade do Luxemburgo, sob a direcção do Professor Doutor Henry Thorau, professor de Brasilianística e Lusitanística na Universidade de Trier, onde ocupava a cátedra «Carolina Michaëlis de Vasconcelos» e era director do Portugalzentrum. No Colóquio inscreveram-se quarenta investigadores — romanistas/lusitanistas, germanistas, geógrafos e historiadores de Cultura e de Arte — de várias universidades da Alemanha, de Portugal, do Luxemburgo, da Áustria, da Suíça, do Brasil e da Holanda.

No âmbito da temática central, e percorrendo, nos contactos entre o mundo lusófono e germanófono, espaços e tempos muito diversos (Portugal, Alemanha, Áustria, Suíça, Brasil, África, desde a época quinhentista até os inícios do século XXI), foram apresentados variadíssimos exemplos, quer no campo histórico-literário e cultural quer político e/ou socioeconómico, em que se registam situações de perseguição, fuga de regimes ditatoriais, expulsão, exílio forçado ou voluntário, interno ou externo, experiências traumáticas, mas também casos de espantosa aculturação, de refúgio ou busca da pátria perdida na língua, na ciência, ou na arte de uma terra alheia.

Prestou-se, idealmente, a este Encontro intercultural sobre a temática da migração a velha cidade de Trier, situada por assim dizer no coração da Europa, vizinha da França e dos países do Benelux. Recorde-se que no Luxemburgo já viviam na altura mais de 70 mil portugueses (cerca de 15% da população luxemburguesa) e lá se situa uma filial do Instituto Camões que se desdobra em múltiplas actividades culturais. Por esse motivo, entendeu por bem o Professor Henry Thorau levar todos os participantes, no terceiro dia do Colóquio, até à Universidade do Luxemburgo, onde se ouviram, à mistura de comunicações luso-alemãs de carácter linguístico, outras que focavam especificamente o fenómeno português migratório naquele país. Aliás, julgo que pela própria temática, pelo ambiente humano e sociocultural em que convivemos e por um espectáculo teatral que nos foi oferecido na noite do último dia do Encontro, este VII Diálogo Luso-Alemão pôs-nos em contacto com a realidade da migração ou fuga para a Europa de povos de outros continentes, bem como com a dos conflitos daí decorrentes, questões que, nestas últimas décadas, como todos sabemos, têm gerado uma profunda crise humanitária debatida até à exaustão nas cimeiras internacionais da actualidade.

O espectáculo teatral que me deixou uma viva memória foi a estreia europeia, em tradução alemã, da peça *Schafe und Wale* (Le mouton et la baleine) do autor franco-árabe Ahmed Ghazali, a qual havia tido em 2001 a sua estreia mundial em Montreal, na versão original francesa. Nesse drama, descreve-se o trágico naufrágio em 1992, no Estreito de Gibraltar, de uma barçaça de madeira que transportava cerca de vinte migrantes ilegais marroquinos rumo à Europa que haviam sonhado. Um cargueiro russo recolhe um único sobrevivente e todos os cadáveres dos naufragos, recusando-se tanto as autoridades marroquinas de Tânger como as inglesas de Gibraltar e as espanholas a receber e a sepultar os corpos. Perante o impasse criado no pequeno cargueiro pela rejeição brutal das três nações, os tripulantes, com posições controversas quanto à forma de resolver a situação, entram em conflito e geram-se tumultos incontroláveis. Lê-se no programa que nesta parábola moderna o Cordeiro encarna o continente africano explorado e as suas vítimas, que na crença de um sonho europeu se lançam desesperadas numa mais que frágil embarcação, e a Baleia a terra sonhada que para o exterior parece soberana e invulnerável, mas que,

na realidade, se encontra enfraquecida e acaba por vir, exausta, dar à costa, derrotada pela própria impossibilidade de ajuda, pretendendo assim o autor alertar o público para a crise humanitária dos migrantes/refugiados e a impotência de uma Europa em vias de autodestruição.

Além deste espectáculo, o programa cultural incluiu ainda a visita, no Centro Cultural Português do Instituto Camões no Luxemburgo, a uma Exposição sobre o artista gráfico português Emmérico Hartwich Nunes e a sua colaboração na revista satírica muniquense *Meggendorfer-Blätter*, um concerto com Michel Abreu Lopes e Dominique Dechambre, e a apresentação do filme *Lissabon — Hafen der Hoffnung*, de Pavel Schnabel, que versa o acolhimento dos refugiados judeus em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial.

O VII Diálogo Luso-Alemão contou com o apoio das seguintes entidades: Deutsche Forschungsgemeinschaft, Fonds National de la Recherche (Luxemburgo), Frauenbeauftragte e Faculté des Lettres, des Sciences Humaines, des Arts et des Sciences de l'Éducation da Universidade do Luxemburgo, Instituto Camões-Centro Cultural Português no Luxemburgo, Instituto Camões (Lisboa), Museu Nogueira da Silva (Braga), Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade do Minho, Fundação Calouste Gulbenkian, Bischöfliches Dom- und Diözesanmuseum (Trier) e Universidade de Trier.

Das comunicações apresentadas no Colóquio, encontram-se reunidas vinte e nove no seguinte volume de actas, financiado integralmente pela Fundação Marion Ehrhardt: Henry Thorau (Herausgeber), *Heimat in der Fremde/Pátria em terra alheia*. 7. Deutsch-Portugiesische Arbeitsgespräche/Actas do VII Encontro Luso-Alemão, Berlin, edition tranvía-Verlag Walter Frey, 2007, 464 pp. (vd. capa, Anexo 7).

VIII. DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO

(Universidade de Aveiro-Departamento de Línguas e Culturas-Área de Estudos Germanísticos, Centro de Línguas e Culturas, 18 a 20 de Setembro de 2008)

Ficção e História no Contexto Luso-Alemão/Fiktion und Geschichte im deutsch-portugiesischen Kontext

Foi a Universidade de Aveiro que recebeu, de 18 a 20 de Setembro de 2008, o VIII Encontro Luso-Alemão, no qual se inscreveram trinta e três investigadores: vinte e três portugueses, nove alemães e um austríaco, sendo dezanove germanistas, sete historiadores, e cinco romanistas/lusitanistas (vd. Programa, Anexo 8). A organização pertenceu à Área de Estudos Germanísticos do Departamento de Línguas e Culturas e ao Centro de Línguas e Culturas daquela universidade. Constituíram a comissão organizadora cinco docentes da área germanística: as Professoras Doutoras Ana Maria Ramalheira, Cristina Carrington, Teresa Cortez e Teresa Alegre, e a Leitora de Língua Alemã dr. phil. Katrin Herget.

A maioria dos palestrantes ateu-se ao tema proposto — *Ficção e História no Contexto Luso-Alemão* —, debruçando-se, geralmente, os germanistas sobre figuras ou eventos históricos portugueses em obras ficcionais alemãs entre o século XVIII e XX, quase sempre escolhendo textos pouco conhecidos ou deficientemente estudados. Já os romanistas e historiadores, entre os quais dois de História de Arte, optaram, nem sempre no âmbito da temática central, ora por temas de natureza comparatística ora por aspectos das relações literárias e culturais luso-alemãs ainda não investigados. Prosseguindo na tentativa de explorar outras áreas de estudo para além da Literatura e da História, várias comunicações incidiram sobre o diálogo intercultural Portugal/Alemanha no campo da Arquitectura, da Linguística e dos Estudos de Tradução.

Para promover um convívio mais intenso e demorado entre os participantes, quase todos os almoços e jantares, oferecidos pela comissão organizadora, foram tomados em comum no restaurante da universidade e em dois conhecidos restaurantes da cidade. Na noite do segundo dia, o programa cultural constou de um concerto, financiado pela Fundação Marion Ehrhardt (FME), em que se ouviram obras de José Vianna da Motta, Richard Wagner, Harald Genzmer e Robert Schumann, interpretadas pelo Quarteto Vianna da Motta e por Luís Rodrigues (barítono) e João Paulo Santos (piano), e apresentadas pela curadora da FME Elvira Archer. O Colóquio veio a terminar com um magnífico passeio de barco na Ria de Aveiro e uma visita muito apreciada ao Museu Marítimo de Ílhavo.

Além da Reitoria da Universidade de Aveiro e da FME, a organização do VIII Encontro recebeu subsídios do Deutscher Akademischer Austauschdienst, da Deutsche Forschungsgemeinschaft, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Goethe-Institut de Portugal e das empresas Indasa e Bosch.

Até hoje, não foram publicadas as actas deste Encontro.

IX. ENCONTRO LUSO-ALEMÃO / 9. DEUTSCH-PORTUGIESISCHE ARBEITSGESPRÄCHE

(Justus-Liebig Universität Gießen, 9. bis 12. November 2016)

Krise als Chance? Lusophone und deutschsprachige Kulturen im Dialog/Crise, uma chance? Culturas Lusófonas e de Língua Alemã em Diálogo

Teve lugar na Justus-Liebig Universität Gießen, de 9 a 12 de Novembro de 2016. A sua realização, que veio quebrar um hiato de oito anos, desde o Encontro em Aveiro, deve-se ao trabalho de uma equipa de docentes da área da Linguística liderada pelo Professor Doutor Joachim Born, que integrou duas Assistentes, a dr. phil. Anna Ladislova e a dr. phil. Dinah Leschzyk. No Encontro, participaram vinte e dois investigadores, quinze de língua alemã, cinco brasileiros e duas portuguesas.

Com a excepção do professor brasileiro Doutor Sérgio Costa, da área da sociologia política comparativa e da teoria social contemporânea, nessa altura professor

convidado da Universidade Livre de Berlim, que traçou um excelente quadro, muito esclarecedor, da situação social actual no Brasil, os restantes investigadores, de formação linguística e/ou literário-cultural, procuraram evidenciar os temas de investigação que se abrem ou acentuam para a lusofilia neste mundo em crise. Na maior parte das comunicações, foi dado especial relevo aos fenómenos migratórios, quer no Brasil quer em Portugal, apontando-se em múltiplos casos o respectivo potencial criativo na linguagem sobre o Outro. Pontualmente, também surgiram outros reflexos da crise sociopolítica e cultural no campo linguístico e literário, como por exemplo uma análise da crise em recentes romances criminais, ou nos relatos da imprensa sobre o polémico Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (AO90).

O programa complementar, de carácter cultural, constou de um concerto de música brasileira do Duo Dona Anna e o Moleque, duma leitura cénica sobre textos de Augusto Boal, e de um filme sobre Maputo — *Etnografia de uma Cidade*, apresentado pela Leitora alemã na Universidade de Moçambique, que viveu vários anos nessa capital.

Até hoje, não obstante várias promessas dos responsáveis, não foram publicadas as actas do Encontro.

É tempo de concluir esta pequena crónica. Na sucessão dos nove Encontros culturais por mim evocados, torna-se possível descortinar uma determinada evolução na natureza, concepção e abrangência do Diálogo Luso-Alemão. Do círculo restrito inicial de estudiosos das relações bilaterais luso-germânicas, que integrava coordenadores de projectos de investigação científica sobre matéria relativa ao intercâmbio entre a Alemanha e Portugal, e que tentou ensaiar, nos dois primeiros Colóquios, uma metodologia diferente da tradicional na apresentação e no debate das comunicações, passou-se a incluir, aliás muito louvavelmente, o intercâmbio entre todos os países lusófonos e germanófonos, o que levou ao convite de um número muito maior de representantes e a um inevitável alargamento e diversidade das matérias tratadas, bem como à consequente restrição do tempo de apresentação das comunicações e, por vezes, ao enfraquecimento ou à quase anulação do respectivo debate.

Manteve-se, e a meu ver até se reforçou e concretizou, a intenção, aliás já formulada desde o II Encontro, de integrar, para além da História, da Literatura e da Linguística, uma maior variedade de áreas de estudo, e, consequentemente, assim promover o diálogo interdisciplinar. Gerou-se também uma alternância entre comunicações do foro erudito de carácter histórico ou histórico-literário, em que se considera prioritário o levantamento de núcleos de investigação ainda não tratados, com outras que perseguem quer aspectos de teorização intercultural quer questões actuais de diversa índole no intercâmbio luso-alemão, algumas das quais com carácter divulgador. Uma consulta atenta dos volumes até agora publicados irá com certeza

confirmar que o conjunto representa, sem dúvida, um contributo não despidendo para o aprofundamento da história das relações científicas e culturais luso-alemãs.

Dado que a evolução registada se me afigura irreversível e em muitos aspectos de elogiar, há, no entanto, que reflectir sobre a viabilidade, especificidade e eficácia deste tipo de colóquios, que tendem a convergir nas intenções e nas temáticas tratadas com os Congressos Internacionais seja da Lusitanística alemã, seja da Germanística portuguesa, seja dos Estudos Interculturais *tout court*. E há que pensar, perante o considerável aumento numérico de participantes, em formas de evitar a redução do tempo de debate e análise crítica.

Não obstante estes reparos, numa época conturbada como a que actualmente vivemos, com graves e sucessivas crises, todos os esforços se revelam escassos para conservar e defender os estudos humanísticos, neste caso particular, o património cultural europeu que partilhamos com os países germanófonos e, ao mesmo tempo, para fomentar o diálogo com a cultura dos países lusófonos de outros continentes. Os Descobrimentos portugueses, que outrora abriram a Europa a novos mundos, foram repetidas vezes evocados, em anteriores Colóquios, como sendo paradigmáticos da necessária e desejável abertura do continente europeu actual a outros povos e culturas. Faço votos para que a breve história destes nove Diálogos Luso-Alemães por mim traçada possa de algum modo animar os participantes de futuros Encontros a manter a chama acesa e a empenharem-se na continuidade de um Diálogo científico e cultural que, privilegiando embora as relações luso-alemãs, se quer o mais aberto e alargado possível.

BIBLIOGRAFIA

- FLASCHE, Hans, ed. (1993). *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte. 20. Band 1988-1992*. Münster: Aschendorff, pp. 115-267.
- GROSSEGESSE, Orlando *et al.*, org. (2003). *Portugal — Alemanha — Brasil*. Actas do VI Encontro Luso-Alemão/6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Hespérides/Literatura 14/1 e II.
- LOPES, Marília dos Santos; KNEFELKAMP, Ulrich; HANENBERG, Peter, org. (1995). *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa/Portugal e a Alemanha a caminho para a Europa*. Pfaffenweiler: Centaurus-Verlagsgesellschaft.
- «Mare Liberum. Revista de História dos Mares». (abr. 1992) 33-45, 87-104, 289-297, 329-332.
- «Mare Liberum. Revista de História dos Mares». (jun. 1993) 97-103.
- MARQUES, A. H. de Oliveira; OPITZ, Alfred; CLARA, Fernando, org. (1996). *Portugal — Alemanha — África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Lisboa: Edições Colibri.
- SIEPMANN, Helmut, ed./org. (2000). *Portugal, Indien und Deutschland/Portugal, Índia e Alemanha*. Akten der V. Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche/Actas do V Encontro Luso-Alemão. Köln-Lisboa: Zentrum Portugiesischsprachige Welt-Universität zu Köln/Centro de Estudos Históricos da Universidade de Lisboa.
- THORAU, Henry, ed. (2007). *Heimat in der Fremde/Pátria em terra alheia. 7*. Deutsch-Portugiesische Arbeitsgespräche/Actas do VII Encontro Luso-Alemão. Berlin: edition 17tranvia-Verlag Walter Frey.

ANEXO 1

HERZOG AUGUST BIBLIOTHEK-WOLFENBÜTTEL

Deutsch-portugiesisches Arbeitsgespräch
"Portugal und Deutschland im alten Europa"
vom 31. Oktober bis 2. November 1989

Leitung: Dietrich Briesemeister, Berlin
Manuel Augusto Rodrigues, Coimbra

Ort: Bibelsaal der Bibliotheca Augusta

WOLFENBÜTTEL

19. Oktober 1989/Mey.

TEL (0 53 31)
8 08-206
oder (0 53 31) 80 80

Programm

Montag, 30. Oktober 1989

Anreise

20.00 Uhr Begrüßung im Anna-Vorwerk-Haus, Schloßplatz 4

Dienstag, 31. Oktober 1989

09.00 - 09.15 Uhr	Begrüßung
09.15 - 10.00 Uhr	Luís de Albuquerque, Lissabon: Martin Behaim und Portugal
10.00 - 10.30 Uhr	Kaffeepause
10.30 - 11.15 Uhr	A.H. de Oliveira Marques, Lissabon: Der Handel zwischen Portugal und Deutschland zu Ende des 15. Jahrhunderts und Beginn des 16. Jahrhunderts
11.15 - 12.00 Uhr 20	Marília Pereira Lúcio dos Santos Lopes Hanenberg, Bamberg: Die portugiesischen Entdeckungen in deutschen Berichten des 16. Jahrhunderts
12.00 - 12.45 Uhr	Karl-Hermann Körner, Braunschweig: Die Anfänge der wissenschaftlichen Bemühungen um die portugiesische Sprache in Deutschland: Abraham Meldola
12.45 - 14.30 Uhr	Mittagspause
14.30 - 15.15 Uhr	Hans Flasche, Bonn: Beziehungen der Universität Coimbra zu Deutschland vom Mittelalter bis ins 20. Jahrhundert
15.15 - 16.00 Uhr	Manuel Augusto Rodrigues, Coimbra: Beziehungen der Universität Coimbra zu Deutschland im 18. Jahrhundert
16.00 - 16.30 Uhr	Kaffeepause
16.30 - 17.15 Uhr	A. Gama Xavier, Lissabon: Deutsche Naturforscher in Portugal im 18. und 19. Jahrhundert
18.00 Uhr	Sherry-Empfang im Direktorhaus

Mittwoch, 1. November 1989

- 09.00 - 09.45 Uhr Luis de Albuquerque, Lissabon: Portugiesische Seekarten in deutschen Bibliotheken
- 09.45 - 10.30 Uhr Artur Anselmo, Lissabon: Bases pour une édition critique des Manuscrits portugais de Valentim Fernandes
- 10.30 - 11.00 Uhr Kaffeepause
- 11.00 - 11.45 Uhr A.H. de Oliveira Marques, Lissabon: Wilhelm Graf von Schaumburg-Lippe und die portugiesische Freimaurerei
- 11.45 - 12.30 Uhr Horst Günther, Berlin: Das Erdbeben von Lissabon
- 12.30 - 14.30 Uhr Mittagspause
- 15.00 - 16.30 Uhr Führung durch die Bibliothek
- 16.30 - 17.00 Uhr Kaffeepause
- 17.00 - 18.00 Uhr Rundgespräch "Zur Erforschung der Geschichte kultureller Beziehungen zwischen Deutschland und Portugal"
Leitung: Paul Raabe, Wolfenbüttel

Donnerstag, 2. November 1989

- 09.00 - 09.45 Uhr Manfred Komorowski, Bochum: Die Resonanz portugiesischer Publikationen in den 'Gött. Gelehrten Anzeigen'
- 09.45 - 10.30 Uhr Götz Küster, Grafenhausen: Portugiesisches Volksleben um 1800 aus deutscher Sicht. Aus den unveröffentlichten Memoiren von Wilhelm Ludwig von Eschwege
- 10.30 - 11.00 Uhr Kaffeepause
- 11.00 - 11.45 Uhr Dietrich Briesemeister, Berlin: Das Portugalbild der deutschen Romantiker
- 11.45 - 14.00 Uhr Mittagspause
- 14.00 - 14.45 Uhr Maria Manuela Gouveia Delille, Coimbra: Die Schiller-Rezeption in Portugal
- ab 15.00 Uhr eventuell zwei zusätzliche kurze Vorträge
Möglichkeit zur Diskussion oder zur Arbeit in der Bibliothek

ANEXO 2

PARTICIPANTES NO II DIÁLOGO LUSO-ALEMÃO E TÍTULOS DAS RESPECTIVAS COMUNICAÇÕES

(Palácio de S. Marcos, Univ. de Coimbra, 13 – 17 de Outubro de 1991)

Prof. Dr. Dietrich Briesemeister: “Os Descobrimientos Portugueses na poesia neolatina na Alemanha (séculos XVII – XVIII)

Prof. Dr. Karl-Hermann Körner: “A Língua Portuguesa do ponto de vista europeu”

Prof. Dr. Matthias Perl: “Das tradições da Lusitanística nas Universidades da Alemanha Oriental”

Prof. Dr. Ulrich Knefelkamp: “Martin Behaims Wissen über die portugiesischen Entdeckungen”

Prof. Dr. Rolf Nagel: “Garcia da Orta e a recepção de seus colóquios no Norte da Europa”

Prof. Dr. Roderich Ptak: “Early Sino-Portuguese Relations up to the Foundation of Macao”

Prof. Dr. A. H. Oliveira Marques: “A Guerra Franco-Prussiana e a atitude da Maçonaria Portuguesa”

Prof. Dr. Manuel Rodrigues: “A influência da Teologia alemã na Universidade de Coimbra após a Reforma Pombalina”

Prof. Dr. Maria Manuela Gouveia Delille: “Imagens de Portugal na novela de Gerhard Köpf *Borges gibt es nicht*”

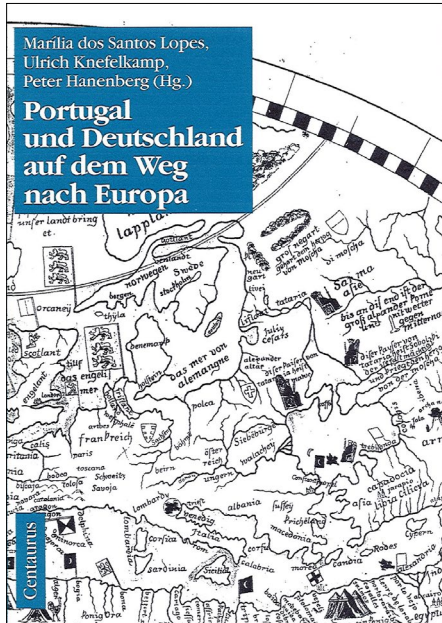
Lic.º João José Alves Dias: “Teatro Alemão apresentado em Portugal nos finais do século XIX”

Lic.ª Marília dos Santos Lopes Hanenberg: “Fernão Mendes Pinto e o diálogo entre os mundos”

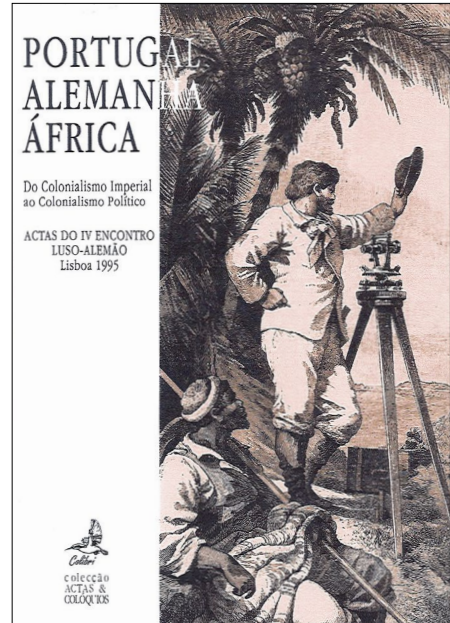
Lic.ª Maria Cristina Carrington da Costa: “Algumas notas sobre o drama inédito de Reinhold Schneider *Fackeln am Tejo*”

Lic.º João Pedro Ferro: Comunicação conjunta com o Prof. Dr. Oliveira Marques

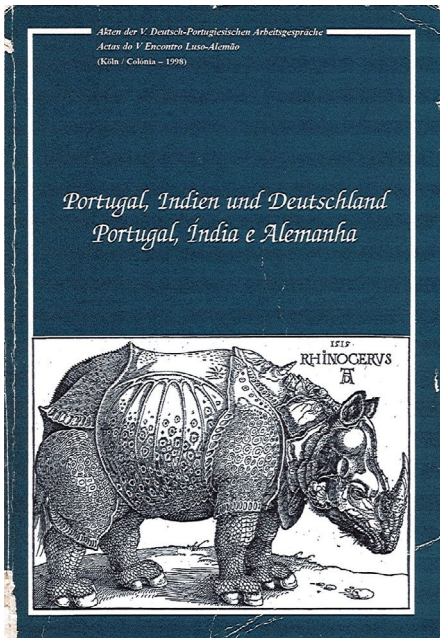
ANEXO 3



ANEXO 4



ANEXO 5



ANEXO 8



F I C C I ã O E H I S T Ó R I A N O C O N T E X T O

DIA 18, QUINTA-FEIRA

9h 30m: Entrega das pastas

10h: Sessão de boas-vindas

10h 30m: Manuel Filipe CANAVEIRA (Univ. Nova de Lisboa), «Quando é que a Alemanha nasceu? Como morreu? Como ressuscitou? As estações da via sacra de um Estado chamado alemão»

11h: Jürgen POHLE (Univ. Autónoma Lisboa), «Lazarus Nürnberger e os Descobrimientos Portugueses»

11h 30m: Pausa para café

12h: Marília dos Santos LOPES (Univ. Católica), «Na Escrita do Mundo: Happel, Groeben e as experiências além-mar»

12h 30m: Erwin KOLLER (Univ. Minho), «Cume da cabeça de Europa toda, o Reino Lusitano – Uma fonte alemã de Camões»

Almoço no Hotel Imperial

14h 30m: Manuela NUNES (Univ. Augsburg), «De como Leonor Teles chegou à Alemanha. A recepção histórico-literária da figura de Leonor Teles no espaço cultural de língua Alemã no século XVIII»

15h: Fernando CLARA (Univ. Nova de Lisboa), «Factos, ficções e terramoto»

15h 30m: - Maria Manuela DELILLE (Univ. Coimbra / CIEG), «História, mito e ficção na novela *Don Correa* de Gottfried Keller»

16h: Alfred OPITZ (Univ. Nova Lisboa), «Esquemas literários e referências históricas em *Die Prinzessin von Portugal* de Alfred Meissner»

16 30m: Pausa para café

17h: Rogério MADEIRA (Univ. Coimbra), «Os sofrimentos do jovem Uriel ou a representação histórico-ficcional da cerimónia de retraction e penitência na novela *Der Sadducäer von Amsterdam* de Karl Gutzkow»

17h 30: Marta OLIVEIRA (Univ. Berlin, Bolseira FCT), «O diálogo intercultural na concepção arquitectónica e ornamental do Palácio da Pena»

18h: Teresa MINGOCHO (Univ. Coimbra), «*Das Portugiesenschloss. Eine Erzählung von der ostafrikanischen Küste* von Frieda von Bülow»

20h 30m: Jantar de boas-vindas no Restaurante Centenário

DIA 19, SEXTA-FEIRA

9h 30m: Maria Cristina CARRINGTON (Univ. Aveiro), «A figura de Vasco da Gama em *Der Tod des Vizekönigs* de Reinhold Schneider»

10h: Helmut SIEPMANN (Univ. Colónia), «Die unmögliche Begegnung: Teixeira de Pascoais und Vigoleis Thelen»

10h 30m: Ana Isabel BOURA (Univ. Porto), «A Figura de Don Carlos em *Die Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull*, de Thomas Mann»

11h: Pausa para café

11h 30m: Ana Maria RAMALHEIRA (Univ. Aveiro), «D. Sebastião e a comédia da imortalidade: *Die portugiesische Schlacht* (1930) de Ernst Penzoldt»

12h: Paulo Miguel OLIVEIRA / Orlando GROSSEGESE (Univ. Minho), «"Conquistemos o céu!" Sobre a história do "voo à vela" (Segelflug) em Portugal nos anos 30 e 40 do séc. XX»

12h 30m: Rolf NAGEL (Univ. Duisburg-Essen), «Erinnerungskultur. Die Festschrift der Universität zu Köln zu den portugiesischen Staatsfeiern des Jahres 1940»

Almoço no Restaurante da Universidade

DIA 20, SABADO

9h 30m: Maria António HÖRSTER (Univ. Coimbra), «História e poesia em *Jornada de África*, de Manuel Alegre»

10h: Claudius ARMBRUSTER (Univ. Colónia), «Geschichte und Religion bei José Saramago und Robert Menasse»

10h 30m: Maria Teresa CORTEZ (Univ. Coimbra), «Entre mundos, entre vidas: o romance *Dona Leopoldina. Die Habsburgerin auf Brasiliens Thron* (1995) de Gloria Kaisers»

11h: Pausa para café

11h 30m: Jürgen SCHMIDT-RADEFELDT (Univ. Rostock), «Kontrastive Linguistik Deutsch-Portugiesisch – Projekte und Ergebnisse»

12h: Katrin HERGET / Teresa ALEGRE (Univ. Aveiro), «Análise de técnicas de tradução em textos turísticos no contexto luso-alemão»

Almoço no Hotel Imperial

15h: Passeio de barco na Ria de Aveiro

L U S O - A L E M ã O

F I C C I ã O E H I S T Ó R I A N O C O N T E X T O

14h 30m: Armando MALHEIRO DA SILVA (Univ. Porto) / Mário Manuel MATOS (Univ. Minho), «A Casa Alemã em Braga. Notas sobre a divulgação político-cultural nazi em Portugal durante a II Guerra Mundial»

15h: Teresa PINHEIRO (Univ. Técnica Chemnitz), «As ficções dos factos. A criação de laços luso-germânicos no discurso historiográfico de Gustavo Cordeiro Ramos»

15h 30m: Nuno ROSMANINHO (Univ. Aveiro), «Nova arquitectura alemã. A exposição nazi em Lisboa»

16h: Luís Reis TORGAL (Univ. Coimbra / CEIS20), «A visão da literatura e da cultura alemãs pelos germanófilos durante o Estado Novo e o Nazismo»

16h 30m: Pausa para café

17h: Maria Antónia TEIXEIRA / Teresa OLIVEIRA (Univ. Porto), «Brecht – de novo?!»

17h 30m: Maria de Fátima GIL (Univ. Coimbra), «História e Literatura. De Stefan Zweig a Gonçalo Cadilhe: quatro leituras de Fernão de Magalhães»

18h: Peter HANENBERG (Univ. Católica), «Ein Jahrhundert wird erzählt: Geert Maks in *Europa* und Michael Köhlmeiers *Abendland*»

20h: Jantar (buffet) no Hotel Imperial

21h 30m: Concerto «Encontro Luso-Alemão na Música»

CONHESSÃO ORGANIZADORA:
Ana Maria Ramalheira
Katrin Herget
Maria Cristina Carrington
Maria Teresa Cortez



ANEXO 9

Freitag, 11. November	Samstag, 12. November	IX Encontro luso-alemão /
<p>Prof. Dr. Christopher Laferl Die Krise der weißen, männlichen, heteronormativen Wissenschaft. Zur Legitimation des Sprechens über das Andere</p> <p>Prof. Dr. Selma Meireles Aus Krisen wird man klug – interkulturelle Unterschiede als Anlass zum (Selbst-) Kennenlernen</p> <p>Karin Noemi Rühl-Indart Oficialização da Língua Portuguesa em Timor-Leste: a crise da implementação da política no sistema de educação</p> <p>Kaffeepause</p> <p>Prof. Dr. Martin Neumann Die Krise erreicht den Kriminalroman: José Rodrigues dos Santos, <i>A Mão do Diabo</i></p> <p>Jun.-Prof. Dr. Benjamin Meisnitzer Die Krise des Portugiesischen in der Berichterstattung in der Presse – Die Berichterstattung über den <i>Acordo Ortográfico</i></p> <p>Dr. Dinah Leschzyk Die Erzeugung irrationaler Angst durch Emotionalisierung im Krisendiskurs – Das Zika-Virus in Brasilien</p> <p>Mittagspause</p>	<p>10:00 Podiumsdiskussion zur Geschichte der Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche und Abschlussbesprechung</p> <p>Kaffeepause</p> <p>15:00 Stadtführung „Gießen historisch“, Treffpunkt: Stadtkirchenturm, Kirchenplatz, Gießen</p> <p>Mit Unterstützung von</p>	<p>IX. Deutsch-Portugiesische Arbeitsgespräche</p>  <p>Krise als Chance? Lusophone und deutschsprachige Kulturen im Dialog</p> <p>Crise, uma chance? Culturas Lusófonas e de Língua Alemã em Diálogo</p>
<p>Prof. Dr. Claudius Armbruster Das literarische Fest vor der großen Krise: Brasilianische Schriftsteller auf der Buchmesse in Frankfurt 2013</p> <p>Prof. Dr. Helmut Sieppmann Emigration und Migration: das Phänomen und seine literarische Bearbeitung in Deutschland und Portugal</p> <p>Kaffeepause</p> <p>Prof. Dr. Cristina Flores Das Potential der deutsch-portugiesischen Zweisprachigkeitsforschung</p> <p>Filmabend: „Maputo – Etnografia de uma Cidade“ im Konzertsaal des Rathauses, Berliner Platz 1, 35390 Gießen</p> <p>Schlosskeller, Brandplatz 2, 35390 Gießen</p>	<p>DFG Deutsche Forschungsgemeinschaft</p> <p>JUSTUS-LIEBIG-UNIVERSITÄT GIESSEN</p> <p>Logo of Camões Instituto da Cooperação e da Língua, Ministério da Educação, Universidade de Lisboa</p> <p>Logo of Giessener Hochschulgesellschaft</p> <p>Logo of DLV</p> <p>Logo of Gießen</p>	<p>Gießen, 9.–12. November 2016 de 9 a 12 de novembro de 2016</p> <p>Gästehaus der Justus-Liebig-Universität Gießen Rathenastr. 24A, 35394 Gießen</p>

Dienstag, 9. November		Dienstag, 10. November
9:00-11:15		<p>Prof. Dr. Orlando Grossege A lusofilia na crise</p> <p>Prof. Dr. Sérgio Costa Brasil hoje: crise ou luta de classes?</p> <p>Dr. Yvonne Kiegel-Keicher Aus der Krise schöpfen: Neues arabisches Lehngut im Portugiesischen und Deutschen in der Berichterstattung über Islam, Islamismus und den Syrienkrieg</p>
11:15-11:35		Kaffeepause
11:35-13:50		<p>Prof. Dr. Cléo Altenhofen Die Sprachkontaktforschung in der wissenschaftlichen Landschaft Brasiliens: Chancen für die germanistisch-romanistische Zusammenarbeit</p> <p>PD Dr. Christian Grünagel <i>Eu não faço a menor ideia das mulheres de Abalurdos – (Re-) Konfigurationen von Gender in Ana Paula Maia's Romanen</i></p>
	13:00-14:00 Anmeldung	<p>Susanne Jahn, M.A. Macht und Ohnmacht im öffentlichen Raum – die Stadtentwicklung Maputos im Spiegel einer Demokratie in Krise</p>
13:50-15:00	14:00 - 14:15 Begrüßung	Mittagspause
14:15	<p>Prof. Dr. Manuela Gouveia Deille Breve história de (quase) três décadas do Diálogo Lusó-Alemão (1989-2016): da euforia europeísta aos anos de crise.</p>	
15:00-16:30	<p>Prof. Dr. Mónica Guimarães Savedra Português brasileiro e línguas de imigração no Brasil: dois séculos de história, política e contato linguístico</p> <p>Katharina Müller, M.A. Migration in Zeiten der Krise: die deutsche und italienische Einwanderung in Brasilien Ende des 19. Jahrhunderts und ihre (sprachlichen) Folgen</p>	<p>Prof. Dr. Kathrin Sarding Out of Tabu – Von Kolonien, Krisen und Krokodilen im lusotifikantischen Film</p> <p>Dr. Christina Märzhäuser Protest-Kulturen in portugiesischen <i>bairros</i> und brasilianischen <i>favelas</i> – Krisen der großstädtischen Peripherie als Ausgangspunkt subkultureller Kunstformen</p>
16:30-16:50	Kaffeepause	Kaffeepause
16:50-18:20	<p>Dr. Anna Ladlowa Brasilianerinnen in Deutschland – Integration als Krisensymptom?</p>	<p>Prof. Dr. Luis S. Krausz Valores na sociedade brasileira na era pós-ideológica</p>
Rahmenprogramm 19:30	<p>Das Duo „Dona Ana e o Moleque“ im Konzertsaal des Rathauses, Berliner Platz 1, 35390 Gießen</p>	<p>Zweisprachige szenische Lesung: „Mit der Faust ins offene Messer“ von Augusto Boal im Jokus, Ostanlage 25A, 35390 Gießen</p>
Abendessen 21:00	Zum Löwen, Neuenweg 8, 35390 Gießen	Pizza Pie, Licher Str. 57, 35394 Gießen

Samstag, 12. November

10:00 Podiumsdiskussion

zur Geschichte der Deutsch-Portugiesischen
Arbeitsgespräche und Abschlussbesprechung

Kaffeepause

15:00 Stadtführung „Gießen historisch“,

Treffpunkt: Stadtkirchenturm, Kirchenplatz, Gießen

Mit Unterstützung von

DFG Deutsche
Forschungsgemeinschaft

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

JUSTUS-LIEBIG-
UNIVERSITÄT
GIESSEN

GIESSENER
Hochschulgesellschaft





OLHARES CRUZADOS: ESPAÇO DE LÍNGUA PORTUGUESA — ESPAÇO DE LÍNGUA ALEMÃ

COORD.
MARIA DE FÁTIMA GIL
RUTE SOARES
ROGÉRIO MADEIRA

ME FUNDAÇÃO
MARION EHRHARDT

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO